

Aspectos diacrônicos da ordem de palavras
em línguas românicas

Condicionamentos morfológicos, lexicais e sintáticos da mudança de ordem
de constituintes em textos espanhóis, italianos e portugueses
sob a perspectiva da difusão sintática

Tese apresentada ao programa de doutoramento em *Estudos Lingüísticos*
(linha B - *Estudo da Variação e Mudança Lingüística*)
da FaLe / UFMG

João Henrique Rettore Totaro

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira

27.04.2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Agradecimentos

Um trabalho como este é produto de esforços conjugados, e minha gratidão é dirigida a todos os que colaboraram para que ele chegasse a termo.

A Deus, em todas as Suas formas de manifestação.

A meus pais, pela orientação na formação de meus valores e pelo desenvolvimento destes; a Cristiane, Catarina e Sofia, a família que constituí, a luz de meus olhos: elas vivenciaram emocionalmente cada passo deste caminho, e sua conclusão deve muito a elas. Grande parte deste trabalho foi feita nas horas que vêm depois das horas do dia, a fim de não tomar mais tempo à família, mas muitas vezes tive de valer-me de sua compreensão e de seu apoio incondicionais. A Ana Lúcia, Claudia e Frederico, que completam magistralmente essa família.

Ao Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira, Orientador na plena acepção da palavra, com quem o estudo e o trabalho são experiências gratificantes e extremamente enriquecedoras. Sua disponibilidade irrestrita e sua maneira exigente, crítica e criativa de refletir e de discutir em detalhe os vários aspectos de que se reveste não apenas refinaram o conteúdo como a forma do texto. Este trabalho pôde amadurecer e materializar-se graças a sua perspicácia e à pertinência de suas intervenções, da parte acadêmica, e, em termos pessoais, a seu lado profundamente humano diante das muitas pausas que nos são impostas.

À Faculdade de Letras da UFMG e a seu Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, por terem acolhido o projeto inicial e por terem oferecido o ambiente acadêmico necessário para desenvolvê-lo; aos professores das disciplinas que cursei no doutorado, pela oportunidade única de discutir argumentos e de avaliar instrumentos imprescindíveis à elaboração deste estudo. À Biblioteca da FaLe, nas pessoas eficientes de Rosângela Bernardino e de Nina Castro.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, pelo subsídio oferecido a este trabalho através da redução temporária de minha carga horária em sala de aula, prevista pelo PPCD – Programa Permanente de Capacitação Docente –, e às Coordenações de curso das duas unidades em que trabalho, pelo suporte no redimensionamento de minhas atribuições.

Aos colegas e amigos da FaLe e da PUC, em especial aos profs. Drs. Rui Rothe-Neves e Gilberto Xavier da Silva, pelo companheirismo que ultrapassa os portões da Universidade. À Profª Drª Vanda de Oliveira Bittencourt, pela introdução aos estudos filológicos, cujo fruto aqui se colhe, e pela amizade de todas as horas – não apenas as canônicas..

Aos que se foram, aos que voltaram, aos que chegaram, aos que trabalham em segredo a nosso favor, e sem cuja presença eu não seria quem sou; e àqueles cuja participação foi pequena – pois é também de pequenas coisas que nos construímos: obrigado pela companhia nessa trajetória em direção à Luz, destino de todos nós.

Índice

<i>Tópico</i>	<i>pág.</i>
I - Introdução	02
II - Objetivos / formulação do problema	07
III - Justificativa e Perspectivas	10
IV - Pressupostos teórico-metodológicos	11
V - Metodologia	19
V.1 – Tratamento dos textos	20
V.2 – Montagem das bases de dados	24
V.3 – Métodos estatísticos	27
V.4 – Outros cálculos	32
V.5 – Critérios de classificação das ocorrências	35
VI.1 – Tratamento numérico das ocorrências: o <i>corpus</i> português	51
VI.2 - Tratamento numérico das ocorrências: o <i>corpus</i> espanhol	125
VI.3 - Tratamento numérico das ocorrências: o <i>corpus</i> italiano	222
VII – Comparações entre os <i>corpora</i>	289
VIII – Considerações finais	321
IX - Referências bibliográficas	331

Lista de abreviaturas

A	Adjetivo
N	substantivo - núcleo do sintagma nominal
Rel	orações relativas

NA	ordem preferencial adjetivo-substantivo
GN	ordem preferencial genitivo-substantivo
NA	ordem preferencial substantivo-adjetivo
NG	ordem preferencial substantivo-genitivo
Po	utilização preferencial de posposições
Pr	utilização preferencial de preposições

SN	sintagma nominal
SV	sintagma verbal
CN	complementos do núcleo do sintagma nominal
CV	complementos do núcleo do sintagma verbal

OV	ordem preferencial objeto-verbo
VO	ordem preferencial verbo-objeto
SCV	ordem preferencial sujeito-objeto-verbo
SVC	ordem preferencial sujeito-verbo-objeto
VSO	ordem preferencial verbo-sujeito-objeto

EIP	(línguas) espanhol(a), italiano(a) e português(esa)
-----	---

Lista de textos espanhóis

JUA - D. Juan Manuel - Libro del caballero et del escudero - Biblioteca de Autores Españoles - tomo LI - Madrid: Ediciones Atlas 1947.

ENX - El libro de los enxemplos - Biblioteca de Autores Españoles - tomo LI - Madrid: Ediciones Atlas 1947.

COL - Relaciones, cartas y otros documentos concernientes a los cuatro viajes que hizo el Almirante Don Cristobal Colón para el descubrimiento de las Indias Occidentales - Biblioteca de Autores Españoles - tomo LXXV- Madrid: Ediciones Atlas 1949.

DVM - Tratado en defenssa de virtuossas mugeres - Biblioteca de Autores Españoles - tomo CXVI - Madrid: Ediciones Atlas 1956.

IND - Historia general de las Indias - Primera parte - Biblioteca de Autores Españoles - tomo XXII - Madrid: Ediciones Atlas 1946.

AGR - Vida de Sor María de Ágreda - Biblioteca de Autores Españoles - tomo CIX.

CON - Alonso de Contreras - Autobiografías de soldados - Biblioteca de Autores Españoles - tomo XC - Madrid: Ediciones Atlas 1952.

JFI - José Francisco de Isla - Historia del famoso predicador Fray Gerundio de Campazas, alias Zotes - *in* Rio, A. - Antología General de la literatura española - New York: The Dryden Press 1954.

FEL - Marques de San Felipe - Comentarios - Biblioteca de Autores Españoles - tomo IC - Madrid: Ediciones Atlas 1954.

TOR – Torres Villaroel, D. – Vida (1743) – Madrid: Espasa-Calpe, 1941.

C&M - Costas y montañas - Biblioteca de Autores Españoles - tomo XCIII - Madrid: Ediciones Atlas 1953.

Lista de textos portugueses

Leal Conselheiro – o qual fez Dom Eduarte... – 1438 – Piel, J. M. (ed.) – Lisboa: Livr. Bertrand, 1942.

CEU – Zurara, Gomes Eanes de – Crônica da Tomada de Ceuta – ed. Alfredo Pimenta – Lisboa: LCE, 1964.

OLIVEIRA, Fernão de – Grammatica da lingoagem portuguesa Lisboa : e[m] casa d'Germão Galharde, 1536 – documento eletrônico (purl.pt/369/impressos.html).

GÂNDAVO, Pero Magalhães – Historia da prouincia sa[n]cta Cruz a qui' vulgarme[n]te chamam Brasil : feita por Pero de Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito Illsre s[e]nor Dom Lionis P[ereir]a governador que foy de Malaca e das mais partes do Sul na India – Lisboa: Antonio Gonsaluez, vendense em casa de João lopez liureiro na rua noua, 1576 – documento eletrônico (purl.pt/369/impressos.html).

Leão, Duarte N. – Orthographia da lingoa portuguesa : obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem ; Item hum tractado dos pontos das clausulas / pelo licenciado Duarte Nunez do Lião – Lisboa: João de Barreira, 1576 – documento eletrônico (purl.pt/15)

Brandão, Fr. Antônio – Crônica do Conde D. Henrique, D. Teresa e Infante D. Afonso – 1632 – Porto : Tip. e Enc. A Portuense, 1944.

Lobo, Pe. Jerônimo – Itinerário e outros escritos inéditos – 1640 – *in* Costa, Pe. M. Gonçalves (ed.) – Barcelos: Comp. Ed. do Minho, 1971.

Crônica do Sereníssimo Príncipe Dom João – 1723 – documento eletrônico (bnd.bn.pt/od).

Oliveira, Francisco X. – Viagem à Ilha do Amor – 1744 – *in* Anastácio, Vander (ed.) – Porto: Ed. Caixotim, 2001 – Col. Obras Clássicas da Literatura Portuguesa.

Queirós, Eça – Os Maias – 1888 – documento eletrônico (bnd.bn.pt/od).

Alexandre Herculano – Lendas e narrativas – 1858 – documento eletrônico (bnd.bn.pt/od).

Saramago, J. – A jangada de pedra – Lisboa: Ed. Caminho, 1988.

Lista de textos italianos

POG – Le Pogge – Comento di Jacopo di Messer Poggio sopra il triumpho della fama di Messer Francesco Petrarca,... – Roma, 1477 – documento eletrônico (gallica.bnf.fr).

MES – Libro della consolatione delle medicine semplici solutiui il quale fece Giouanni figliuolo di Mesuë – 1492 – documento eletrônico (gallica.bnf.fr).

GUE – Accolti, Benedetto – La guerra fatta da Christiani contra Barbari per la ricuperatione del sepolchro di Christo et della Giudea – Vinegia, 1549 – documento eletrônico (gallica.bnf.fr).

BAG – Minardo, Ventura – Compendio delle regole contenute ne gli Eccellentiss. Autori, che de'bagni di Caldiero nel territorio Veronese hanno scritto del modo di vsar dette acque & fango ; & d'altri particolari auisi à quelli, che vi si conducono – Venetia, 1571 – documento eletrônico (gallica.bnf.fr).

CHR – Discorso historico circa la patria, e nascita di Christoforo Colombi scopritore del Mondo Nuouo – Pietro Maria Campi, *in* Campi, P. M. – Historia universale così delle cose ecclesiastiche come secolari di Piacenza et altre città d'Italia – parte terza – 1662 – documento eletrônico (gallica.bnf.fr).

TOS – Benedetto Buommattei – Della lingua Toscana – Firenze, 1643 (3^a. impressione) – documento eletrônico (gallica.bnf.fr).

SCI – Vico, Giambattista - Cinque libri di Giambattista Vico de'Principj d'una scienza nuova d'intorno alla comune natura delle nazioni – Napoli, 1730 (2^a ediz.) – documento eletrônico (gallica.bnf.fr).

ITA – Schott, Francesco – Itinerario d'Italia – Roma, 1747 – documento eletrônico (gallica.bnf.fr).

ETN – Borsari, Ferdinando – Geografia etnologica e storica della Tripolitania, Cirenaica e Fezzan : con cenni sulla storia di queste regioni e sul silfio della Cirenaica – Napoli, 1888 – documento eletrônico (gallica.bnf.fr).

UBC – Lombroso, Cesare – L'uomo bianco e l'uomo di colore : letture su l'origine e la varietà delle razze umane – Turin, 1892 – documento eletrônico (gallica.bnf.fr).

ECO – Eco, Umberto – Il nome della rosa – Milano: Gr. Ed. Fabbir, 1980.

I - Introdução

A noção de que algumas línguas naturais tendem a colocar, de maneira consistente, elementos modificadores ou limitantes antes dos modificados ou limitados, ao passo que outras se comportam de maneira oposta, é bastante difundida entre os lingüistas, tendo já sido realizado um grande número de trabalhos (Marouzeau 1922; Bolinger 1952; Greenberg 1966; Krahe 1972; Canale 1976; Waugh 1977; Hawkins 1979 1983; Rijkoff 1990; Dryer 1992; Whaley 1997 etc.) que não apenas tratam descritivamente do tema, mas oferecem propostas de explicação para essas tendências.

Um ponto recorrente em obras que tratam de lingüística histórica consiste em atribuir a Dante Alighieri (*De vulgari eloquentia*, DVE) a fundação dos estudos românicos no início do século XIV (Danesi 1996). Nesse tratado (I, 8: 4,6), Dante divide as línguas **den**□**sd**européias em três grandes famílias (grego, germânico e românico); para este último, propõe uma outra subdivisão em três grupos a partir de um critério lexical: a forma da palavra para 'sim' – si, oc e oui – como representativa das particularidades do italiano (que chama de *Latini*) diante do francês (*Franci*) e do provençal (que chama de *Yspani*)¹:

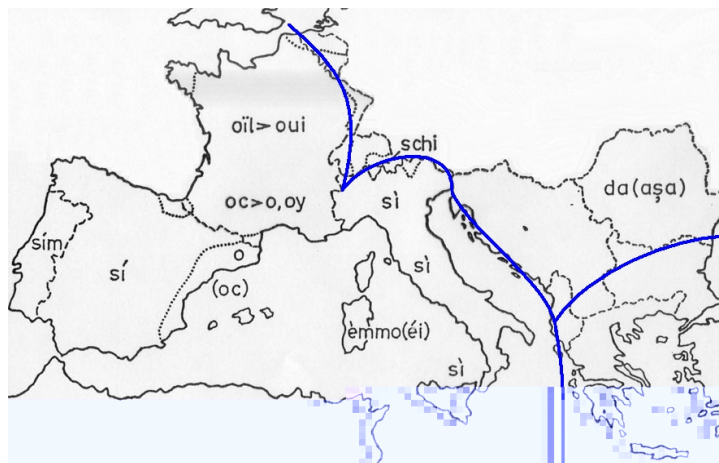


Fig. FR1 – situação das regiões românicas segundo a proposta de Dante Alighieri (1305/1878) [<http://www.fb10.uni-bremen.de/romanistik/homepages/burr/Intro/Klassifizierung.htm>, modificado segundo Ostler 2005].

¹ “Nam alii *Oc*, alii *Oil*, alii *Si* affirmando loquuntur, ut puta Hispani, Franci et Latini.”, a partir de Giovanni 1878:29ss. Não obstante o volume de trabalhos que fazem remontar a Dante o princípio dos estudos em filologia românica, Danesi *op.cit.* observa que é o fato de Dante utilizar a expressão *ydroma tripharium* (na edição de Giovanni *op. cit.*, *idioma trifarium*) na DVE que leva os estudiosos a considerarem a raiz de uma

Posner 1996 afirma que a discussão das relações de parentesco entre o latim e as línguas românicas (LR) teve início no século XVI, quando os vernáculos já estavam em condições de substituir o latim. Entretanto, é apenas no século XVIII, quando a regularidade da mudança sonora começa a ser percebida, que os trabalhos clássicos sobre as origens das LR aparecem em profusão. No início do século XIX, F.-J. Rainouard distinguiu traços comuns nas LR que não poderiam ser todos atribuídos à herança latina, e postulou um ancestral comum, *la langue romane*, que teria substituído o latim antes do ano 1000 e que se assemelhava ao provençal antigo. Essa proposta, contudo, não se alinha com a de A. W. von Schlegel, um dos grandes nomes da filologia comparativa alemã, que via as LR como resultado espontâneo da decomposição do latim após a perda da pressão normativa.

O primeiro tratado sistemático sobre a questão românica teria sido publicado em 1831 por L. Diefenbach (Posner *op. cit.*), que sustentava que as LR teriam derivado de uma forma popular de latim, posteriormente alterada pelo contato com outras línguas – especialmente no caso do francês, que considerava 'muito crioulizado'. Diefenbach teve como discípulo F. Diez, que também acreditava que o latim popular estava na origem das LR, cujas especificidades seriam devidas à ação de processos fonológicos e a ajustes funcionais; deve-se também a ele a aplicação do método histórico-comparativo às línguas românicas, a exemplo do que já tinha sido feito com sucesso por F. Bopp para as línguas indo-européias e por J. Grimm para as germânicas (Bassetto 2001). Diez dividiu o espaço românico em porções oriental e ocidental – uma proposta que foi posteriormente desenvolvida por W. von Wartburg 1966 e vários outros, como, p.e., G. Rohlfs, que distingue, com critérios lexicais, uma România Nuclear – Itália e Gálias – e outra, Periférica – Ibéria e Dácia; na Itália, delimita grandes regiões dialetais a partir da observação de feixes de isoglossas que passam por La Spezia e Rimini ou Pesaro (similar às linhas Massa-Senigallia, um pouco mais ao N, e Roma-Ancona (Renzi 1994)).

Ao final do século XIX e no início do XX, os franceses deixavam a postura regularista e reconstrucionista em filologia românica para se concentrarem mais na dialetologia e nas abordagens sociológica e pragmática das línguas individuais; entretanto, a despeito das observações de Saussure sobre a relevância da filologia românica, poucas foram as adições importantes à Romanística na primeira metade do século XX (Posner *op.*

cit.). Nesse contexto, sobressai A. Meillet, que trata tanto dos aspectos estruturais das línguas indo-européias e de seus dialetos quanto da aplicação do método histórico-comparativo em lingüística histórica, e que formou É. Benveniste, M. Cohen, A. Martinet, L. Tesnière e J. Vendryes.

Temos, posteriormente, E. Bourciez 1956, que adota uma visão funcionalista da mudança como resultado de uma tensão entre a economia de esforço e o desejo de comunicação efetiva (cf. explícito em seu §32) e oferece uma visão ampla da história externa e interna das línguas neolatinas; C. Tagliavini e A. Monteverdi, que utilizam critérios geográficos e estruturais para distinguir a România Oriental – Bálcãs e Dácia – da Itallorromânia – toda a Itália, mais o sardo, o friulano, o rético e o ladino – e da România Ocidental – apenas as Gálias; e B. Vidos, que também divide a România em frações Oriental e Ocidental, mas isola nesta última o balcano-românico a partir de argumentos estruturais e culturais (1996:228-229). Ainda que sejam pertinentes as considerações feitas por Ruhlen 2000 sobre as relações entre a afinidade genética e a continuidade dialetal entre línguas exercidas em espaços contíguos, acolhi, para efeito deste trabalho, os conceitos de *România oriental* e *ocidental* de Vidos (1996: 242ss e, em particular, 248), que deixa no primeiro domínio apenas os Bálcãs e a Dácia.

No plano diacrônico, diversos estudiosos (Cohen 1986/1990 1988 1995; González 1989) ressaltam que, a partir da leitura de textos escritos em línguas diferentes e épocas diversas, bem como de gramáticas históricas que tratam descritivamente de momentos pretéritos da evolução de sistemas lingüísticos particulares, é possível observar diferenças na ordenação de seus elementos constituintes em relação aos seus respectivos usos contemporâneos. No caso da colocação do adjetivo (A) em relação ao substantivo (N) no sintagma nominal (SN) como indicativo de particularidades internas ao grupo românico, por exemplo, essas mudanças posicionais seriam motivadas por fatores de natureza semântica (Cohen, *op. cit.*, para o português; González, *op. cit.*, para o espanhol) ou fonológico-morfológicas, como a perda de parte das flexões latinas devido a fatores fonológicos, e que teria, por sua vez, resultado numa fixação da ordem dos constituintes nas línguas românicas (Tagliavini 1964; Wolff 1971).

No que respeita à determinação das características sintáticas do grupo românico, observamos, inicialmente, que Perini *et alii* (*mimeo* 1994), numa exposição incisiva e

detalhada dos caracteres sincrônicos do SN português, também reconhecem e discutem a relevância de uma série de restrições sintáticas, semânticas e discursivas que, em conjunto, caracterizam, a distribuição diferencial dos elementos dentro do que chamam de “área esquerda” (pré-nominal) e “área direita” (pós-nominal) do SN; a análise da primeira seria facilitada pelo fato de muitas funções serem exercidas por itens lexicais especializados e pertencentes a classes fechadas, ao passo que os itens lexicais que ocorrem na área direita são altamente polivalentes e pertencem a classes abertas (Perini 1996: 101). Fazendo uma descrição da estrutura sincrônica do SN português contemporâneo, Perini (1996: 95-106, 233-234) distingue “nove posições fixas, estritamente ordenadas”, cuja alteração de ordem corresponde a uma mudança de função. A lista dessas posições / funções é aqui reproduzida:

- Determinante - *o, este, algum, etc.*
- Possessivo - *meu, seu, nosso, etc.*
- Reforço - *mesmo, próprio, certo.*
- Quantificador - *poucos, vários, diversos, muitos, único, primeiro, etc.*
- Pré-Núcleo Externo - *mero, pretenso, meio, suposto, reles, inesquecível, ilusório, simples, bom, velho, etc. (classe aberta)*
- Pré-Núcleo Interno - *mau, novo, velho, claro, grande, etc.*
- Núcleo
- Modificador Interno - (classe aberta)
- Modificador Externo - pode incluir não apenas palavras isoladas como sintagmas maiores.

Nesse contexto e do ponto-de-vista diacrônico, é possível observar em textos portugueses (Cohen 1986/1990), espanhóis (Totaro 1998) e catalães (Lima 2003) uma alteração na posição relativa de adjetivos simples em relação ao N. Em Totaro *op. cit.*, chamam-se complementos adjetivais simples àqueles compostos unicamente de adjetivos intransitivos, ou seja, que não exigem complementos preposicionados; assim, são simples *grandes ejércitos, formidables escaramuzas e bonetes colorados*, ao contrário de *hombres ansiosos por batallar* e *bateles llenos de cerveza*. Várias ocorrências mostram que o pronome possessivo segue o núcleo do sintagma nominal, enquanto a colocação preferencial de adjetivos simples é anterior ao mesmo; em outras, as posições de diversos

satélites do núcleo do SN são algo mais flexíveis em relação aos contemporâneos (Tabela A). Esse comportamento pode mesmo encontrar paralelos em estágios evolutivos diversos das outras línguas neolatinas, o que demandaria uma análise mais cuidadosa de textos que permitam abranger um largo intervalo de tempo. Entretanto, partindo do latim vulgar até as línguas espanhola, italiana e portuguesa (EIP) modernas, não há estudos que contemplem, de forma detalhada e comparativa, a mudança da ordem de palavras no SN em relação a outras mudanças ocorridas nessas línguas, como, por exemplo, na colocação preferencial de constituintes subordinados ao SV.

Tomem-se, a título de ilustração, as estruturas constantes da Tabela B abaixo, colhidas nos textos que serviram de base à constituição do *corpus* espanhol em Totaro *op. cit.*. Apesar de as mesmas serem menos freqüentes do que o cânone SVC, tanto nesses textos como no espanhol contemporâneo, suas proporções *relativas* podem ter sido diferentes em outros séculos a partir do latim SCV, passando por um período de instabilidade tipológica mais pronunciada antes de chegar aos valores atuais. Parte da literatura teórica disponível (cf., especialmente, Greenberg 1966 e Canale 1976) sugere que a primeira a se processar no espanhol (e, possivelmente, nas demais que são objeto deste trabalho) teria sido a referente aos constituintes S-V-C, ocorrendo, posteriormente, o realinhamento do parâmetro A-N e de outros². Se de fato assim o foi, a amostragem realizada em textos escritos nessas línguas acusará uma grande estabilidade do padrão de arranjo dos constituintes S-V-C e variações cada vez menores dos outros parâmetros.

<i>texto</i>	<i>século</i>	<i>pág-parágr-linha</i>	<i>ocorrência</i>
JUA	XIV	237-2-04	et non haber otra manera ninguna buena
COL	XV	103-02-30	y después partir para otra isla grande mucho
DVM	XV	57-02-23	El espíritu bueno tuyo me trairá en la carrera derecha
DVM	XV	61-01-55	Engañado por mostrar el arte tuyo luxorioso
IND	XVI	161-02-52	la tierra que se habita es isla cercada toda del Océano
AGR	XVII	227-01-01	Vasallos del Rey de los siglos inmortal
CON	XVII	087-02-46	hoy día tiene una casa bien buena , labrada a mi costa
FEL	XVIII	189-02-27	las confirmaba con nunca intermitentes instancias
FEL	XVIII	193-01-43	sacó una no leve herida
C&M	XIX	329-02-10	Exponiendo el sin rival calzado al filo de las rocas

Tabela A - exemplos de ordens não-usuais de colocação dos satélites do N em textos históricos espanhóis.

² Há que se considerar, naturalmente, a imobilidade de SPs e de orações relativas, associados, na classificação de Perini (1996) acima apresentada, ao grupo de *modificadores externos*.

ENX	XIV	447-01-04	E de que <u>esto</u> <u>vió el confessor</u> , díjole	<u>CVS</u>
CON	XVII	77-02-41	En suma, se <u>dió tan buena maña el padre</u> , que	<u>VCS</u>
JFI	XVIII	35-01-01	<u>Parió</u> , pues, <u>la tía Cartuja un niño</u> como unas flores	<u>VSC</u>
JFI	XVIII	36-01-06	<u>dió el niño grandes señales</u> de lo que había de ser	<u>VSC</u>

Tabela B - exemplos de ordens não-canônicas dos constituintes S-V-C em textos históricos espanhóis.

II - Objetivos / formulação do problema

Com base no exposto acima, este trabalho pretende lançar luz sobre aspectos estruturais da mudança (ou da manutenção) da posição dos constituintes S-V-C, contrapondo esses resultados àqueles encontrados para o SN português (Cohen 1986/1990) e espanhol (Totaro 1998). Para tanto, realiza-se um estudo quantitativo tão detalhado quanto necessário ao desenvolvimento da questão, mas procurando-se dar ênfase especial à análise qualitativa dos dados lingüísticos; será possível, então, comparar tendências sintático-semânticas dos arranjos sujeito/verbo/CV e A/N entre sincronias diferentes e avaliar a relevância dessas tendências para o processo de mudança, como feito por Cohen *op. cit.* e por Rijkhoff 1990.

Nesse diapasão, os objetivos centrais do trabalho foram i) a construção e a codificação das bases de dados segundo os critérios de análise propostos na Seção V.3³; ii) a investigação da possibilidade de as línguas em questão terem sofrido mudanças na ordenação de constituintes semelhantes àquelas apontadas por Cohen *op. cit.*, para a língua portuguesa, Totaro 1998, para a língua espanhola e Lima 2003, para o catalão; e iii) testar a hipótese de que, em um ou mais desses sistemas, essa mudança não foi independente, inserindo-se num quadro mais geral de evolução das línguas neolatinas.

O ponto ii) implica estender os princípios do modelo de difusão lexical (Shen 1991) ao nível sintático, *mutatis mutandis*. No caso das línguas neolatinas aqui estudadas, pretende-se estudar se a mudança posicional dos constituintes se processou de forma *sintaticamente abrupta e lexical ou sintagmaticamente gradual*, e que condicionamentos estruturais responderiam por esse processo de *difusão sintática*. Naro & Lemle 1976

³ Reflete-se, aqui, tanto uma preocupação com o encaixamento do fenômeno em apreço quanto a necessidade de se confirmar a aplicação da proposta de Hawkins (1979, 1983), sob a forma de um Princípio de Harmonia Trans-Categorial (Cross-Category Harmony Principle), segundo o qual deve haver uma tendência a colocar os elementos modificadores dos núcleos dos sintagmas sempre de um mesmo lado (antepostos ou pospostos).

caracterizaram o fenômeno a partir da observação de que, ao longo da história do português, não apenas aumentam as proporções de determinada ordem em certos ambientes oracionais, como também essa mesma ordem gradativamente atinge outros. Para a verificação das condições sob as quais a mudança é implementada, Naro & Lemle *op. cit.* selecionaram fatores que vão desde a saliência fônica do constituinte nominal, passando pela classe morfológica do verbo e chegando à posição de superfície do SN diante do V. Os resultados a que chegaram são corroborados pelas conclusões de Mattos e Silva 1992 sobre as estruturas atributivas do português arcaico, as quais ilustram percursos da difusão sintática entre os séculos XIV e XV. Ainda para o português, Mollica 1992 demonstra que outra mudança – envolvendo o *queísmo* e o *dequeísmo* – seria delineada nos moldes difusionistas; somando-se ao conjunto acima referido sobre o português, isso mostra que a mudança é, de fato e como ressaltado por Naro & Lemle *op. cit.*, regular e sistêmica:

In particular, we will be interested in the question of the way in which a syntactic change is realized across the relevant formal categories of a language and in the possible existence of a general principle governing this phenomenon... This [] diffusion occurs along several distinct dimensions simultaneously until eventually the whole language is entrapped.

Naro & Lemle 1976:259, 267

Minha proposta neste trabalho envolve o estudo diacrônico das línguas EIP, privilegiando os aspectos sintáticos da associação dos elementos do SV – sem perder de vista a relação entre a sintaxe e os demais níveis de organização da língua. Na análise dos dados numéricos, os resultados serão confrontados com aqueles oferecidos, por exemplo, a) por Cohen 1986/1990 e por Totaro 1998 para os adjetivos no SN português e espanhol, respectivamente, e b) por Bittencourt 1995, Davies 1992 e Davies 2000, sobre as estruturas causativas em português e em português e espanhol, respectivamente, a fim de verificar a existência de semelhanças e dessemelhanças tipológicas instaladas ao longo do tempo nesses sistemas geográfica, lingüística e culturalmente próximos⁴.

⁴ A esse respeito, veja-se, por exemplo, Paiva Boléo (1974-1975: 355 – 398), sobre as influências mútuas entre as línguas portuguesa e espanhola, e Thomason & Kaufman 1991, sobre as relações e interferências mútuas entre línguas provenientes de uma raiz comum.

Para tanto, são tomados textos escritos em um largo intervalo de tempo a fim de observar, de maneira mais patente, quaisquer mudanças ocorridas na colocação desses elementos na modalidade escrita dessas línguas, conforme a metodologia de base empírica descrita nas seções IV e V adiante e que reflete a postura de Bynon 1977, nominalmente transcrita abaixo:

... it is possible to abstract the grammatical structure of the language of each period from the documents and in this way a series of synchronic grammars may be set up and compared. The differences in their successive structures may then be interpreted as reflecting the historical development of the language.

(Bynon, *op. cit.*: 2; grifos meus)

... it is only by comparison via written records of different stages of a language that [the historical linguist] can obtain an idea of the nature of diachronic rules. It can, in fact, be said that there is an optimal time-lapse of say four or five centuries which is most favourable for the systematic study of change. This is so because on the one hand the differences between successive language states are then sufficiently large to allow the statement in the form of rules of completed changes and on the other continuity is not at stake - one is clearly still dealing with 'the same language'.

(Bynon, *op. cit.*: 6; grifos meus)

Conforme ressaltado acima, todos os resultados da análise diacrônica conduzida neste trabalho terão suporte na coleta e na descrição de dados reais de língua produzidos em diversos recortes sincrônicos sucessivos, procurando-se determinar a existência (ou não) de fases de transição tipológica, situando-as no tempo (cf. proposto por Adrados 1999 e Schmidt 1999).

O desenvolvimento e a conclusão deste trabalho visam, numa perspectiva mais abrangente, (i) fornecer argumentos diversos para pesquisas futuras, atendendo ao suprimento de dados, hipóteses e análises relativos à mudança (ou manutenção) da posição dos complementos nominais nos sintagmas nominal e verbal ao longo do tempo nas línguas em questão, além de procurar detectar motivações para que estas tenham sido estruturadas da maneira como o foram e as possíveis conseqüências de tal estruturação; (ii) coletar e sistematizar dados sobre o comportamento dos sistemas lingüísticos estudados.

III - Justificativa e perspectivas

As gramáticas históricas e os trabalhos sobre a história das línguas românicas consultados (Aldrete, 1606; Hanssen 1945; Lapesa 1962, 2000; Pidal 1949, 1956; Alonso 1972; Company 1992; Llorach 1995 e Penny 1995, para o espanhol; Brunot 1947; Brunot & Bruneau 1949; von Wartburg 1966; Bauer 1995, para a língua francesa; Moll 1952; Lima 2003, para o catalão; Vidos 1968, 1996, para o grupo românico) fazem referência generalizada à ordem CN/N⁵ como sendo dominante nas mesmas em certos períodos de sua evolução. Entretanto, limitando-se à caracterização sucinta desses sistemas lingüísticos no período medieval e não se permitindo um aprofundamento em tópicos específicos, essas obras não oferecem ao leitor uma apreciação diacrônica (sob a perspectiva de uma língua específica) e comparada (relacionando duas ou mais línguas) da questão da anteposição ou posposição dos CNs e CVs aos seus respectivos núcleos.

Em termos da tipologia lingüística discutida por Greenberg 1966 e associada à ordem dos constituintes como acima mencionado, a definição das tendências gerais de posicionamento dos constituintes S-V-C / A-N e a caracterização de sua evolução por um período relativamente longo do tempo real podem contribuir para um melhor entendimento do comportamento das línguas e dos fatores que podem atuar em alguns processos de mudança lingüística. Daí surgiu a proposta de que se reveste este trabalho, que pretende investigar se, de fato e a partir da combinação de fatores de diversas ordens, é possível identificar um movimento de difusão sintática nas línguas românicas.

Além de trazer alguma contribuição ao conhecimento que se tem hoje da evolução particular das línguas em questão e, numa perspectiva mais ampla, das línguas românicas, este trabalho pretende enfatizar a necessidade de se conduzirem desdobramentos e novos estudos sobre o assunto. O estudo da relevância de possíveis condicionamentos da mudança também pode auxiliar na compreensão dos processos e caminhos segundo os quais a alteração da ordem de constituintes se dá (cf. observações feitas a esse respeito por Mariz e Pádua 1960). Com esse propósito, contemplam-se de forma comparativa as línguas amostradas, a fim de se investigar seu comportamento em relação à colocação dos constituintes S-V-C numa abordagem diacrônica de base empírica e segundo um modelo

⁵ v. Nota 2 acima.

semelhante ao proposto por Shen 1991 para a difusão lexical, qual seja o de Naro & Lemle 1976.

IV - Pressupostos teóricos

Greenberg 1966 apresenta uma tipologia sintática que pretende responder pelas tendências principais de organização dos sistemas lingüísticos, aqui exposta de maneira extremamente resumida: segundo esse autor, as línguas naturais podem ser classificadas de acordo com a organização de seus elementos modificadores e modificados, o que se expressa tanto em termos do uso de preposições ou de posposições (Pr/Po), quanto de relações posicionais para os elementos sujeito/verbo/objeto (S-V-O), adjetivo/substantivo (A-N no SN) e possessivo/núcleo (G-N), dentre outros constituintes. A partir desses elementos e de sua análise combinatória, haveria cerca de 24 tipos lógicos possíveis para as línguas; quatro deles, entretanto, responderiam pela grande maioria das línguas (Comrie 1981), a saber: VSO/Pr/NG/NA, SVC/Pr/NG/NA, SCV/Po/GN/AN e SCV/Po/GN/NA. Em vista do grande número de inconsistências decorrentes de uma formulação desse tipo para sistemas naturais, os trabalhos que seguem a diretriz lançada por Greenberg (*op. cit.*) tratam esses universais lingüísticos em termos de *tendências*, e não como absolutos.

Partindo desse ponto, Lehmann 1973 e Vennemann 1974 defendem, respectivamente, um *Princípio Estrutural da Linguagem* e um *Princípio de Serialização Natural*, segundo os quais os modificadores são colocados, em relação a um elemento sintático básico (o termo modificado), no lado oposto ao de seu concomitante primário (V); em outras palavras, se a ordem não-marcada numa língua é SVC, deve-se prever, por exemplo, que a mesma seja NA/NG/Pr, e que, se a ordem for SCV, a língua deve apresentar um padrão AN/GN/Po. De maneira menos rígida, a implicação entre as ordens de colocação de constituintes diversos é reavaliada por Hawkins 1979, 1983, que propõe haver, nas línguas, uma *tendência* a respeitar uma mesma proporção de anteposição / posposição de operadores em relação a seus respectivos operandos. Deve-se, ainda, considerar a exposição feita por Canale 1976, na qual o autor argumenta que as mudanças processadas no SN ou no SV não têm, *necessariamente*, implicações externas a esses sintagmas, mas acarretam apenas modificações internas aos mesmos - o que também merece verificação no intervalo de amostragem aqui proposto.

Por outro lado, Comrie 1981, apesar de reconhecer que, em linhas gerais, os parâmetros S-V-O, N-A, N-G e Pr/Po são logicamente independentes uns dos outros, observa, ao comentar a tipologia lingüística proposta por Greenberg 1966 e seus seguidores e as contribuições feitas por Lehmann 1972, que à ordem SVC, ao contrário das demais, não são facilmente correlacionáveis quaisquer outros parâmetros (Comrie, *op. cit.*) - o que equivale a dizer que os graus de liberdade em sistemas SVC são muito maiores do que nas demais combinações, ainda que a utilização de parâmetros numa determinada ordem deva ser harmônica com a de outros.

Também a partir da análise de Greenberg 1966, Canale 1976 afirma ser possível esperar que uma série de hierarquias implicacionais de ordem de constituintes ligados ao SN e ao SV estariam refletidas na seqüência cronológica de mudança sintática na passagem de uma conformação dominante SCV para SVC. Segundo o autor, seria impossível que essas mudanças ocorressem em massa dentro do SN antes que o primeiro dos padrões ligados ao SV mudasse, e vice-versa; entretanto, ao contrário de Givón 1984, Lehmann 1973 e Vennemann 1974, Canale 1976 sustenta que as inovações de ordens de palavras dentro do SN não têm efeitos nas ordens de palavras dentro do SV e vice-versa, restringindo-se quaisquer influências aos respectivos limites desses sintagmas.

A fim de acompanhar esses movimentos, trabalhamos com uma definição de núcleo e de complemento que procura seguir os trabalhos de Rijkhoff 1990 e de Dryer 1992, enquanto a consideração de interdependência entre os constituintes segue a linha de Waugh 1977; esta autora considera que a sintaxe é determinada por fatores concorrentes e de naturezas diversas, desde a tendência tipológica correspondente ao estágio evolutivo do sistema até a interação semântica entre os constituintes. Orientação similar é dada por Wilmet 1986, que distingue quatro abordagens principais para a especificação da posição de constituintes no SN: semântica, estilística, estética e filosófica (subjeto - modificador anteposto, ou objetivo - modificador posposto), mas reconhece o concurso de fatores lexicais, semânticos, morfológicos e de frequência na probabilidade de ocorrência de complementos antepostos ou pospostos.

Ainda em termos formais, E. Koktová 1999 oferece uma perspectiva diferente de descrição e de tratamento dos fenômenos sintáticos, além de uma tipologia alternativa de OC, baseada nas dicotomias 'ordem profunda X ordem de superfície' e 'ordem fixa X

ordem livre'; a autora sugere cinco tipos de ordem de palavras a partir da relação entre esses pares, sempre enfatizando a sintaxe como um sistema auto-regulado de maneira *sui generis*.

No caso específico do latim, vários autores (Maurer Jr. 1959; Harris 1980, dentre outros) descrevem um sistema transicional, de CV para VC, verificando-se um realinhamento generalizado dos operadores – mas, infelizmente, não é clara a seqüência de mudança desses modificadores. Observa-se, por exemplo, nesses estudos, que o latim vulgar se transforma em um sistema NG / NA / NRel / Pr, mas que, antes de chegar a essa configuração, os adjetivos denominais já eram pós-nominais; além disso, o pronome possessivo e o advérbio eram colocados *após* seus respectivos operandos. A descrição do latim vulgar e do romance como predominantemente NA encontra eco em Maurer Jr (1959). No entanto, a determinação empírica do caráter AN dominante nas línguas portuguesa (Cohen 1986/1990) e espanhola (Totaro 1998) em seus estágios iniciais leva a um questionamento lógico: ou a atribuição de uma ordem NA ao latim vulgar foi precipitada, feita com base em apenas alguns tipos de adjetivos, ou existe uma flutuação desse traço sintático no grupo românico. Cabe, portanto, perguntar como as classes de modificadores nominais e verbais se comportaram desde o latim até a conformação contemporânea das línguas EIP, e, naturalmente, se as mudanças implantadas em duas ou mais dessas línguas são coetâneas ou não e qual a sua relação com a perda flexional latina nas mesmas.

... Lo qual se vee manifiesta-
mente en muchos modos de hablar Latinos, que ajustada-
mente vienen con los Romance, i no por esso podra con-
razon dezirse, que son desta lengua. Porque si se dixesse, afir-
mariamos, que Terentio, Ciceron, Horacio, i aun el antiguo Plauto, hablaron en
Castellano, porque en ellos hallamos
estos modos de dexir mui propios del Romance. Pondre, al-
gunos exemplos breuemente. Dezimos en Romance. No lo
e viŕto oi en todo el dia. Terencio **Quem ego hodie toto non_*
vidi die. Dezimos, bien grande, bien rico, bien adinerado,
bien largo, bien nacido. Tambien los vsa Ciceron. **Obuiam*
cum bene magna caterua sua uenit. el miŕmo escriuiendo a At-
tico, *bene longae literae*, i en una oracion **bene numatus*. Hora-
cio **Dedecorant bene natae culpae*. Por la semejança llama-
mos braços de mar, como tambien en Italiano, i Frances, i en
Latin lo dixio Ouidio. *

. *nec brachia longo*
Margine terrarum porreberat Amphitrite
Dezimos tambien braço de rio vsado de Tito Liuiio & om-

nium primo brachio fluminis eos excludit | Plínio* dixo braços
de montes, de arboles Virgílio*
In medio ramos, annosaque brachia pandit
Vlmus opaça ingens
Aun lo que es vicioſo en nueſtra lengua se halla en la Lati-
na, como dezir, mas maior, Plauto **Qui dederit magis maio-
res nuqas egerit.*

Aldrete, 1606: 193-194

O emprego de palavras como instrumentos gramaticais em lugar de desinências e sufixos é, ao mesmo tempo, causa e conseqüência da ruína do sistema flexional [latino] antigo: causa, porque o aparecimento destas formas expressivas e claras antecedeu, de algum modo, à perda da flexão; conseqüência, porque, à medida que a flexão se enfraquecia, o seu uso se tornava mais necessário para a enunciação do pensamento.

Maurer Jr. 1959: 191

Todas las lenguas romances son más conservadoras que el francés... El italiano es, después del sardo, la más conservadora de las lenguas románicas y, en general, es la que menos se ha alejado del latín. ... De las lenguas iberrománicas, el portugués y el español son más conservadores que el catalán, y el portugués es más conservador que el español.

Vidos 1968: 361

A escolha de línguas situadas em limites opostos da România Ocidental, somando-se a todos os fatores externos que contribuíram para a formação das mesmas (substratos diversos, época e intensidade diferenciais de romanização, invasões subseqüentes, continuidade dialetal etc.), refletiu a expectativa de se encontrarem, entre esses sistemas, semelhanças e distinções no que respeita à mudança sintática. Em outras palavras, ainda que se considerasse a possibilidade de identificar movimentos similares em alguns aspectos da mudança, esperava-se que a distância entre o italiano e o português resultasse em tendências mais díspares do que as observadas entre os sistemas ibéricos.

O modelo de difusão sintática (Naro & Lemle 1976) que utilizamos, por sua vez, contempla justamente a possibilidade de uma determinada mudança sintática espalhar-se (ou não) através do sistema lingüístico – por exemplo, de um item lexical para outro ou entre ambientes sintáticos. Dessa forma, privilegiamos a caracterização e a comparação dos recortes sincrônicos representados pelos textos históricos, procurando observar de maneira bastante refinada o alcance interno das modificações estruturais enquanto as mesmas se processam – em vez de procurar estabelecer *a priori* uma justificativa externa para a mudança de sistemas lingüísticos derivados de uma única fonte (Sapir 1920), ainda que

esse movimento se mostre convergente entre as línguas estudadas. Ademais, partindo-se do pressuposto de que a mudança pode ser identificada em qualquer e em todos os níveis de cada sistema lingüístico (cf. Thomason & Kaufman 1991: 9ss), estendem-se, *mutatis mutandis*, à morfologia e à sintaxe os princípios da difusão lexical, conforme, aliás, já referido acima (Wallace 1981; Davies, 2000); ao mesmo tempo, a apreciação dos diferentes perfis sintáticos dessas línguas permite não apenas estudarem-se as possíveis combinações históricas de ordens intra- e inter-sintagmáticas de constituintes, como também aventarem-se possibilidades de motivação interna para a maior (ou menor) estabilidade de algumas dessas ordens em ambientes sintáticos determinados.

De maneira mais abrangente, a delimitação teórica que suporta este trabalho é oferecida por Harris & Campbell 1995 (assinalada como HC nesta Seção) e refinada por Harris 2005, que correlaciona diversos aspectos da mudança de ordem de constituintes de maneira a permitir falar em sintaxe diacrônica.

HC definem, inicialmente, o arcabouço de uma teoria de mudança sintática através da caracterização de universais da sintaxe diacrônica que dependem crucialmente de um *corpus* interlingüístico consideravelmente extenso. Essa proposta, retomada em Harris 2005, é dirigida tanto à caracterização precisa da mudança sintática e dos universais que a delimitam quanto à expressão de uma teoria sintática que possa analisar a mudança de ordem de constituintes. Os elementos que comporiam essa teoria de mudança sintática seriam (HC 1995:50) resumidamente apresentados como segue, e implicariam a existência de a) apenas três mecanismos gerais de mudança, que compreendem a reanálise, a extensão e o empréstimo; b) um conjunto definido de operações diacrônicas gerais, as quais são implementadas por meio de um desses mecanismos; c) um conjunto de princípios gerais que interagem com essas operações, e d) um conjunto de construções sintáticas que são parte de uma gramática universal, no sentido de que elas sempre podem ser referidas em estruturas alternativas.

O primeiro desses pontos sugere, a partir da comparação inter-lingüística, três estratégias universais de mudança. A reanálise é definida como “um mecanismo que altera a estrutura subjacente de um padrão sintático e que não envolve nenhuma modificação de sua manifestação de superfície” (Harris *op. cit.*: 532). Salvi 2000 (sobre a retenção de formas latinas na morfossintaxe românica), Gutiérrez 1997 (sobre o futuro perifrástico em

quechua) e Oliveira 2004 (sobre a voz passiva em português) apresentam exemplos de reanálise que envolvem diretamente o italiano, o espanhol e o português, respectivamente.

Em seguida, temos a extensão, que nos interessa mais particularmente, e que seria “um mecanismo que resulta em mudanças na manifestação superficial de um padrão e que não envolvem alterações imediatas ou intrínsecas da estrutura subjacente a ele associada” (Harris *op. cit.: idem*). Poder-se-ia relacionar esse mecanismo de generalização de regras, por exemplo, à mudança dos recursos de marcação de funções sintáticas observada entre a gramática do latim vulgar e as das línguas românicas. Um dos aspectos distintivos desses mecanismos é o fato de que a reanálise introduz, freqüentemente, complexidade sintática na gramática, ao passo que a extensão pode eliminar exceções e irregularidades ao trazer nova perspectiva de análise diante do restante da gramática existente (Harris *op. cit.: 97*).

O terceiro desses processos é o empréstimo lingüístico, que é “um mecanismo de mudança pelo qual a réplica de um padrão sintático é incorporada à língua beneficiária através da influência de um padrão originalmente encontrado na língua de contato”. Tomem-se, para efeito de fornecer a descrição de casos mais específicos, os trabalhos de Dillon 1945 e de Haugen 1950 sobre as evidências históricas do empréstimo; de De Marco 2005 e de Bencini & Manetti 2005, sobre a evolução do léxico italiano; de Patterson 1986 e de Silva-Corvalán 2001, sobre os aspectos envolvidos nos empréstimos feitos pelo espanhol; e de Harmon 1994, de Lamberti 2004 e de tantos outros sobre os empréstimos no léxico português.

As operações a que se referem HC 1995:57ss correspondem a um conjunto de mudanças potenciais, que não se aplicam necessariamente em todas as línguas e nem mesmo são obrigatórias quando as condições para sua aplicação se verificam. Em vez disso, elas constituem uma série de mudanças recorrentes em padrões oracionais encontrados em línguas não-relacionadas geneticamente, mas que estão universalmente disponíveis e que são derivadas a) dos mecanismos de mudança sintática, b) da disponibilidade de determinadas construções e c) dos princípios gerais que regem a mudança lingüística. HC *op. cit.: 58* citam o movimento de pronomes relativos e a alteração do *status* verbal (produzindo-se auxiliares a partir de verbos mais ‘altos’) como representativos de operações diacrônicas universalmente viáveis.

Os princípios universais propostos por HC *op. cit.*: 57, 113ss são restrições impostas aos mecanismos de mudança expostos acima; no caso específico da extensão, o princípio determina que esse mecanismo sempre remova condições da regra sobre a qual atua; não se exclui, contudo, a possibilidade de intervenção concomitante de restrições específicas sobre uma operação qualquer. A extensão de uma regra R está limitada à remoção de uma condição de R; em outras palavras, a extensão não implica alterações da regra.

Outro aspecto considerado essencial para que se possa oferecer uma compreensão mais abrangente das comparações inter-lingüísticas é o fato de que a mudança sintática não é aleatória, mas controlada por regras (Harris *op. cit.*: *ibidem*). Além disso, a motivação para a mudança num nível – e.g., morfológico ou sintático – estaria associada à operação de processos em outro desses níveis. Nesses termos, a reanálise implica uma motivação semântica e pode levar a fenômenos de extensão (Harris *op. cit.*: 536) como a difusão sintática.

Segundo a proposta de HC, portanto (215), a mudança sintática pode surgir graças a uma tendência a um alinhamento de traços; essa harmonia seria iniciada através da extensão e mantida por força do *status quo*. Por outro lado, a harmonia de ordenamento dos constituintes pode ser alterada pela reanálise de uma construção, que introduz uma ordem diádica que não é harmônica com outras de mesma natureza ou de tipos distintos (232). Isso leva à observação de que a ordem de palavras não resulta unicamente da operação de regras estruturais da oração, além do que cada ordem individual é dependente das demais em medidas que ainda cumpre determinar. De uma forma ou de outra, parece claro que a maioria das mudanças têm mais de uma causa. Um dos aspectos mais interessantes da causação múltipla é que as causas internas e externas freqüentemente interagem: por exemplo, um traço que parece ser induzido por contato pode também ter uma motivação interna; em outros casos, o desenvolvimento de um único caráter harmônico pode envolver tanto a reanálise quanto a extensão (215).

Ainda a respeito da harmonia, HC (215, 315 *et passim*) observam que as noções de ‘*targets*’, ‘conspiração’ ou ‘*deriva*’, anteriormente tratadas como possíveis causas da mudança em sintaxe e em outras partes da gramática, devem ser consideradas, mais corretamente, como caracterizações da maneira pela qual a mudança sintática freqüentemente procede. Para Lightfoot 1991 e HC *op. cit.*:231, é inegável a afirmação

empírica de que diversas línguas toleram sistemas não-harmônicos por longos intervalos de tempo; a flutuação das proporções das ordens minoritárias na determinação do caráter dominante da língua é abordada por Kaufmann 1993, Whaley 1997, Ruhlen 2000 e Briscoe 2000, que tomam não apenas a frequência das variantes, mas também os contextos comunicativos na caracterização tipológica. Apesar de a harmonia diádica não ser, portanto, um universal lingüístico mas uma tendência, ela é preferida por demandar uma única regra de colocação das palavras, ao passo que os sistemas não-harmônicos exigem várias; essa perspectiva, diga-se de passagem, faz eco à proposta de correlação das ordens de palavras à facilidade de processamento, encontrada em Kuno 1974 e em Hawkins 1990, ambos *apud* HC 238.

Na proposta teórica que adotei, é imprescindível considerar, por fim, que os estados transitórios, em que cada configuração restringe as possibilidades de variação e de mudança e lança as bases para os estados que lhe são posteriores, mostram que o sistema lingüístico se comporta de maneira complexa, determinada pela interação variável de diversos fatores. Nesse sentido, merecem nota as contribuições a) de Lightfoot 1991, que observa a patente estabilidade relativa de estados não-harmônicos por longos intervalos da história de diversas línguas, e b) de Whaley 1997:96ss, que mostra que a determinação da ordem dominante é uma função complexa não apenas de variáveis como a frequência, mas também (e até) do tipo textual e da porção do texto selecionada para análise. Em consonância com esse ponto-de-vista, a aferição das tendências de dominância e de harmonia sincrônicas e de estabilidade diacrônica podem ser representadas qualitativamente segundo modelos como os de Gleick 1984, retomados, para os sistemas lingüísticos, por Lightfoot 1991 e Briscoe 2000.

V - Metodologia

- Foram selecionados textos em prosa escritos originalmente nas línguas em estudo (português, espanhol, francês e inglês) que estejam sejam representativos da época em que foram escritos, como já colocado na seção II), cobrindo o mais

meX□

V.1 – Tratamento dos textos

As ocorrências textuais que compõem as bases de dados foram selecionadas e catalogadas a partir de arquivos de formato .DOC construídos a) depois de se passarem os textos eletrônicos por OCR (como se deu com os textos italianos e portugueses – q.v. Figs. PN.1 e PN.2 abaixo) ou b) depois de se passarem os textos por *scanner* e OCR (como foi o caso dos textos espanhóis e dos textos italianos e portugueses do séc. XX – q.v. Fig. PN.3 abaixo). No segundo caso, os textos foram digitalizados em resolução de 600dpi e gravados no formato .JPG, após o que foram submetidos às rotinas de reconhecimento de caracteres do OmniPage Pro; para os demais textos, utilizaram-se diretamente as imagens que constituem os arquivos .PDF das bibliotecas eletrônicas consultadas, e que vêm em resoluções de até 300dpi.

O OmniPage Pro permite a edição dos textos gerados e a atualização de um arquivo de parâmetros ajustáveis (*training file*) de reconhecimento de traços específicos, o qual pode ser utilizado em etapas posteriores que envolvam caracteres idênticos ou de traçado semelhante. Esse procedimento é particularmente interessante no tratamento de grandes massas de dados, pois diminui consideravelmente o trabalho de construção dos textos ou das planilhas que contêm as ocorrências: o programa, de fato, pode ser instruído para passar a reconhecer um *ð* ou *đ* como **d**, e não como **6**, *ò* nem *ô*; **ſ** ou **ſ** como **s**, e não como **l**, **j** nem **f**; capitulares ou maiúsculas floreadas, como **R** ou **P**, são reconhecidas como maiúsculas simples. Dependendo do caráter do texto a ser produzido e do grau de intervenção permitido, podem-se desdobrar as abreviaturas e transformar alguns elementos originais, ou, naturalmente, mantê-los como são: **&**, **ꝥ**, **C** e **p**, por exemplo, podem ser identificados automaticamente e transcritos como se desejar.

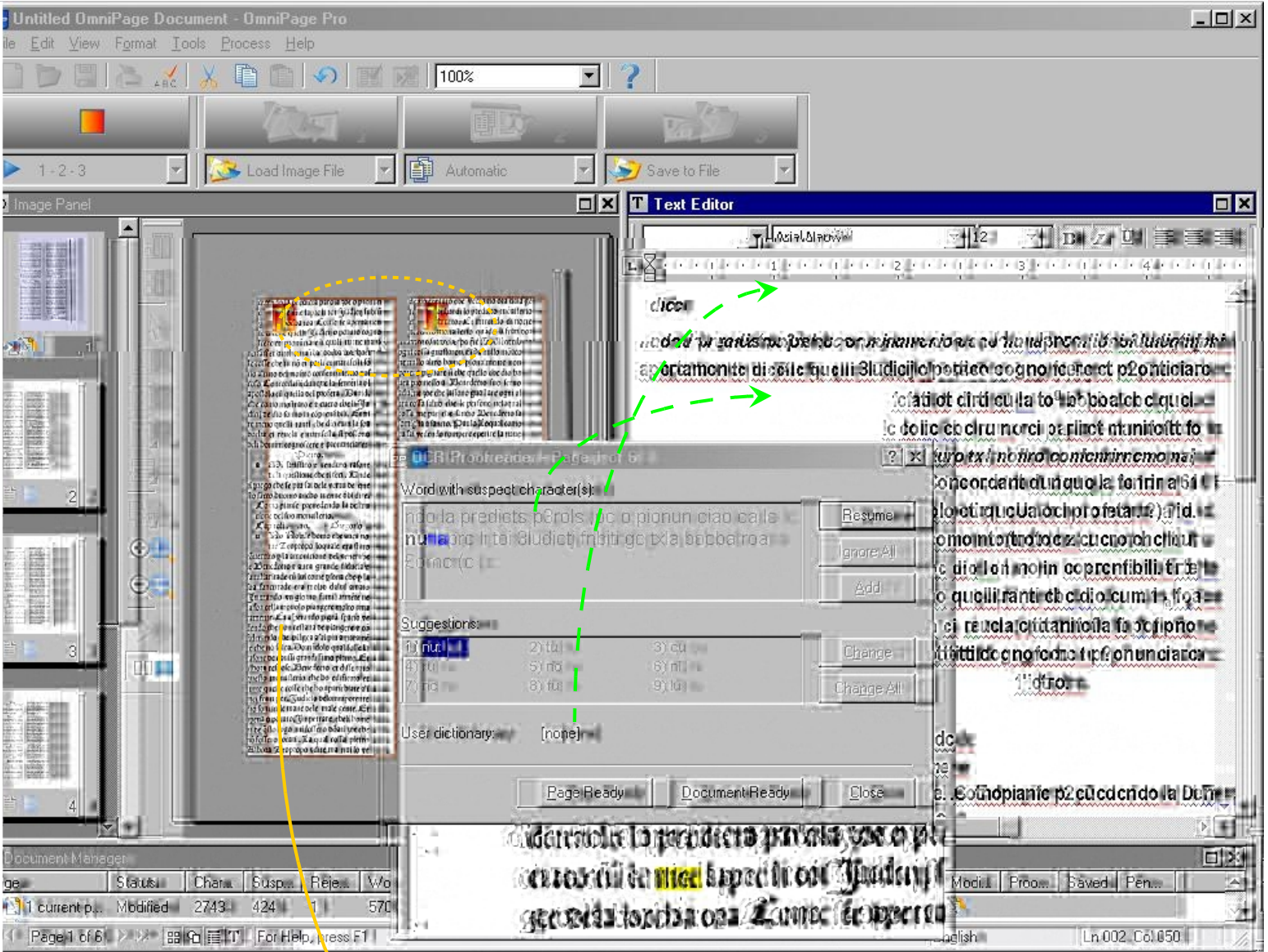


Fig. PN.1. Exemplo de um dos passos do tratamento dos textos a partir de um arquivo PDF (*Dialogo di Sancto Gregorio – séc. XV*). O revisor permite a gravação de um arquivo de informações que serão utilizadas pelo programa em sessões posteriores, aumentando a precisão do processo e diminuindo a necessidade de intervenções por parte do usuário. Observe-se ainda que, definidos os parâmetros da imagem na biblioteca de origem (col. Gallica), não é possível melhorar a qualidade da aquisição (*scanning*).

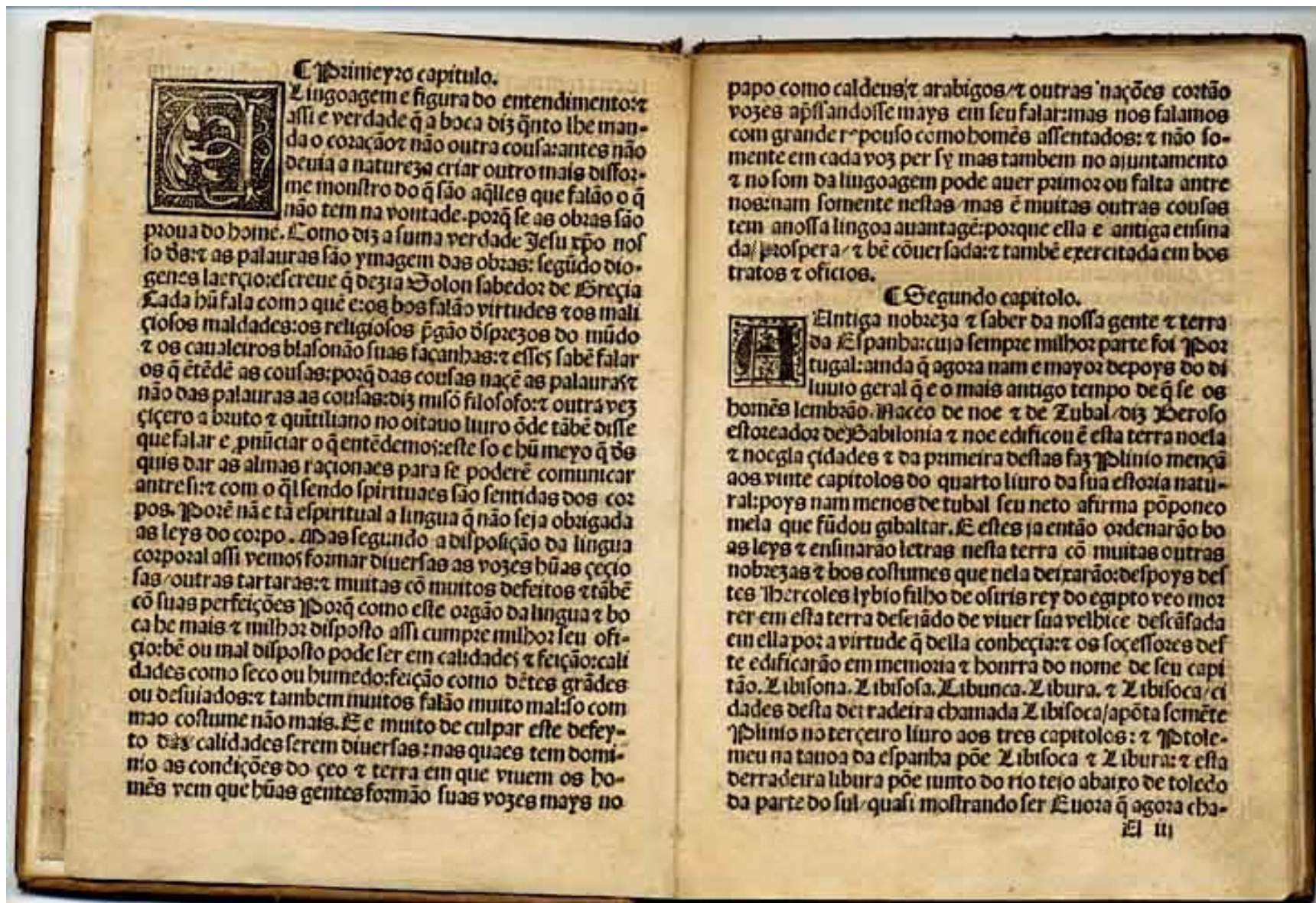


Fig. PN.2 – Duas das páginas da 'Grammatica' de Fernão de Oliveira (séc. XVI) utilizadas na amostragem.

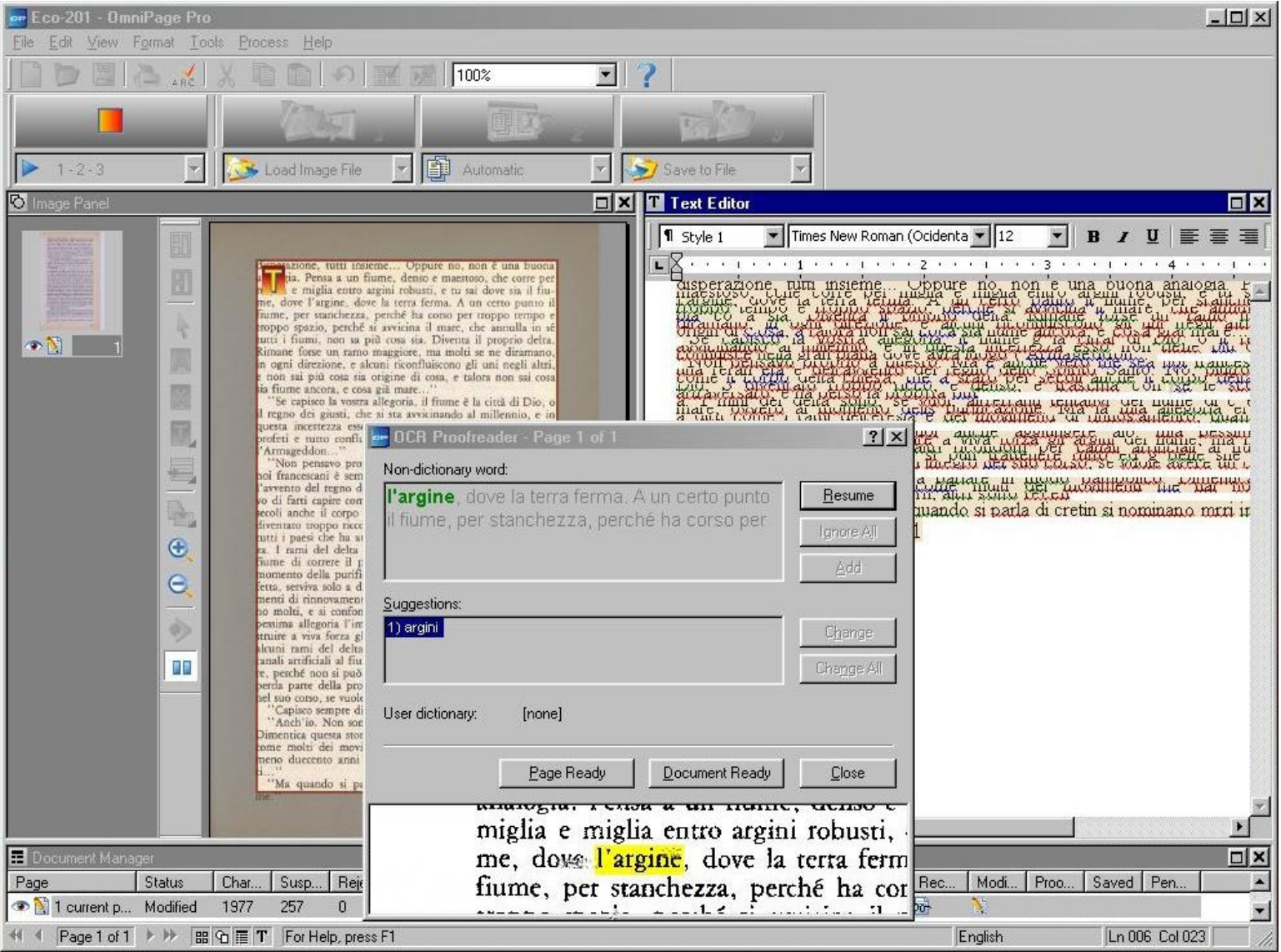


Fig. PN.3. Exemplo de um dos passos do tratamento dos textos a partir de um arquivo JPG (ref. pág. 201 de *Il nome della rosa* – séc. XX). Neste caso, a imagem foi gerada através de *scanner*, o que permitiu alterar-lhe as características a fim de se conseguir melhor desempenho do OCR. No caso dos arquivos-texto produzidos a partir de imagens de média resolução (~600dpi), quase não foi necessário introduzirem-se alterações – tanto em virtude do fato de se aprimorarem continuamente os arquivos de trabalho do OCR quanto graças ao ajuste dos parâmetros de luminosância e de contraste da imagem.

V.2 –Montagem das bases de dados

Constituídos os textos eletrônicos de suporte, as ocorrências e seus respectivos contextos foram copiados e transpostos (*copy / paste*) para planilhas do MicroSoft Excel nomeadas a partir do texto-fonte (Fig. PN.4). Os principais delimitadores utilizados para a definição do comprimento do contexto foram a) a inclusão dos elementos S, V e C expressos, b) a largura da coluna e c) qualquer elemento de pontuação. Estruturas intercaladas separando os constituintes S/V/C, como aposto ou orações subordinadas, foram substituídas por reticências e, sempre que necessário, passaram a constituir entrada separada na tabela⁶. Em seguida, utilizaram-se os critérios expostos adiante, nesta mesma Seção, para marcar as ocorrências segundo as características com que se apresentam; o resultado é uma tabela semelhante à da Fig. PN.5b, onde de encontram a ocorrência em seu contexto e os traços atribuídos à mesma. Esse procedimento foi utilizado em Totaro 1998 e em Lima 2003, e acompanha muitas das sugestões feitas por Leech *et al.* 1996 e Biber, Conrad & Reppen 1998 sobre a marcação sintática de *corpora*.

A coleta de ocorrências foi feita em textos espanhóis dos séculos XIII a XX (os mesmos textos utilizados para a constituição do *corpus* em Totaro 1998), portugueses dos séculos XV a XX (dois da Biblioteca da FaLe / os demais, a partir dos textos disponíveis na Biblioteca Nacional Digital - www.bnd.pt) e italianos dos séculos XV a XX (todos obtidos na coleção eletrônica Gallica da BNF – gallica.bnf.fr); consultaram-se as gramáticas históricas disponíveis em formato digital e na FaLe (v. referências bibliográficas abaixo) a fim de que se identificassem as estruturas sintáticas com a maior pertinência possível, considerando-se com mais cuidado, por certo, a classificação de casos menos prototípicos. Na seleção dos textos, utilizaram-se os mesmos critérios que orientaram em Totaro 1998 a busca de fontes filologicamente adequadas para a amostragem de sintagmas nominais.

Os excertos das obras que se prestaram à prospecção de ocorrências foram a) digitalizados com o auxílio de scanner e convertidos em formato .TXT através da utilização de um sistema OCR da HP, nos casos em que as bibliotecas visitadas dispunham de exemplares para consulta, ou b) descarregadas diretamente das bibliotecas eletrônicas em formato .PDF ou .JPG através de protocolos servidor-cliente e tratadas manualmente. Em

⁶ Esse procedimento é semelhante ao modelo híbrido *constituência-dependência* discutido por Teich 1998 para a identificação de sintagmas.

ambos os casos e especialmente com respeito às obras em que há grande número de abreviaturas, procedeu-se ao desdobramento manual das mesmas (cf. preceitos de Capelli 2001). Dessa maneira, a base de dados foi composta em formato .XLS, destacando-se as ocorrências oracionais do texto eletrônico e classificando-as segundo seus caracteres de estruturas subordinadas e/ou coordenadas. Para fazer essa classificação, utilizaram-se os princípios de tendência funcional para a avaliação da relação entre orações, como exposto em Pidal (1949) para a sintaxe histórica do espanhol, tendo-se estendido o mesmo procedimento ao português e ao italiano.

201

disperazione, tutti insieme... Oppure no, non è una buona analogia. Pensa a un fiume, denso e maestoso, che corre per miglia e miglia entro argini robusti, e tu sai dove sia il fiume, dove l'argine, dove la terra ferma. A un certo punto il fiume, per stanchezza, perché ha corso per troppo tempo e troppo spazio, perché si avvicina il mare, che annulla in se tutti i fiumi, non sa più cosa sia. Diventa il proprio delta. Rimane forse un ramo maggiore, ma molti se ne diramano, in ogni direzione, e alcuni riconfluiscono gli uni negli altri, e non sai più cosa sia origine di cosa, e talora non sai cosa sia fiume ancora, e cosa già mare..."

"Se capisco la vostra allegoria, il fiume è la città di Dio, o il regno dei giusti, che si sta avvicinando al millennio, e in questa incertezza esso non tiene più, nascono falsi e veri profeti e tutto confluisce nella gran piana dove avrà luogo l'Armageddon..."

"Non pensavo proprio a questo. Ma è anche vero che tra noi francescani è sempre viva l'idea di una terza età e dell'avvento del regno dello Spirito Santo. No, piuttosto cerca-vo di farti capire come il corpo della chiesa, che è stato per secoli anche il corpo della società tutta, il popolo di Dio, è diventato troppo ricco, e denso, e trascina con sé le scorie di tutti i paesi che ha attraversato, e ha perso la propria purezza. I rami del delta sono, se vuoi, altrettanti tentativi del fiume di correre il più presto possibile al mare, ovvero al momento della purificazione.

-
-
-

AN / NA

Oppure no, non è una buona analogia. Pensa a un fiume, denso
che corre per miglia e miglia entro argini robusti, e tu sai
sai dove sia il fiume, dove l'argine, dove la terra ferma. A un certo
il proprio delta. Rimane forse un ramo maggiore, ma molti se ne

-
-
-

S-V-C

e alcuni riconfluiscono gli uni negli altri, e non sai più cosa sia origine di cosa, e talora
e alcuni riconfluiscono gli uni negli altri, e non sai più cosa sia origine di cosa, e talora
e alcuni riconfluiscono gli uni negli altri, e non sai più cosa sia origine di cosa, e talora
e talora non sai cosa sia fiume ancora, e cosa già mare..."
"Se capisco la vostra allegoria, il fiume è la città di Dio, o il regno dei giusti, che
"Se capisco la vostra allegoria, il fiume è la città di Dio, o il regno dei giusti, che

-
-
-

Fig. PN.4 – Ilustração do procedimento de constituição das bases de dados .XLS de AN (italiano) e de S-V-C (para os três sistemas) a partir dos arquivos .DOC gerados no passo anterior pelo OCR.

V.3 - Métodos estatísticos

O número mínimo de ocorrências a ser colhido em cada texto foi determinado a partir da metodologia exposta em Woods, Fletcher & Hughes 1986 e em Těšitelová 1992, e leva a gráficos semelhantes a P5a; essa figura mostra ter-se atingido, próximo das 150 ocorrências, um patamar de estabilidade nas proporções relativas entre SVC (a ordem preferencial⁷) e as demais, considerando-se textos dos séculos XIII e XX – os extremos do intervalo de amostragem:

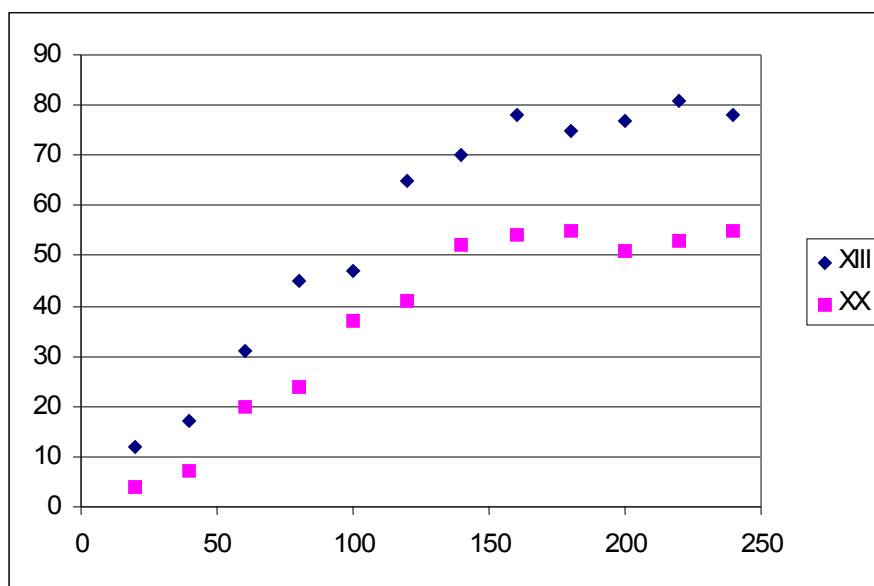


Fig. PN.5a – Comportamento da base de dados em relação a um único traço sintático (número X porcentagem de ocorrências).

A metodologia empregada na confecção do gráfico acima diminui as diferenças individuais existentes entre os textos de um mesmo século, fazendo com que a cada século corresponda a *média* dos valores de cada texto; por outro lado, uma curva ajustada (cf. Vieira 1975) aos pontos deixa claro que, com base nos dados coletados até o momento e para o estilo de texto utilizado na amostragem e constituição do *corpus*, há uma mudança na ordem de colocação de constituintes. O procedimento mostra ainda que esse decréscimo

⁷ Testes feitos para o par de constituintes A e N sugerem uma tendência à horizontalização da curva entre 100 e 125 ocorrências/texto/século (Oc/TS); para os constituintes S-V-C, o patamar da curva é atingido em torno de 150 Oc/TS. Na coleta de ocorrências, buscou-se observar esse número como limite inferior, a fim de que se pudesse trabalhar com uma margem de segurança.

ultrapassa os limites da simples variação individual ou dialetal presente nos textos, refletindo, outrossim, um aspecto evolutivo do sistema. Observe-se, ainda, que essa evolução se dá segundo um perfil sigmoidal, que é justamente o esperado como representante da mudança não-catastrófica de um parâmetro (Lightfoot 1991; Shen 1991; Niyogi & Berwick 1994 1995; Goertzel 1995a 1995b; Kirby 1997) decorrente da competição gramatical entre variantes (Kroch 1994). O mesmo perfil é apresentado por Batali (1998), em simulações feitas com redes neurais, corroborando a viabilidade e a propriedade do tratamento numérico como elemento de análise das ocorrências reais.

Os motivos que levaram à construção das bases de dados no MS Excel foram a portabilidade dos arquivos .XLS e o grande número de funções que o programa oferece para o tratamento estatístico de dados. Procedeu-se à criação de um arquivo de ocorrências, codificações e tratamento para cada língua, separando-se em pastas individuais os dados de cada texto; depois dessas pastas, seguem as referentes ao tratamento estatístico – uma para cada fator e seus desdobramentos (como, por exemplo, o cruzamento com outros e os gráficos correspondentes aos resultados numéricos), na mesma seqüência em que constituem cada pasta: *ordem de constituintes, peso de S e de C, ambiente oracional, regência do verbo, tempo do verbo, classe semântica do verbo, agentividade, conjugação verbal e item lexical*.

Para a contagem de ocorrências, o MS Excel oferece duas alternativas principais, cada qual com suas vantagens e desvantagens – uma totalmente automática, que envolve uma fórmula simples de contagem num intervalo definido, e que é sensível a quaisquer retificações ou alterações na base original; e uma absolutamente manual, que se presta à busca de valores / atributos de forma mais livre (por exemplo, se se deseja apenas verificar, de maneira prospectiva, o comportamento de um conjunto de dados). A primeira exige a definição de um intervalo de células, e a segunda, a definição de um intervalo de células e a aplicação de uma fórmula.

de referências; contudo, o tempo dispendido nessa fase é compensado pela confiança que se ganha no tratamento dos dados e nos resultados. Em outras palavras, a obtenção de um perfil como o da Fig. PN.5b (idêntica à Fig. II, para as proporções de AN em textos italianos), em que há um máximo local no século XVIII que 'quebra' a curva decrescente que vinha sendo construída desde o século XV, não é analisada como decorrência de erro de digitação, mas como o resultado de um comportamento excêntrico de um dos textos desse século em termos da relação AN/NA.

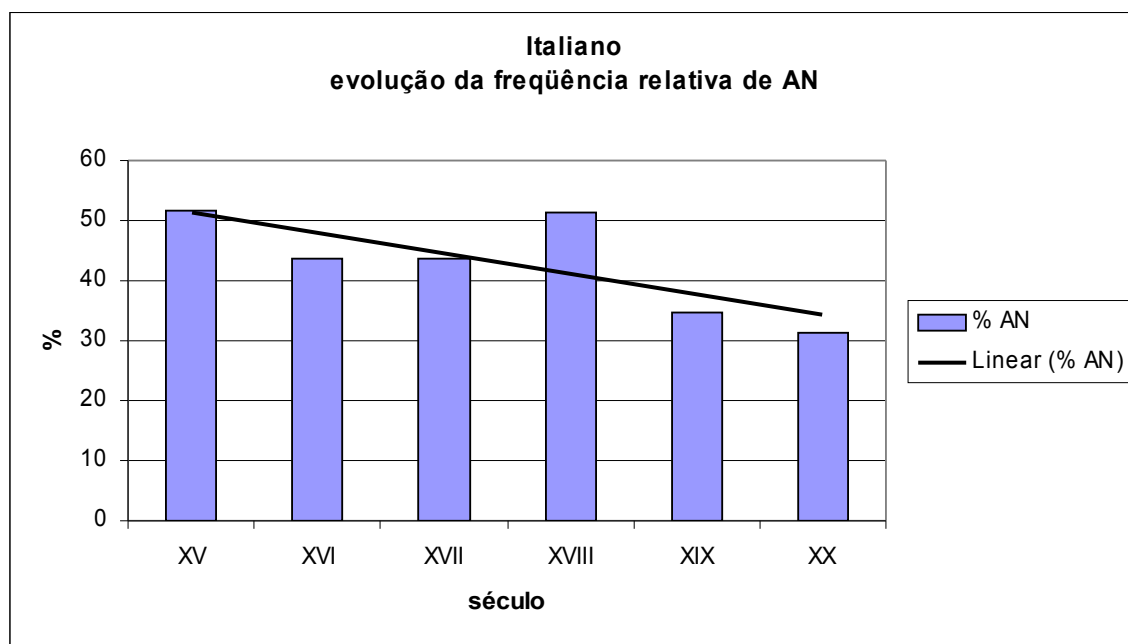


Fig. PN.5b – demonstração do resultado gráfico do tratamento automático de ocorrências: a dispersão de pontos diante de retas de regressão linear ou de curvas que indicam as tendências do conjunto é atribuída às peculiaridades de alguns textos.

A segunda alternativa implica a associação de um filtro (*Data>Filter>AutoFilter*) a um intervalo de células qualquer; esse filtro é acionado manualmente através da seleção de um dos valores compreendidos no intervalo de amostragem, e retorna o número de *tokens* que detêm a característica selecionada **além** de isolar as linhas que contém esses traços. Os filtros podem, por fim, ser concatenados, combinando-se os critérios de classificação das ocorrências (Fig. PN.6b).

fórmula que faz a contagem do número de ocorrências de AN na pasta referente ao texto *Sermoni del divo Bernardo*, do séc. XV, e retorna esse valor para a célula C4 da pasta corrente ('estatística geral').

Os valores de C4 (AN) e de C8 (NA) do mesmo texto são contados automaticamente. A soma desses valores dá o total de ocorrências colhidas no mesmo, que é utilizado no cálculo da porcentagem de AN encontrada no texto; esta, por sua vez, é usada para calcular a média dos valores de AN para cada século, a qual é imediatamente lançada no gráfico.

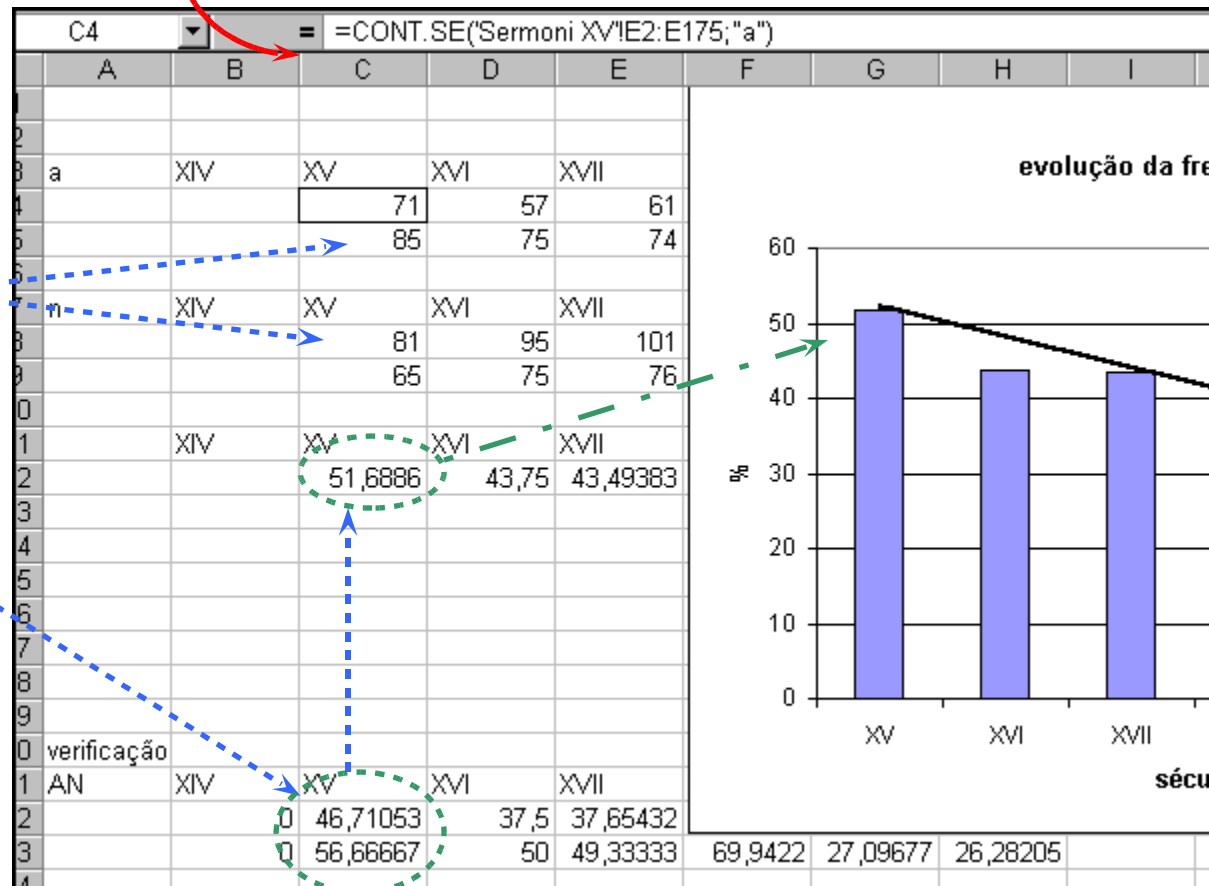


Fig. PN.6a – Descrição sumária do funcionamento do primeiro método de contagem e de cálculo de valores utilizados na confecção dos gráficos com o MicroSoft Excel. As fórmulas relacionam as células de várias planilhas, interligando-as e diminuindo a probabilidade de erro graças à automatização dos procedimentos de cálculo e de plotagem.

V.4 - Outros cálculos

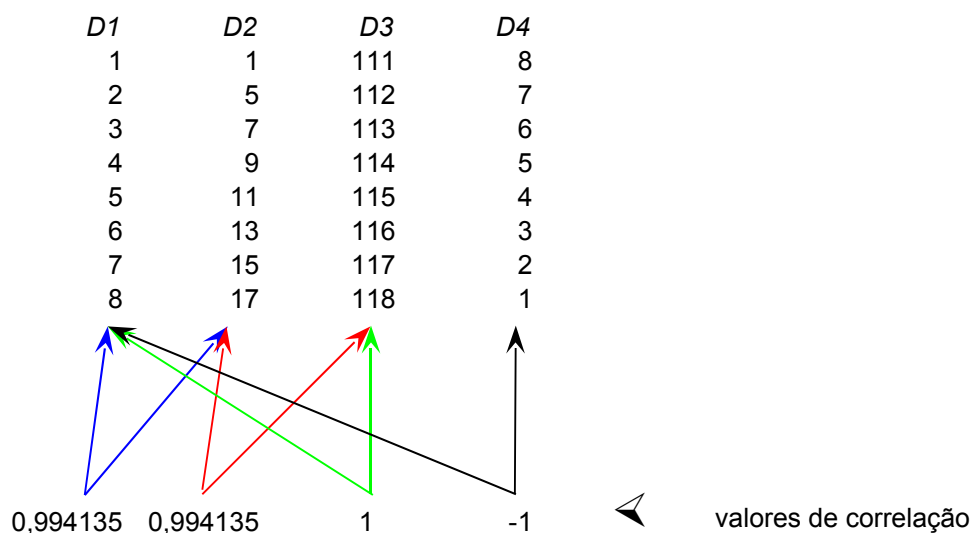
As funções mais extensamente usadas nas planilhas de tratamento estatístico foram as de cálculo de iRRL, de R^2 e de desvio-padrão, $dp = \sqrt{\text{var}}$. Sempre que necessário determinar uma característica de comportamento das ocorrências para um traço qualquer, os blocos de dados numéricos das pastas de tratamento estatístico são seguidos, à sua direita imediata, de um conjunto de células que participa do cálculo da inclinação das retas de regressão linear (iRRL) – valor definido por fórmula associada à célula colocada abaixo do bloco de dados original (Fig. PN.5c), e que define a inclinação da melhor reta para o subconjunto de dados. Os valores de iRRL foram usados para avaliar a tendência da amostra, e faz-se referência constante a eles no texto como instrumento de distinção entre os comportamentos dos *corpora*: uma iRRL positiva indica que a freqüência de ocorrência do traço em questão aumenta com o tempo naquele sistema, e vice-versa.

Os cálculos do desvio-padrão, da distorção e de R^2 se prestam, no presente estudo, à definição de valores de referência para um critério de tratamento das ocorrências. O desvio-padrão mede a dispersão dos dados em relação à sua média: quanto maior o valor de dp , maior a variação dos dados individuais e, portanto, maior a assimetria da amostra – trata-se, portanto, de uma ferramenta de análise restrita a cada conjunto de dados, como o cálculo de distorção da amostra (que tem a vantagem de mostrar se a assimetria é positiva ou negativa). Já R^2 , chamado coeficiente de determinação, mede a confiabilidade de uma curva de tendência em relação aos dados – i.e., avalia o grau de ajuste de uma curva calculada para representar um conjunto de valores: quanto mais próximo da unidade, maior o grau de adequação de uma curva que se refere a um conjunto de dados.

Os cálculos de desvios-padrão, de distorção e de R^2 também são indicados por células em amarelo, situadas próximo de cada bloco de dados; contudo, esses cálculos compõem, de ordinário, apenas as planilhas .XLS, e destinam-se a verificar a consistência do tratamento e a auxiliar na identificação de erros na construção da base de dados. Dessa maneira, quando os resultados desses testes adicionais extrapolam os valores esperados para o conjunto de dados, as células que os contêm são assinaladas em vermelho; por exemplo, valores excêntricos de um fator qualquer levam a uma diminuição do valor de R^2 e a um aumento da dispersão da amostra. Nesses casos, procede-se, então, à verificação de

toda a cadeia de fórmulas que relaciona as células a fim de se eliminarem erros de digitação ou de ponteiros; os casos que permanecem em vermelho nas planilhas finais foram verificados, mas não foram atribuídos a erro e, sim, ao caráter diferenciado daquele texto diante de um critério de classificação dos dados⁸.

Nos casos em que se comparavam os resultados obtidos para os *corpora*, decidimos acrescentar uma ferramenta de análise externa, ou seja, que mede o grau de correlação entre dois conjuntos mais abrangentes de valores numéricos. Esse procedimento permite avaliar numericamente a similaridade dos comportamentos dos sistemas, tomados aos pares; na análise comparativa dos resultados individuais, apresentada adiante, os valores de correlação são utilizados para apontar a similaridade de tendências e/ou de distribuição das frequências entre os sistemas lingüísticos representados pelos textos da amostragem. Note-se que esse método não leva em conta a magnitude dos dados, mas a similaridade de seus comportamentos; veja-se o caso hipotético construído abaixo para efeito de ilustração:



Na tabela acima, os valores variam dentro de uma faixa estreita, mas os de D3 estão na ordem das centenas. Entretanto, a correlação entre D1 e D3 é de 100%, e a que se verifica entre D1 e D4 é de -100%, ou seja, é inversa.

Os gráficos que correspondem aos resultados dos cálculos de porcentagem, por fim,

⁸ Exemplo típico e de fácil acompanhamento, já que envolve apenas uma tabela, é o dos adjetivos em italiano (arquivo **i - AN3.xls**), já comentado acima. Em última análise, isso implica, mais uma vez, a necessidade de se avaliar esse dado específico com cautela e de se usar maior número de textos por século.

são elaborados pelo próprio Excel, que oferece diversos tipos diferentes de gráficos (dispersão, *pizza*, área / superfície, bolhas etc.) que podem ser selecionados a partir da marcação de uma porção da tabela e da seqüência *Insert>Graph**⁹. Optamos pelos gráficos em coluna porque esse tipo é bastante corrente, além de permitir a inclusão de linhas de tendência sem poluir visualmente o gráfico; apenas no caso dos gráficos de espanhol, em que há dois séculos adicionais compondo a amostra, optamos por apresentar os gráficos de barras em dois passos (sem as linhas de tendência / RRLs, e, em seguida, com essas linhas), a fim de não carregar demais a apresentação gráfica dos resultados num único passo expositivo. As figuras que representam a comparação entre as bases de dados das línguas individuais compreendem, por sua vez, apenas as linhas de tendência de cada conjunto – as quais são, obviamente, apresentadas em separado na discussão dos dados de cada sistema –, também com o propósito de aliviar visualmente o gráfico.

⁹ No caso de gráficos em barras horizontais ou verticais, o MS Excel sugere, baseado na assimetria da tabela de dados (número de linhas X número de colunas), a variável que estará nas abscissas; isso pode, naturalmente, ser alterado de acordo com as necessidades de representação.

V.3 – Critérios de codificação das ocorrências

Com respeito ao tratamento das ocorrências e análise dos resultados preliminares, veja-se que o cruzamento de fatores individuais foi feito aos pares, tomando-se como fator dependente a posição dos modificadores em relação a seus respectivos núcleos. Os gráficos gerados pela análise quantitativa encontram-se reproduzidos adiante na seção de tratamento numérico dos dados. Os mesmos gráficos permitem avaliar a consistência das hipóteses iniciais sobre a natureza desses critérios de classificação das ocorrências, já que apresentam perfis claros de mudança.

Com respeito à ordenação básica dos constituintes sujeito - verbo - complemento, as ocorrências foram classificadas de acordo com os critérios listados abaixo, de α a ι , e seus desdobramentos; adota-se, aqui, uma linha de trabalho semelhante à de Costa 1998, que situa, em primeiro lugar, a posição do elemento central em apreço, e, em seguida, os fatores que possivelmente contribuem para, ou restringem, (Vincent 2000; Kroch 2000) os fenômenos de mudança de ordem observados no sistema. Esse mesmo autor considera, ainda, vários graus e naturezas da interação entre os fatores - o que, em nosso caso, deverá ser quantitativamente apontado.

α . Posição dos constituintes - assinalaram-se as possibilidades greenbergianas SVC / SCV / VSC / VCS / CSV / CVS, além de se considerarem as ordens SV / VS / VC / CV para as ocorrências cujos argumentos não são explícitos (por elipse) ou não se aplicam (no caso de verbos intransitivos)¹⁰.

<u>SV</u>	por huma bahia asima onde <u>os turquos tem</u> <i>huma forsa bem fraqua de pedra</i>
<i>C</i>	[<i>Pe. Jerônimo Lobo</i>]
<u>SCV</u>	et p{er}o <u>langelo ladimando</u> piena digratia quasi mutandole ilnome p{er}
	[<i>Expositione del Reverendo</i>]
<u>VS</u>	<u>sabedes vos todos</u> <i>que se guarnesçen agora ellos quanto pueden contra nos</i>
<i>C</i>	[<i>Historia Troyana</i>]

¹⁰ De maneira a não menosprezar as diferenças entre os casos de elipse e os que envolvem a intransitividade do verbo, procurou-se observar se a estrutura de superfície poderia ser determinante de uma ou de outra ordem; ademais, distinguem-se os dois tipos de verbos por meio de critério próprio (*regência verbal*, explicitado adiante), e não através do uso de subcategorias que poderiam sobrecarregar indevidamente um dos fatores da análise pela sobreposição de traços sintáticos e semânticos.

VCS	aos quaaes nom deve <u>fazer perjuizo o que outras fezerom em contraio</u> [<i>Leal Conselheiro</i>]
CSV	mas de que <u>lo vos vierdes</u> [<i>Libro del caballero y del escudero</i>]
CVS	<i>Molto auara</i> mi è <u>V.S.</u> delle sue lettere, da me [<i>Viaggi del pellegrino</i>]

SV	e <u>uma estatua de marmore</u> ... <u>ennegrecendo</u> a um canto na lenta humidade [<i>Os Maias</i>]
VS	All'opposto ben diversamente <u>corrano</u> <u>le cose</u> per la parola <i>Tamehu</i> [<i>Geografia etnologica e storica</i>]
VC	como al <u>trabar diálogo</u> con una persona por su nombre sólo [<i>Castro Urdiales</i>]
CV	de uma estratégia conjunta e complementar que <u>os tornasse</u> no fiel de balança [<i>Jangada de pedra</i>]

Distingue-se ainda o conjunto de ocorrências em que o complemento é anteposto ao verbo (assinalado, no texto, como [CV] e, nos gráficos, como CV) daquele em que é posposto ao mesmo (assinalado, no texto, como [VC] e, nos gráficos, como VC). Esse procedimento segue a proposta de Lehmann 1978, segundo a qual as construções baseadas nos arranjos de V e de C correspondem aos tipos lingüísticos primários, de maneira que as línguas são classificadas como VC ou como CV.

β. Natureza do sujeito – pretende-se investigar se a complexidade do sintagma nominal tem alguma contribuição para a mudança, como proposto, por exemplo, por Abeillé & Godard 1997 para o francês. Aplicam-se as mesmas classes à natureza do objeto: pleno, para aqueles constituídos apenas por [determinante + nome]; pronominal, no caso de pronomes retos ou oblíquos; e oracional, se representados por oração subordinada.

S pleno	De como <u>ElRey</u> partio de Lisboa, e do que passou [<i>Príncipe Dom João</i>]
S pronominal	ma niuna di esse (direi <u>io</u>) nè può mostrar maggiori, nè più fondate ragioni [<i>Christoforo Colombo</i>]
S oracional	es dudoso <u>que la judicatura se los hubiera reconocido</u> [<i>La ciudad de los prodigios</i>]

C pleno	dice{ <u>n</u> }do io priego idio che tifaccia <u>ogni bene</u> / et che tifaccia
----------------	---

	saluo [<i>Expositione del Reverendissimo</i>]
C pronominal	por que ella <u>o</u> faz pryncypalmente per sua virtude e bondade [<i>Leal Conselheiro</i>]
C oracional	Creían <u>estar en presencia de un santo</u> [<i>Ciudad de los prodigios</i>]

γ. Status do pronome – trata-se de uma particularização de β acima: se o caráter do sujeito ou do objeto for pronominal, deve-se observar se esses pronomes estão unidos ou não ao verbo; portanto, as classes logicamente possíveis são S ligado / S não-ligado / C ligado / C não-ligado. Com esse traço, pretende-se verificar a) a extensão cronológica da aplicação do pronome ligado ao verbo – especialmente para o espanhol e o italiano, em que o complemento pronominal do verbo ocorre, com frequência, unido a ele; e b) se é possível identificar particularidades em seu comportamento diante de sintagmas plenos e oracionais – que têm um peso muito maior que o de pronomes –, como previsto por Abeillé & Godard 1997.

S ligado	e dal non <u>hauer'egli</u> ... trouato mai notitia alcuna, che certa fosse; e pure [<i>Christoforo Colombo XVII</i>]
S não-ligado	Por dinero, respondía <u>él</u> [<i>Ciudad de los prodigios</i>]
C ligado	et p{er}o langelo <u>ladimando</u> piena digratia quasi mutandole ilnome p{er} [<i>Expositione del Reverendissimo</i>]
C não-ligado	com cozimentos, e <u>o</u> aviventem na cor ou a quintura do sol o faz nos pedasos [<i>Pe. Jerônimo Lobo</i>]

δ. Ambiente pronominal - ainda com referência a pronomes explícitos, julga-se necessário investigar até que ponto a colocação dos mesmos é determinada por elementos vários, como partículas negativas ou relativos; as possibilidades cobertas por este item são Neg + Pro / qu- + Pro / outros + Pro

Neg + Pro	estão, porque <u>as não</u> ha de nenhuma, mas serras escavadas [<i>Pe. Jerônimo Lobo</i>] ma se uogliamo parlare di quello Re <u>non lo</u> nomineremo signore in Ferrara [<i>Expositione del Reverendissimo</i>]
qu- + Pro	sy nos de aquesta vez estamos <u>que nos</u> non vengemos de Ia desonrra [<i>Historia Troyana</i>]

	et quello <u>che</u> <u>lha</u> guardisi dalli ladri <u>che</u> <u>lanongli</u> sia furata perche epso [<i>Expositione del Reverendissimo</i>]
outros + Pro	que vio correr huma vea de agoa vermelha <u>e</u> <u>o</u> atreuhia a algum [<i>Pe. Jerônimo Lobo</i>] <u>pero</u> <u>la</u> aplicaban a su modo, expeditivamente [<i>Ciudad de los prodigios</i>]

- ε. Ambiente oracional - pretende-se investigar a independência dos ambientes hipotáticos ou paratáticos em relação às orações principais; com esse objetivo, as subclasses associadas a este fator são apenas principal / coordenada / subordinada / coordenada-subordinada, e não são contemplados, por exemplo, os subtipos oracionais de estruturas hipotáticas. Reporta-se a sugestão desse fator à consideração do exposto por Bybee 2001.

principal (Pr)	Faz êle uma doação ao mosteiro de Grijó a três de Outubro [<i>Conde Dom Henrique</i>]
coordenada (Co)	y el paisaje fue tomando serios acordes de grandeza salvaje [<i>Monasterio de Silos</i>]
subordinada (Sb)	Similmente <u>quando</u> noi incominciamo afare oratione alle <u>primariamente</u> [<i>Expositione del Reverendissimo</i>]
coordenada-subordinada (CS)	de rogar para que ele ... nelas entrasse <u>e</u> <u>derramasse</u> as suas penúltimas seivas, se [<i>Jangada de pedra</i>]

- ζ. Regência e tempo do verbo - partindo-se do pressuposto de que a mudança sintática possa ter origem em outros níveis de organização do sistema, e visto que a delimitação prospectiva do conjunto de condicionadores envolve a investigação da natureza da complementação do verbo (Bybee *et al.* 1994), propõe-se uma observação sobre a expressão da regência do verbo no VP (direta / indireta / direta-indireta / ligação / intransitivo) e sobre a estrutura configuracional que o mesmo assume (finito / reduzido / locução / composto).

direta	<u>Sigue</u> la carretera su cinta silenciosa llena de claridad cegadora [<i>Monasterio de Silos</i>]
---------------	---

indireta	Parésceme que te <u>plaze</u> saber, muy caro amigo [<i>Virtuossas mugeres</i>]
bitransitivo	e non <u>giouando</u> a Muhammèd Bascià ... tutte le diligenze, che hà fatte [<i>Viaggi del pellegrino</i>]
ligação	omnipote{n}te <u>essendo</u> Iesu christo figliuolo uero di ambi due [<i>Expositione del Reverendissimo</i>]
intransitivo	E la mezquina ... <u>lloraba</u> muy fuertemente [<i>Libro de los enxemplos</i>]

finito	no seculo seguinte já nenhuns vestigios delle <u>restavam</u> [<i>Castelo de Faria</i>]
reduzido	ch'è vno stupore, il vedere vn castello tãto ristretto si sito; <u>dare</u> tãta somma [<i>Compendio delle regole</i>]
locução	<u>Deixaram</u> por isso ... <u>sumir</u> nas paredes de um claustro pedras que foram [<i>Castelo de Faria</i>]
composto	con el afecto que le <u>había ofrecido</u> los otros hijos [<i>Vida de Sor M. de Ágreda</i>]

η. Classe semântica do verbo - da mesma forma como foi feito em Cohen 1986/1990 e Totaro 1998 para os adjetivos, aventa-se, aqui, a possibilidade de o condicionamento da mudança estar relacionado às características semânticas dos verbos; utilizaram-se, para a classificação dos verbos, as definições apresentadas por de Beaugrande 1997 (cap. IV)

ATTRibutive	Aprazível é o sitio, sombreado de velhas arvores [<i>Castelo de Faria</i>]
CIRCumstantia	se <u>encuentra</u> el peregrino en un quartito de limpio y modesto adorno l [<i>Castro Urdiales</i>]
COGNitive	Che significhino, non sò : ma m' <u>imagino</u> le insegne della Giustitia, e del gouerno [<i>Viaggi del pellegrino</i>]
DEVELOpment	<u>heláronse</u> muchos ríos tan vecinos al mar, que formaba margen el hielo [<i>Marqués de San Felipe</i>]
DISPositive	& de' proprij cõtadini che <u>lauorano</u> detti luoghi [<i>Compendio delle regole</i>]
EMOTional	e se Affonso n'aquella edade <u>amava</u> o socego de Santa Olavia [<i>Os Maias</i>]
ENACTive	de haber llegado <u>llegó</u> también el Príncipe Cardenal Alberto [<i>Alonso de Contreras</i>]

EVALuative	por alguu, <u>achando</u> nom boo meu conselho, me nom prasmr [Leal Conselheiro]
EXISTential	il Quatrefages e l'Ilamy ... opinarono che ... <u>esista</u> un certo numero di diversi tipi [Geografia etnologica e storica]
IDENtity	Los buenos <u>son</u> los que dirigen las almas á la salvación [Torres Villaroel]
PERCeptual	E que quiser <u>veer</u> a pronunciação propria de .am. & quam diferente he [Duarte Nunes do Lião]
POSSessive	até os limites que <u>possuem</u> os cristãos para a parte do Meio-dia [Conde Dom Henrique]
PRODuct	perche questa soldatesca di Grecia <u>fà</u> vna gran somma [Viaggi del pellegrino]
SEMantic	e qual Colomba altresì... <u>annuciar</u> buona nuoua dell'Euangelica pace [Christoforo Colombo]
VOLitional	<u>quiero</u> yo que seas tu señor de aqueste rreyno [Historia Troyana]

θ. Agente e Paciente - outro par de traços que pretende detectar a possível associação entre a mudança de ordem e a semântica; os valores permitidos são humano / não-humano

agente	humano	quasi che vogliamo esprimere il nostro desiderio dice{n}do [Expositione del Reverendissimo]
	não-humano	O Estado da fortuna pode cõceder ou tirar fauor aos estudos liberaes [Fernão de Oliveira]
pacient e	humano	La infinita bondad y hermosura de Diós <u>la</u> cautivó [Vida de Sor María de Ágreda]
	não-humano	de guerra, q continuamente faziaõ estragos por mar no Reyno de Hespanha [Príncipe Dom João]

ι. Item lexical – o comportamento da mudança, liderado por elementos específicos, deve também ser coberto por este fator; com relação ao verbo, os itens lexicais são divididos em grupos segundo a frequência em que ocorrem nos *corpora* e de acordo com sua conjugação. Não se tecem, aqui, considerações sobre as diferentes conjugações de um verbo de língua para língua – como se observa entre recibir (E) e receber (P), aggrandire (I) e engrandecer(P).

<i>freqüência</i>	<i>intervalo</i>	<i>exemplos portugueses</i>
alta	$F > 66\%$	ser / fazer
média	$33\% < F < 66\%$	dizer / ter
baixa	$F < 33\%$	aplicar / enobrecer

<i>conjugação</i>	<i>exemplos</i>
I	Onde noi <u>salutiamo</u> coloro liquali amiamo [<i>Expositione del Reverendissimo</i>]
II	<u>mantendo</u> ... a sua posição com relação aos pontos cardeais por que [<i>Jangada de pedra</i>]
III	la traycion que <u>urdio</u> el conde do Yllan et ell arçobispo [<i>Crónica General de España</i>]

Na base de dados, a codificação dos traços atribuídos às ocorrências obedece à tabela de correspondências apresentada abaixo:

PC	posição dos constituintes
a	SVC
b	SCV
c	VSC
d	VCS
e	CSV
f	CVS
g	SV
h	VS
i	VC
j	CV

NS	natureza do sujeito
k	pleno
l	pronominal
m	oracional

NO	natureza do objeto
n	pleno
o	pronominal
p	oracional

SP	status do pronome
-----------	--------------------------

q	S ligado
r	S não-ligado
s	C ligado
t	C não-ligado

AO	ambiente oracional
1	principal
2	coordenada
3	subordinada
4	coordenada em subordinação

RV	regência do verbo
u	direto
v	indireto
w	dir./indireto
x	ligação
xx	intransitivo

AP	ambiente pronominal
y	Neg+Pro
z	qu- + Pro
zz	outros + Pro

TV	tempo do verbo
α	finito
β	reduzido
γ	locução
δ	composto

agent	agentividade	
A	h	agente humano (Ah)
	n	agente não-humano (An)
P	h	paciente humano (Ph)
	n	paciente não-humano (Pn)

CSV	classe semântica do verbo
ATTR	atributivo
CIRC	circunstancial
COGN	cognitivo
DEVEL	evolutivo
DISP	dispositivo
EMOT	emocional
ENAC	deslocamento
EVAL	avaliativo
EXIS	existencial

IDENT
 PERC
 POSS
 PROD
 SEM
 VOLIT

CONJ
 1
 2
 3

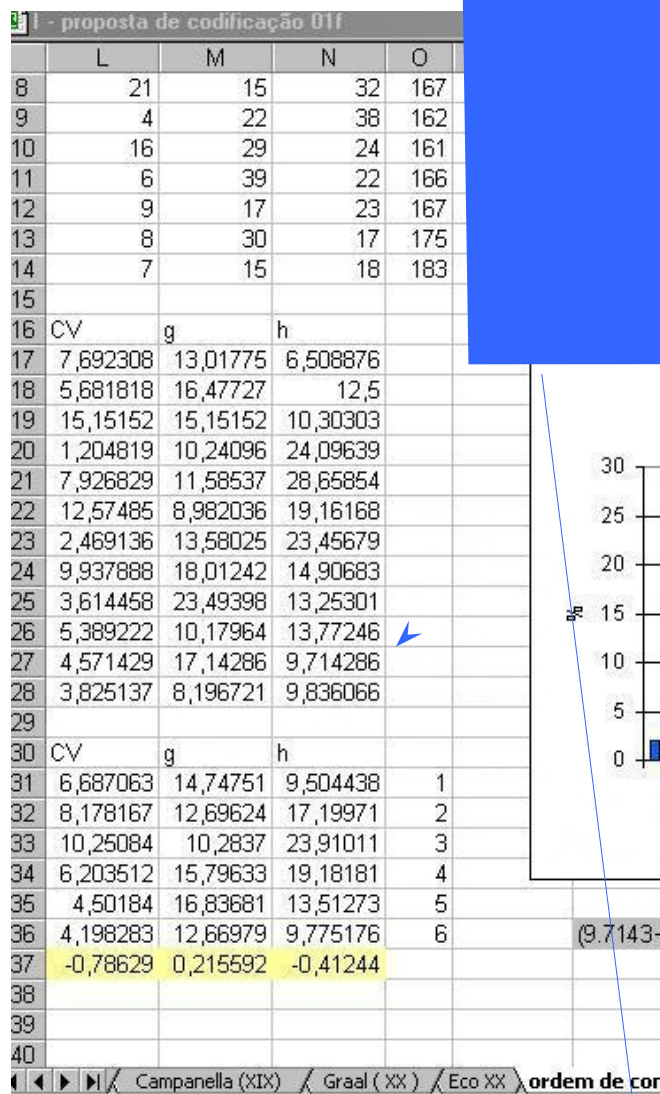


Fig. PN.6c – Ilustração dos cálculos básicos q
 tratamento estatístico dos dados. As células em

originais, e representam, na figura, apenas o cômputo feito entre os blocos numéricos. Assim, as células Q12 e Q13 mostram o cálculo das porcentagens simples de ocorrência da classe h nos textos italianos do século XX, e que é realizado pelas fórmulas que constam das células N27 e N28. Em seguida, procede-se ao cálculo das médias de ocorrência por século, que é tornado visível na célula Q36 e é efetivamente realizado na célula N36; esse é o valor que corresponde à altura da barra h para o século XX, apontado pela seta em azul-claro. As células amarelas contêm uma fórmula que calcula a inclinação do conjunto de valores numéricos – no caso da classe h , o bloco N31 a N36 – a partir das células de referência O31 a O36 (que servem para o cálculo da iRRL para todas as classes do gráfico).

Quando foi preciso ressaltar a amplitude das curvas menos expressivas – por exemplo, nos casos em que se buscava perceber se os máximos locais teriam valores coincidentes para as abscissas –, procedeu-se à normalização das frequências para 100%. Esse procedimento aproxima as curvas equiparando suas frequências a uma base individual, e não à mesma base. Em outras palavras, cada curva é (re)calculada convertendo-se o número total de ocorrências que contêm um traço em 100% (abaixo, em α , para *ambiente oracional*), em vez de se computarem os resultados individuais sobre a soma de todas as ocorrências (em β).

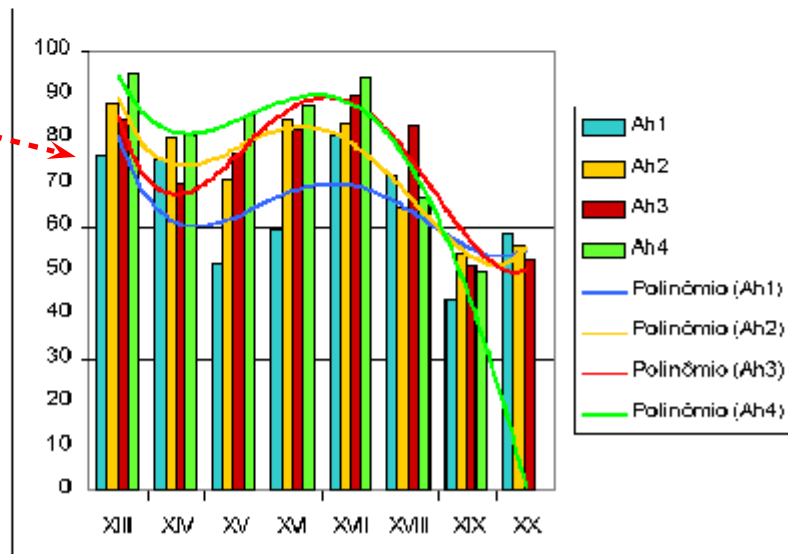
α



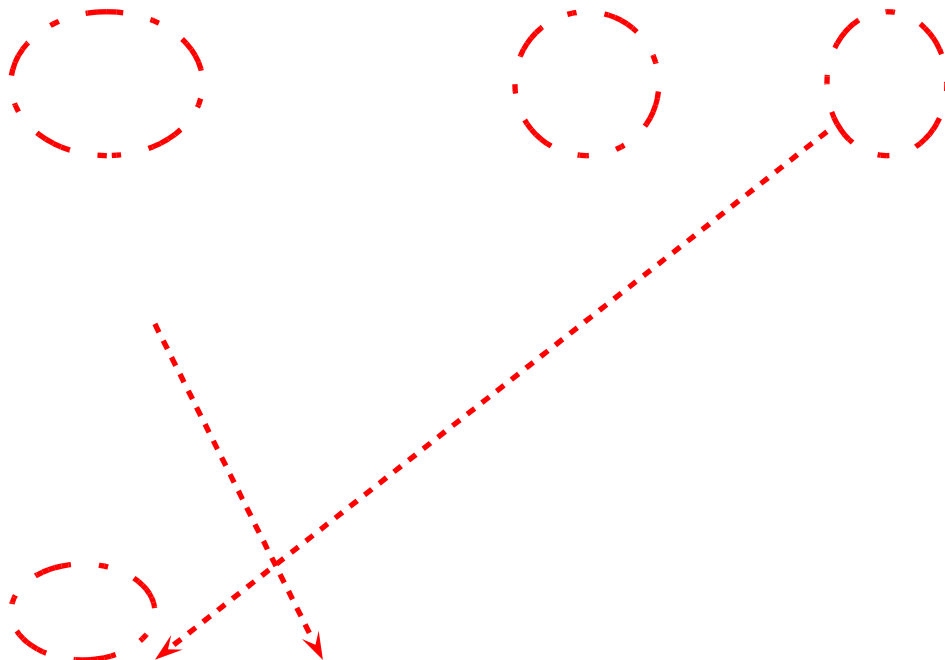
	1	Ah	An	Ph	Pn	σ	
XIII		12	5	0	11		17
		9	2	5	3		11
XIV		19	2	3	14		24
		10	3	2	8		14
XV		14	1	3	4		16
		3	15	1	7		19
XVI		22	10	0	21		32
		1	1	0	1		2
XVII		35	12	15	19		49
		41	3	4	23		46
XVIII		34	20	10	30		55
		45	10	7	33		55
XIX		25	14	0	22		52
		20	32	7	37		52
XX		76	15	11	54		91
		30	52	5	38		88

	1	% Ah	% An
XIII		70,58	29,41
		81,81	18,18
XIV		79,16	8,333
		71,42	21,42
XV		87,50	6,25
		15,78	78,94
XVI		68,75	31,25
		50,00	50,00
XVII		71,42	24,48
		89,13	6,52
XVIII		61,81	36,36
		81,81	18,18
XIX		48,07	26,92
		38,46	61,53
XX		83,51	16,48
		34,09	59,09

médias1	Ah	An
XIII	76,20	23,79
XIV	75,29	14,88
XV	51,64	42,59
XVI	59,37	40,62
XVII	80,27	15,50
XVIII	71,81	27,27
XIX	43,26	44,23
XX	58,80	37,78



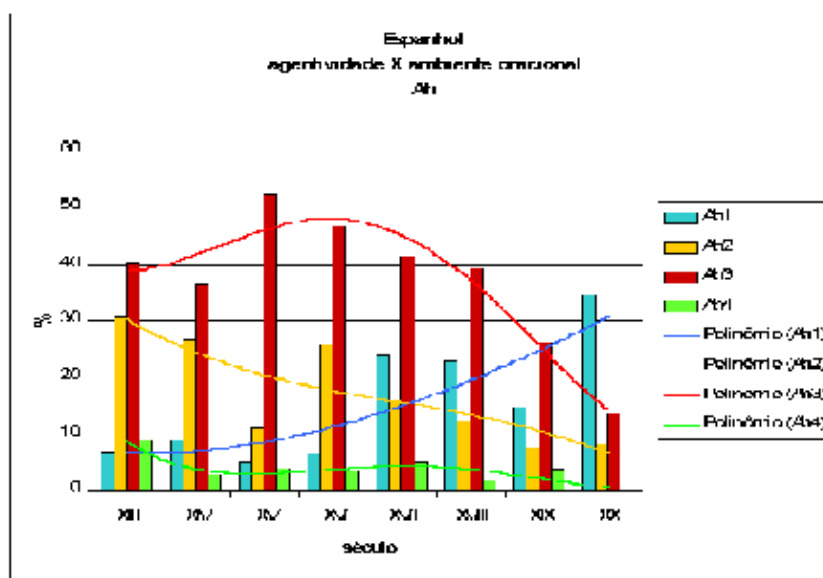
β



	1	Ah	An	Ph	Pn	σ
XIII		12	5	0	11	157
		9	2	5	3	155
XIV		19	2	3	14	162
		10	3	2	8	165
XV		14	1	3	4	168
		3	15	1	7	169
XVI		22	10	0	21	178
		1	1	0	1	162
XVII		35	12	15	19	154
		41	3	4	23	167
XVIII		34	20	10	30	172
		45	10	7	33	176
XIX		25	14	0	22	156
		20	32	7	37	153
XX		76	15	11	54	155
		30	52	5	38	151

	1	% Ah	% An
XIII		7,64	3,18
		5,80	1,29
XIV		11,72	1,23
		6,06	1,81
XV		8,33	0,59
		1,77	8,87
XVI		12,35	5,61
		0,61	0,61
XVII		22,72	7,79
		24,55	1,79
XVIII		19,76	11,62
		25,56	5,68
XIX		16,02	8,97
		13,07	20,91
XX		49,03	9,67
		19,86	34,43

médias1	Ah	An
XIII	6,72	2,24
XIV	8,89	1,53
XV	5,05	4,74
XVI	6,49	3,12
XVII	23,64	4,79
XVIII	22,67	8,65
XIX	14,55	14,94
XX	34,45	22,06



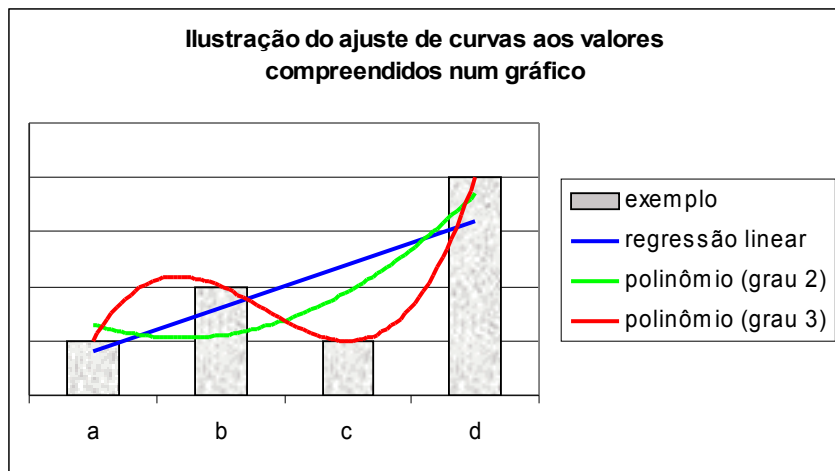
Observe-se que as matrizes em α e em β foram transpostas com o objetivo de permitir o agrupamento dos resultados afins e a construção dos gráficos comparativos ; efeito idêntico é obtido, no Excel, pela seleção de uma forma diferente (linha / coluna) de se combinarem as informações de uma tabela.

Cabem ainda duas palavras sobre os perfis elaborados a partir das tabelas de dados numéricos: em primeiro lugar, notam-se, de maneira geral, tendências claras e inegáveis de aumento, de manutenção ou de decréscimo das médias de frequências por século, mas não de todas ao mesmo tempo – o que, indica, com elevado grau de segurança, a propriedade das classes e a regularidade de sua aplicação. Por outro lado, alguns pontos excêntricos

diminuem o grau de ajuste de uma curva polinomial¹¹, mas é natural que haja um ou outro dado que aumente a dispersão do grupo. Esse efeito individual pode ser reduzido, como visto, graças à ampliação longitudinal (para alcançar outros séculos) ou transversal (utilizando-se outros textos como fonte de ocorrências) da base de dados, o que leva a uma diluição das proporções particulares a cada texto e a uma aproximação de uma tendência de conjunto.

A fim de demonstrar o efeito produzido pela inserção de pontos adicionais nos extremos do intervalo de amostragem, pode-se conduzir um teste que envolve o cálculo sucessivo de RRLs para amostras de tamanho crescente. Na figura abaixo, utilizam-se os dados de frequência de orações subordinadas em espanhol, sistema que tem o intervalo de amostragem mais longo neste estudo. A primeira RRL (em magenta) foi traçada considerando-se apenas os dois primeiros séculos; a segunda (em azul), os três primeiros, e assim por diante, até a sétima (em vermelho), que considera os dados de todos os oito séculos da amostra. Notam-se claramente a) a progressão das inclinações das retas, conforme indicação feita pelas setas em cinza, de maneira a se aproximarem as RRLs daquela que reúne todos os valores de frequência, e b) o salto provocado pelo ponto referente ao século XV, que distoa dos demais – mas não impede o ajuste gradual das iRRLs. É óbvio, portanto, que os intervalos de amostragem mais longos são mais

¹¹ Retas de regressão linear e curvas que se ajustam aos pontos dos gráficos são traçadas automaticamente pelo MS Excel, que permite adequar o grau de refinamento das curvas de tendência. Nota-se, na figura abaixo, que as retas de regressão e curvas de segundo grau (do tipo $ax^2 + bx + c=0$) mostram mais claramente as tendências do conjunto de dados, mas podem não se ajustar perfeitamente aos valores numéricos, desprezando as oscilações representadas por pontos que escapam à tendência do grupo; por sua vez, curvas mais complexas (do tipo $ax^3 + bx^2 + cx + d = 0$) se ajustam melhor aos dados, mas sua construção enfatiza aspectos pontuais, e não o comportamento do conjunto.



um ponto ao final do intervalo: no primeiro gráfico, a ausência de pontos nos séculos XXI e XXII leva a uma projeção sempre crescente para a curva azul, enquanto as demais tendem a diminuir; se se acrescenta um ponto hipotético (equivalente à média dos valores dos séculos XIII a XX) no século XXI, a projeção se reverte para a maioria das curvas no segundo gráfico. Observação idêntica pode ser feita diante da possibilidade de expansão da amostra de maneira a contemplar os séculos anteriores ao XIII.

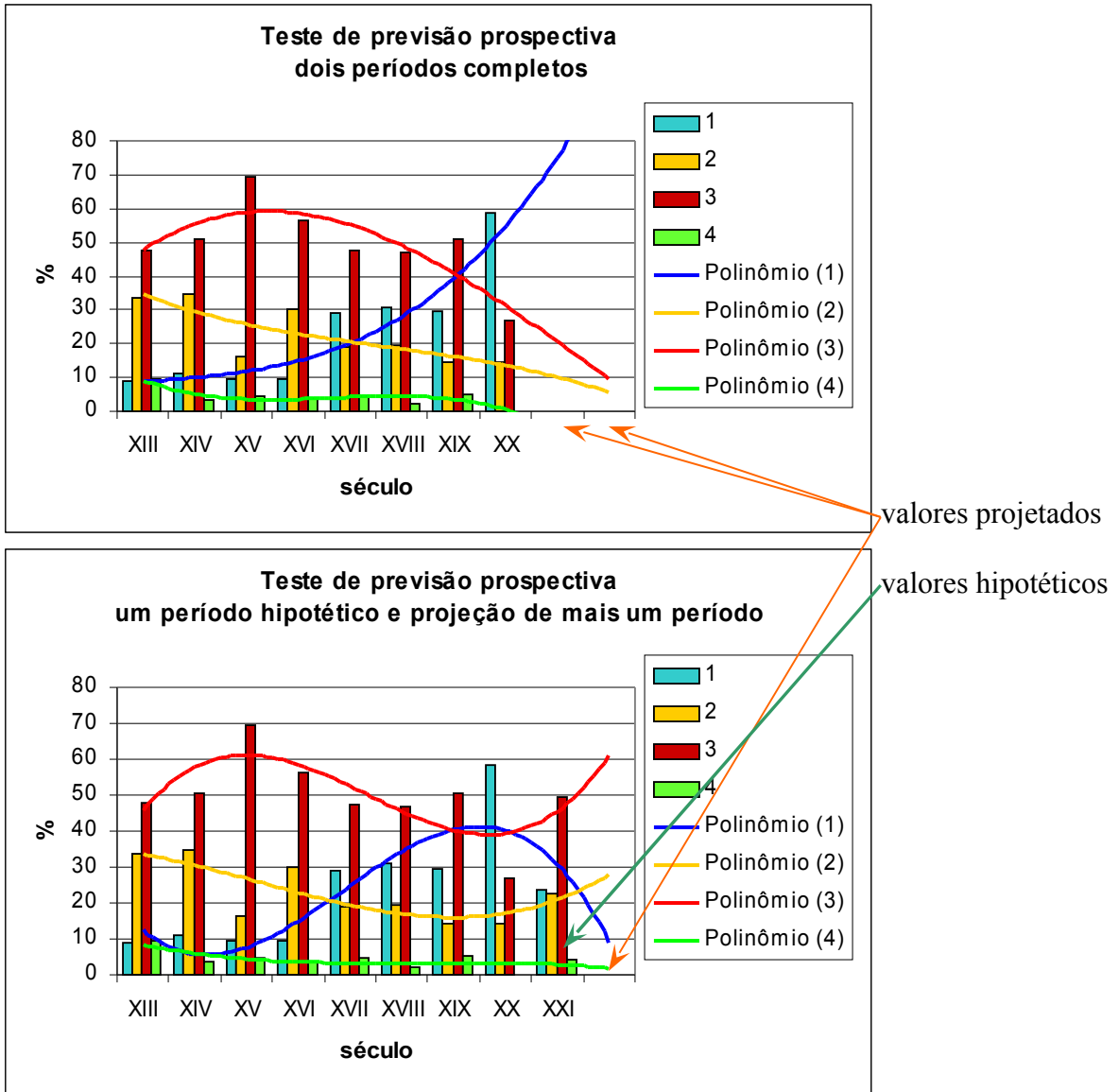


Fig. PN.7 – demonstração da sensibilidade das regiões periféricas da amostragem no traçado de curvas de tendência. No segundo gráfico, os valores plotados no século XXI são hipotéticos e equivalentes à média dos valores dos séculos anteriores, e provocam alteração nos perfis das curvas de tendência no final do intervalo.

Tratamento numérico das ocorrências: o corpus português

As ocorrências do corpus português se distribuem, segundo a ordem dos constituintes, em torno de quatro categorias sintáticas principais. As freqüências absolutas se concentram preferencialmente em torno das ordens **a** (SV !, **i** (V !, **g** (SV! e **h** (VS!, e o corpus português apresenta, por "e#es, comportamentos diferentes para esses subconjuntos de ocorrências: por exemplo, a categoria **a** (SV ! tem i&& ' positi"a em italiano e em espan(ol (q.". adiante!, apesar de ser negati"a ()*,+*! em português, \$á a classe **i** (V ! tem i&& ' negati"a para os três corpora, mas é mais alta em português (-,..! do que nos outros dois sistemas, e contribui para a inclina/0o ele"ada da classe 1V 2. As categorias **g** (SV! e **h** (VS! têm, respecti"amente, i&& ' s iguais a *,3. e),45.

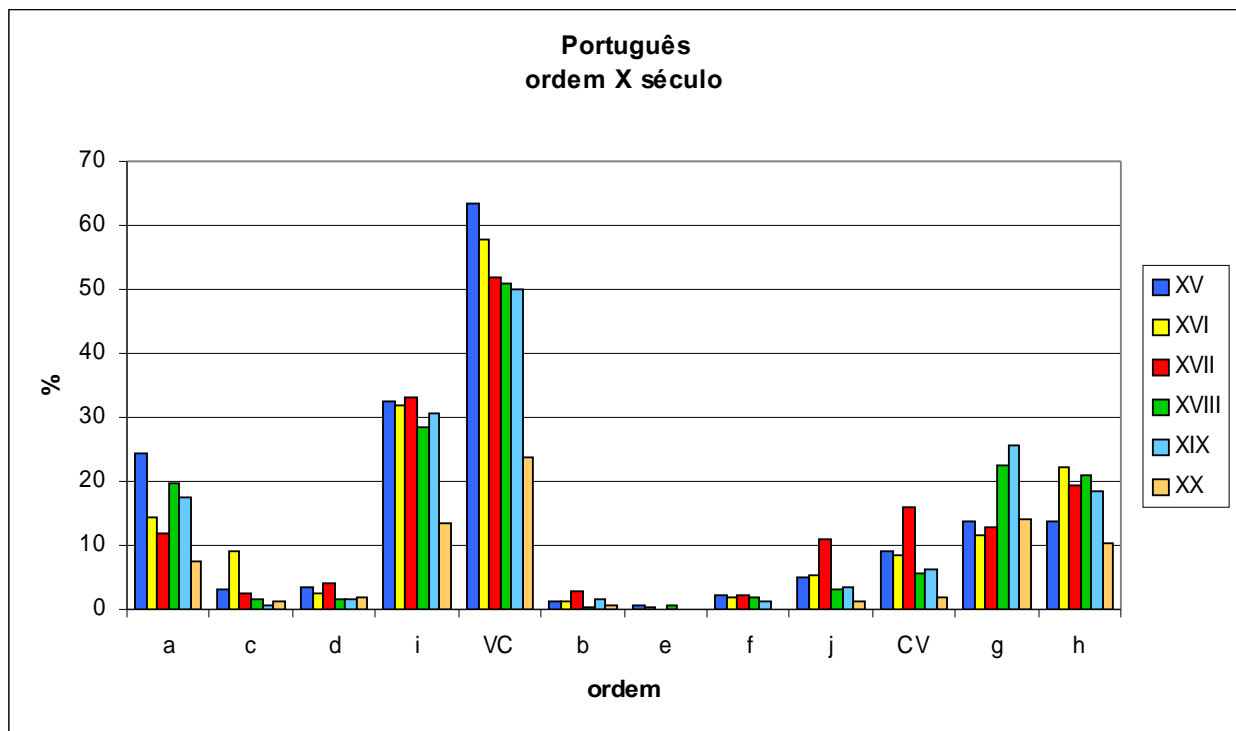


Gráfico 7* 8 distribui/0o geral das ocorrências segundo a ordem dos constituintes.

9 interessante obser"ar, nesse gráfico geral, as propor/ :es absolutas de ocorrência das classes do fator utilizado na análise tipol;gica (cf. Greenberg *+<<!: a ordem **a** (SV ! corresponde, na "erdade, ao grupo mais freqüente dentre os que apresentam os três constituintes

S)V) , mesmo atingindo "alores abai%o dos - . = de freqüência absoluta. As ordens **i** (V !, **g** (SV! e **h** (VS!, que implicam a ocorrência de apenas um dos argumentos do "erbo, têm, comumente, freqüências mais ele"adas que as de **a** (SV ! no corpus analisado. >m outras pala"ras, se a defini/0o de perfis n?tidos de decréscimo ou de aumento de freqüências no corpus é considerada indicati"o a! de representati"idade da l?ngua pelos te%tos e b! de fen@menos de mudan/a nesse mesmo corpus, o gráfico 7* mostra que o português é, de fato, caracteri#ado por uma ordem **a** (SV ! decrescente, entretanto, a despeito disso, sempre foi **i** (V ! por e%celência e tem)se transformado num sistema predominantemente **g** (SV! A **i** (V !, em que (á preferência pela e%pressão de apenas um dos argumentos do "erbo. >m lin(as mais gerais, isso indica claramente a necessidade de se trabal(ar com freqüências normalizadas (q.". se/0o que trata da Metodologia! em estudos que focali#em a mudan/a tipol;gica, uma "e# que as ordens de **a** (SV ! a **f** (VS!, que correspondem Cs combina/:es dos três constituintes S)V) , não representam todas as possibilidades de estrutura/0o de ora/:es que os en"ol"em.

D cru#amento desse critério de classifica/0o das ocorrências com os demais fatores produ# indica/:es interessantes sobre o alcance da mudan/a em português. 7rocedemos, inicialmente, C "erifica/0o da interse/0o de ordem e de agentividade, que forneceu os perfis sumari#ados no gráfico 7E abai%o. Festaca)se, no mesmo, a predominGncia das associa/:es A(e 7n para os grupos 1V 2 e 1 V2, paralelamente C bai%a e%pressi"idade das combina/:es An e 7((sistematicamente abai%o dos *. = !. Ds comportamentos dos grupos mais comuns na amostra 8 e que também são as classes protot?picas para agente e para paciente 8 são resol"idos por regressão linear, obser"ando)se facilmente que as freqüências de ambos são idênticas: i&&' (A(! H)E,*I, i&&' (7n! H)E,* . Fito de outro modo, as constru/:es que en"ol"em "erbos em que não se identificam agente nem paciente, como as apresentadas abai%o, são cada "e# mais comuns no corpus.

Jno seculo seguinte \$á nen(uns "estigios delle resta"amJ 1 astelo de Karia, séc. LML2
JF%a(i partia um amplo corredor, ornado com as pe/as ricas de OemficaJ 1 Baias, séc. LML2
Ja popula/0o subia até os tel(adros, e pendia, como cariátides, das tel(asJ 1 Ser : es, séc. LL2
Ja prete%to de que a capital espan(ola se encontra ... no centro geométricoJ 1 Pangada de 7edra, séc. LL2

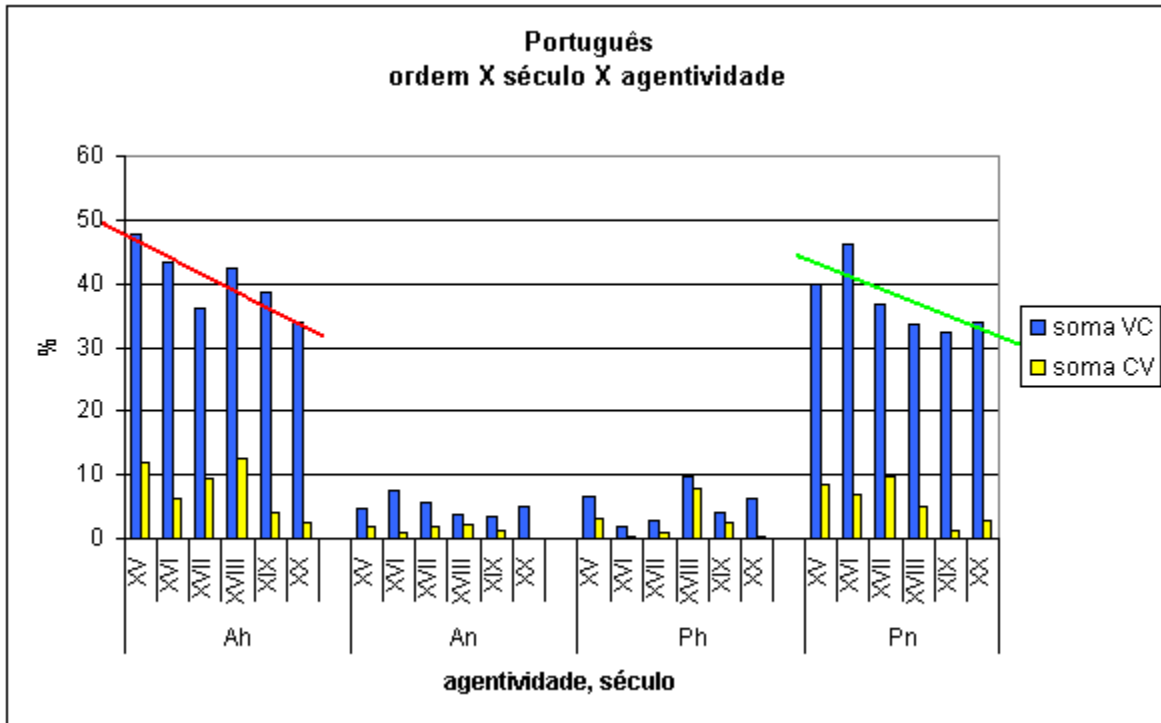


Gráfico 7E 8 distribui/0o das freqüências relati"as gerais em fun/0o da agenti"idade.

7assamos, em seguida, C obser"a/0o do comportamento das subclasses sintáticas mais freqüentes no que toca C agentividade, cu\$o perfil é apresentado nos gráficos 7-.

Apesar de o perfil geral de a (SV ! se refletir na predominGncia de A(e de 7n, nota)se que esses dois subconjuntos mais freqüentes têm ta%as de decréscimo (i&&'(A(! H).,E+, i&&'(7n! H).,5I! inferiores Cs apresentadas no gráfico 7E acima. Isso sugere que a subclasse a (SV ! acompan(a a e"olu/0o do conjunto, mas n0o é a principal responsável pela diminui/0o sens?"el das freqüências das combina/:es A(e 7n.

S0o e%emplos de ocorrências associadas a essa classe:

com astella. eu quero ordenar (uvas festas rreaes que durem todo (um anno 1 euta LV2 e o mesmo 7aio 6 uterres restaurou o mosteiro de Tib0es e \$a# sepultado 1 ondeFQenr LVMM2 os reis e os "assalos dei%am "oluntariamente os seus reinos e as suas pátrias 1MI (Amor LVMMM2

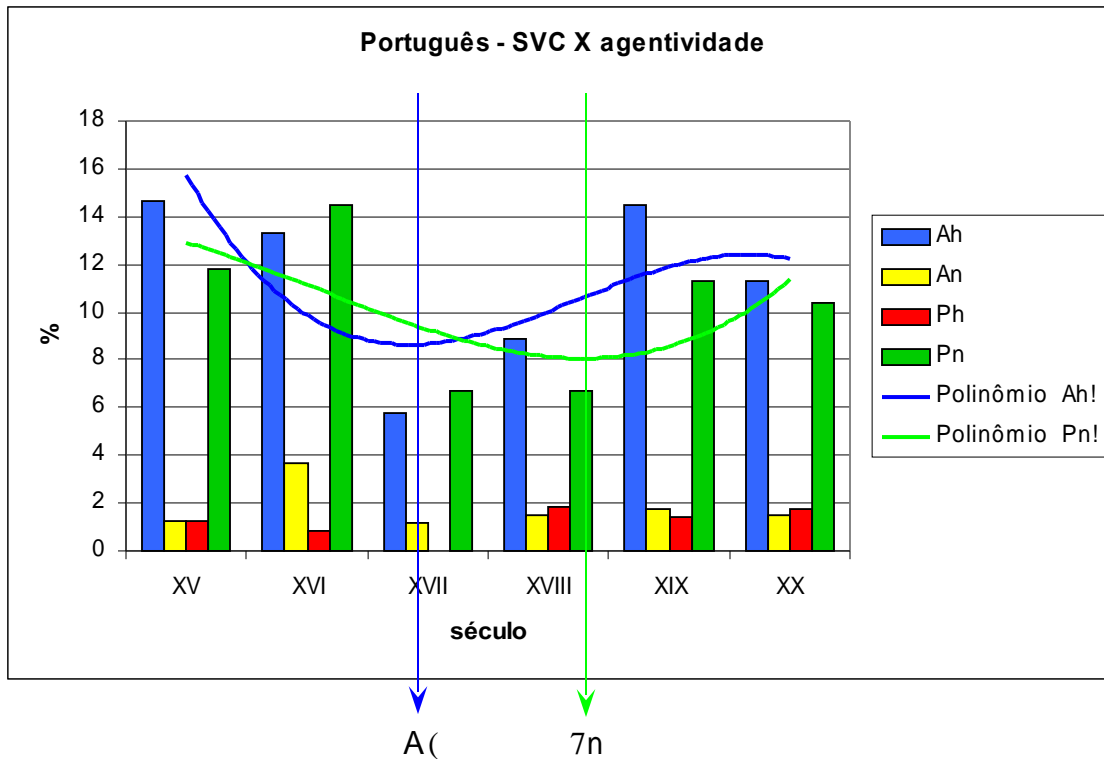


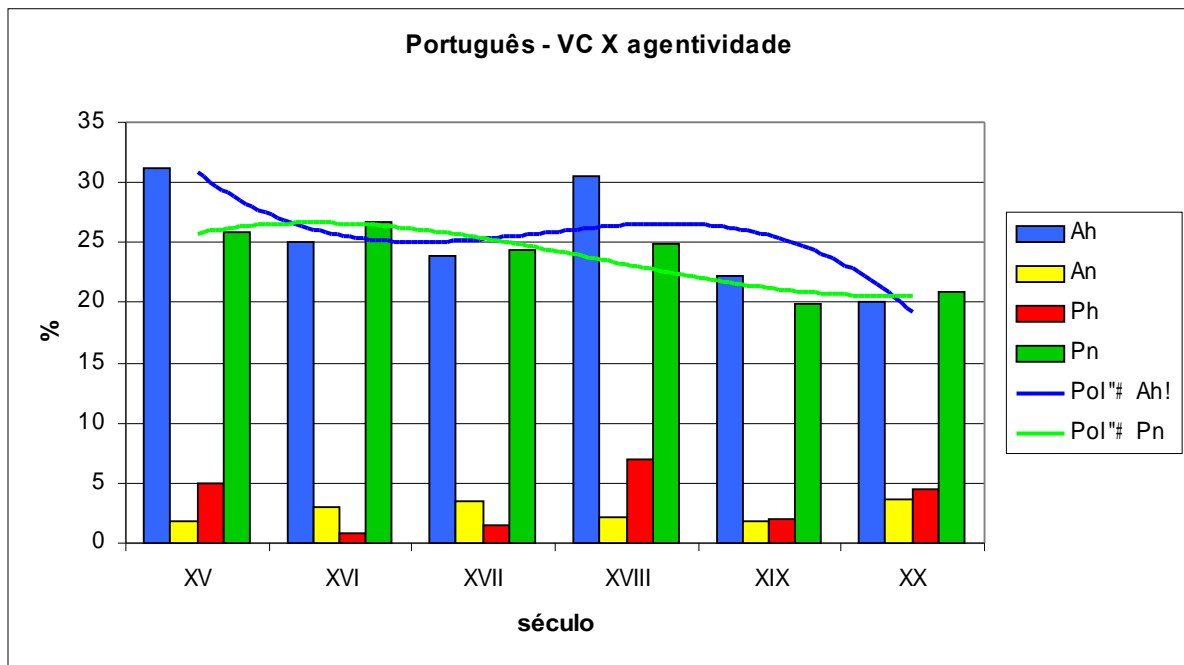
Gráfico 7-a 8 distribui/0o das freqüências relati"as de SV em fun/0o da agenti"idade.

Dutra das categorias mais e%pressi"as é i (V ^{*E!}, cujo comportamento na amostra é tradu#ido no gráfico 7-b abaixo. 9 imediatamente percept?"el o decréscimo das classes mais proeminentes, a e%emplo do que se disse para a (SV ! acima, entretanto, pode)se obser"ar que as inclina/ :es das retas que resol"em a e"olu/0o dessas mesmas categorias s0o maiores do que a média para o con\$unto. Isso indica que, em termos do fator agentividade, a subclasse i (V ! é uma das principais determinantes do comportamento de 1V 2, o grupo que l(e é (om@nimo. Além disso, a freqüência relati"a dessa subclasse é da ordem do dobro da obser"ada para a (SV !, o que confere também maior peso ao perfil do gráfico 7-b. Ve\$a)se ainda que os perfis das cur"as para as classes mais comuns, A(e 7n, n0o s0o coincidentes, e que a cur"a de A(parece ter um per?odo menor que o de 7n.

>%emplos de ocorrências associadas ao tra/o i (V ! s0o:

quando com ella suprimos o .m. com que formamos alguns dip(t : gos 1FR ' i0o LVM2 o qual aranca"a do fundo mol(os de er"a que era a que fa#ia a dita aparencia 17ePer ' obo LVM2 arripiando)se, rindo, ao metter o pésin(o n!agoa 1Baia LML2

^{*E} conforme obser"ado C pág. -<, trata)se, aqui, da classe i (V !, e n0o de 1V 2, a somat;ria de todas as ocorrências que "erificam a anteposi/0o de V a .



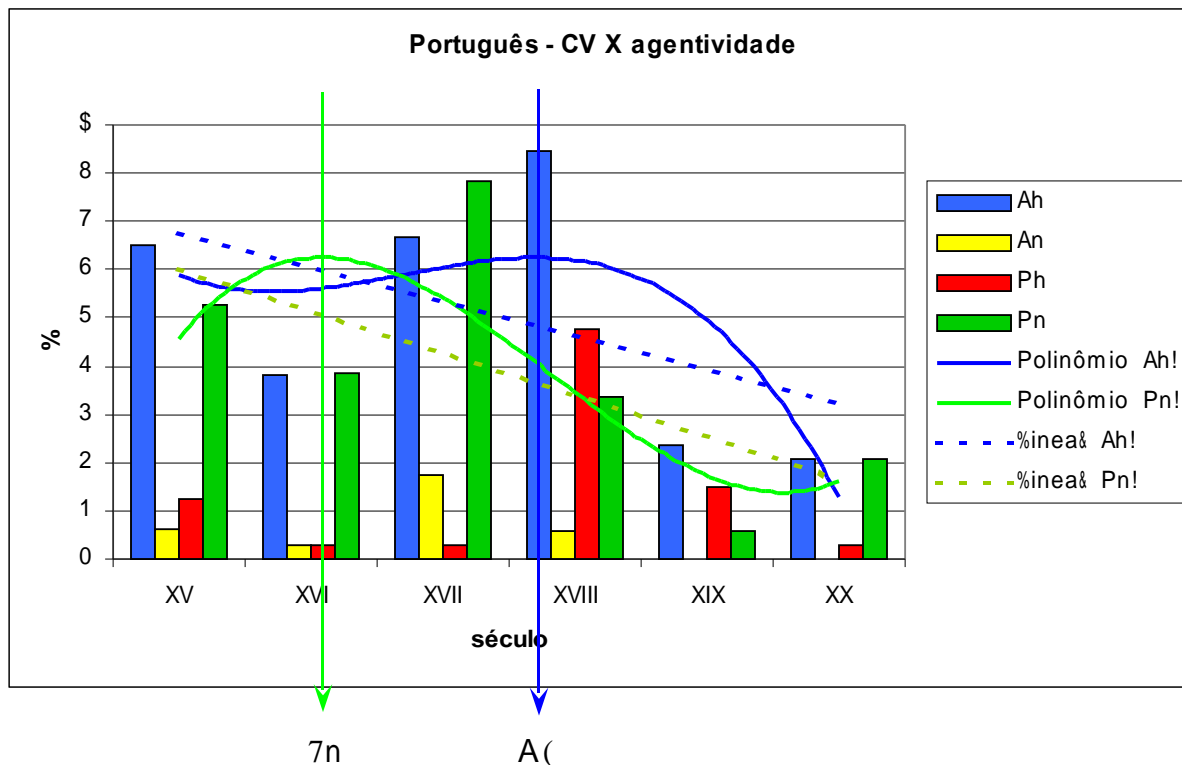


Gráfico 7-c 8 distribui/0o das freqüências relati"as de V em fun/0o da agenti"idade.

As categorias cuço complemento "erbal n0o é e%presso 8 apresentadas nos gráficos 7-d e 7-e abai%o, e correspondendo Cs ordens mais freqüentes, cf. Gráf. 7* acima 8 mostram tendências mais distintas em fun/0o da agenti"idade, sugerindo a rele"Çncia desse fator para a defini/0o do comportamento diacr@nico dos ambientes sintáticos.

A ordem g (SV! mostra um perfil mais simétrico para 7n do que para A(, que tem, no século LML, um má%imo absoluto da ordem do dobro da média dos demais te%tos, em decorrência do fato de estar no final do inter"alo de amostragem, esse ponto for/a a reta de regress0o linear para cima, de maneira que ela ten(a inclina/0o positi"a 8 contrária, portanto, ao perfil global obser"ado no corpus. Besmo o con\$unto 7n apresenta um perfil de inclina/0o bastante modesta, sugerindo tratar)se antes de uma tendência para essa fatia das amostras, e n0o de uma distor/0o do padr0o de comportamento dos dados face C sele/0o de te%tos e%çêntricos.

S0o e%emplos de ocorrências desse tra/o:

podemos dizer que a maioria das /inco /idades são ditas a que elles c(amar0o ' isibona) KernDli" LVM

Agora vamos ver em por mar todos os dias em odres) 7ePer' obo LVM

inesperadamente, arlos apareceu em ' isboa com um arc(itecto)decorador) Baias LML

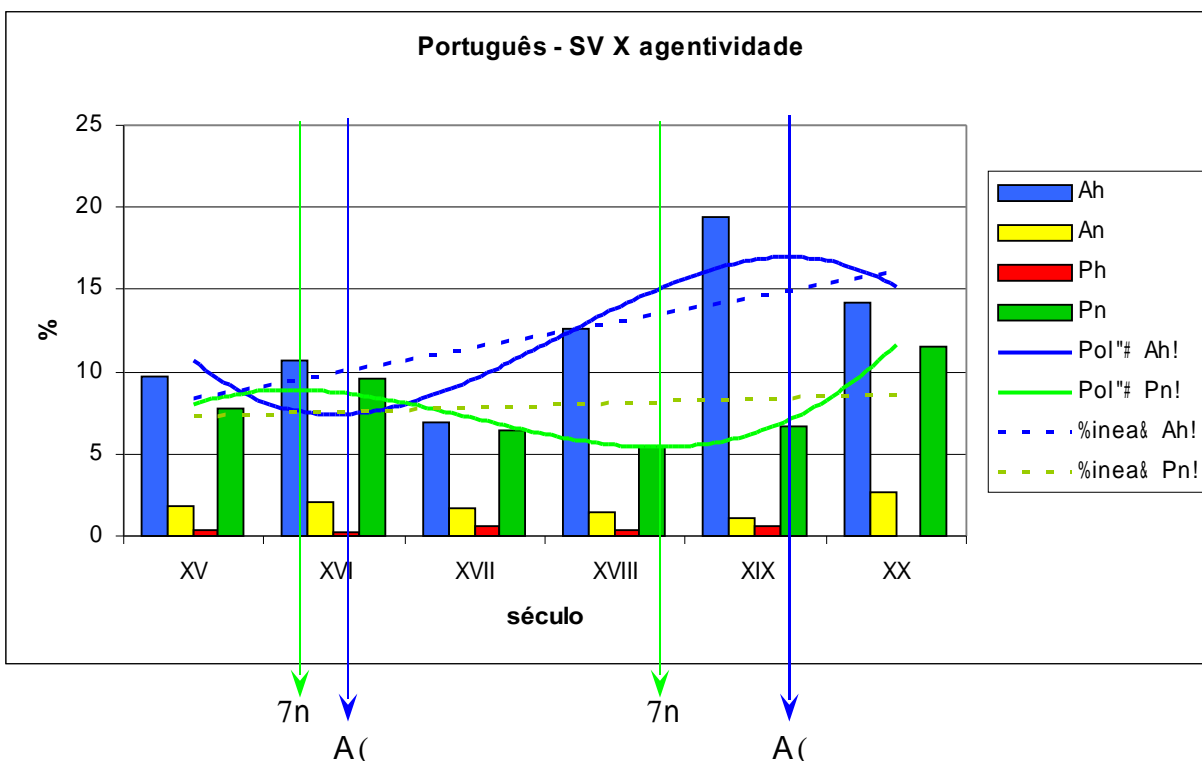


Gráfico 7-d 8 distribuição das frequências relativas de SV em função da agentividade.

As ocorrências da ordem VS associadas a A(e a 7n também têm uma distribuição decrescente ao longo do tempo, verificando-se um perfil igualmente distinto daqueles dos gráficos 7-a a 7-c: as séries A(e 7n correm paralelas em quase todo o corpus, mas os valores iniciais são sensivelmente mais baixos que os intermediários e finais. Isso faz com que ambas apresentem tendências que sugerem a manutenção das médias absolutas de ocorrência, a despeito de sua flutuação moderada.

São exemplos desse caráter no corpus português:

quando entre duas vogais em (ua consoante) FR' i0o LVM

Apareceu o sol sobre o (ori#onte) MI(aAmor LVMMM

formidáveis parangonas, Rasceu a Rocha Atlântida, Rocha Ladre# Bundial) Pang7edra LL

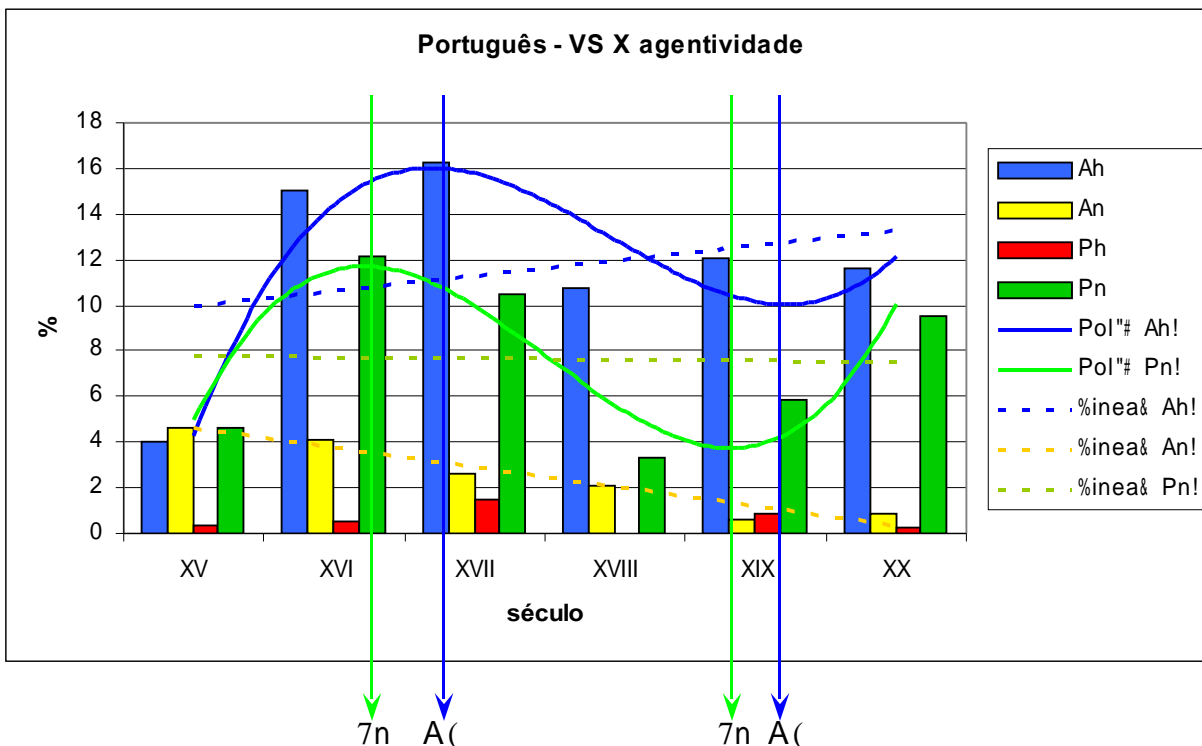


Gráfico 7-e 8 distribuição das frequências relativas de VS em função da agentividade.

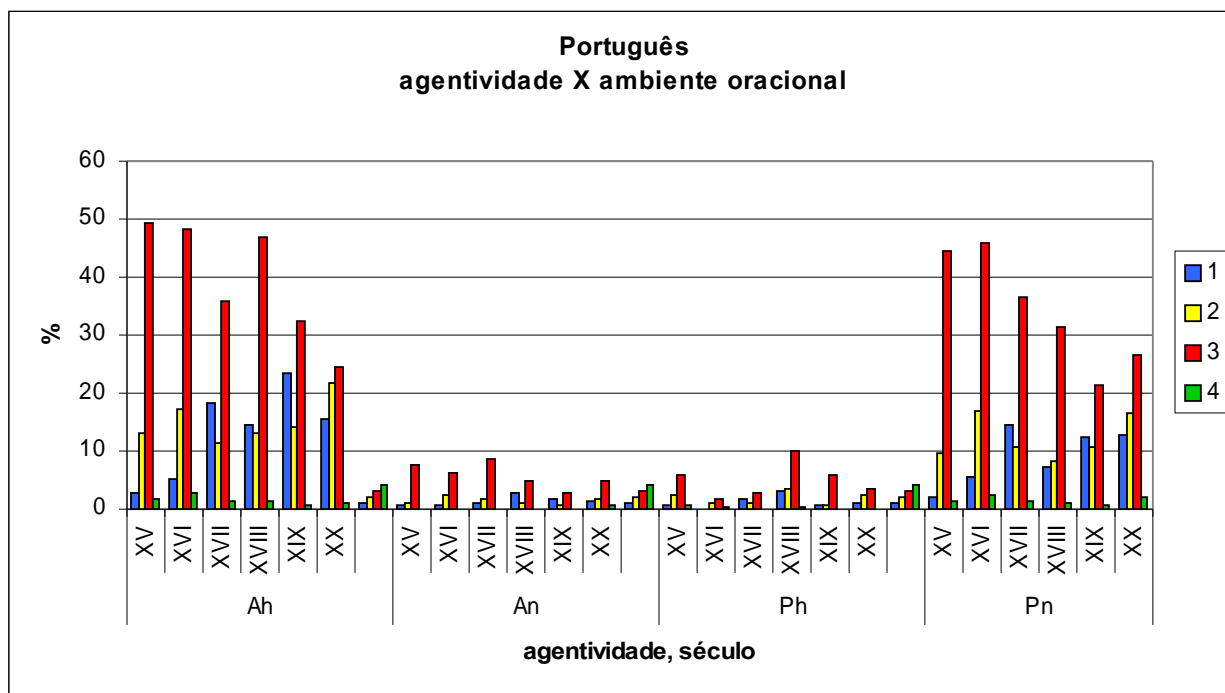
A regressão linear das subclasses mais comuns no corpus mostra ainda que os dois blocos de ocorrências não apresentam a mesma taxa de diminuição observada para todo o conjunto (cf. gráfico 7E acima!, aliás, a reta que resolve A() é sub(ori#ontal, indicando uma tendência distinta da global, que é crescente).

>m lin(as mais gerais, a combinação dos tra(os ordem de constituintes e agentividade le(a tendências bem definidas, como mostra a tabela abaixo, apesar de (a(er flutua(: es nas frequências absolutas de cada subclasse, pode(se identificar uma queda nas propor(: es em que as classes 1V 2 ocorrem (em consonância com o e(posto nos Gráfs. 7* e 7E!, e aumento ou estabilidade das ordens que não têm o complemento " erbal e(presso. 7ara a ordem mais comum dentre as que possuem os dois argumentos " erbais e(pressos, a (SV !, (á um m(nimo da cur(a polinomial A(que antecede tanto a mudança de AR para RA (que teria ocorrido no século LVMMM, cf. o(en *+I<†*++.! quanto o m(nimo da cur(a 7n, entretanto, a " aria(o nas frequências dessa classe a (SV ! no corpus português é demasiado restrita para permitir ad(ogar uma rela(o clara entre os fatos internos ao SR e esses pontos de m(nimo do Gráfico 7-a (como proposto por anale *++E!).

ordem	A(7n
a (SV !	↘	↘
i (V !	↘	↘
§ (V!	↘	↘
g (SV!	↗	→
((VS!	↗	→

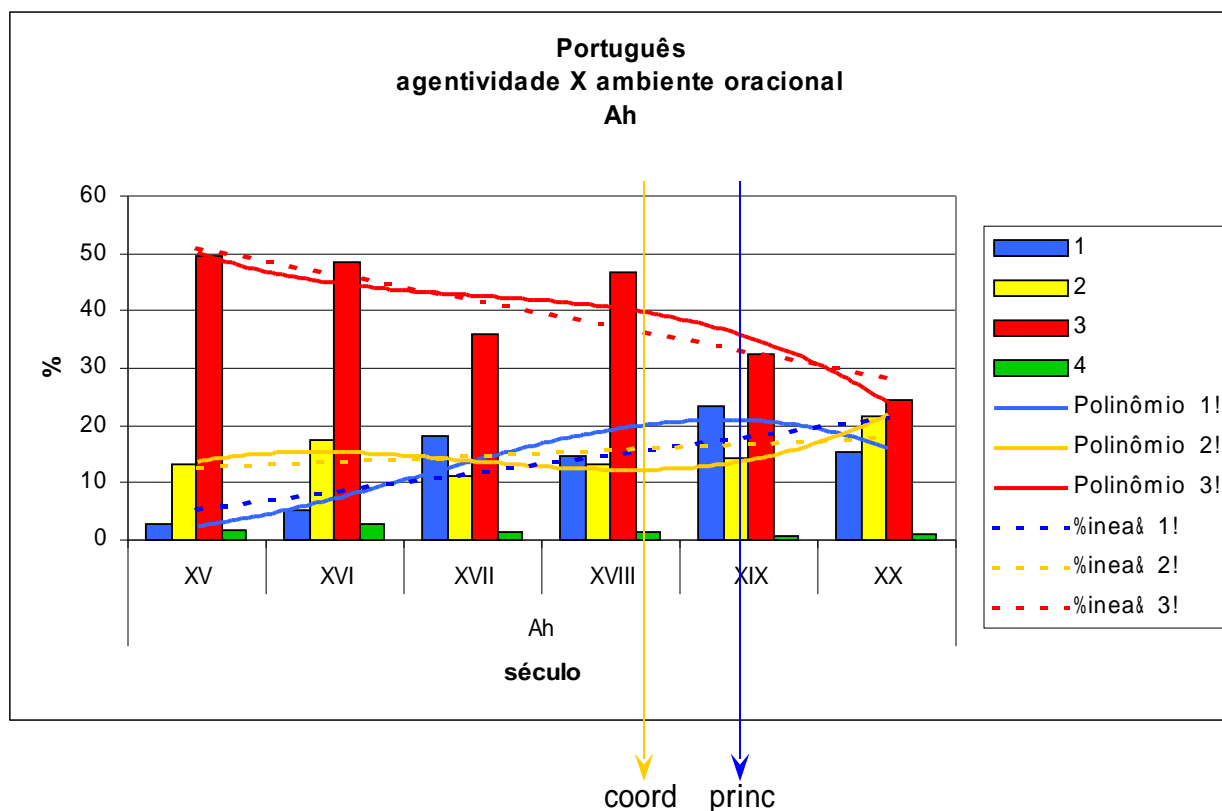
Tabela 7* 8 tendências gerais das classes dominantes de agentividade segundo o ambiente oracional.

Uma obser#a/0o mais refinada é oferecida pelo cru#amento dos fatores agentividade e ambiente oracional, especificando)se subclasses mais propensas C altera/0o das freqüências absolutas. Temos, ent0o, o desdobramento dos subcon\$untos A(e 7n em três grupos principais, cu\$os comportamentos s0o distintos: o das ora/:es subordinadas 8 o mais freqüente 8 apresenta um perfil decrescente, enquanto o de ora/:es principais e o de coordenadas mostram perfis sub(ori#ontais ou crescentes. As séries de gráficos 75 e 73 sumari#am todas as informa/:es pertinentes C combina/0o desses dois critérios.



Pá foi obser"ado em 75a que o perfil das ora/:es subordinadas é diferente daquele relati"o Cs demais. Fe fato, para a classe A(, as subordinadas apresentam i&&' negati"a ()5.3+!, enquanto as principais e as coordenadas têm inclina/:es positi"as (i&&' (1! H -.E<, i&&' (2! H *..*!. 9 interessante obser"ar que as médias de freqüência de ora/:es principais ultrapassam as de ora/:es coordenadas no meio do inter"alo de amostragem, mas estas "oltam a gan(ar espa/o no"amente no século LL. Fados os "alores das i&&'s, as propor/:es iniciais e a e%tens"o temporal da amostragem, as três cur"as con"ergem no final do per?odo considerado, indicando um estágio transit;rio de quase)equil?brio entre os subconjuntos de ocorrências. Ds e%emplos apresentados abai%o foram col(idos no corpus:

*) AponteV isto para que desta nossa propria S natural nobre#a) KernDli" LVM
E) e em presen/a dos condes ... firmou a doa/0o que ten(o) ondeFQenr LVMM
-) inquieta/0o em que sem dW"ida "os tem posto a incerte#a) MI(aAmor LVMMM
5) e representando um grande ramo de girasoes atado por uma fita) Baías LML



6 gráfico 75b 8 distribui/0o das ocorrências para a classe A(segundo o ambiente oracional.

Apesar de as conformações das curvas para 7n mudarem ligeiramente, mantêm-se as tendências já assinaladas no gráfico 75b: (a) presença das orações subordinadas (no gráfico, correspondentes à classe 3) em todo o corpus, mas as médias de frequência absoluta dessas orações tendem a decrescer para o traço 7n. Em contrapartida, as médias de orações principais (no gráfico, correspondentes à classe 1) e coordenadas (no gráfico, correspondentes à classe 2) tendem a aumentar, fazendo, mais uma vez, com que a desproporção entre esses subconjuntos de ocorrências diminua. Nota-se ainda que o período da curva de coordenadas é menor que o de subordinadas, i.e., as mudanças se processam mais rapidamente naquelas do que nestas.

Tomem-se os exemplos seguintes:

- *) Isto digo segundo minha tenção real em LV
- E) pronunciá-lo de maneira, que fica com a vogal precedente) FR 'i0o LVM
-) assim onde os turcos tem (uma força bem fraqua de pedra) 7ePer 'obo LVM
- 5) atX que >I&eV... mandou publicar, e apregoar guerra geral) 7rincFPo0o LVMM

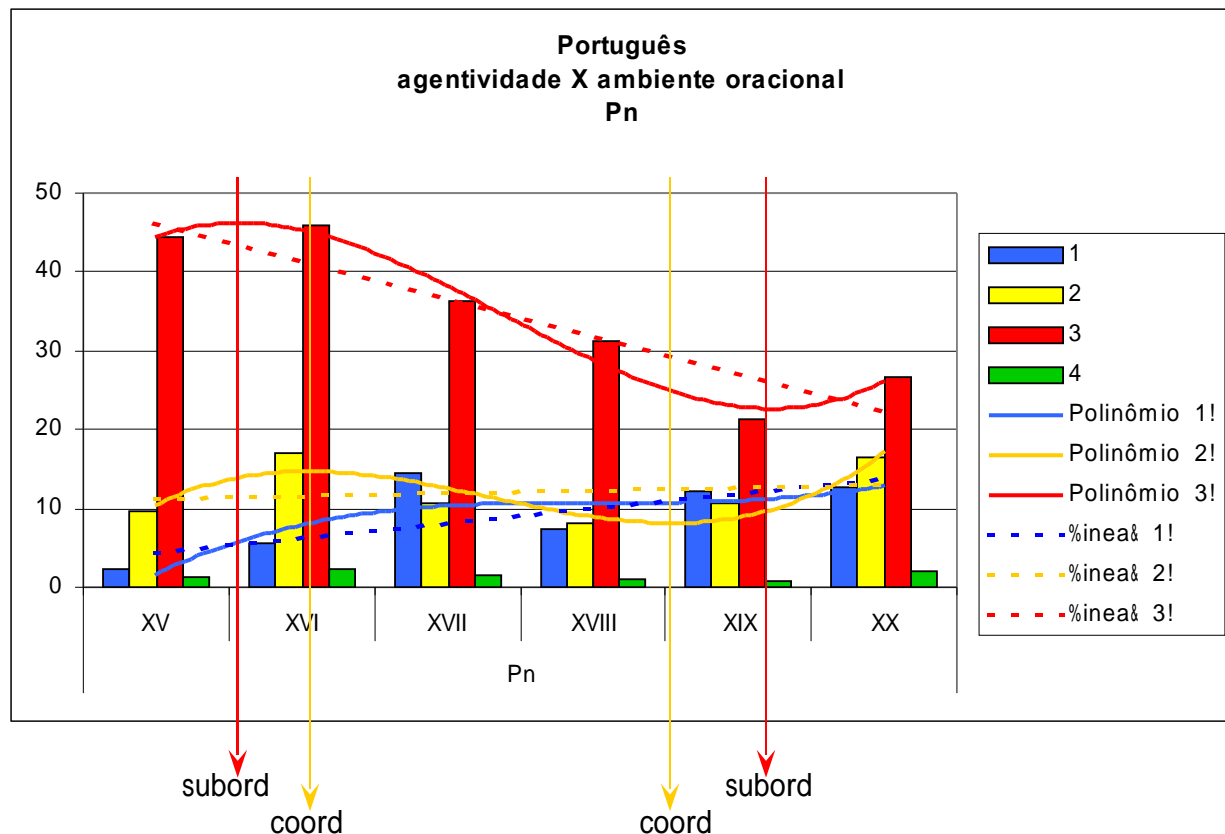


Gráfico 75c: Distribuição das ocorrências de 7n segundo o ambiente oracional.

>m resumo, as tendências decrescentes para A(e 7n (cf. 6ráf. 7E! são determinadas pelas i&& 's das ora/ :es subordinadas, cu\$a perda em termos de freqüência n0o é equilibrada pelo aumento das ora/ :es principais e coordenadas. >sse é um indicati"o de que o ambiente oracional desempen(a um papel importante na distribui/0o das subclasses de agentividade 8 o que, de fato, transparece na Tabela 7E abai%o: a análise dirigida pelo ambiente oracional, que corresponde C aprecia/0o segundo as lin(as da tabela, mostra um padr0o 8 especialmente para ora/ :es principais (cu\$as freqüências aumentam! e subordinadas (cu\$as propor/ :es absolutas diminuem! 8 que será e%plorado nos 6ráficos 73. 7or outro lado, a análise dirigida pela agentividade, i.e., a leitura "ertical da tabela, n0o mostra um padr0o igualmente ordenado. >m qualquer dos casos, n0o (á ind?cios claros de que a mudan/a no SR ocorrida no século LVMMM (o(en *+I<T*++ .!, de AR para RA, foi antecedida de uma altera/0o clara nas propor/ :es das classes mais freqüentes de agentividade, por "e#es (a e%emplo das ora/ :es principais em 75b e o de subordinadas em 75c!, os pontos cr?ticos das cur"as são posteriores ao século LVMMM, mas as rela/ :es causais e temporais entre esses fen@menos merecem estudos posteriores. >m outras pala"ras, os dados do corpus português indicam, até o momento, que a ordem dos constituintes A e R é independente, nesse inter"alo, do caráter 1Y(umano2 de agente e de paciente. Msso n0o refuta, naturalmente, a obser"a/0o de que fen@menos de ordens di"ersas possam se processar concomitantemente.

ambiente oracional	A(7n
* (or. principais!	↗	↗
E (or. coordenadas!	↗	→
- (or. subordinadas!	↘	↘

Tabela 7E 8 tendências de distribui/0o das ocorrências segundo os fatores agentividade e ambiente oracional.

A inserção dos fatores combinados nos gráficos 75 acima mostra, portanto, o efeito do ambiente oracional na distribuição das classes de agentividade. No gráfico 73a, temos uma visão geral dessa sobreposição de critérios de classificação das ocorrências, e percebe-se facilmente que as frequências absolutas das classes prototípicas A(e An são praticamente equilibradas, século a século, em todo o intervalo em estudo, nesse ponto, não há alteração do padrão da língua em qualquer ambiente oracional, há que se continua atribuindo preferencialmente o traço A(umano ao agente, e A(umano ao paciente. Também transparece nesse recorte a propensão decrescente das classes associadas a ora/:es subordinadas diante dos perfis crescentes de ora/:es principais e coordenadas, ou seja, há uma tendência à simplificação das estruturas oracionais através da diminuição da (ipotaxe e concomitante elevação das proporções de ocorrência de estruturas paratáticas.

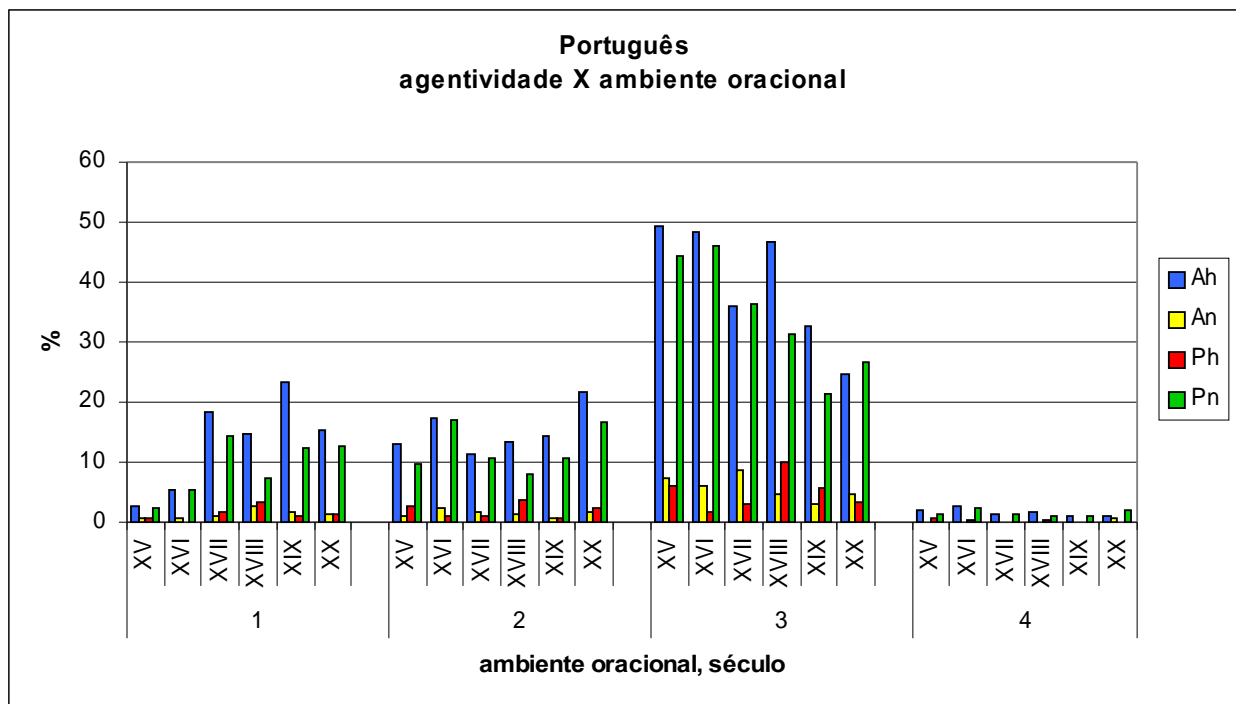


Gráfico 73a 8 panorama geral da distribuição das ocorrências segundo a combinação dos fatores agentividade e ambiente oracional.

om respeito ao ambiente oracional, obser"emos, em primeiro lugar, como se comportam as classes de agentividade nas ora/:es principais do corpus português. As duas categorias mais comuns, A(e 7n, têm má%imos absolutos de freqüência no século LML, os dois subconjuntos de ocorrências têm i&&'s positi"as (i&&'(A(! H -,E<, i&&'(7n! H *,I+!, ressaltando)se que as freqüências de A(aumentam mais rapidamente que as de 7n nesse ambiente oracional. Assinalei acima o fato de que as rela/:es entre os dois fatores são mais n?tidas em ora/:es principais e subordinadas, e, com efeito, percebe)se com clare#a o caráter ascendente das cur"as A(e 7n 8 que têm, inclusi"e, má%imos locais indubita"elmente lan/ados no século LML (posteriores, portanto, C mudan/a de AR para RA identificada por o(en *+I<T*++ .!. As ocorrências apresentadas abai%o são e%emplos desse tra/o:

A() com astella. eu quero ordenar (uvas festas rreaes que durem todo) euta LV
 An) D >stado da fortuna pode c: ceder ou tirar fauor aos estudos) KernDli") LVM
 7() (pois n0o consta que ti"esse aquêle fidalgo segunda mul(er!) ondeFQenr LVM
 7n) Sente)se alli o murmurar das aguas e a bafagem sua"e do "ento) astKaria LML

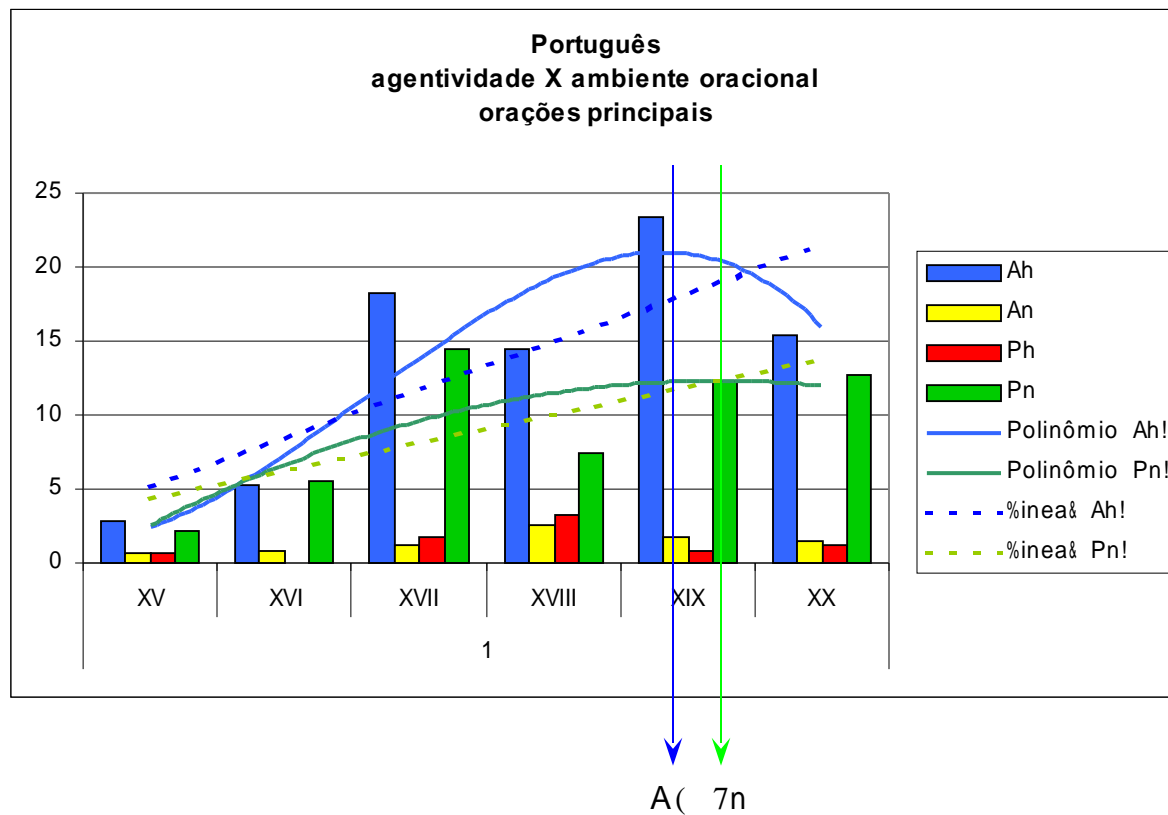


Gráfico 73b 8 distribui/0o das classes de agentividade para ora/:es principais.

Para as orações coordenadas, obtém-se um perfil diferente do anterior, apesar de as &'s também indicarem aumento discreto das médias gerais das classes mais frequentes: &' (A(H *, . *, i&' (7n! H., -4!. As curvas para esses subconjuntos de ocorrências mostram máximos locais praticamente coincidentes no século LVM, mas os mínimos locais apresentam uma defasagem mais n?ida.

A() > nos pelo contrario, nas dictas di/ :es sentimos (u som muito) FR ' i0o LVM
 An) mas de contino l(es tin(a ban(ado as rai#es a agoa salgada até meio) 7ePer ' obo LVMM
 7() Porém, alborotados os sentidos, a não podem ver nem ouvir) MI(aAmor LVMM
 7n) e as po"oa/ :es e os rios ... apresentam)l(e o panorama "ariadissimo) astfaria LML

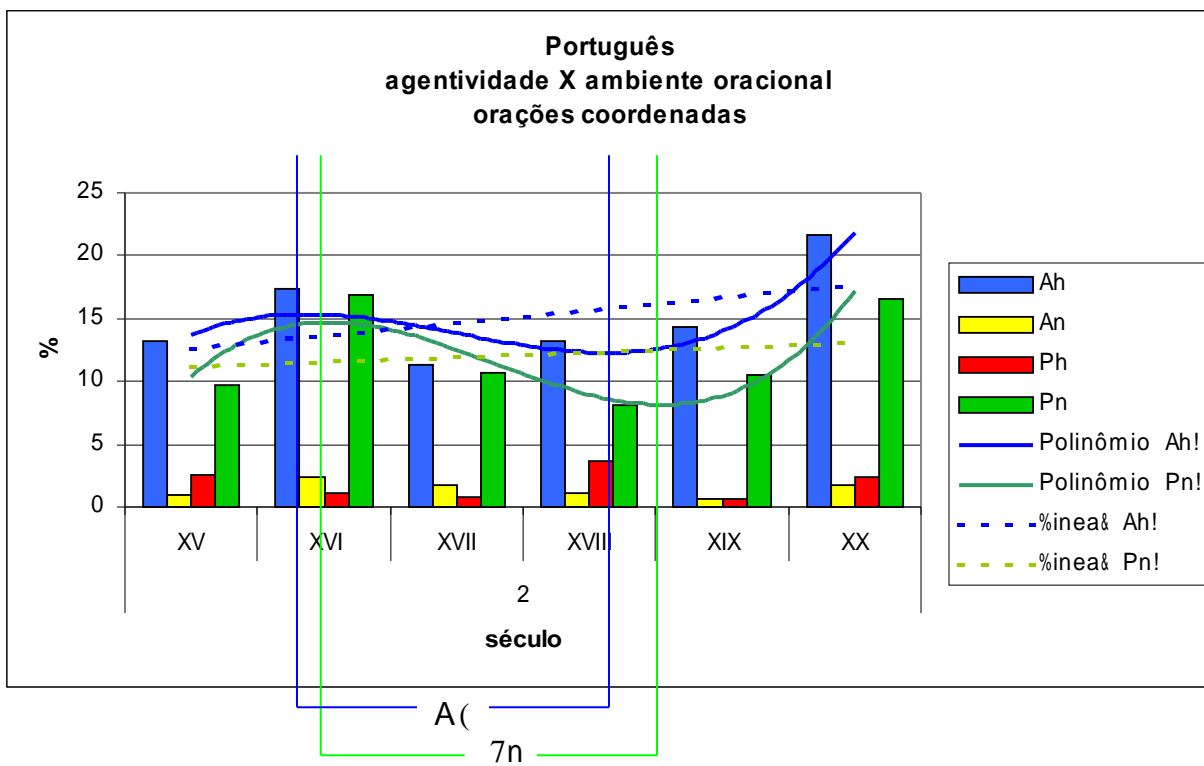


Gráfico 73c 8 distribuição das classes de agentividade para orações coordenadas.

Para foi mencionado acima (q.". Gráficos 75a e 73a! que as proporções de orações subordinadas diminuem no sentido positivo do eixo das abscissas, entretanto, é interessante notar que, dentre essas orações, os perfis de

O fator ambiente oracional aponta uma mudança na configuração geral da língua portuguesa, no sentido de um equilíbrio entre as proporções de orações principais (no gráfico, correspondentes à classe 1!, coordenadas (no gráfico, correspondentes à classe 2! e subordinadas (no gráfico, correspondentes à classe 3!). Em termos mais abrangentes, verificam-se, no corpus português, o aumento nas médias de frequência absoluta de orações principais (item 3.3!), a flutuação nas médias de frequência absoluta de orações coordenadas, com o aumento dessas proporções (item 4!), e a diminuição generalizada das médias de frequência absoluta de orações subordinadas (item 1!) ao longo de todo o intervalo de amostragem. Essa mesma tendência geral de decréscimo da frequência de estruturas (ipotéticas) é observada para os outros corpora tratados neste trabalho.

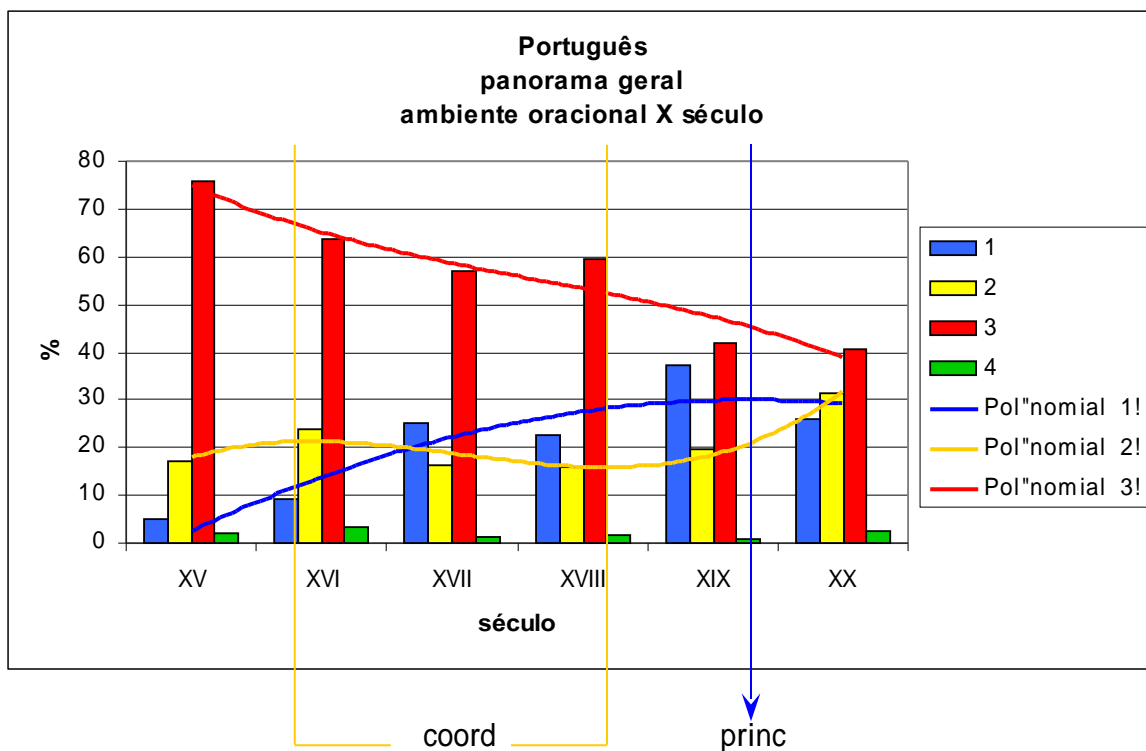
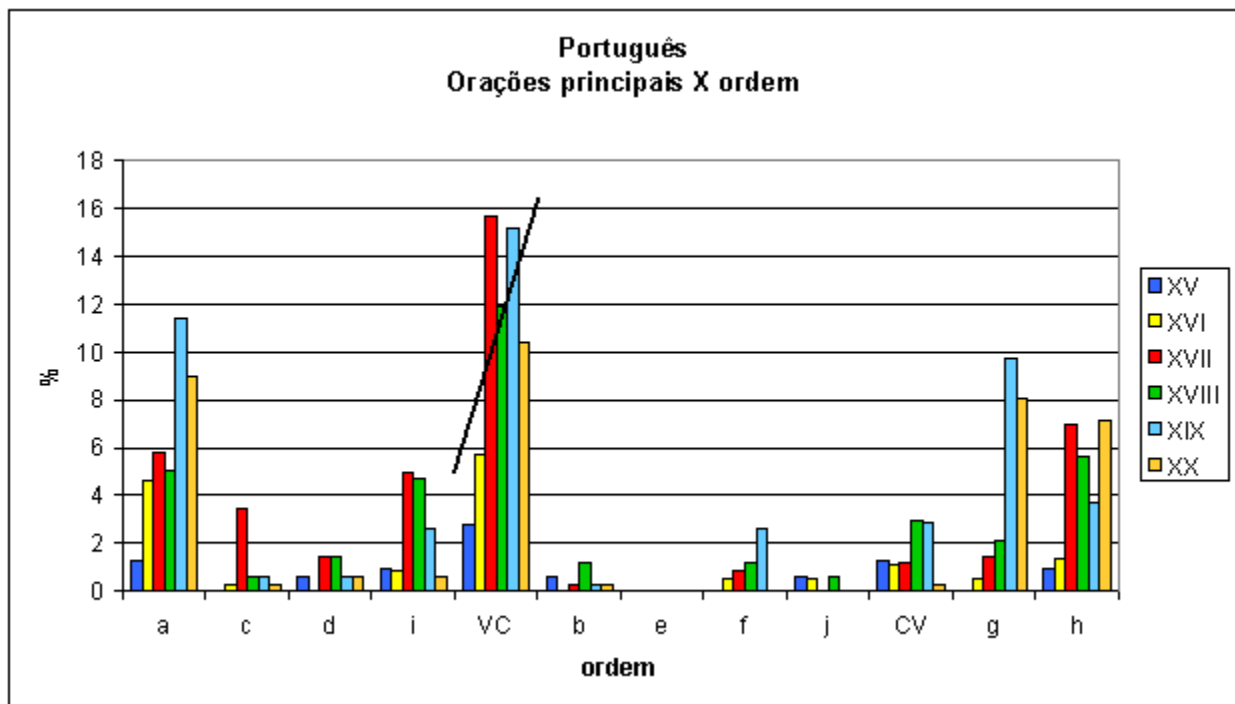


Gráfico 7.8 distribuição geral das ocorrências segundo o fator ambiente oracional.

D cru#amento dos fatores ambiente oracional e ordem le"a a perfis como os apresentados nos gráficos 7<a a 7<c, nos quais é poss?"el identificar uma tendência C especiali#a/0o de algumas ordens em certos ambientes. A partir do e%ame de 7<a, por e%emplo, percebe)se que, em ora/:es principais, a ordem 1V 2 é cada "e# mais freqüente (i&&' H *.4I, assinalada no gráfico! 8 e, dentro desse grupo, sobressai a subclasse SV (*.4<!, as combina/:es sintáticas em que o complemento do "erbo n0o é e%presso, g (SV! e h (VS!, também gan(am espa/o em ora/:es principais (i&&' (g! H *.+3, i&&' (h! H *..3!. Algumas ordens que ocorrem em ora/:es principais são e%emplificadas abai%o:

a (SV !) D cora/om pelos " sentidos fil(a principalmente amor) 'eal ons LV
c (VS !) onta diodoro siculo no seisto liuro da sua bliblioteca q foV) KernDli" LVM
d (V S!) com sua espada e poder real, fa"orecendo)o Feus, tomou) ondeFQenr LVMM
i (V !) Ides buscar, aventureiros, o verdadeiro gosto que Amor inspira) MI(aAmor LVMMM



6 gráfico 7<a 8 distribui/0o das freqüências relati"as da ordem de constituintes em ora/:es principais.

Em 7b, temos o mesmo aspecto geral apresentado no gráfico anterior: a classe geral 1V 2 predomina e tem inclinação levemente positiva (i.e. H...5!, o que também se passa com respeito às classes g e h (i.e. (SV! H...*, i.e. (VS! H...EE!, a escala de ordenadas tem ainda, para os dois gráficos, praticamente a mesma extensão, indicando que os valores máximos alcançados em ambos os gráficos se aproximam muito um do outro. Entretanto, a subclasse mais expressiva no grupo 1V 2 em orações coordenadas é i (V!, e não SV, como acontece em principais. Isso traço é ilustrado graças aos exemplos apresentados abaixo:

a (SV!) e a mal ordenada surge e cria muitos desacordos e palavras) 'eal ons LV § (V!) Zle... po...ou esta cidade e a sustentou com grande valor 8 onde FQenr LVMM g (SV!) mas elle deseja" (abitar sob tectos tradicionalmente seus) Baías LML (VS!) e não ti"essem sido ainda decididas as estações e os tempos) Pang7edra LL

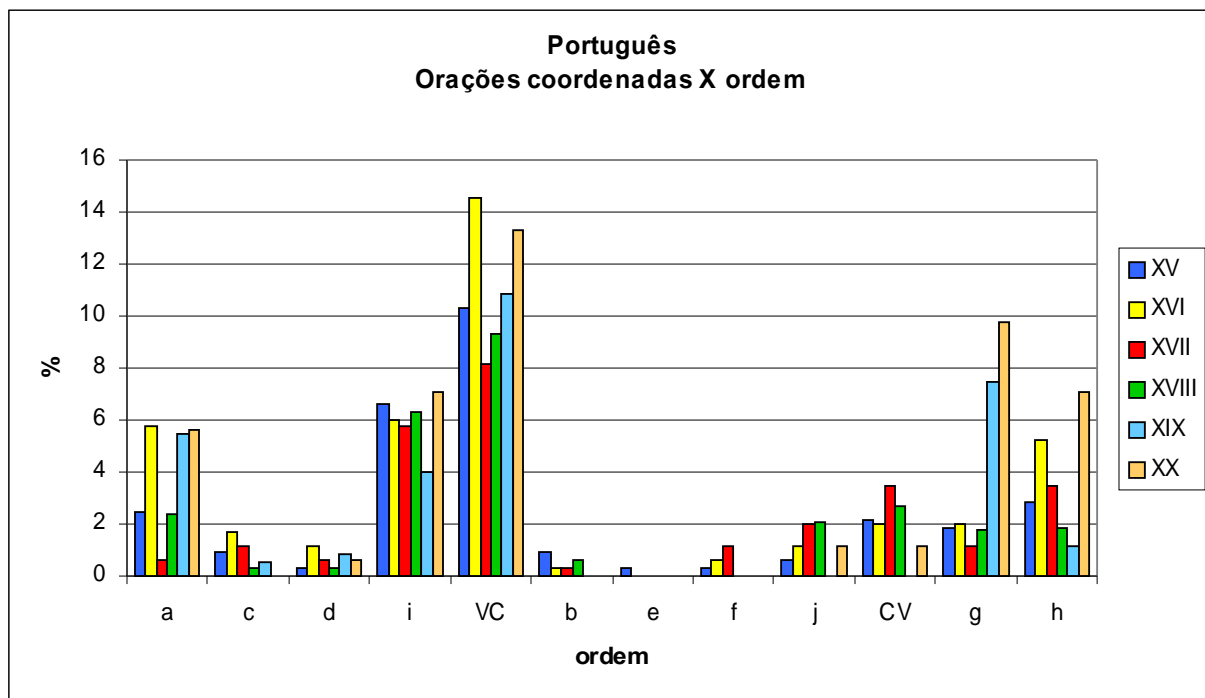
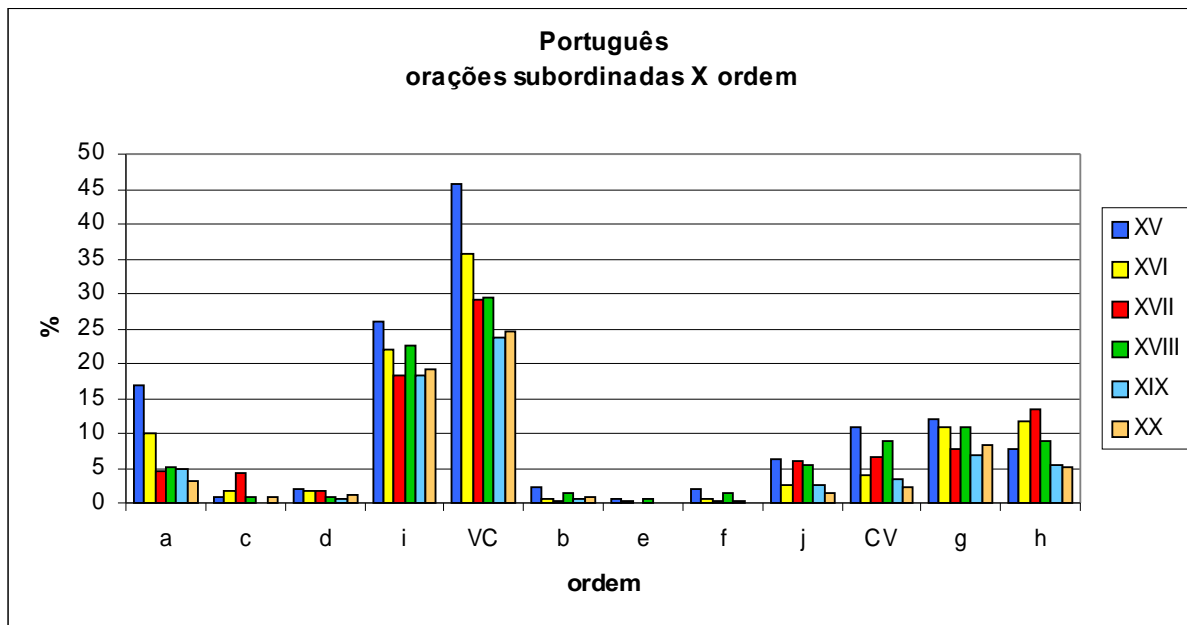


Gráfico 7b 8 distribuição das frequências relativas da ordem de constituintes em orações coordenadas.

onfigura/0o distinta é apresentada em 7<c, segundo o qual a preferência por estruturas subordinadas tem diminu?do sistemática e sensi"elmente ao longo do inter"alo de amostragem. Rota)se, em primeiro lugar, que as constru/ :es (ipotáticas s0o mais freqüentes que principais e paratáticas, mas os perfis s0o in"ersos: enquanto as ora/ :es subordinadas ocorrem em propor/ :es cada "e# mais bai%as no corpus, as principais e as coordenadas aumentam em freqüência relati"a, como "isto em 7<a e em 7<b acima. D decréscimo da preferência por subordinadas é obser"ado em todas as ordens de constituintes aqui estudadas. 7or fim, obser"e) se que a ordem i (V ! é, a e%emplo do que foi "isto para as coordenadas, a mais freqüente no grupo 1V 2, e tem comportamento alin(ado ao desse grupo. Apresentamos os e%emplos:

a (SV !) entre sV que semel(amte maneira de cauallaria nam era (onrrosa) euta LV
i (V !) lingua 7ortuguesa, que sempre p:e .m. no fim das di/ :es) FR 'i0o LVM
g (SV!) que eu tin(a "isto e que com dese0o ardente) MI(aAmor LVMMM
((VS!) >ra esta lagea a mesa em que costuma"a comer Salat)ibn)Salat) astKaria LML



6 gráfico 7<c 8 distribui/0o das freqüências relati"as da ordem de constituintes em ora/ :es subordinadas.

7ara as ora/ :es coordenadas em subordina/0o, as freqüências s0o demasiado redu#idas (pico de i (V ! H E.<= ! para permitir conclus:es sobre o comportamento do sistema, entretanto, pode)se perceber que, para os agrupamentos mais comuns, como o con0unto de ordens 1V 2, esbo/a)se uma tendência ao decréscimo nas propor/ :es absolutas. Msso le"a C (ip;tese de que

essas ora/:es teriam comportamento idêntico ao de coordenadas, apesar de estarem em subordina/0o, a "erifica/0o da "alidade dessa (ip;tese demanda, contudo, um nWmero muito maior de ocorrências em "irtude da bai%a freqüência dessa classe.

As tendências identificadas nos 6ráficos 7< acima podem ser resumidas na Tabela 7- abai%o, nota)se claramente a defini/0o de um padr0o de comportamento segundo o ambiente oracional, como §á apontado acima. As classes mais recorrentes mostram a mesma propens0o assinalada para os tra/os mais comuns de agentividade (cf. 6ráf. 7E acima!: aumento generali#ado em ora/ :es principais e queda na freqüência de ora/ :es subordinadas.

ordem	1 (or. princ.)	2 (or. coord.)	3 (or. subord.)
a (! ")	↗	↗	↘
i (! ")	→	→	↘
# ! " \$	↗	→	↘
g (!)	↗	↗	↘
% (!)	↗	→	↘

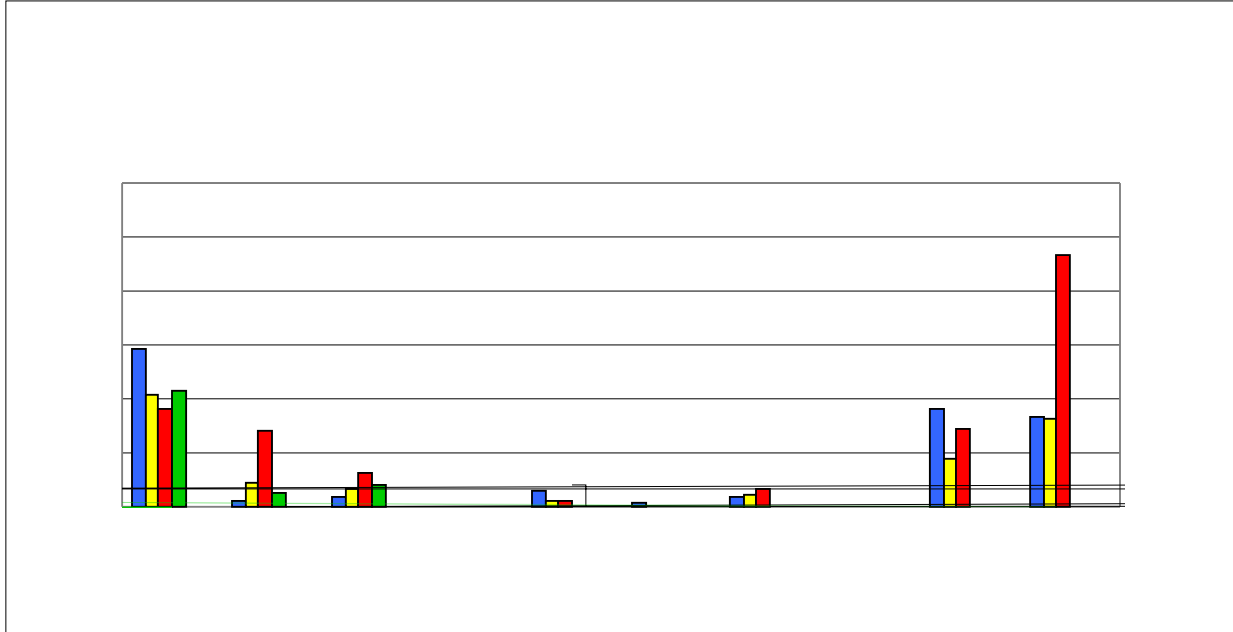
Tabela 7- 8 tendências gerais das classes de ordem de constituintes segundo o ambiente oracional.

Ds gráficos 74 correspondem a todas as poss?"eis associa/ :es entre a nature#a de S e de e a ordem de constituintes, segundo as quais também se identificam perfis distintos.

>m 74a, o tra/o utili#ado para estudar a ordem dos elementos na ora/0o foi **k**, su#eito pleno, os padr:es de ordenamento de constituintes mais fa"orá"eis C ocorrência desse tipo de su#eito s0o **a** (SV !, **g** (SV! e **h** (VS!, que dominam definitivamente todo o inter"alo coberto pelo corpus. Ro entanto, nota)se que essas ordens apresentam tendências semel(antes ao longo do tempo: a freqüência de **a** (SV !, por e%emplo, ele"a)se le"emente (i&&' H *.*-!, ao passo que a regress0o linear de **g** (SV! e de **h** (VS! fornece "alores mais altos, mas também crescentes (i&&' (g! H -.II, i&&' (h! H E..E!.

Tomem)se os casos oferecidos abai%o como e%emplos desse tra/o:

a (SV !) a outros alguns pare/esse grande a elles pare/eo muV pequeno) euta LV
c (VS !) e su#eitando outros os templos e mosteiros célebres) ondeFQenr LVMM
d (V S!) rumor de passos morria: e orna"am)n!a di"ans cobertos de tapetes) Baias LML
g (V !) quando a pen?nsula, sem dar a"iso, se mo"eu outra "e#) Pang7edra LL



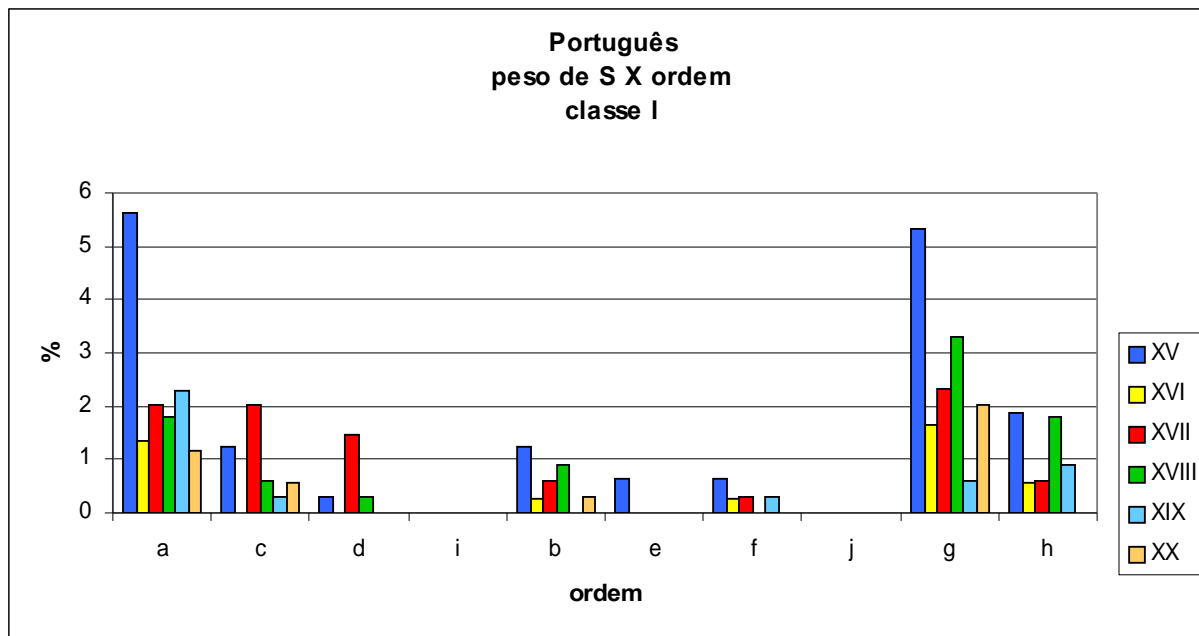


Gráfico 74b 8 distribui/0o das freqüências relativas da ordem de constituintes diante de S pronominal.

De sujeito oracional ocorre em proporções extremamente baixas, cujos máximos absolutos não passam dos 5%. O tratamento das ocorrências permite afirmar que essa classe de sujeito ocorre principalmente nas ordens d (V S!), g (SV!) e h (VS!) e todas decrescentes, o que indicaria um comportamento semelhante ao de S pronominal, ou mesmo a possibilidade de se considerarem dois grandes conjuntos de S: de referência direta, como o S pleno (k!), e de referência indireta, como o S pronominal (l!) e o S oracional (m!).

Para o complemento verbal pleno, ao contrário do que se passa com S pleno, verificam-se perfis cujas retas de regressão têm inclinação negativa, apontando uma diminuição de moderada (para a ordem a (SV : i&&' H).+3! a discreta (para a ordem i (V : i&&' H).53! no que respeita às classes mais frequentes. Observa-se a predominância absoluta dos padrões de ordenamento em que o verbo é seguido de seu complemento, diante dos valores muito baixos de ordens de tipo V (b (S V!, e (SV!, f (VS! e j (V!!.

No corpus português, coleram-se as ocorrências:

a (SV !) em que os escolares apuram todas as partes das outras /ien/ias) euta LV
c (VS !) destas fa# 7linio men/0 aos "inte capitulos do quarto liuro) KernDli" LVM
d (V S! 8 Que contudo necessario a\$untar aqui (um parafago da re#0o) 7ePer 'obo LVM
i (V ! 8 com idéa diinstalar lá a Runciatura, sedu#ido pela gra"idade clerical) Baias LML

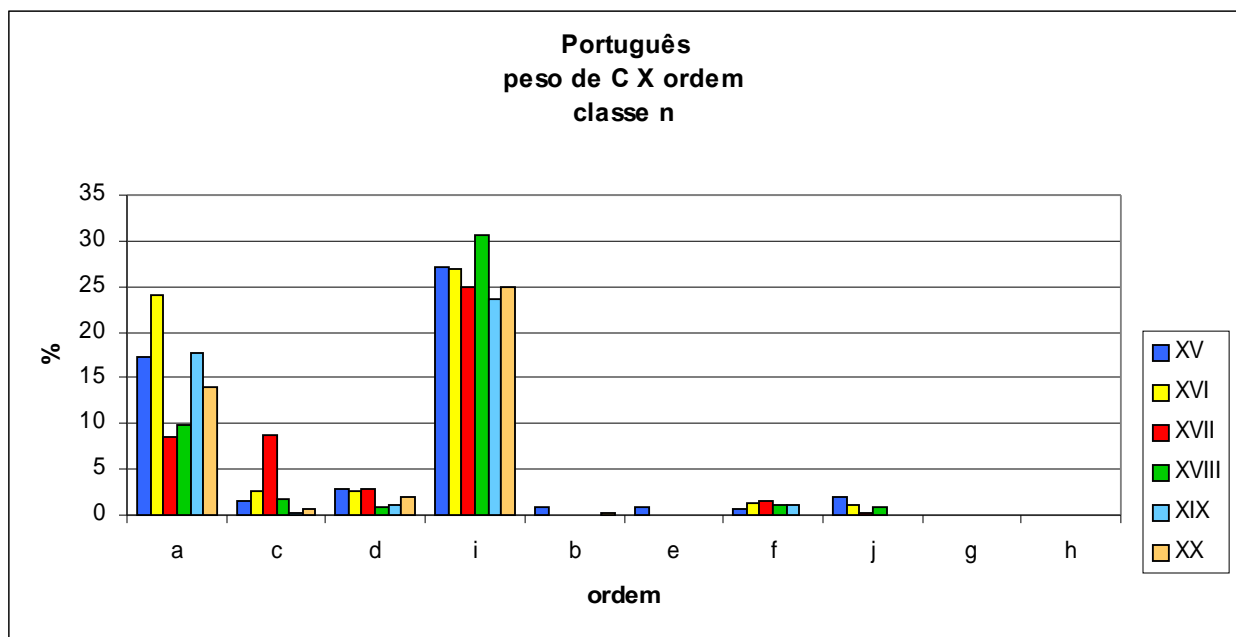


Gráfico 74c 8 distribuição das frequências relativas da ordem de constituintes diante de pleno.

A freqüência com que o objeto pronominal (classe o) ocorre também diminui proporcionalmente para diferentes padrões de ordenamento, como se pode observar no gráfico 74d: as classes mais comuns (j) (V!), i (V!) e b (S V!) sofrem decréscimo leve do século LV ao LL, a que mostra perda mais sensível é precisamente j (V!). Fez-se observar que, apesar de as freqüências das categorias pronominais serem muito mais modestas que as de sintagmas nominais plenos, os subgrupos I (sujeito pronominal, gráfico 74b) e o (complemento pronominal) apresentam tendências decrescentes na amostra, ao contrário de k (sujeito pleno, gráfico 74a) e n (complemento pleno, gráfico 74c). Passamos aos exemplos e ao gráfico de distribuição:

b (S V!) por que ella o favorece principalmente por sua virtude e bondade) real ons LV
e (SV!) que fiquem scriptas, como as nos pronunciamos) FR'ioo LVM
f (VS!) Assim o conta a história dos () dos, com estas palavras) onde FQenr LVMM
(V!) logo que a encontrei, foi com ela um (homem que me atemorizava) M(aAmor LVMMM

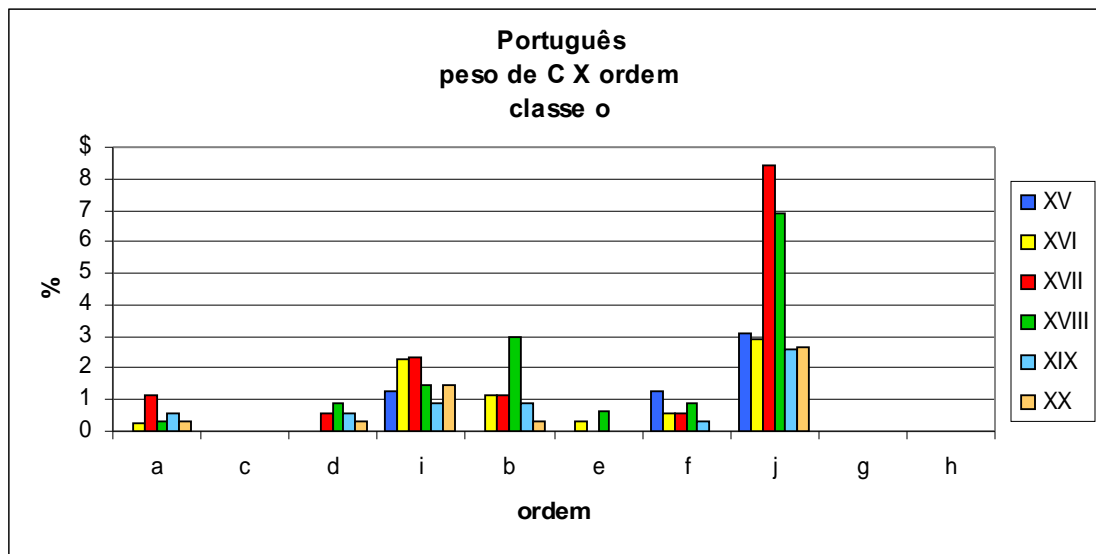


Gráfico 74d: distribuição das freqüências relativas da ordem de constituintes diante de pronominal.

A última das categorias de peso, complemento oracional (classe p), mostra comportamentos diferentes para duas de suas ordens principais, V (i) e SV (a). Uma vez mais, diante da reduzida escala dentro da qual os dados se inserem, é preciso cautela para fazer afirmações sobre o comportamento dessa classe: "é possível que, se se considerar como eocêntrico o ponto relativo à média de valores dos textos do século LV, os grupos a e i apresentarem retas de inclinação positiva, por outro lado, se se incluir o ponto relativo ao século LL (como sugerido acima para normalizar o comportamento da classe m), as retas terão inclinação negativa. No primeiro caso, o complemento oracional posposto ao verbo seria cada vez mais frequentemente encontrado nos textos, no segundo, poder-se-ia falar no aumento numa superclasse englobando os objetos pronominais e oracionais.

> exemplos da classe p são:

a (SV) Porém a razão bem demonstra que, onde os (a, nom (e aquela) 'eal ons LV
c (VS) ainda porê q di#mersilo q de Qetruria tem a [talia as letras) KernDli" LVM
i (V) 8 meu pae : di#e?)I(e que eu o espero) astKaria LML

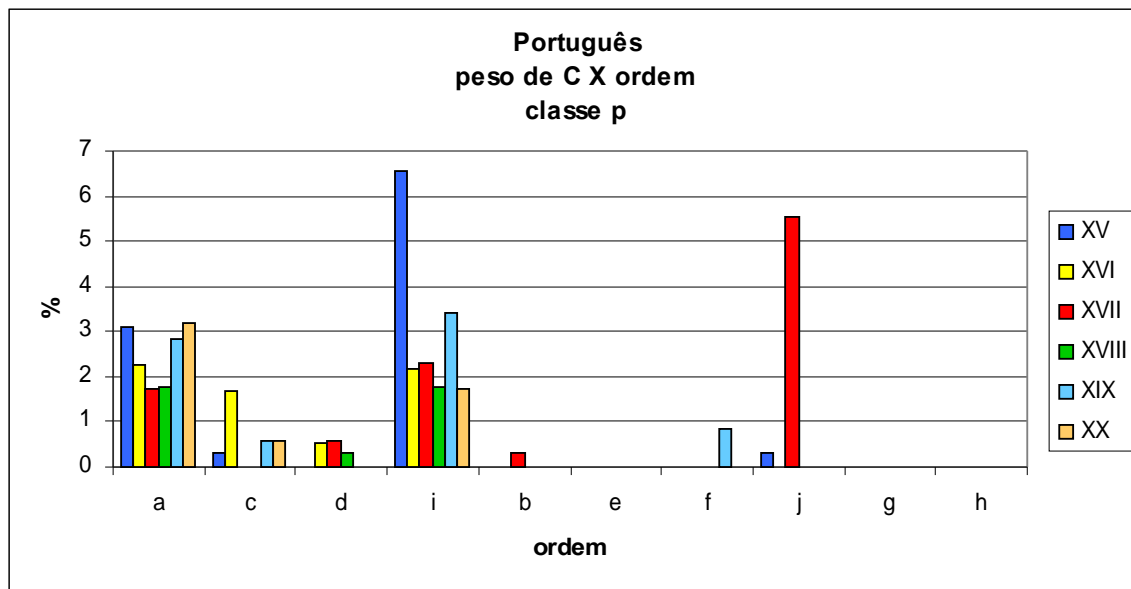


Gráfico 74e 8 distribui/0o das :Pón50 q#qH#&q#OS qH#FotêÀ

diante das demais classes do mesmo fator, e nas ordens **a** (SV !, que tem os dois argumentos "erbais e%pressos, e **g** (SV! T **h** (VS!, que não tra#em o complemento "erbal. Os comportamentos dos subconjuntos mais freqüentes de ocorrências segundo o fator peso de e de " estão representados na Tabela 75 abaixo, em que se destacam as tendências crescentes para as ordens associadas C classe **k** (sujeito pleno) e decrescentes para S pronominal (classe **l**) e pleno (classe **n**). Rota-se, na Tabela, que o comportamento das classes é melhor definido pelo fator peso de e de ", o que transparece no surgimento de padrões segundo uma leitura "ertical da mesma:

	* (pleno)	l (pronominal)	n (" pleno)
a (! ")	↗	↘	↘
i (! ")			↘
g (!)	↗	↘	
% (!)	↗	↘	

Tabela 75 8 tendências gerais de comportamento das classes de ordem de constituintes segundo o peso de e de ".

A sobreposição dos fatores peso de e ambiente oracional, ilustrada nos gráficos 7I, mostra, inicialmente, como as ocorrências de sujeito pleno (classe **k**) se distribuem no corpus

português. Surgem, também aqui, as curvas apresentadas no gráfico 7, que apontam o crescimento franco das proporções de orações principais, o aumento mais suave das frequências de coordenadas e a diminuição das proporções de subordinadas. No caso da classe **k**, observa-se que as médias de frequência absoluta de orações principais ultrapassam as de subordinadas no século XVIII (o mesmo século em que há mudança da orientação AR para RA no português, cf. ...), ainda assim, as três curvas tendem a uma distribuição mais equilibrada ao final do intervalo de amostragem.

Distribuições como as apresentadas abaixo são construídas do gráfico 7a:

* Entre os bons exemplos ... estas coisas muito necessariamente se requerem ...
 E estes diplos se formam em cada língua de diferentes maneiras ...
 - 8 escandalizados os portugueses do termo com que ele os trata ... onde ...
 5 8 parangonas, Rasceu a Rocha Atlântida, o Ladrão Bundial Boeu)se 8 Pangredra LL

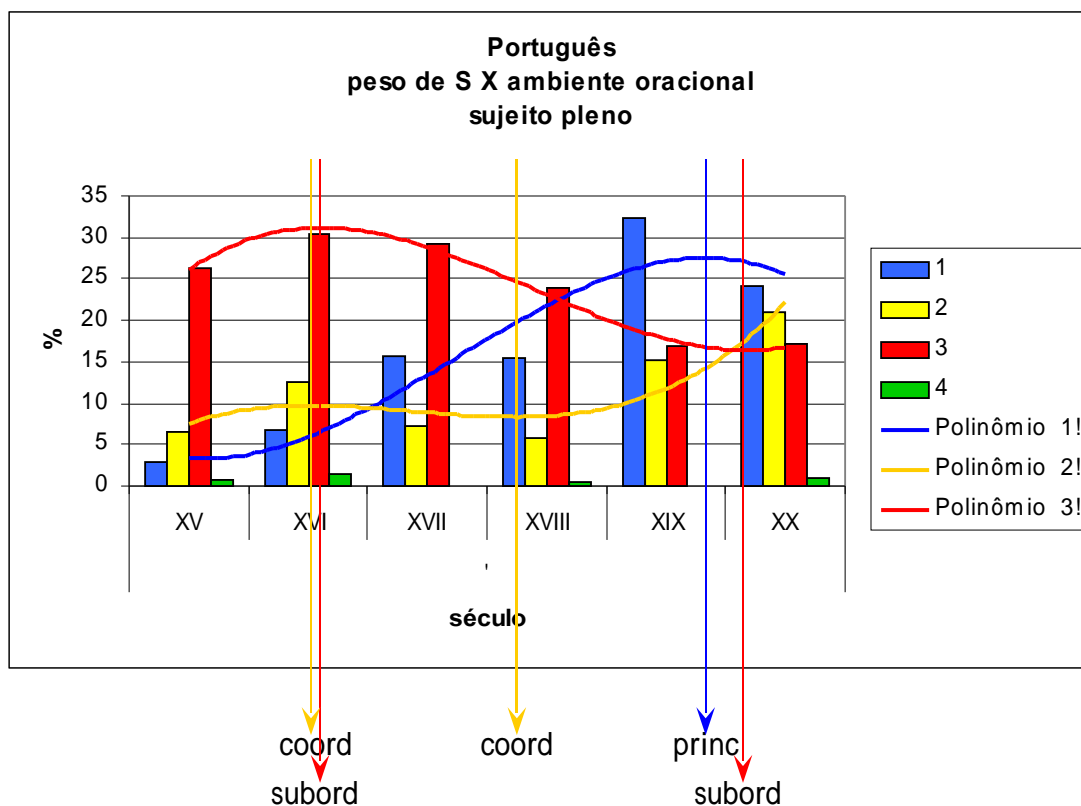


Gráfico 7a: Distribuição das ocorrências de sujeito pleno segundo o ambiente oracional.

Para o sujeito pronominal, **I**, as frequências absolutas são, como já assinalado acima, mais reduzidas que as de sujeito pleno, entretanto, é possível discernir claramente o decréscimo das

proporções absolutas de orações subordinadas e o ambiente mais comum para o sujeito pronominal, que apresentam intensidade moderada: 3, +I. Tomem-se os exemplos:

* e com a estela. eu quero ordenar (tuas festas reais que durem) euta LV
 E e por este respeito saem muitos por toda a costa de Belinda) e Per'obo LVMM
 - e e fazendo os mesmos gestos e as mesmas acções que ele fazia) MI(a Amor LVMMM
 5 e (ua mesma dia/0o, sem formar dip(t(ongo, S fa#er cada (ua sVllaba per si) FR' i0o LVM

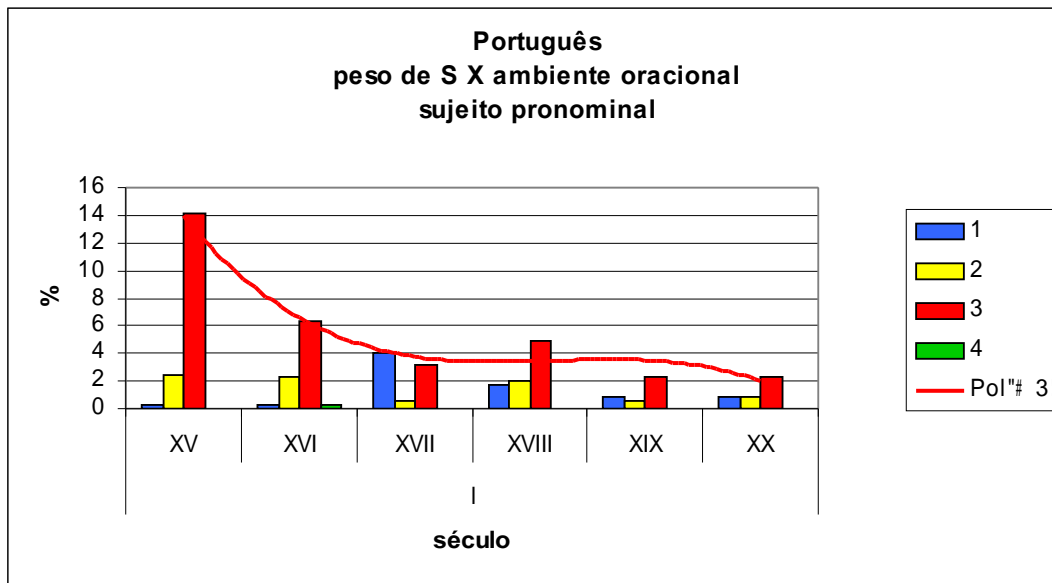
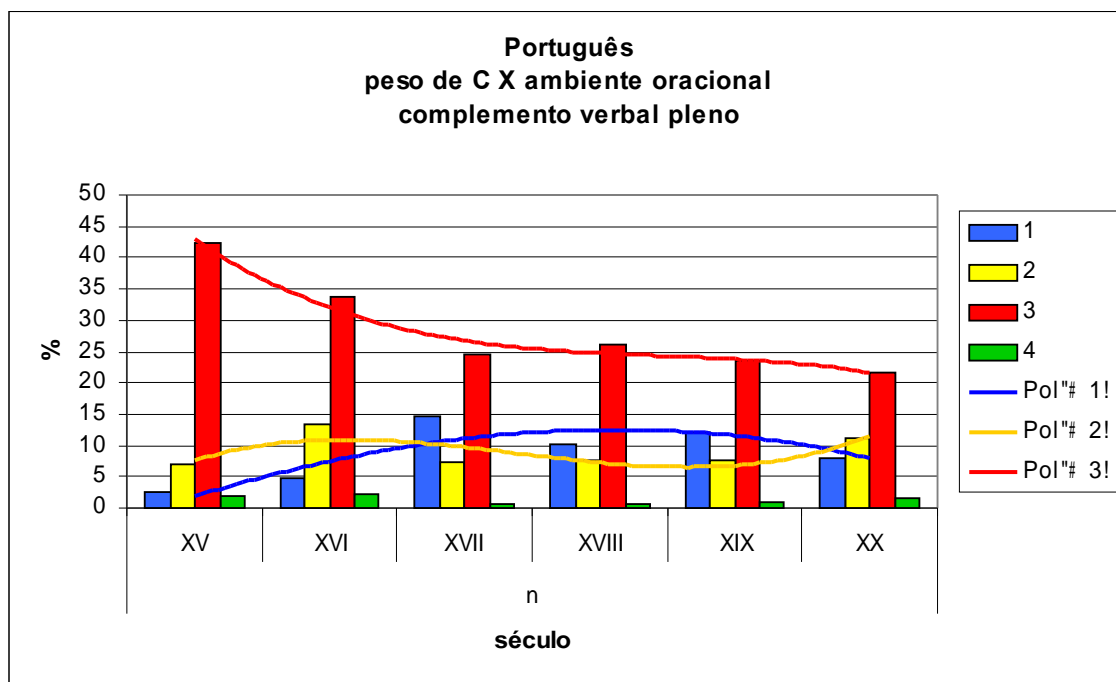


Gráfico 71b e distribuição das ocorrências de sujeito pronominal segundo o ambiente oracional.

Como já observado acima, as baixas proporções segundo as quais o sujeito oracional ocorre no corpus português não autorizam conclusões seguras sobre o comportamento desse subconjunto de dados, razão pela qual não serão feitos comentários a esse respeito.

Ro caso do complemento "erbal pleno, classe **n**, temos, mais uma "e#, o perfil crescente das freqüências associadas a ora/:es principais (i&&' H *.E4!, contudo, a flutua/0o das freqüências de **n** em ora/:es coordenadas corresponde a uma situa/0o de estabilidade (i&&' H .,*<!, enquanto a freqüência desse tipo de complemento "erbal em ora/:es subordinadas diminui mais dramaticamente (i&&' H)-.I.!. >ste Wltimo ambiente oracional, a despeito das propor/:es decrescentes em que ocorre, é o mais comum em todo o corpus português. Dbser"a)se, mais uma "e#, que algumas classes têm pontos cr?ticos compreendidos no século LVMMM, como **n1** (compl. "erbal pleno em ora/:es principais! 8 má%ímo absoluto 8 e **n2** (compl. "erbal pleno em ora/:es coordenadas! 8 m?nimo absoluto. >%emplos desse tra/o s0o:

* 8 nom seV pera as semel(antes ... mais pro"eitosa regra) 'eal ons LV
E 8 > e manifesto que as linguas 6rega S 'atina primeiro for0o grosseiras) KernDli" LVM
- 8 a qual em seu tempo come/ou a le"antar cabe/a das ru?nas) ondeFQenr LVMM
5 8 que o sol fa#ia a traçect;ria do costume nem podia fa#er outra) Pang7edra LL



6ráfico 7Ic 8 distribui/0o das ocorrências de complemento verbal pleno segundo o ambiente oracional.

Situa/0o similar se obser"a com respeito Cs ocorrências do complemento "erbal pronominal, classe o: o ambiente oracional 3 (ora/:es subordinadas! é o mais freqüente na base de dados portugueses, e as ora/:es coordenadas mostram uma le"e flutua/0o. Além disso, as médias absolutas de freqüência de ora/:es subordinadas sofrem decréscimo ao longo do inter"alo de amostragem 8 apesar de esse perfil de diminui/0o ser diferente daquele obtido para o complemento "erbal pleno (classe n!). (ama ainda a aten/0o o fato de o má%imo absoluto da cur"a que resol"e o perfil das ocorrências de o3 abai%o coincidir com o século LVMMM, a e%emplo de outros pontos cr?ticos para outras classes acima e da mudan/a de AR \ RA (o(en *+I<T*++ .!. >%emplos desse caráter s0o apresentados abai%o:

* 8 D caso nada tin(a de assombroso, pode)se mesmo di#er que) Pang7edra LL
E 8 o rumor de passos morria: e orna"am)n\la di"ans cobertos de tapetes) Baías LML
- 8 D mesmo (omem que nos tin(a instru?do do nome da il(a me disse) MI(aAmor LVMMM
5 8 que "io correr (uma "ea de agoa "ermel(a e o atrebu(ia a algum) 7ePer'obo LVMM

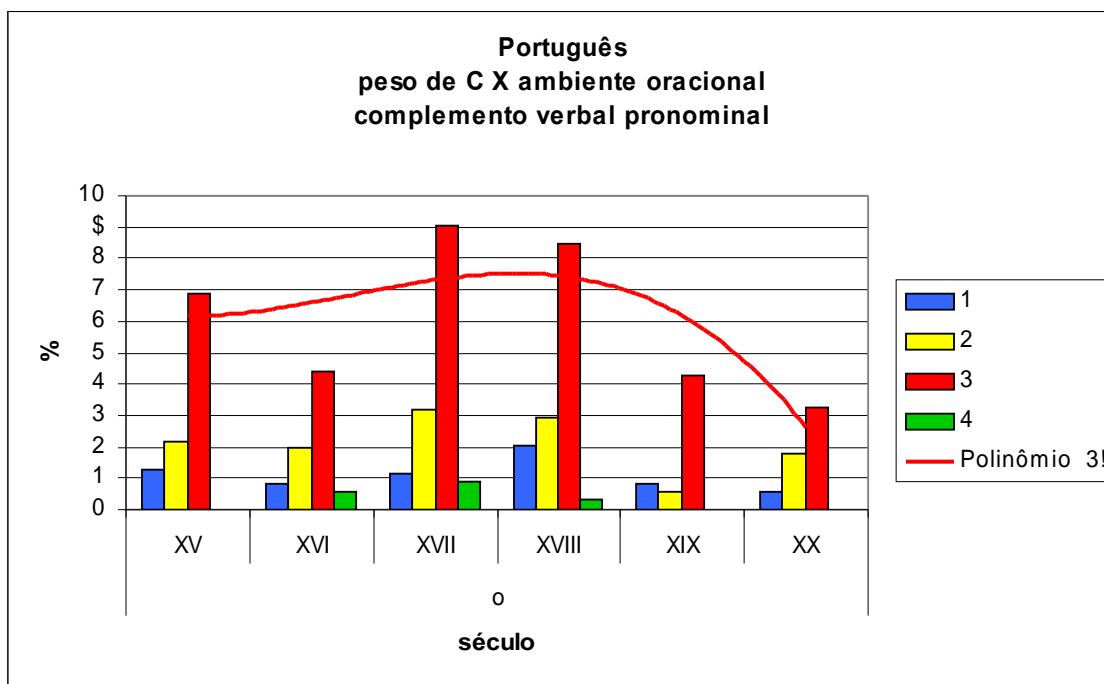


Gráfico 71 Id 8 distribui/0o das ocorrências de complemento verbal pronominal segundo o ambiente oracional.

Ra Tabela 73 abai%o, em que se resumem as informa/:es apresentadas nos Gráficos 71, percebe)se claramente a defini/0o de padr:es crescentes para as ora/:es principais (1! e

decrecentes para as subordinadas (3!), nessa tabela, portanto, o fator de maior rele"ñcia é o ambiente oracional, que dirige as tendências do corpus de maneira mais n"tida do que o peso de e de ".

] (su\$. pleno!	l (su\$. pron.!	n (compl. pleno!	o (compl. pron.!
* (or. princ.	↗		↗	
E (or. coord.!	↗		→	
- (or. subord.!	↘	↘	↘	↘

Tabela 73 8 tendências gerais de comportamento das classes de nature, a do su-eito e nature, a do complemento segundo o ambiente oracional.

Quando se o ambiente oracional, percebemos como evoluem as classes de peso de ' e de " no corpus. Observa-se, em primeiro lugar, a preferência pelos traços **k** e **n**, cujas frequências absolutas predominam no gráfico 7+a, as retas de regressão de ambas têm inclinações positivas (i.e. ' (**k**) e " (**n**) em decorrência de as proporções aumentarem no intervalo de amostragem. As demais classes têm frequências absolutas muito baixas, e não passam dos 5%. Verifica-se também que a escala vertical é extensa, corroborando a observação de que as orações principais "o)se equiparar, no final do intervalo, com os n)eis de coordenadas e de subordinadas.

As ocorrências reproduzidas abaixo foram colhidas no corpus português, e representam as categorias mais frequentes:

] >stes dous &eVs ... se concertar0o no anno do Sen(or de *54I) 7rincFPo0o LVMML
n) >ste antigo castello tin(a recorda/ :es de gloria) astKaria LML

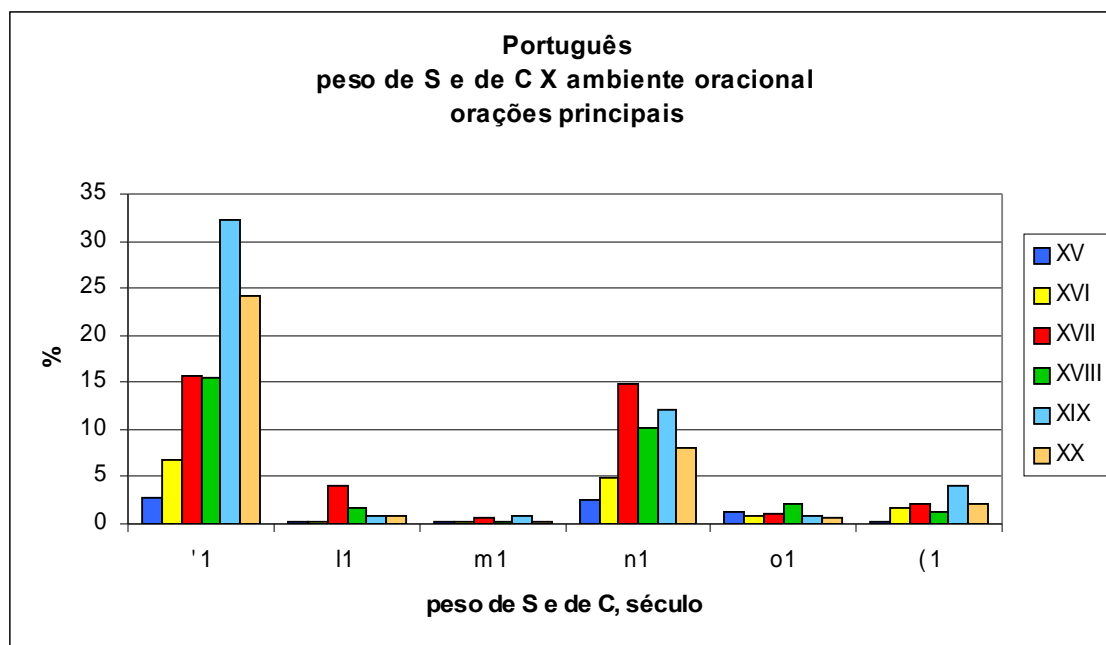


Gráfico 7+a 8 distribuição das classes de peso de ' e de " em orações principais.

Também para as orações subordinadas (há maior concentração das ocorrências em torno das classes **k** e **n**, apesar de as classes pronominais **l** e **o** já se pronunciarem em torno dos *). = de frequência absoluta. Contudo, se as classes mais comuns têm importância positiva em orações principais, nas subordinadas, ela é negativa: **(k)** $E < 5$, **(l)** $E > 5$, **(n)** $E > 5$, **(o)** $E > 35$, **(p)** $E > 44$. A escala do gráfico 7+c é mais estendida que as duas anteriores, o que aponta para a maior frequência desse ambiente oracional, como já foi comentado.

]) que sempre essa consoante vem com a vogal seguinte) FR'ioo LVM
n) lenta que costuma de "orar os gigantes de mármore e granito) astKaria LML

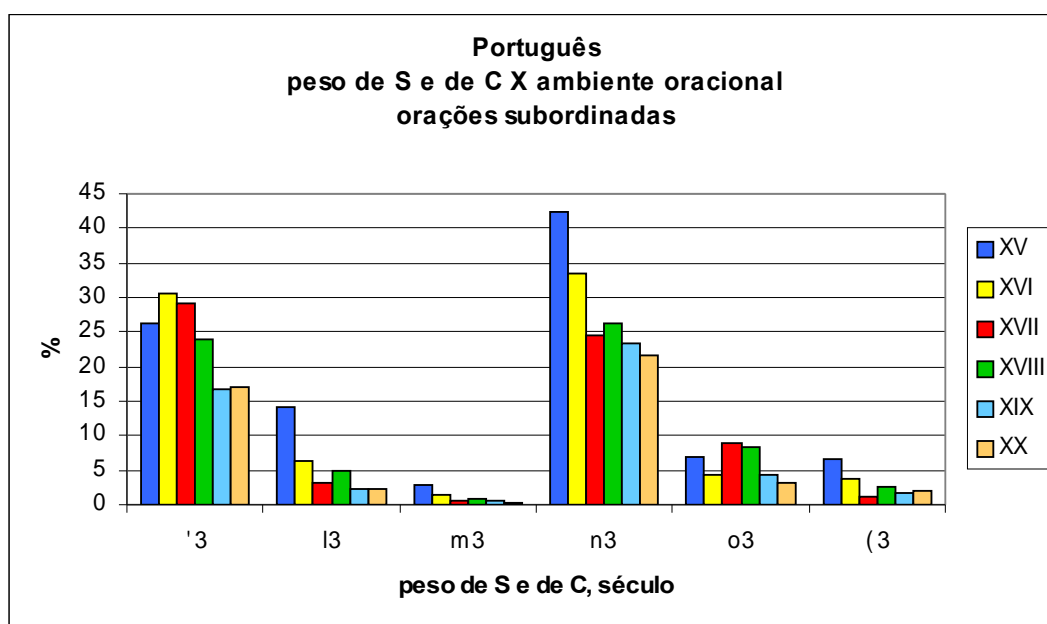


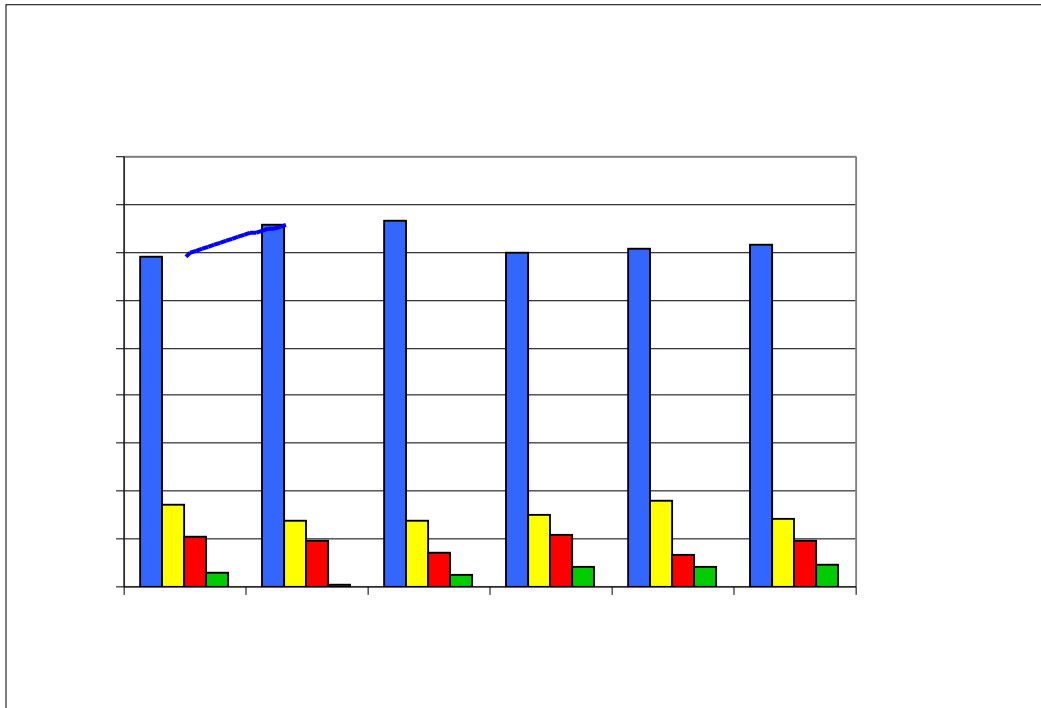
Gráfico 7+c 8 distribuição das classes de peso de S e de C para orações subordinadas.

As frequências absolutas de orações subordinadas em função da classe de peso de S e de C (segundo os E, e não é possível) de identificar tendências de comportamento das classes de peso de S e de C nesse ambiente.

Resumidamente aqui, portanto, as observações apontadas na Tabela 75: o fator determinante, ambiente oracional, mostra o aumento das classes mais comuns de peso de S e de C em orações principais e a diminuição das frequências das classes mais frequentes de subordinadas. Portanto, descartando, com isso, a hipótese de Abeillé e Godard (1984), segundo a qual o peso do SR de S e de C

ser considerado numa análise detalhada da estrutura sintática de línguas românicas, entretanto, devido à clara necessidade de se contemplar, além desse fator, o ambiente oracional em que o SR se insere, uma vez que os resultados numéricos aqui obtidos são bastante sugestivos da relevância desse critério diante do peso do /.

O fator tempo do verbo mostra uma configuração peculiar, segundo a qual há predominância absoluta da classe α sobre as demais. No caso do corpus português, essa classe dominante tem um perfil praticamente especular em relação ao de β , como se pode observar no gráfico abaixo, os pontos de máximo absoluto de α e de mínimo absoluto de β são coincidentes no final do século LVM, mas os pontos críticos seguintes, ainda que situados no século LML, mostram leve defasagem.



A conjugação dos fatores tempo do verbo e ordem oferece os gráficos 7*.a a 7*.c, que ilustram um comportamento complexo do sistema ao longo da amostragem.

>m 7*.a, que trata das formas finitas do verbo (α), percebe-se claramente que as classes SV e V ocorrem em proporções relativamente decrescentes (i.e., α), ao passo que SV e VS, sem o complemento verbal expresso, aumentam em relação às demais (i.e., α). Portanto, o estabelecimento das ordens formadas pelos constituintes V e α é acompanhado da expansão das que não traem este último. A classe α é também a mais frequente das categorias em que se define o fator tempo do verbo neste trabalho, algumas ocorrências coligadas no corpus são reproduzidas abaixo:

a (SV) mas aqueles ... conheceram bem quanto verdadeiramente escreveu) 'realizos LV
c (VS) alcançou, dá ele mesmo testemunho em certa doação) onde FQ em LVMM
g (SV) Ides buscar, aventureiros, o verdadeiro gosto que Amor inspira) M(a Amor LVMMM
(VS) por elle, tó em "0o, como passa"am em "0o ... annos e "enda"aes) Baías LML

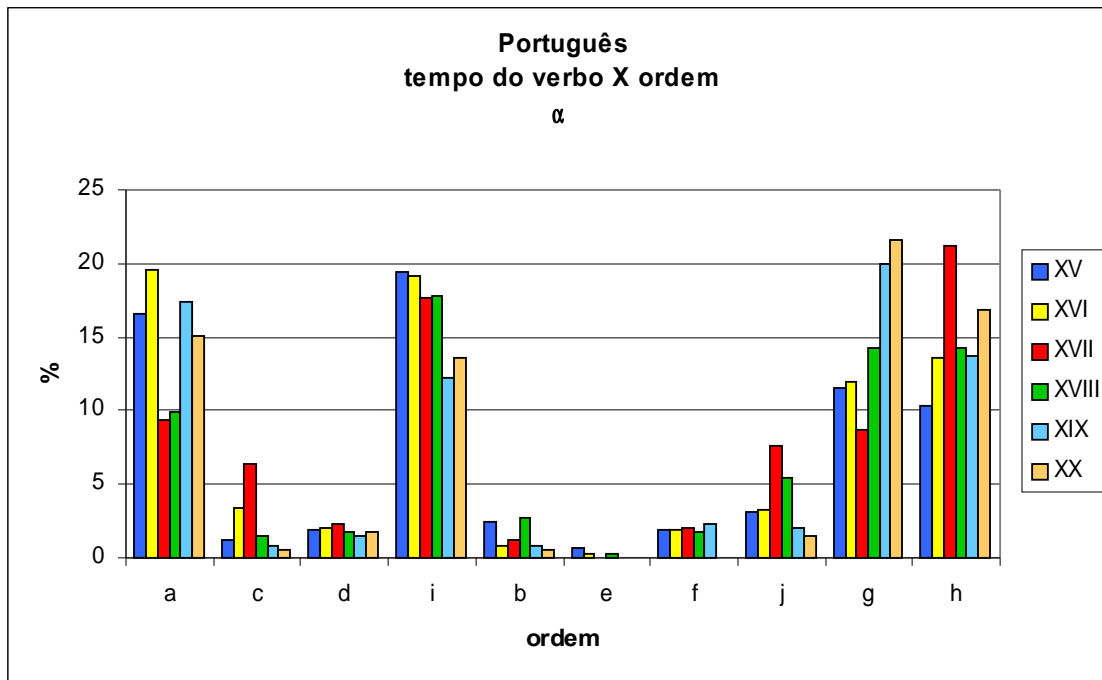


Gráfico 7*.a 8 distribuição das frequências relativas da ordem de constituintes para formas finitas do verbo.

Para as formas reduzidas do verbo (β), a segunda categoria mais frequente do traço em questão, verifica-se a predominância absoluta e discretamente crescente da ordem i (V) em todo o intervalo de amostragem (i.e. H. -+!, as demais ordens são minoritárias, e ocorrem segundo frequências absolutas invariavelmente inferiores a 3%. Observa-se que os perfis obtidos para esta classe β indicam que a mesma tem comportamento diferente do apresentado pelas formas finitas do verbo, cf. gráfico 7*.a: α tem uma distribuição mais difusa, enquanto as formas reduzidas do verbo (β) se especializam na ordem i (V).

Algumas das ocorrências que constituem o corpus são reproduzidas abaixo:

g (SV) e temperado pedimento quando cada (uu se partir) 'eal ons LV
(VS) do porto de gaVa como quer Fuarte galu0o na estoria del reV) KernDli" LVM
i (V) o que notei, referindo) com o 7atriarc(a de >t(iopia) 7ePer'obo LVM
§ (V) ca... se nom ac(ar que (e serui/o de Feos nom entendo de o fa#er euta LV

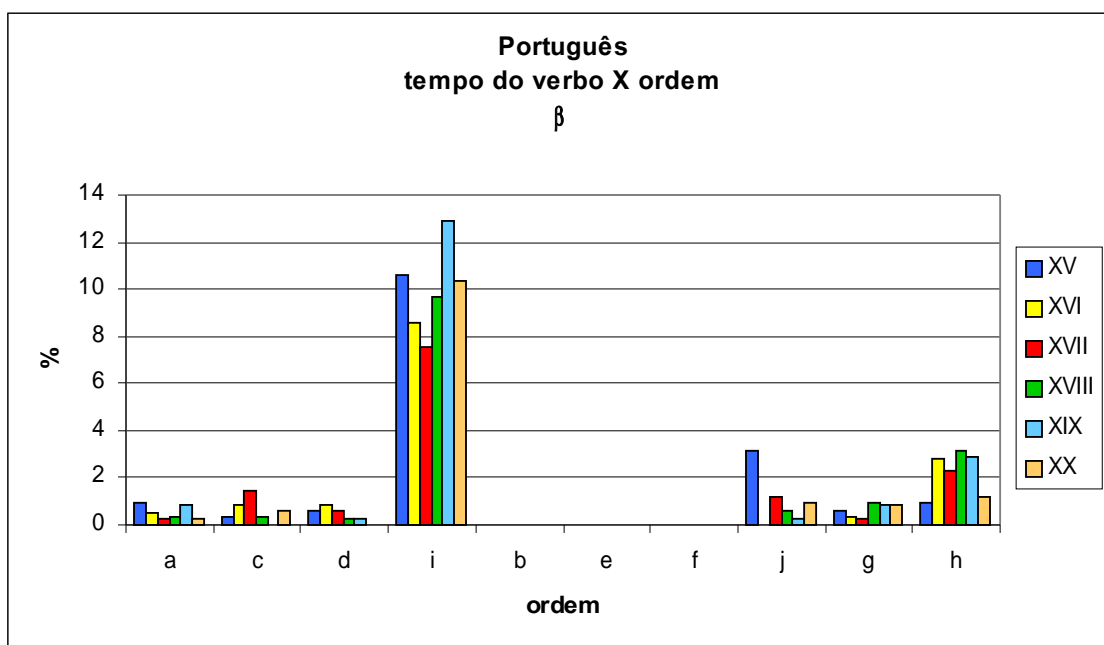


Gráfico 7*.b) Distribuição das frequências relativas da ordem de constituintes para formas reduzidas do verbo.

As locuções verbais, em função de se especializarem numa ordem como o fazem as formas reduzidas, distribuem-se preferencialmente nas mesmas ordens principais adotadas pelas formas finitas a (SV), i (V), g (SV) e h (VS). A extensão da escala de ordenadas é bem menor do que nas classes anteriores e, em decorrência disso, é temerário tirar conclusões sobre o comportamento dessa classe, ainda assim, os perfis ascendente de a (SV) e descendente de i (V) parecem claros, a despeito de a amplitude dessas mudanças corresponder a pouco mais de 10%. Tomem-se os exemplos abaixo:

a (SV) O estado da fortuna pode ceder ou tirar favor aos estudos. (Kern DLI) LVM

i (V) Que pudessem comunicar o nome a todo o mar. (7e Per'obo) LVMM

g (SV) Fez como se desembarcou com sua gente, e mandou. (7 rinc'Po) LVMMM

h (VS) Traza esta lãgea a mesa em que costuma comer. (Salat) (ibn) Salat. (ast) Karia LML

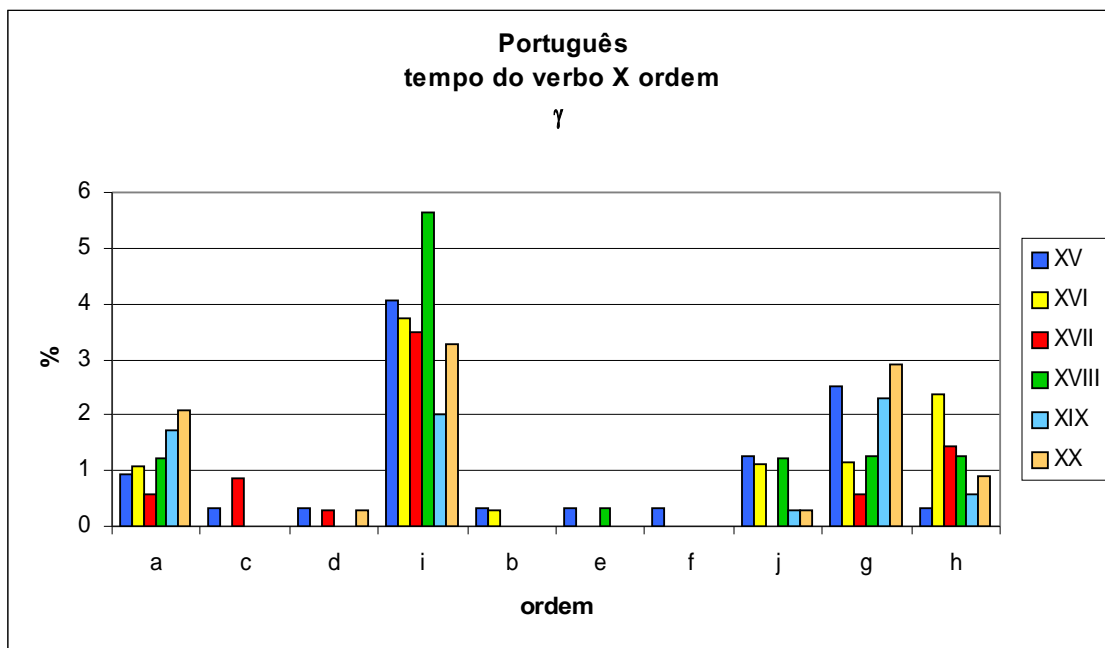


Gráfico 7*. Distribuição das frequências relativas da ordem de constituintes relacionadas a locuções verbais.

Os tempos compostos ocorrem em proporções extremamente baixas no corpus, e os máximos absolutos para essa classe não ultrapassam os 5%, por esse motivo, não serão feitos comentários adicionais sobre o comportamento dessa categoria.

Em resumo, o fator tempo do verbo mostra, para as ordens mais frequentes, as tendências gerais apresentadas na Tabela 73 abaixo (em cinza, as tendências identificadas estatisticamente, mas que devem ser consideradas com cautela devido à baixa frequência absoluta da classe γ), pode-se notar que o tempo do verbo oferece correlações mais claras do que o fator ordem de constituintes. Esses resultados oferecem novos argumentos para corroborar as conclusões de Oviatt et al. (2005), que destacam o papel de fatores como o tempo verbal como indicadores de mudança linguística.

ordem	tempo do verbo		
	α	β	γ
a	↘	→	↗
i	↘	↗	↘
g	↗	↗	↗
(↗	↗	↘

Tabela 73 8 tendências gerais de comportamento das classes de tempo do verbo.

D cruzamento dos fatores tempo do verbo e ambiente oracional mostra que as frequências absolutas das formas verbais finitas aumentam em orações principais (1), mas diminuem nas orações subordinadas (3). As orações coordenadas (2) flutuam no intervalo de amostragem, e apresentam leve tendência a aumentar (ver gráfico acima), e percebe-se que o perfil dessa classe é coincidente com o apresentado no gráfico acima, no qual a curva tem um ponto de mínimo no século LVIII. Em outras palavras, a distribuição das ocorrências segundo o fator tempo do verbo é dependente do ambiente oracional. Algumas das ocorrências do corpus estão reproduzidas abaixo:

* 8 nominal para as mesmas (antes ... mais propositiva regra) 'ações LV

E 8 Bas em nossa língua (á LVIII. dip(tongos .s. 0a, 0e ...) FR 'ição LVIII

- 8 pois disse que, quando fez aquele testamento, estava de caminho onde FQenr LVIII

5 8 de rogar para que ele ... nelas entrasse e derramasse) Pangloss LL

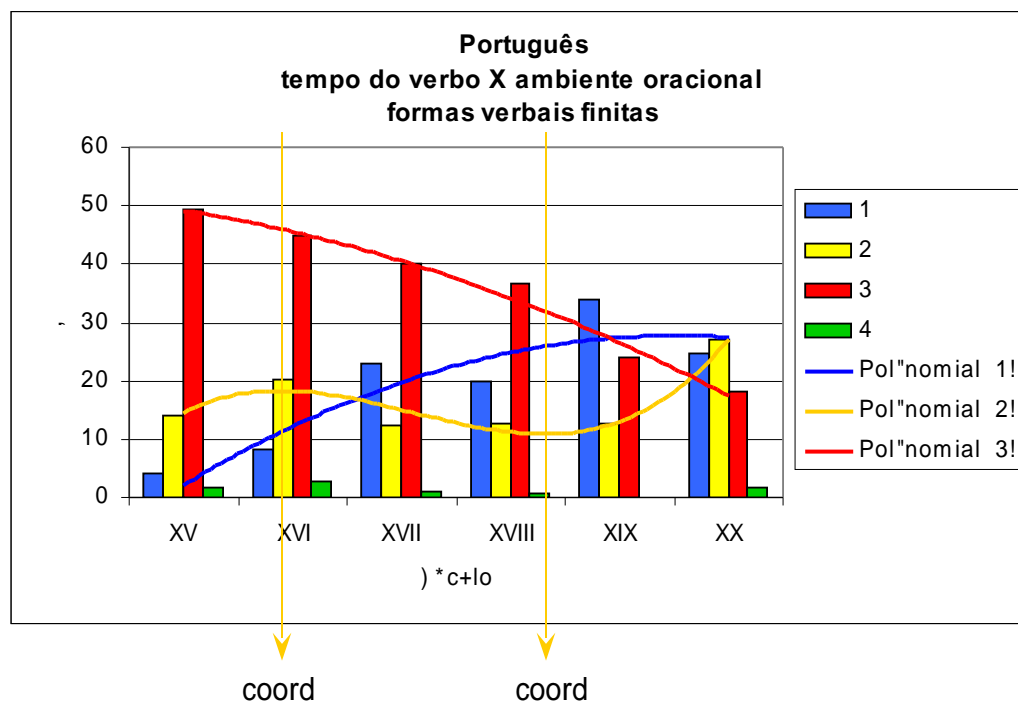


Gráfico 7**a 8 distribuição de ocorrências da classe α segundo o ambiente oracional.

As formas reduzidas do verbo (classe β ! especiali#am)se, definitivamente, em ora/:es subordinadas, o perfil e"oluti"o das freqüências absolutas dessa classe é dado por uma sen;ide deslocada para a direita e in"ertida em rela/0o C que corresponde Cs coordenadas (cur"a 2, em amarelo! no gráfico anterior. Ds demais ambientes oracionais n0o comportam propor/:es e%pressi"as de formas reduzidas do "erbo, como se pode obser"ar a partir do e%ame do gráfico 7**b. Vamos aos e%emplos e ao gráfico de distribui/0o:

* 8 a gra/a do sen(or deos por bem e sagesmente o bem fallar praticarmos) 'eal ons LV
E 8 per .am., S succeder aquelle dip(t(ongo, em lugar das dictas letras) FR 'i0o LVM
- 8 que, o que eu mandar e ordenar, se\$a firme e está"el) ondeFQenr LVM
5 8 ou por defender ou por descercar 'isboa) astKaria LML

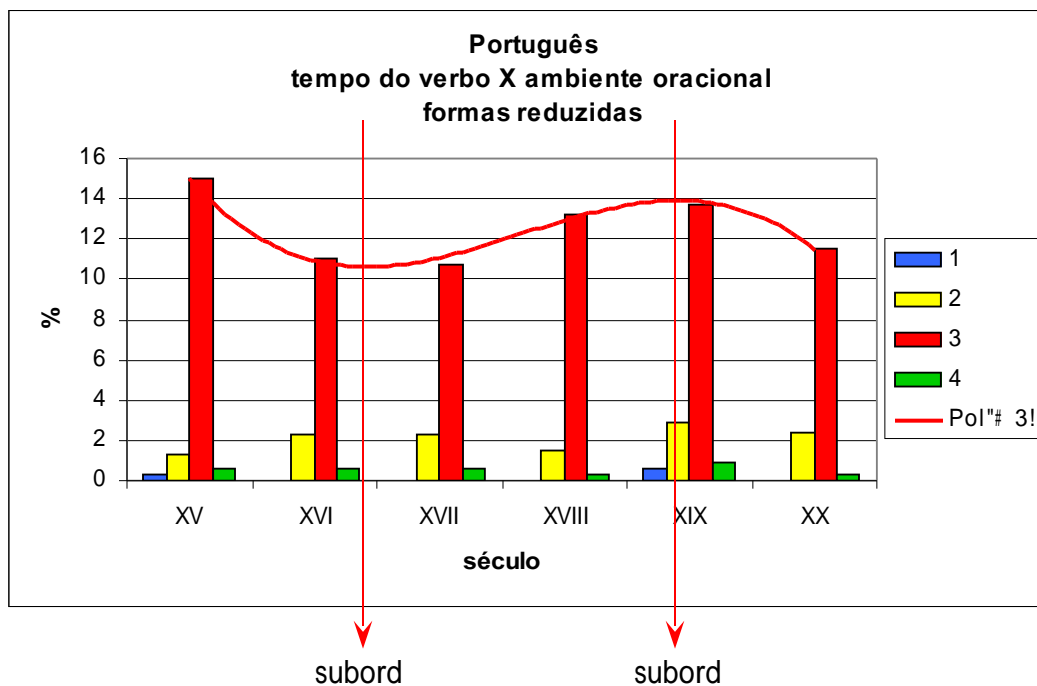
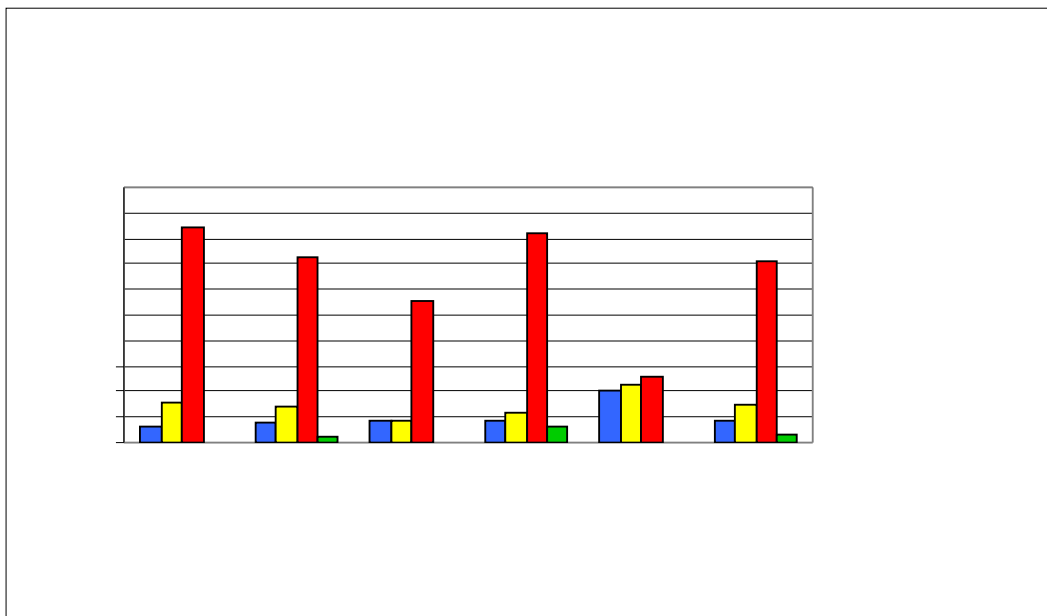


Gráfico 7**b 8 distribui/0o de ocorrências da classe β segundo o ambiente oracional.

As locuções verbais ocorrem preferencialmente associadas às orações subordinadas, a despeito da flutuação das médias absolutas dessa classe no corpus e da tendência levemente decrescente (i.e. H). Este é esse subconjunto de dados. O ponto e percentual cêntrico dessa curva no século LML é certamente devido ao efeito provocado por um dos textos e tanto mais sensível em virtude de a escala do gráfico ser reduzida.

* e eu quero ordenar (umas festas raras que durem todo (um ano) euta LV
E e Bas bem podem ocorrer estas duas coisas, sem formar dip(tongo) FR'ioo LVM
- e e mandou subir (uma pessoa chegou a qual notou o mesmo) ePer'obo LVM
5 e a Villa na: pudesse ser soccorrida, nem della pudesse sair (pessoa) e rinFPo0o LML



Isolando-se apenas as orações principais (classe 1 do fator ambiente oracional, observe-se) que as ocorrências associadas a esse ambiente oracional estão absolutamente concentradas nas formas finitas do verbo, o máximo da curva que representa o perfil dessa classe está situado na passagem do século LML para o LL. Os exemplos abaixo são referentes a esse traço:

- α) de-a derradeira c(amada ' isibonaTap: ta somête 7linio no ter/eiro liuro) KernDli" LVM
- β) a gra/a do sen(or deos por bem e sagesmente o bem fallar praticarmos) 'eal ons LV
- γ) Ro ano de *. I. mandou fa#er a igre#a de S. Bartin(o) ondeFQenr LVM
- δ) A "enda da To#eira f@ra realmente aconsel(ada por Villa/a) Baias LML

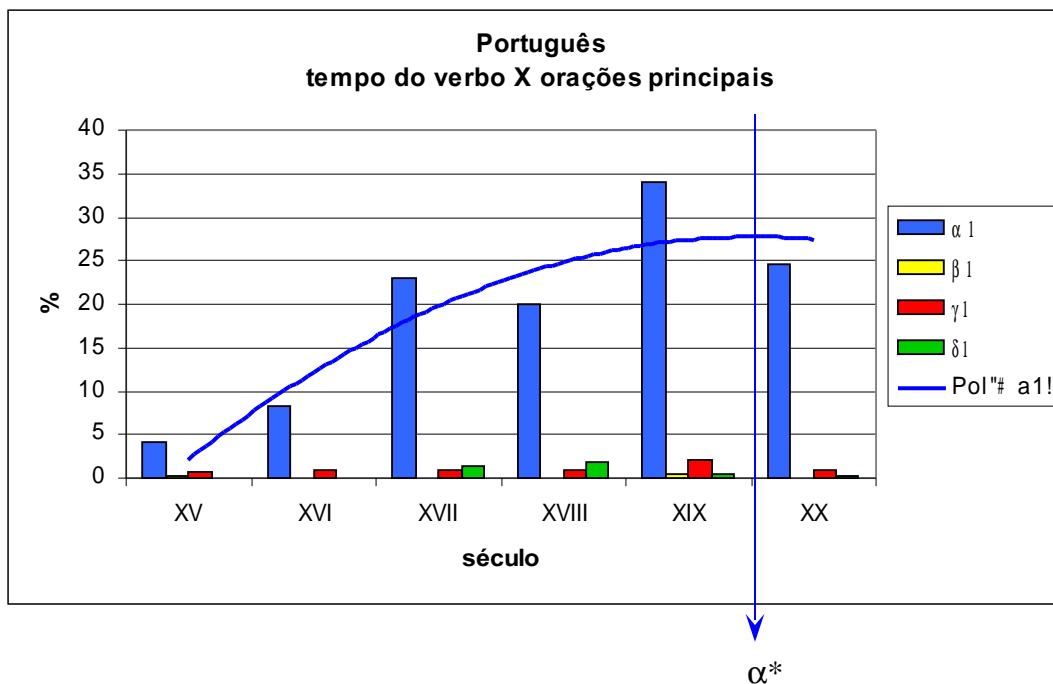


Gráfico 7**d 8 distribuição de ocorrências de orações principais segundo o tempo do verbo.

Apesar de as formas finitas do verbo dominarem o gráfico correspondente às ocorrências de orações coordenadas, o perfil dessa classe é diferente do observado para as orações principais. Temos, aqui, uma curva que apresenta máximo (séc. LVIII) e mínimo (séc. LVIII) locais e ambos situados antes do máximo das frequências para as orações principais, como se pode observar comparando-se os gráficos 7**d e 7**e, e, portanto, coincidente com a forma da curva 2 (orações coordenadas no gráfico 7<. Tomem-se os exemplos:

α) > com isto darei tantas e tam grandes dadias principalmente a aquellos) euta LV
 β) Turdugal: S agora mudodo alg(uas letras 7ortugalTn0 do porto) KernDli" LVM
 γ) e t@das estas coisas confirmam ser o conde secular e não eclesiástico) onde FQenr LVM
 δ) e o exercito castel(ano foi constringido a le"antar o cerco) astKaria LML

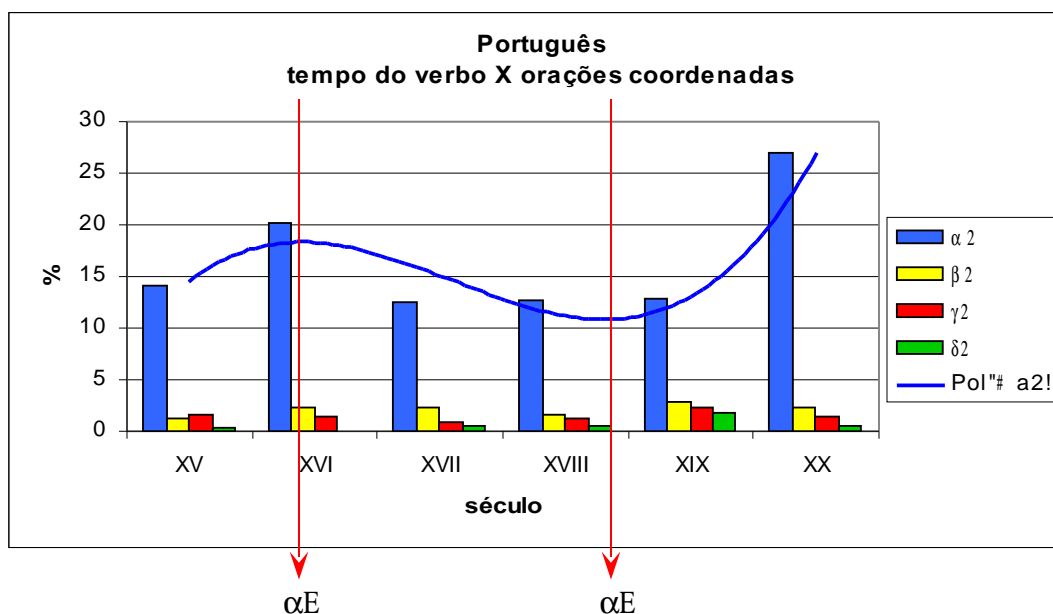


Gráfico 7**e distribui o das ocorrências de orações coordenadas segundo o tempo do verbo.

Fe maneira semelhante, a classe mais frequente no gráfico relativo às orações subordinadas, α_3 , obedece ao perfil sempre decrescente apresentado para esse ambiente oracional no gráfico 7, e tem i&&' H)<.-3. As frequências absolutas das formas reduzidas mostram "aria/0o está"el no inter"alo estudado. O corpus português é constituído de ocorrências semelhantes dispostas abaixo:

α – a que deus quis dar aquela bem aaventurana de "iuer) KernDli" LVM

β – parece querer encontrar na restauração de Oraga) ondeFQenr LVM

γ – lenta que costuma de "orar os gigantes de marmore e granito) astKaria LML

δ – que o sol fazia a traçaria do costume nem podia fazer outra) Pang7edra LL

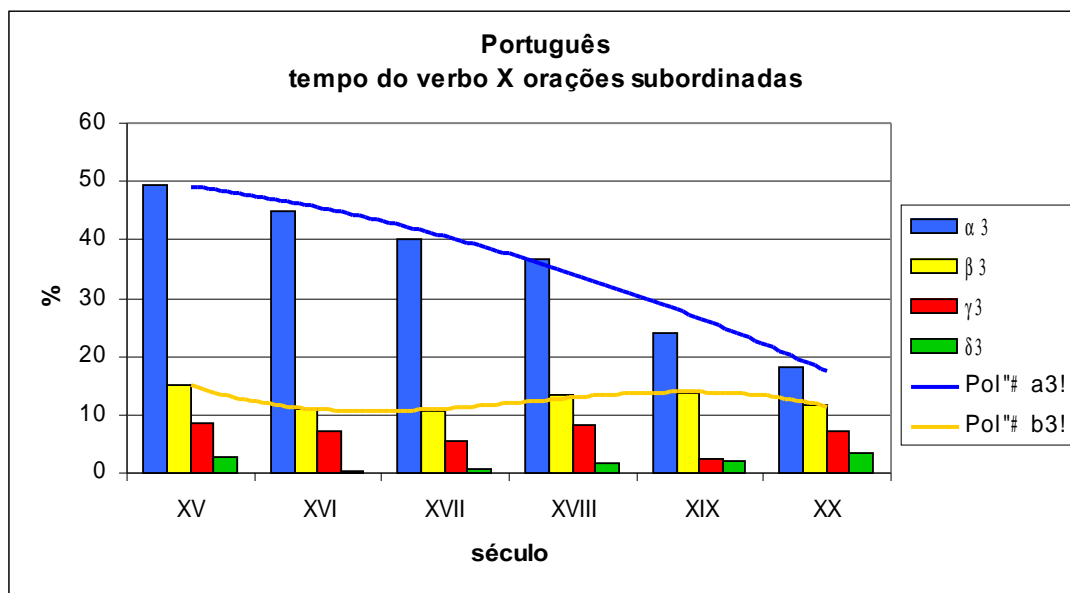


Gráfico 7**f 8 distribui/0o das ocorrências de ora/ :es subordinadas segundo o tempo do verbo.

D fator regência do verbo também foi sobreposto a ordem dos constituintes, permitindo a construção da série de gráficos 7*E, as categorias mostram um comportamento especializado em relação à ordem, o que contribui para a caracterização sintática da história do português e retoma, a exemplo do que foi feito para o tempo do verbo, as observações de Ovieta et al. (1995) sobre a importância da regência verbal para o estudo da mudança linguística.

O gráfico 7*Ea mostra que uma das classes é dominante em todo o intervalo de amostragem (assemelha-se, nesse sentido, ao gráfico 7*E, e que todas têm um perfil em que há pequena variação.

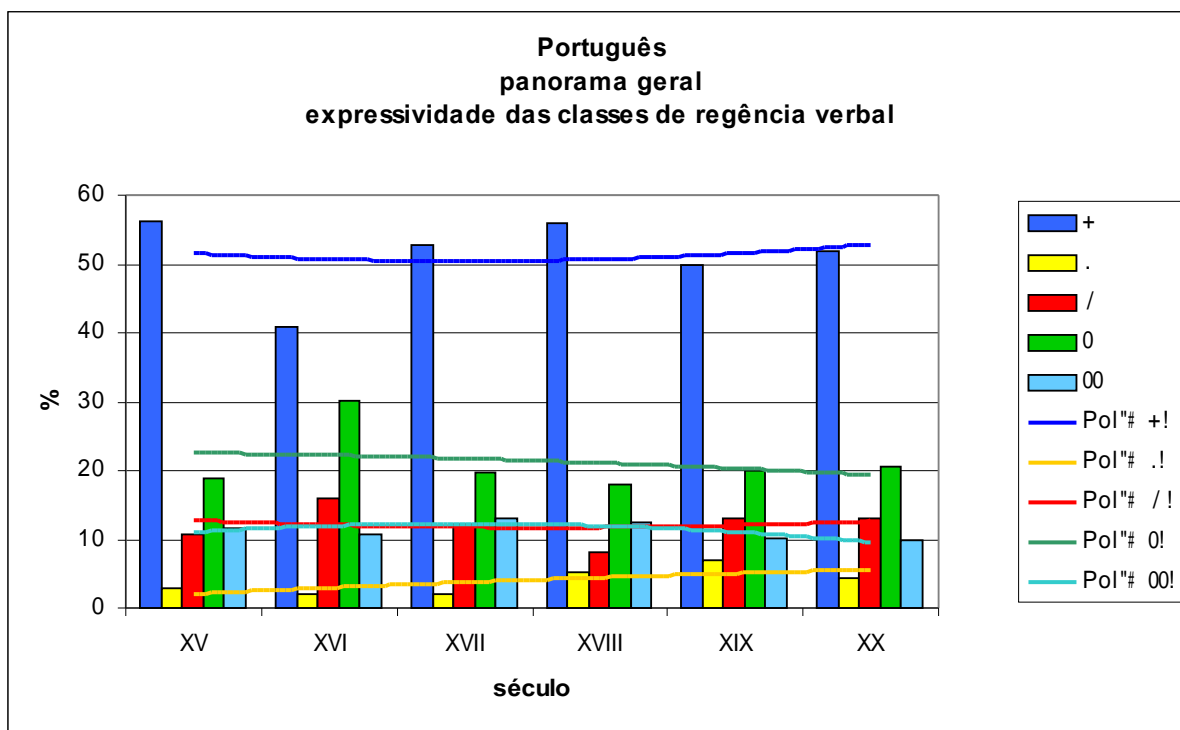


Gráfico 7*Ea 8 distribuição das ocorrências segundo o fator regência do verbo.

A classe **u** (transitivos diretos), cuja distribuição em relação à ordem dos constituintes é apresentada em 7*Eb, é a mais frequente de todas e tende a organizar-se preferencialmente em torno das ordens **i** (V ! e **a** (SV !, enquanto a primeira é resolvida por reta de regressão com inclinação negativa (-). Já a regressão da segunda fornece um valor próximo de zero (i&&' H .E.!, a despeito da flutuação moderada que nela se verifica. Ainda que as outras ordens tenham

freqüências relativas bem mais reduzidas, podem-se dizer a uma tendência (originalidade para a reta de regressão da classe **g** (i&&' (SV! H).* .!, b! um perfil decrescente para a classe **j** (i&&' (V! H).43! e c! uma discreta elevação dos valores de **h** (i&&' (VS! H .-I! ao longo do tempo. Vejam-se os exemplos colidos para várias ordens de realização do traço **u** no corpus português:

- a (SV !) dos benefícios que lhes eu assim fazer lhes pon(a ne/essidade) euta LV
- c (VS ! 8 mas ã muitas outras cousas tem anossa lingua auantagã) KernDli" LVM
- d (V S! 8 com sua espada e poder real, fa"orecendo)o Feus) ondeFQenr LVMM
- i (V ! 8 "alor para "os fazer uma rela/0o efectiva da min(a "iagem) MI(aAmor LVMMM
- g (SV! 8 e dois longos bancos feudaes que arlos trou%era de) Baias LML
- ((VS! 8 propun(a)se a adop/0o, pelos dois pa?ses peninsulares) Pang7edra LL

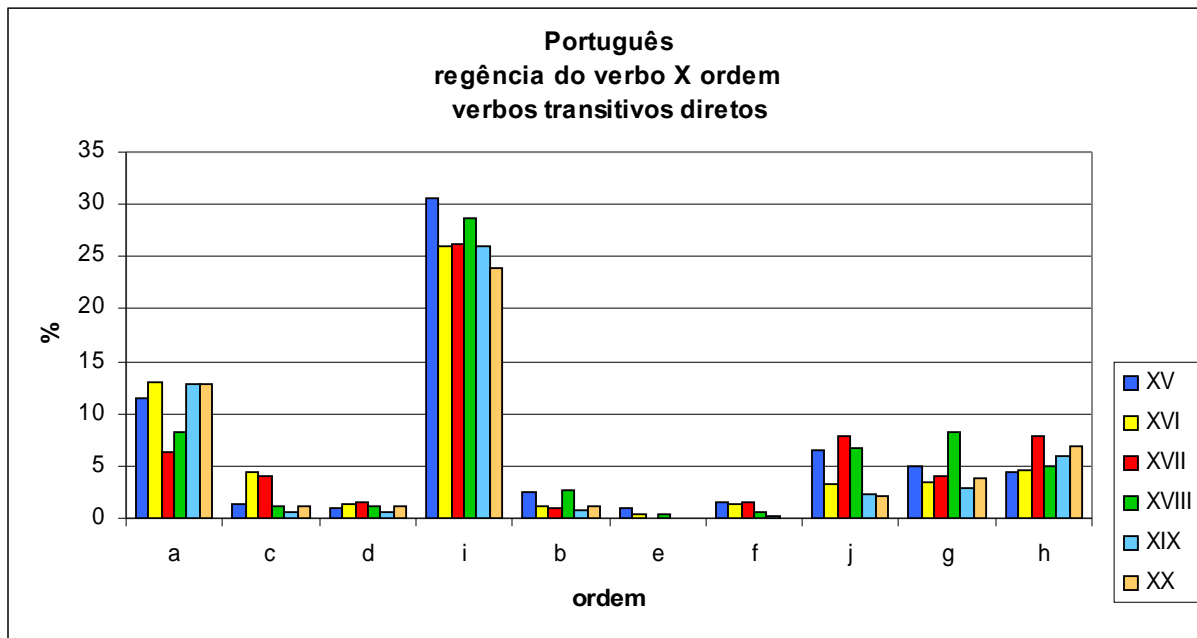


Gráfico 7*Eb 8 freqüências absolutas da classe u segundo a ordem de constituintes.

Para os verbos de ligação (classe **x**), cuja frequência absoluta é menor que a da classe **u** (transitivos diretos), nota-se também uma preferência pelas ordens **a** (SV) e **i** (V), ambas com perfis decrescentes, entretanto, as ordens **g** (SV) e **h** (VS), apesar de muito menos comuns, mostram franca elevação nos textos dos séculos LV a LL. Tomem-se os exemplos seguintes:

a (SV) « os maridos das boas moças... serão sempre amados » (1500)

d (VS) « de Arouca eram senhores... >gas >rmiguio, Ddorio » (1500)

i (V) « o qual sendo &eV "eVo cercar

Os intransitivos (classe **xx**!), por sua vez, têm perfis crescentes tanto para **g** (i&&' (SV! H *.-3! quanto para **h** (i&&' (VS! H .*<!, trata-se também de uma das categorias mais frequentes no corpus português. Os exemplos abaixo ilustram as duas ordens em que essa classe se realiza:

g (SV! 8 copia na paragem por onde as naos "em da Índia) 7ePer' obo LVM
((VS! 8 que as mais das "e#es nace a prVncipal culpa de nos) 'eal ons LV

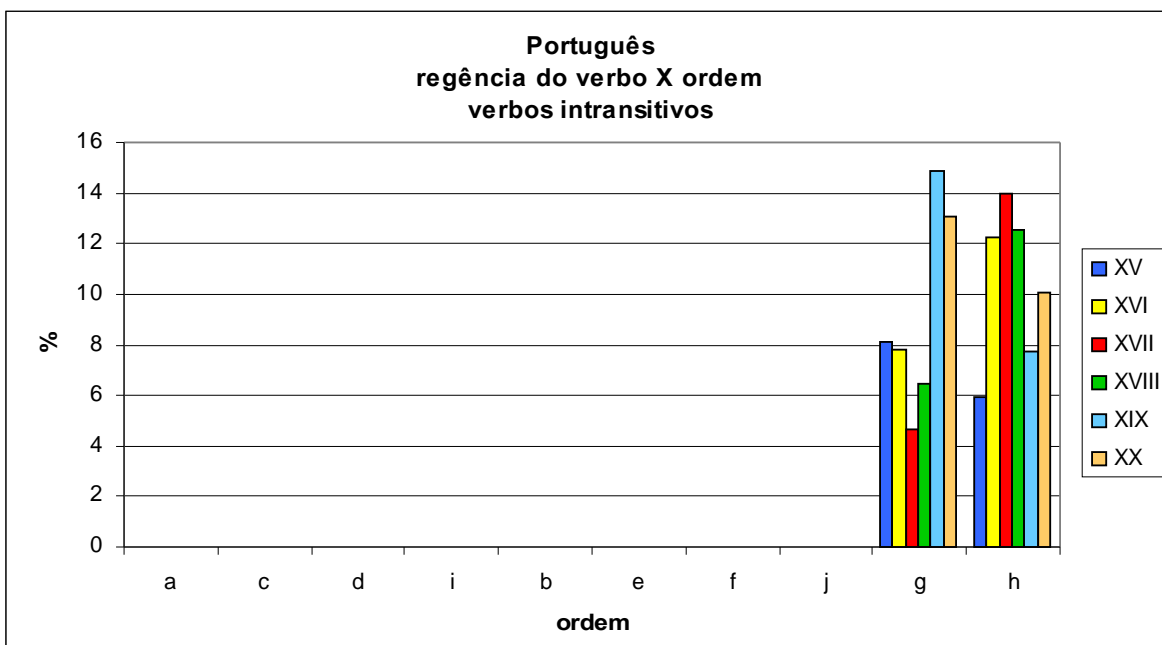


Gráfico 7*Ed 8 frequências absolutas da classe %% segundo a ordem de constituintes.

A classe **v** (transitivos indiretos) ocorre preferencialmente na ordem SV: os valores de frequência para essa classe compõem um perfil ascendente no grupo **g** (i&&' (SV! H <.5I!, mas os demais não oferecem segurança para que se tomem conclusões sobre seu comportamento. >is os exemplos:

g (SV! 8 Msso, como di#ia Villa/a, acontecia a todos os muros) Baias LML
g (SV! 8 o autor da idéia ol(ou para o mapa e "erificou que) Pang7edra LL

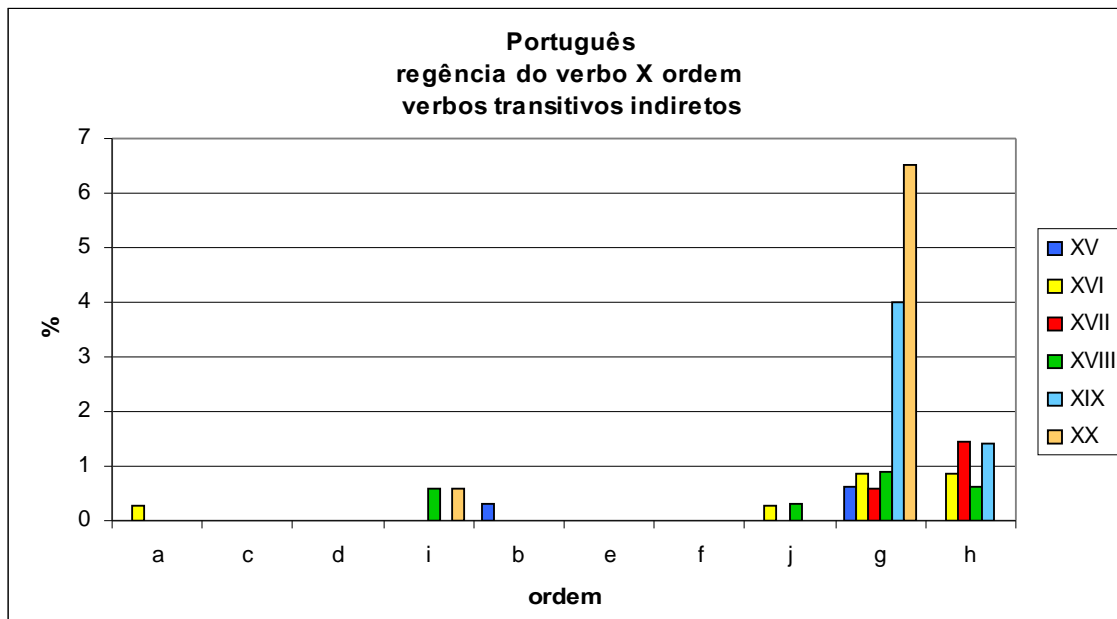


Gráfico 7: Frequências absolutas da classe " segundo a ordem de constituintes.

A classe **w** (bitransitivos, ou transitivos diretos e indiretos), por fim, é a menos comum no corpus português, e as frequências absolutas das categorias associadas a esse tipo de verbo não passam dos 5%, as ordens mais frequentes, **a** (SV), **i** (V) e **j** (V), mostram uma flutuação cuja regressão fornece uma inclinação muito próxima de zero, enquanto **g** (SV) e **h** (VS) esboçam uma tendência crescente.

Em resumo, o comportamento das classes do fator regência do verbo indica, para as ordens **g** (SV) e **h** (VS), uma tendência generalizada ao crescimento, e as outras ordens têm perfis estáveis ou decrescentes.

Através do cruzamento dos fatores regência do verbo e ambiente oracional, podem-se considerar com mais detalhe alguns aspectos estruturais do sistema português como, por exemplo, a relação entre esses critérios de recorte da base de dados e a relevância de cada fator.

Comecemos com o isolamento das classes de regência verbal, a fim de observarmos como cada uma delas se comporta em termos de frequência absoluta nos ambientes oracionais propostos neste trabalho.

Para os verbos transitivos diretos (classe **u**), as curvas tendem a repetir o padrão geral definido no Gráfico 7: as orações subordinadas (classe 3 de ambiente oracional), mais frequentes que as demais, exibem perfil decrescente (i.e., $u_3 > u_5$), ao passo que as orações

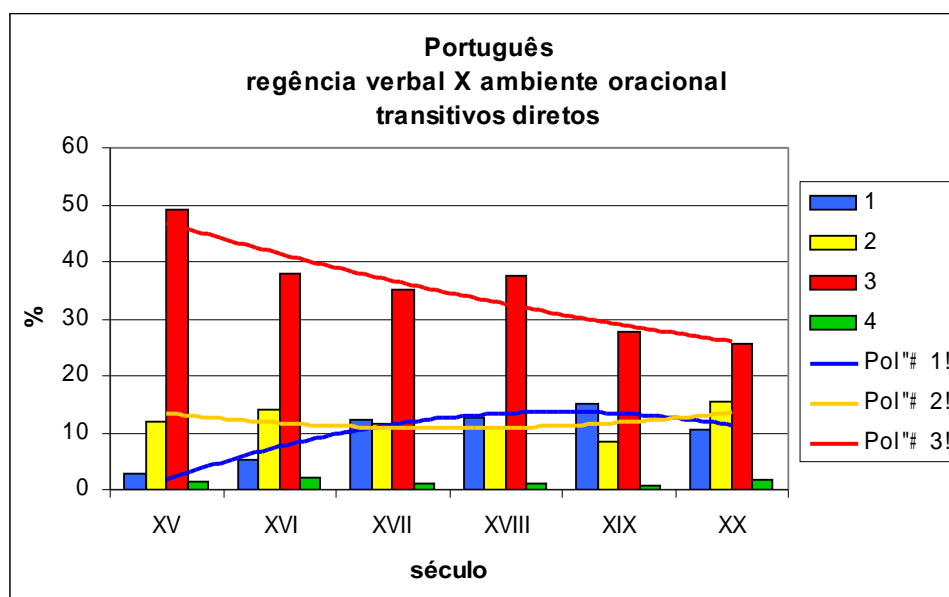
principais aumentam (i&&' (u1! H *.+5! e as coordenadas flutuam em torno dos *. = (i&&' (u2!
H..E!.

* 8 desta derradeira c(amada ' isibonaTap:ta somête 7linio) KernDli" LVM

E 8 e dá)se a ra#0o do nome de mar &o%o ou Vermel(o) 7ePer 'obo LVM

- 8 que nos lan/ou com "iolência C outra parte oposta Cquela) MI(aAmor LVM

5 8 que o sol fa#ia a tra#ect;ria do costume nem podia fa#er outra) Pang7edra LL



6 gráfico 7*-a 8 distribui/0o das ocorrências de verbos transitivos diretos segundo o ambiente oracional.

Ds "erbos de liga/0o (7*-b! e intransiti"os (7*-c! apresentam o mesmo padr0o básico \$á disposto no 6 gráfico 7<, entretanto, nestes dois casos, as cur"as referentes aos ambientes oracionais 1 (principais!, 2 (coordenadas! e 3 (subordinadas! se cru#am, indicando que esses "erbos têm um comportamento diferenciado em rela/0o aos demais. As setas indicam, para ambos os gráficos, o ponto em que esses tipos "erbais passam a ser mais freqüentes em ora/:es principais que em subordinadas: o século LVM. >%emplos dessas classes precedem os respecti"os gráficos:

* 8 D conde de Oar/elos era mais "el(o que nen(um delles) euta LV

E 8 Bas o mais frequente "so desta abbreuiatura, (e servir) FR 'i0o LVM

- 8 s; de parte onde as ar"ores fic0o descobertas aos raios do sol) 7ePer 'obo LVM

5 8 agora que (e tempo S somos sen(ores porque mil(or (e) KernDli" LVM

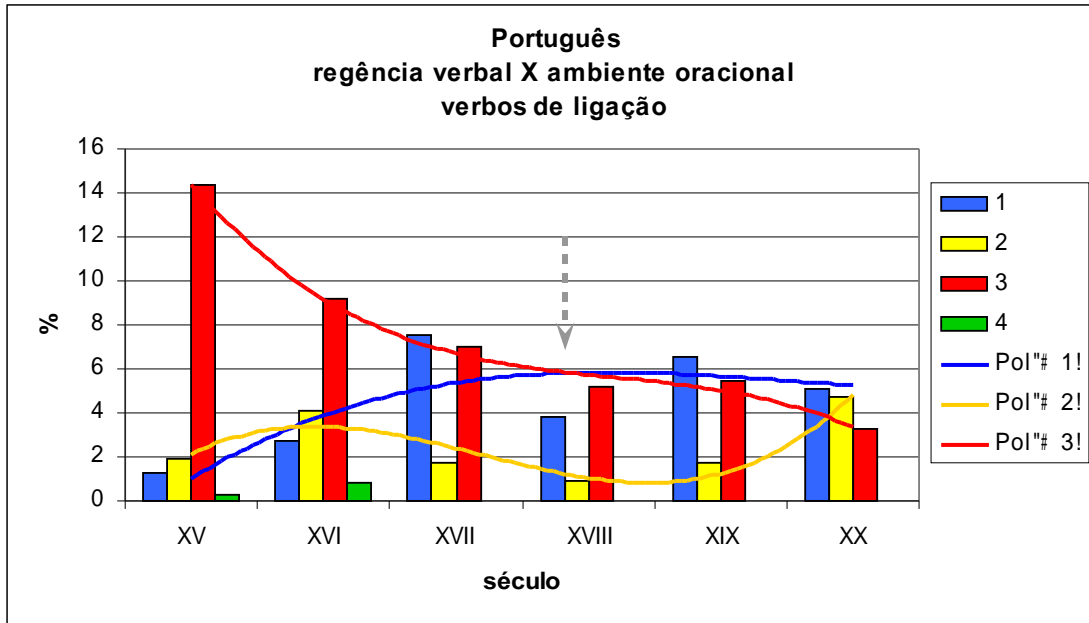


Gráfico 7*-b: frequências absolutas de verbos de ligação segundo o ambiente oracional.

* 8 Trá)los Bontes, esta"am outros capit0es e go"ernadores) ondeFQenr LVMM
 E 8 Bas bem podem ocorrer estas duas "ogaes, sem formar dip(t(ongo) FR' i0o LVM
 - 8 que ... parece que descansa ali a mesma Rature#a, dando repouso) MI(aAmor LVMM
 5 8 formidá"eis parangonas, Rasceu a Ro"a AtlGntida) Pang7edra LL

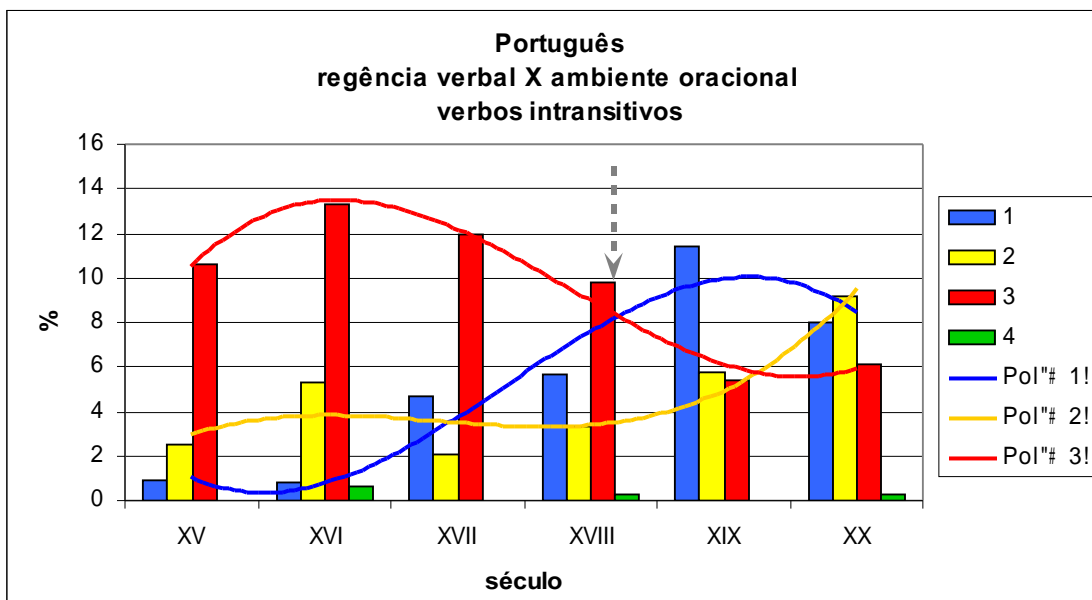


Gráfico 7*-c: frequências absolutas de verbos intransitivos segundo o ambiente oracional.

Dutro ponto)de)"ista sobre o mesmo par de fatores é dado pelo isolamento do ambiente oracional, permitindo)se a "aria/0o das classes de reg0ncia do verbo 8 i.e., pode)se obser"ar como as classes de regência se comportam em ambientes oracionais diferentes. Ro caso das ora/:es principais, "erifica)se a predominGncia de "erbos transiti"os diretos (classe u!, seguida de um grupo sempre crescente de intransiti"os (classe xx! e dos "erbos de liga/0o (classe x!. >m termos de regress0o linear, os "alores obtidos para os três grupos são i&& '(u1! H *.+5, i&& '(x1! H .44 e i&& '(xx1! H *.+3. Temos, como e%emplos, os seguintes:

u 8 >sto digo segundo mVn(a ten/om) 'eal ons LV

" 8 A outra parte do meio ser"e de sepultura aos turquos e mouros) 7ePer 'obo LVMM

^ 8 Fisse)me um upido que se me tin(a dado desde) MI(aAmor LVMMM

% 8 'ongos annos o &amal(ete permanecer des(abitado) Baias LML

%% 8 D ruido dos combates calou no alto do monte) astKaria LML

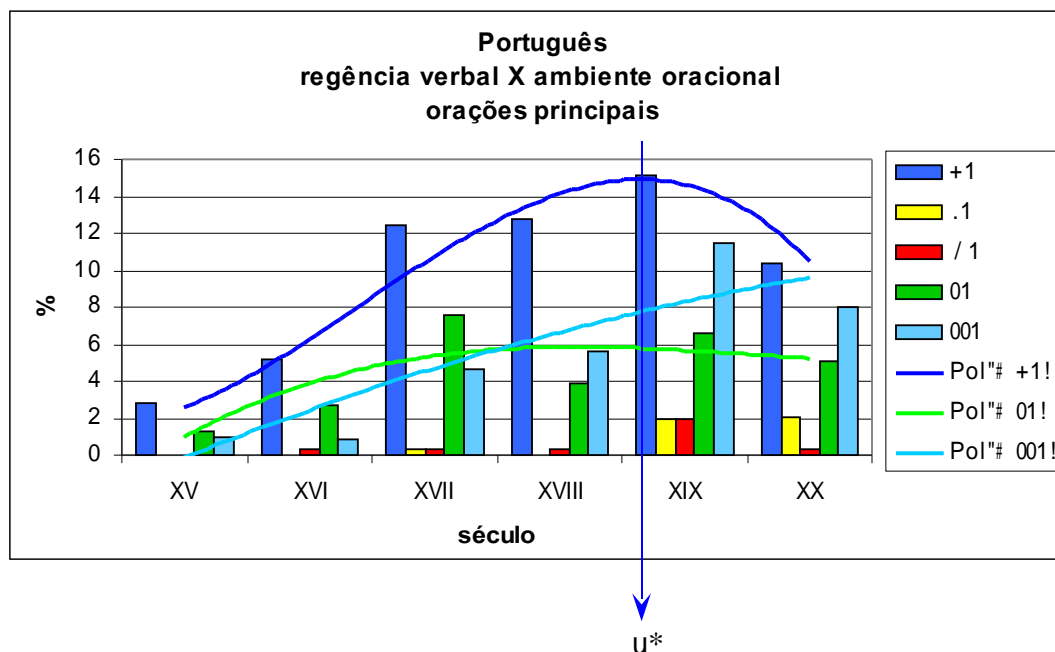
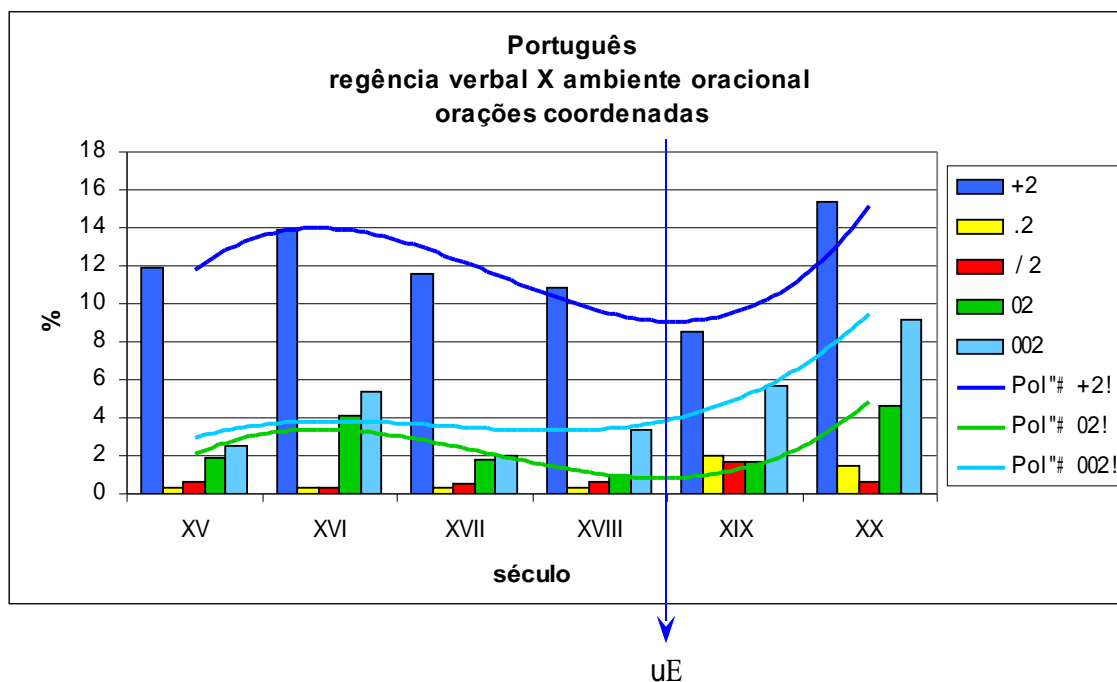


Gráfico 7*-c 8 frequências absolutas de ora- .es principais segundo a reg0ncia do verbo.

> m ora/ : es coordenadas, as classes de regência " erbal mostram ainda preferência pela classe **u** (transiti" os diretos!, cu\$as freqüências " ariam em torno dos *E= segundo um padr0o senoidal e com && ' (ori#ontal (inclina/0o H ..E!, o mesmo " ale para os " erbos de liga/0o (classe **x!**, apesar de as freqüências absolutas desse tipo " erbal serem bem mais modestas, para os intransiti" os (classe **xx!**, tem)se i&& ' H *.. -. Ve\$a)se também que o ponto de m?nimo local da cur"a de **u2** (transiti" os diretos em ora/ : es coordenadas! é praticamente coincidente com o má%imo local de **u** (transiti" os diretos! em ora/ : es principais (classe **1**, cf. 6 ráf. 7*-c!. Nesse ambiente oracional, encontram)se e%emplos como os seguintes:

u 8 que as pa#es foram firmadas entenderam elles que nom ficaua (V cousa) euta L V
 " 8 S ficara com maior eternidad a memoria delle) KernDli" L V M
 ^ 8 e dotam ambos C mesma casa a "ila de Trei%ede) onde FQenr L V M M
 % 8 > o &amal(ete, continuou des(abitado.) Baias L M L
 %% 8 onstante, tremia também o animal, como ent0o mesmo) Pang7edra L L



6 ráfico 7*-d 8 freqüências absolutas de ora/ : es coordenadas segundo a regência do " erbo.

As ora/ : es subordinadas n0o reser"am surpresas para o comportamento das classes de regência " erbal: as três categorias mais proeminentes, **u** (transiti" os diretos!, **xx** (intransiti" os! e **x** (" erbos de liga/0o!, apresentam tendências decrescentes (i&& ' (**u3!** H)5.*3, i&& ' (**xx3!** H

)*.-4, i&& '(x3! H)*.+4!. >m todo o inter"alo de amostragem, a classe u3 domina absolutamente o gráfico, indicando freqüências consistentemente mais ele"adas que as das demais classes, e%mplos da mesma encontram)se reprodu#idos abai%o:

u 8 quanto em el for, consiirando sua (idade) 'eal ons LV
 " 8 de noe S de _ubalTdi# Oeroso estoreador de Oabilonia) KernDli" LVM
 ^ 8 Sam Peronimo c(ama ao dito mar na for/a da lingua (ebrea Sansuf) 7ePer 'obo LVMM
 % 8 que depoVs foV ondesta"el destes reVnos) 7rincFPo0o LVMMM
 %% 8 de ramagens "erde)garrafa, es"oa/a"am cegon(as prateadas) Baías LML

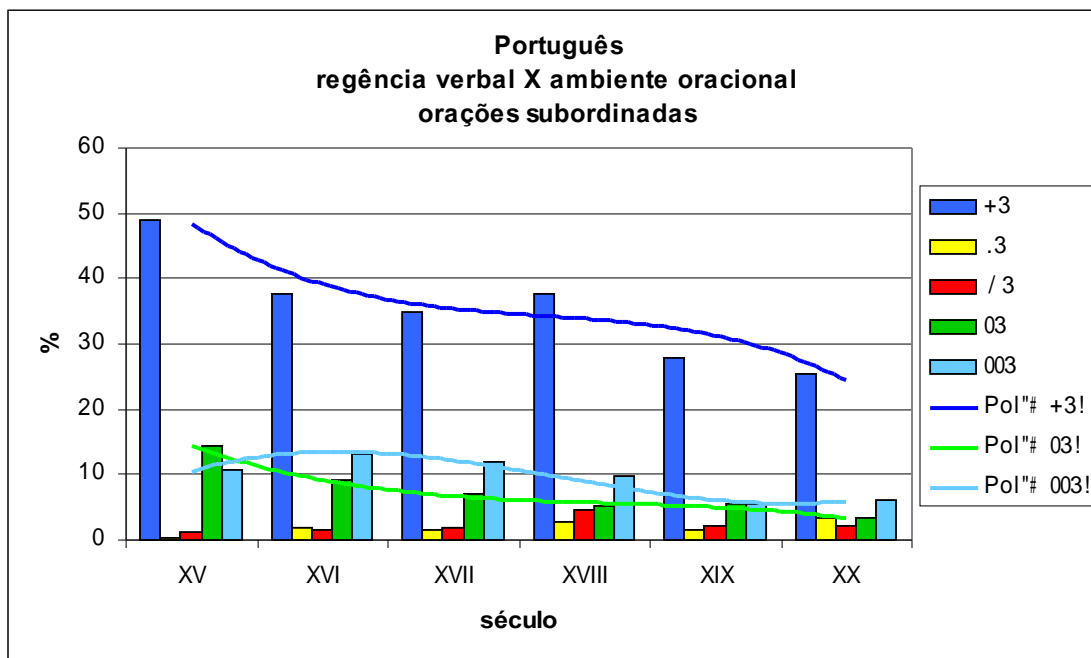


Gráfico 7*-e 8 freqüências absolutas de ora/ :es subordinadas segundo a regência do "erbo.

As três conjugações verbais do corpus português se comportam segundo padrões característicos: a primeira conjugação, **_a_**, cresce em frequência absoluta (i.e. H = 44%), enquanto a segunda cai quase 30 pontos percentuais (i.e. H = 30%), a terceira conjugação, que ocorre em proporções mais baixas que as outras duas, também verifica um aumento moderado (i.e. H = 15%). A seta indica o ponto em que, no final do século XVIII, as curvas de primeira e de segunda conjugação se cruzam, i.e., o ponto de equilíbrio entre as duas classes de verbos no corpus português, observa-se que a frequência absoluta da classe **_e_** cai abaixo dos 30% no início do século XVIII, mas a primeira conjugação atinge esse mesmo nível no século XIX. Com o tempo: o argumento de que a primeira conjugação torna-se cada vez mais frequente em decorrência da regularidade mais elevada de seu paradigma flexional indica a necessidade de se investigar a natureza dos fatores que determinaram a preponderância da segunda conjugação nas fases iniciais da amostragem.

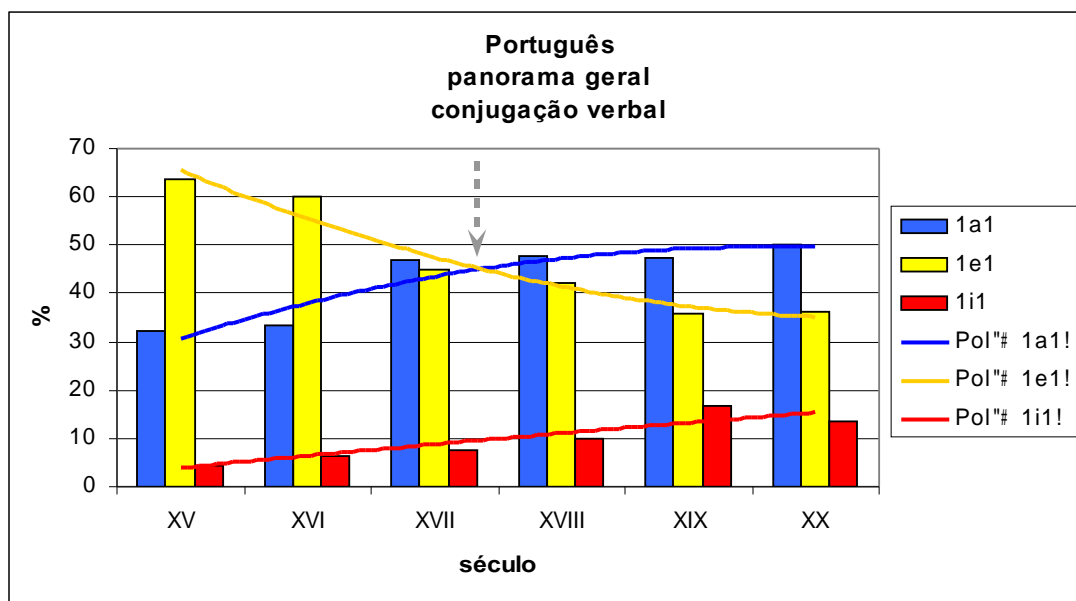


Gráfico 7.5a.8 distribuição geral das ocorrências segundo o fator conjugação do verbo.

A primeira conjugação se distribui preferencialmente nas ordens **a** (SV !, **i** (V !, **j** (V!, **g** (SV! e **h** (VS! e todas com perfil crescente, alinhadas com o comportamento geral delineado para essa classe no gráfico anterior: **a** (H.I*, **i** (H .53, **j** (H .I., **g** (H .*,<, **h** (H *.35. Também neste caso, a ordem **i** (V ! é a mais freqüente no corpus português, vejamos os exemplos e o gráfico de distribuição dos dados:

a (SV !) muitas re/ões a concusam detreminaram de o falarem a el&eV) euta LV
g (SV!) possu?a êste sen(orio e o sustenta"a com grande "alor) ondeFQenr LVMM
((VS!) e reVnando em Bauritania os Sen(ores, e 7ontifices de ordo"a) 7rincFPo0o LVMMM
i (V !) do seu paletot, e confiando os pés C impermeabilidade dos seus sapatos) Ser:es LL

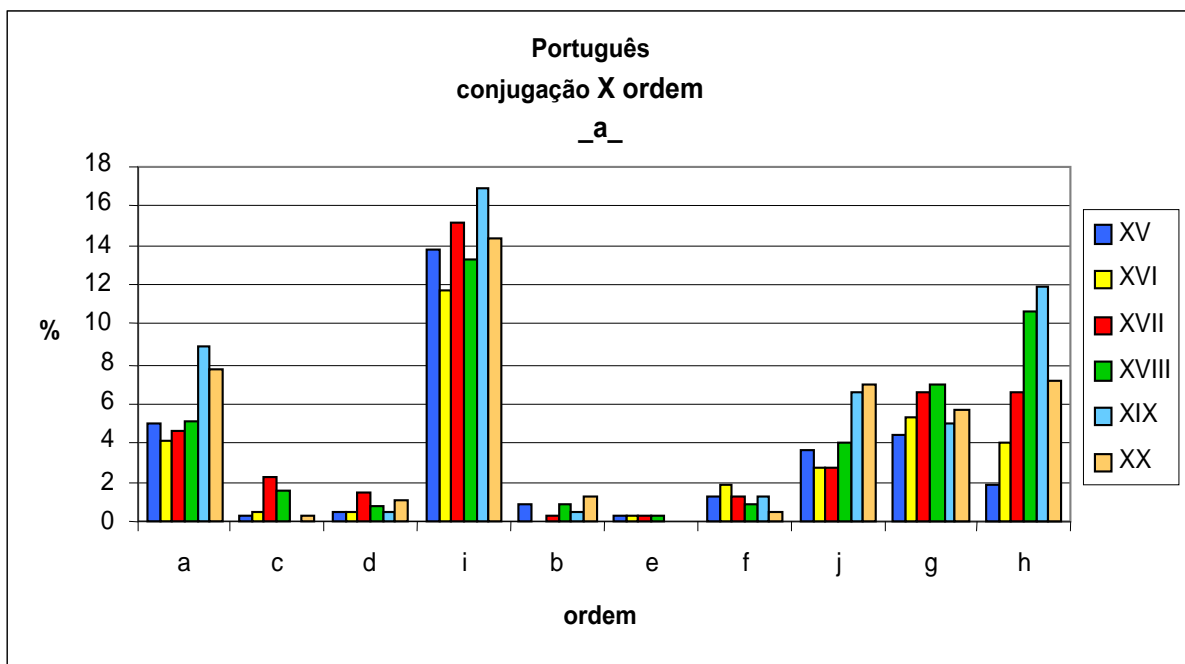


Gráfico 7*5b 8 distribuição da 1ª conjugação verbal segundo a ordem de constituintes.

A segunda conjugação também se especializa nas ordens a (SV !, i (V !, g (SV! e h (VS!, dentre as quais apenas a última contraria a tendência decrescente do grupo: i&&' (a! H)*.5+, i&&' (i! H)E.E5, i&&' (g! H).I3, i&&' (h! H).5<. Tomem-se os e%emplos:

a (SV !) por as quaes alguus screuem, grand, S sanct) FR 'i0o LVM
g (SV!) este"e, 6ranada ao sul de Badrid desde que Badrid nasceu) Pang7edra LL
i (V !) "endo)as mais Vunto de n;s en grande coipia i e%#aminando) 7ePer 'obo LVM
§ (V!) clamou ent0o :) 7ois se o sabes, cumpre o teu de"er) astKaria LML

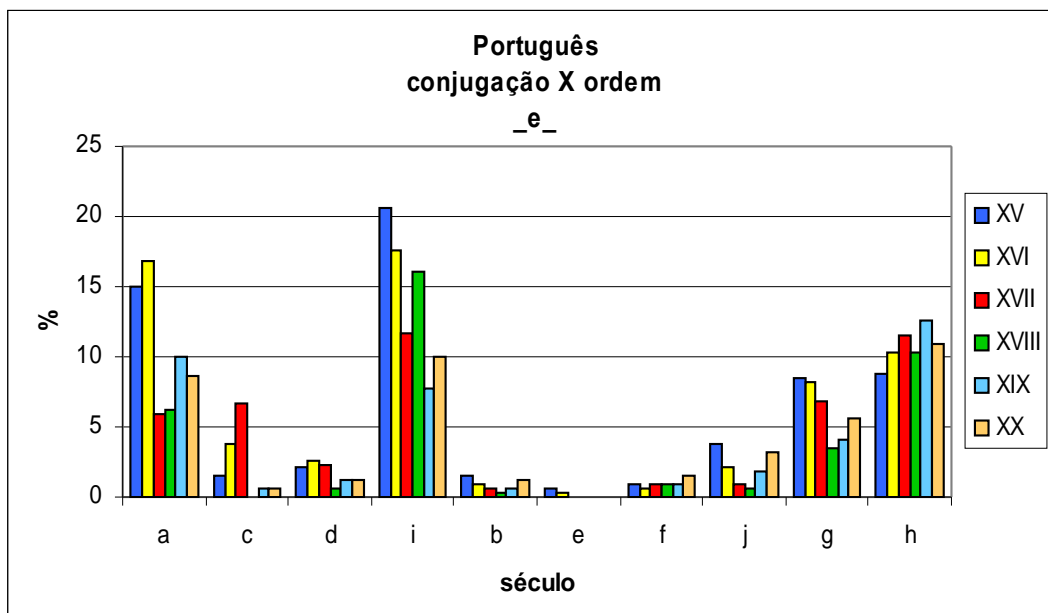


Gráfico 7*5c 8 distribui/0o da MM. conjugação "erbal segundo a ordem de constituintes.

A terceira conjugação verbal ocorre em frequência bastante inferior às demais da reduzida escala vertical do gráfico 7*5d. Concentra-se também preferencialmente nas ordens a (SV), i (V), g (SV) e h (VS), como a segunda conjugação, mas recebe a mesma tendência crescente da primeira conjugação: a (H .5-, i (H .4*, g (H .*<, h (H .4E.

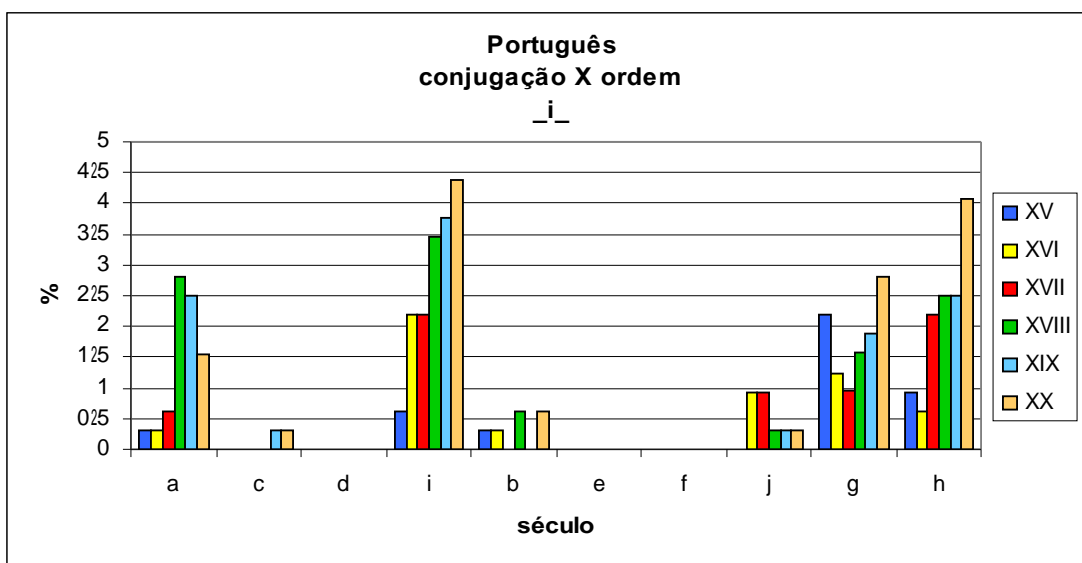
Exemplos abaixo fazem parte do corpus português:

a (SV) Ainda que ele sente em si muita perfeição para ser amado (LXV)

i (V) Por assim ser líquido este. Não ferir a vogal seguinte (LXVI)

g (SV) Tudo ri, tudo agrada, tudo parece magnífico (LXVIII)

h (VS) Seriam os fragmentos do castelo de Karia para se construir (LXX)



Gráfico

conjugação, *i*, também mostra a tendência positiva, embora ocorra em proporções muito baixas diante das outras duas e os resultados a ela referentes devem ser tomados com cautela.

conjugação	a (!)	i (!)	g (!)	% (!)
<i>la</i>	↗	↗	↗	↗
<i>le</i>	↘	↘	↘	↗
<i>li</i>	↗	↗	→	↗

Tabela 7 < 8 tendências de distribuição das ocorrências de ordem de constituintes segundo a conjugação do verbo.

D cruzamento dos fatores conjugação do verbo e ambiente oracional mostra, inicialmente, como cada grupo de verbos se distribui nos diversos tipos oracionais. Nesse sentido, observa-se que a curva de orações principais (classe 1) é secante C de coordenadas (classe 2), as concavidades dessas curvas são opostas, mas os dois conjuntos têm inversões positivas (respectivamente, E.53 e *5+). As orações subordinadas (classe 3) são resolvidas por um arco cujo máximo está no final do século XVIII.

Para a primeira conjugação, tomemos os exemplos:

* Foi grande amor se gera (uu formento no cora/om) 'real ons LV

E e arte q ensina a bem ler S falar:saVbamos quem primeiro) KernDli" LVM

- porque o ac(o com grandes (eran/as em 7ortugal, nas terras) ondeFQenr LVMM

5 porque la"a'am os bras:es das suas armas e reforma'am as librés) Ser:es LL

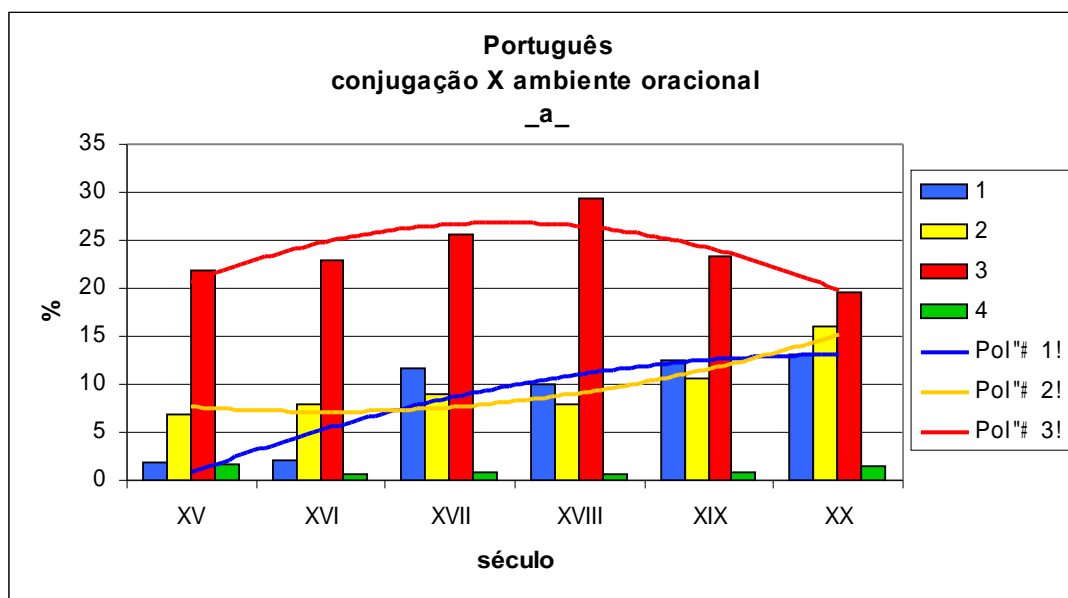


Gráfico 7.5e 8 distribuição da 1ª conjugação verbal segundo o ambiente oracional.

Para a segunda conjugação, o perfil é diferente, como assinalado no gráfico 7*5a: (há um aumento moderado (i&&' H *.I<! das frequências de ora/:es principais (classe 1! associadas a essa conjugação "erbal, mas o movimento mais sensível é o decréscimo (i&&' H)4.E5! das propor/:es de ora/:es subordinadas (classe 3!, cujo "valor é bastante próximo ao encontrado para as subordinadas no gráfico 7< (i&&' H)<.I-!. >sse paralelismo mostra que, em termos de ambiente oracional, a queda na frequência absoluta da segunda conjugação é determinada pelas ora/:es subordinadas.

* 8 ' uso que também enobreceu esta terra não foi o rego) KernDli" LVM

E 8 riu muito da p(rase, e respondeu que aquelas ra#:es eram excelentes) Baías LML

- 8 por ser o lugar por onde entramos a Mt(iopia e ter muito que contar delle) 7ePer'obo LVMM

5 8 da guerra, e que sofre mal as perdas, e affrontas, que nella recebe) 7rincFPo0o LVMMM

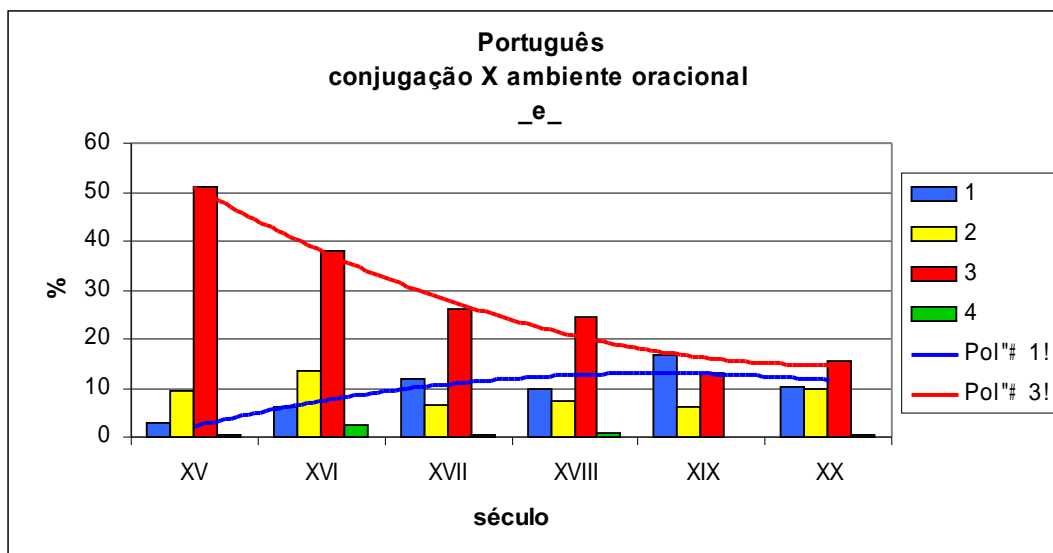


Gráfico 7*5f 8 distribuição da conjugação portuguesa segundo o ambiente oracional.

Para a terceira conjugação, assinalada como i, temos uma extensão mais modesta da escala do eixo das ordenadas, como se vê no gráfico 7*5a. Ver-se-á que as curvas referentes às orações principais (classe 1! e subordinadas (classe 3! têm máximos praticamente coincidentes no século LML, contudo, o incremento ponto a ponto da curva de subordinadas é menor que o de principais. Além disso, os perfis dessas curvas mostram um decréscimo após o século LML, enquanto a curva de coordenadas (classe 2! é ascendente no final do intervalo de amostragem. Os exemplos abaixo correspondem a ocorrências associadas a esse traço:

- * 8 Oem ouV rrespondeo el&eV o que ata ora me dissestes.) euta LV
- E 8 e por este respeito saem muitos por toda a costa de Belinde) 7ePer 'obo LVMM
- 8 uma fita onde se distinguiam letras e numeros d'uma data) Baías LML
- 5 8 da espan(a S seguilos ate a sua Vtalia) KernDli" LVM

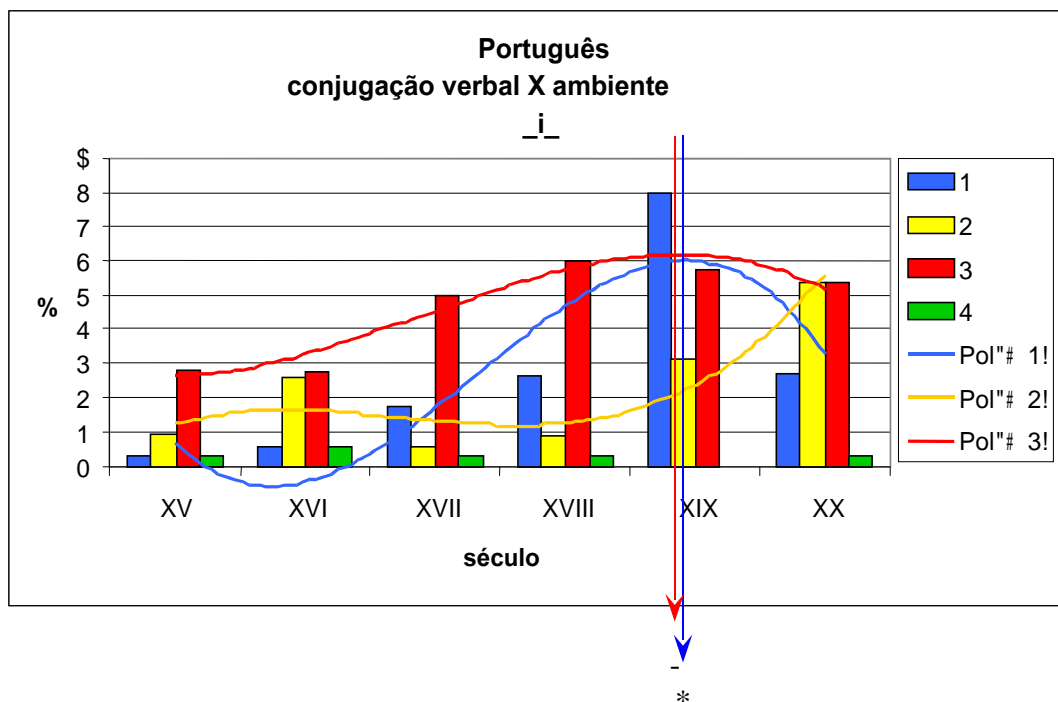


Gráfico 7*5g Distribuição da conjugação verbal segundo o ambiente oracional.

Dutra possibilidade de se cruzarem os fatores conjugação verbal e ambiente oracional implica definir o primeiro e definir o segundo: dessa forma, pode-se apreciar como as conjugações se distribuem em cada ambiente oracional. No caso das orações principais (classe 1!), os traçados das curvas correspondentes às três conjugações são semelhantes (antes, ainda que tenham alturas (i.e., frequências absolutas) diferentes, além disso, apesar de os máximos dessas curvas estarem todos compreendidos no século XVIII, há alguma defasagem entre eles. Para as orações principais, o subconjunto de ocorrências que tem a inclinação mais elevada é o de verbos de primeira conjugação (i.e., 'a', H.E.53), seguido dos verbos de segunda (i.e., 'e', H*.I<) e dos de terceira (i.e., 'i', H*...).

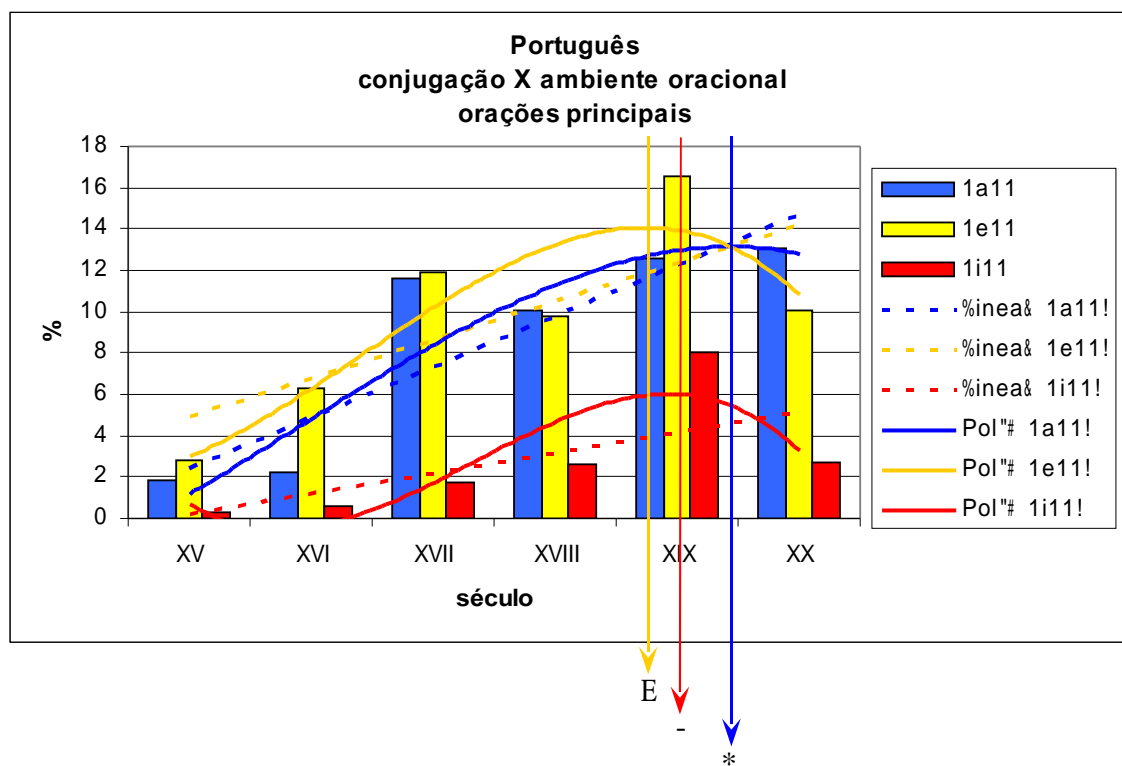


Gráfico 7*5 (8) distribuição das orações principais segundo a conjugação verbal.

As orações coordenadas (classe 2!) mostram uma distribuição diferente das principais, segundo o critério da conjugação verbal: a primeira e a terceira conjugações têm retas de regressão linear de inclinação positiva (i.e., 'a', H*.5+, i.e., 'i', H.<+!), enquanto a frequência da segunda conjugação cai (i.e., 'e', H).3E! ao longo do intervalo em estudo.

Observa-se que há vários pontos coincidentes entre as curvas, como os máximos locais de segunda e de terceira conjugação: es no século XVIII, e os mínimos locais das curvas de primeira e de terceira conjugação: es entre os séculos XVIII e XIX.

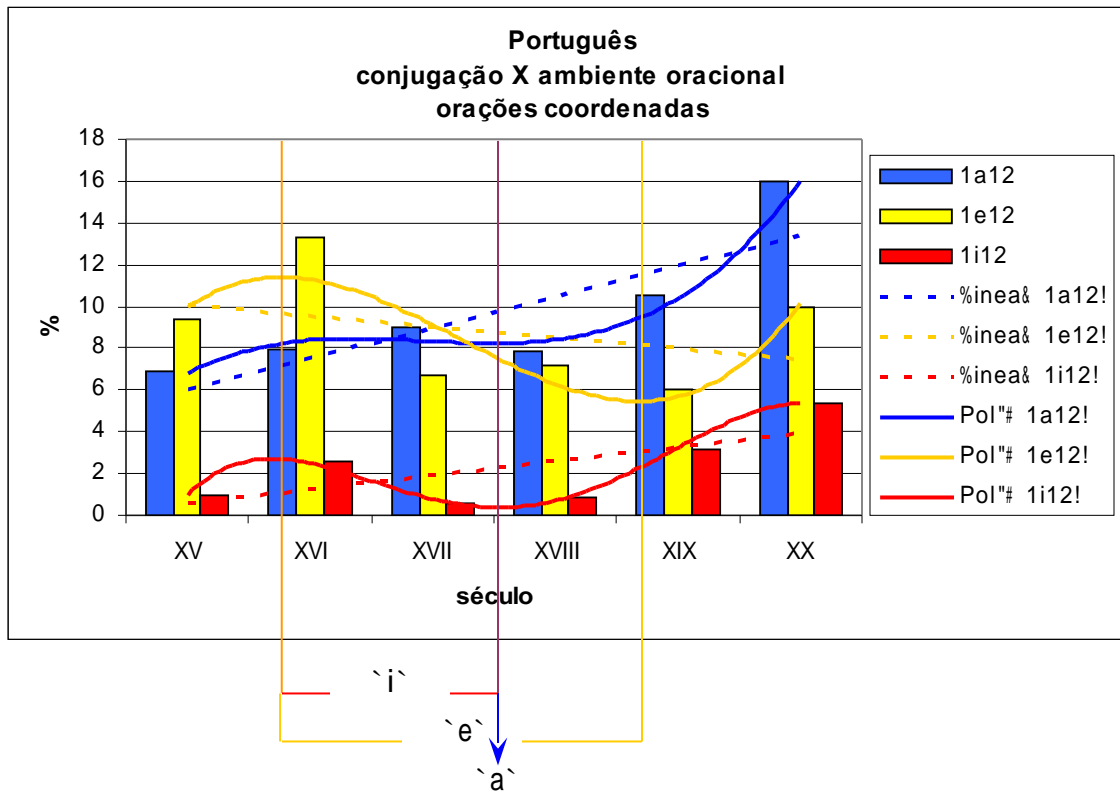


Gráfico 7.5.8 distribuição das orações coordenadas segundo a conjugação verbal.

Para as orações subordinadas, já comentamos (q. Gráfico 7.5f) que há diminuição sensível da frequência de verbos de segunda conjugação (classe e!, em particular, note-se, aqui, o paralelismo entre as retas de regressão dos subconjuntos de frequências de verbos de primeira e de terceira conjugação: es (respectivamente assinalados como a e i!). Isso mostra que, nesse ambiente oracional, há diminuição das proporções de verbos de segunda conjugação, mas manutenção daquelas de verbos de primeira e de terceira conjugação: es.

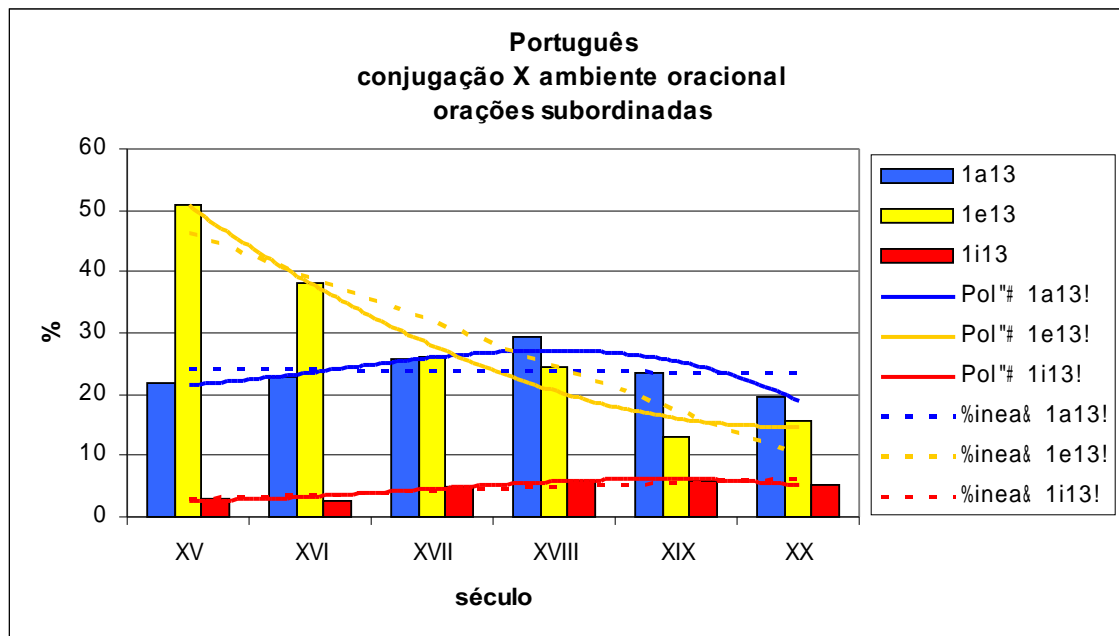
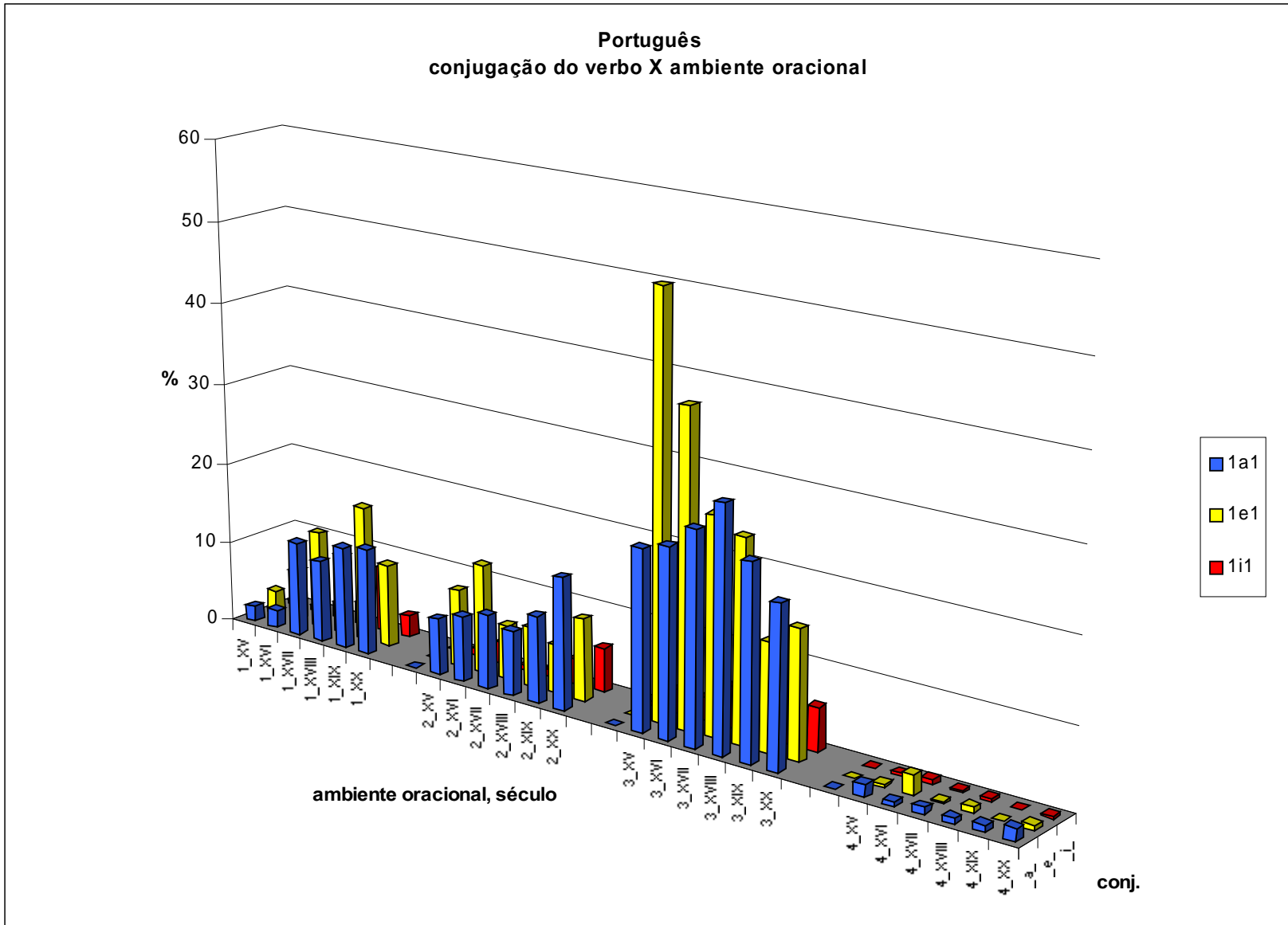


Gráfico 7*5] 8 distribui/0o das ora/ :es subordinadas segundo a con\$uga/0o "erbal.

Também para o cru#amento dos fatores con+uga-ão verbal e ambiente oracional, n0o faremos comentários sobre as freqüências em ora/ :es coordenadas em subordina/0o (classe 4! 8 que n0o atingem os E.3 = de freqüência absoluta no corpus português.

Uma "e# que as escalas dos gráficos imediatamente anteriores s0o diferentes, apresentamos, para efeito de compara/0o, o Gráfico 7*5], o qual sinteti#a todos os dados lan/ados em 7*5()\$ mais os de coordenadas em subordina/0o (classe 4 de ambiente oracional!). Destaca)se nele a preponderÇncia das ora/ :es subordinadas (classe 3!, além da \$á mencionada franca diminui/0o das propor/ :es de "erbos de segunda con\$uga/0o (classe _e_! nesse ambiente oracional.

6 gráfico 7*5] 8 compara/0o entre as frequências absolutas das ocorrências para os quatro ambientes oracionais e segundo as três classes de conjuga/0o " erbal.



Com respeito às frequências dos itens lexicais, temos aqui a clássica curva (hiperbólica de Zipf, a qual indica que a distribuição das ocorrências encontradas nos textos portugueses obedece ao padrão usualmente associado a bases de dados textuais.

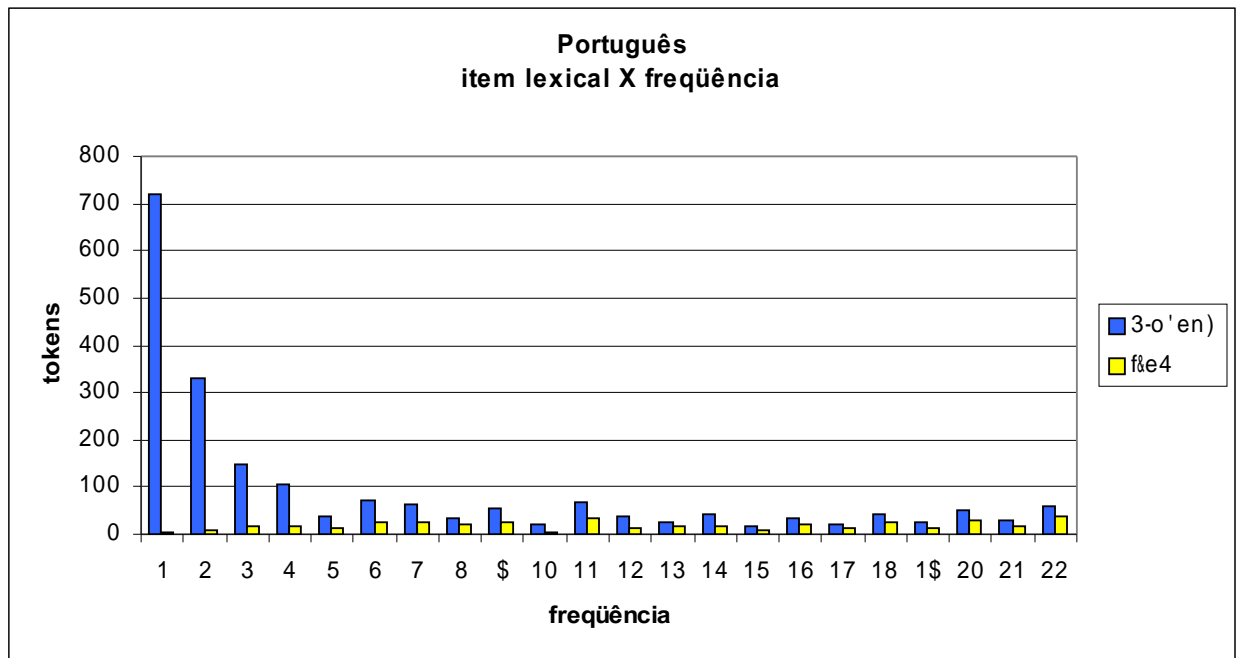


Gráfico 7*518 distribuição dos verbos segundo a sua frequência no corpus.

O verbo mais freqüente no corpus, *ser*, apresenta uma distribuição de freqüências que também obedece ao padrão já delineado para o ambiente oracional no Gráfico 7, e reproduz, inclusive, as concavidades das curvas encontradas nesse gráfico. Esse comportamento é, naturalmente, mais claro para os itens lexicais mais freqüentes, mas se estende aos demais de maneira semelhante. Os perfis dos itens menos freqüentes sofrem, obviamente, a interferência de outros fatores, como os discursivos e estilísticos, mas o tratamento dos mesmos em conjunto (como feito acima para o fator conjugação) permite destacar aspectos condicionadores de seu comportamento.

As ocorrências reproduzidas abaixo compreendem o verbo *ser* nos ambientes sintáticos distintos neste trabalho:

- * 8 esta era (e a mesma a que no mar c(amo sargaso) 7ePer'obo LVM
- E 8 7orem pera taes resada sospeita... (e muVto scusada) 'eal ons LV
- 8 porque o til, que se p:e em irmo, noo (e sobre o .o. que (e a derradeira letra) FR'ioo LVM
- 5 8 agora que (e tempo S somos sen(ores porque mil(or (e que ensinemos a Guine ca) KernDli" LVM

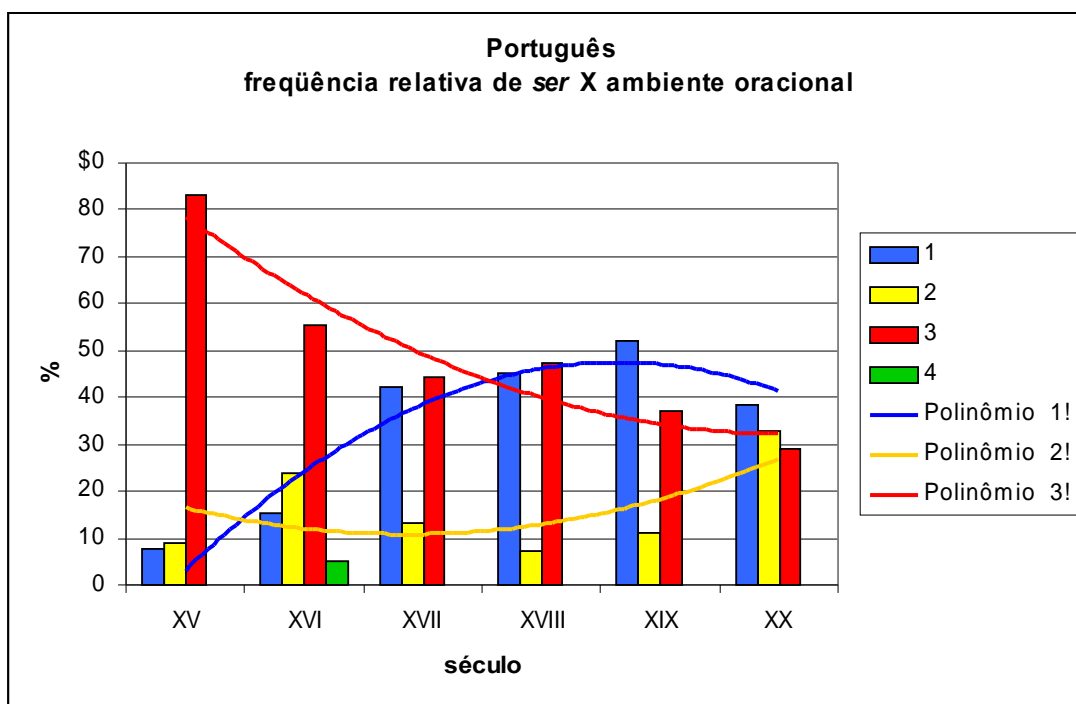


Gráfico 7: Distribuição do verbo *ser* no corpus português segundo o ambiente oracional.

Por fim, a distribuição das ocorrências segundo a classe semântica do verbo mostra, da mesma forma que se observa para o italiano e para o espanhol, uma concentração nas classes ATT, D6R, FMS7 e S>B. Os valores de inclinação das &&'s para os subconjuntos 1V 2 dessas categorias mais frequentes apontam para a diminuição das frequências da maioria: i&&' (ATT! H)*.EE, i&&' (D6R! H).**, i&&' (FMS7! H).+, i&&' (S>B! H).35.

Tomemos os exemplos abaixo, seguidos do gráfico 7*5n, que resume o comportamento do conjunto:

ATT) como a que (e "ogal:S .b. que (e c:soante: S nam tẽ "o# ao menos)
KernDli" LV M

D6R) D mesmo se col(e de outras muitas escrituras) ondeFQenr LVMM

FMS7) as contas, se despendera: cento e quin#e mil dobras, gasto ta: moderado)
7rincFPo0o LVMMM

S>B) 9 tempo de di#ermos o moti"o de tanta e t0o e%cepcional agita/0o) Ser:es LL

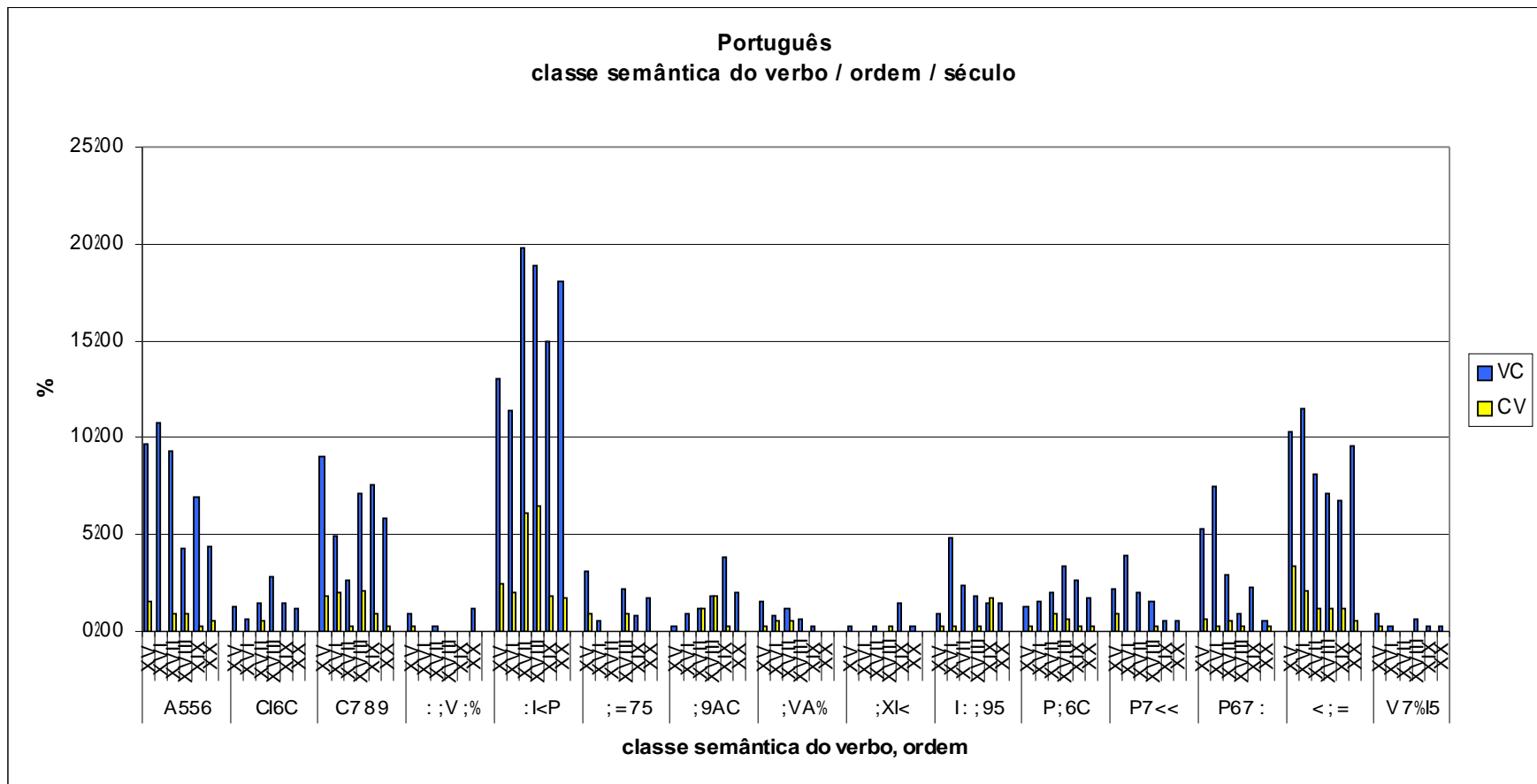


Gráfico 7*5n 8 distribuiçõ das ocorrências segundo a classe semântica do verbo.

Em suma, os dados do corpus português indicam que alguns fatores são dependentes de outros, os quais lhes determinam o perfil de distribuição ao longo do tempo. Assim é que, por exemplo, a própria ordem de constituintes não é apenas função do tempo (cf. gráfico 7*!, como também do peso de *e* e de *o* (cf. gráficos 74 e tabela 75! e do ambiente oracional, AD (gráficos 7<a)c e tabela 7-!. Da mesma forma, funções da ordem de constituintes e, por conseguinte, do ambiente oracional são os traços do verbo e tempo (cf. gráficos 7*.a)c e tabela 73, para a ordem, e a série de gráficos 7**, para o fator A3!, regência (cf. gráficos 7*E, para a ordem, e os gráficos 7*- , para o ambiente oracional! e conjugação (cf. gráficos 7*5b)d e tabela 7<, para a ordem de constituintes, e os gráficos 7*5e)], para o fator A3! e a agentividade (cf. tabela 7*, para a ordem, e gráficos 75a, 73a e tabela 7E, para o ambiente oracional!. Demonstra-se também que os perfis dos fatores peso de *e* e de *o* e item lexical (a"aliada apenas para o verbo mais frequente, ser! são dependentes de A3 nos gráficos 7I)7+ e 7*5m, respectivamente, em 7*5n, por fim, observa-se que a classe semântica do verbo também está ligada à ordem de constituintes. Entre todos os fatores elencados neste trabalho, o único que se mostra exclusivamente dependente do tempo é o ambiente oracional, como se depreende da análise dos dados, (há mudança nas proporções relativas de vários traços, de maneira a obedecer à alteração nas frequências de ocorrência dos ambientes oracionais. Isso é, portanto, um indício de que, no corpus português, vários movimentos de mudança são controlados pelo ambiente oracional.

Tratamento numérico das ocorrências: o *corpus* espanhol

Os vários recortes feitos na base de dados de espanhol a partir da consideração dos fatores de análise levam à obtenção de perfis de comportamento do *corpus*, apresentados nos gráficos e nas tabelas seguintes. Os fatores são tratados, de princípio, isoladamente e em relação à ordem dos constituintes, e, em seguida, combinados com o critério *ambiente oracional* para observar sua evolução em diferentes tipos oracionais. Os comentários que acompanham os gráficos serão resumidos, posteriormente, na seção de comparações entre os *corpora*.

As ocorrências de espanhol distribuem preferencialmente nas ordens a (& ' (), i (& ' (), j (& ' (), g (& ' () e h (& ' (), com predominância da ordem i (& ' (). Os comportamentos de algumas dessas ordens são bem definidos em termos de tendências, como a (& ' () e h (& ' (), cujas proporções aumentam (i, , - . . /0 e 1.12, respectivamente), e i (& ' () e j (& ' (), em decréscimo (i, , - . 3./2 e 3.45, respectivamente).

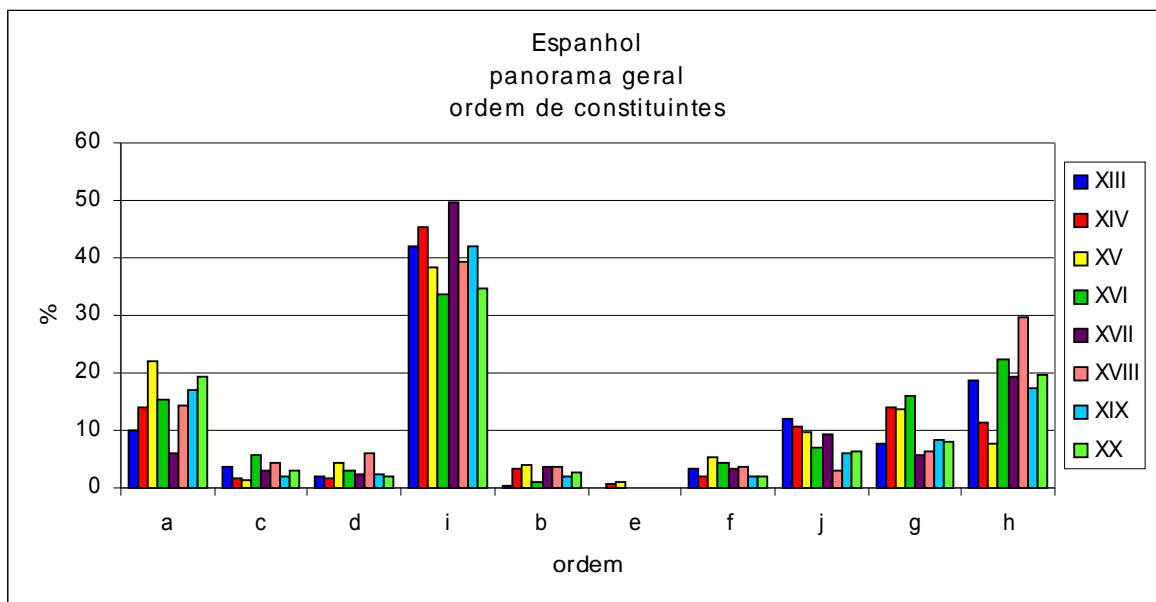


Gráfico 71.8 tendências gerais de comportamento do *corpus* espanhol para a combinação dos traços *ordem* e *agentividade de S e de C*.

(om respeito à *agentividade de S e de C*, observa-se, em primeiro lugar, a concentração das ocorrências em torno das classes prototípicas \$h e :n nas ordens ;' (<

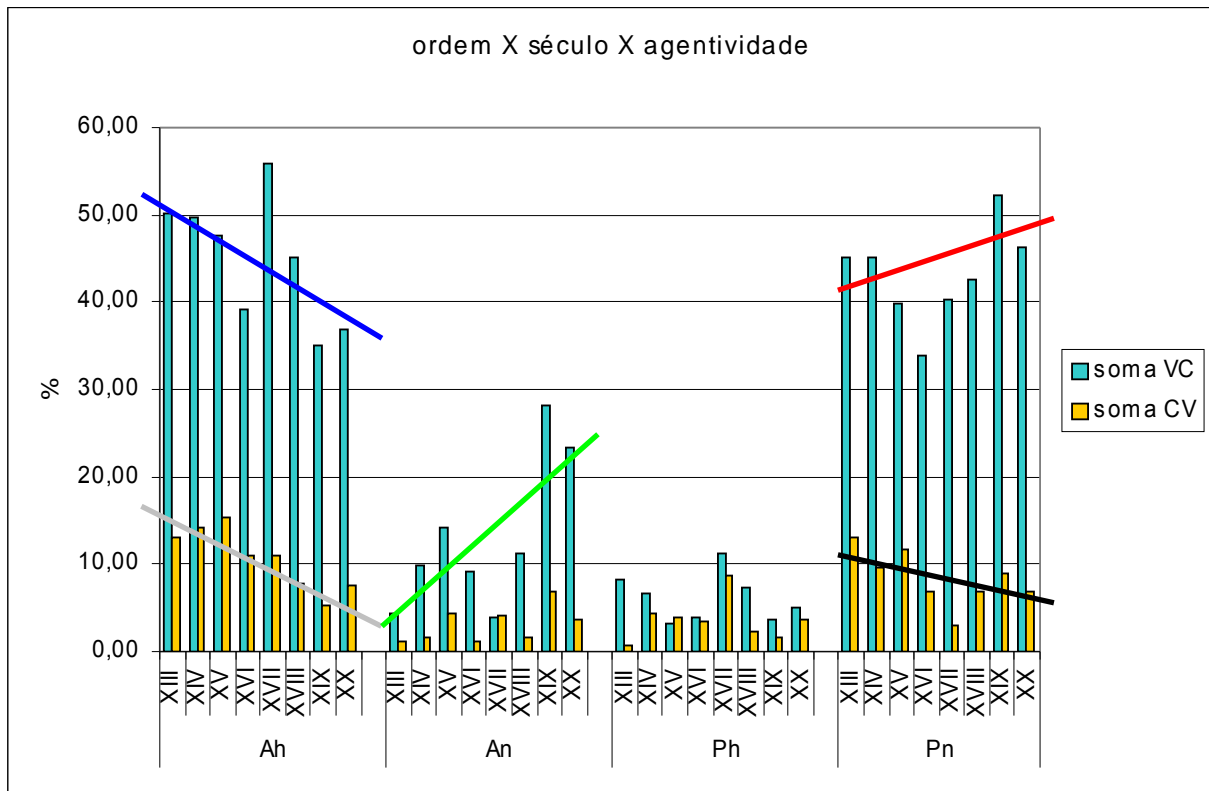


Gráfico 71.8 tendências gerais de comportamento do *corpus* español para a combinação dos traços *ordem* e *agentividade de S e de C*.

Em termos gerais, o cruzamento dos fatores *ordem de constituintes* e *agentividade* aponta para o fato de que as classes \$h %' (), :n %' () e \$n %' (), as mais abundantes, têm comportamentos diferentes: as proporções relativas de \$h diminuem (i.e., - . 31,02), enquanto as de :n e de \$n tendem a aumentar: i.e., - %:n) . =,54 e i.e., - %\$n) . 9,/= . Começa-se a isso a redução das frequências de \$h %' () (i.e., - . 31,9%) e de :n %' () (i.e., - . 3=,0=), e tem-se o indicativo de uma possível tendência do sistema, condicionada pela posição relativa do complemento verbal: se a ordem é ;' (<, o traço ;@humano< tende a diminuir em frequência, enquanto ;3humano< tende a aumentar. Se o complemento é pré-verbal, o agente ;@humano< e o paciente ;3humano< têm suas frequências reduzidas.

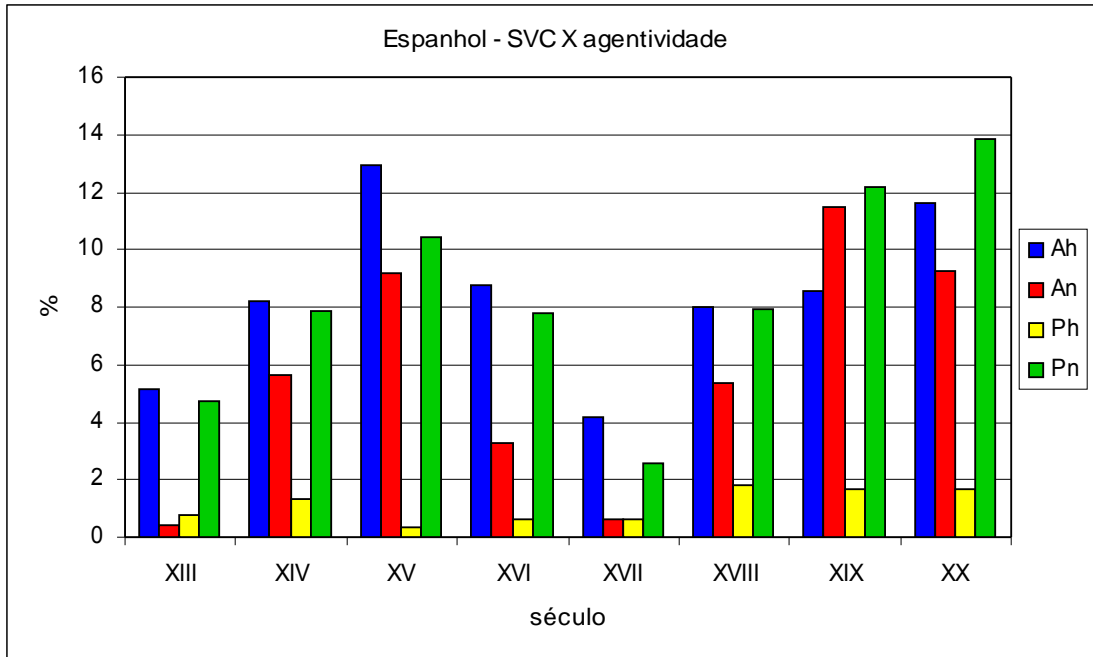


Gráfico 79a 8 distribuição das ocorrências de ordem a '&' (Ah, An, Ph, Pn) segundo a agentividade de & e de (.

O cruzamento do traço '&' (com os de agentividade identificados para o corpus espanhol mostra uma flutuação senoidal em todo o espaço de variação destes últimos. Esse comportamento é mais patente nas combinações mais frequentes '&' (Ah e '&' (An), mas é também sugerido nas menos numerosas. Os perfis estão sempre abaixo dos 1/D totais, o que torna o grupo '&' (um dos mais expressivos de todo o conjunto. Isso se deve ainda ao fato de que as associações mais frequentes são justamente aquelas em que haveria maior coerência na atribuição de papéis: agente tende a ser associado ao traço humano, e paciente a referentes não-humanos. Exemplos:

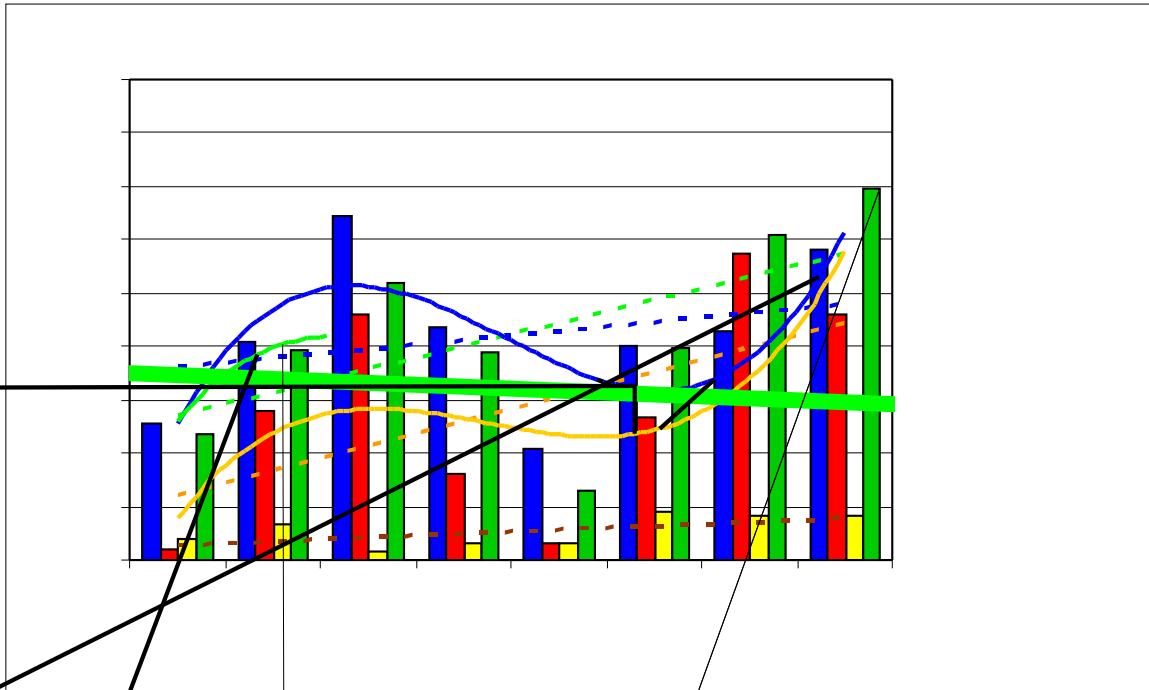
¿h 8 7n cuanto a los peligros, Eo no negaré que esta guerra % : \$F)

\$n 8 ningBn influ+o derribará sus intenciones de hacer la pa" % : \$F)

:h 8 de commo los troEanos lo dieran sus donas que oferese %T , O)

:n 8 vuestra gente destroEeron Ea a uella tierra toda otra vegada %T , O)

Apesar do perfil flutuante apresentado no gráfico 79a, a resolução de todas as tendências nele sumariadas corresponde a retas de inclinação positiva, como pode ser observado no gráfico abaixo:



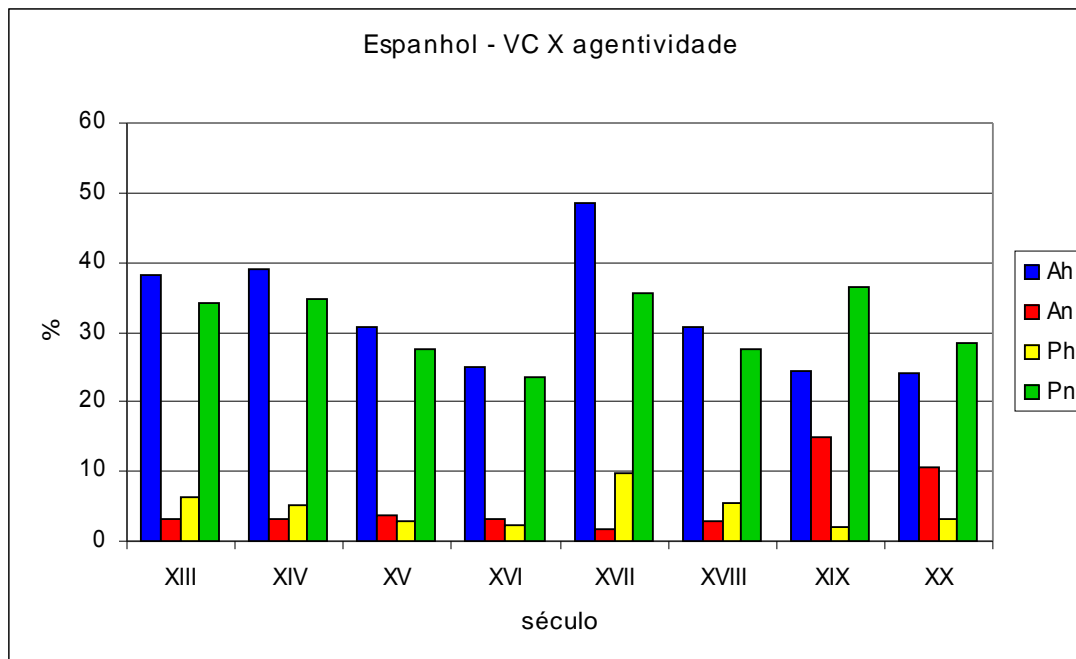


Gráfico 7 | a distribuição das ocorrências de ordem i % ' ()
segundo a agentividade de & e de (.

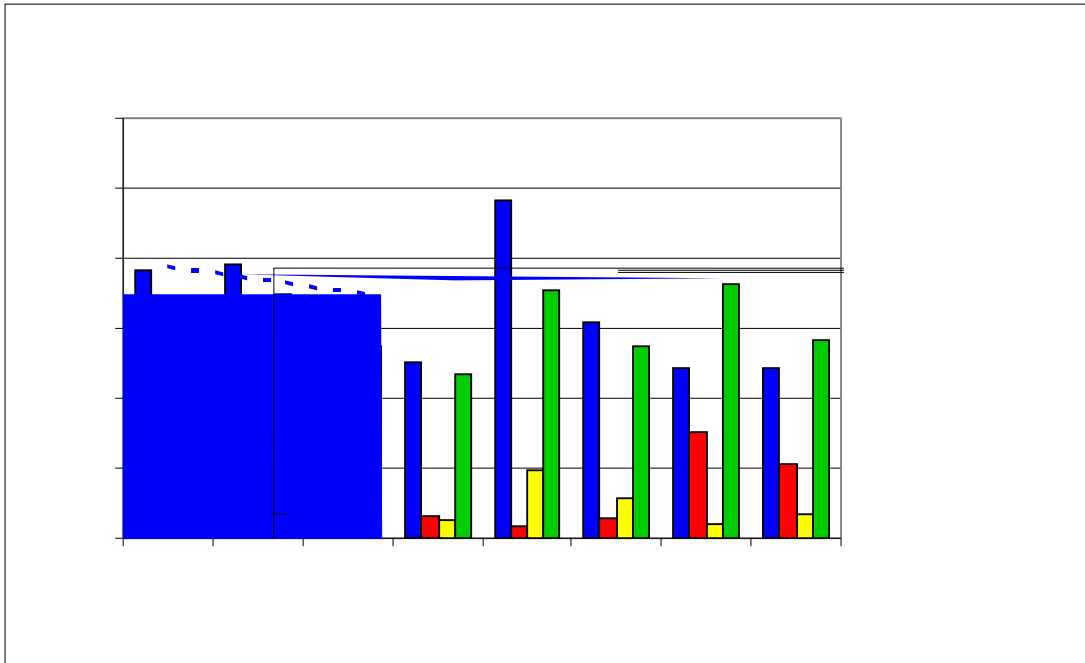
A situação diversa é a que se apresenta para a combinação dos traços i % ' () e agentividade: o perfil das subclasses mais frequentes, Ah e Pn, é descontínuo, mostrando decréscimo das proporções de ' (até o século XVIII, seguido de aumento brusco no século XIX e decréscimo ou flutuação até o final do intervalo de amostragem. Não obstante todos os valores estarem compreendidos abaixo dos 50% de frequência absoluta, esse é o traço mais frequente no corpus espanhol. Os exemplos abaixo ilustram a combinação dos traços:

Este presenta tu obra, E sabes ende que ganarás (KL 6)

El primero que le llevó los ojos fué el cielo (S 6 ,)

Entre estas no olvidaré las virtuosas mugeres de los de Kenia (KL 6)

En concibiendo un horror implacable al pecado (S 6 ,)



\$h 8 e guisad commo nos acorrades con vino e con farina e con carne %T , O)

\$n 8 una es la lu" !ue los ilumina % (\$&)

: h 8 los !ue lo salieron a rresçebir %T , O)

: n 8 a las casetas, la concurrencia !ue las usa E llena % (\$&)

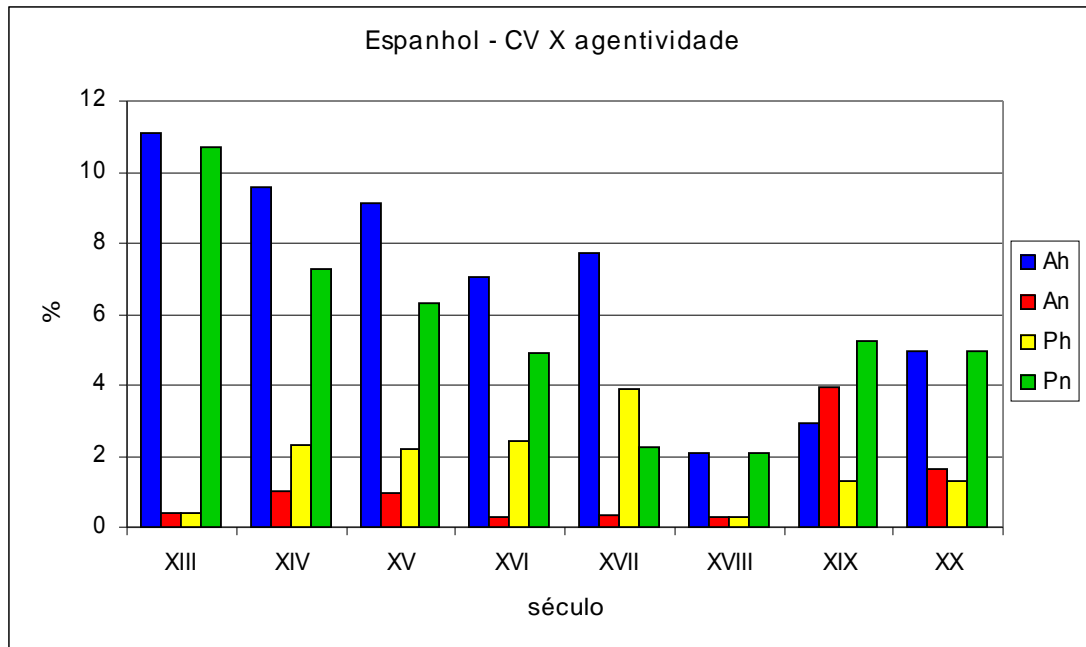


Gráfico 7? a 8 distribuição das ocorrências de ordem + % (')
segundo a agentividade de & e de (.

As linhas de tendência para as quatro subcategorias confirmam o eCposto acima observe3se, contudo, !ue o decl nio de \$h é um pouco mais acentuado !ue o da preferência por :n, ao passo !ue há um leve aumento %da ordem de 9D) nas proporç#es relativas de \$n. :h, por sua ve", oscila timidamente, num movimento cu+a amplitude máCima não chega aos ?D.

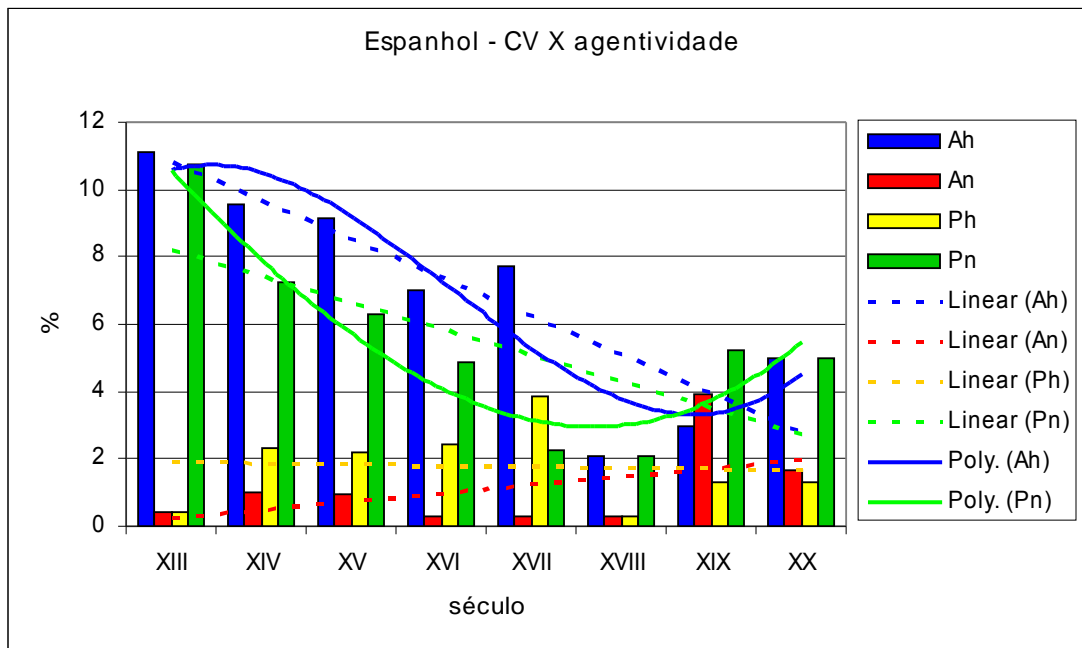


Gráfico 7?b 8 tendências de comportamento das ocorrências de ordem + % (')
segundo a agentividade de & e de (.

(om respeito aos casos em !ue o complemento do verbo é el ptico, as subclasses referentes à agentividade para a ordem g %&') mostram, em primeiro lugar, um comportamento aproCimadamente paralelo, com eCpressividades diferentesA assim é !ue \$h, o grupo mais comum, tem pico no século G ' H %eCatamente como também acontece para :n, seu ant poda e o segundo mais fre!>ente). \$n, por seu turno, tem distribuição senoidal de per odo igual a /== anos, e :h tem comportamento decrescente, apesar de não se apresentar em proporç#es superiores a 9D. Os eCemplos abaiCo são relativos a essas caracter sticas:

\$h 8 Ki amo !uedM desesperado, E como no lo pod a remediar % (OJ)

\$n 8 -os montes surg an con suavidades doradas %&H -)

:h 8 mi cabo de escuadra, a !uien Eo respetaba como al , eE % (OJ)

:n 8 7l automMvil va +adeante E antipático %&H -)

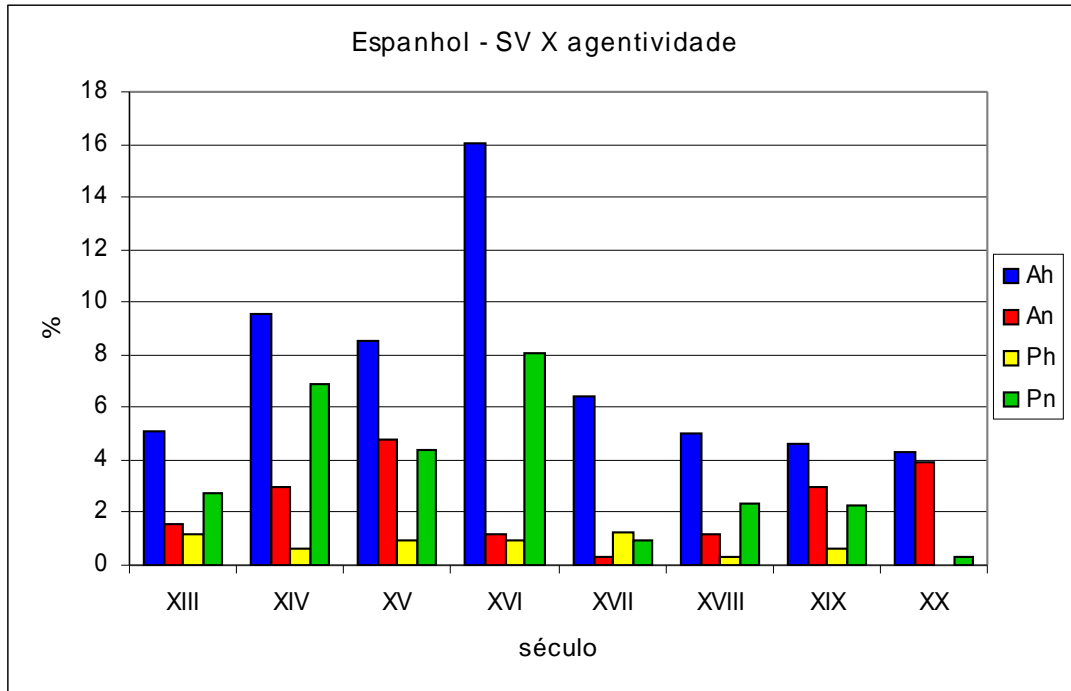
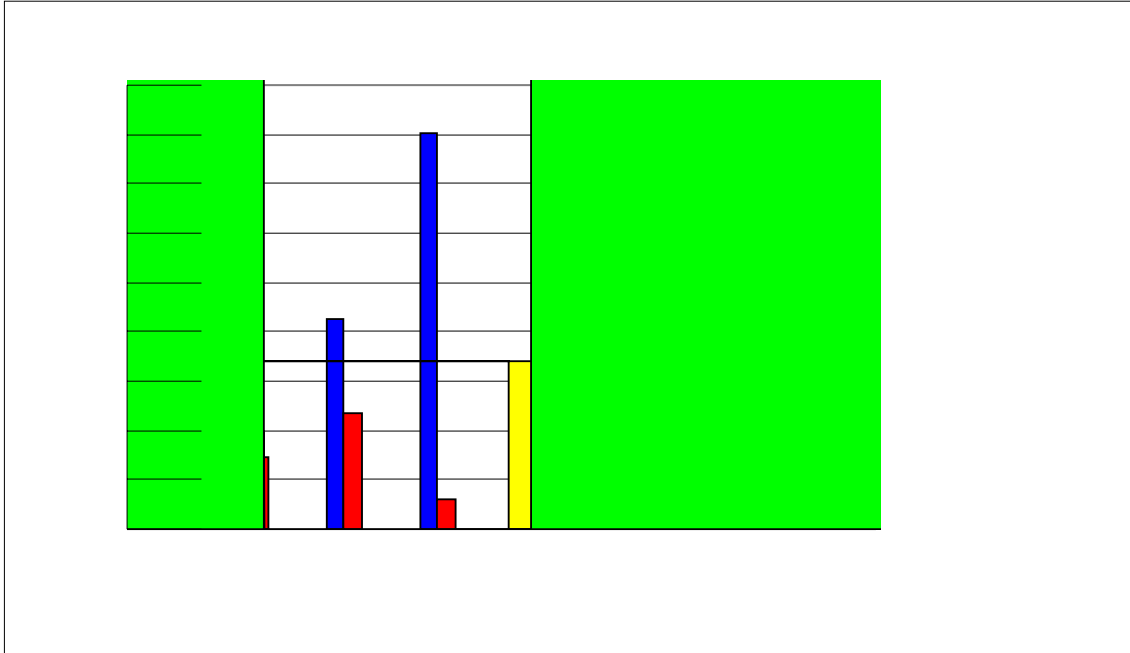


Gráfico 7/a 8 distribuição das ocorrências de ordem g %& ')
segundo a agentividade de & e de (.

É interessante notar, para a combinação dos traços g %& ') e *agentividade*, um paralelismo entre as subclasses prototípicas \$ h e : n, cujas frequências diminuem à mesma taxa apesar de a primeira ser mais numerosa que a segunda. As duas subclasses minoritárias exibem comportamentos levemente díspares, com aumento discreto para \$ n e leve declínio para : h.



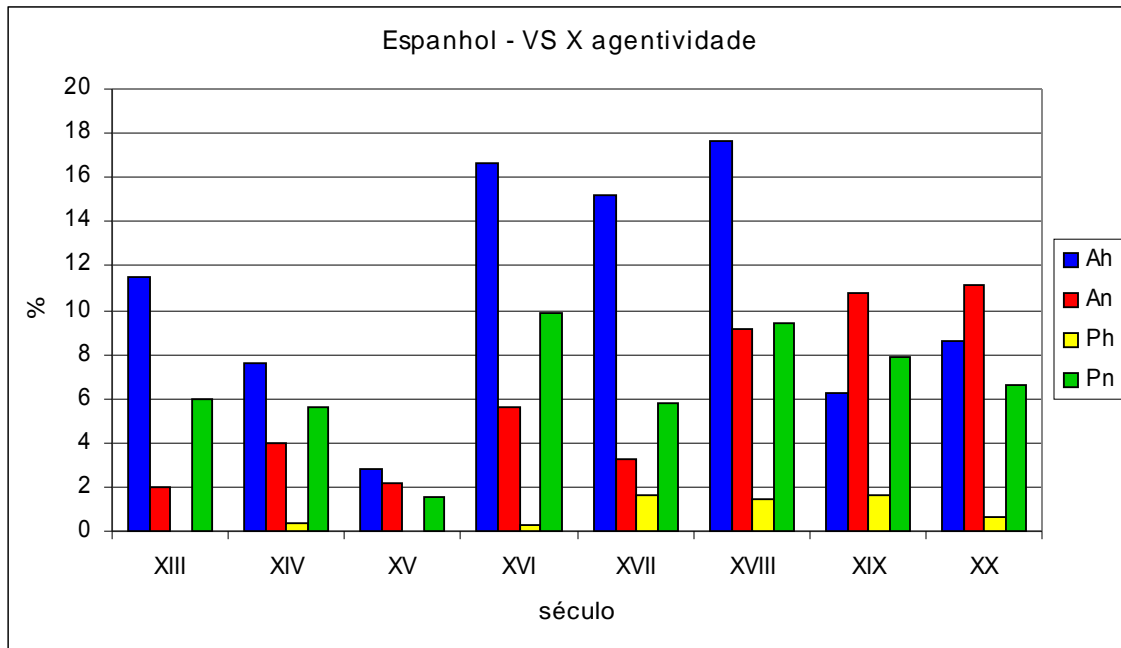


Gráfico 75a 8 distribuição das ocorrências de ordem h % ' &)
segundo a agentividade de & e de (.

A resolução das tendências para as subclasses de agentividade do gráfico 75a acima corroboram o caráter ascendente da subclasse \$n associada à ordem h % ' &). ' e+ãse !ue, nesse caso, há uma ascensão mais pronunciada desse traço \$n do !ue para a categoria g %& ')A por outro lado, essa mesma ordem verifica um decréscimo das proporç#es relativas de \$h, sem !ue isso se+a acompanhado de aumento apreciável das subclasses minoritárias.

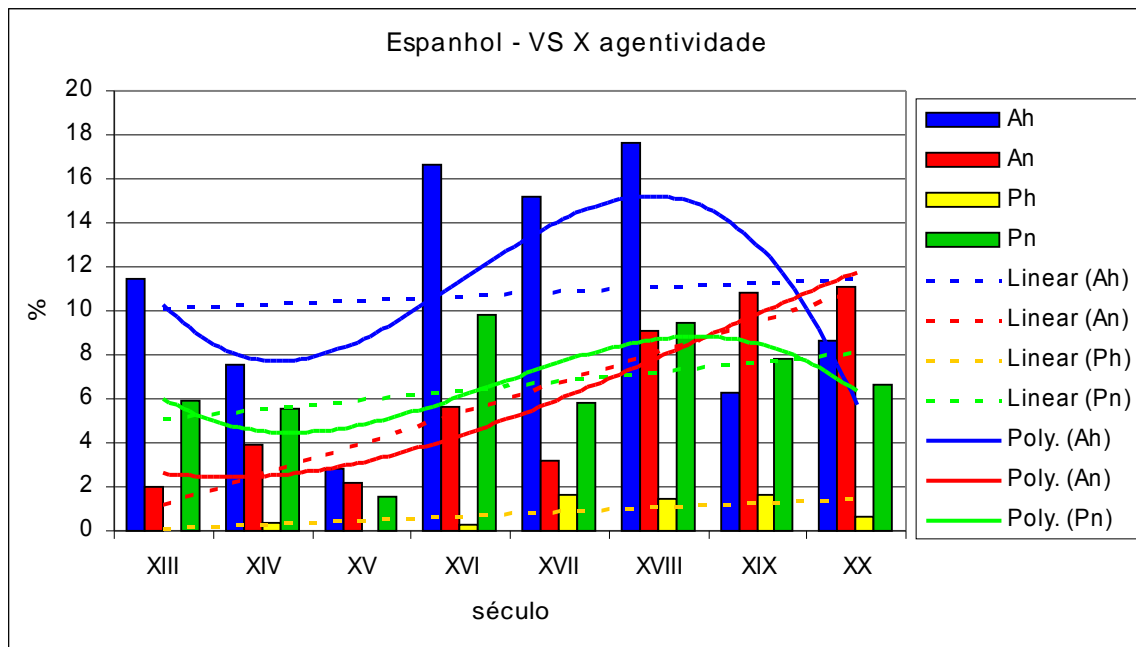


Gráfico 75b 8 tendências de comportamento das ocorrências de ordem h ' &) segundo a agentividade de & e de (.

A tabela 71 resume as observações feitas acima acerca do tratamento do fator *agentividade* no corpus espanhol. Destacam-se nela as tendências gerais para esse critério de classificação das ocorrências, como o aumento das frequências do traço ;humano< nas ordens & ' (e a relativa estabilidade das frequências associadas ao grupo :h.

ordem	\$h	\$n	:h	:n
& ' (→	↗	→	↗
' (↘	↗	→	→
(' (↘	→	→	↘
& ' (↘	→	→	↘
' &	→	↗	→	→

Tabela 71 8 comportamento geral das ordens mais comuns no corpus espanhol segundo a agentividade de & e de (.

Jo !ue respeita ao ambiente oracional, o conjunto de ocorrências mostra um comportamento extremamente interessante. Jos gráficos apresentados a seguir, apresenta-se a evolução individual de cada ordem em todo o intervalo estudado, o !ue permite acompanhar o perfil diacrônico do sistema para diversas possibilidades de ordenamento dos constituintes.

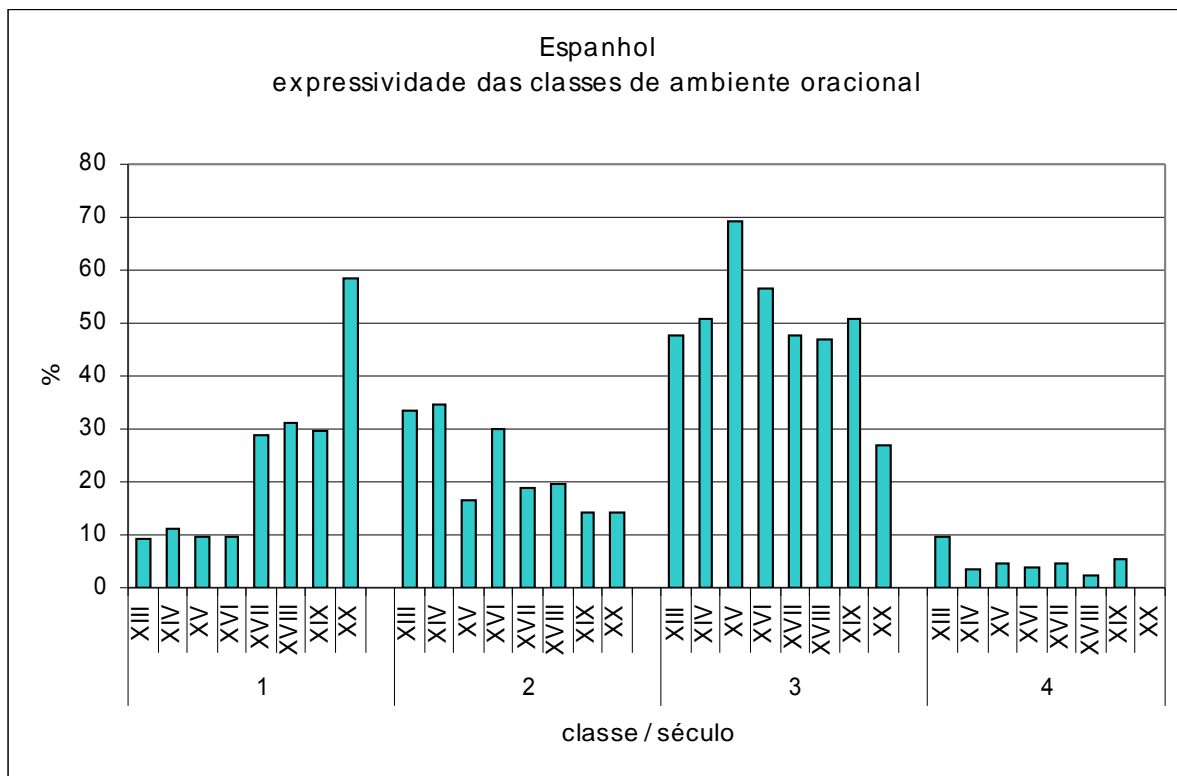


Gráfico 72.8 distribuição geral das ocorrências segundo o ambiente oracional.

Verifica-se, inicialmente, um aumento substancial na proporção relativa de orações principais (i, , -%1) . 5,91), o qual é acompanhado de decréscimo nas frequências absolutas de orações coordenadas (i, , -%2) . 39,09), de subordinadas (i, , -%3) . 39,51) e, em menor escala, de coordenadas em subordinação (i, , -%4) . 3=,20). Esse perfil vai-se repetir diversas vezes adiante, no cruzamento do fator *ambiente oracional* com os demais.

A distribuição das ocorrências no *corpus* espanhol indica, por exemplo, uma coincidência entre os perfis das ordens mais comuns e o das orações principais. Nota-se claramente, no Gráfico 70, o predomínio da classe genérica ;' (< em relação a ;' (< e às

ordens de complemento não são expressivo, g % & ') e h % & ' &). Os valores numéricos obtidos para a superclasse ; ' (< são francamente liderados pelas ordens & ' (%a) e ' (%i), as !uais apresentam distribuição semelhante à do grupo ; ' (< como um todo. N importante ressaltar, no entanto, !ue o mesmo perfil ascendente é observado nas categorias j % ('), g % & ') e h % & ' &), mas este é sensivelmente menos eCpressivo do !ue o de i % ' (). 7ssas afirmaç#es indicam a) !ue as oraç#es principais estão se especiali"ando na ordem ; ' (<, b) !ue as proporç#es das demais ordens também aumentaram nesse ambiente, o !ue sM se pode ter processado às eCpensas das fre!>ências relativas dos outros tipos oracionais, e c) !ue a mudança de ordem dos constituintes &3 ' 3 (pode ser observada concomitantemente à !ue atinge o &J espanhol 8 cf. Totaro 1440.

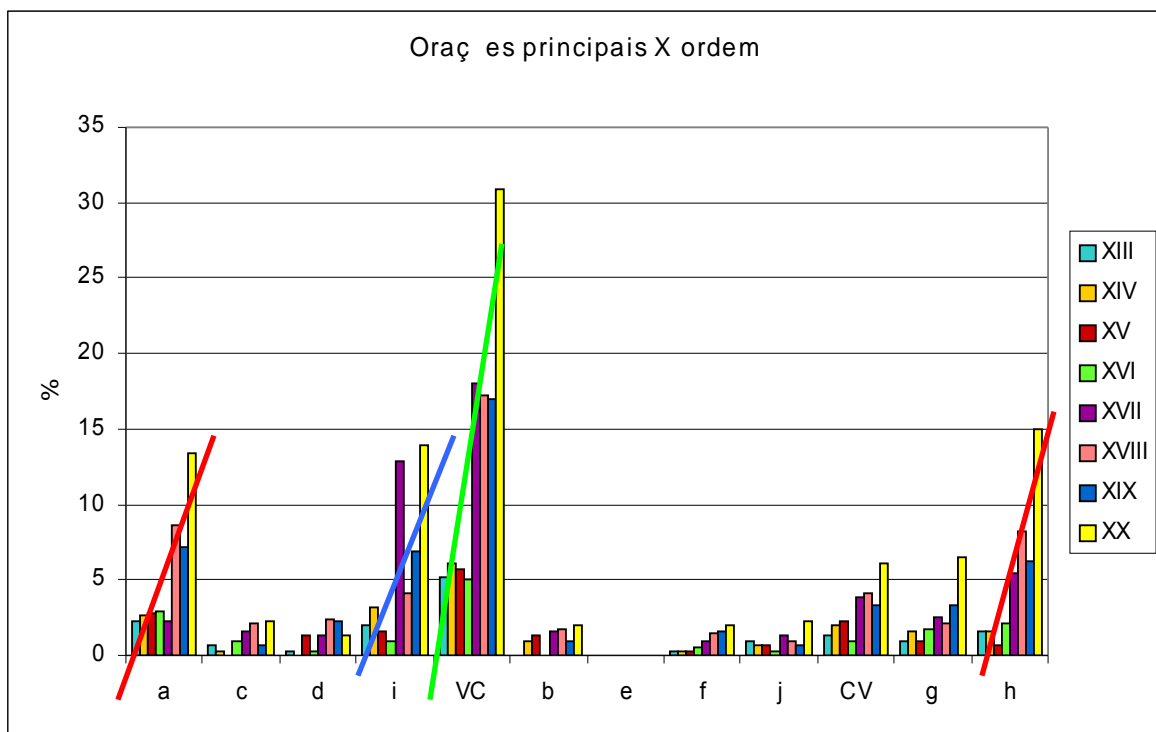


Gráfico 70 8 distribuição geral das ocorrências de orações principais segundo a ordem dos constituintes.

(compare-se o gráfico acima com o obtido para as orações coordenadas %classe 2), apresentado a seguir. Nota-se imediatamente a curva descendente da superclasse ; ' (<, liderada absolutamente pela ordem homPnima, i % ' ()A além disso, a diferença entre a máxima e a mínima está em torno dos 1/D, o !ue responderia pela metade do aumento

observado nas orações principais. Para as demais ordens, a variação é pouco expressiva, mas ainda assim os perfis de *i*' (), *g*' () e *h*' () são decrescentes. Mesmo a superclasse ;' (<, que corresponde à soma das frequências relativas de quatro arranjos possíveis dos constituintes VC, praticamente não ultrapassa os 20% de frequência relativa total no intervalo de amostragem. O gráfico sugere, portanto, um esvaíamento das orações coordenadas, o qual é mais marcante para as ordens ;' (< e, nesse grupo, para as orações em que o sujeito é elíptico, *i*' ().

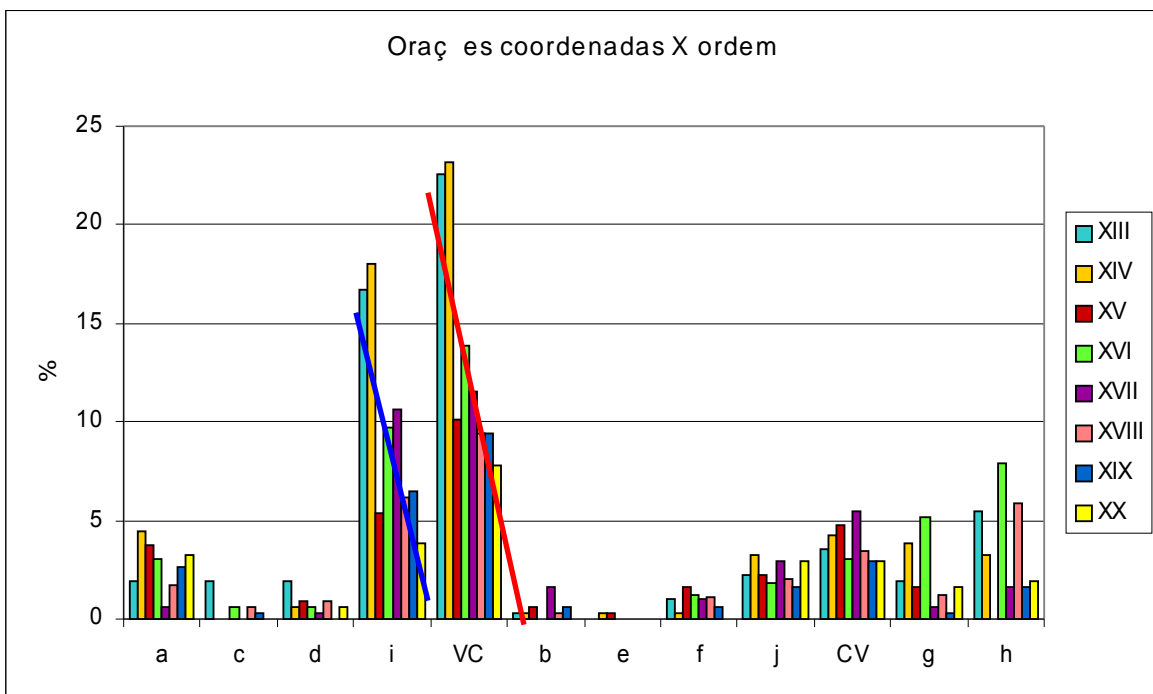


Gráfico 74.8 distribuição geral das ocorrências de orações coordenadas segundo a ordem dos constituintes.

Observações semelhantes podem ser estendidas às construções hipotéticas: o comportamento da classe genérica ;' (< é dominado pelas ordens *i*' () e *a*' (), e apresenta um perfil levemente decrescente. Nas demais ordens ;' (<, liderada pelas construções com sujeito não expresso, *j*' () e *g*' () e *h*' () também mostram tendências à diminuição da frequência com que ocorrem nesse ambiente. O máximo absoluto de *i*' () e *a*' () também aparece em *j*' (), *g*' () e *h*' (), coincidindo com o século XVIII, o que sugere apenas que o caráter dos textos utilizados na amostragem é algo eclético em relação ao padrão da época.

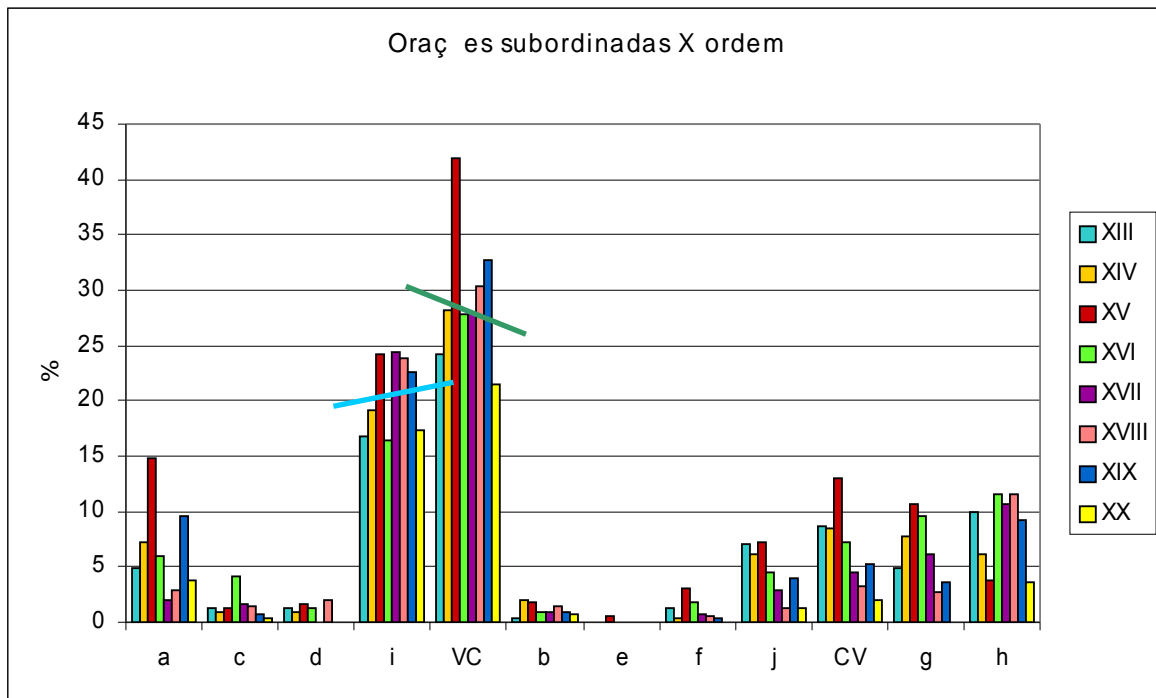


Gráfico 71= 8 distribuição geral das ocorrências de orações subordinadas segundo a ordem dos constituintes.

: or fim, as orações coordenadas em subordinação (classe 4 de *ambiente oracional*), bem menos frequentes que os demais tipos oracionais, apresentam perfis levemente decrescentes a partir do tratamento numérico do *corpus* e especialmente para as ordens (i) e (j). A ordem (h) é a única que mostra aumento das proporções absolutas, mas os valores de frequência desse grupo praticamente não ultrapassam 1D.

Com isso, portanto, os efeitos de decréscimo generalizado nas proporções relativas de praticamente todas as ordens nas orações coordenadas, subordinadas e coordenadas em subordinação, percebem-se que, de fato, as orações principais aumentariam com a mesma expressividade.

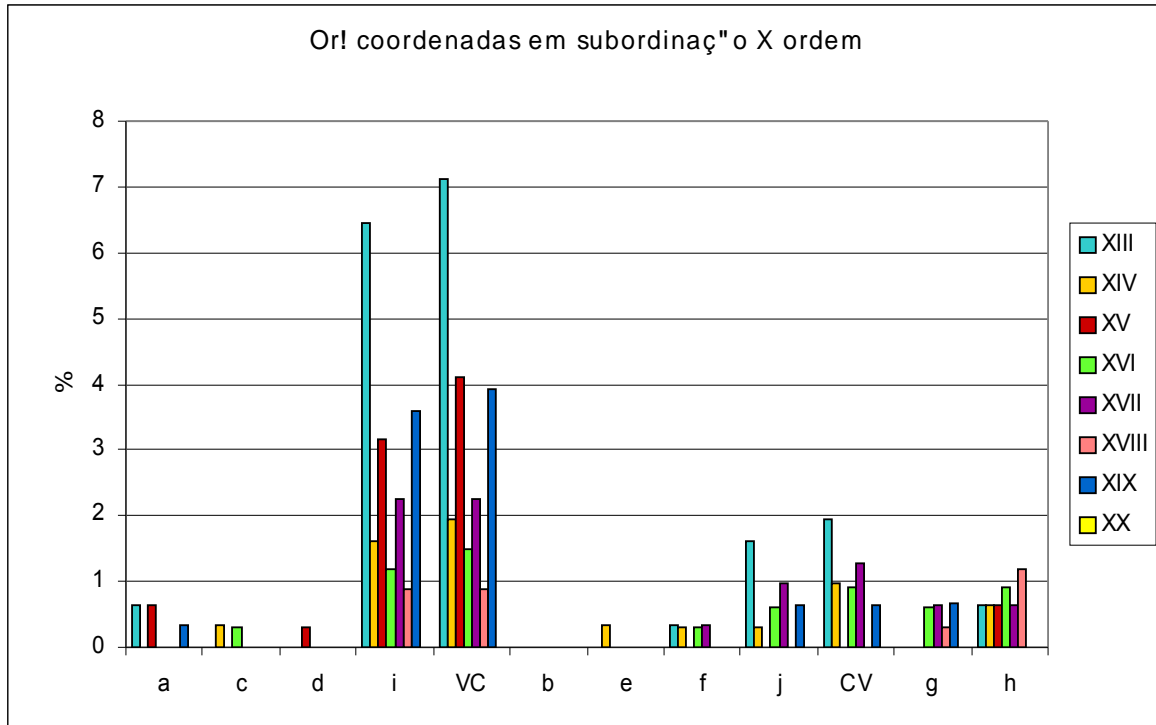


Gráfico 7.11.8 distribuição geral das ocorrências de ordens coordenadas em subordinação segundo a ordem dos constituintes.

Encontram-se resumidas, à Tabela 79, as tendências de comportamento das ordens mais expressivas e dos grupos '(e (' diante do fator *ambiente oracional*. Observe-se que, em termos de conjunto, as ordens que constam da Tabela mostram aumento de frequência em ordens principais, mas tendem a ser menos frequentes ou a se manterem estáveis nos demais ambientes.

As classes do fator *agentividade* são mais sensíveis ao *ambiente oracional*, obedecendo ao padrão já delineado no Gráfico 72 para este fator. Observe-se, nos gráficos seguintes, a estreita correlação formal existente entre os perfis dessas classes e o do Gráfico 72. Para as orações principais, por exemplo, os perfis mais salientes (Ah, An e Pn) mostram, todos, uma tendência crescente paralela à curva de orações principais em 72. Isso significa que a distribuição dos traços de *agentividade* está condicionada ao *ambiente oracional*, como outros fatores discutidos adiante. Tomem-se os exemplos:

Ah 7stonçe otorgaronlo todos e 3 T, O GHHH

An 7stos ella los da, ella los tira a !uien !uiere 3 RO, G'

Ph 7serv le con voluntad, E él me !uer a bien 3 (OJ G'HH

Pn 7I perdulario desconocia sus derechos 3 :rod GG

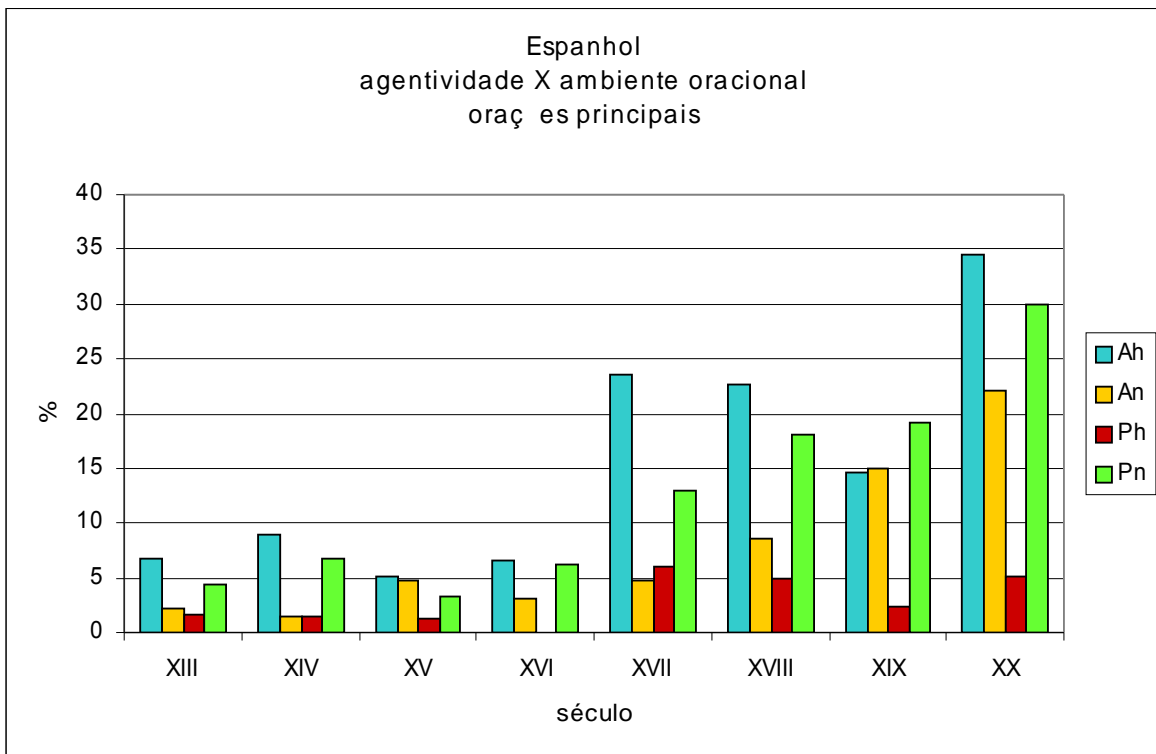


Gráfico 719a - Distribuição geral das ocorrências de orações principais segundo a agentividade.

Podemos resolver as distribuições de ocorrências ilustradas no gráfico 719a, portanto, segundo retas cuja inclinação é invariavelmente positiva. Destacam-se, naturalmente e como já salientado, as classes de agentividade \$h e :n 8 não apenas em termos numéricos, mas de inclinação das retas de regressão linear: no século XVIII, há um salto proporcional nas frequências absolutas, fazendo com que \$h e :n 8 se sobressaíam.

Exemplos de ocorrências encontradas no *corpus*:

\$h 8 Thales, : itágoras ... afirman !ue la tierra en ninguna manera se puede toda morar

;HJ S<

\$n 8 -a mar ... guarda su redonde" en medio E sobre la tierra ;HJ S<

:h 8 7II abadesa !ue la amaba rogM á todas las monias ;7 J G<

:n 8 \$lentaba estas voces el du !ue de Jorgo0a con gran nBmero ;R7 -<

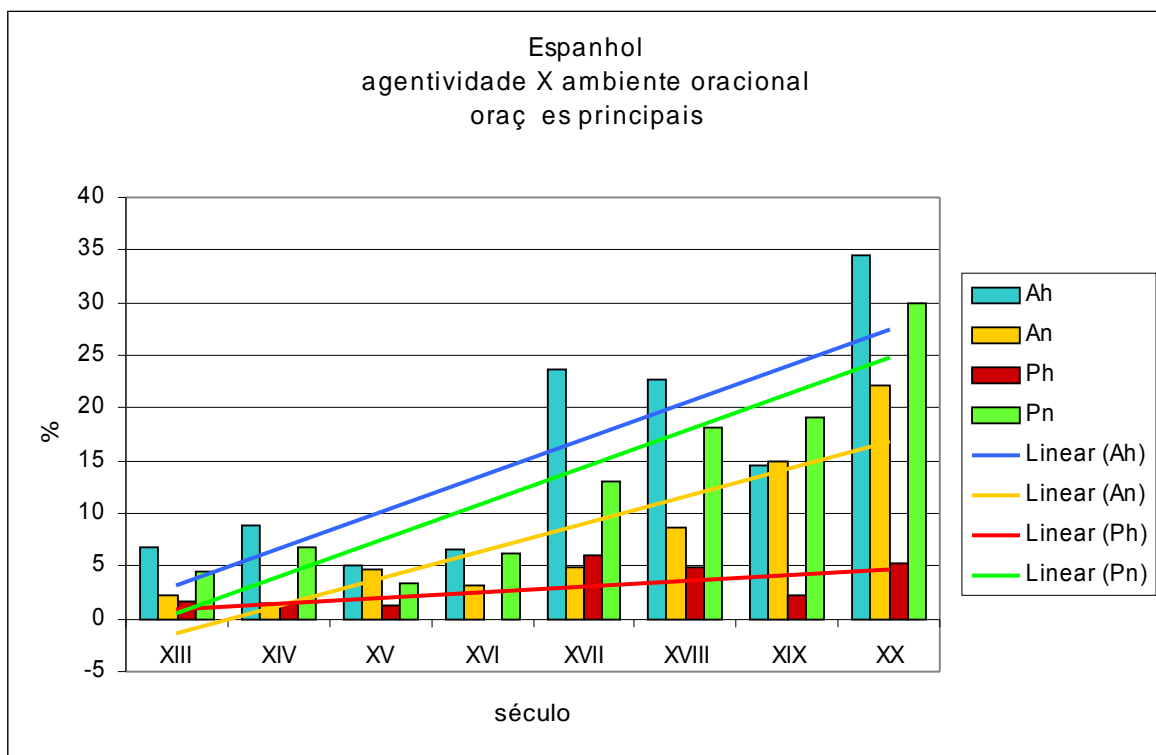


Gráfico 719b 8 distribuição geral das ocorrências de orações principais segundo a agentividade.

acompanham o perfil decrescente das coordenadas (cf. Gráfico 72) as classes de *agentividade*, observando-se a diminuição generalizada das frequências das classes dominantes, Ah (i, , - . 31,=0) e An (i, , - . 31,49). Entretanto, a despeito da escala mais reduzida, as proporções de An parecem apresentar ligeiro aumento.

Exemplos de ocorrências do *corpus* español:

h8 pero llevaba en la mano una ca0a rematada por una calavera ;: , OS<

h8 ca este present reino lla muerte lo destairará ;7 JG<

h8 Tauti"áronla en la iglesia de &anta Kar a de Kaga0a ;\$ 6 , <

h8 al"M un chap n para darne, E al"ando Eo la cantarilla se la tiré ;(OJ<

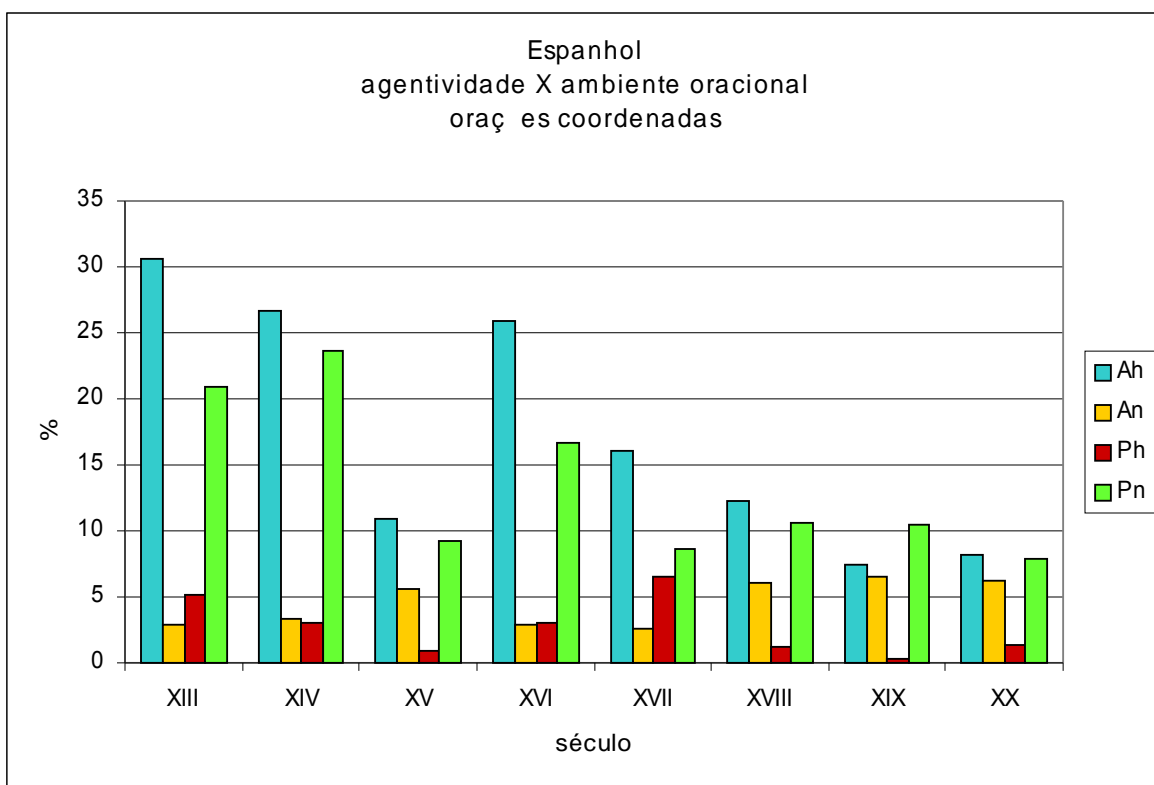


Gráfico 71: Distribuição geral das ocorrências de orações coordenadas segundo a agentividade.

A regressão linear dos perfis apresentados no gráfico anterior ilustra mais claramente as tendências gerais das classes de ocorrências: verifica-se que a taxa de diminuição de A_h é, com efeito, a mais alta do grupo. Além disso, as frequências de P_n sofrem, de fato, pelo aumento (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10) no longo intervalo estudado. Esse subconjunto de dados se comporta de maneira oposta ao padrão das outras classes de coordenadas, e cruza as retas de A_h e de P_n no último ponto da amostragem.

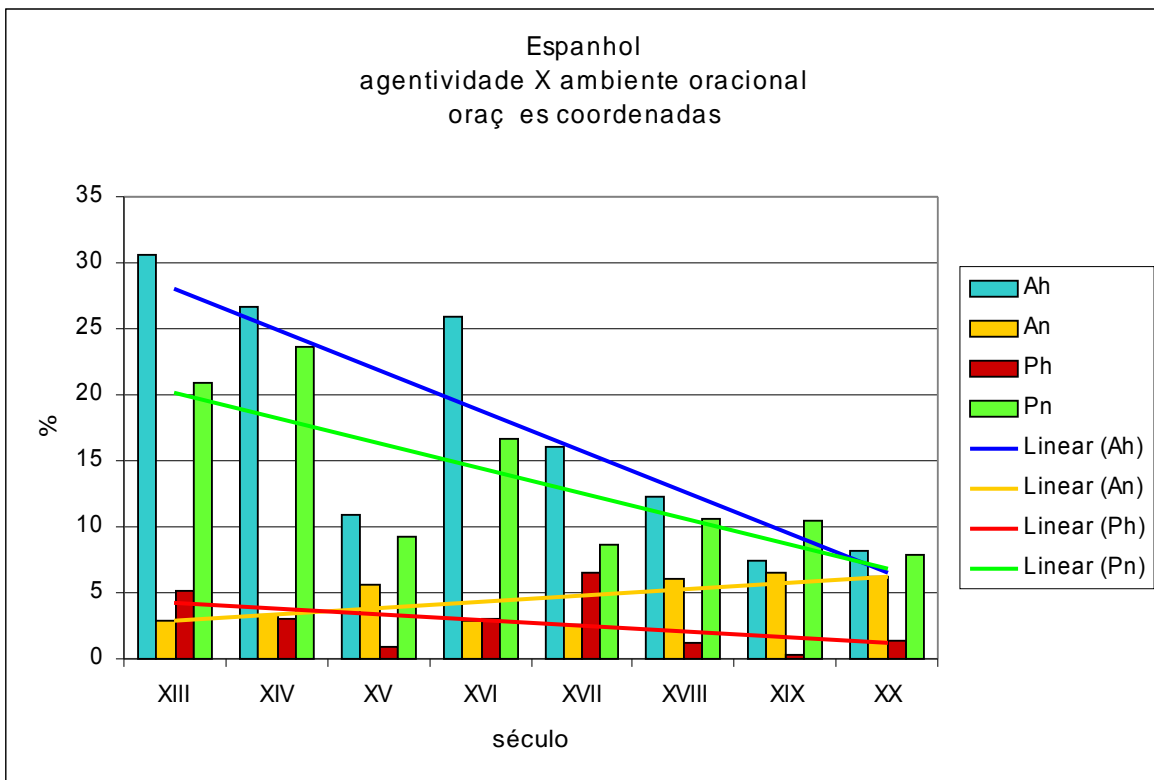


Gráfico 711b 8 distribuição geral das ocorrências de orações coordenadas segundo a agentividade.

A situação das orações subordinadas em termos do fator *agentividade* não é distinta da que se apresenta no gráfico 72: há um pequeno aumento das frequências de subordinadas no século XV em relação aos anteriores, mas as médias retomam seu padrão descendente, tornando-se até mesmo menos expressivas para o século XIX. Também no caso das subordinadas, as taxas de ocorrência apresentam ligeiro aumento, enquanto as de agente são relativamente baixas.

Exemplos de ocorrências associadas a orações subordinadas são as seguintes:

El que no puede hacer obras de lo que ha de merecer ; (\$ T <

El que la naturaleza transmitida ... los inclinaba al desorden ; : , OS <

El que las bañistas en (astro eran las que el viajero encuentra en el -ido ; (\$ & <

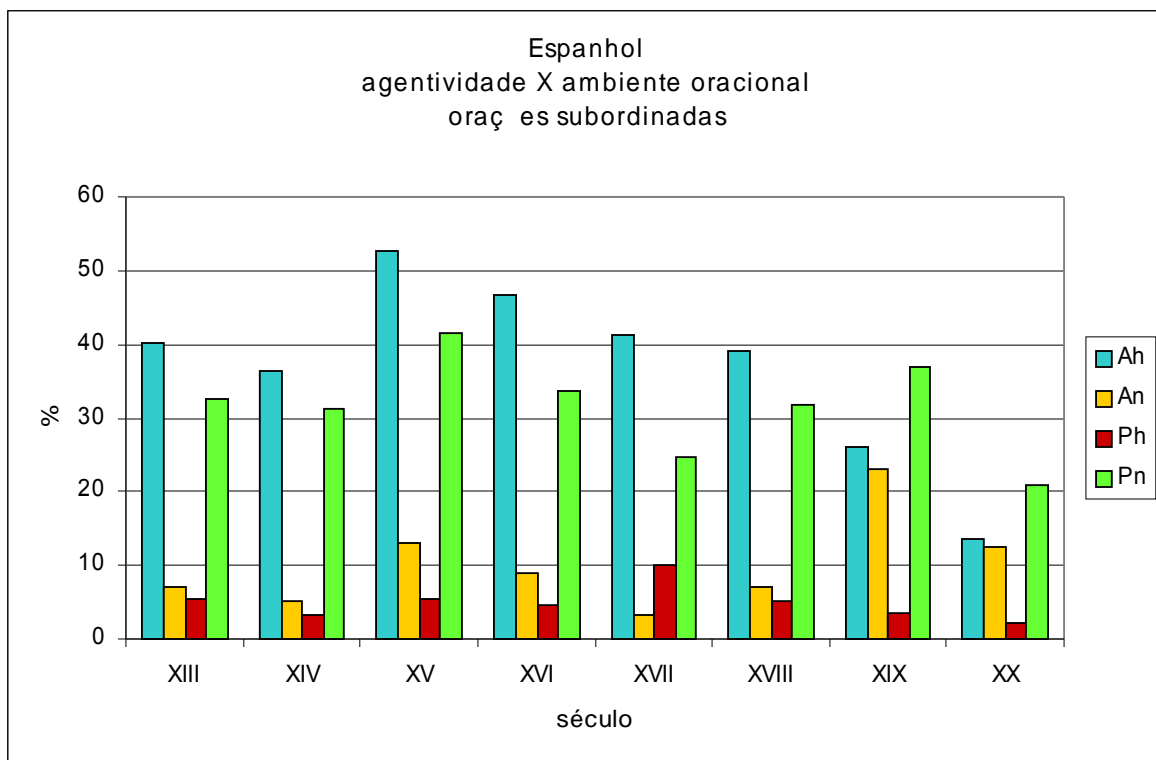


Gráfico 71: a distribuição geral das ocorrências de orações subordinadas segundo a agentividade.

As retas de regressão linear dos conjuntos de ocorrências ligadas às orações subordinadas (classe 3 de *ambiente oracional*) mostram uma semelhança com os resultados de mesma natureza obtidos para as coordenadas (v. gráfico 71Ib): há convergência entre as retas de A_h e de P_n (ver gráfico 71Ib): há convergência entre as retas de A_h e de P_n , uma vez que a inclinação desta é mais baixa (ver gráfico 71Ib) que a da primeira. Em outras palavras, as frequências relativas de A_h diminuem mais rapidamente que as de P_n em orações subordinadas, ao passo que as de P_n aumentam.

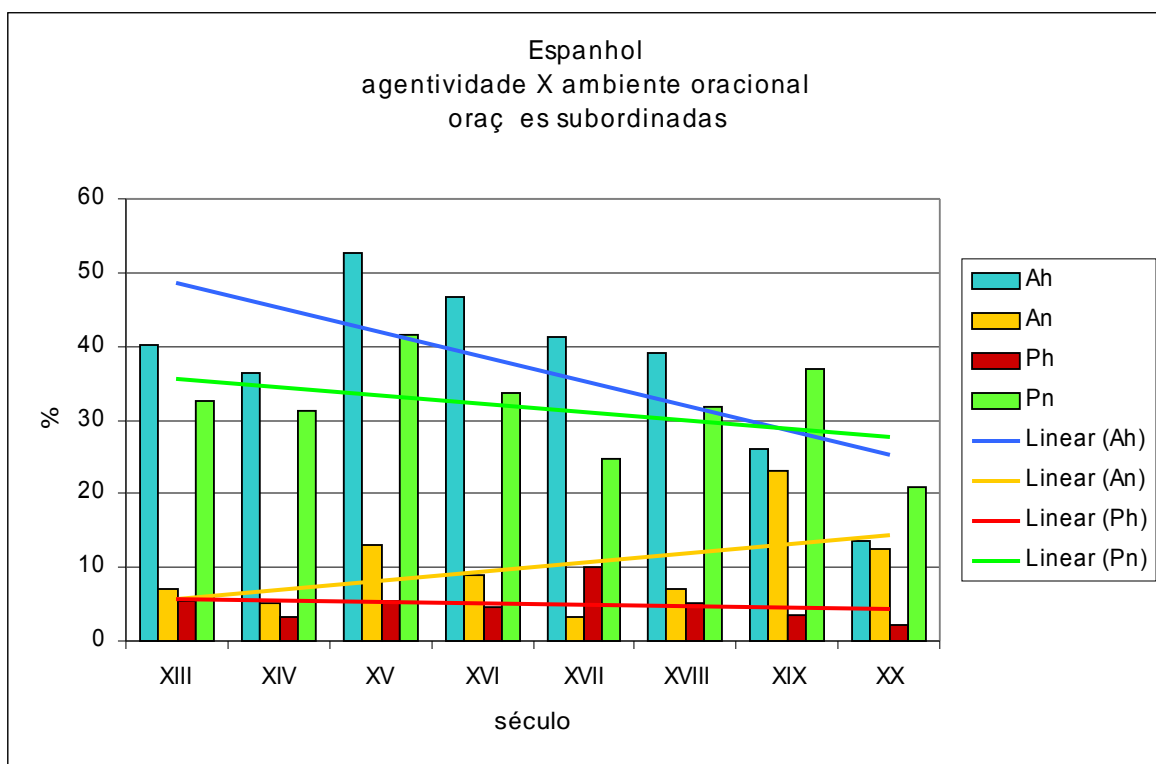


Gráfico 71b: Tendências da distribuição das ocorrências de orações subordinadas segundo a agentividade.

As orações coordenadas em subordinação (classe 4 de *ambiente oracional*), por fim, ocorrem em proporções bastante inferiores às dos outros tipos oracionais, e ficam sempre abaixo dos 1=D absolutos. Não obstante, é possível divisar-se uma tendência decrescente para os subconjuntos mais comuns e ainda uma vez, e : n.

(compreendem exemplos de ocorrências desse tipo:

h e !ue por s sola no pod a alcan"ar la gracia : perderla E cometer pecado s ; \$ 6 , <

n si Eo voE a fa"er la barva e se me cae un pelo de la cabeza ; RO , <

h no fué menester poco para apaciguarnos E echarnos de la sala ; (O J <

n E llama a s E absorbe E emplea en provecho propio los elementos vitales ; (\$ &

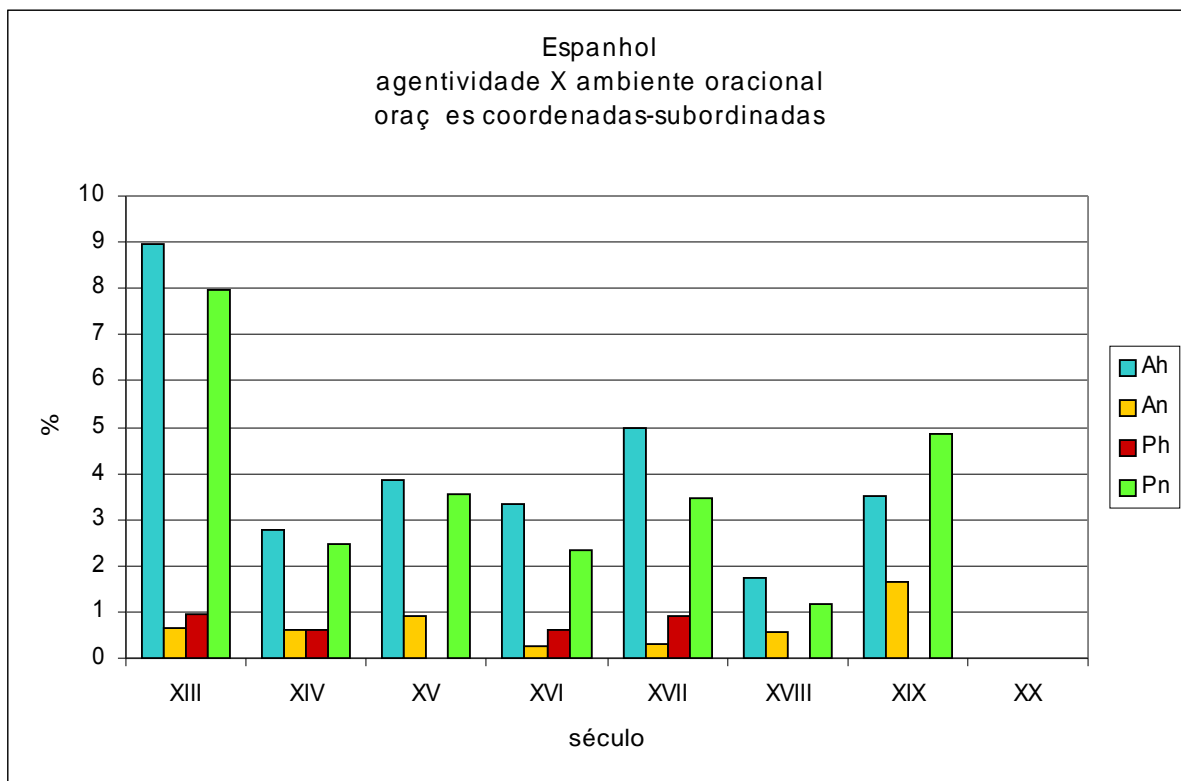


Gráfico 71/a 8 distribuição geral das ocorrências de orações coordenadas em subordinação segundo a agentividade.

7m termos numéricos, os comportamentos das retas de regressão linear para essas categorias são representados por inclinações baixas, em decorrência das pequenas frequências segundo as quais essa classe ocorre. Mesmo assim, as inclinações de \$h\%i\$, , - . 3=,25) e de :n\%i\$, , - . 3=,5=) não são desprezíveis, e predominam no gráfico abaixo.

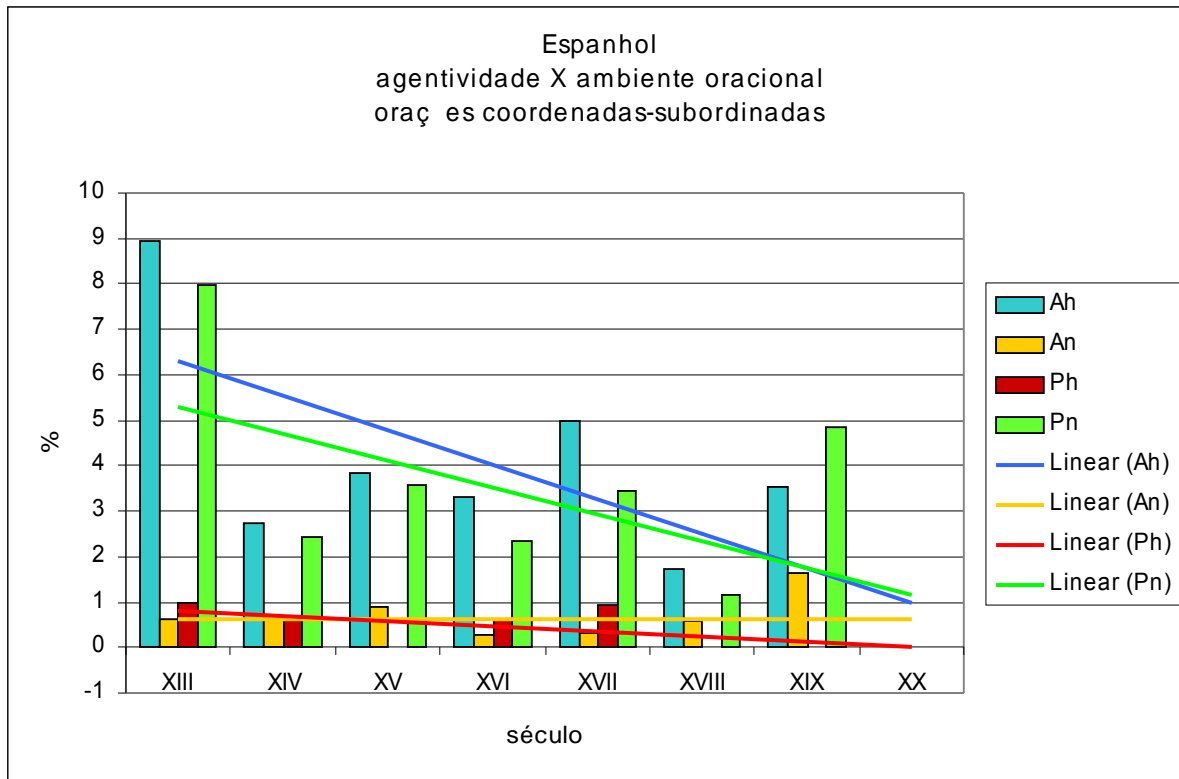


Gráfico 71/b 8 tendências da distribuição das ocorrências de orações coordenadas em subordinação segundo a agentividade.

Apresenta-se, por fim, uma tabela que resume as principais tendências das classes do fator *agentividade*.

<i>agentividade</i>	1	2	3	4
<i>e</i>				
<i>Ah</i>	↗	↘	↘	↘
<i>An</i>	↗	→	↗	→
<i>Ph</i>	↗	→	→	→
<i>Pn</i>	↗	↘	↘	↘

Tabela 71 8 comparação entre os comportamentos das classes de *agentividade* em função do ambiente oracional.

O agrupamento dos resultados de *agentividade* para cada ambiente oracional leva à comparação entre os perfis para ambientes diferentes. Uma vez que esses gráficos são confeccionados lançando-se o fator *tempo* no eixo das abscissas, pode-se observar se há ambientes oracionais em que determinada mudança se deu mais rapidamente ou se apresenta defasagem cronológica em relação aos demais. O fim de ampliar a eccentricidade das curvas menos proeminentes, alguns gráficos foram normalizados (todos foram construídos a partir de matrizes transpostas (cf. o posto na seção que trata da Metodologia utilizada neste trabalho).

Tome-se, em primeiro lugar, o traço β_h , representado nos gráficos 715a, 715b e 715c. Nota-se a predominância das proporções relacionadas a orações subordinadas até o século XVIII, a partir de quando a tendência crescente apresentada pelas orações principais produz o valor mais elevado no último século da amostragem. É também digno de nota o fato de haver proporcionalmente sempre menos ocorrências de β_h em coordenadas de β_h em subordinadas.

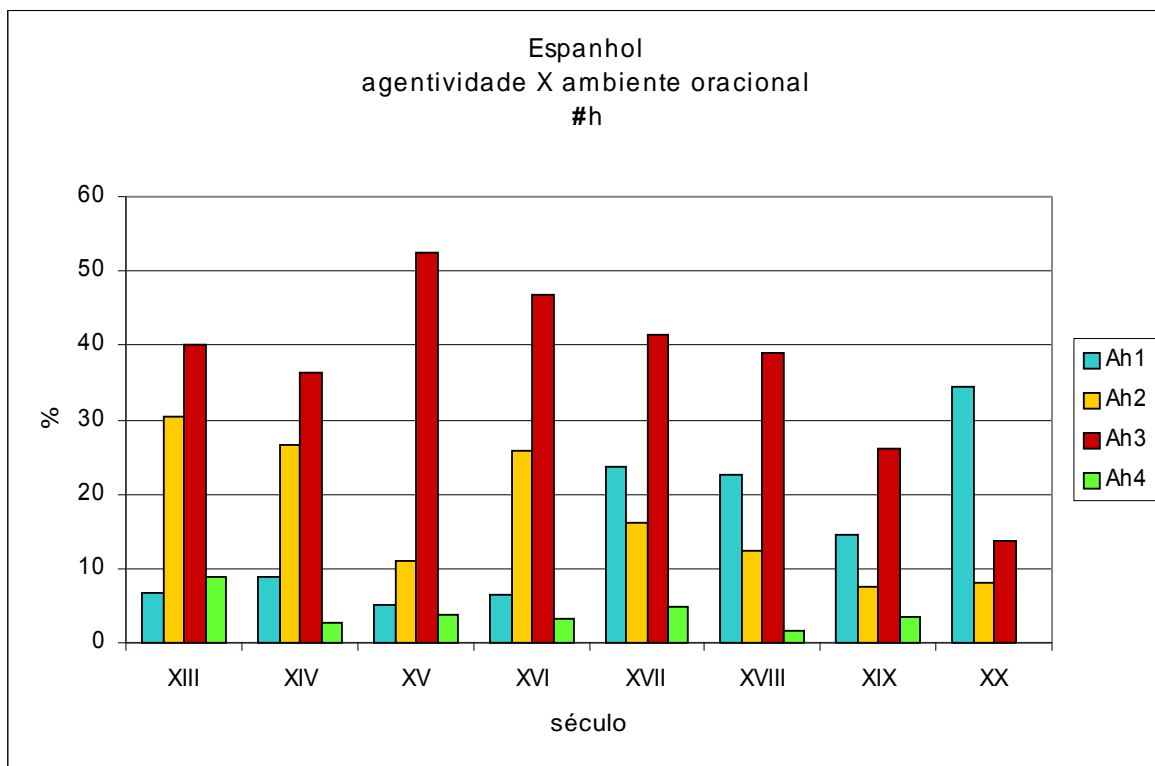


Gráfico 715a) Comparação entre os perfis de agentividade Ah nos quatro ambientes oracionais propostos.

A resolução desses resultados segundo curvas de ordem I ou 2^1 leva à distinção de tendências gerais. Entretanto, oferece, além do que o fazem as retas de regressão linear, a possibilidade de se acompanharem, para o eixo horizontal, coincidências ou defasagens de máximos e de mínimos locais. Em outras palavras e no caso específico aqui tratado, torna-se possível verificar se algum dos ambientes oracionais apresenta movimentos de ascensão ou queda antes ou depois dos demais.

(Com respeito ao Gráfico 715b, cabe observar que o mínimo relativo às coordenadas em h_9 no séc. XVI e um valor "compensado" para o século seguinte não comprometem a definição da curva francamente decrescente para a combinação dos traços h_8 e *ambiente oracional*. Comentários similares podem ser feitos acerca do que se passa com a curva relativa às orações principais (no gráfico, assinalada como h_1), em ascensão já mencionada anteriormente.

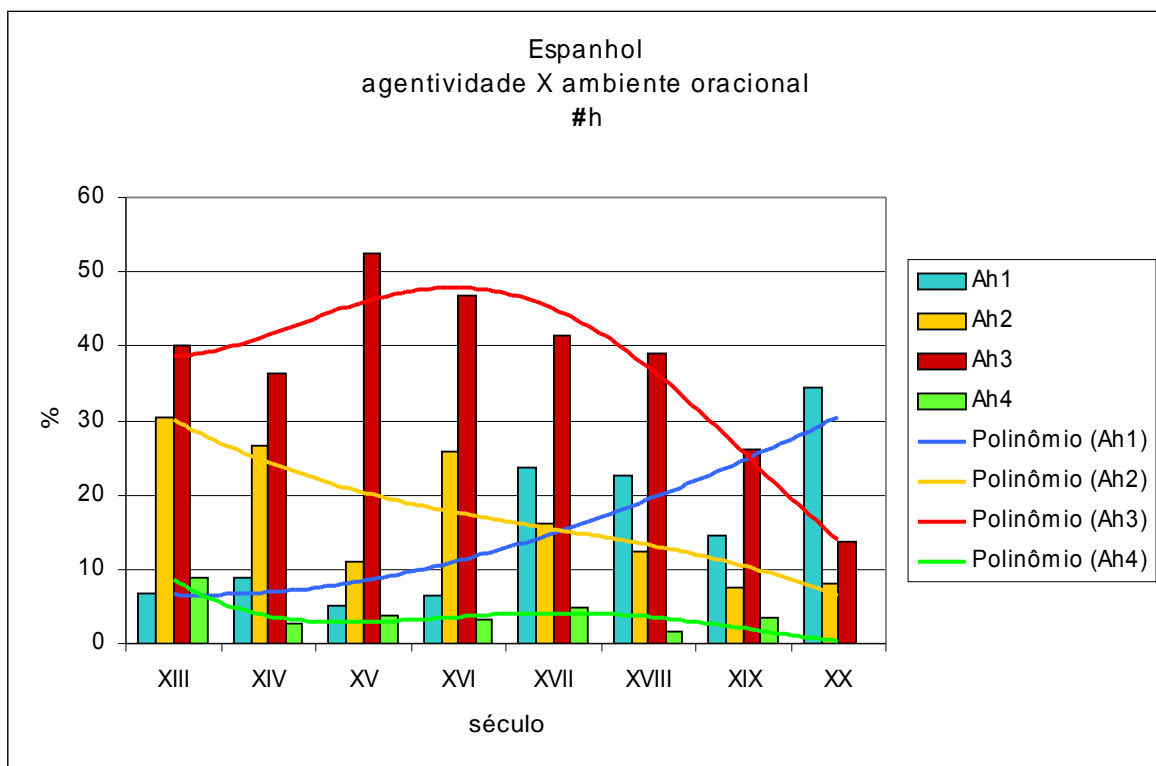


Gráfico 715b (T) 8 comparação entre os perfis de agentividade A_h nos quatro ambientes oracionais propostos.

¹ Polinômios de ordem 1 ou de primeiro grau têm a forma geral $y = ax + b$ e os de ordem 2, naturalmente, o termo de grau 2. A curva h_1 do gráfico 715b, por exemplo, é resolvida pela equação $E = 3,195C^1 + 2,250C^0 + 1,071C^0 + 2,212/$, e a curva h_9 do mesmo gráfico, por $E = 3,195C^1 + 1,197C^0 + 3,4215C^0 + 10,79/$.

Normalização das curvas produziu resultados interessantes, como é possível observar no Gráfico 715c. Nota-se uma defasagem entre os máximos e dos mínimos locais das curvas correspondentes aos ambientes oracionais mais comuns 1, 2 e 3, como ressaltado para os séculos XVIII e XIX: em primeiro lugar, tem-se um pico para as coordenadas (Ah2, em amarelo), seguido das subordinadas (Ah3, em vermelho) e, enfim, das principais (Ah1, em azul). Esse período foi escolhido para comparar os comportamentos das curvas em relação de preceder imediatamente a fase de mudança de J para J' em espanhol, mas os mínimos locais também se projetam sobre valores levemente distintos do eixo das abscissas.

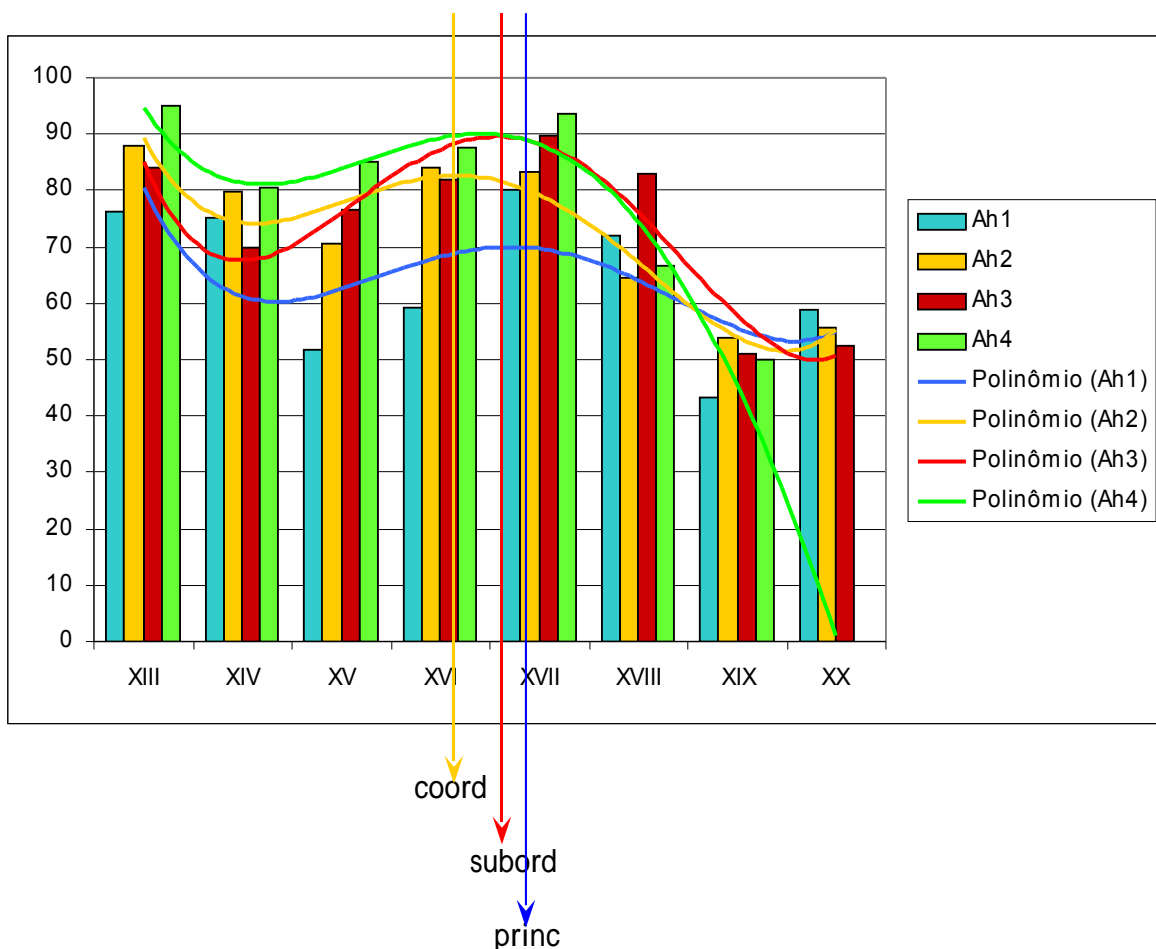
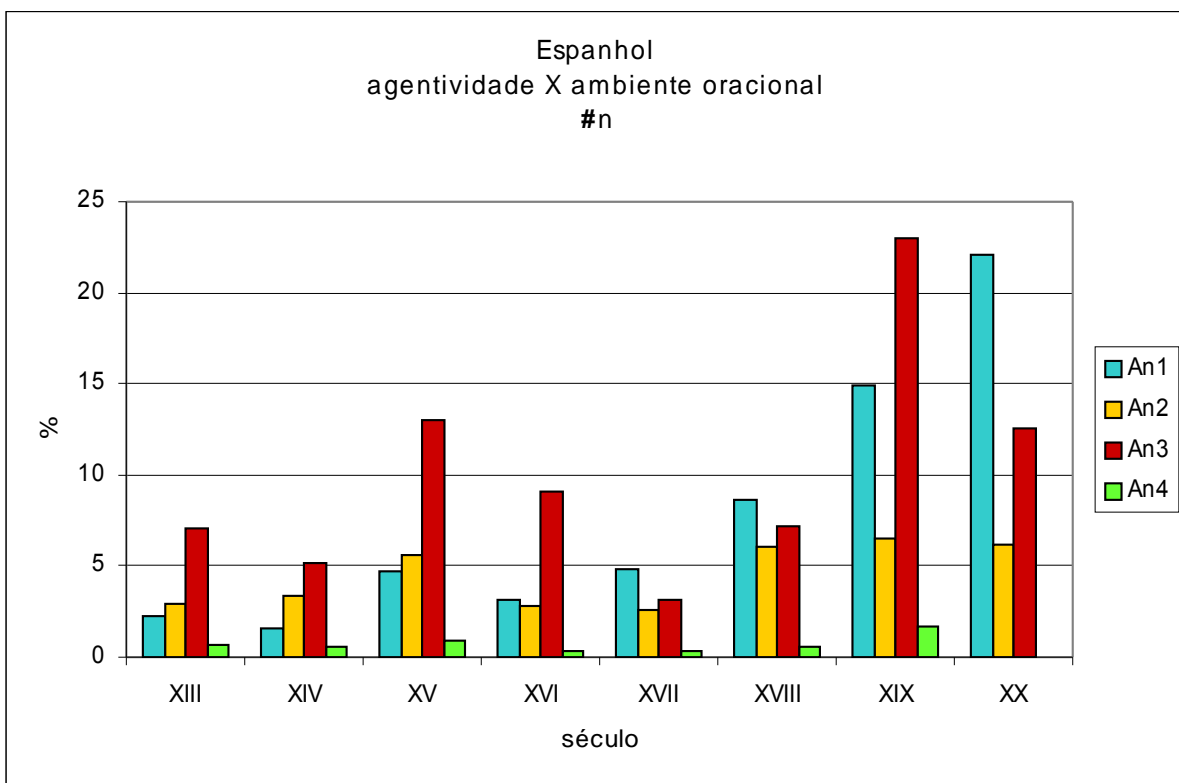


Gráfico 715c, normalizado) e comparação entre os perfis de agentividade Ah nos quatro ambientes oracionais propostos.

Jo !ue toca ao traço \$n %6ráficos 712a3c), nota3se, inicialmente, !ue as fre!>ências são mais modestas !ue as relativas a \$hA também neste caso tem3se aumento das fre!>ências relativas de \$n em oraç#es principais %cf. 6ráfico 72 acima). 7ntretanto, diferentemente do !ue se passa com \$h, as fre!>ências de coordenadas e as de subordinadas aumentam leve %i, , -%\$n2) . =,?0) a moderadamente %i, , -%\$n3) . 1,9?), acompanhando as principais. \$s coordenadas em subordinação, \$n4, não ocorrem em fre!>ência apreciável, e, em decorrência disso, seu perfil não é consp cuido nessa escala.



6ráfico 712a%T) 8 comparação entre os perfis de agentividade **An** nos !uatro ambientes oracionais propostos.

As curvas que resolvem os perfis dos grupos A_n no gráfico 712b refletem as tendências desses conjuntos de dados: da mesma forma que o observado para 715 e o ecposto para as orações principais, o polinômio relativo a A_{n1} descreve uma curva ascendente, ultrapassando o máximo absoluto do gráfico, A_{n3} (GHG). Observe-se o perfil levemente crescente de A_{n2} , em contraste com o sensível decréscimo A_{n4} , obtido para essa mesma ordem em A_n . Se maneira geral, A_{n4} também apresenta valores extremamente baixos, e o perfil dessa classe deve ser apreciado a partir da normalização das proporções relativas.

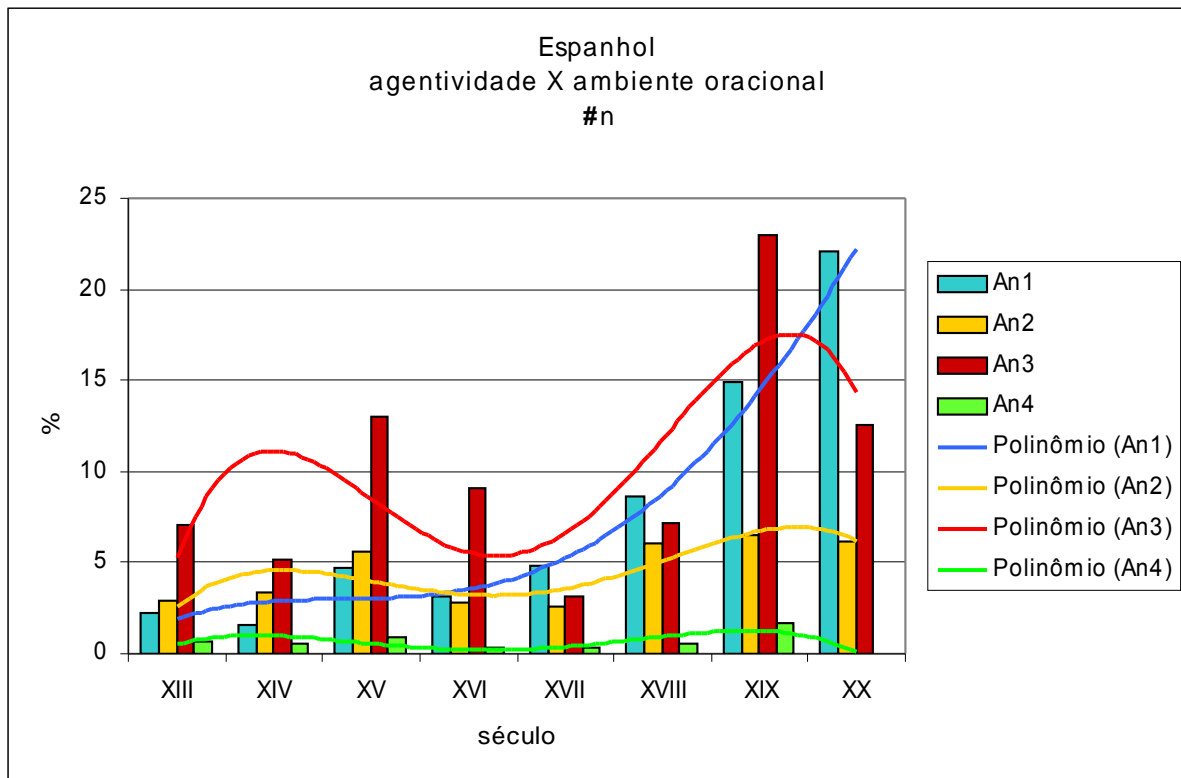


Gráfico 712b) 8 comparação entre os perfis de agentividade A_n nos quatro ambientes oracionais propostos.

Quando a normalização dos perfis, percebe-se a mesma relação temporal identificada para \$h\$: a curva das coordenadas apresenta um mínimo local antes das subordinadas (ambas no século G' II), e estas antes das principais (no século G' III). Os pontos referentes aos máximos absolutos, à direita do gráfico, devem ser adotados com cautela, já que os perfis nas regiões limitadas podem ser alterados.

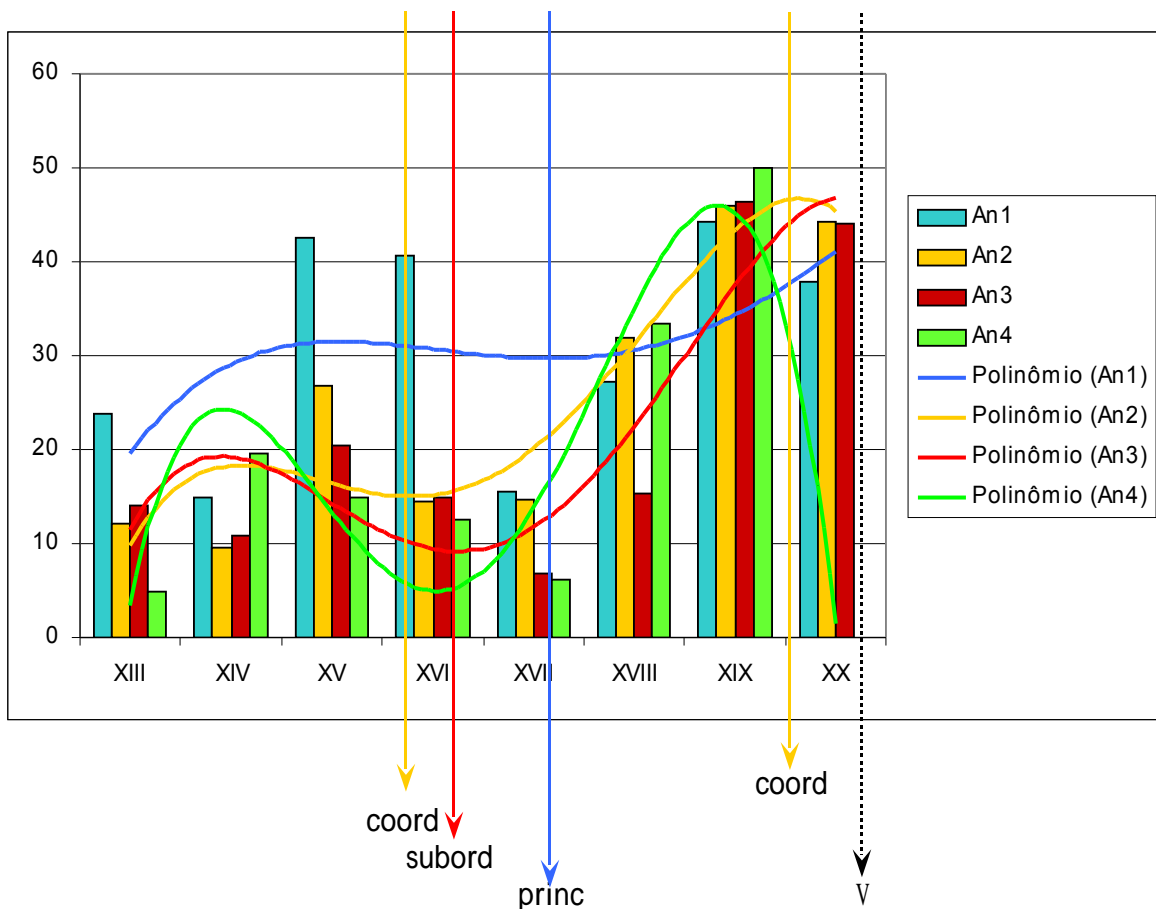


Gráfico 712cT, normalizado) 8 comparação entre os perfis de agentividade An nos quatro ambientes oracionais propostos.

O traço ;3humano< para o paciente da ação foi atribuído a um número menor de ocorrências do que se observa para as classes anteriores. Não obstante, é possível divisar um aumento discreto das frequências absolutas de :h em orações principais, a exemplo do que se viu, em maior escala, para \$h (Gráficos 715) e \$n (Gráficos 712). É digna de nota outra semelhança entre as três classes: o fato de a frequência de :h3 predominar em quase todo o intervalo de amostragem, mas ser ultrapassada por :h1 no século GG. Por fim, observe-se que os máximos absolutos para as três categorias mais frequentes estão no século G' IIII 8 enquanto, nas classes \$h e \$n, esses máximos estão deslocados.

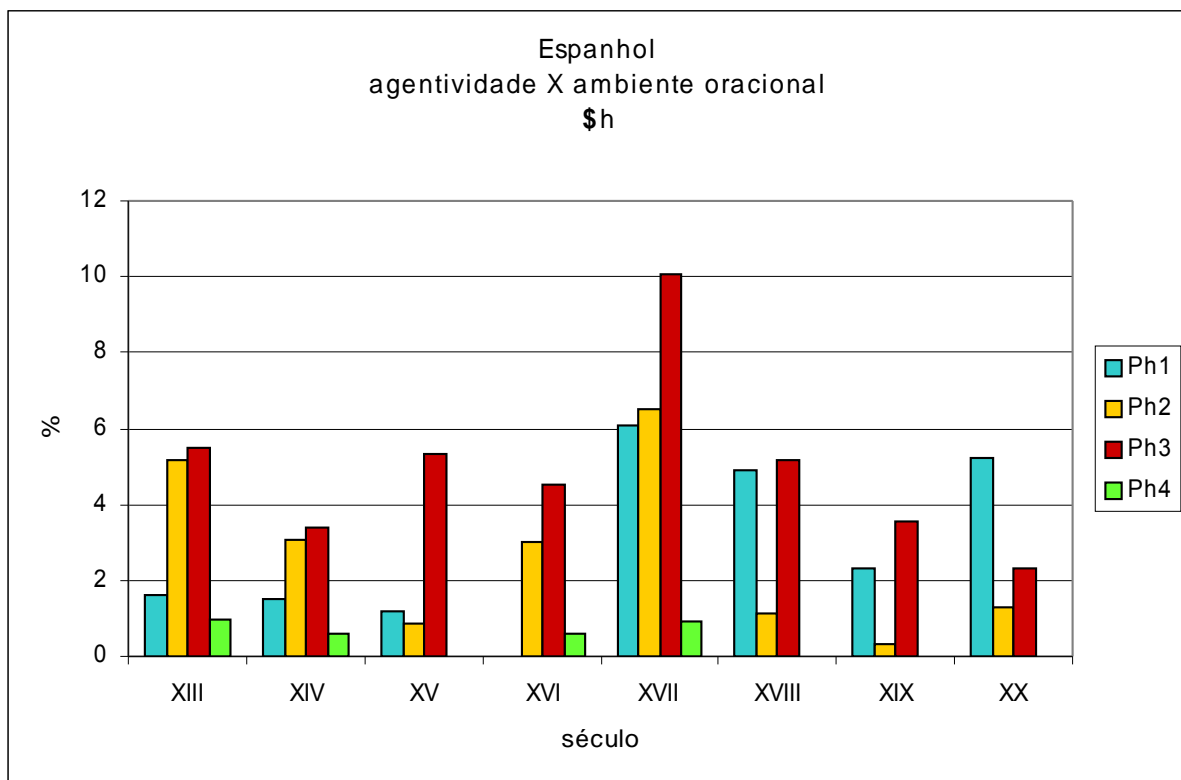


Gráfico 710a) 8 comparação entre os perfis de agentividade **Ph** nos quatro ambientes oracionais propostos.

Os polinômios que resolvem a distribuição das frequências de ϕ corroboram as observações feitas no gráfico 710a e acrescentam novas informações. A curva de ϕ_1 , de fato, intercepta e ultrapassa a de ϕ_2 muito antes de chegar à de ϕ_3 , e esta última se mantém acima das demais até o início do século XX. Os máximos para as três curvas mais expressivas estão entre os séculos XVIII e XIX.

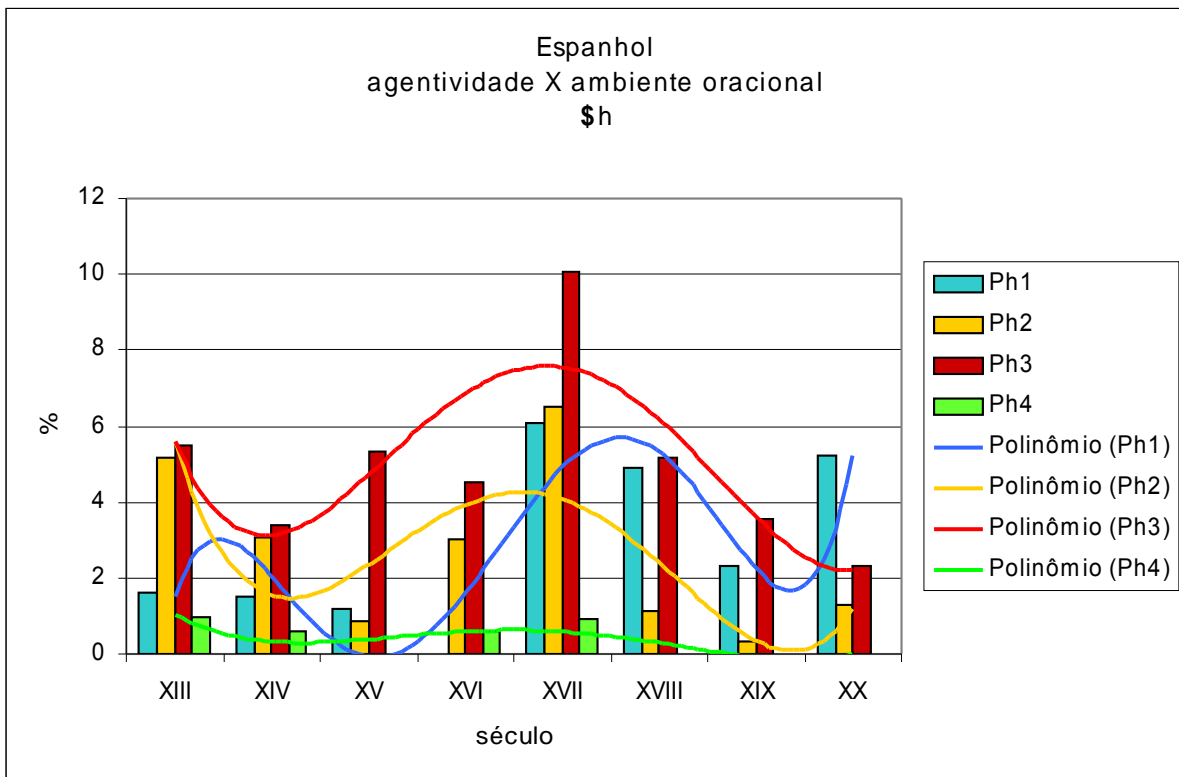


Gráfico 710b) Comparação entre os perfis de agentividade **Ph** nos quatro ambientes oracionais propostos.

\$ normalização das curvas apenas magnifica os perfis já observados no gráfico anterior, 710b. Entretanto, mais uma vez, vê-se que o máximo da curva correspondente às coordenadas precede o das subordinadas, e que este guarda um intervalo de quase um século para o máximo de cada uma, portanto, a ordem em que os pontos mediais das curvas se apresentam.

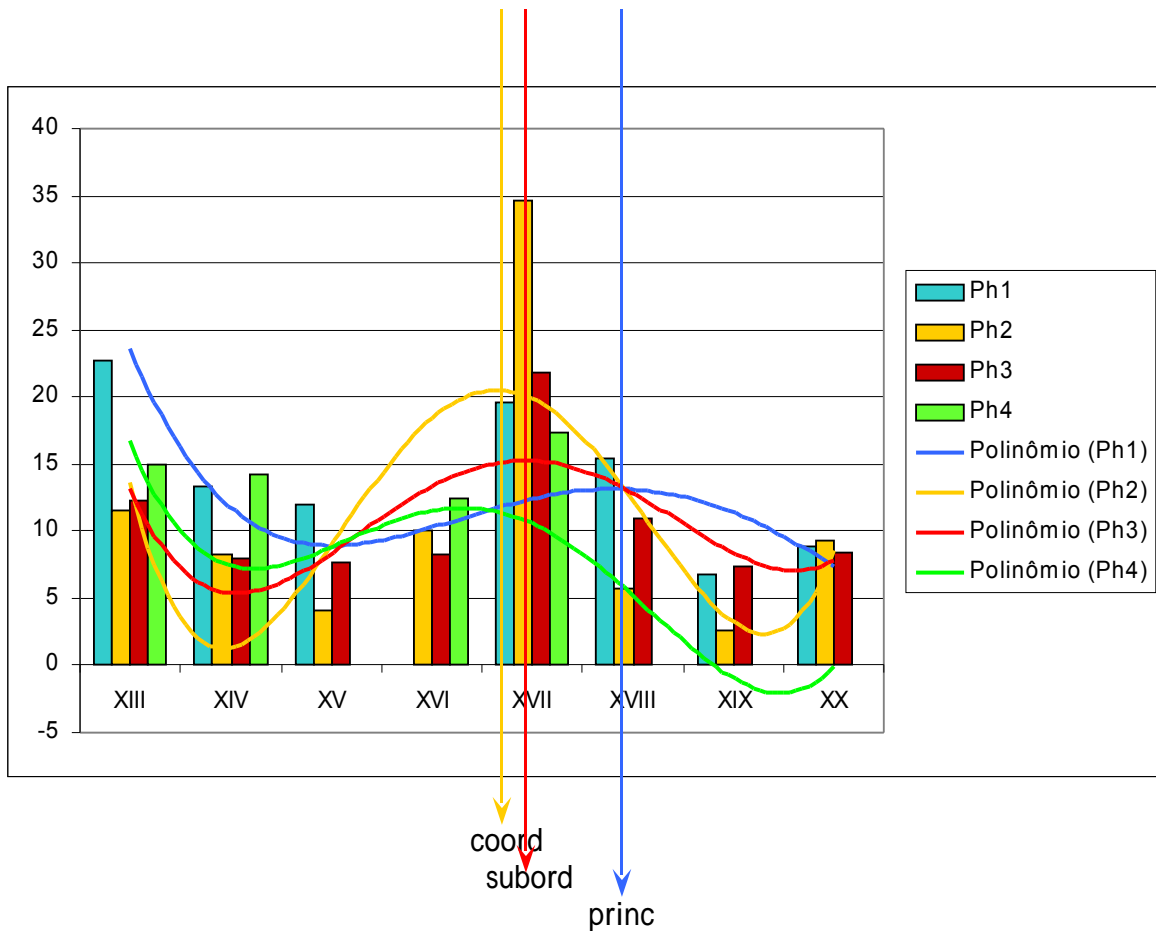


Gráfico 710c (normalizado) - comparação entre os perfis de agentividade Ph nos quatro ambientes oracionais propostos.

O traço :n, por fim, é um dos mais comuns no *corpus* analisado e a escala tem uma amplitude maior do que a que cabe às duas classes anteriores. A tendência crescente observada para o grupo :n1 (i, , - . I, ?0), diante da inclinação negativa da , , - :n3) (1,=4) contribui para que ambas se cruzem, como nas classes anteriores, no século GG. Ainda uma vez, :n3 é o grupo mais frequente até o século GG, e as construções paratáticas associadas a :n (i, , - . 31,49) tendem a ser menos comuns do que as orações principais até no século G' III.

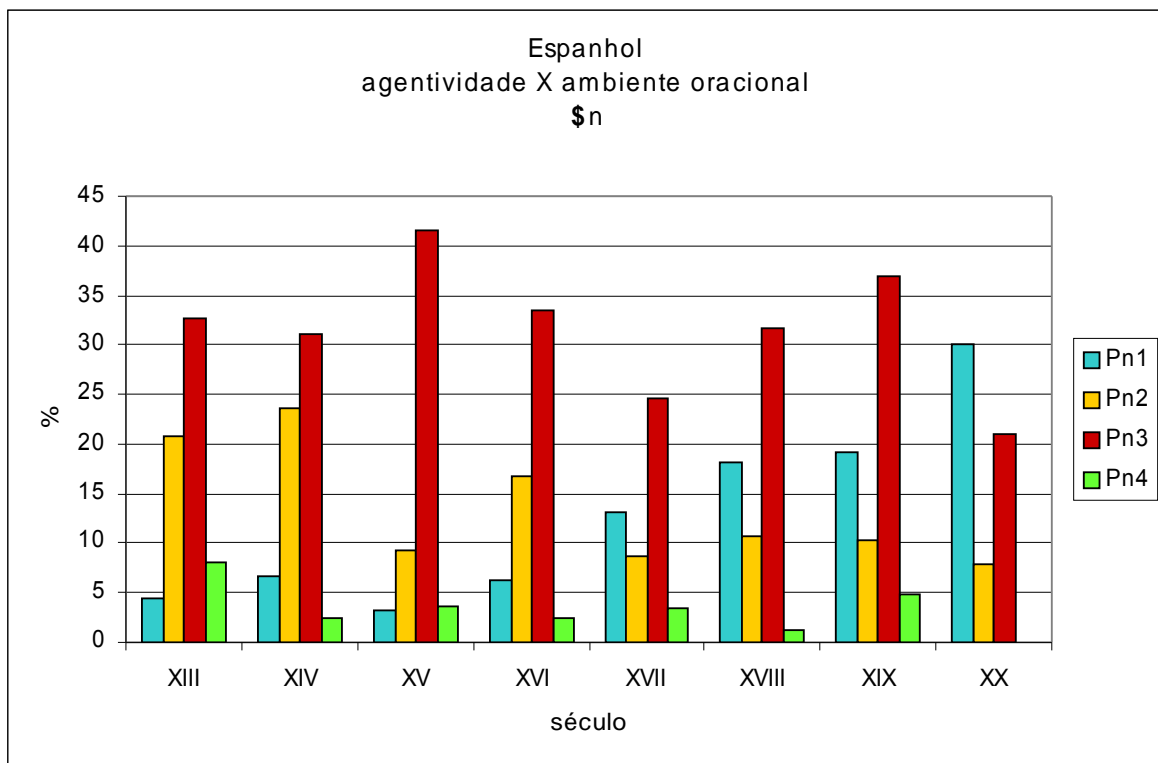


Gráfico 714a) e comparação entre os perfis de agentividade **Pn** nos quatro ambientes oracionais propostos.

§ inclusão das curvas !ue eCpressam o comportamento dos con+untos de ocorrências sugere um padrão muito semelhante aos das classes anteriores, em !ue a) a curva de :n3 domina o gráfico até o século GG, mas é suplantada pela curva de :n1 no século GG b) a curva de :n2 confirma o eCposto no gráfico 714a, segundo o !ual, apesar da flutuação dos valores, +á se divisa a tendência decrescente desse con+untoA a curva crescente de :n1 cru" a de :n2 no século G ' HA e c) a magnitude das fre!>ências de :n4 é invariavelmente baiCa. 7sses resultados mostram !ue o fator *ambiente oracional* %cf. gráfico 72 acima) é determinante dos perfis constru dos a partir de outros critérios de classificação das ocorrências 8 ou se+a, fatores como *agentividade* são dependentes de *ambiente oracional*.

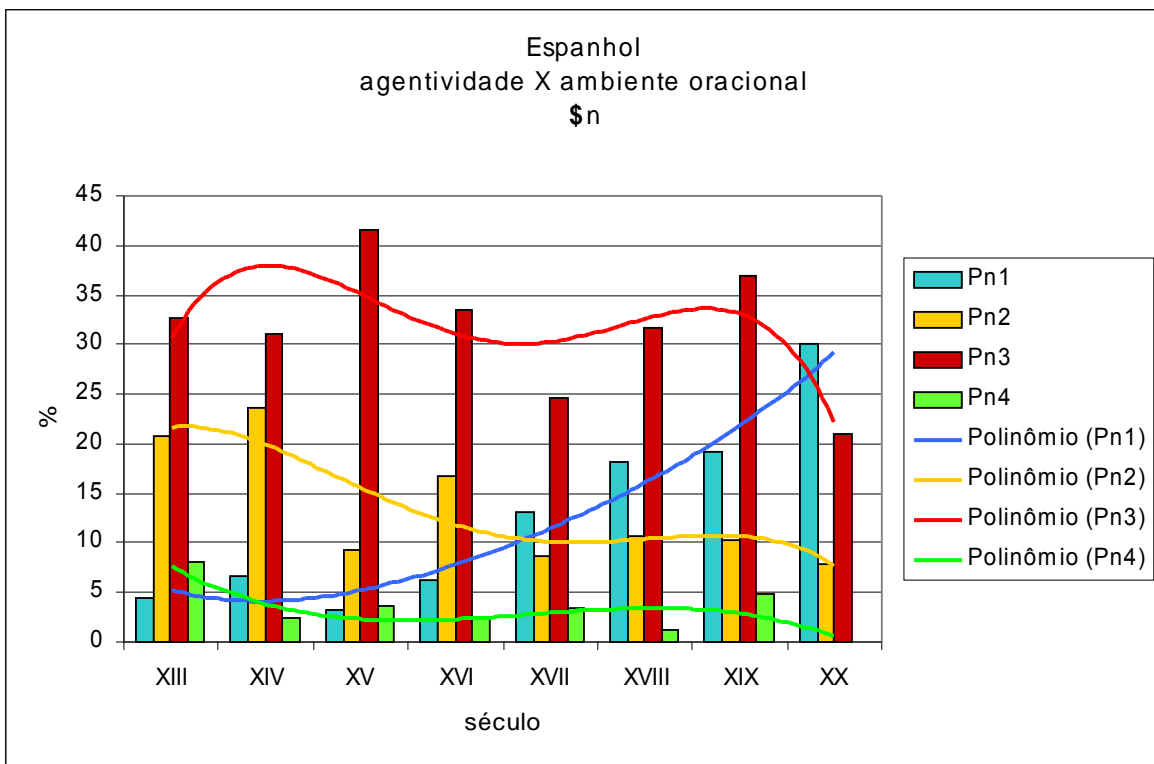


Gráfico 714b) 8 comparação entre os perfis de agentividade **Pn** nos quatro ambientes oracionais propostos.

O procedimento de normalização, para o caso das ocorrências de :n, leva a resultados instigantes. Observe-se, em primeiro lugar, o fato de que as curvas relativas aos três conjuntos mais frequentes apresentam mínimos locais compreendidos no século XVIII. Contudo, a sequência em que se ordenam é exatamente oposta à das classes anteriores (i.e., para :n, os mínimos mediais seguem a ordem *principais* (n1) e *subordinadas* (n3) e *coordenadas* (n2)). Isso mostra que a classe :n tem um comportamento distinto das demais, segundo o qual o início do avanço dessa classe ocorreu, aqui, nas orações principais, ao passo que, nas outras, começou pelas coordenadas.

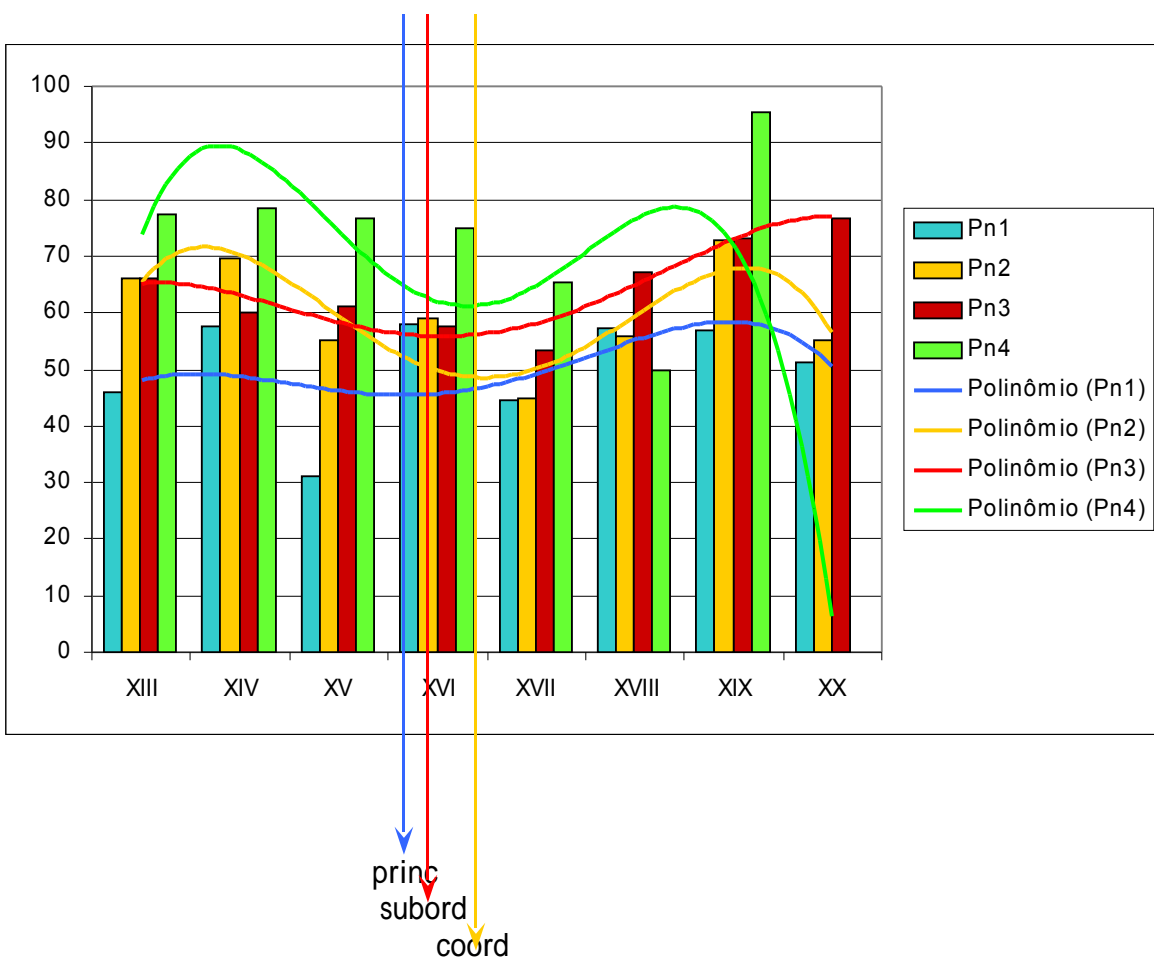


Gráfico 714. Comparação entre os perfis de agentividade **Pn** nos quatro ambientes oracionais propostos.

O fator *peso de S e de C* indica a predominância das classes **k** e **n** (respectivamente, sujeito pleno e complemento verbal pleno), que apresentam tendências distintas: enquanto a primeira aumenta em frequência, a reta de regressão linear da segunda tem inclinação levemente negativa. Diminuem também as frequências das classes de sujeito pronominal, **l**, e de complemento verbal pronominal, **o**. Essas classes **m** e **p**, que correspondem aos argumentos oracionais, serão esparsamente tratadas, em decorrência de suas frequências serem muito baixas (de ordinário, menores que 5%).

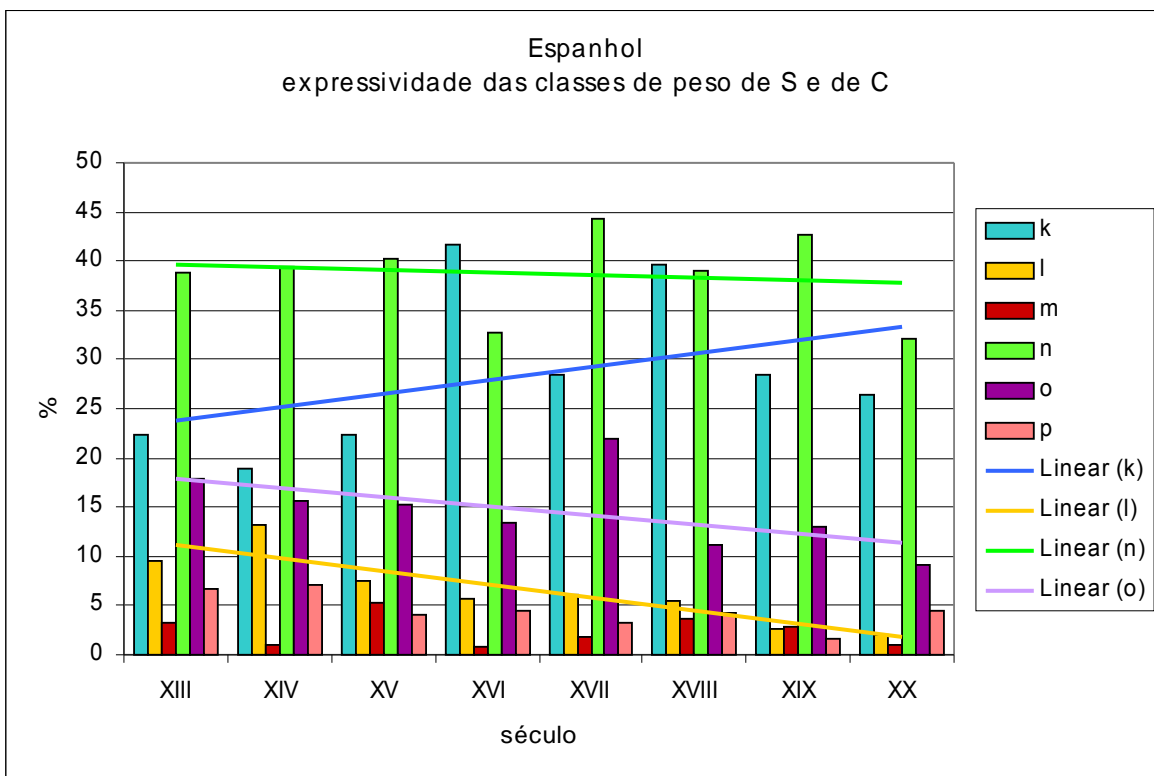


Gráfico 79-3 perspectiva geral da distribuição relativa das classes de *peso de S e de C* no intervalo de amostragem.

A classe k 8 su-eito pleno 8 mostra especiali"ação nas ordens a %& ' (), g %& ') e h % ' &), como se pode observar no gráfico 791a. Sas três, a Bnica !ue tem suas fre!>ências redu"idas no intervalo de amostragem é & ' %i , , - %& ') . 3=, //), enquanto as fre!>ências das outras duas aumentam %i , , - %& ' () . =,??A i , , - % ' &) . 1,49). \$s fre!>ências das demais ordens flutuam em torno dos /D ou menos.

Exemplos de ocorrências classificadas nesse grupo:

!ue los fi+os de (am e de Xaphet ganaron alguna cosa en \$sia por fuerça ; (67<

7t las gentes eCtra0as deseaban !ue diesse Sios ra"on por!ue ; (\$T<

Ki madre hab a hecho particiones de la hacienda E sacado su dote ; (O J<

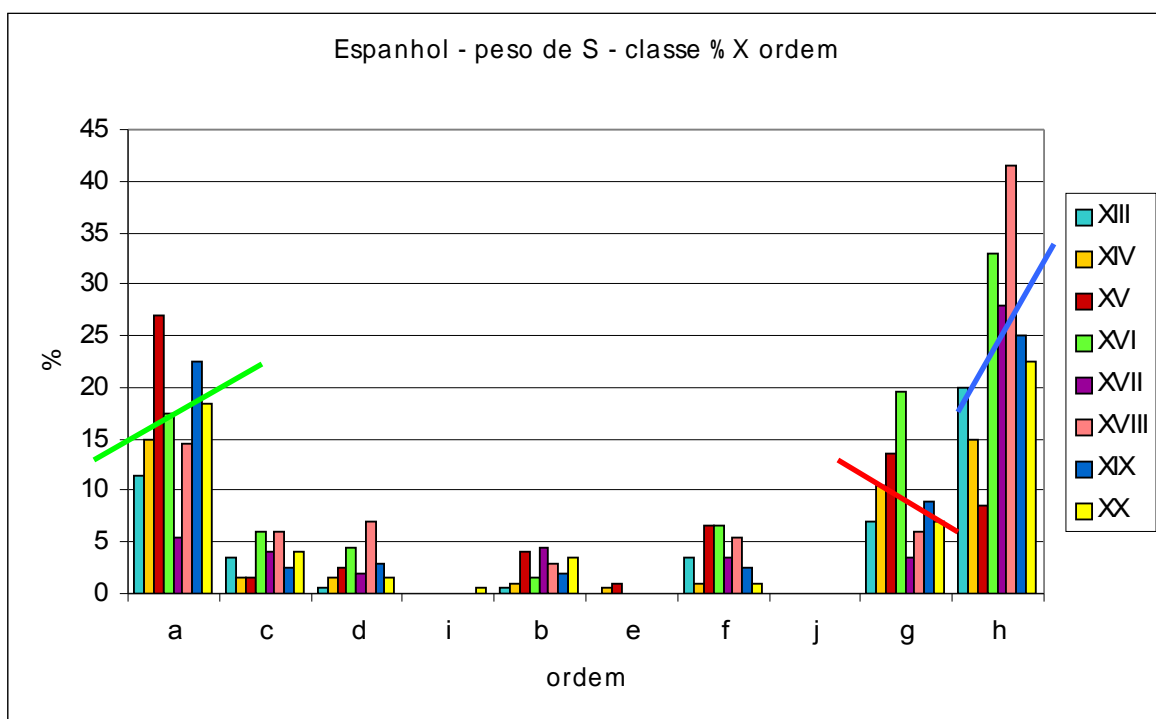


Gráfico 791a 3 perspectiva geral da distribuição relativa das ocorrências de su-eito pleno em função da ordem de constituintes.

apesar de ocorrer em frequência absoluta mais modesta do que a classe **k**, o sujeito pronominal, **I**, mostra a mesma preferência distribucional, concentrando-se nas ordens 1, 2, 3 e 4. Sevido à natureza distinta dos argumentos **k** e **I**, as retas de regressão linear desse gráfico têm comportamentos diferentes (ver tabela 1). Os coeficientes de correlação e os valores de significância dos encontrados no anterior, como seria de se esperar.

(correspondem a exemplos associados a essa classe:

Yo nac entre las cortaduras de papel E los rollos del pergamino ;TO , <
cuando fundaba Eo mi voto E eCplicaba las intenciones del Gobierno ; : \$ F <
como si Eo voE al mercado non con intencin de romper çapatos ;RO , <

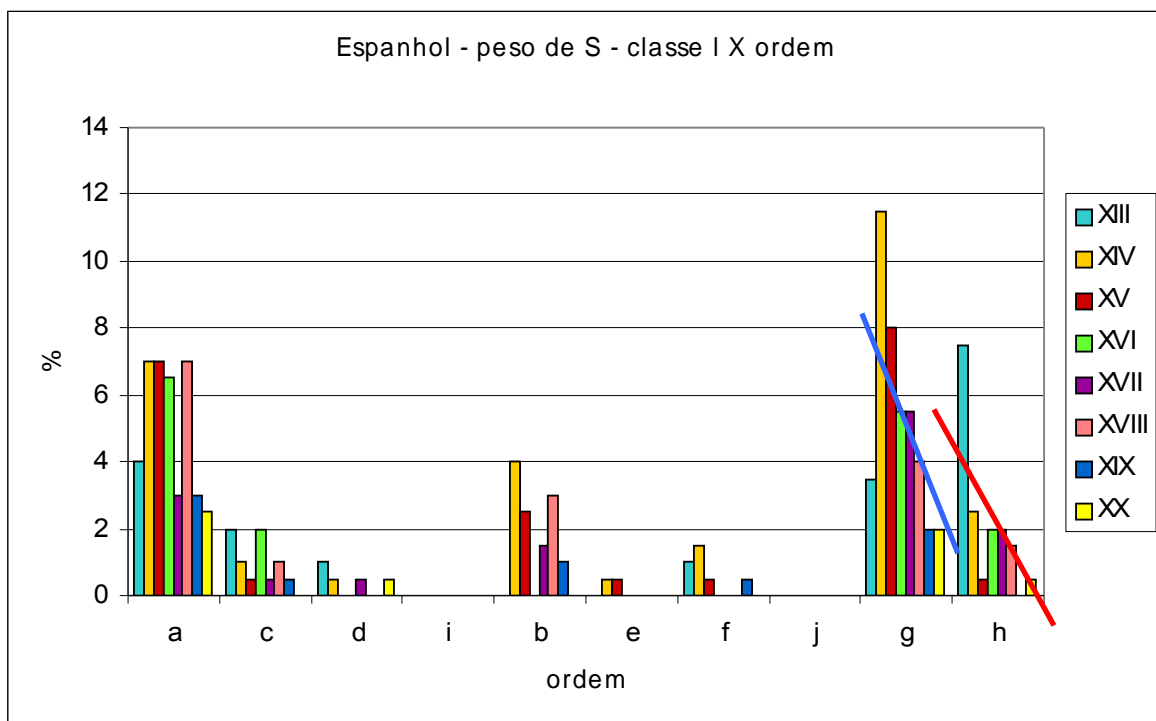


Gráfico 791b 3 perspectiva geral da distribuição relativa das ocorrências de sujeito pronominal em função da ordem de constituintes.

No caso dos complementos verbais plenos (classe n), as ocorrências tendem a se concentrar preferencialmente na ordem i' (), e, em menor escala, em a' (). (ontudo, apesar de o subconstituente a' () ser representado por reta de regressão linear de inclinação positiva (i, - . =,25), a flutuação⁹ de i' () retorna um coeficiente bastante baixo para a inclinação dessa , , - %3=,11).

Exemplos dessa classe podem ser encontrados abaixo:

despiértase en el espíritu dese ardiente de penetrar su vida entera ; (\$ & <
é demas diMle & ancta Kar a del : uerto por heredad con tal condicion ; & \$ J <
para obligar al , eE (atMlico a de-ar la 7spa0a E contentarse ; R7 - <

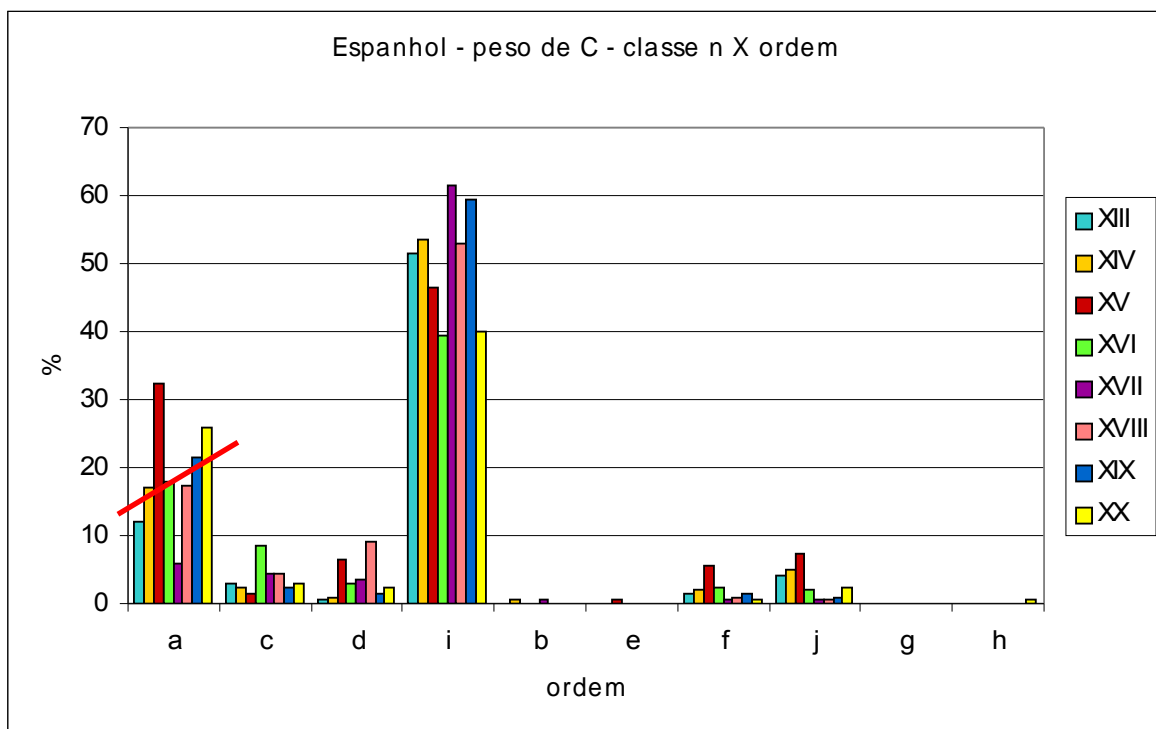


Gráfico 791c 3 perspectiva geral da distribuição relativa das ocorrências de complemento verbal pleno em função da ordem de constituintes.

⁹ N possivel que a expansão do corpus leve a uma definição mais clara da tendência desse subgrupo de ocorrências.

É interessante notar, para os complementos verbais pronominais (% classe o), uma orientação que privilegia francamente as ordens de su+eito não3eCpresso, i % ' () e j % (') A proporç#es mais redu"idas de ocorrências com esse tipo de complemento verbal são representadas pelas ordens b %& (') e f % ' (&) 8 ambas na faiCa dos /D. : ara as ordens mais comuns, tem3se i , , -% ' () . 3=,50 e i , , -% (') . 3=,00A em outras palavras, o complemento verbal pronominal tende a ser cada ve" menos utili"ado nas ordens em !ue até o momento é mais fre!>ente.

7ncontram3se, abaiCo, eCemplos dessa classe:

segun lo certifican sant Xuan 7vangelista, E mas largamente Koisen ;HJ S<
arrullan el o do E parece !ue convidan al esp ritu a seguirlas en su ... vuelo ; (\$&<
la maEor a de los casos los ganaba contra todo pronMstico ; : , OS<

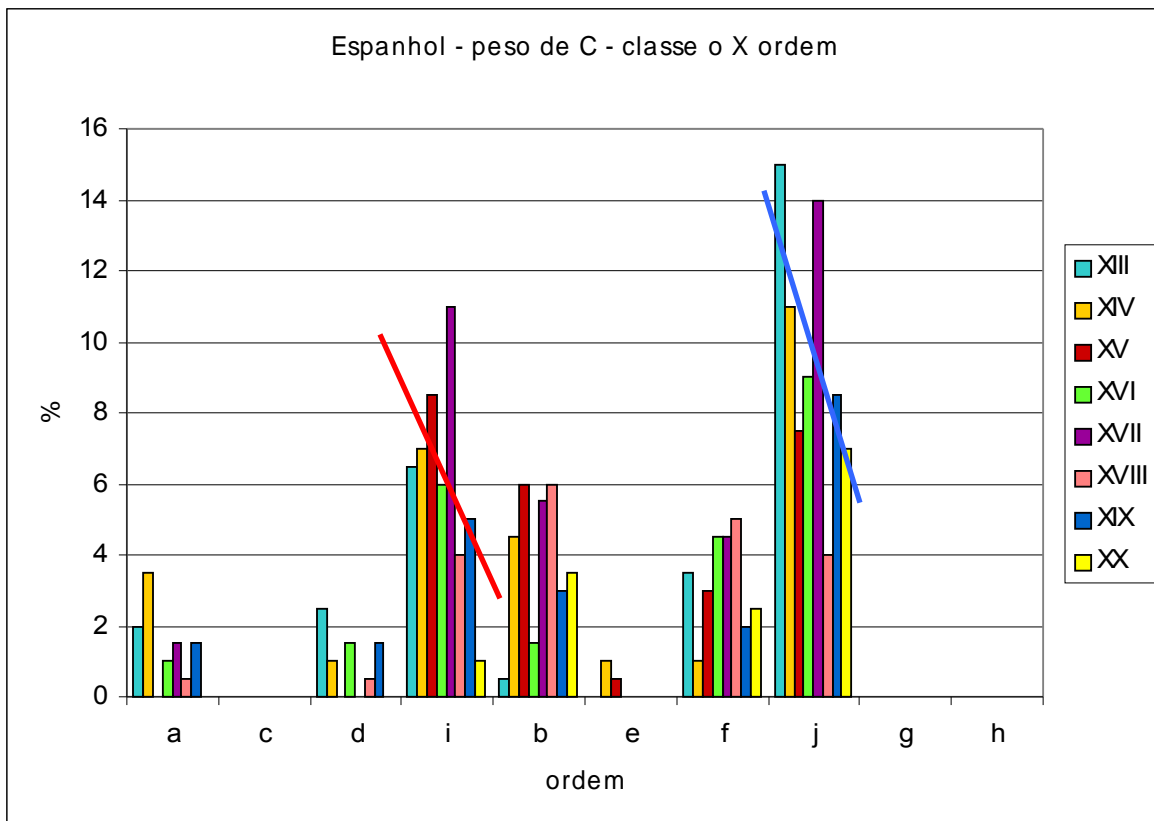
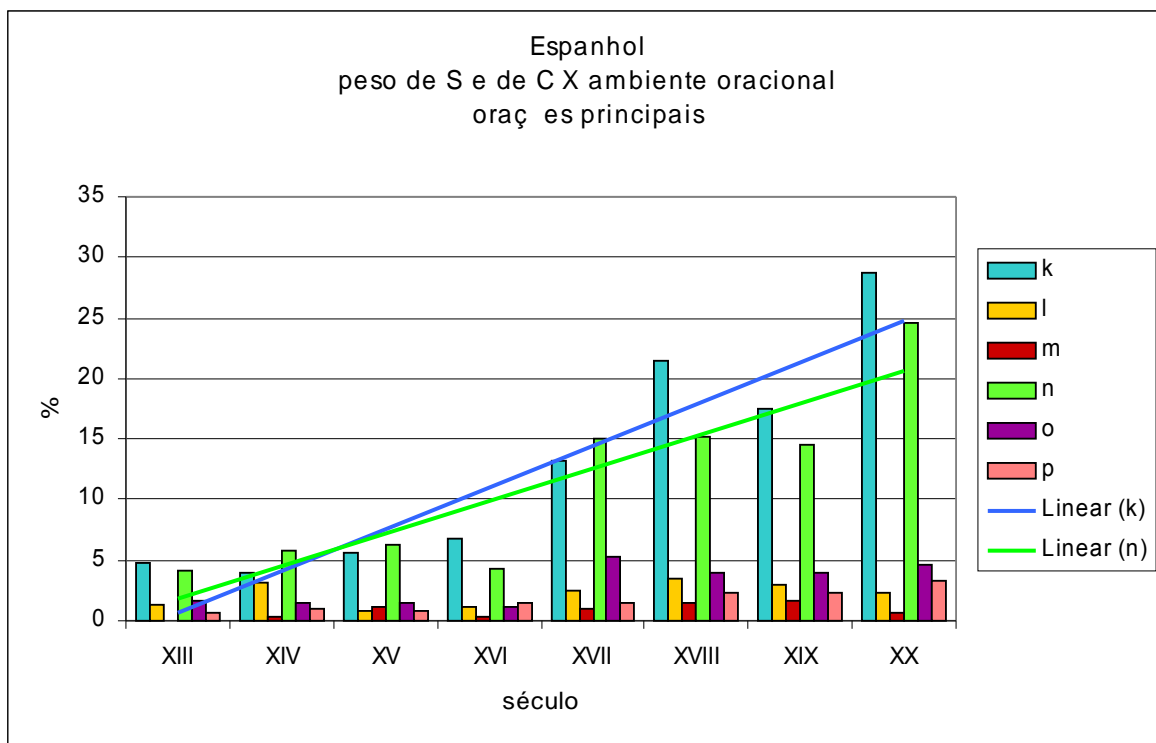


Gráfico 791d 3 perspectiva geral da distribuição relativa das ocorrências de complemento verbal pronominal em função da ordem de constituintes.

&e se fiCa outro dos graus de liberdade previstos na classificação das ocorrências 8 especificamente, o *ambiente oracional* 8, observam3se padr#es semelhantes aos já discutidos para os critérios anteriores. ' e+a3se, inicialmente, o caso das oraç#es principais, em !ue há aumento das fre!>ências das classes mais comuns, k %i , , - . I,??) e n %i , , - . 9,52). Isso significa !ue, nas oraç#es principais, as ocorrências com su+eito e com complemento verbal plenos tendem a ser cada ve" mais fre!>entes.

Tomem3se as ocorrências abaixo como eCemplos de cada classe:

Z	Ki madre cuenta todav a algunas ni0adas de a!uel tiempo ;TO , <
	: usiéronla sus fundadores sobre las rocas ; (\$ & <
n	[i"o el \$It simo este siglo para muchos\ E el otro, !ue es la gloria, para pocos ;HJ S <
	Jo pierde tiempo el !ue gasta tres M cuatro a0os entre los [oracios ;TO , <



6 gráfico 799a 3 distribuição relativa das classes de *peso de S e de C* em oraç#es principais.

Para as orações coordenadas, como se pode prever a partir do gráfico 72 e do comportamento das categorias anteriores, as *l*, *m*, *n* das classes mais comuns têm inclinações de valor negativo: *k* (-3,51%), *l* (-31,9%) e *o* (-3,2%). Portanto, ainda que a escala das coordenadas seja menor que a das orações principais, é possível identificar uma tendência geral decrescente para o grupo.

Tomem-se as ocorrências abaixo como representativas dessa classe:

Z	E por esto la venerable matrona la criM con más afectuoso cuidado ; \$ 6 , <
	E enfrente duerme tendida la inmensidad del Océano ; (\$ &<
n	les sufoca las inconsideraciones E modera aun las inculpables altaner as ; TO , <
	los fiscales tiraban al suelo los cMdigos E las mucetas ; : , OS<
o	pero los franceses lo gobernaban de forma !ue se hallase obligado a de-ar ; R7 -<
	e besauanlo todos e abraçauanlo con muE grand alegria ; T , O<

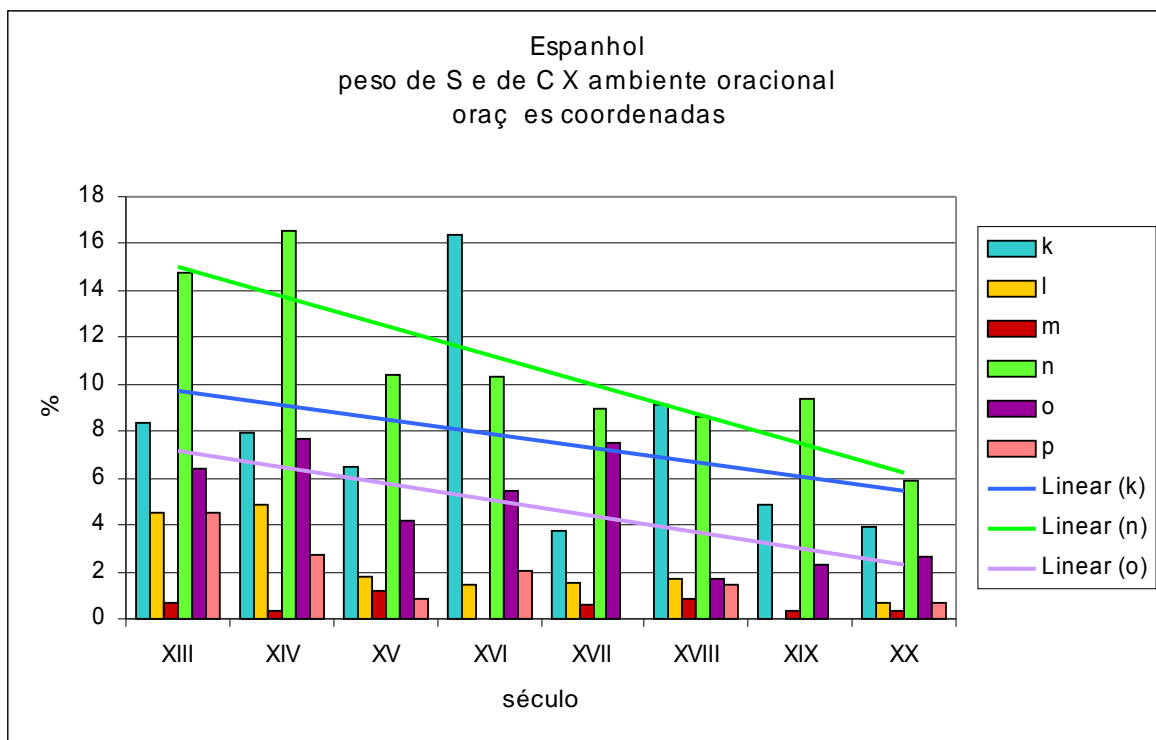


Gráfico 799b-3 distribuição relativa das classes de *peso de S e de C* em orações coordenadas.

Orações subordinadas Oração

As Tabelas 7? e 7/, sumari"am3se os comportamentos delineados até agora para o cru"amento do fator *peso de S e de C* com os critérios de análise *ordem de constituintes e ambiente oracional*. Jota3se claramente !ue, apesar de haver algumas tendências definidas na Tabela 7?, os padr#es de comportamento das ocorrências são muito mais sens veis ao *ambiente oracional* do !ue à *ordem*.

<i>peso</i>	<i>a (SVC)</i>	<i>i (VC)</i>	<i>j (CV)</i>	<i>g (SV)</i>	<i>h (VS)</i>
<i>k (sujeito pleno)</i>	↗	.	.	↘	↗
<i>l (sujeito pronominal)</i>	→	.	.	↘	↘
<i>n (complemento pleno)</i>	↗
<i>o (complemento pronominal)</i>	.	↘	↘	.	.
<i>p (complemento oracional)</i>	.	↘	.	.	.

Tabela 7? 8 resumo das tendências de distribuição das ocorrências segundo os critérios *ordem de constituintes e peso de S e de C*.

<i>peso</i>	<i>1 or. principais</i>	<i>2 or. coordenadas</i>	<i>3 or. subordinadas</i>	<i>4 or. coord.-subord</i>
<i>k (sujeito pleno)</i>	↗	↘	↘	.
<i>n (complemento pleno)</i>	↗	↘	↘	↘
<i>o (complemento pronominal)</i>	.	↘	↘	.

Tabela 7/ 8 resumo das tendências de distribuição das ocorrências segundo os critérios *ambiente oracional e peso de S e de C*.

Na mesma forma que se fez para os traços de *agentividade*, propõe-se, adiante, a unificação dos resultados de *peso de S e de C*, reduzindo-se os à mesma escala. Esse procedimento permitirá observar as relações entre os comportamentos das ocorrências nos quatro ambientes oracionais aqui estudados. Recomendamos acompanhar esses gráficos de um terceiro para cada traço, em que se normalizam as proporções em relação ao total de ocorrências por texto para cada ambiente e não para o total de ocorrências de cada texto.

Observemos, em primeiro lugar, o que se passa com o traço *k*. O gráfico 79Ia mostra que os sujeitos plenos sempre passam a ser a categoria mais comum em orações principais a partir do século XVI e portanto, antes da mudança observada para a maioria dos gráficos de *agentividade* em ambiente oracional, em que as subordinadas predominam na primeira metade do gráfico, e as principais ganham mais espaço entre os séculos XVIII e XX.

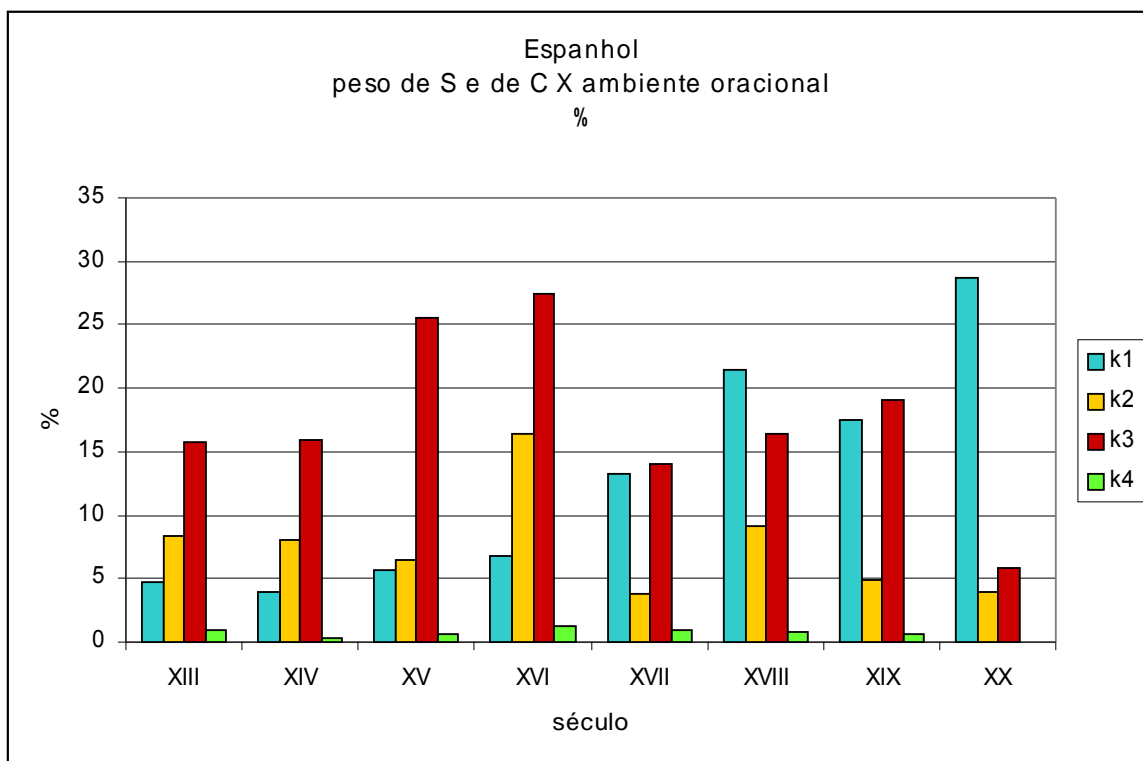


Gráfico 79Ia) Comparação entre os perfis de sujeito pleno nos quatro ambientes oracionais propostos.

No gráfico 79Ib, observa-se mais nitidamente o franco e seguro progresso das frequências de sujeito pleno, k_1 , nas orações principais (curva azul, k_1), o que se faz acompanhar de um decréscimo nas proporções relativas de sujeito pleno em subordinadas (curva vermelha, k_3). A curva descrita pelas coordenadas (k_2) mostra pequena flutuação, com máximo local no século XVIII. Nessa escala, é praticamente inconspicuo o comportamento de k_4 (sujeito pleno em orações subordinadas).

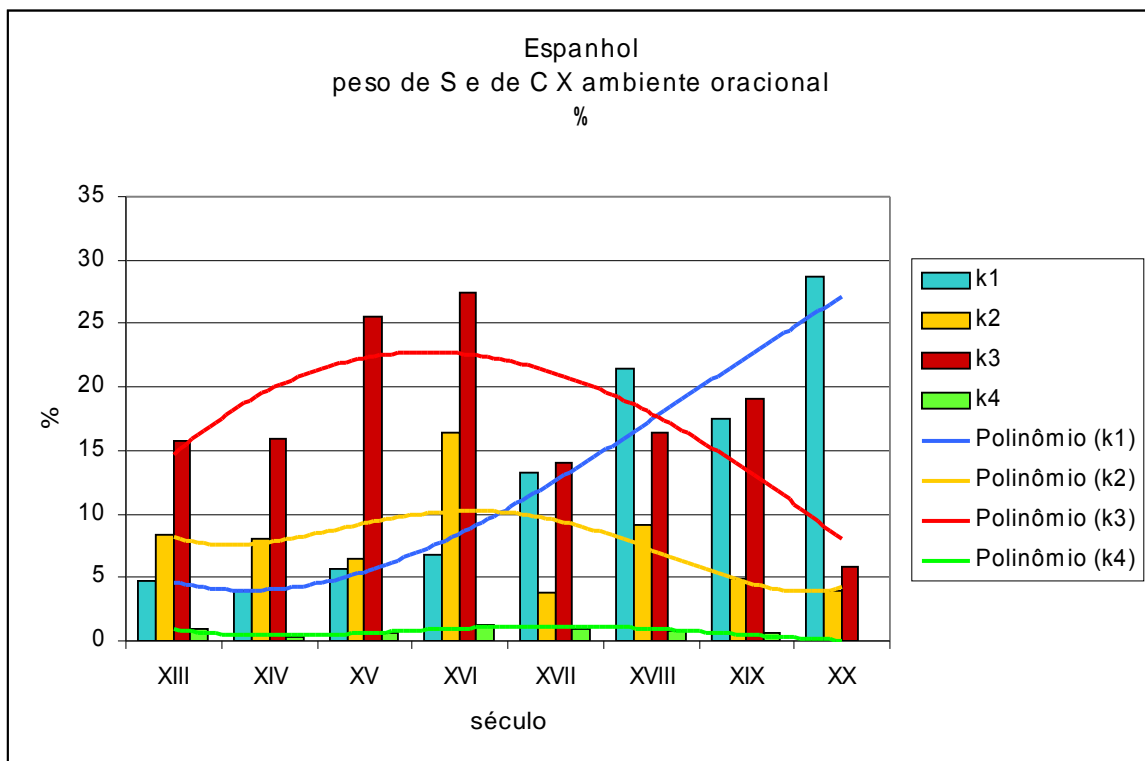


Gráfico 79Ib) 8 comparação entre os perfis de sujeito pleno nos quatro ambientes oracionais propostos.

Para comparar-se os gráficos anteriores com o Gráfico 79Ic, que mostra as proporções de *k* nos diversos ambientes oracionais em relação à frequência desse traço em cada texto. É interessante notar que os máximos mediais das curvas correspondentes aos três grupos mais comuns são praticamente coincidentes (todos com abscissa no século XVIII). Entretanto, se, por um lado, a distância entre a reta amarela e as outras duas é pequena, a que se guarda entre as retas vermelha (*k3*) e a azul (*k1*) já é da mesma ordem que a observada nos gráficos para *atividade G ambiente oracional* (i.e., há mais segurança na afirmação de que o máximo da curva das subordinadas precede o das principais para o traço *k*).

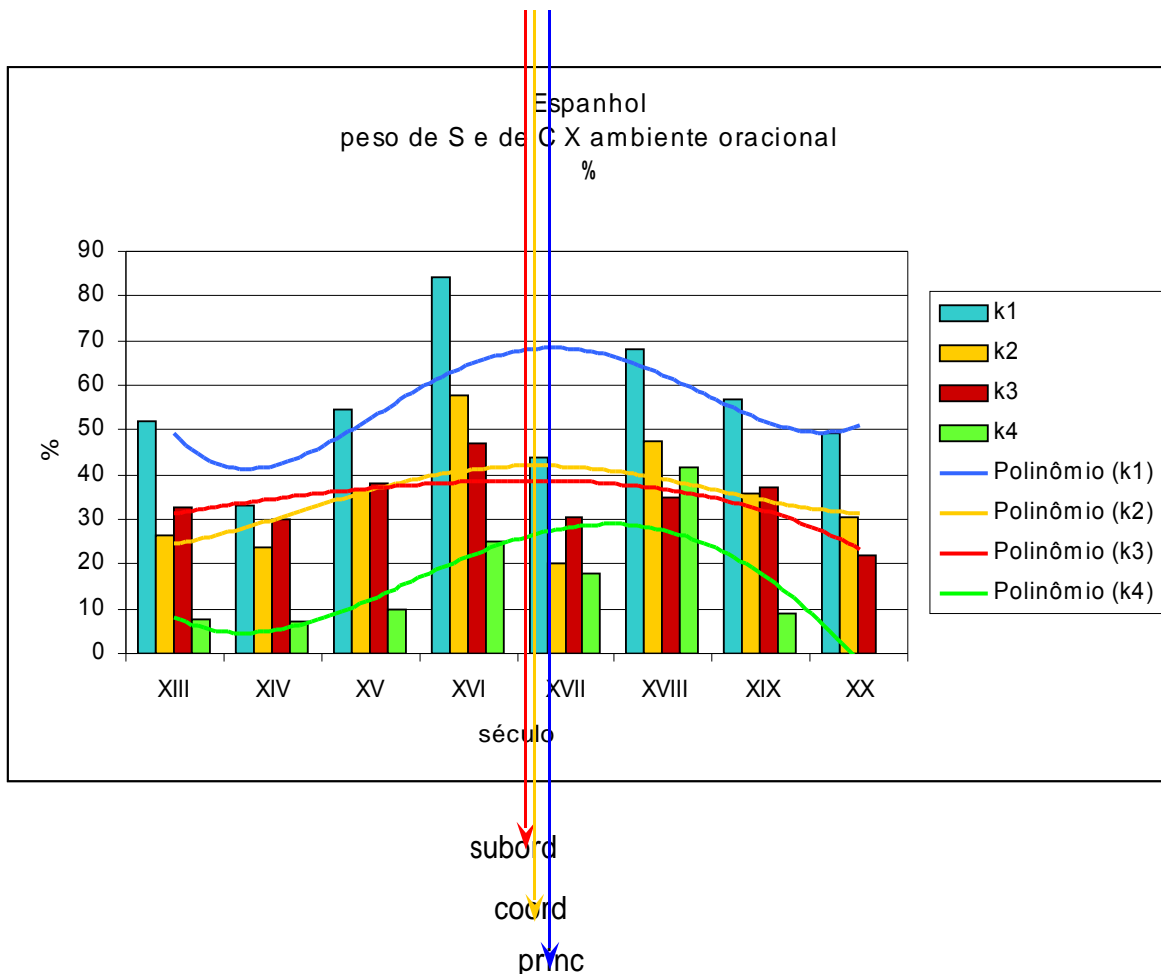


Gráfico 79Ic, normalizado e comparação entre os perfis de sujeito pleno nos quatro ambientes oracionais propostos.

O traço seguinte, dentre os mais comuns, é o sujeito pronominal, cujas frequências são mais baixas que as de *que*, mas correspondem a valores diferentes de "erro" para as ordens mais expressivas. Essa característica contribuiu para a definição dos perfis observados nos Gráficos 79?, e que são semelhantes aos dos Gráficos precedentes de mesma natureza. Com outras palavras, ainda que as médias de *que* sejam mais reduzidas, pode-se perceber a diminuição das frequências absolutas de coordenadas e de subordinadas, bem como o aumento discreto das proporções de orações principais.

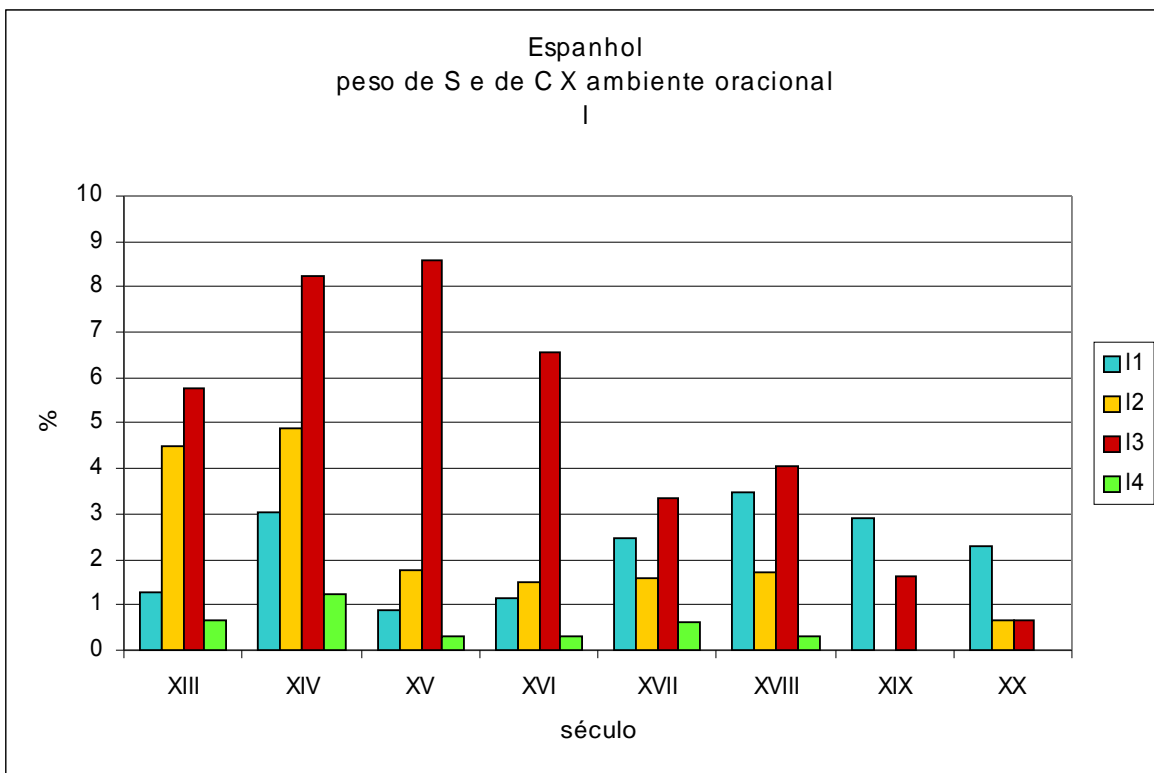


Gráfico 79? a) Comparação entre os perfis de sujeito pronominal nos quatro ambientes oracionais propostos.

Os perfis da figura anterior podem ser resolvidos por polinômios cujas expressões gráficas são as que constam da imagem abaixo. Também o sujeito pronominal mostra um comportamento semelhante aos das classes precedentes, notando-se que as orações principais associadas ao traço I tornam-se ligeiramente mais frequentes que as subordinadas no século XVIII. Além disso, dada a reduzida escala em que essas curvas se apresentam, o único perfil de mudança na ordem dos dados de amplitude 8 é o das subordinadas, I3 (curva vermelha).

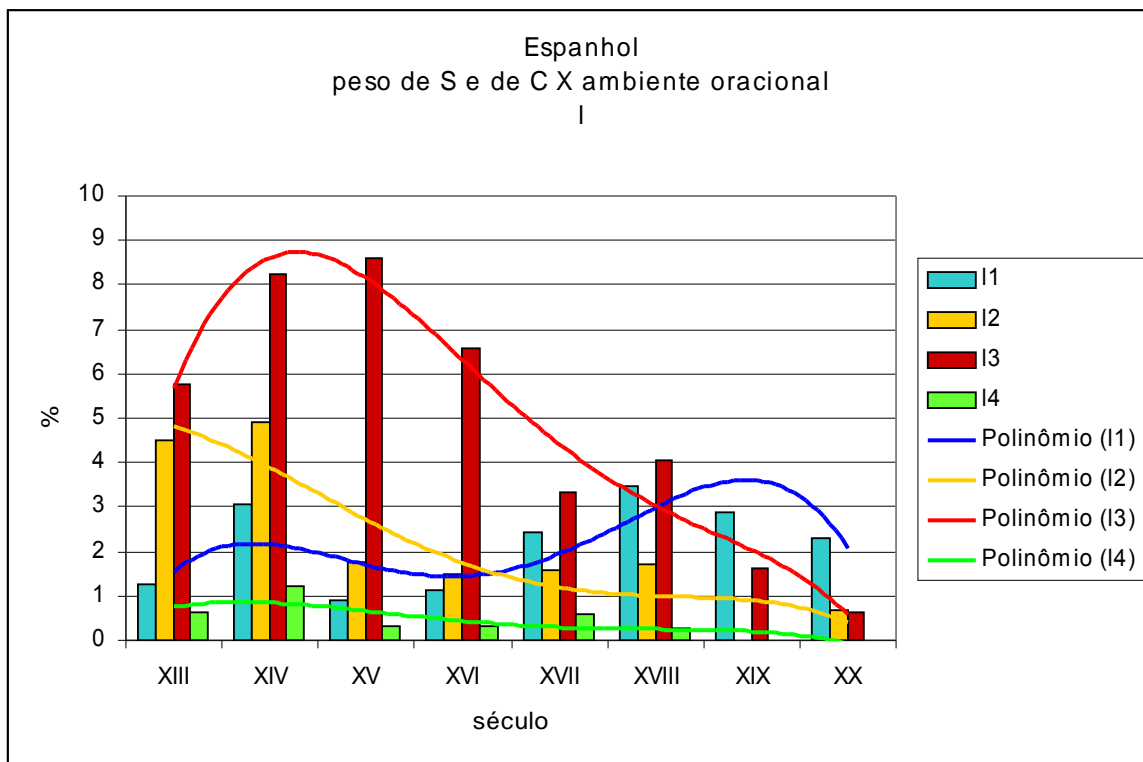
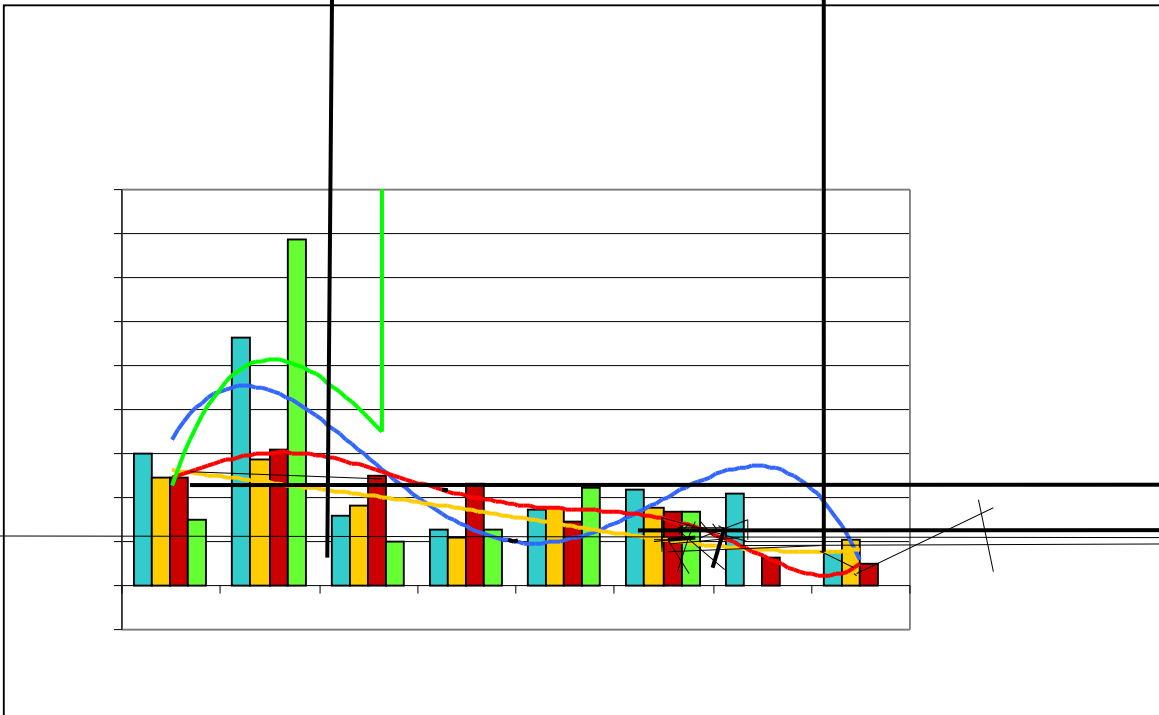


Gráfico 79 (T) 8 comparação entre os perfis de sujeito pronominal nos quatro ambientes oracionais propostos.

\$ normalização das frequências para o total de ocorrências por texto amplifica diferencialmente os padrões encontrados no gráfico 79?b, de maneira a aproximar as curvas. Entretanto, as duasônicas que mostram mínimos locais de maneira mais clara são II (a"ul), no início do século XVIII, e I?%verde) e esta última, associada a frequências absolutas muito baixas.



Diante das reduções absolutas associadas à classe **m** (sujeito oracional) e a substância de muitas lacunas no gráfico produzido a partir desses dados, os perfis que representam essas reduções absolutas não serão apresentados. Trataremos unicamente do gráfico 79/a, que mostra as curvas normalizadas para o traço **m** em todos os ambientes oracionais. Mais uma vez, o máximo local da curva relativa às orações principais ocorre no século XVIII.

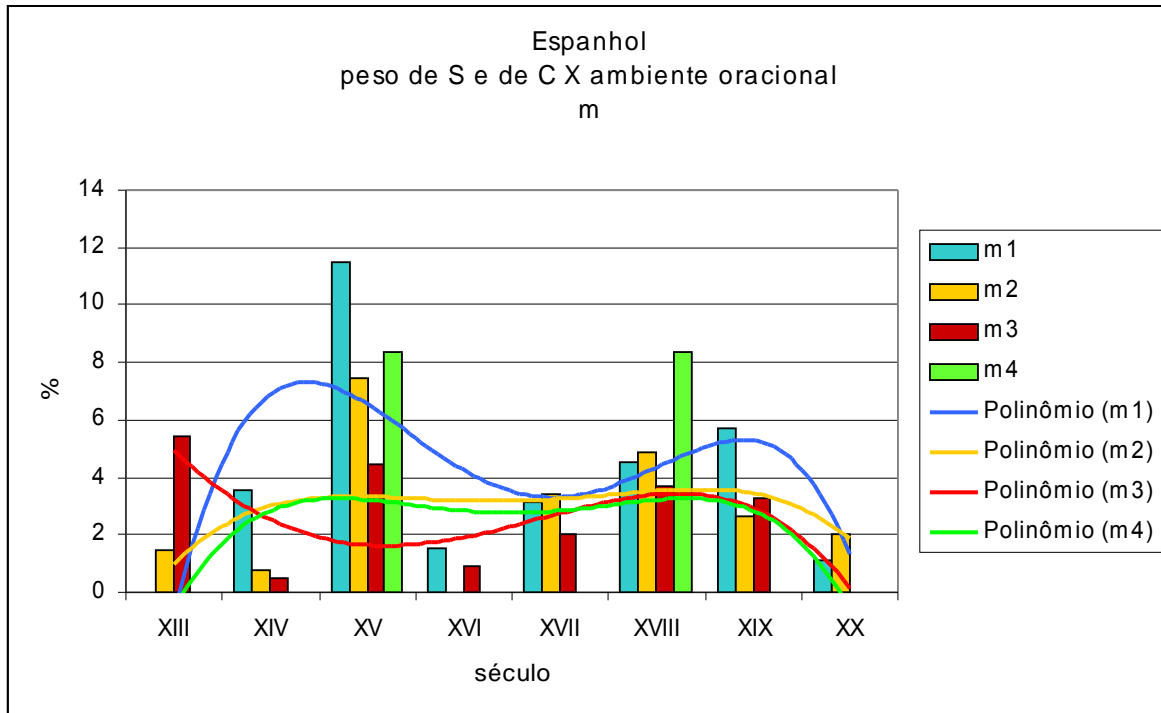


Gráfico 79/a) 8 comparação entre os perfis de sujeito oracional nos quatro ambientes oracionais propostos.

O perfil de distribuição das ocorrências de complemento pleno, **n**, segundo o ambiente oracional segue, como observado para as categorias anteriores, o mesmo padrão geral das curvas de frequência dos traços de *ambiente oracional* (v. gráfico 72). Jotam3 se, na figura abaixo, a) as taCas crescentes de **n** atribuídas a oraç#es principais (no gráfico, **n1**, em azul), e !ue passam a ser dominantes no século GG, b) o decréscimo das proporç#es absolutas de **n** relacionado a oraç#es coordenadas (**n2**, em amarelo), c) a flutuação de **n3** (em vermelho), !ue é suplantada por **n1** no século GG, e d) as fre!>ências relativamente baixas de complemento pleno associado a oraç#es coordenadas em subordinação, **n4** (em verde). \$ diferença Mbvia entre os gráficos das duas classes anteriores e 79Ia está na escala das ordenadas, !ue assinala a fre!>ência mais eCpressiva da classe **n** !ligeiramente mais alta !ue a de k 8 gráfico 79Ia 8 devido ao máCimo local e absoluto de **n** no século G ').

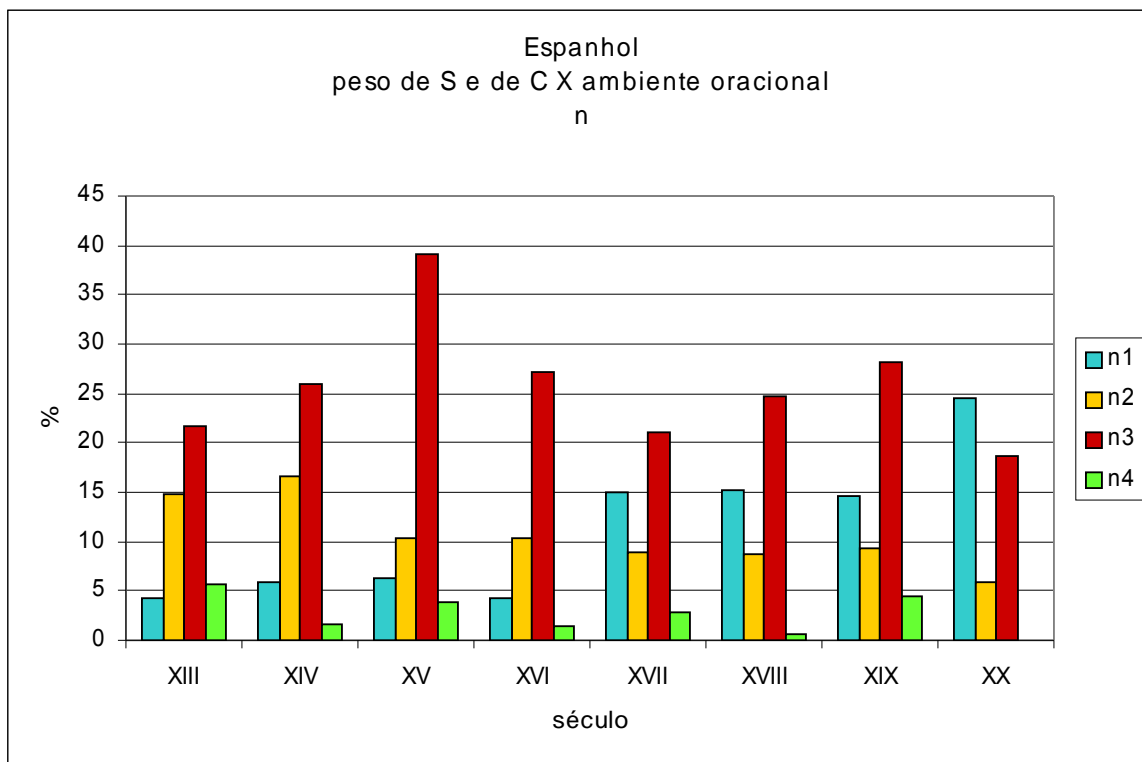
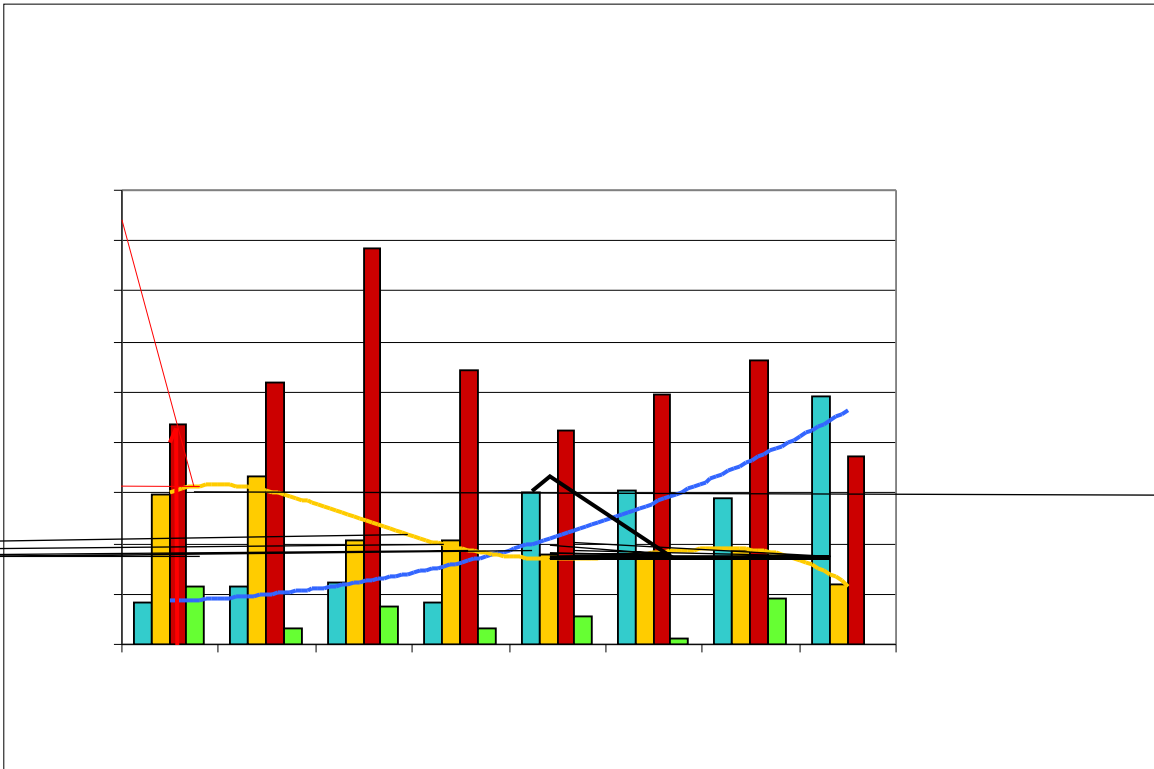


Gráfico 795a) 8 comparação entre os perfis de complemento verbal pleno nos !uatro ambientes oracionais propostos.

Os polígonos que encompassam as distribuições das ocorrências da classe **n** repetem o mesmo padrão já identificado para outras categorias que envolvem o fator *ambiente oracional* (aumento das frequências associadas a orações principais (n1), diminuição menos acentuada das frequências ligadas a orações coordenadas (n2) e flutuação com decréscimo das frequências de subordinadas (n3)). O nível de /D de frequência absoluta raramente é ultrapassado pelas orações coordenadas em subordinação, **n4**.



Gracias à normalização das frequências, podem-se comparar os padrões individuais de comportamento das curvas apresentadas no gráfico anterior. Observam-se, aqui, as relações temporais entre aspectos semelhantes dos diferentes subconjuntos de ocorrências, como a presença dos membros locais nos séculos G' H e G' HH: a curva que representa os complementos verbais plenos em orações coordenadas, **n2**, tem um pico no final do século G' H, o qual é seguido pelos membros de orações principais, **n1**, e de subordinadas, **n3**. Essa presença é diferente da obtida para a classe **k** (sujeito pleno, Gráfico 79Ic) e a outra classe dominante no fator *peso de S e de C*, a qual mostra quase uma sobreposição dos membros dessas curvas. Portanto, as duas categorias mais frequentes do traço *peso de S e de C*, **k** (sujeito pleno) e **n** (complemento verbal pleno) têm comportamentos distintos diante do ambiente oracional e apesar de as curvas de ambas mostrarem membros entre o final do século G' H e a metade do século G' HH.

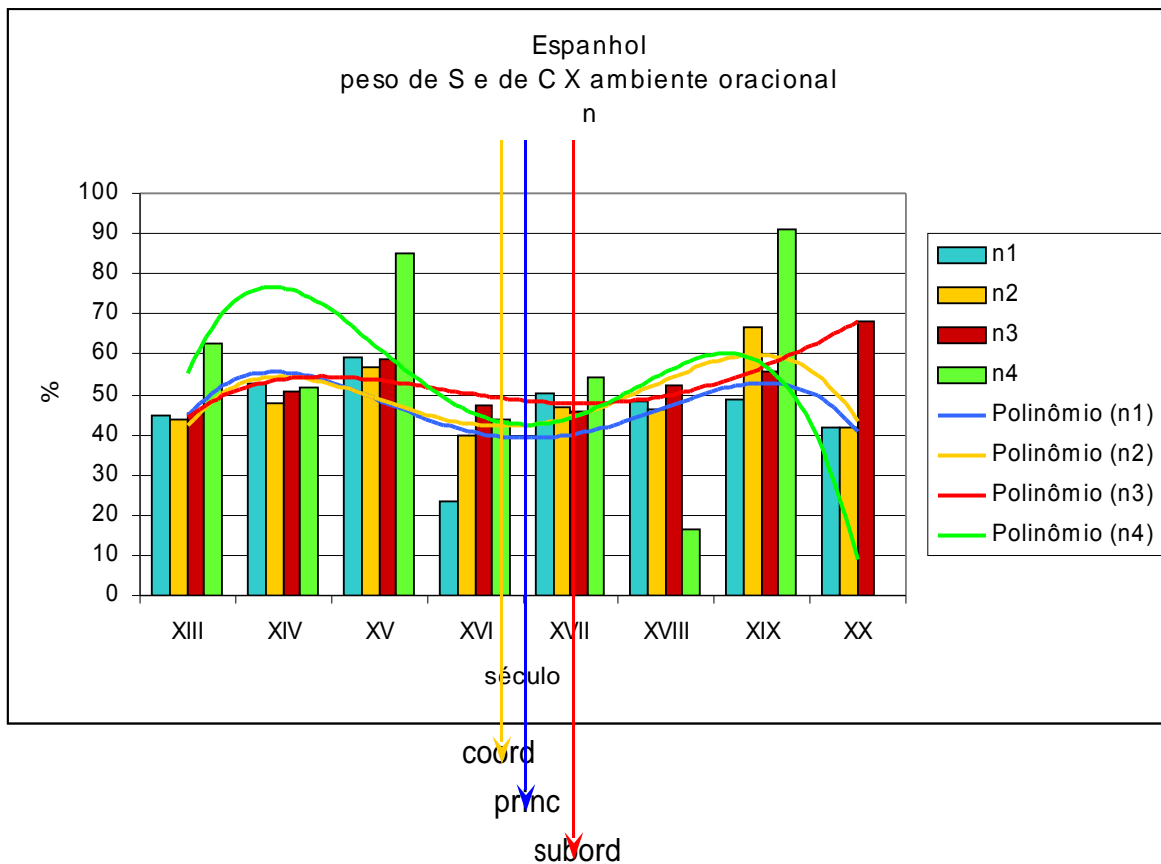


Gráfico 795c: T, normalizado e comparação entre os perfis de complemento verbal pleno nos quatro ambientes oracionais propostos.

A classe o (complemento verbal pronominal) apresenta, em linhas gerais, um padrão idêntico de distribuição das ocorrências em relação ao gráfico 72 *et similia*: à predominância das frequências associadas às orações coordenadas (o2) e subordinadas (o3), nos dois terços iniciais do gráfico, segue-se o aumento das proporções de orações principais (o1), que passam a constituir a classe mais comum no trecho final do gráfico. Observe-se, ainda, a escala diminuta contra a qual essas ocorrências são computadas (comparável à da classe I, também pronominal (sujeito, gráficos 79?).

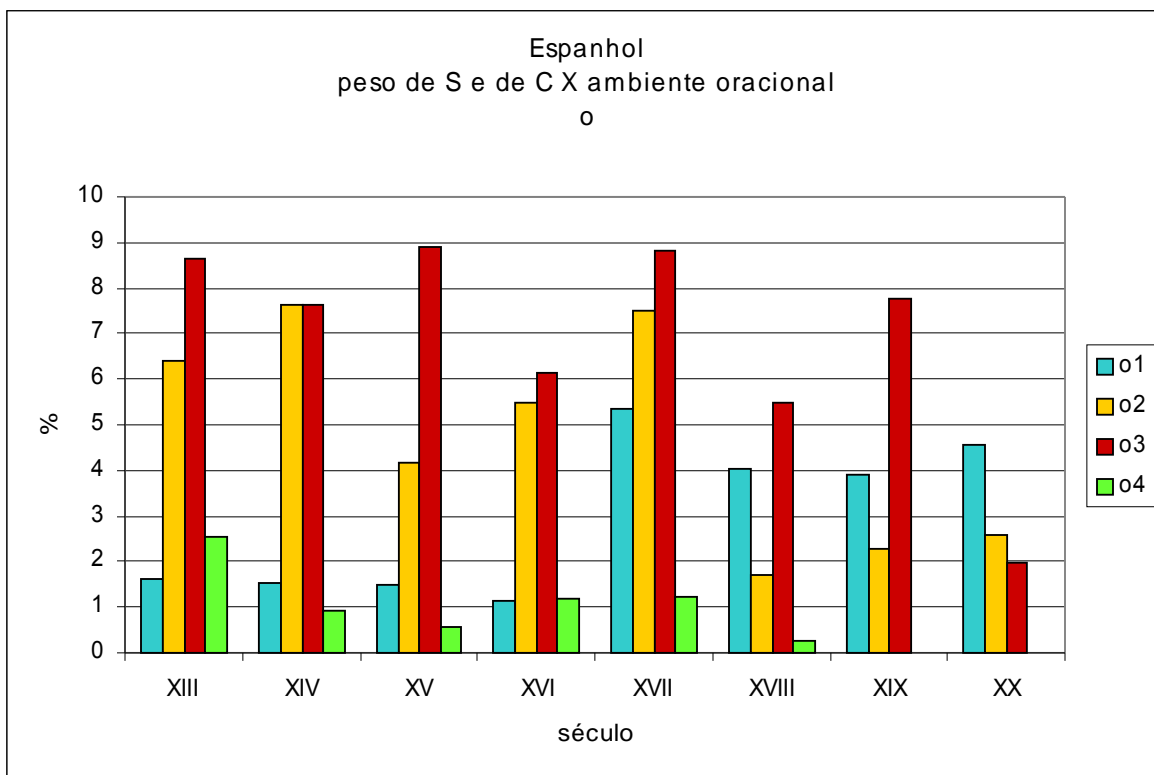


Gráfico 792a) Comparação entre os perfis de frequência de complemento verbal pronominal nos quatro ambientes oracionais propostos.

J ão há diferenças apreciáveis entre as curvas representativas do comportamento das
ocorrências

Normalizando-se as frequências, nota-se que as variações relativas são mais relevantes para as ocorrências associadas às orações coordenadas (o2) e às coordenadas em subordinação (o4). As curvas têm, aos pares, o mesmo padrão gráfico. No intervalo para o qual foram feitas as observações de máximos e de mínimos locais (entre os séculos G' e G'' e, principalmente), esses dois pares também se comportam de maneira distinta: principais e subordinadas mostram mínimo no século G' e máximo tardio, no século G'' e o outro par tem máximos no século G' e H.

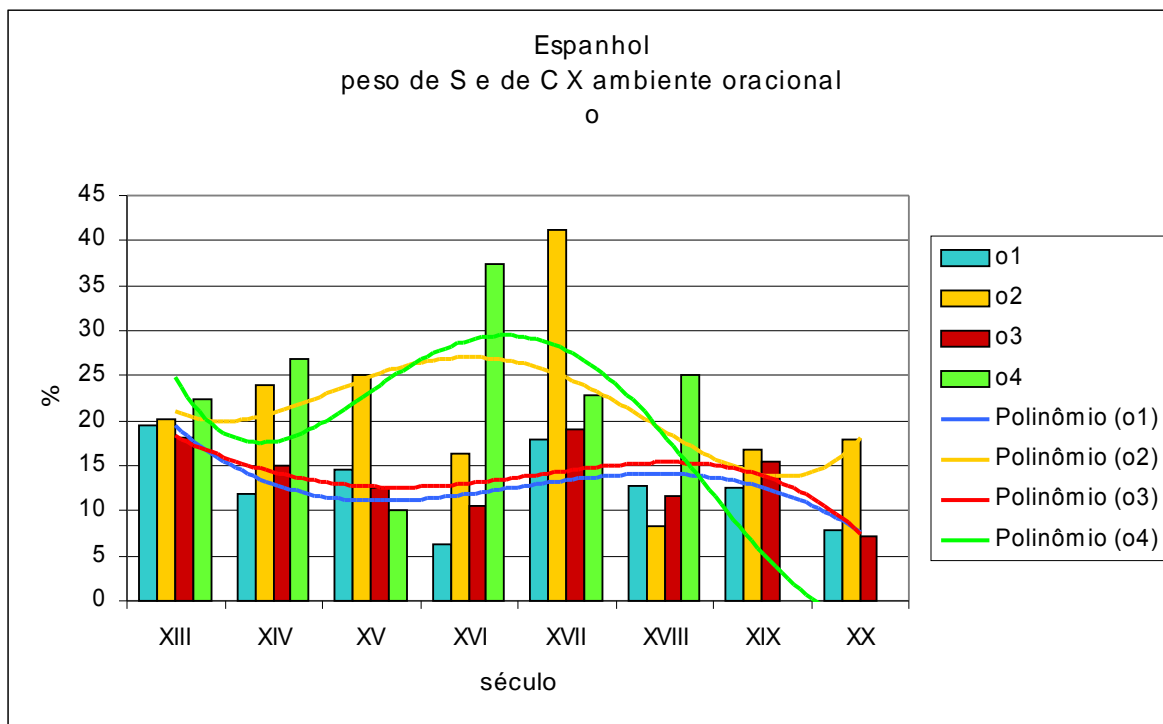


Gráfico 792c%T, normalizado) 8 comparação entre os perfis de complemento verbal pronominal nos quatro ambientes oracionais propostos.

O fator *regência do verbo* mostra distribuições peculiares do conjunto de dados. O gráfico 790a mostra a distribuição dos dados com respeito aos desdobramentos desse fator, destacando-se a prevalência do grupo **u** (transitividade direta) em todo o *corpus*.

Na evolução do subconjunto **xx** (intransitivos), as classes de regência verbal apresentam frequências estáveis (**u** (diretos), **v** (indiretos)) ou em leve declínio (**w** (bitransitivos), **x** (ligação)). As retas de regressão linear para essas classes retornam os seguintes valores: $i, , -\%u) . 3=,92A i, , -\%v) . 3=,1=A i, , -\%]) . 3=,5/A i, , -\%C) . 3=,5?A i, , -\%CC) . 1,5?$. Mais interessante, entretanto, é plotar as curvas correspondentes à evolução das frequências de cada classe: vê-se, então, que são praticamente especulares as tendências dos subconjuntos **u** (diretos), o mais frequente, e **xx** (intransitivos), o único que mostra crescimento efetivo. Considerando-se uma eccentricidade maior entre os séculos G_H' e G' , também são complementares as tendências do mesmo grupo **u** (diretos) e o de **x** (ligação). Em outras palavras, o aumento nas frequências de **u** (diretos) é acompanhado de uma diminuição nas proporções absolutas de **x** (ligação) e de **xx** (intransitivos).

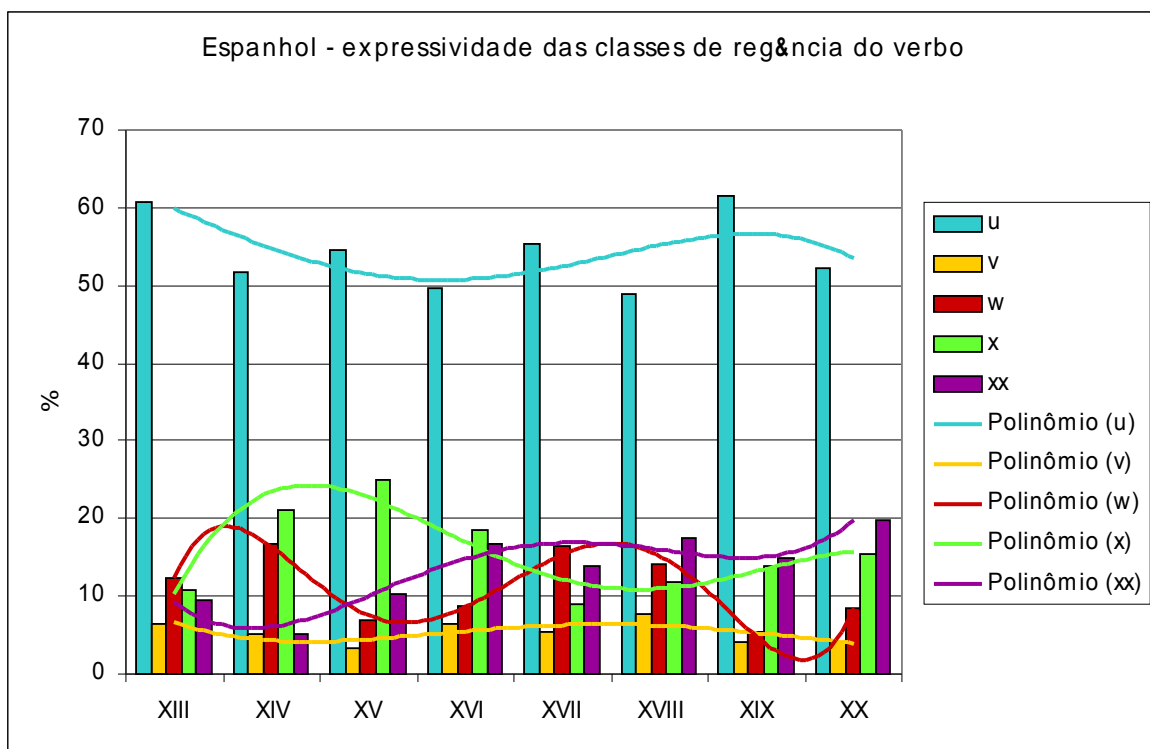


Gráfico 790a 8 frequências absolutas das classes de regência verbal no *corpus* espanhol.

Tome-se em primeiro lugar, na análise individual, a classe **u** (diretos), na qual há predominância absoluta da ordem **i** () que permanece estável no cPmputo geral e a despeito da flutuação em alguns pontos. \$s ordens secundárias, **a** () e **j** (), mostram, por outro lado, tendências opostas: enquanto a primeira dobra em frequência absoluta, a última sofre diminuição em suas proporções. Entre as demais ordens, apenas **g** (), cuja tendência é decrescente) e **h** (, de perfil ascendente) mostram comportamentos definidos em todo o intervalo de amostragem. \$s outras ordens, todas abaixo de 1=D, têm expressão demasiado baixa.

Exemplos de ocorrências associadas a essa classe:

7 desE venieron ... 7ufremes el almirante, e traCo mill caualleros muE ardites ;T , O<
(reer !ue haE infinitos mundos procediM de !uerer medir el mundo á piés ;HJ S<
me dieron sentencia de destierro de la (orte por un a0o a cinco leguas ; (OJ<

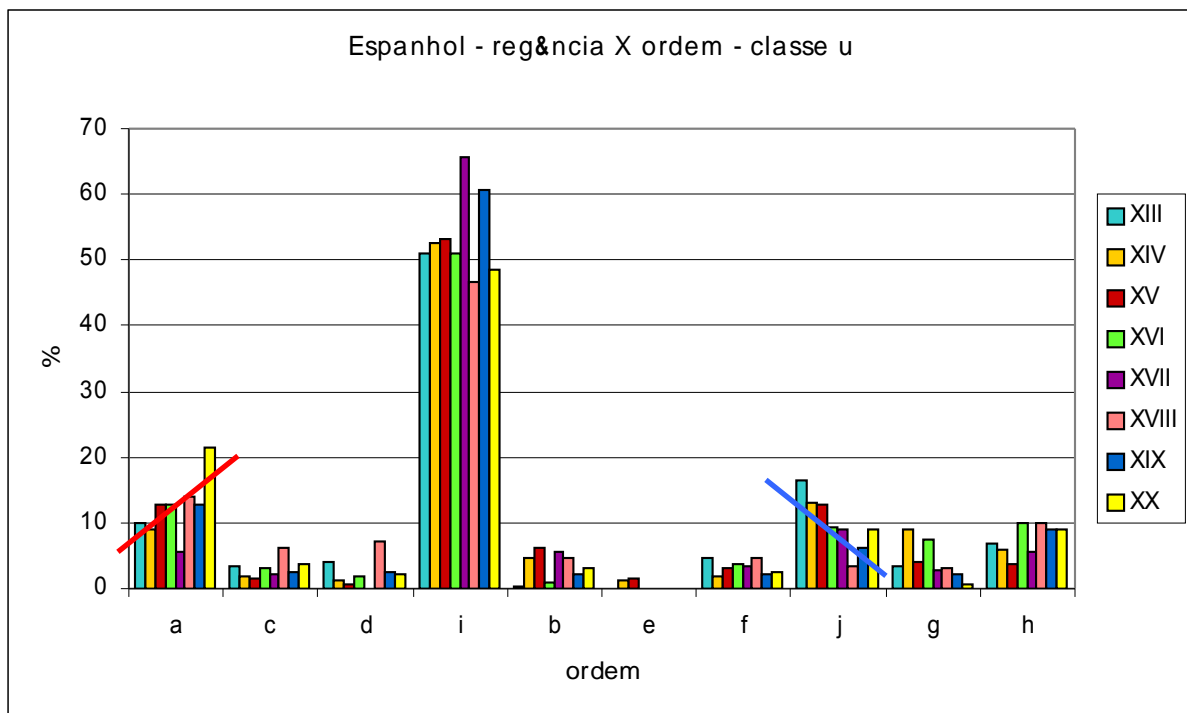


Gráfico 790b 8 frequências relativas das ocorrências associadas a verbos transitivos diretos no corpus espanhol.

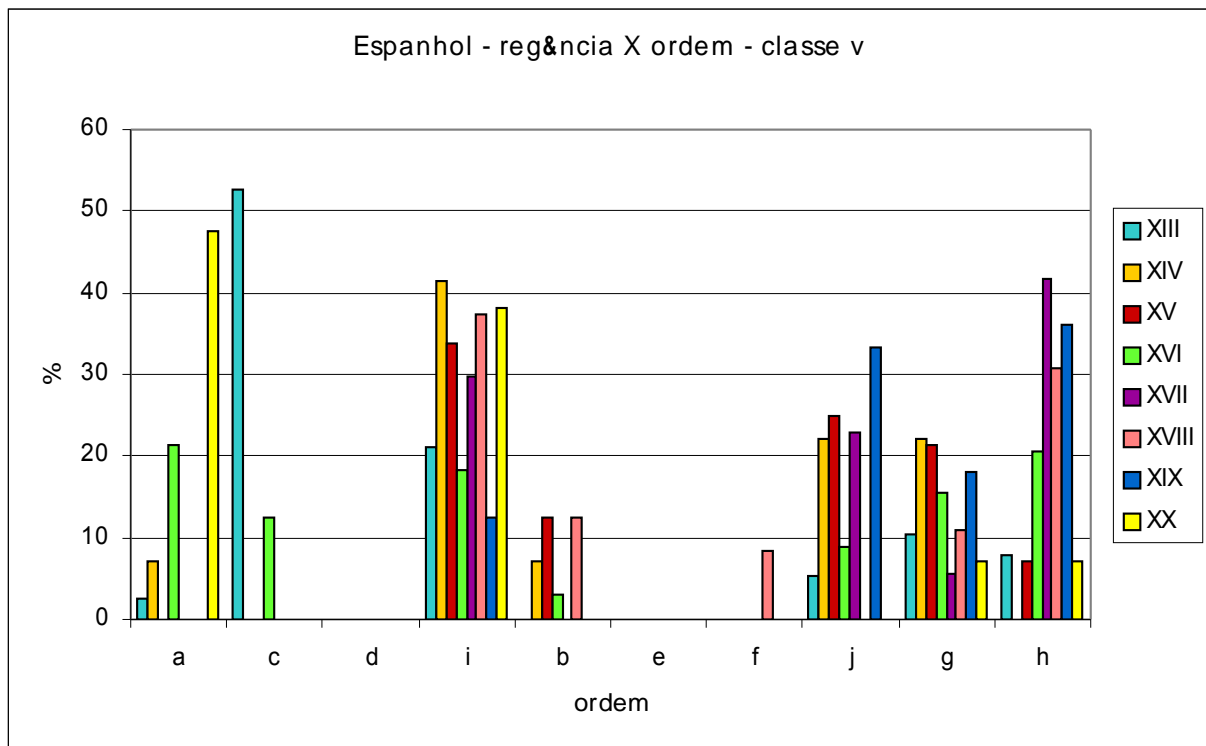
7m constraste com a classe u %diretos), v %indiretos) apresenta decréscimo nas ordens i %' () e g %&'), e aumento nas proporç#es relativas na ordem j % (')A contudo, seus ndices de ocorrência são marcadamente redu"idos para o intervalo em estudo, e as variaç#es nas proporç#es relativas dessa classe são, por isso, consideradas residuais ou incipientesA por eCemplo, a ordem a %&' (), mesmo !ue ascendente, é por demais descont nua para permitir uma avaliação segura.

&ão eCemplos de ocorrências às !uais foi atribuído o traço v %indiretos):

e rrogoles !ue rresçebiesen a Telefo por rreE en su logar ;T , O<

et enseOoreM á todos los regnos et tierras de sus comarcas ; (\$ T<

7l esplendor de vuestras virtudes claras ... me inclinM e diM aficiMn ;RO , <



6 ráfico 790c 8 fre!>ências relativas das ocorrências associadas a verbos transitivos indiretos no *corpus* espanhol.

:ara a classe dos verbos bitransitivos, w, a distribuição das fre!>ências de ocorrência relativa ainda mostra domin*ncia da ordem i %' () 8 em diminuição, a eCemplo

do !ue também acontece, com menor eCpressividade, para as ordens **g** %& ') e **h** % ' &) A a ordem **j** % ('), por sua ve", mostra tendência crescente. J ote3se !ue o sens vel aumento dos valores de c % ' & () no século GHG pode ser devido à eCcentricidade de um dos teCtos: dada a pe!uena eCpressividade das proporç#es %cf. Gráfico 790a) da classe **w** diante do grupo predominante, **u**, um pe!ueno aumento em uma das ordens produ" perfis de acentuada variação.

(ompremem eCemplos associados a essa classe:

con sus donas para ofresçer \$ polo a !uel lugar do estaua \$ nchiles ;T , O<
la mes !uindat e malicia nuestra no !uita ninguna cosa de su bondat a los buenos ;KL 6<
Jo desesperaban los coligados de traer a indecorosos partidos al , eE de Rrancia ;R7 -<

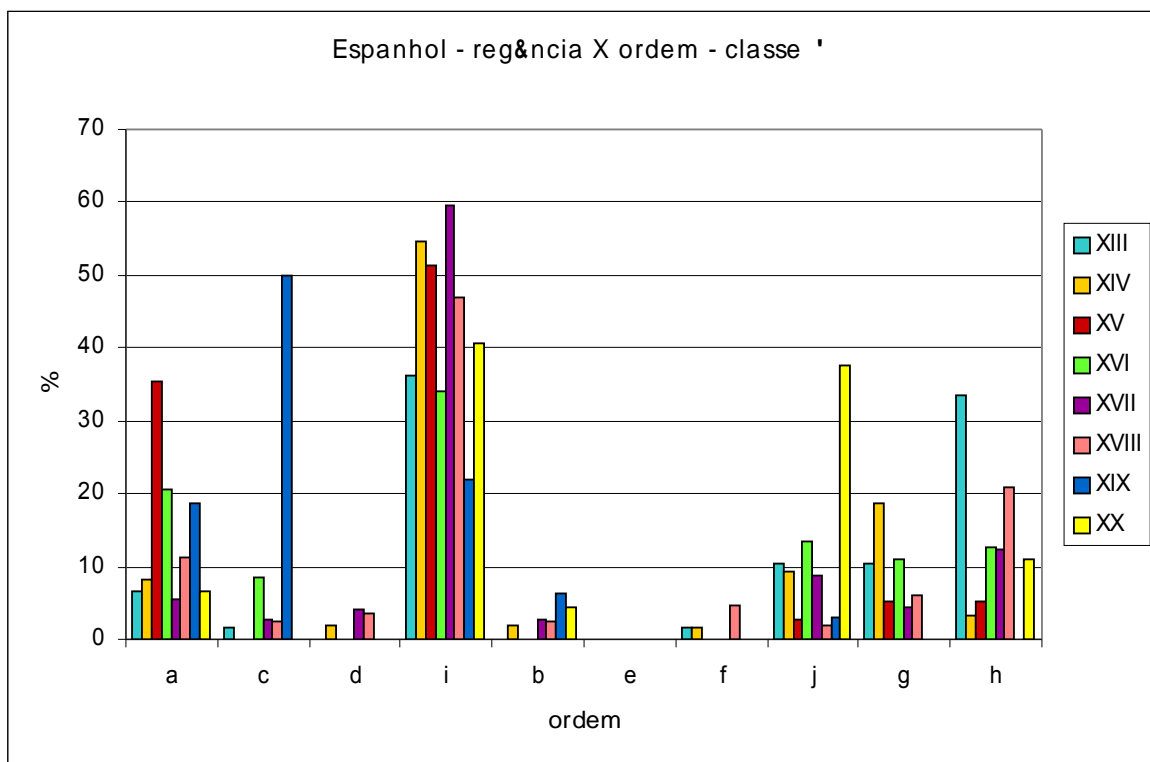


Gráfico 790d 8 fre!>ências relativas das ocorrências associadas a verbos bitransitivos no *corpus* espanhol.

Os verbos de ligação (x) mostram um perfil distribucional diferente dos transitivos: ao contrário destes, a classe x predomina na ordem a (&' ()), além de apresentar uma tendência ao aumento na proporção relativa dessa ordem; também é interessante notar que a ordem h (&' &) tende a diminuir em termos de frequência relativa de ocorrência.

Exemplos de dados associados a esse traço são oferecidos abaixo:

(on mi padre fuiste terco E atrevido, pero no llegaste hasta ; : \$ F<

7s la leEenda incompleta, o a m no me la contaron ;&H-<

Rué éste un género de traba+o !ue dispuso Sios con alta providencia ;\$ 6 , <

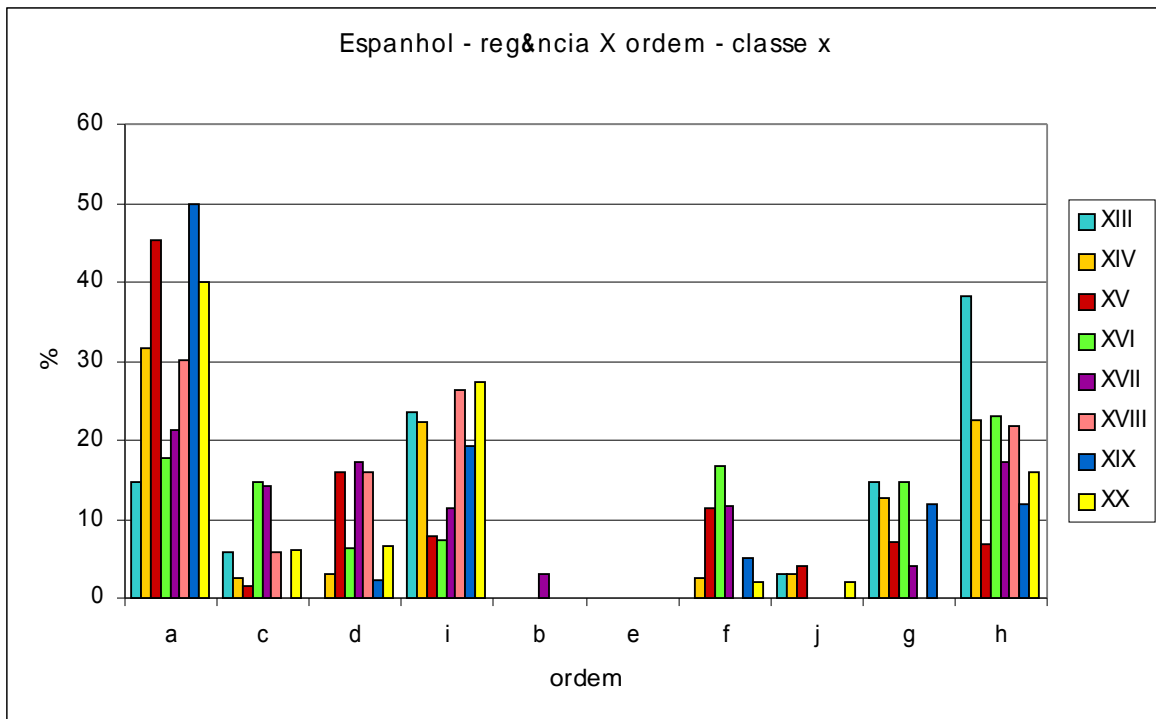


Gráfico 790e 8: frequências relativas das ocorrências associadas a verbos de ligação no *corpus* espanhol.

Outro perfil bastante distinto dos anteriores é o apresentado pela classe dos intransitivos, **xx**: a!ui, a predominância absoluta e indiscutível está relacionada com as ordens **g** e **h**. Contudo, o que mais chama a atenção nesses perfis é sua complementaridade: um aumento em **g** é acompanhado de uma diminuição em **h** e vice-versa, como apresentado no gráfico 790g. , resumem-se em seguida, na Tabela 75, as tendências de comportamento da amostra.

Os exemplos apresentados abaixo foram relacionados à classe **xx**:

del entendimiento se siguieron diversos E grandiosos afectos de su voluntad ; \$ 6 , <
 Jo nac a este rebeliMn de a!uel comBn alivio !ue sienten los muchachos con el ocio ; TO , <
 iba declinando el sol cuando Eo llegaba a hacer prueba personal de ello ; (\$ <

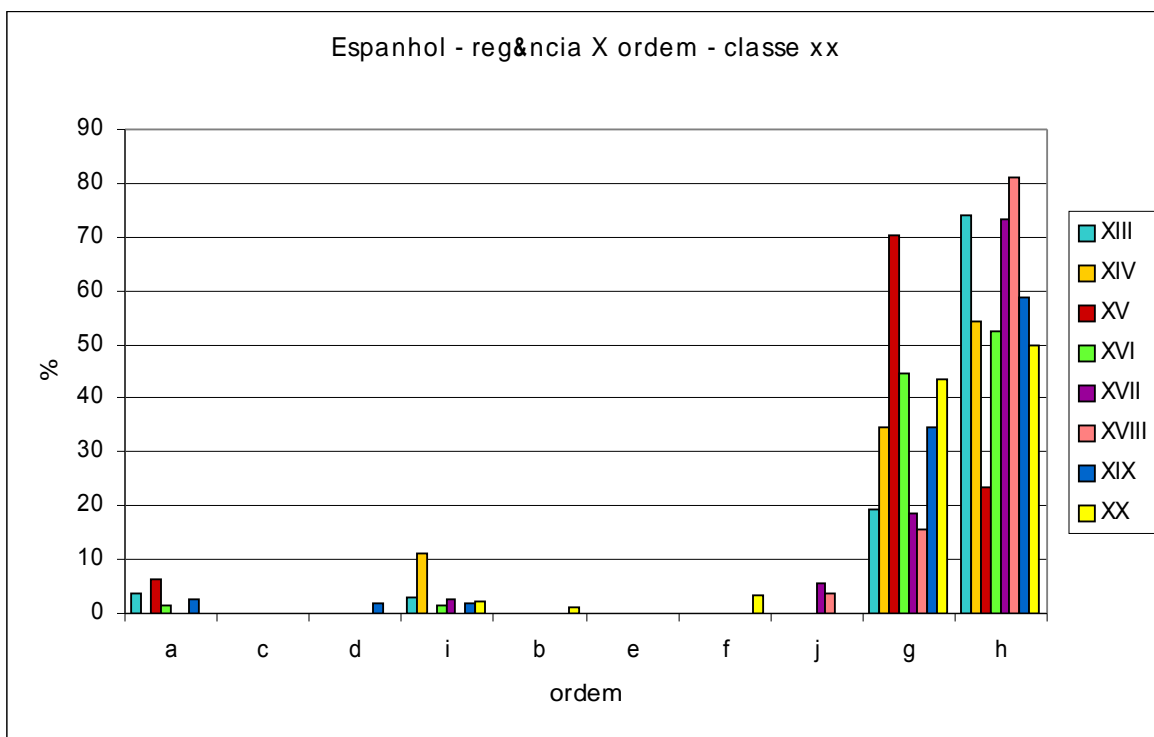
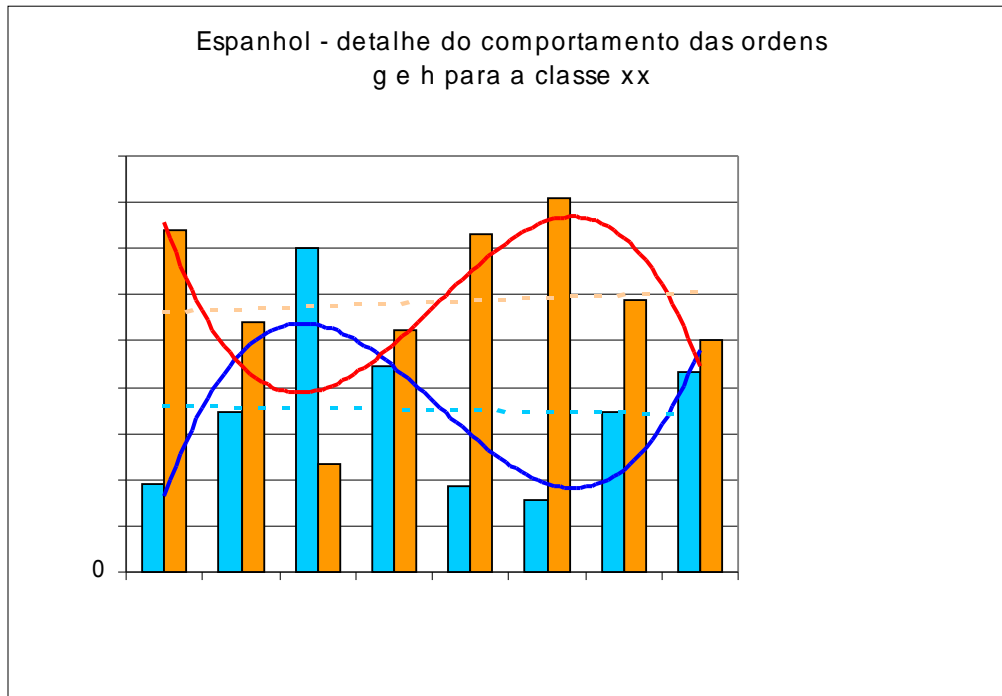


Gráfico 790f 8 fre!>ências relativas das ocorrências associadas a verbos intransitivos no *corpus* espanhol.

Jo gráfico abaixo, ilustram-se as vantagens da utilização da regressão linear e das curvas para a extração de informações sobre o comportamento dos dados. Os gráficos mostram que, apesar da flutuação dos valores para cada século, os conjuntos de dados tendem à estabilidade e, de maneira geral, a classe g varia em torno de um valor médio que é inferior ao da classe h. Por outro lado, os perfis das curvas são, de fato, invertidos como se pode observar a partir do exame das curvas polinomiais.



Uma primeira aproximação ao fator *tempo do verbo* também acusa uma distribuição desigual das ocorrências. A classe α (tempo verbal finito) predomina largamente sobre as demais, mas mostra leve tendência ao decréscimo (i, , - . 3=,I/) no intervalo considerado. A β (formas reduzidas do verbo), cujos máximos beiram os 9/D da expressividade de α , apresenta aumento um pouco mais firme (i, , - . =,0I), e γ e δ ocorrem segundo frequências absolutas baixas (geralmente abaixo dos 1=D absolutos).

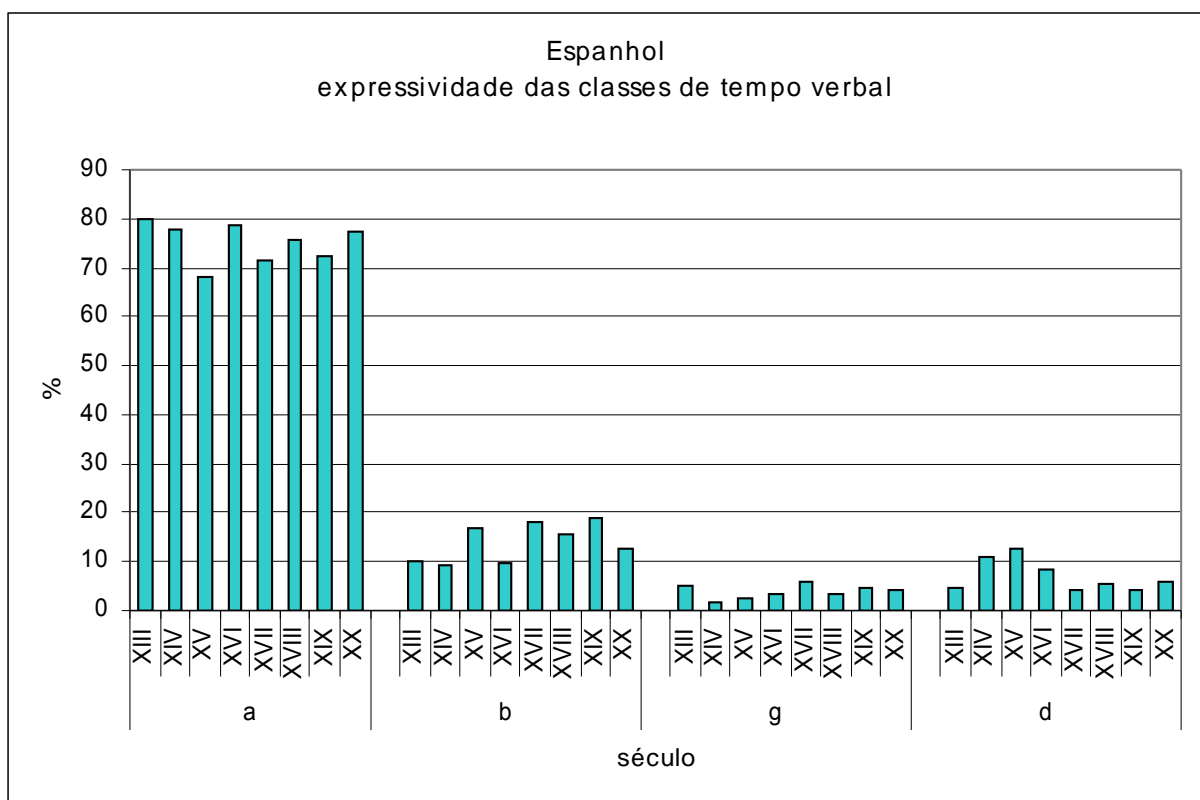


Gráfico 794.8 perspectiva geral da distribuição das ocorrências do *corpus* espanhol segundo o critério *tempo do verbo*.

Uma observação mais detalhada dos comportamentos das classes de *tempo verbal* leva a resultados peculiares não nem tanto pelos perfis em si, mas devido à associação desse traço morfológico com tendências à mudança em algumas ordens.

Para as formas finitas do verbo, a categoria mais frequente), identificamos os ordens preferenciais segundo as suas ocorrências no *corpus* espanhol. Assim é que as ordens a) (), i) () e h) () se sobressaem, apresentando tendências diferentes: dentre essas, as frequências relativas de formas finitas do verbo tendem a aumentar nas ordens i) (, -% () . 0,05 a i) (, -% () . 1,59), e diminuem na ordem a) (i) (, - . 31,2%).

As ocorrências associadas a esse traço:

sabedes vos todos !ue se guarnesçen agora ellos !quanto pueden contra nos ;T , O<
!ue seis mill v rgines filavan e teC an lo nescessario en los dichos ornamentos ;KL 6<
é des!ue sopo el infante don Xuan é los otros !ue estavam en &evilla !uel ;&\$ J<

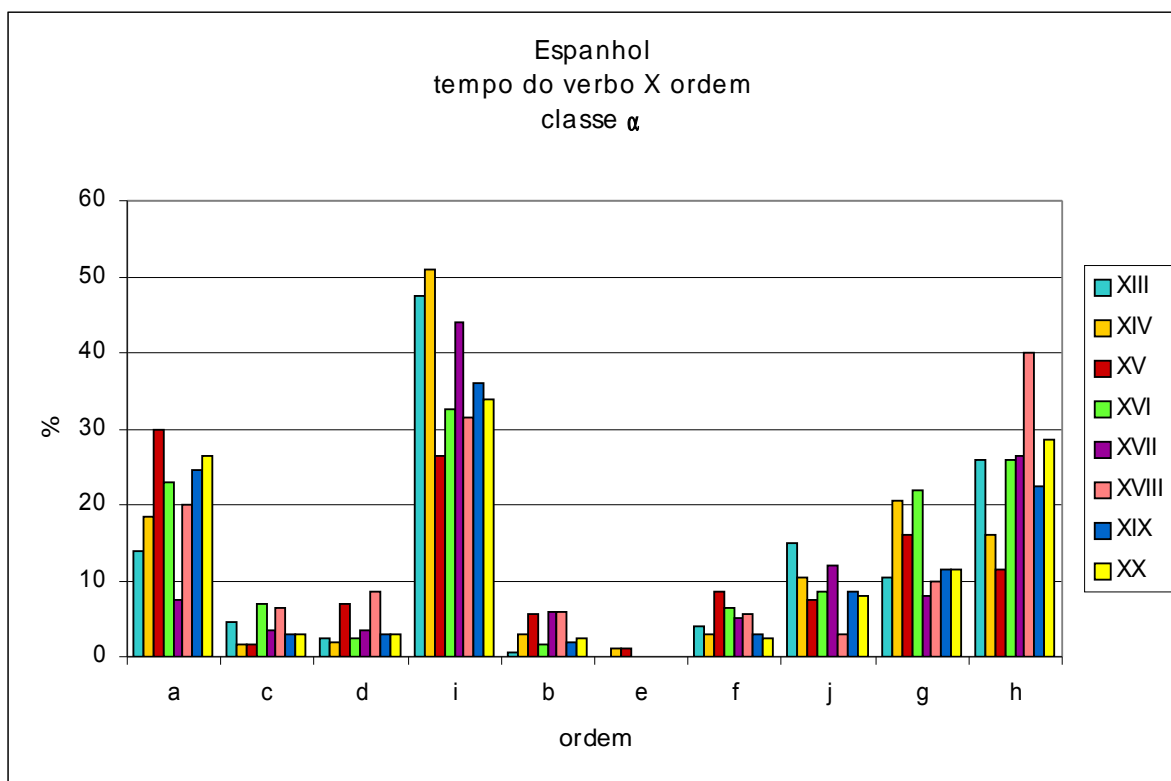


Gráfico 7I=a 8 distribuição das ocorrências de formas verbais finitas segundo a ordem dos constituintes.

As formas reduzidas do verbo, β , por sua vez, concentram-se preferencialmente na ordem i % ' (), como se pode observar no gráfico abaixo. O subconjunto de ocorrências mostra uma inclinação francamente ascendente (i, , -% ' () . 1,I/), e, dadas as proporções desprezíveis das outras ordens, o comportamento da classe β vai-se confundir com a distribuição dessas ocorrências na ordem i % ' ().

(compreendem exemplos dessa categoria os listados abaixo):

e mal trecha, recibiendo muertes por muE crueles lides ; (67<

&iendo pues redondo todo el cuerpo del mundo ;HJ S<

E sin saber lo !ue me suced a me hallé en el gremio de los escolares ;TO , <

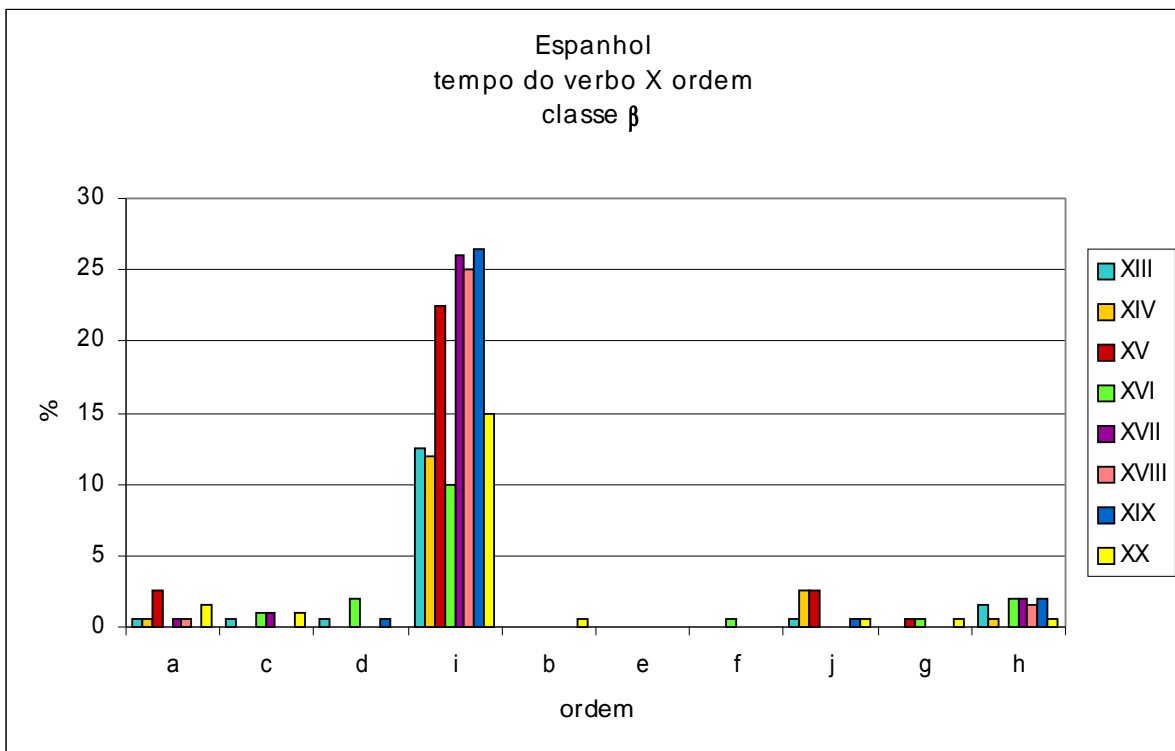


Gráfico 7I=b 8 distribuição das ocorrências de formas verbais reduzidas segundo a ordem dos constituintes.

As ocorrências associadas às locuções verbais, γ , são pouco frequentes na ordem i % ' () não chega aos /D), razão pela qual é impróprio abordá-las com o mesmo instrumental metodológico utilizado para as demais categorias e apresentaremos apenas o gráfico que sumaria sua distribuição no *corpus*.

Exemplos relacionados a esse traço:

!ue por s sola no pod a alcan"ar la gracia : perderla E cometer pecado s ; \$ 6 , <

Kis lectores, entendida la contienda, deberán +u"gar tres cosas ; : \$ F<

\$ veces !uiere la llanura ser la eCpresimn del paisa+e ;&H-<

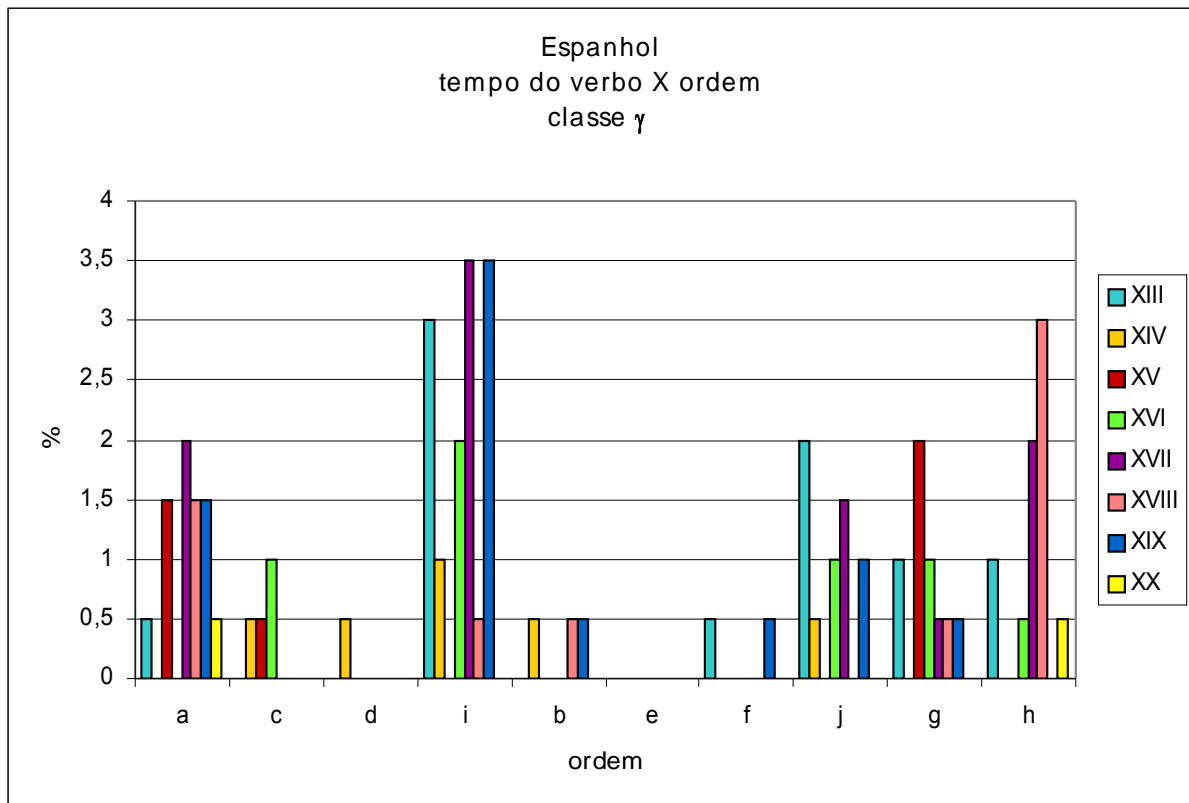


Gráfico 7 I=c 8 distribuição das ocorrências de locuções verbais segundo a ordem dos constituintes.

§ classe δ (tempos verbais compostos), que compreende muitas estruturas baseadas em participios passados, também tende à ordem i (). Ocorre em proporções baixas, mas não tanto quanto a classe γ (locuções verbais), o que permite inferir, ao menos com alguma segurança, um perfil descendente i, j, k (). (3=,51) para essa ordem mais comum.

Exemplos associados a esse traço são encontrados abaixo:

7 este ... fallM un hombre que le habia derribado una bestia en tierra ;7 J G<

(como habia espirado con la misma destemplanza el pasado año ;R7 -<

TB ... has salvado a muchos criminales de un encierro merecido ;: , OS<

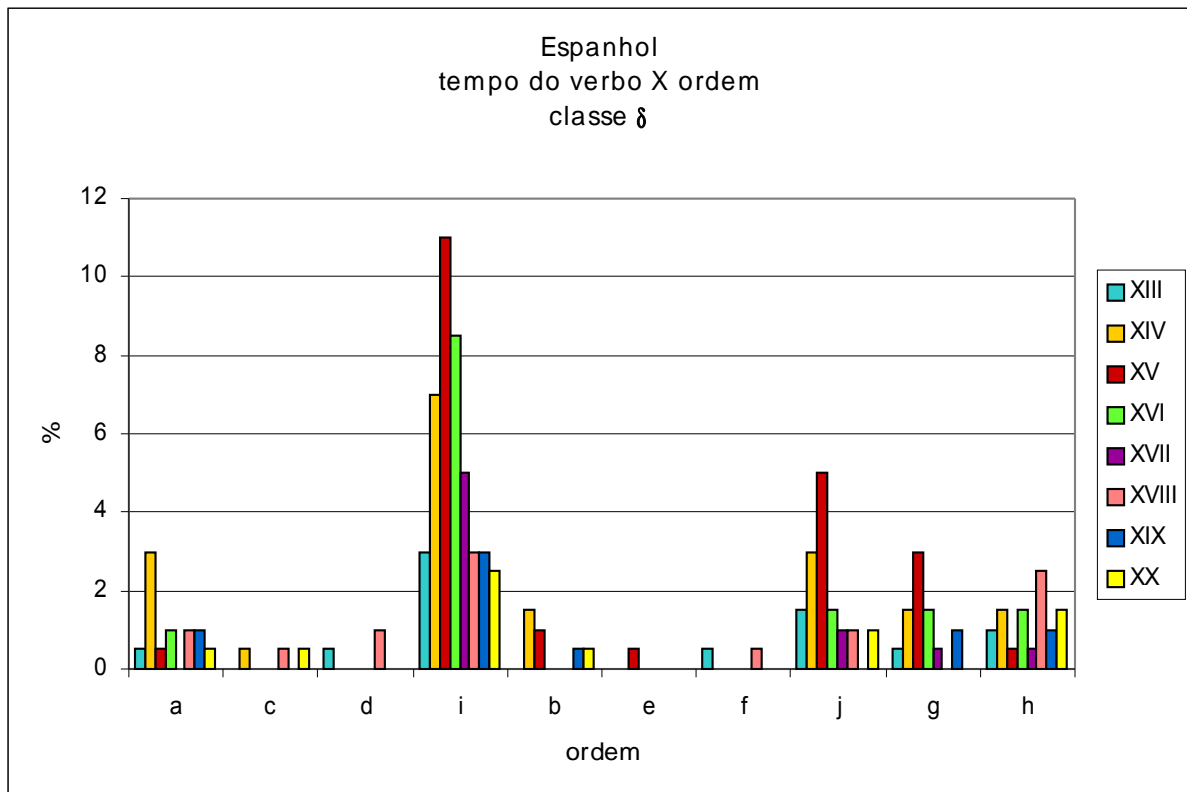


Gráfico 7I=d: Distribuição das ocorrências de tempos verbais compostos segundo a ordem dos constituintes.

§ fixação de um dos parâmetros no caso, o ambiente oracional mostra como as ocorrências se distribuem no corpus segundo as classes de tempo do verbo. ,epetem3se,

a!ui, os perfis encontrados no gráfico 72 para todos os ambientes oracionais, o !ue confirma a proposta de !ue esse se+a o fator !ue controla todos os demais critérios de análise da mudança arrolados neste estudo.

:ara as oraç#es principais, como se observa no gráfico abaiCo, as proporç#es são praticamente constantes em torno dos 1=D até o século G 'H, a partir de !uando ascendem ao patamar dos 9/390D até o século GHG e, por fim, aumentam outros 9=D em fre!>ência no século GG. Isso leva ao traçado da reta de regressão linear de inclinação positiva α , - α) . / , ?0) +á encontrada em gráficos de mesma nature"a para outros critérios. Tomem3se os eCemplos:

- α 8 Sice sant \$gustin en el libro de -a (ibdad de Sios 3 7 JG GH'
- β 8 (reer !ue haE infinitos mundos procediM de !uerer medir el mundo 3 HJS G'H
- γ 8 !uise tomar el apellido de mi padre andando sirviendo al , eE 3 (OJ G'HH
- δ 8 Jo nos han llegado los franceses 3 : \$F GHG

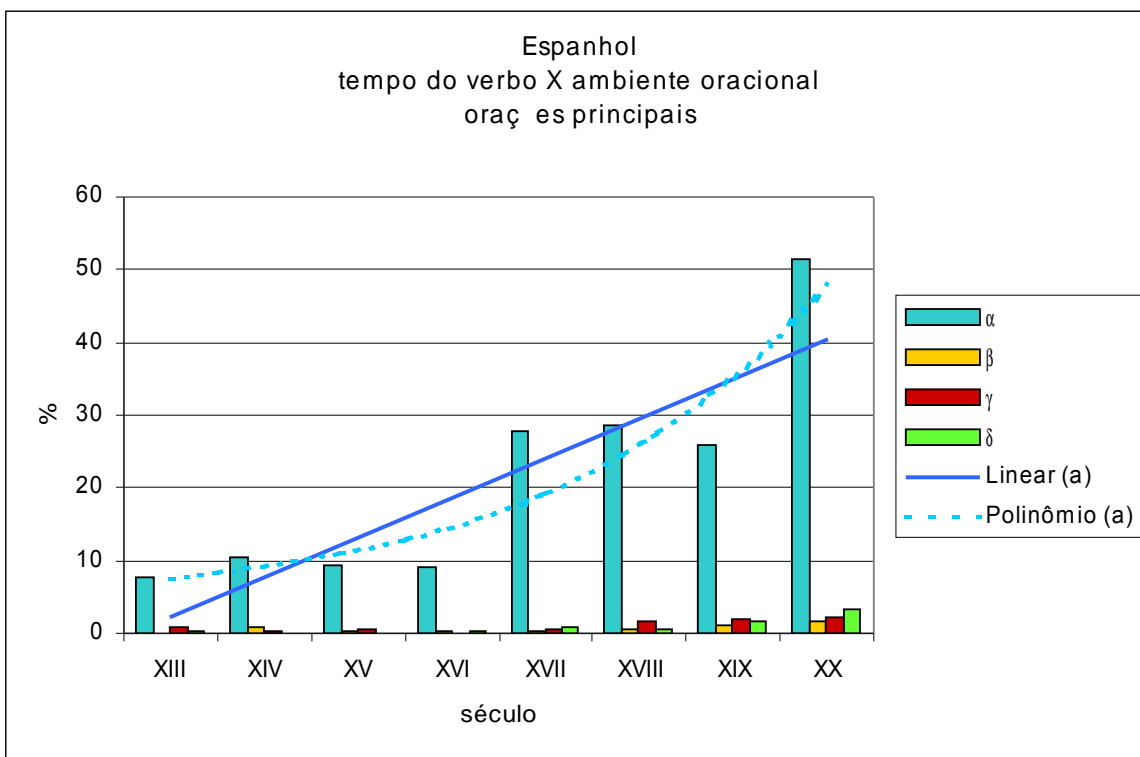


Gráfico 711a 8 distribuição das ocorrências de oraç#es principais segundo o fator *tempo do verbo*.

No caso das orações coordenadas, o perfil da classe α (formas verbais finitas) é descendente, mas tem inclinação invertida (i.e., -0.39/9) e de expressividade menor (ue a da , , - das orações principais apresentada no gráfico anterior. Isso significa (ue a taxa segundo a qual as formas verbais finitas aumentam em orações principais é mais alta do (ue a da perda da frequência dessas mesmas formas em orações coordenadas. Observe-se a predominância absoluta das ocorrências α em relação às demais, remetendo também ao gráfico 794. Exemplos desse traço são reproduzidos abaixo:

α et conosciéron las cosas (ue eran estonces 3 (67 GHHH

β et do non las fallare fechas, facerlas él buenas et derechas 3 (\$T GH '

γ E la repetición E el vencimiento les va trocando las inclinaciones 3 TO, G' HHH

δ le hab an enseñado la arte de la persuasión 3 :rod GG

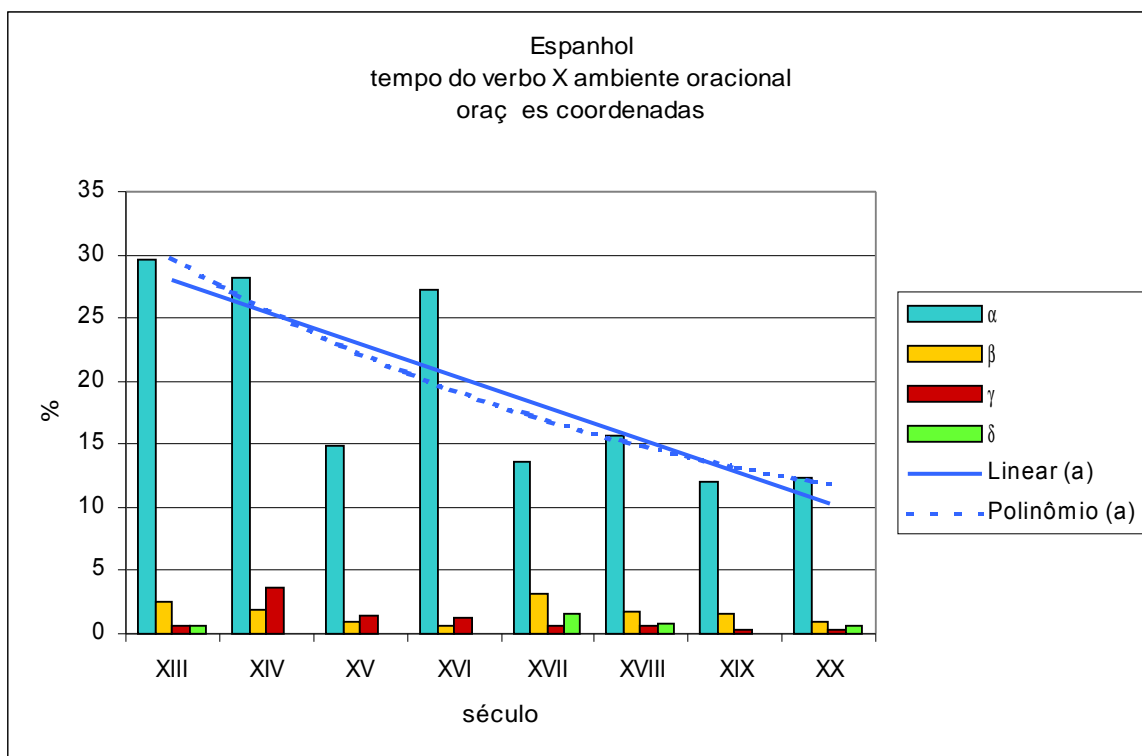


Gráfico 711b - distribuição das ocorrências de orações coordenadas segundo o fator *tempo do verbo*.

Interessante é o perfil de distribuição das classes de tempo verbal em orações subordinadas. Nota-se, outra vez, a influência do ambiente oracional no padrão delineado para a classe α , que têm, -, - . 39, /5A porém, ve+a3se !ue aparecem, a!ui, as formas verbais reduzidas do gráfico 7I=b, relacionadas a β 3 ou se+a, essas formas estão, em sua quase totalidade, relacionadas às orações subordinadas. Mais ainda: pelo mesmo gráfico 7I=b, tratase de ocorrências relacionadas à ordem i % ' (). Se finem-se, então, pelo menos três características de naturezas diferentes para esse grupo, cuos exemplos abaixo precedem o gráfico de distribuição dos dados no *corpus* espanhol.

α 8 por aver respuesta !ue fim averia esta guerra 3 T , O GHHH

β 8 costringiéndola por entra0able sentimiento romper el silencio a la pé0ola 3 KL6 G '

γ 8 como el infante don Xuan ... se !ueria al"ar con &evilla 3 &\$J G 'H

δ 8 la noche antes me hab a sabido bien la lumbre de la cocina 3 (OJ G 'HH

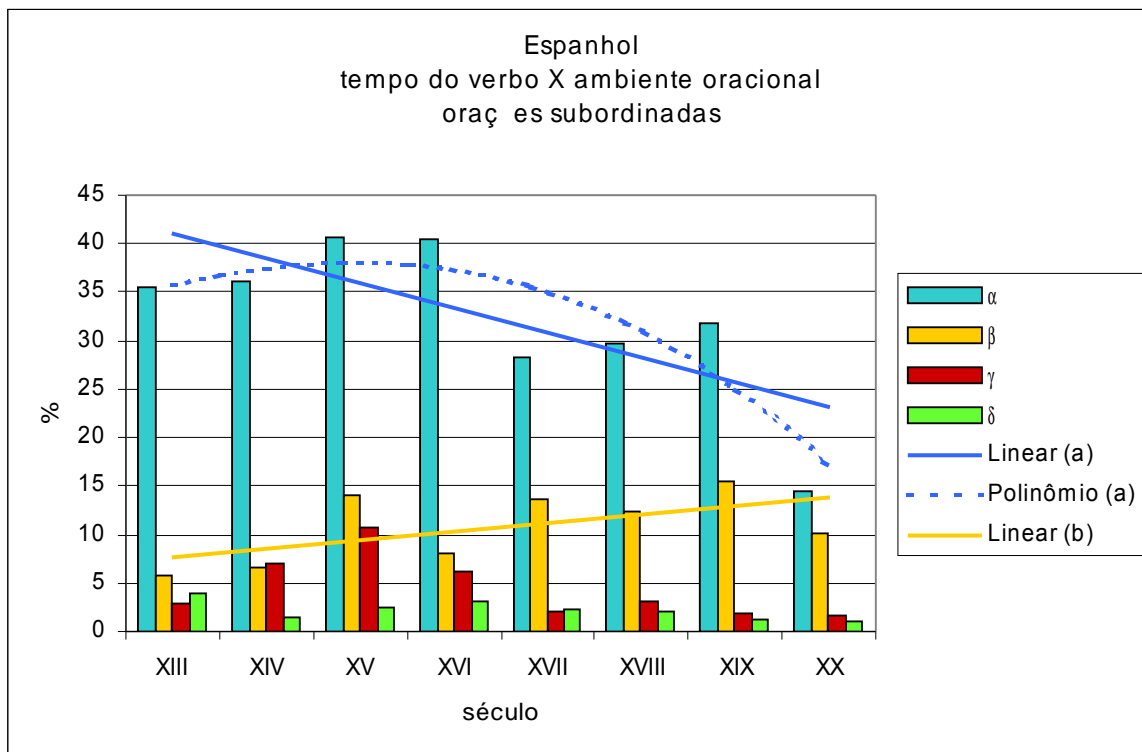


Gráfico 711c 8 distribuição das ocorrências de orações subordinadas segundo o fator *tempo do verbo*.

§ transposição das matrizes utilizadas na plotagem dos dados dos gráficos anteriores leva à fixação do grau de liberdade *tempo do verbo*, e permite a observação do comportamento da amostra segundo o ambiente oracional para as classes de formas verbais.

Nota-se, inicialmente, a mesma espécie de complementaridade entre as frequências de orações principais e subordinadas já observada em gráficos anteriores. Os polígonos referentes a esses subconjuntos de dados são marcadamente semelhantes, ainda que suas concavidades sejam opostas. Por sua vez, as ocorrências de formas finitas do verbo em orações coordenadas tendem a diminuir, μ 7029 verbo

Para as formas verbais reduzidas, o perfil predominante é, como já salientado, o de orações subordinadas (β_3). A reta de regressão linear dessa subclasse esconde, entretanto, uma característica importante desses dados. Ela tem inclinação positiva (i.e., $b_3 = 0,4$), indicando o aumento das frequências relativas das ocorrências de formas reduzidas em orações subordinadas. Contudo, a curva polinomial de β_3 (tracejada) mostra que, na verdade, o perfil dos dados teria atingido um patamar de variação estável ou ultrapassado, de fato, um ponto máximo no século XVIII, após o qual estaria em declínio.

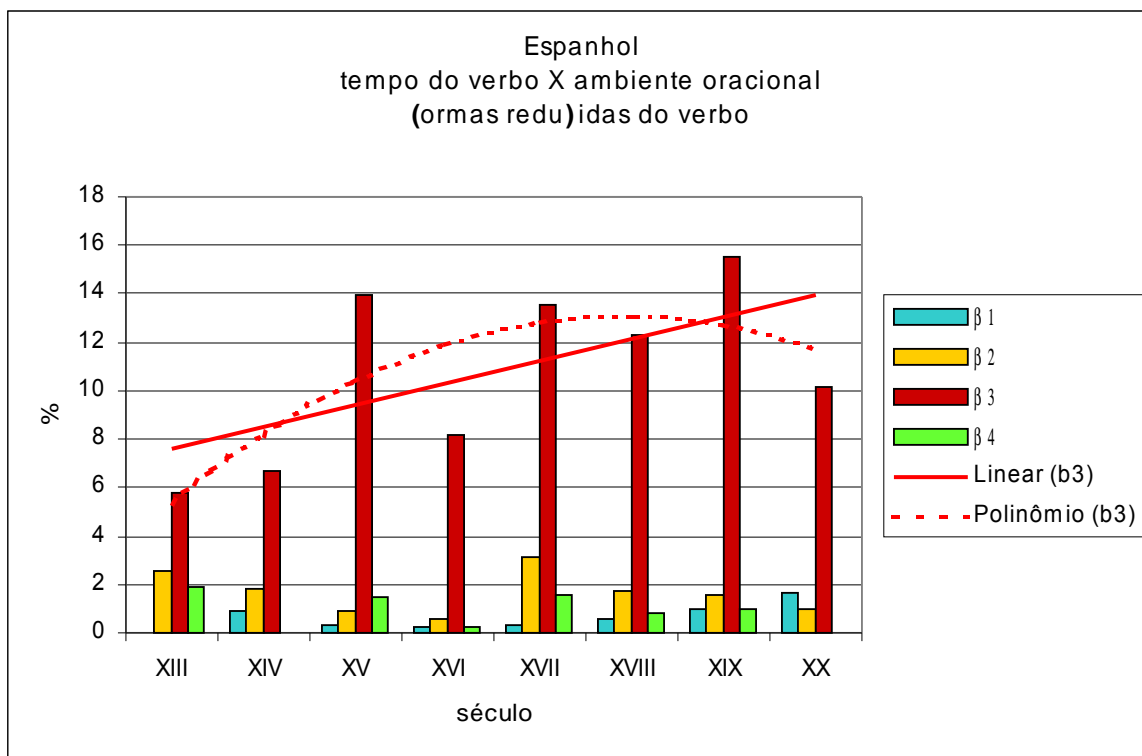


Gráfico 719b) 8 distribuição das ocorrências de formas verbais reduzidas segundo o fator *ambiente oracional*.

\$ normalização desses resultados mostra que há duas curvas de tendências praticamente paralelas à de coordenadas, β_2 , e a de coordenadas em subordinação, β_4 , cujos máximos estão compreendidos no século XVIII. A curva de dados referentes às orações subordinadas, β_3 , é decididamente ascendente, enquanto a de principais, β_1 , é muito modesta diante das demais.

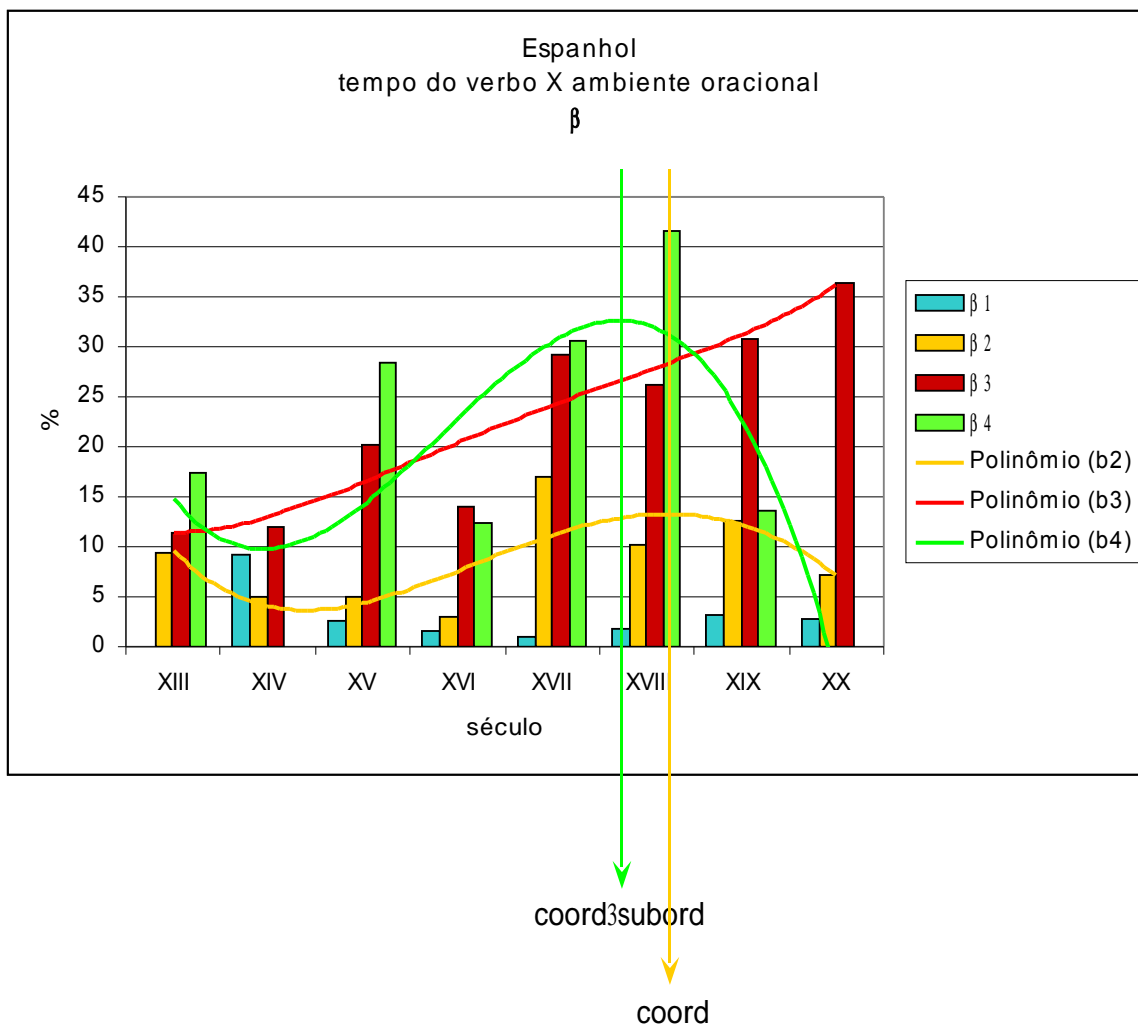


Gráfico 719b, normalizado) a distribuição das ocorrências de formas verbais reduzidas segundo o fator *ambiente oracional*.

As ocorrências de locuções verbais se associam, preferencialmente e em quase todo o intervalo de amostragem, às orações subordinadas, γ_3 apenas nos dois séculos finais a diminuição das frequências dessa classe caem a ponto de serem interceptadas pelas proporções de γ_1 , que mostram um aumento muito sutil. Esboça-se também timidamente a curva associada às locuções verbais em orações coordenadas, γ_2 .

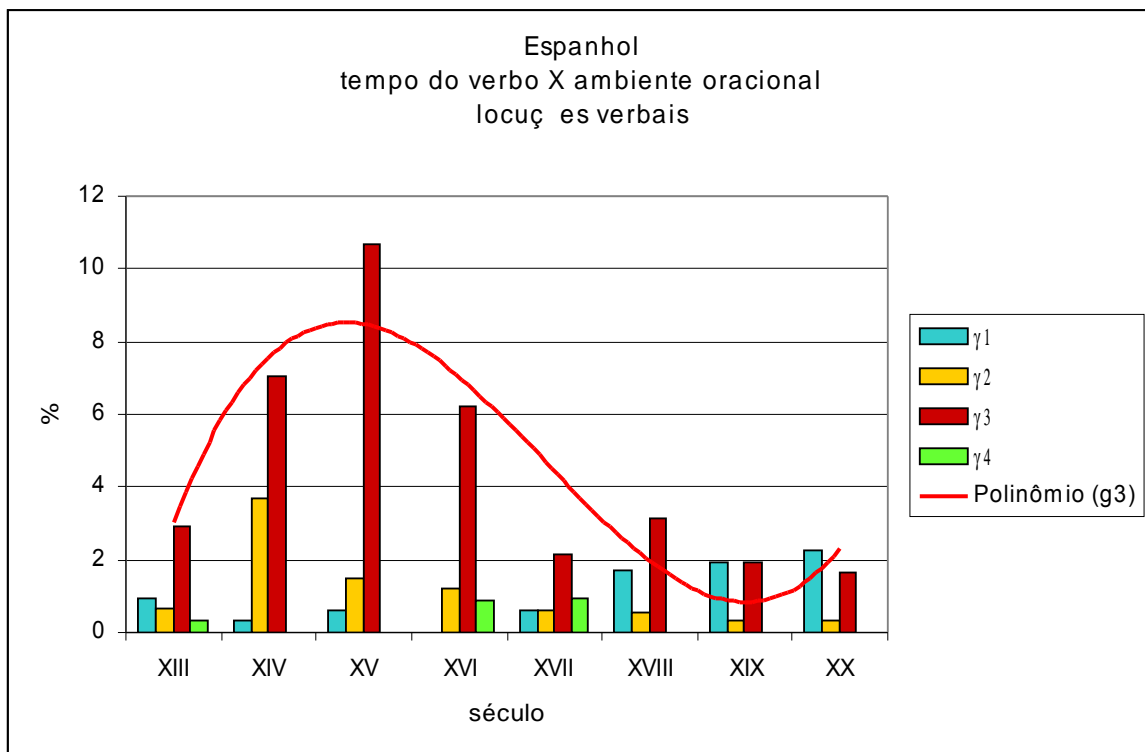


Gráfico 7 (90%) - Distribuição das ocorrências de locuções verbais segundo o fator ambiente oracional.

\$ partir da normalização dos resultados numéricos, observa-se que, de fato, as tendências para as curvas γ_2 e γ_3 são paralelas, a despeito das diferentes escalas em que essas mudanças de frequência se processam. Além disso, vê-se que a curva de γ_1 tem um comportamento contrário ao das outras duas, invertendo-se em relação a elas com pequena defasagem.

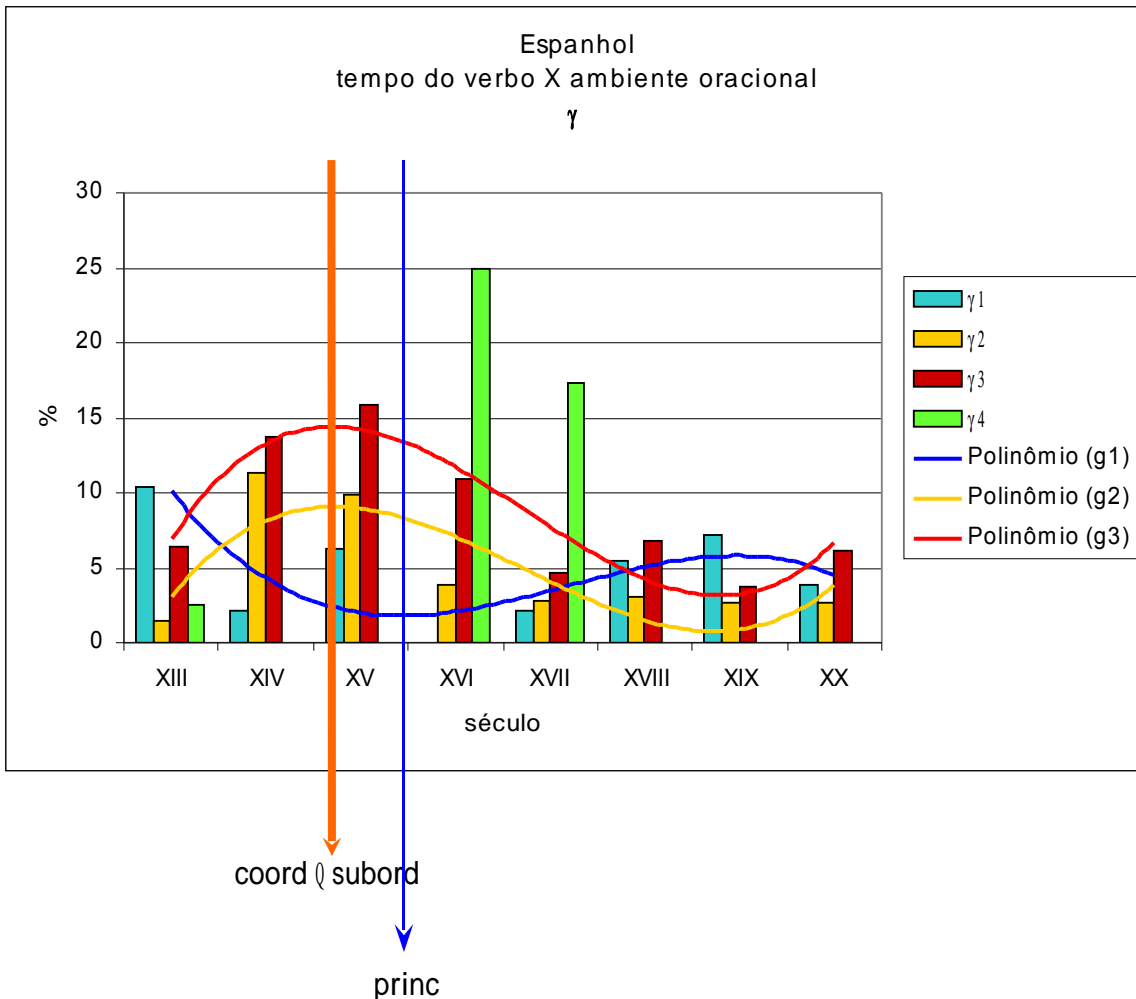


Gráfico 719d, normalizado) 8 distribuição das ocorrências de locuções verbais segundo o fator *ambiente oracional*.

As proporções segundo as quais ocorrem os tempos compostos no *corpus* espanhol são, como já foi dito, muito baixas. Não obstante, esboçam-se, também nessa escala reduzida, tendências contrárias para os comportamentos de orações principais (tendências crescentes) e subordinadas (tendências decrescentes), as duas classes mais comuns.

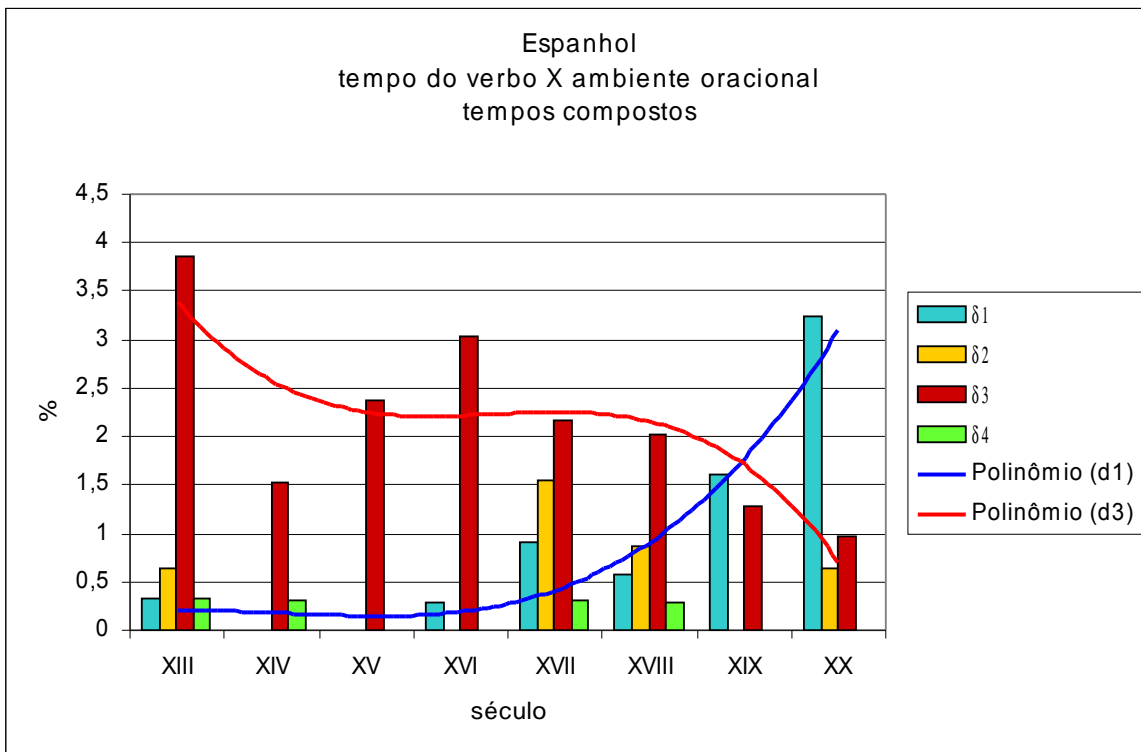


Gráfico 7 (T) 8 distribuição das ocorrências de tempos verbais compostos segundo o fator *ambiente oracional*.

Os três conjunções mostram uma distribuição condicionada principalmente pela frequência das classes de ordenamento dos constituintes (cf. gráfico 7IIa), além da distribuição das ocorrências segundo os ambientes oracionais (cf. gráfico 72).

A distribuição das ocorrências segundo a classe flexional do verbo permite observar, inicialmente e de uma perspectiva mais ampla, que o sistema espanhol apresenta uma tendência ao favorecimento da primeira conjugação (H) diante da segunda (HH) e da terceira (HHH), relação que se estabelece a partir do século XVIII. A predominância das duas primeiras conjugações diante da terceira e a diminuição da diferença das frequências de H e de HH também são características desse conjunto de ocorrências. Já, certamente, alguns itens lexicais que respondem majoritariamente por esse comportamento, como será exposto adiante, além disso, a menor expressividade da classe HHH é tão inelutável quanto sua estabilidade em termos de frequência absoluta.

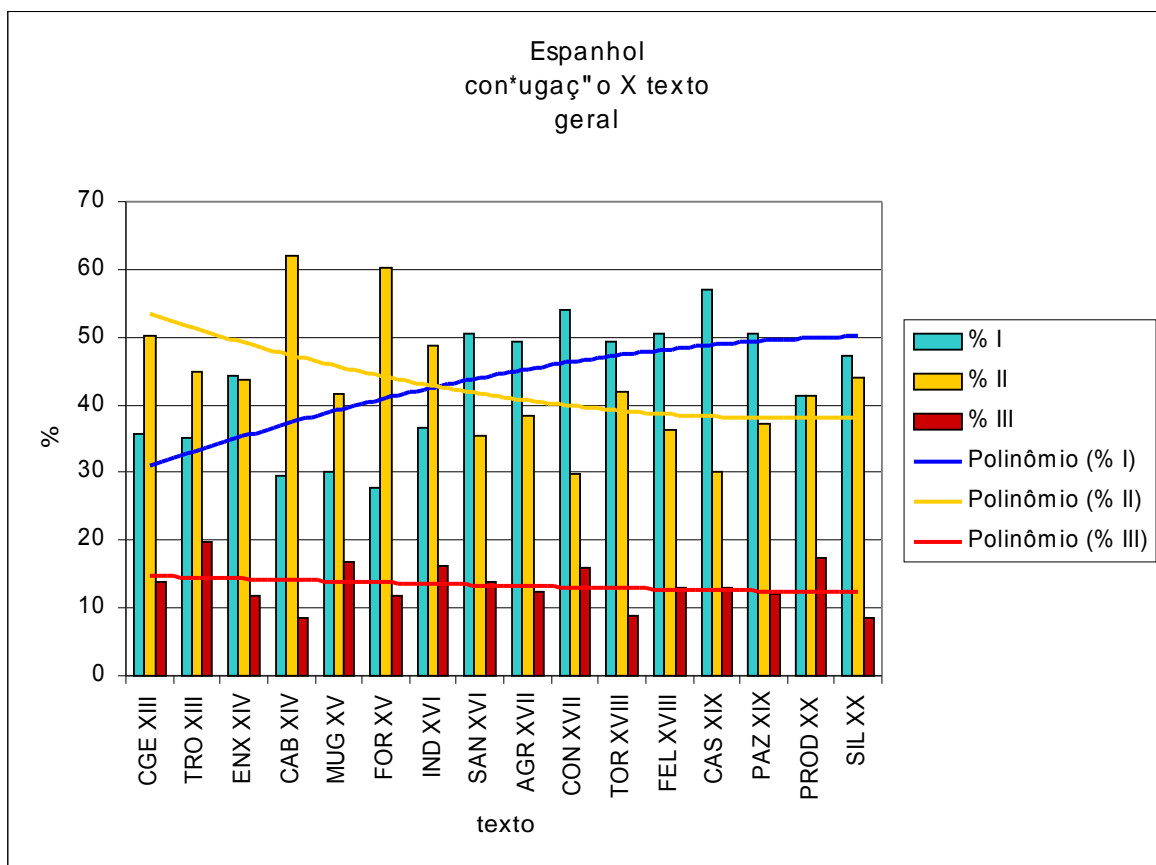


Gráfico 7IIa 8 distribuição das ocorrências segundo o traço conjugação do verbo.

Para a primeira conjugação, o tratamento numérico das ocorrências indica o aumento das frequências absolutas em estruturas **a** (i, , -%&' () . ./5) e **h** (i, , -%&' &) . 9,24), mas um decréscimo discreto desses mesmos verbos em estruturas **g** (i, , -%&') . 3.1/) e nas velas cujo sujeito é el pítico, **i** (i, , -%&' () . 31,52) e **j** (i, , -(') . 31,11). Em termos de ambiente oracional e de ordem de constituintes, portanto, o aumento da proporção relativa da primeira conjugação no *corpus* espanhol (v. gráfico 72 acima) é determinado pelas orações principais e pelas ordens **a** (&' () e **h** (&' &).

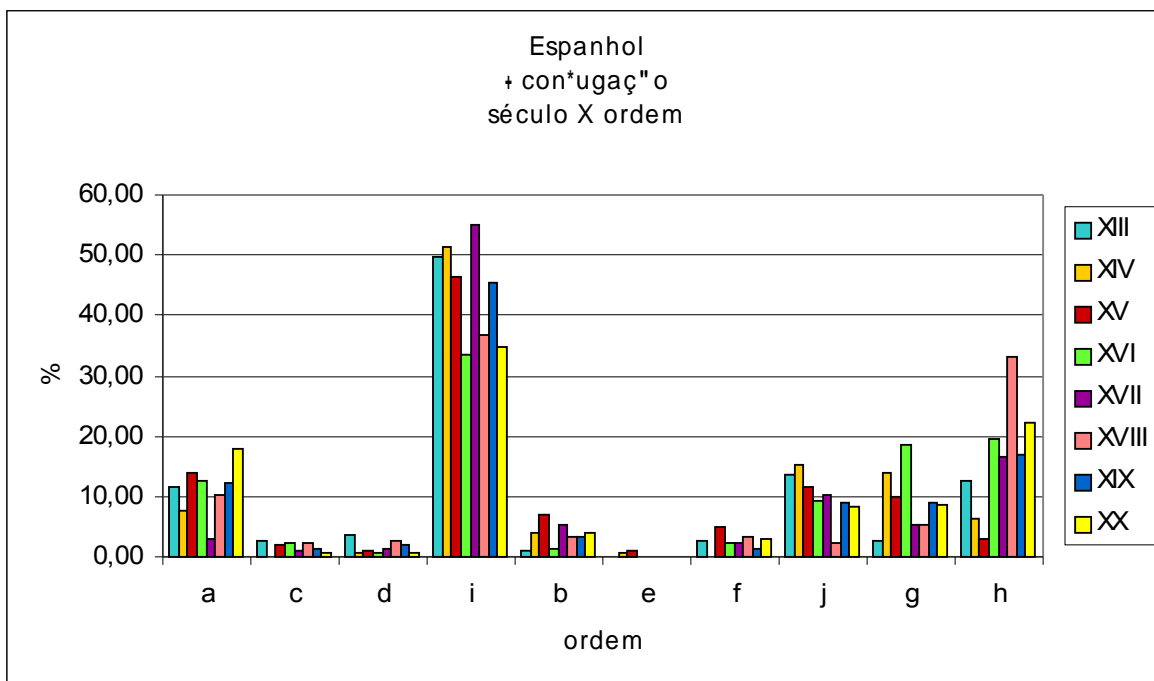


Gráfico 7IIb 8 distribuição das ocorrências de verbos de primeira conjugação segundo a ordem dos constituintes.

Tomando-se ainda a primeira conjugação, é interessante notar uma distribuição diferenciada com respeito ao ambiente oracional, como se pode depreender do eCame do gráfico 7IIc. Nota-se que há um aumento da preferência por essa conjugação em orações principais, ao passo que, nas coordenadas e nas coordenadas em subordinação, há tendência à diminuição da frequência relativa de verbos de primeira conjugação. A mesma observação pode ser feita para as subordinadas, a despeito do máximo absoluto no século G' 8

possivelmente em decorrência do mesmo efeito já tratado acima, no que tange à frequência relativa das subordinadas no *corpus*.

(compreendem exemplos associados a esse traço:

prosperó su hacienda, llegándola al aumento condeciente a su calidad ; \$ 6 , <

J o pocos infortunios agitaban el magnánimo corazón de - uis GH ' ; R7 - <

como siguen los ojos el de una mariposa a caminar la región que habitan ; (\$ & <

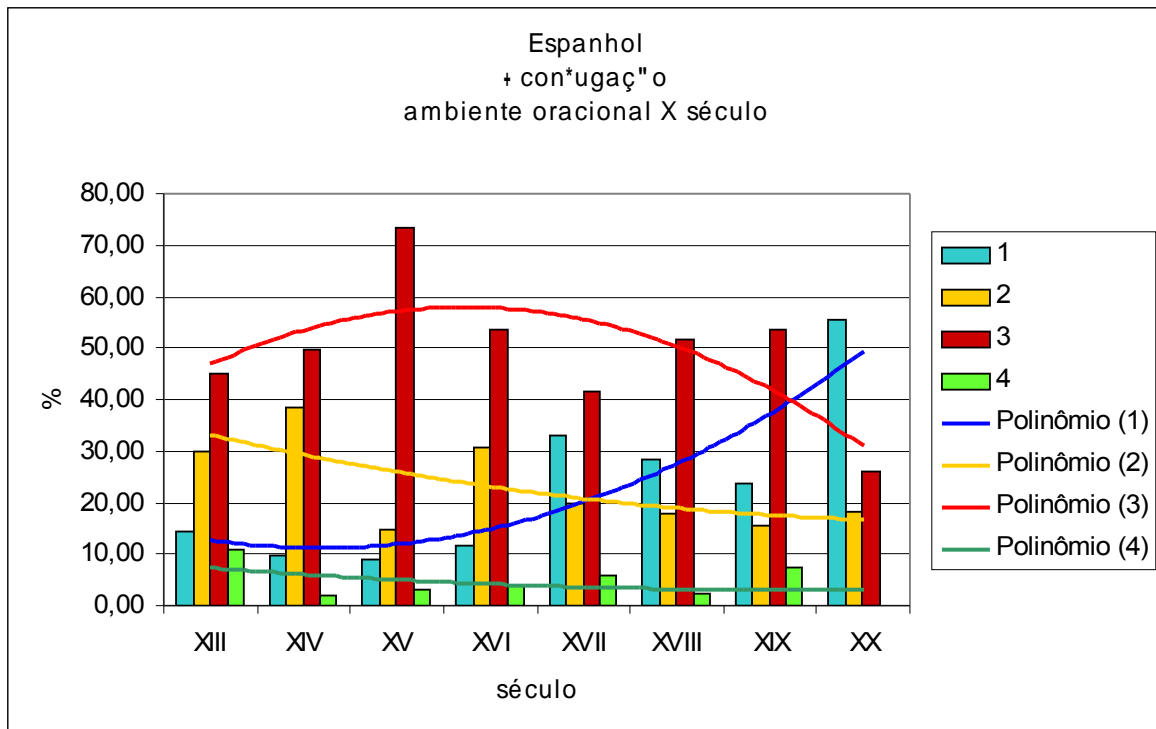


Gráfico 7 II c 8 distribuição das ocorrências de verbos de primeira conjugação segundo o ambiente oracional.

João de Deus respeito à ordem dos elementos de orações baseadas em verbos da classe III, nota-se, ao exame do gráfico que representa o comportamento do conjunto, a mesma tendência ao aumento das proporções relativas das ordens 'a' e 'h)A' entretanto, a amplitude da mudança para a ordem 'a' é maior do que na primeira conjugação. As diminuições das frequências relativas das ordens 'i), ('j) e '&'g), também indicadas para a primeira conjugação, ocorrem na classe III, mas em menor intensidade. Verifica-se ainda que, apenas considerando-se a segunda conjugação, há diminuição das proporções totais em relação às classes verbais H e III (v. gráfico 7IIa) 8 mostrando que o aumento da III conjugação em orações principais não foi suficiente para fazer frente à classe H.

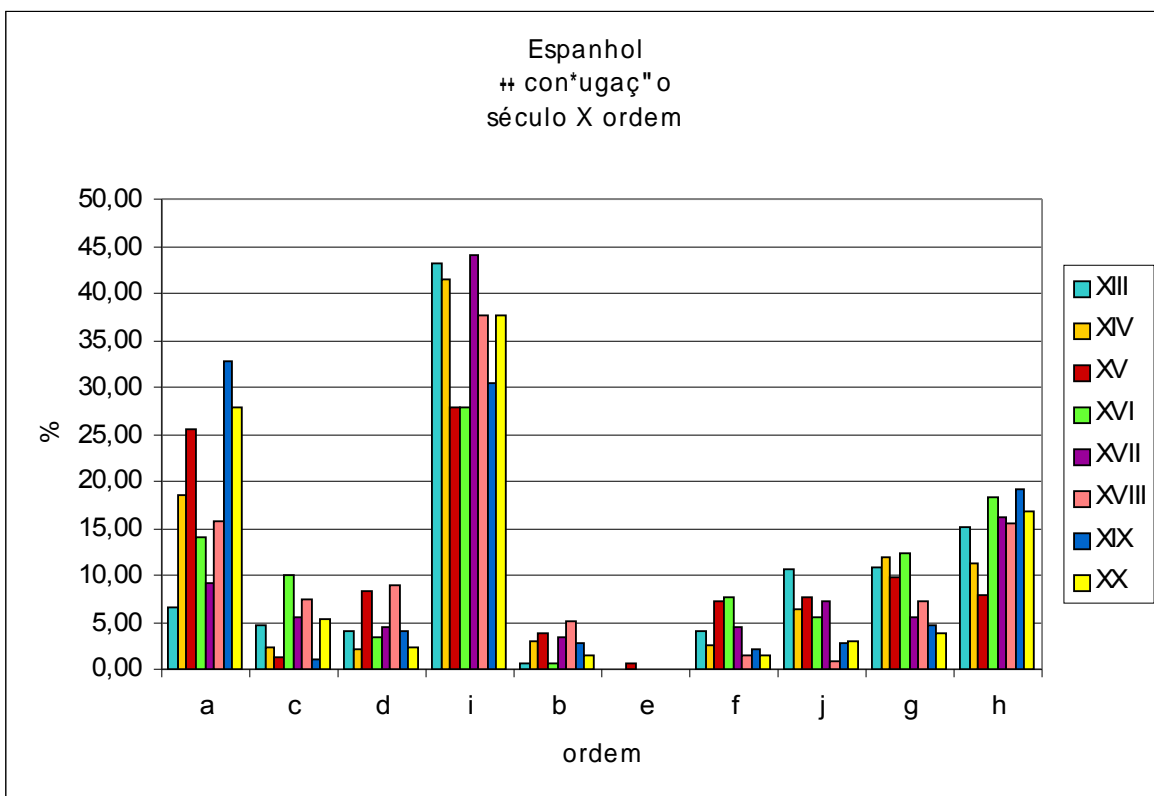


Gráfico 7II d 8 distribuição das ocorrências de verbos de segunda conjugação considerando-se a ordem dos constituintes.

A segunda conjugação, quando analisada pelos mesmos critérios, mostra tendências diacrônicas bastante semelhantes às da primeira conjugação. Marcadamente, o aumento considerável da frequência relativa dos verbos *que* a compõem em orações principais, o qual é acompanhado de decréscimo nos demais tipos oracionais. O aumento apontado, na segunda conjugação, para todos os tipos oracionais é de maior amplitude do que o observado na primeira, podendo-se fazer idênticas considerações acerca da diminuição obtida para os demais ambientes oracionais.

Exemplos de ocorrências associadas a essa conjugação:

Jo nac a este rebeliMn de a!uel comBn alivio !ue sienten los muchachos con el ocio ;TO , <
Ten a un despacho en la calle ba+a de &an :edro ;: , OS<
\$ la salida del pueblo aparece una gran pirámide truncada ;&H-<

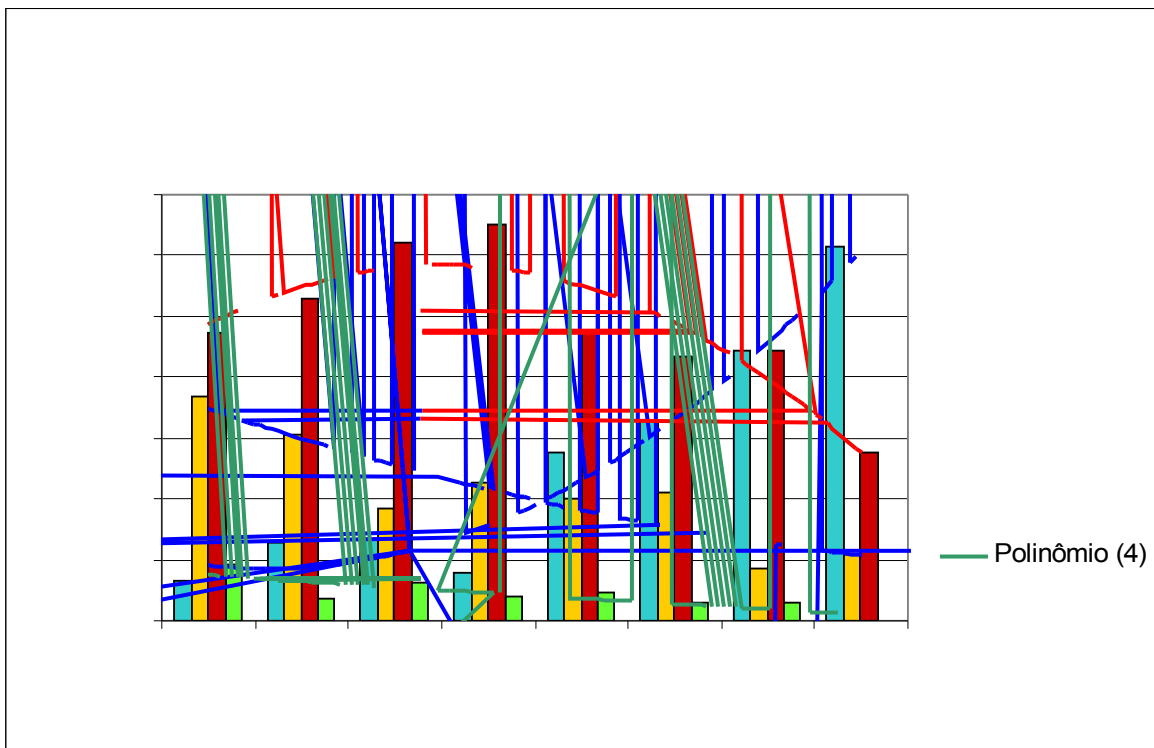


Gráfico 7 II e 8 distribuição das ocorrências de verbos de segunda conjugação considerando-se o ambiente oracional.

É interessante notar, com relação à classe HHH, que os comportamentos das ordens & ' (%a), ' (%i) e ' (%h) são contrários aos observados para as classes H e HH: as ordens a %& ' () e h % ' (&) verificam uma diminuição das proporções relativas de verbos da classe HHH, enquanto a ordem i % ' () mostra uma elevação dos valores de frequência relativa interna nos textos.

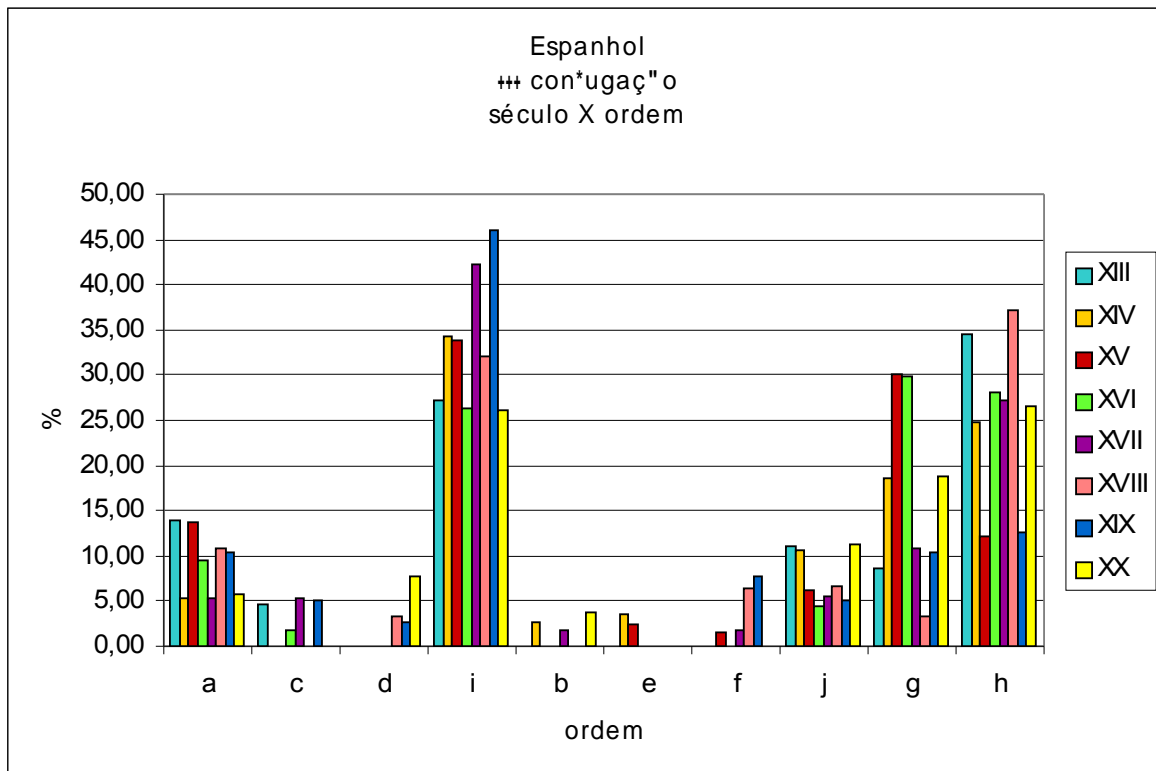
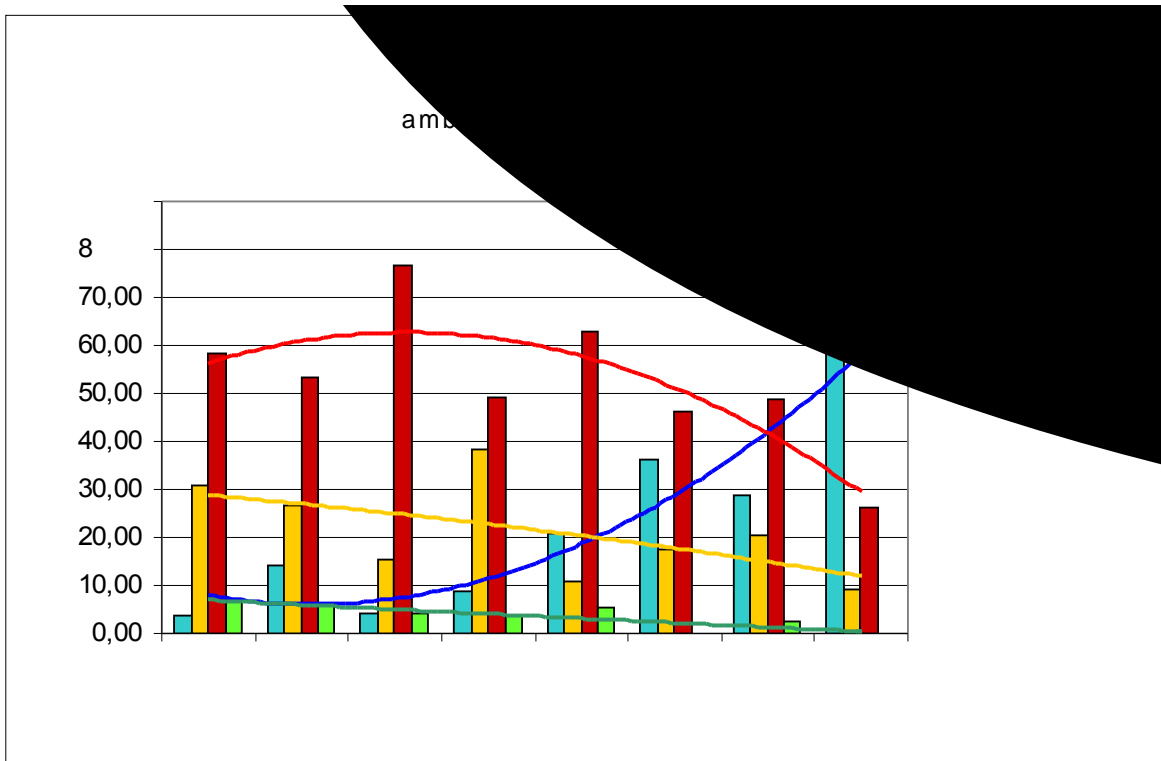


Gráfico 7II f 8 distribuição das ocorrências de verbos de terceira conjugação segundo a ordem dos constituintes.

A frequência relativa dos verbos de terceira conjugação em função do ambiente oracional obedece aos mesmos padrões já apontados para as demais classes verbais: internamente, observa-se aumento das proporções relativas dessa classe em orações principais, concomitantemente à diminuição dessa mesma classe HHH nos outros ambientes oracionais. Essas observações devem ser feitas à luz do gráfico 7IIa, que mostra as relações de proporcionalidade existentes entre as classes H, HH e HHH no corpus espanhol.

Exemplos atribuídos à terceira conjugação:

!ue por esta providencia se aodiM después la contracciMn de XesBs ; \$ 6 , <
E luego me recibim por pa-e de rodela el capitán Relipe de Kenargas ; (O J <
la prosecuimn de este bien les prohíbe casi siempre publicar los sucesos ; : \$ F <



A fixação de um dos graus de liberdade da análise do ambiente oracional oferece a possibilidade, como já feito anteriormente, de se estudar o peso desse fator na distribuição das ocorrências das três classes verbais. Nesse, no gráfico 7IIId, vê-se que o ambiente oracional é, mais uma vez e como proposto por Tebeo 1441, um fator condicionador do comportamento da amostra: em primeiro lugar, há o mesmo padrão crescente, em degraus, para as classes mais expressivas do gráfico. Em decorrência disso, as curvas referentes às orações principais são, todas, ascendentes e apesar de haver uma diferença sensível na expressividade das conjugações. As curvas da primeira (1) e da segunda (9) conjugações se sobrepõem, mas a da terceira (I) corre bem abaixo delas. Tomem-se os exemplos:

- (1) Los troianos otros allegaron muchachos de muchas partes (T, O) GHHH
 (9) Si fueris fa"er una arca, concurren estas cuatro causas necesarias (RO, G)
 (I) de aquel con un alivio que sienten los muchachos con el ocio (OJ) G'HH

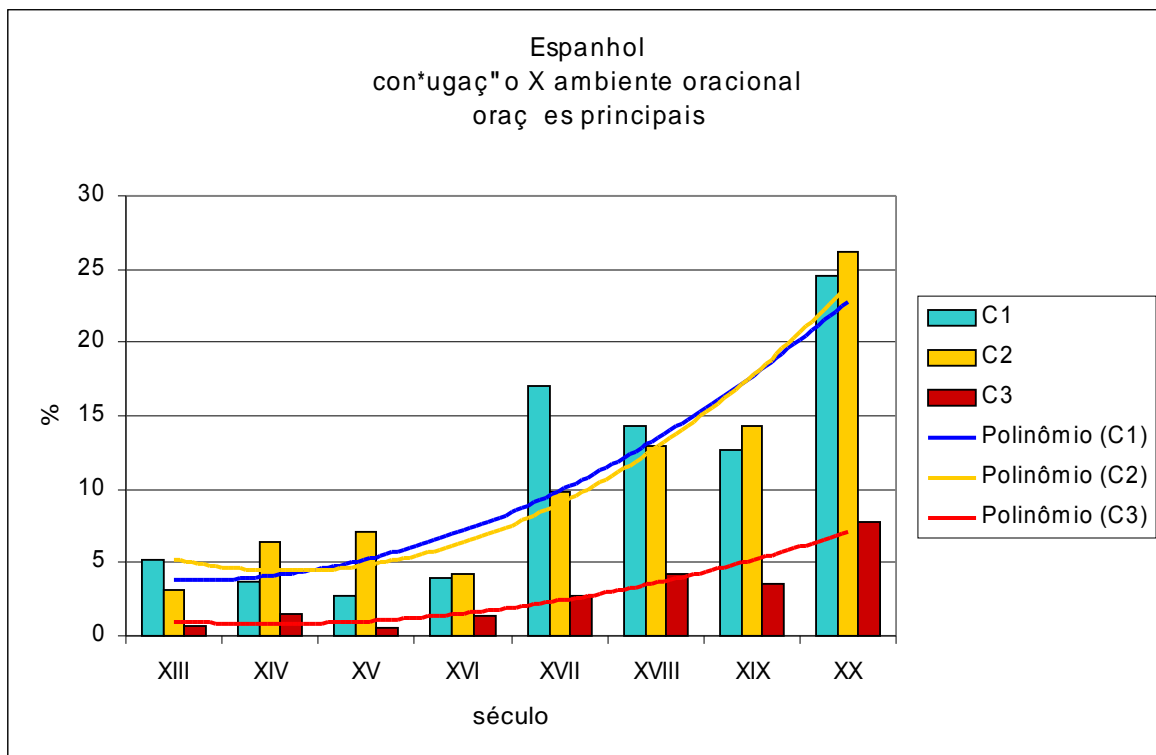


Gráfico 7IIh - distribuição das ocorrências de orações principais segundo a vogal temática do verbo.

No caso das orações coordenadas, o perfil descendente é mais acentuado para os verbos de segunda classe (9), enquanto os demais (1, (I) têm curvas mais suaves, subhorizontais. Isso indica que, para as coordenadas, a diminuição mais dramática das frequências absolutas está associada a verbos de vogal temática *e*. Os exemplos seguintes foram colhidos no *corpus* espanhol:

(1) Et env alo al infante don Xohan, ar"obispo de Toledo 3 (\$T GH'

(9) encubrirle los efectos de su asistencia E suspender sus regalos 3 \$6, G'HH

(I) E se introdu+o el hambre en los pa ses más fr os 3 R7- G'HHH

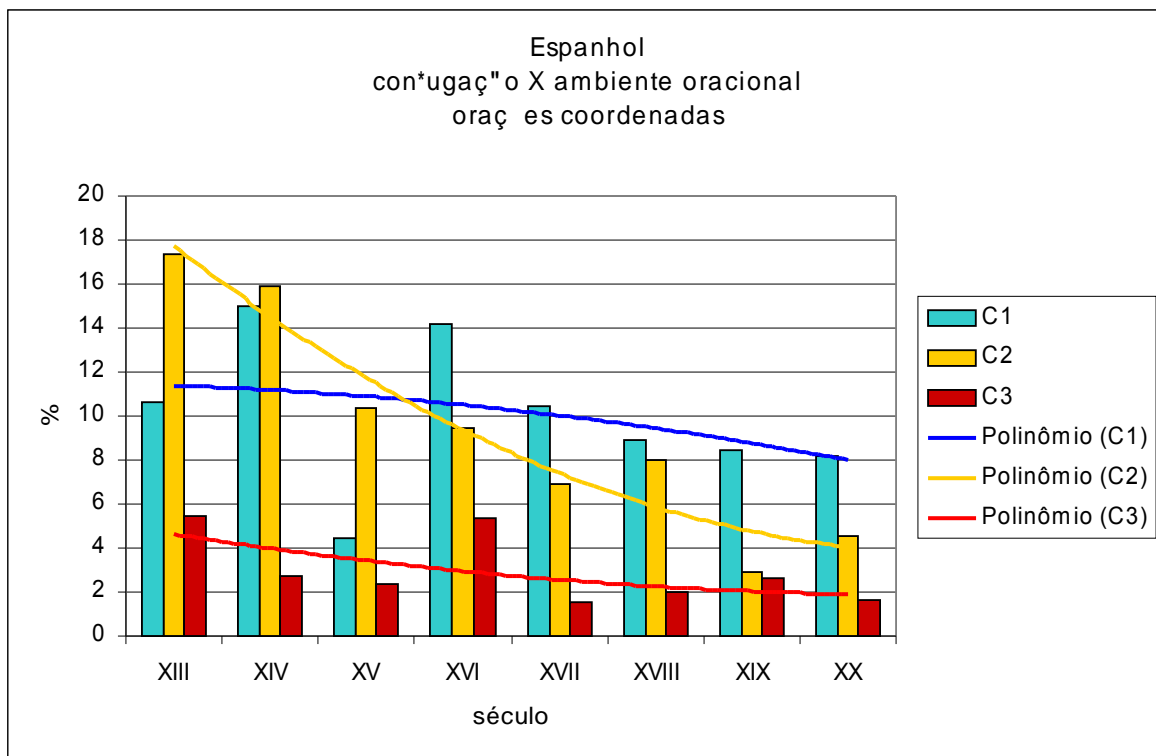


Gráfico 7 III 8 distribuição das ocorrências de orações coordenadas segundo a vogal temática do verbo.

Para as subordinadas, tem-se um dado interessante: as curvas mais expressivas, relativas às classes temáticas H e HH, mostram uma defasagem de cerca de 1/8 de período, no gráfico, e equivale a aproximadamente 12 anos entre os máximos das curvas (9 e 11). Esse fato pode contribuir para explicar o motivo de se terem dois picos nas curvas de subordinadas em vários dos gráficos produzidos pela análise numérica. Vejam-se os exemplos e o gráfico de distribuição dos dados:

(18 en !ue todas las cosas se engendran E crian del tamo E átomos 3 HJS G 'H

(9 8 donde se formaron ... varias compa0 as para traer trigo de -evante 3 R7 - G 'HHH

(I 8 por!ue smlo acud an tipos patibularios al despacho 3 :rod GG

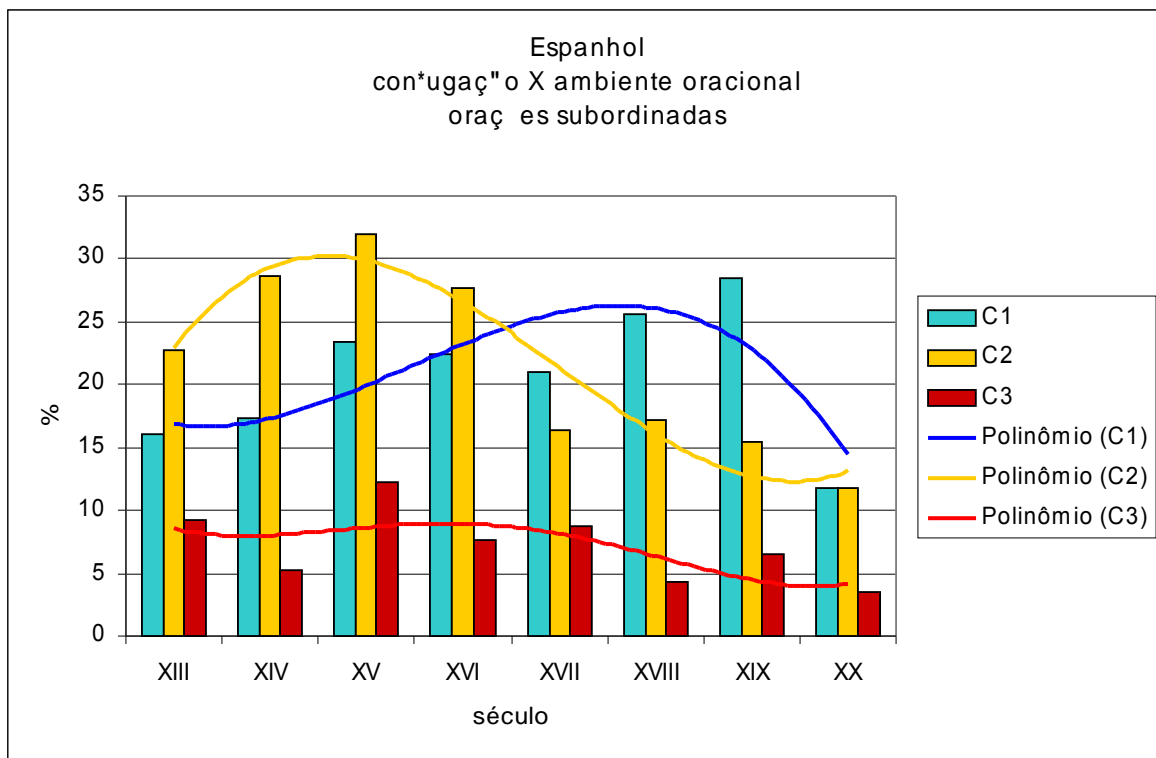


Gráfico 7II+8 distribuição das ocorrências de orações subordinadas segundo a vogal temática do verbo.

\$ Tabela 72 sintetiza os comentários feitos acima sobre o comportamento das classes de conjugação do verbo diante dos fatores considerados. Observem-se as tendências de HHH para as ordens **i** ' () e **h** % ' &), que são contrárias às das classes H e HH.

<i>conj</i>	1 (<i>princ.</i>)	2 (<i>coord.</i>)	3 (<i>subord.</i>)	4 (<i>coord.</i> - <i>subord.</i>	a (<i>SVC</i>)	i (<i>VC</i>)	j (<i>CV</i>)	g (<i>SV</i>)	h (<i>VS</i>)
I	↗	↘	↘	→	↗	↘	↘	↘	↗
II	↗	↘	↘	→	↗	↘	↘	↘	↗
III	↗	↘	↘	→	↘	↗	.	.	↘

Tabela 72.8 resumo das tendências gerais de comportamento das classes H, HH e HHH de conjugação verbal segundo os critérios *ambiente oracional e ordem de constituintes*.

(om respeito aos itens lexicais, trataremos, aqui, apenas dos mais frequentes no *corpus* español, **ser** e **hacer**. Observe-se que, da frequência mais alta para a mais baixa, as cinco maiores são representadas pelo verbo **ser** a seguir, por **hacer**. Entre os itens mais frequentes, portanto, a sequência é **ser** > **hacer** > **saber** > **decir** > **tomar** > **haber** a os de vogal temática *e*, portanto, *fa* em larga frente aos de terceira e de primeira conjugações.

Logo bem, as duas curvas mais expressivas (as demais estão sempre abaixo dos 10% de frequência absoluta) têm padrões gráficos bastante distintos um do outro: enquanto as proporções de **ser** variam mais de 10% e alcançam um máximo entre os séculos XIII e XIV, a curva de **hacer** tem um perfil sempre decrescente, mas mais suave. Em outras palavras: **ser** varia em frequência, mas segundo um padrão definido; **hacer** sempre diminui em frequência absoluta.

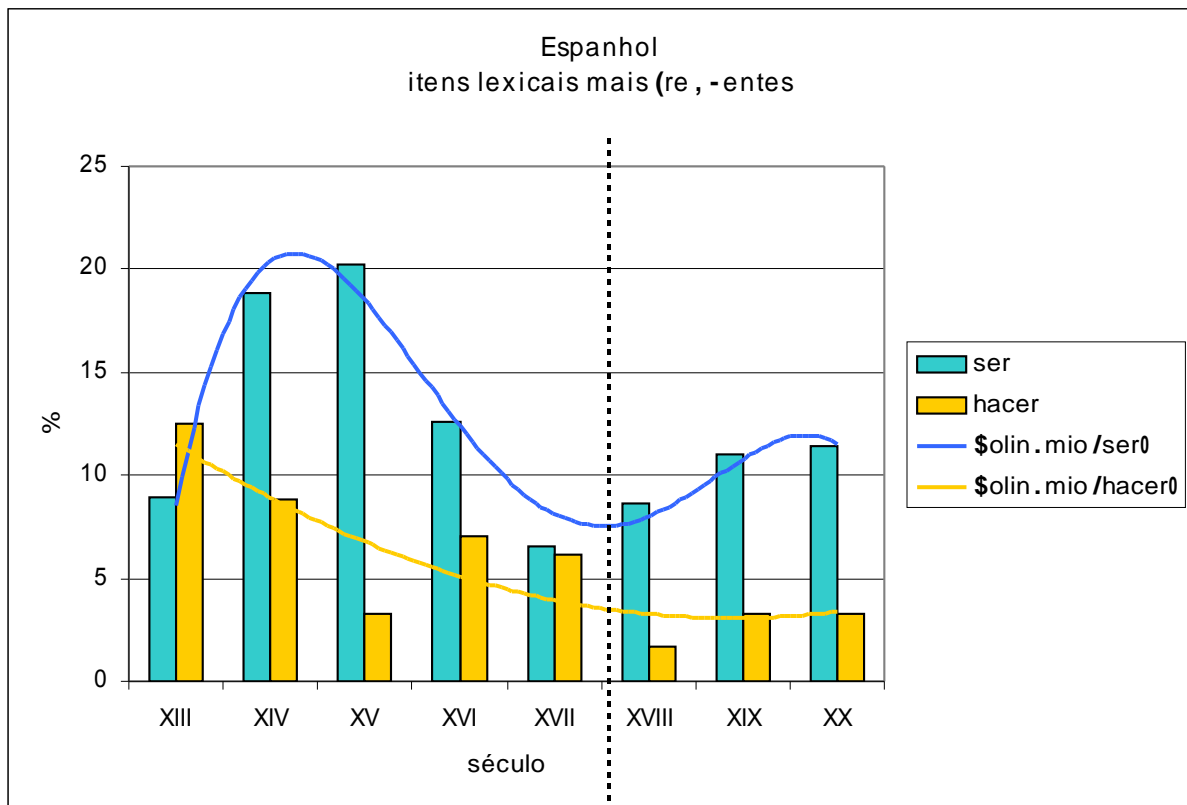
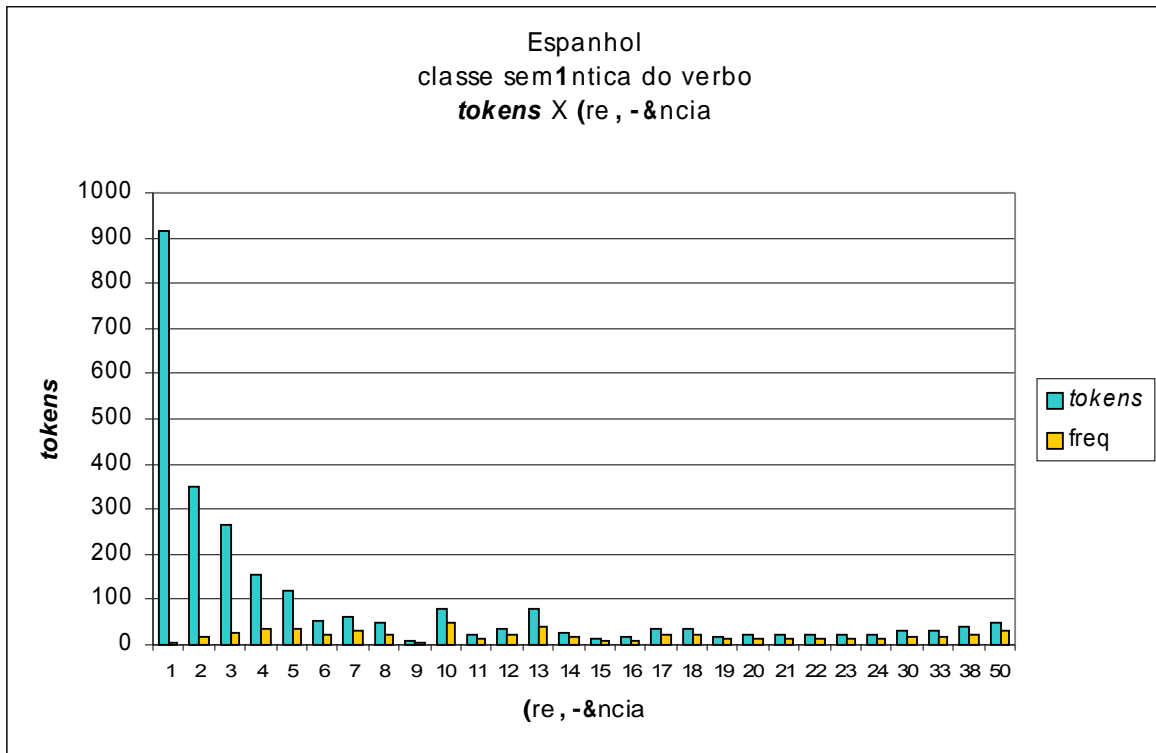


Gráfico 71: 8 distribuição dos itens lexicais mais frequentes no *corpus* español.

7m 7I/, apresento os resultados da distribuição dos dados segundo a frequência dos itens leCicaisA o perfil hiperbMlico é idêntico ao obtido para os dados de português %!.v. 6ráf. : 1?l), e se aproCima do referente a uma função do tipo f%C) . 1QC.



6ráfico 7I/ 8 distribuição dos verbos segundo sua frequência no *corpus* espanhol.

(om respeito à distribuição do item mais frequente, lserl, tem3se uma distribuição bastante semelhante ao perfil traçado no 6ráfico 72 para o fator *ambiente oracional*, como

está assinalado, para o *corpus* português, no Gráfico 158: aumentam, portanto, as frequências relativas desse item lexical em orações principais (1), enquanto se observa a diminuição das proporções em coordenadas (2) e em subordinadas (3). A similaridade dos Gráficos 158 e 159 sugere, mais uma vez, a necessidade de se considerar o *ambiente oracional* até mesmo como fator relacionado a processos que envolvam a frequência de itens lexicais. Como exemplos de ocorrências do verbo *ser* nos ambientes sintáticos selecionados, tomem-se os seguintes:

1 8 (cada uno destes son muy buenos, en que se ve) (STGH)

2 8 e causa destes es natura, onde estos se llaman dones (RO, G)

3 8 di-eron que el rey don Juancho era en Sevilla, non le plago (SJGH)

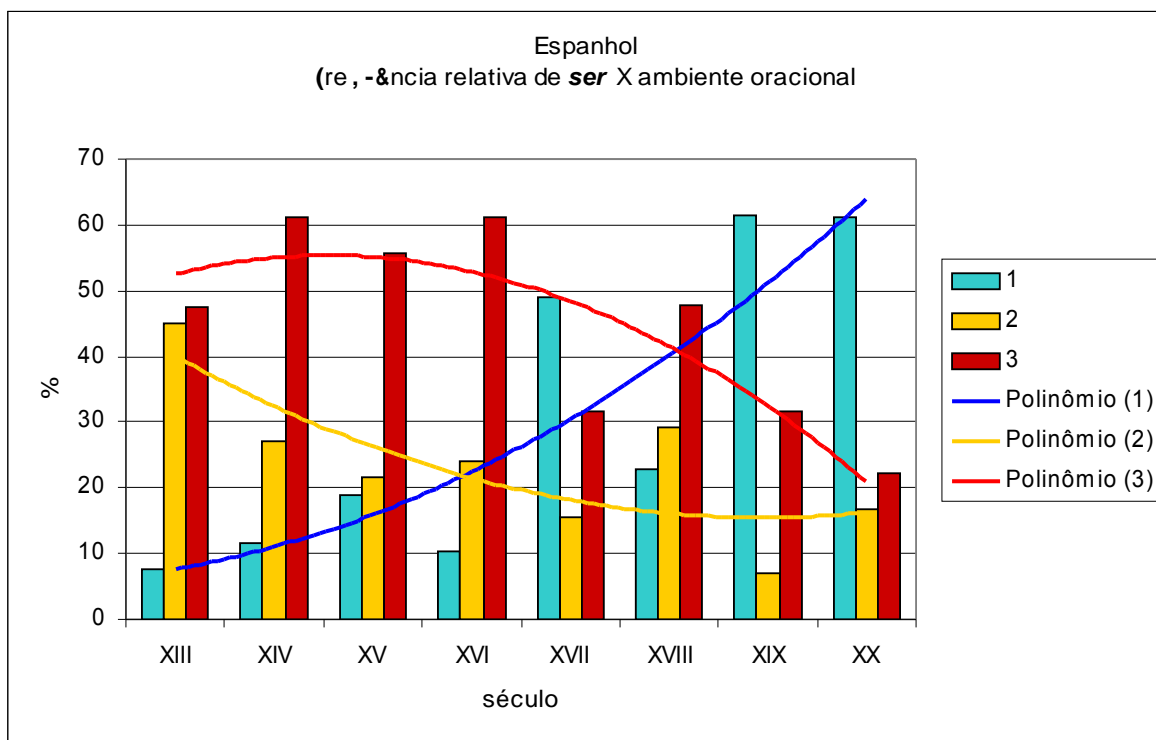


Gráfico 158 distribuição de frequências relativas do verbo *ser* segundo o *ambiente oracional*.

O fator *classe semântica do verbo*, por fim, mostra uma especialização das ocorrências na categoria SH&: 8 especialmente para as ordens ;' (< mais comuns, i.e., a %&' () e i %' (). \$s fre!>ências absolutas desse subconjunto de dados mostram discreta tendência a aumentar %i, , -%SH&:, ' () . =,?1), ou seja, essa classe semântica é, pouco a pouco, mais comum na amostra. Sado o elevado número de categorias, há uma pulverização dos dados, o que torna difícil discernir com segurança tendências de comportamento das ocorrências para uma base de dados de dimensões reduzidas. Entretanto, esboçam-se padrões ascendentes em 7 J \$ (%i, , -% ' () . .??) e descendentes em (O6 J %i, , -% ' () . 3.I1) e em SH&: %i, , -% (') . 3.I=). vejam-se ainda alguns exemplos dessas classes:

\$TT, 8 conuiene !ue uos digamos primero !uamanna es 7uropa 3 (67 GHHH
(O6 J 8 (uando él oEM esto, non pensando el enga0o abscondido 3 7 JG GH'
SH&: 8 con !ue ninguno dellos pueda hallar las obras !ue él mismo obrM 3 HJS G'H
7 J \$ (8 siendo menester seguir a!uellas quatro leguas mortales 3 (OJ G'HH
&7K 8 entre rectas E rasgos dibu+a disimuladamente una cifra o una fecha 3 (\$& GHG

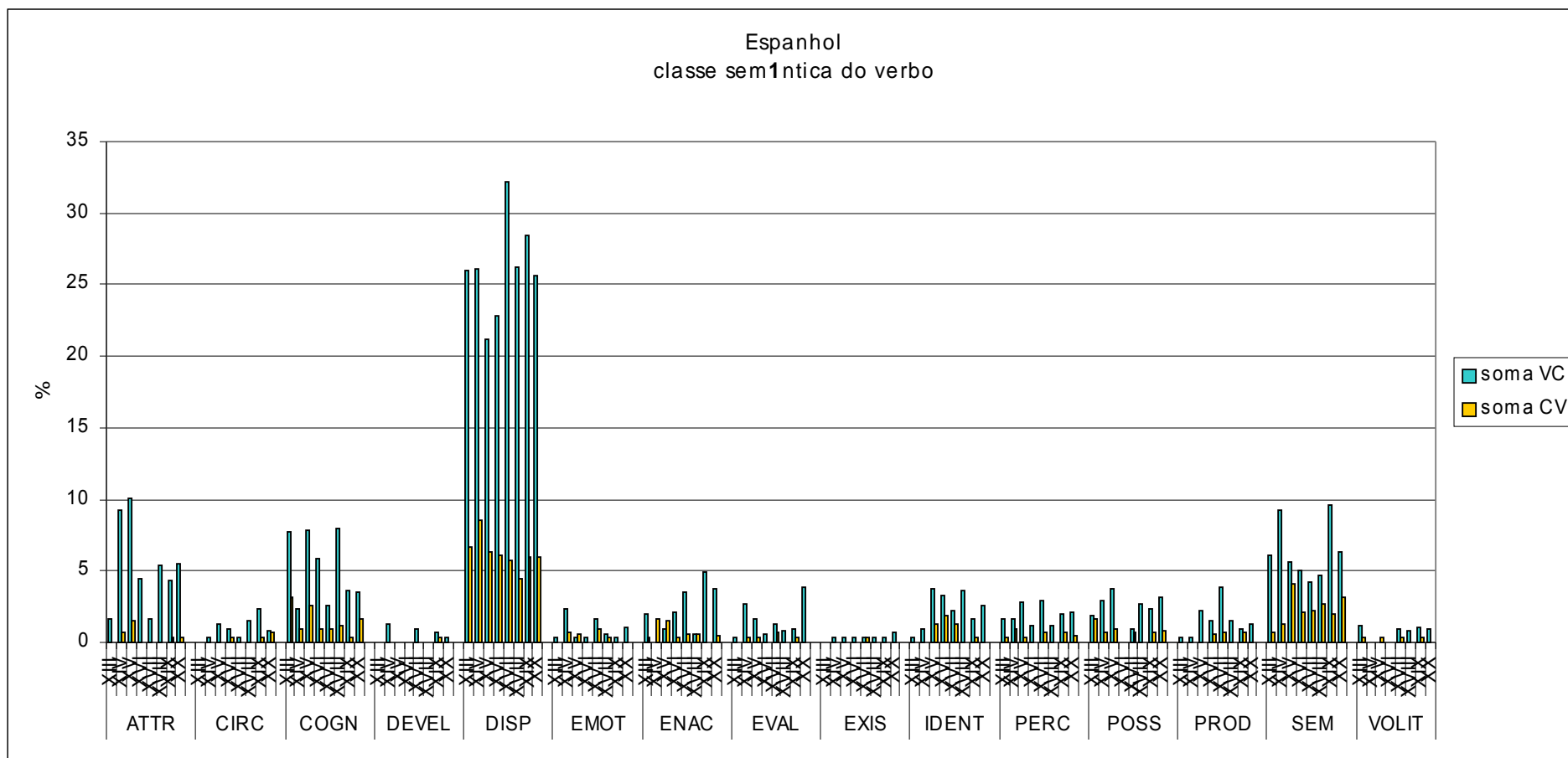


Gráfico 71/ 8 distribuição das ocorrências segundo a classe sem*ntica do verbo

7m linhas gerais, as tendências observadas no *corpus* espanhol são semelhantes às apresentadas pelo conjunto português: diversos fatores são claramente controlados pela ordem de constituintes (e.g., *agentividade* (cf. gráfico 71), *peso de S e de C* (cf. gráficos 791 e tabela 72), *regência do verbo* (cf. gráficos 790b3g e tabela 75), *conjugação do verbo* (cf. gráficos 71Ib, d, f e tabela 72), *tempo do verbo* (cf. gráficos 794) e *classe semântica do verbo* (cf. gráfico 71/), distribuindo-se de acordo com as categorias sintáticas de *a* () a *j* (). Outros, além de mostrarem comportamento que é função da ordem de constituintes, também são condicionados pelo *ambiente oracional* (e.g., a própria *ordem de constituintes* (cf. gráficos 703711 e tabela 79), *peso de S e de C* (cf. a série de gráficos 7993792 e a tabela 71), *tempo verbal* (cf. gráficos 7113719), *conjugação do verbo* (cf. gráficos 71Ic, e, g3+ e tabela 72) e *item lexical* (para o verbo *ser*, o mais frequente na amostragem, como observado para o português (cf. gráfico 715). O exemplo do que foi mencionado na análise dos dados do português, o *ambiente oracional* é função apenas do tempo, como mostra o gráfico 72. Os perfis de evolução das tendências relativas dos demais fatores mostram que este é determinante na caracterização das mudanças também no sistema espanhol.

Tratamento numérico das ocorrências: o *corpus* italiano

No que respeita à posição relativa dos constituintes A e N internos ao SN, o *corpus* italiano exhibe o mesmo comportamento que seus pares português (Cohen 1986/1990) e espanhol (Totaro 1996). A base de dados compreende cerca de 2000 ocorrências¹³ colhidas nos seis séculos da amostragem, perfazendo pouco mais de 150 SNs por texto. São exemplos de ocorrências encontradas neste estudo:

século	texto	ocorrência
XV	SERM	Incominciano i deuotissimi sermoni del diuo Bernardo Abbate di sicontiene la sōma di tutte leuirtute necessarye a ciascheduno
	PUNG	& torno a penitentia somma malignita e & diabolica crudelta rinfacciare della contentione e peccato dia/bolicho & grauissimo & stoltissi/mo & cagione
XVI	HIST	erano conosciute in gran parte da molti:& tra gli altri perniciosissimo à Italia,et à tutta la Republica Christiana :
	PIGN	col ritrouarsi in tutte quelle importanti espeditioni ,che si faranno a i suoi di, ogni Et sopra il tutto douerà far ogni opera per interuenire ne' consigli secreti .
XVII	GALI	che elle siano, prestano subito assenso , & applauso : & all'incontro , quelle ma con isdegno , & ira acerbissima , e taluno di costoro spinto dal furore
	CITT	Contra di lui insorse Celio Re de gli Albani con grosso essercito : e giunto verilmente gli era uscito contra con l' essercito romano , si conuennero
XVIII	PRIN	tre principali punti ; che si dia Provedenza divina ; che l'anime umane sien' e che si debbano moderare l' umane passioni con la Giustizia , e da quella si
	LETT	raramente sono giudici competenti , illuminati , e caldamente spassionati Mille ostacoli impediscono il retto giudizio degli altri ; ma , freddato interamente
XIX	ITIN	di Roma . Essa è d' ordine corintio , tutta incrostata di buoni marmi , e di Roma . Essa è d' ordine corintio , tutta incrostata di buoni marmi , e
	GEOG	non abbiamo ancora alcun pezzo osteologico , in discreto stato di conservazione non abbiamo ancora alcun pezzo osteologico, in discreto stato di conservazione
XX	GRAA	contraddica la possibilità che la non esplicita identificazione del testo de Chrétien riassume con chiarezza i momenti cruciali relativi al Graal e alla lancia
	NOME	due capi, che ispirarono loro delle false teorie , un sacerdote che era stato L'immagine di un uomo dalla vita avventurosa , capace anche di uccidere

Tabela II – exemplos de ocorrências de AN e de NA nos textos do *corpus* italiano.

As proporções individuais de AN e de NA foram somadas século a século, e as médias foram lançadas no gráfico II abaixo.

¹³ Seria interessante estudar também os condicionadores estruturais da variação entre adjetivos e formas encabeçadas por preposição, como 'regioni del mare' X 'regioni maritime'.

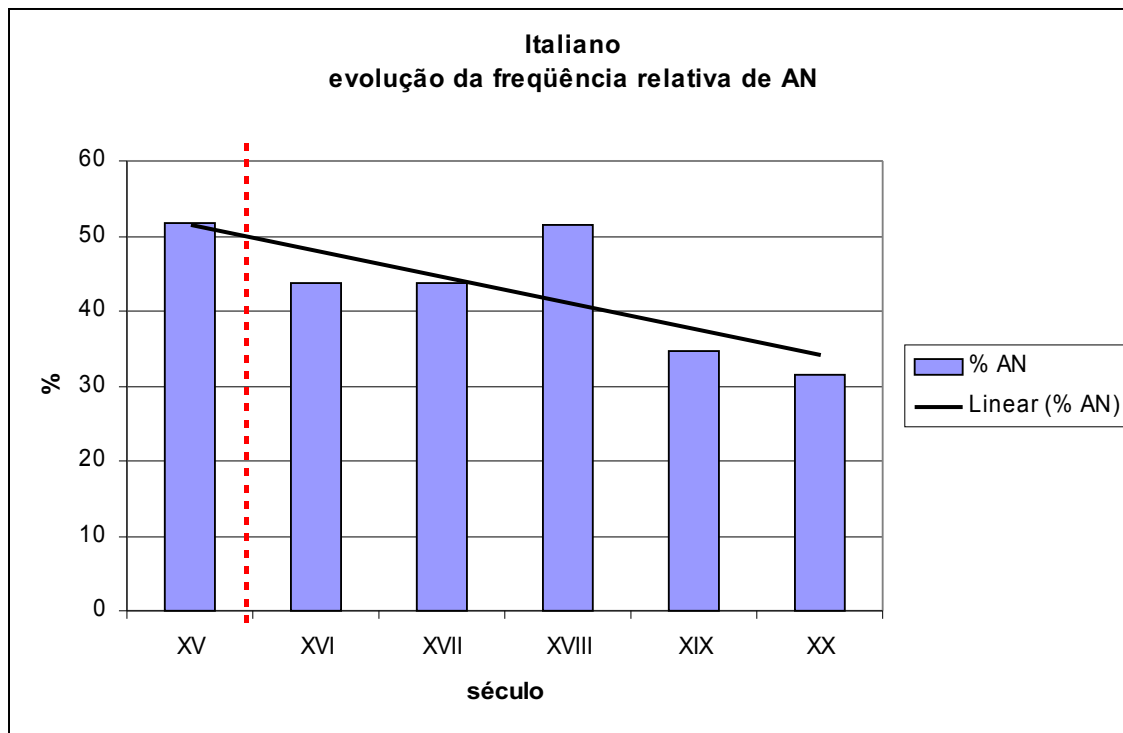


Gráfico II – evolução das médias gerais de AN por século nos textos utilizados para amostragem.

Nota-se, primeiramente, que a proporção de AN diminui no sentido positivo das abscissas, o que é ressaltado pela reta que exprime a regressão linear da distribuição das ocorrências (no gráfico, em preto). Além disso, vê-se que essa mesma reta intercepta a linha de 50% próximo à passagem do século XV para o XVI (no gráfico, pontilhado em vermelho); esse resultado é interessante, uma vez que o francês cruzou esse mesmo patamar no século XVI (von Wartburg 1966); o espanhol, no século XVII (Totaro 1998), e o português, no século XVIII (Cohen *op. cit.*).

É necessário salientar, ainda, que o pico correspondente ao máximo absoluto da amostra coincide com o século XVIII. Trata-se do efeito¹⁴ da proporção elevada de AN em um único texto – de fato, da proporção mais alta dentre todos os textos aqui utilizados –, *Del Principe e delle lettere*, que se mostra, diante dos demais, realmente excêntrico com respeito a esse traço sintático.

¹⁴ A exclusão desse texto da amostra teria como efeitos mais relevantes a) a resolução dos dados segundo um perfil francamente linear e b) o recuo, para meados do século XV, do momento previsto para a mudança tipológica AN → NA.

O gráfico I1 foi elaborado a partir das proporções brutas de AN e de NA; deixa-se em aberto o questionamento sobre a distribuição fina dos constituintes A e N segundo fatores controladores de sua posição relativa, como os estudados por Cohen *op. cit.*, Totaro *op. cit.* e Lima 2003.

No nível oracional, verifica-se a predominância das ordens SVC (**a**), VC (**i**), SV (**g**) e VS (**h**). As duas primeiras, que trazem o complemento verbal explícito, são mais freqüentes e contribuem para que o grupo [VC] seja bastante expressivo; deve-se ressaltar que o valor positivo obtido para a inclinação da reta de regressão linear (iRRL) do grupo [VC] (0,98) é devido à combinação da inclinação positiva da ordem a (iRRL (SVC) = 2,04) e da negativa de **i** (iRRL (VC) = -0,76); em outras palavras, ainda que a freqüência da ordem **i** (VC) tenda a diminuir, a proporção absoluta de ocorrência da superclasse [VC] aumenta graças à elevação da freqüência das ocorrências de estrutura **a** (SVC).

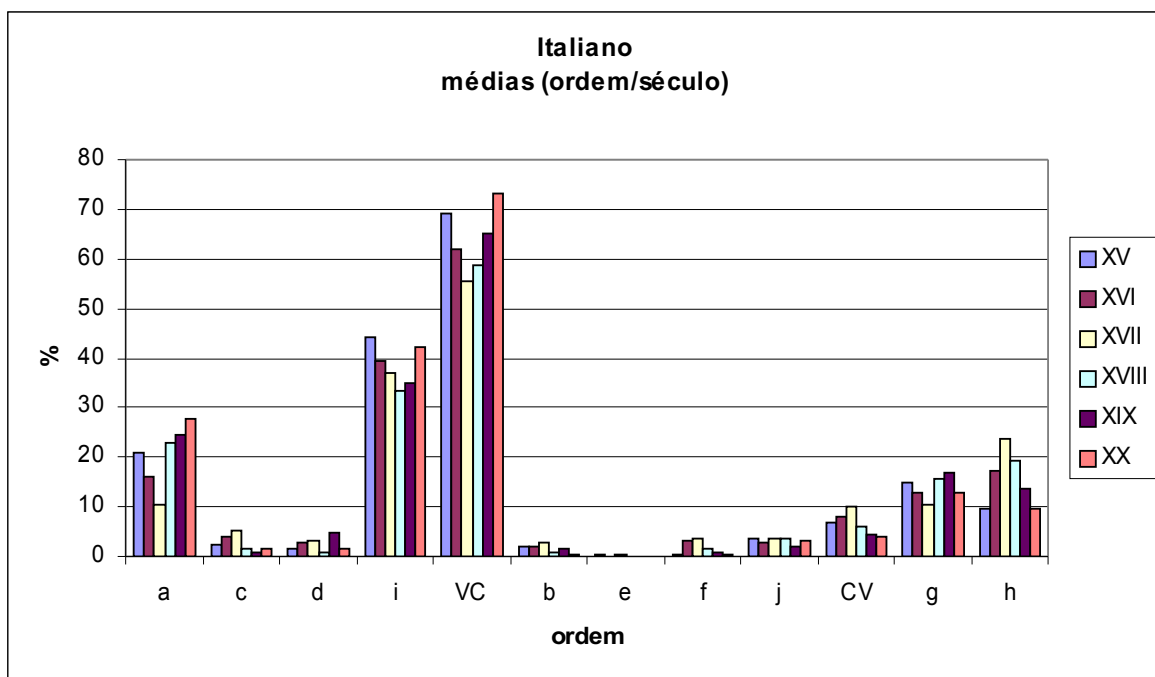


Gráfico I2 – médias gerais por século segundo a ordem dos constituintes S, V e C e dos grupos VC e CV.

O fator *agentividade*, em linhas generalíssimas, distribui-se preferencialmente segundo as classes **Ah** e **Pn**, e ambas apresentam freqüências gerais crescentes no *corpus*: $iRRL(VC) = 1,83$; $iRRL(CV) = 1,51$. Observe-se que esses resultados indicam uma tendência oposta à do *corpus* português, em que os valores de **Ah** e de **Pn** são decrescentes; o *corpus* espanhol também mostra decréscimo generalizado em **Ah**, mas aumento em **Pn** – como se, de fato, os conjuntos de dados português e italiano corresponderem a posições polares no universo de amostragem, e o espanhol estivesse a meio caminho. Nesse caso, contudo, não está claro se a tendência à mudança em **Ah** precedeu a que se observa em **Pn** ou se foi o contrário; a identificação de uma possível direção de mudança entre esses traços demanda, portanto, estudos posteriores.

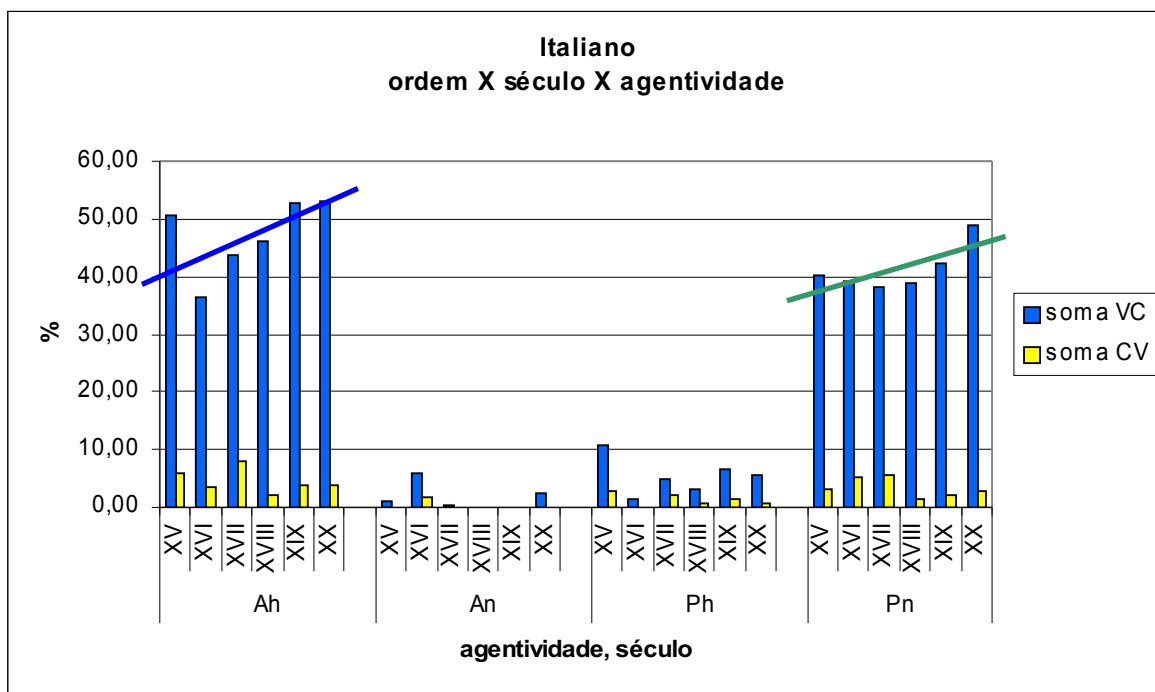


Gráfico I3 – médias das freqüências de dados segundo o traço *agentividade* e a pertinência a uma das classes gerais VC ou CV.

Por outro lado, a combinação dos traços *ordem* e *agentividade* permite discernir com mais propriedade os grupos de ocorrências mais importantes na constituição desses perfis. Tome-se, em primeiro lugar a ordem **a** (SVC), que mostra o mesmo perfil crescente, tanto para **Ah** quanto para **Pn**, exibido no Gráfico I3; isso significa que as ocorrências que contêm os traços **Ah** e **Pn** são mais freqüentes, em parte, graças a sua associação com a

ordem **a** (SVC). As curvas sigmóides que resolvem o comportamento dos dados dessas duas classes têm mínimos coincidentes, mas apresentam pequena defasagem nos máximos; em outras palavras, a combinação dos traços *agentividade* e *ordem SVC* aponta um avanço mais rápido de **Ah** que de **Pn**.

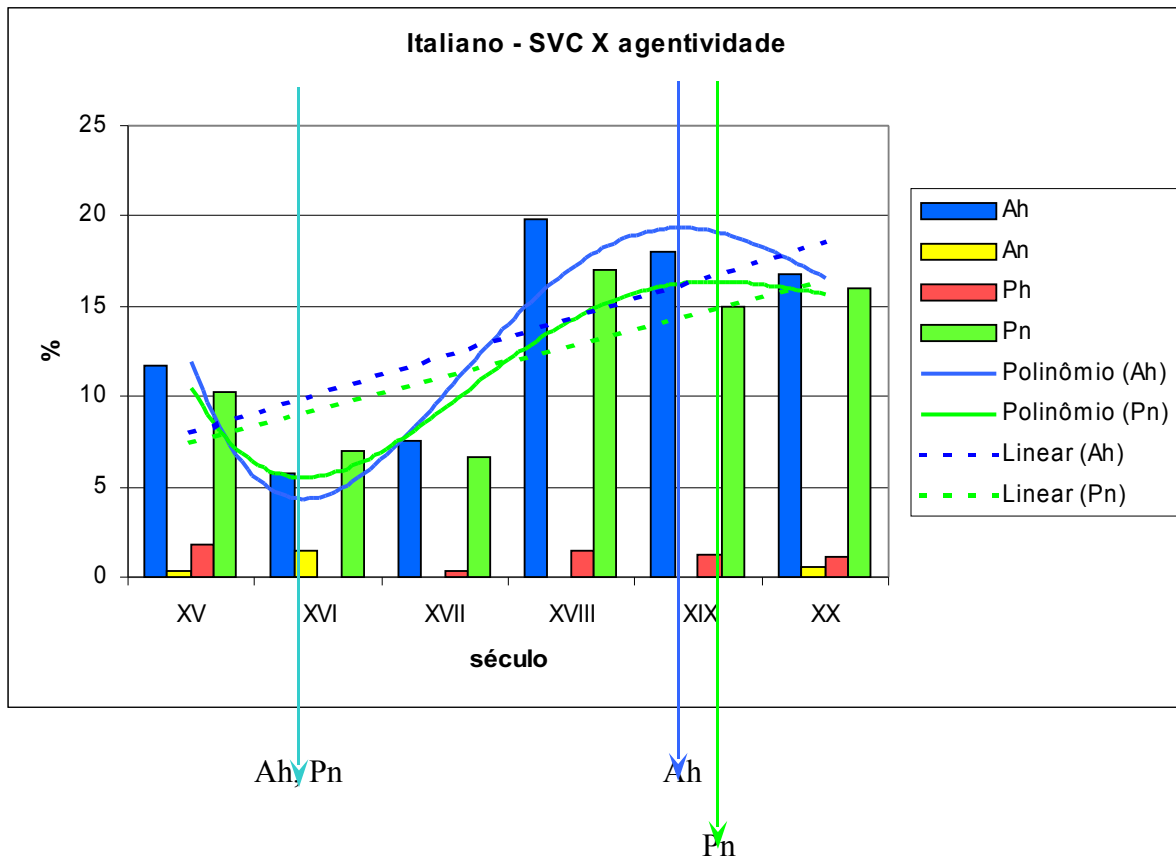


Gráfico I4 – médias de freqüências relativas para o cruzamento dos traços *ordem – SVC* e *agentividade*.

São exemplos de ocorrências associadas a esses traços:

<i>texto (século)</i>	<i>ocorrência</i>
Expositione (XV)	et desidero che lui augmenti iltuo stato in maggior gloria
LingToscana (XVI)	perche il nome contiene in cinque casi tutte le persone, e la seconda
Viaggi (XVII)	perche il Gran Signore non voleua altro General, che lui
Lettere (XVIII)	nelle quali uno scrittore latino... gratuitamente accorda la palma della eloquenza ai Greci, o a chi la vorrà;
Graal (XX)	Longino appoggia le dita insanguinate sugli occhi e riacquista

Tabela I2 – exemplos de ocorrências SVC colhidas no *corpus* italiano.

Para a ordem **i** (VC), observa-se uma flutuação de até cerca de 15% das médias de frequência de **Ah** e de **Pn**, de modo que os comportamentos globais se resolvem, nos dois casos, por retas subhorizontais. Em casos como os baixos índices relativos de Pn-XVIII, é preciso investigar se se trata do efeito provocado por um texto isolado, cujo perfil é muito distinto dos demais; alternativamente, a amostragem de um número maior de ocorrências colhidas em textos diferentes dos utilizados neste estudo diluiria esse efeito individual. Veja-se, todavia, que, à exceção do século XVI (praticamente coincidindo, portanto, com a mudança de AN para NA nesse sistema), as proporções de **Ah** são sempre mais altas que as de **Pn**. As curvas têm mínimos mais espaçados e perfis diferentes, indicando maneiras distintas de implementação de mudanças nessas duas categorias mais comuns.

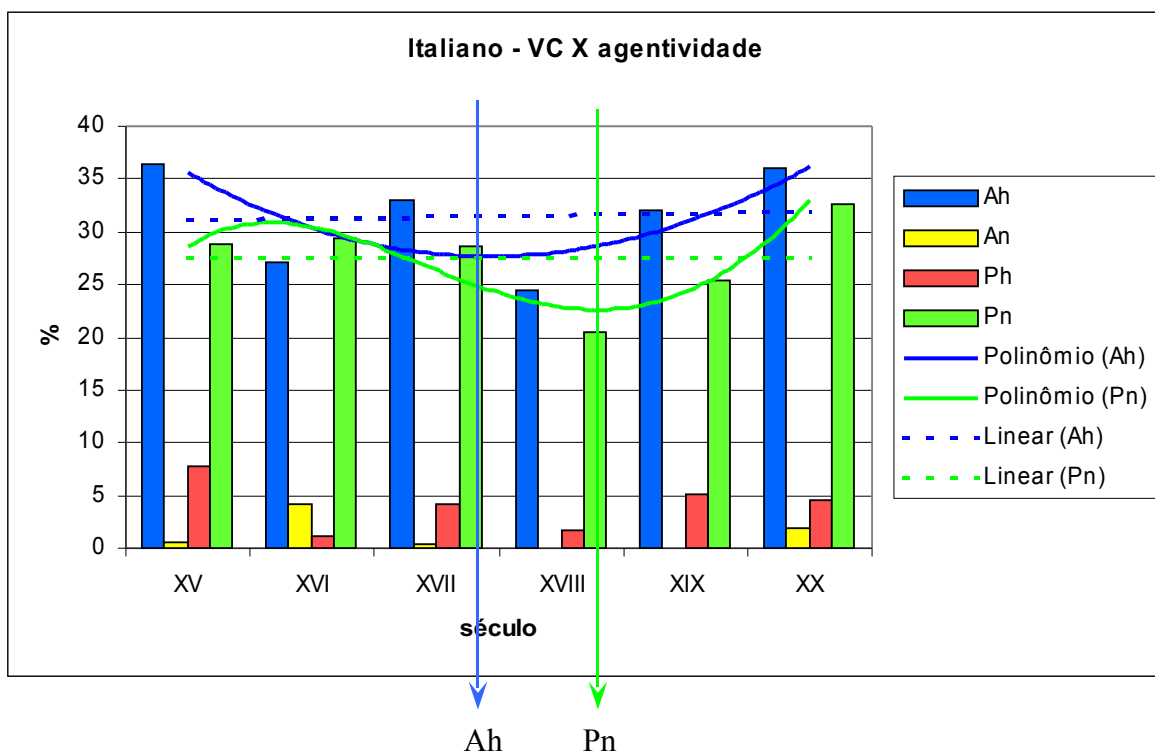


Gráfico I5 –frequências relativas para o cruzamento dos traços *ordem – VC* e *agentividade*.

São exemplos de ocorrências associadas a esses traços:

Expositione (XV)	che amaua la uergine Maria come contento dogni sua salute
Compendio (XVI)	scaturiscono ne'vasi, nō hauendo veloce esito; restano
Lettere (XVIII)	e non avreste così dovuto arrossire in riceverlo."
Geografia (XIX)	per abbreviare l'agonia degl'infermi accelerandone la morte!

Tabela I3 – exemplos de ocorrências VC no *corpus* italiano.

Para a ordem *g* (SV), em que a maior parte das ocorrências também se concentra nas classes Ah e Pn, os perfis indicam leve aumento (1% < variação < 5%) para o traço humano do agente e uma tendência subhorizontal (variação de até 2%) para o traço não-humano do paciente. As iRRLs dessas classes são, respectivamente, .54 e .32; entretanto, as curvas mostram que os dois subconjuntos de dados têm perfis distintos.

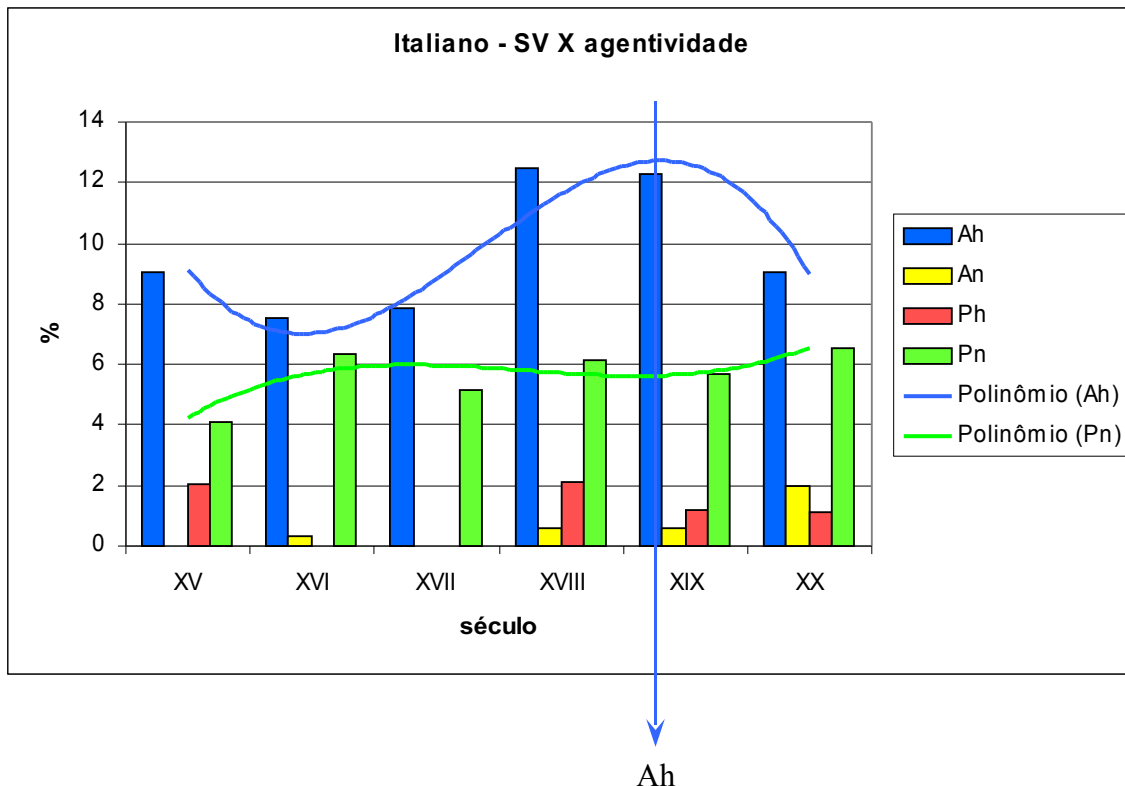


Gráfico I6 – médias de freqüências relativas para o cruzamento dos traços *ordem* – SV e *agentividade*.

São exemplos de ocorrências associadas a esses traços:

Dyologo (XV)	almeno per alquante herbe odorifere potrebbe bastare per horto
Compendio (XVI)	Imperò questa cognitione, & consiglio debbe essere nel saggio , & sperimentato giudicio
Christoforo (XVII)	E Colombo nella morte sua fece come buon patriotta, perche lasciò
Principj (XVIII)	di cotal sua posizione . Esso certamente conviene in ciò , ch'è vero
Geografia (XIX)	ed un altro Titi appare più tardi sotto Ramses III
Graal (XX)	La metamorfosi finale di quest'immagine appare nell'arte romanica

Tabela I4 – exemplos de ocorrências SV encontradas no *corpus* italiano.

As ocorrências de **Ah** e de **Pn** são, também para a ordem **h** (VS), mais frequentes que **An** e **Ph**; a despeito da flutuação nas proporções gerais dessas classes, a RRL de **Ah**/VS mostra tendência subhorizontal levemente decrescente, enquanto a de **Pn**/VS é horizontal. Deve-se considerar o fato de um dos textos do século XVII (*Viaggi del pellegrino*) não se alinhar com os que lhe são coetâneos em relação ao traço Ah/VS – efeito que pode ser minimizado através da ampliação da base de dados.

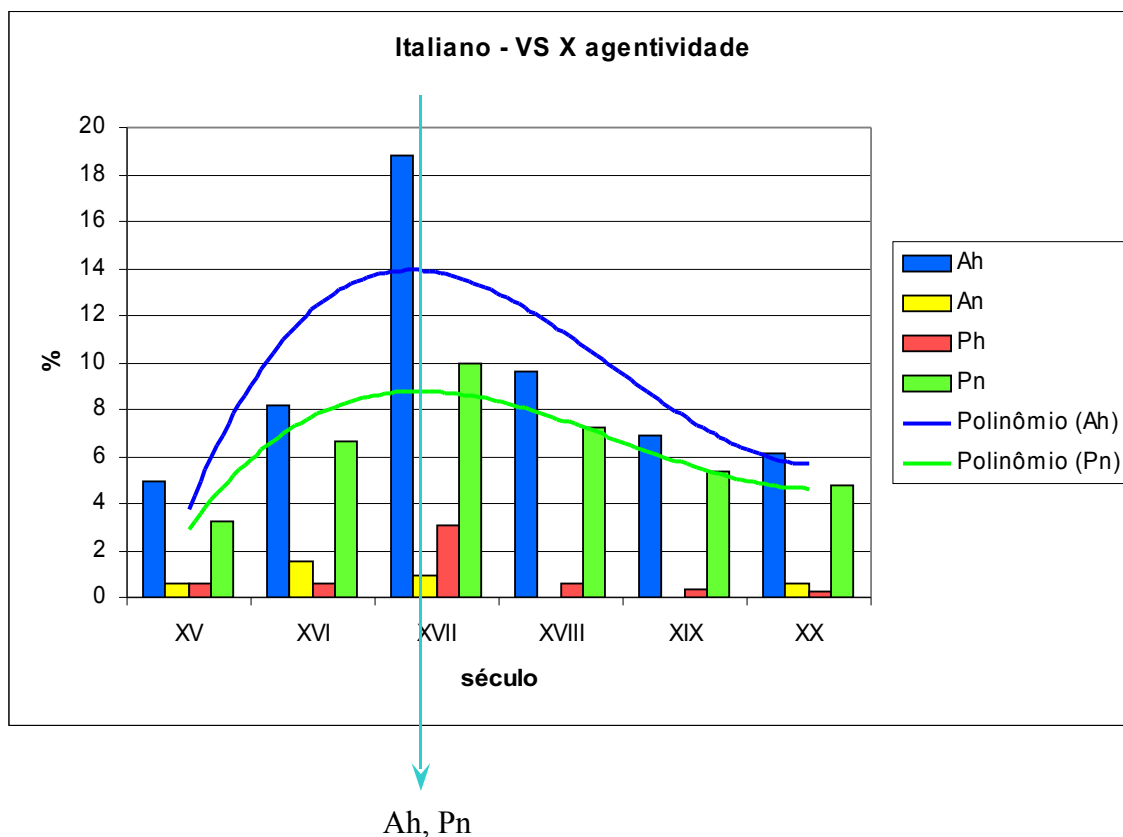


Gráfico I7 – médias de freqüências relativas para o cruzamento dos traços *ordem – VS* e *agentividade*.

São exemplos de ocorrências associadas a esses traços:

Expositione (XV)	Come fece il nostro Salvatore a sancto Pietro: il quale hauendo
Christoforo (XVII)	non prima (darei io) per non auuilire più di quello
Lettere (XVIII)	Alle prove. Discende Enea nell' inferno e gli vien fatta
Geografia (XIX)	ma, come argutamente osservò il De Rougé, nei testi egiziani
Eco (XX)	Penso che l'errore sia di credere che prima venga l'eresia, poi

Tabela I5 – exemplos de ocorrências VS encontradas no *corpus* italiano.

A tabela I6 sumariza os comportamentos das classes **Ah** e **Pn** segundo as ordens mais freqüentes. Observe-se que as ordens mais favoráveis para o aumento da proporção relativa de **Ah** e de **Pn** são as que têm sujeito pré-verbal, SVC (**a**) e SV (**g**), ao passo que, nas demais, há manutenção do número relativo de ocorrências, com indicativos sutis de aumento (SV/**Pn**, p.e.) ou de diminuição (CV/**Ah**, **Pn**; VS/**Ah**) dessas proporções. Esse resultados devem, naturalmente, ser analisados diante dos Gráficos I2 e I3, que apresentam as proporções absolutas das classes sintáticas no *corpus*.

ordem	Ah	Pn
SVC	↗	↗
VC	→	→
CV	→	→
SV	↗	→
VS	→	→

Tabela I6 – comportamento das ordens mais freqüentes para os traços Ah e Pn.

Em relação aos *corpora* ibéricos, as classes dispostas na Tabela I6 mostram clara tendência à estabilidade, relacionada às RRLs de inclinação subhorizontal no intervalo de amostragem. Isso indica, para o cruzamento dos fatores *ordem* e *agentividade*, um caráter diferente do italiano diante do português e do espanhol, já que se verifica nestes últimos uma propensão à diminuição das proporções absolutas de várias categorias (cf. Tabelas P1 e E1 acima).

O fator *ambiente oracional* mostra uma divisão desigual das ocorrências no *corpus* italiano, como se pode notar ao exame do gráfico abaixo, a qual corrobora os resultados de Bybee 1991 no que tange ao comportamento diferenciado de classes sintáticas distintas. É interessante observar que as orações subordinadas (3) predominam em todo o intervalo de amostragem, mas são resolvidas por RRL e curva polinomial que indicam um decréscimo dessas freqüências absolutas ($iRRL(1) = 2,66$; $iRRL(3) = -2,62$); essa diminuição é concomitante ao aumento nas freqüências de orações principais (1), indicando uma tendência à redução de estruturas frasais complexas. As proporções relativas de orações coordenadas (2) são praticamente constantes no *corpus* analisado, e apresentam variação da ordem de 5%.

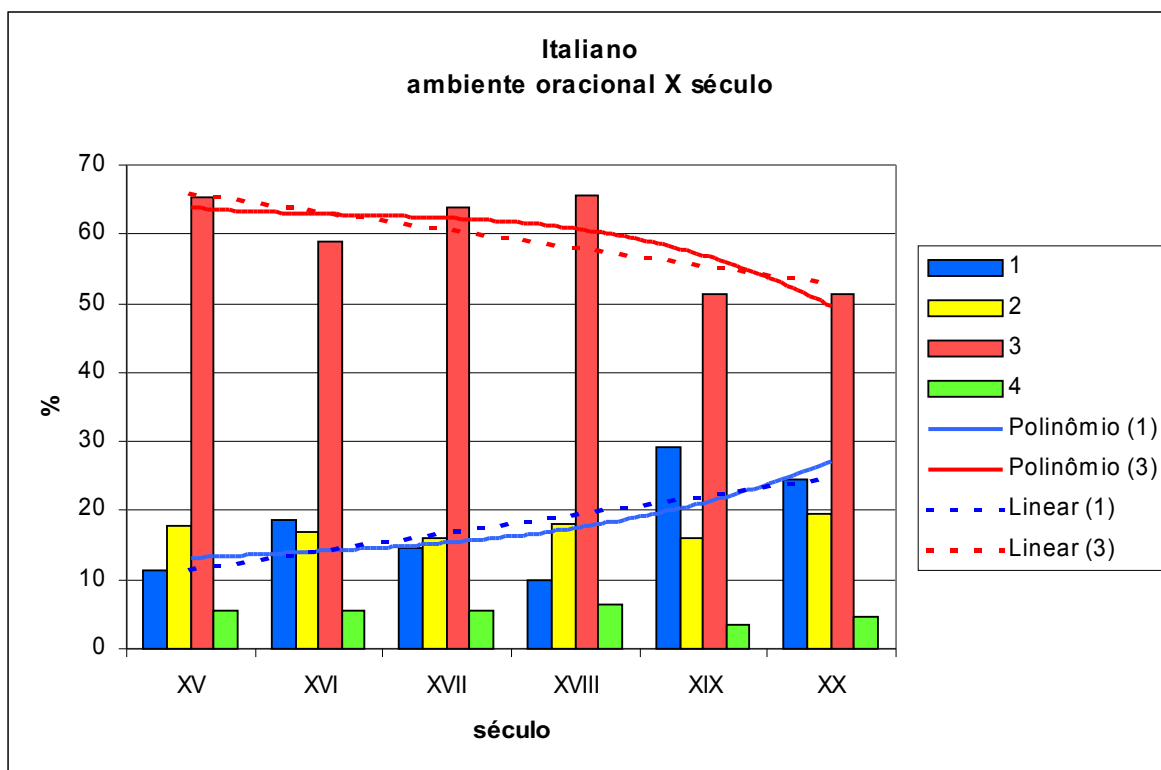


Gráfico 18 – freqüências absolutas das classes de *ambiente oracional* no *corpus* italiano.

O cruzamento dos fatores ordem e ambiente oracional para o *corpus* italiano fornece resultados semelhantes aos encontrados para os dados ibéricos. Para as orações principais, em primeiro lugar, observa-se que os conjuntos **a** (SVC) e [VC] apresentam proporções relativas crescentes em frequência (inclinações de RRL de 1,99 e 2,23, respectivamente), da mesma forma que se passa com as de **g** (SV) e **h** (VS). A exemplo do observado para as orações principais do português (Gráf. P6a acima), a classe **a** (SVC) é a mais freqüente no grupo VC, seguida da classe **i**. Por fim, nota-se que as médias gerais de frequência absoluta de orações principais para os três *corpora* são de mesma ordem, girando em torno dos 10%.

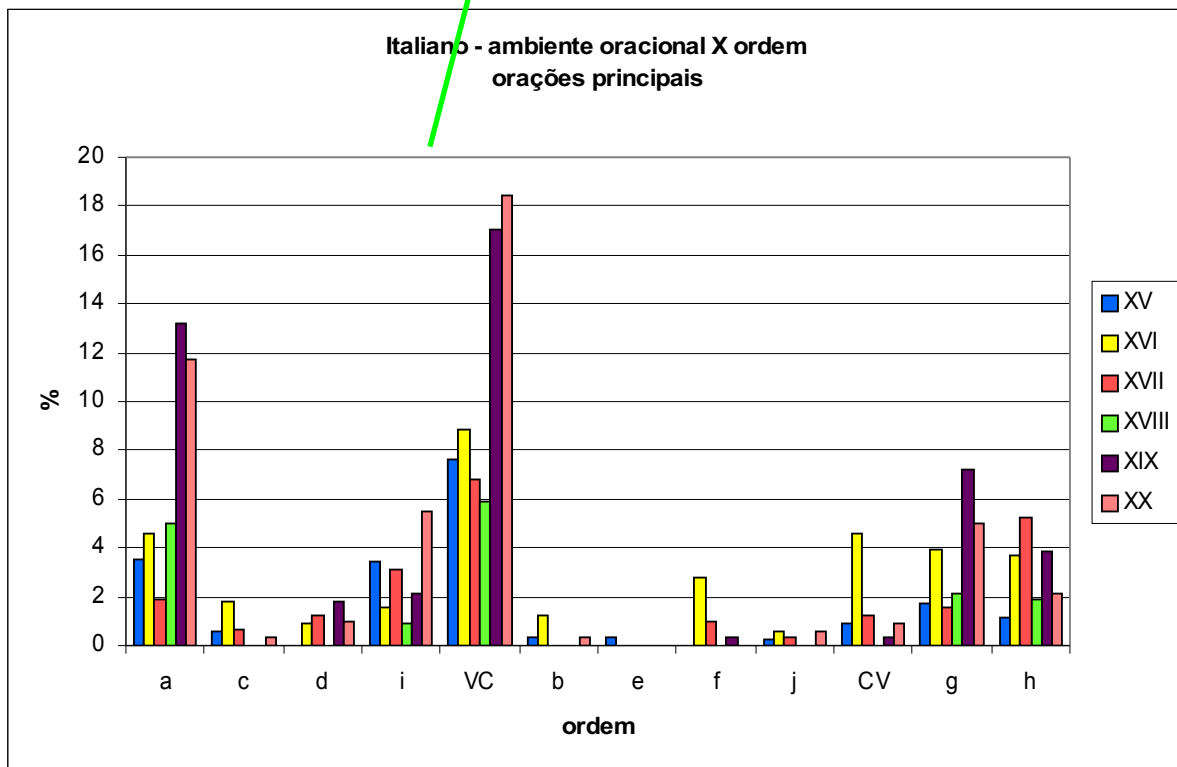


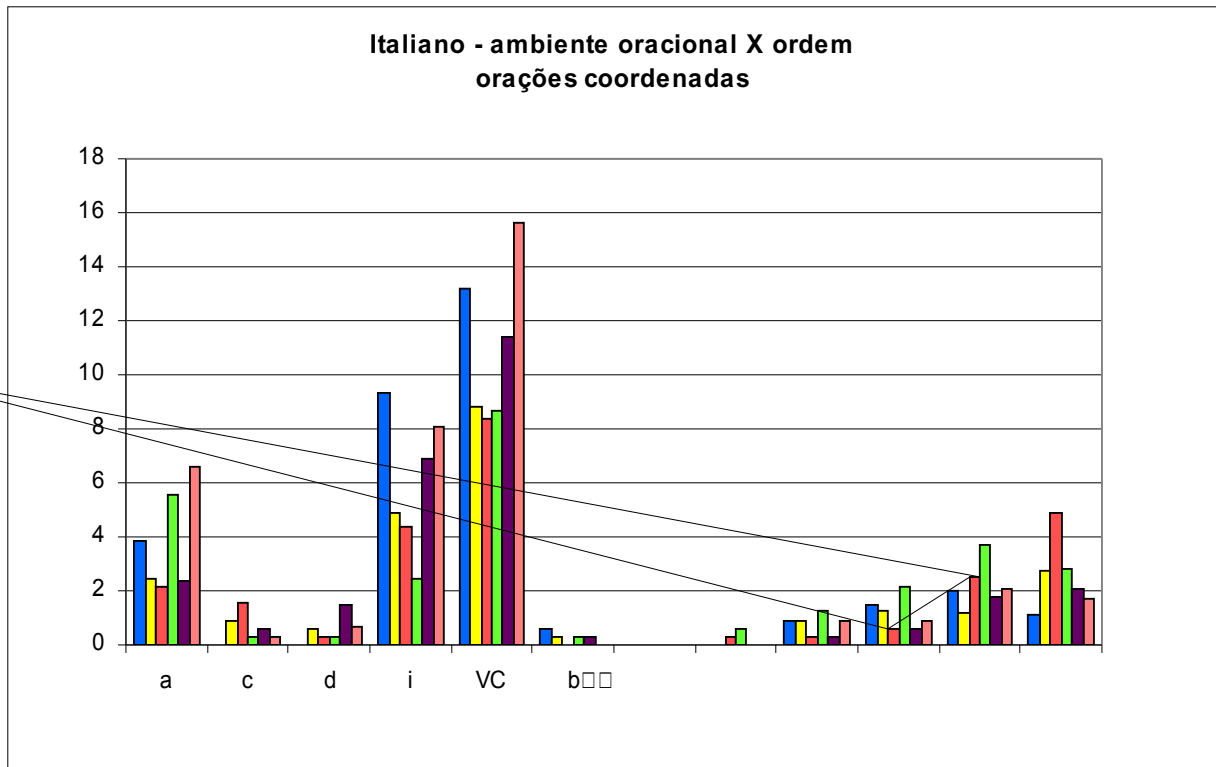
Gráfico I9 – proporções absolutas de orações principais no *corpus* italiano.

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Compendio (XVI)	Scaturisce detta acqua minerale, particolarmete in 7.luoghi
Principj (XVIII)	Tanto bene tutti i Giureconsulti... hanno considerato la Legge Publilia , con la quale
Graal (XX)	Una serie di tavolette d'avorio adotta questa iconografia che si potrebbe

Tabela I7 – exemplos de ocorrências com orações principais.

Para as orações coordenadas, verifica-se um comportamento semelhante ao identificado para os dados de português (Gráf. P6b acima), em que há predominância da classe **i** (VC) no grupo [VC] e tendência deste ao aumento. A inclinação das retas de regressão linear desses conjuntos [VC], entretanto, é maior no português (0,89) do que no italiano (0,57). Para o espanhol (Gráf. E9 acima), as coordenadas diminuem em frequência.



As orações subordinadas no *corpus* italiano também apresentam comportamento similar ao observado para esse traço sintático no português (cf. Gráf. P6c acima): há tendência à diminuição nas proporções relativas de construções hipotáticas ao longo da amostra. Algumas das classes dominantes, como **i** (VC), **g** (SV) e **h** (VS), exibem perfis decrescentes, a exemplo do que se dá com o grupo [VC]; outras, como **a** (SVC), mostram flutuação estável; as demais classes exibem freqüências relativas sensivelmente baixas, mas, de maneira geral, apresentam discreta diminuição de freqüência.

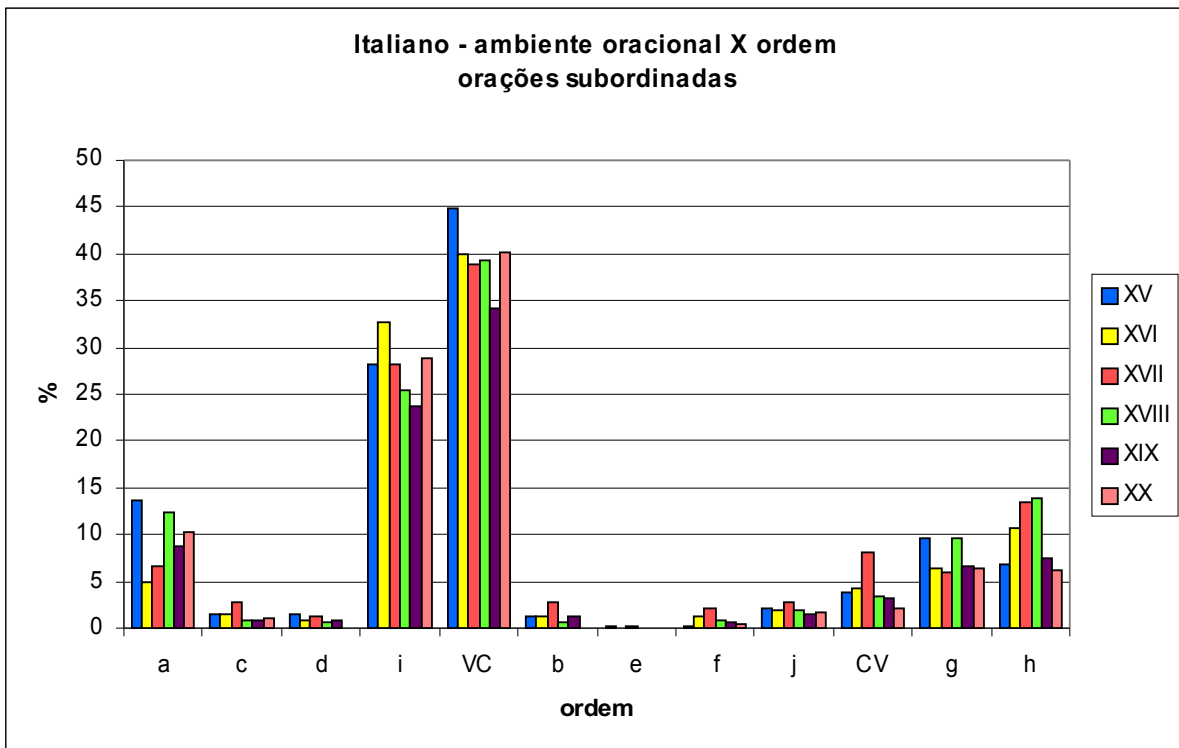


Gráfico I11 – proporções absolutas de orações subordinadas no *corpus* italiano.

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Compendio (XVI)	nel tēpo che l'Illustriss.Marchese di Mantoua vi andò, & se ne parti sano
Campanella (XIX)	scritti più tardi da' sacerdoti che avevano assistito alcuni di quegl' infelici, inserti poi
Eco (XX)	avevano costituito una chiesa in cui si distinguevano i perfetti dai semplici credenti

Tabela I9 – exemplos de ocorrências com orações subordinadas.

Mesmo que o perfil para a superclasse [VC] seja decrescente, nota-se que a reta de regressão linear para os dados de italiano tem uma inclinação maior (-1,16) do que as referentes aos dados de português (-0,47) e de espanhol (-0,37); em outras palavras, a taxa de decréscimo da frequência das orações subordinadas é mais alta em italiano do que no grupo ibérico.

As orações subordinadas em coordenação apresentam, em italiano, um perfil cuja RRL tem inclinação muito baixa. A ordem mais frequente para essas orações é *i* (VC); as demais ordens têm frequências demasiado baixas para permitir inferências seguras sobre o comportamento das ocorrências a que se referem.

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

<i>texto (século)</i>	<i>ocorrência</i>
Dyalogo (XV)	che quello pocho di spacio che la voce tacete e poi lo chiamoe:significa che egli
LingToscana (XVI)	al meno secondariamente ad esser segno, ed accennar quella cosa , che sarebbe accennata
Viaggi (XVII)	più tosto da seruigio per maneggiar terra, tagliar legna, e cose simili
Principj (XVIII)	era di starsi tutti soli nelle loro grotte , e curare le loro famiglie
Geografia (XIX)	e che questi Libii biondi sieno Celti, venuti dalla Spagna
Eco (XX)	più o meno perfette, e pensano che questa sia quella e quella questa."

Tabela I10 – exemplos de ocorrências com orações coordenadas em subordinação.

De maneira geral, o comportamento das ocorrências do *corpus* italiano é paralelo, no que tange ao *ambiente oracional*, ao observado para o português e para o espanhol: as frequências absolutas de orações principais e de coordenadas aumentam na mesma medida em que se verifica a diminuição das proporções de orações subordinadas. Isso indica uma alteração no padrão sintático básico do período composto, que tenderia a uma estrutura

menos complexa e orientada, primariamente, pelas orações independentes, e secundariamente pelas coordenadas.

<i>ambiente oracional</i>	<i>VC</i>
1 (principais)	↗
2 (coordenadas)	↗
3 (subordinadas)	↘
4 (coordenadas-subordinadas)	→

Tabela I11 – comportamento da ordem VC segundo o ambiente oracional.

Fixando-se o fator *ambiente oracional*, observa-se o comportamento das classes de agentividade propostas para análise. Para as orações principais, nota-se que as curvas mais expressivas, **Ah** e **Pn**, têm perfis ascendentes, indicando uma tendência de aumento das frequências absolutas dessas classes. Os mínimos para essas curvas são ligeiramente defasados (diferença de pouco mais de 1/3 de século), e, como ambas têm concavidade para cima em todo o intervalo considerado, os pontos de máximo ainda não foram atingidos. Observe-se também o ponto excêntrico para as duas classes no século XVIII, que podem indicar a necessidade de se considerarem mais textos a fim de se diluírem os efeitos de uma única obra no cálculo das médias de frequência. Tomem-se os exemplos:

Ah – o archangelo Gabriel nõ disse maria nominandola per - ExposRev XV

An – Parte de' Pronomi adunque anno la persona distinta; - LingTosc XVI

Ph – aveva erroneamente identificato i Mas'uas'a coi Moschos - GeogrEtn XIX

Pn – Il prologo di Perlesvaus riassume con chiarezza i momenti cruciali - Graal XX

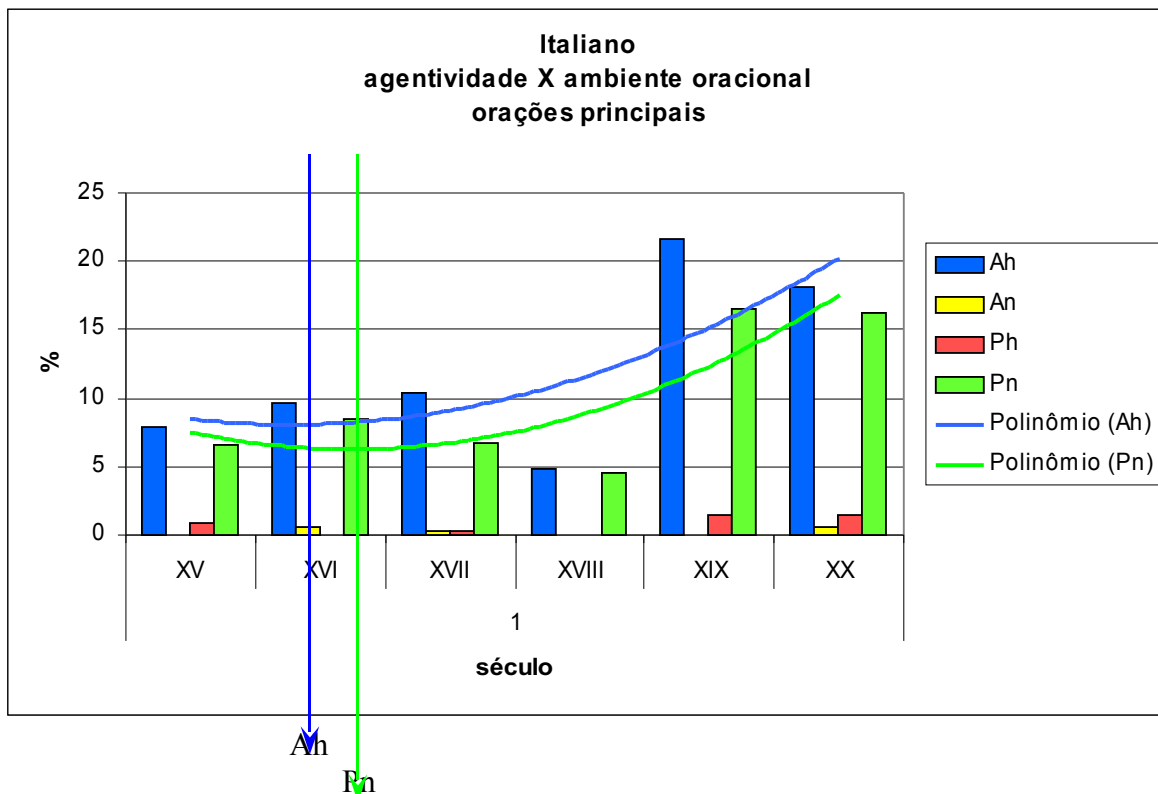


Gráfico I12 – médias de freqüências absolutas de ocorrência das classes de *agentividade* para orações principais.

Já o comportamento das classes de *agentividade* em orações coordenadas é diferente do observado no gráfico anterior. A escala dentro da qual a variação das proporções absolutas de coordenadas varia ao longo do tempo é reduzida em relação à das orações principais, e as tendências indicam uma estabilidade muito grande das freqüências de coordenadas no intervalo de amostragem. É interessante, contudo, notar que as curvas para as classes mais comuns, **Ah** e **Pn**, apresentam tendências complementares: um aumento leve das proporções de **Pn** é acompanhado de uma diminuição de mesma ordem de **Ah**, e vice-versa. Tomem-se as ocorrências reproduzidas abaixo como exemplos:

Ah – ma gli suoi costumi studiaua sempre di comportare con grande - Dyalogo XV

An – variato dal singulare, altri non l'anno da quel distinto – LingTosc XVI

Ph – Et. doue lascio io il Mag. M.Aluigi Vitturi nobile Venetiano - Regole XVI

Pn – E perciò egli ha fatto il suo libro assai minore di quello che - PrincLett XVIII

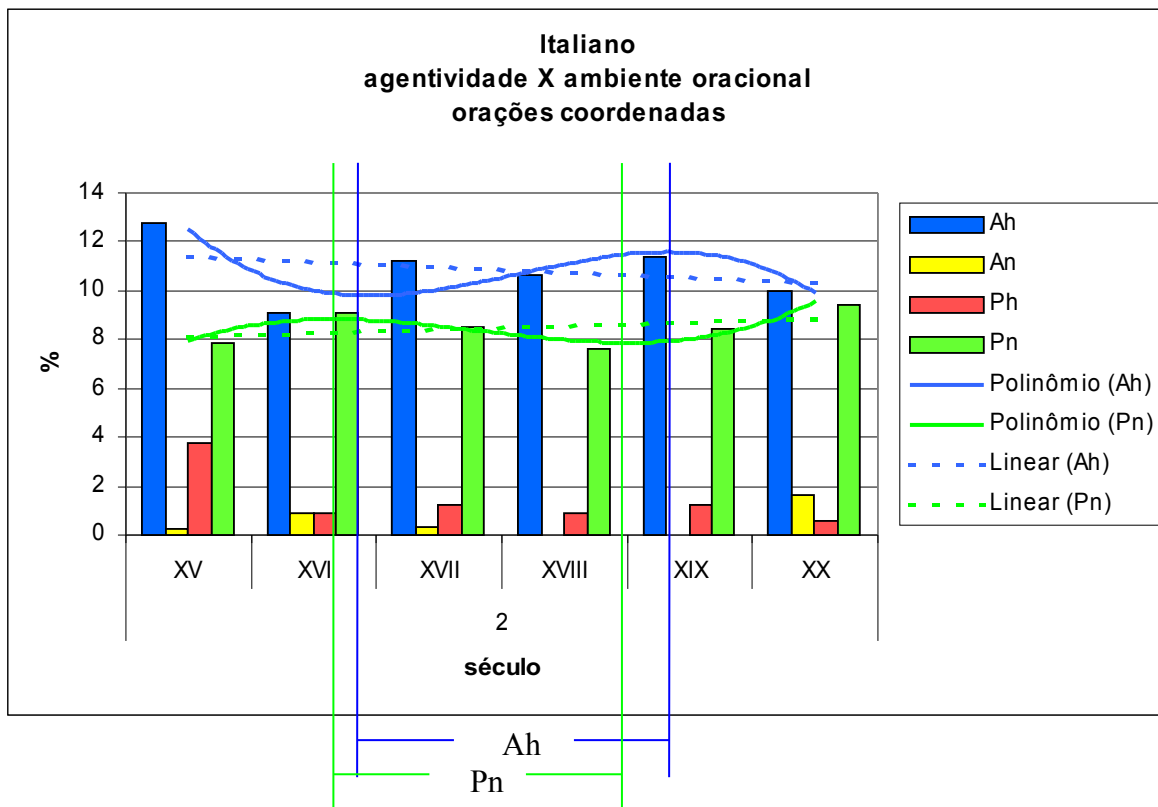


Gráfico I13 – médias de freqüências absolutas de ocorrência das classes de *agentividade* para orações coordenadas.

O traço *agentividade*, para as orações subordinadas, apresenta praticamente o mesmo perfil das coordenadas, mas a escala de variação das freqüências absolutas no Gráfico I14 é maior. Nota-se, entretanto, que as RRLs são subhorizontais, indicando uma flutuação estável no intervalo considerado. Compete ressaltar ainda que, ao contrário do que se observa para as coordenadas, as subordinadas mostram uma liderança dos pontos críticos da curva **Ah**, e não de **Pn**. Exemplos de ocorrências nesse ambiente:

Ah – Vnaltra volta lauado lo p/dicto Nonnosio le sue lampade di vetro - Dyalogo XV

An – saluo che il Pronome ha distinte le persone per varietà di caratteri - LingTosc XVI

Ph – di mandar questo esercito contro'l Rè di Persia - ViagPell XVII

Pn – e numerose, che mettevano paura a' Padri - Vico XVIII

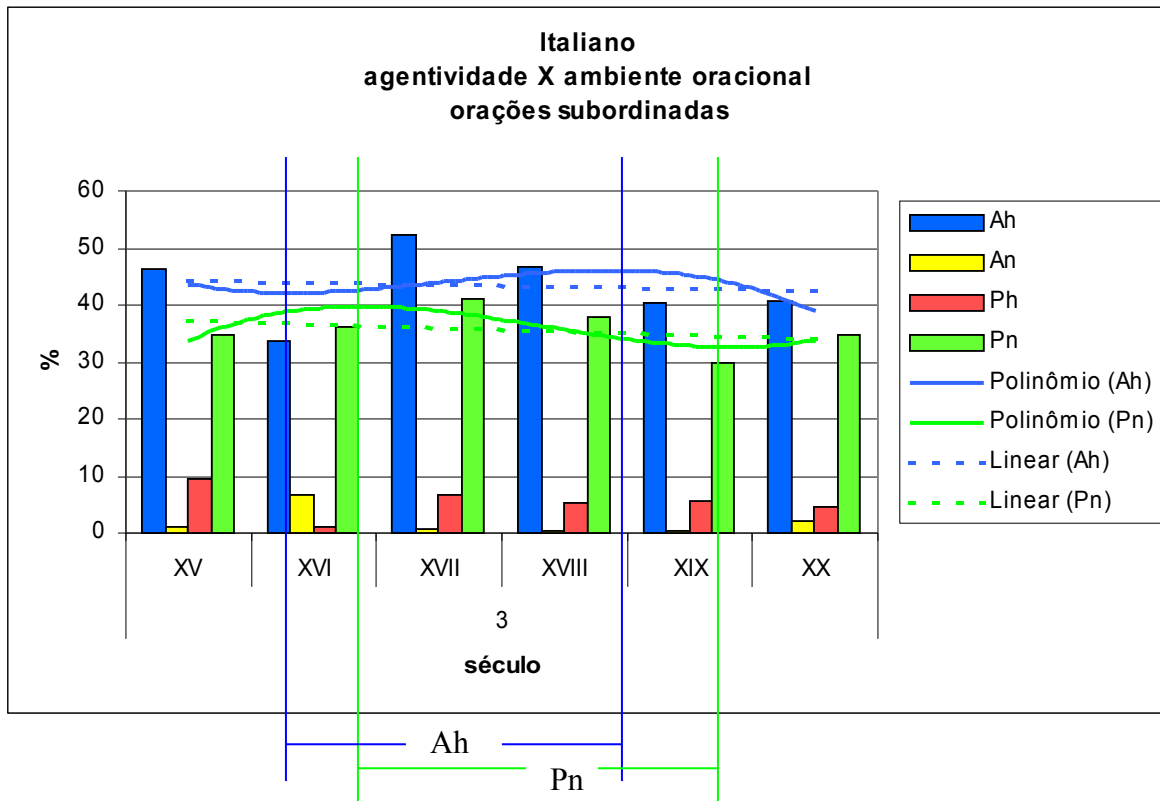


Gráfico I14 – médias de freqüências absolutas de ocorrência das classes de *agentividade* para orações subordinadas.

Isolando-se, por fim, o traço *agentividade*, podem-se comparar os comportamentos das classes mais freqüentes, **Ah** e **Pn**, em ambientes oracionais distintos. Observe-se, inicialmente, que o perfil da curva Ah1 é idêntico ao obtido para a distribuição de orações principais (q.v. Gráfico I12), indicando que, nesse caso, o ambiente oracional é determinante para a evolução de **Ah**. O traçado da curva **Ah3** é distinto de **Ah1** por apresentar um mínimo local no século XV; assemelha-se, portanto, à curva **Ah** no Gráfico I14.

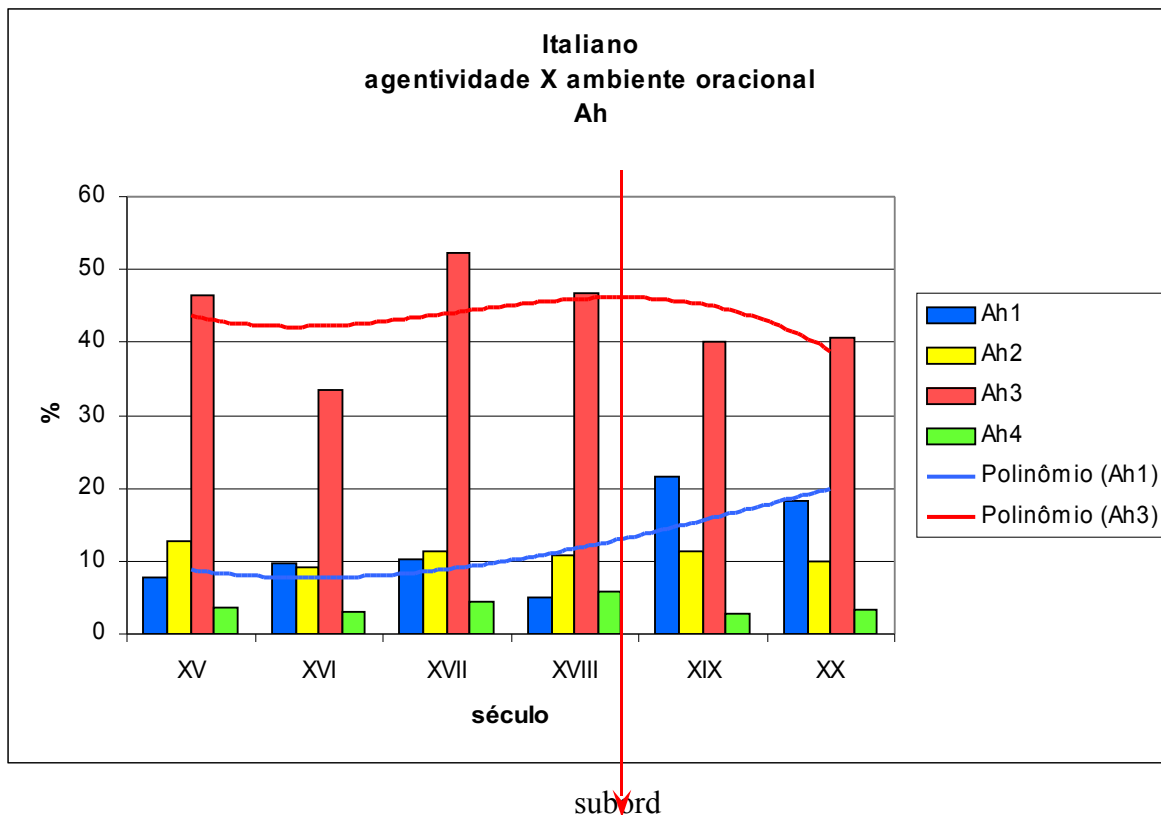
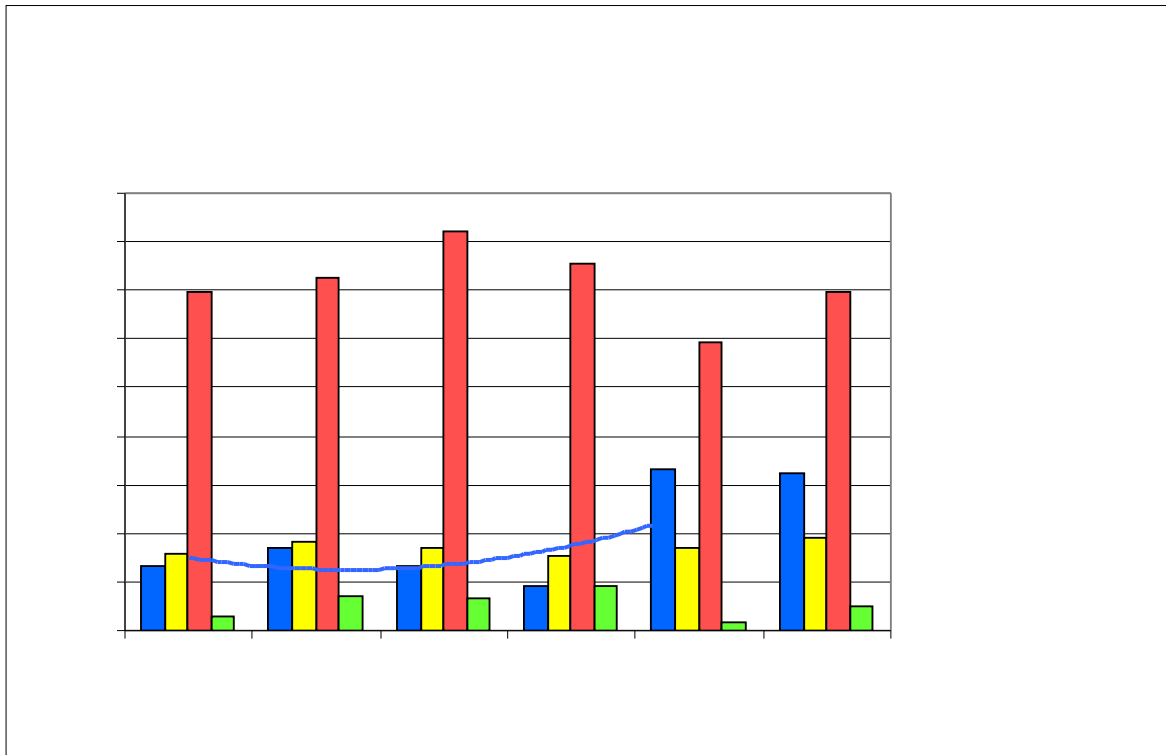


Gráfico I15 – médias de frequências absolutas de ocorrência das classes de *ambiente oracional* para Ah.

As curvas para **Pn** também remetem aos Gráficos I12 e I14, numa confirmação da relevância do ambiente oracional para a definição dos padrões de comportamento da amostra. Assim é que a curva **Pn1** tem um perfil ascendente característico de orações principais, enquanto **Pn3** tem o mesmo traçado praticamente senoidal já identificado acima. Como as configurações desses perfis são diferentes, é difícil argumentar em favor da influência de um ambiente oracional sobre outro; isso não impede que haja uma relação entre os mesmos no sentido de o aumento em orações principais ser condicionado, por exemplo, a uma certa proporção de orações subordinadas, isoladamente ou em combinação

com outros fatores: veja-se, a esse propósito, que o mínimo da curva **Pn1** coincide com o máximo de **Pn3**. A despeito da oscilação das freqüências de orações subordinadas, a ascensão das freqüências de principais, uma vez acionada, não se deteve até o final do intervalo considerado neste estudo.



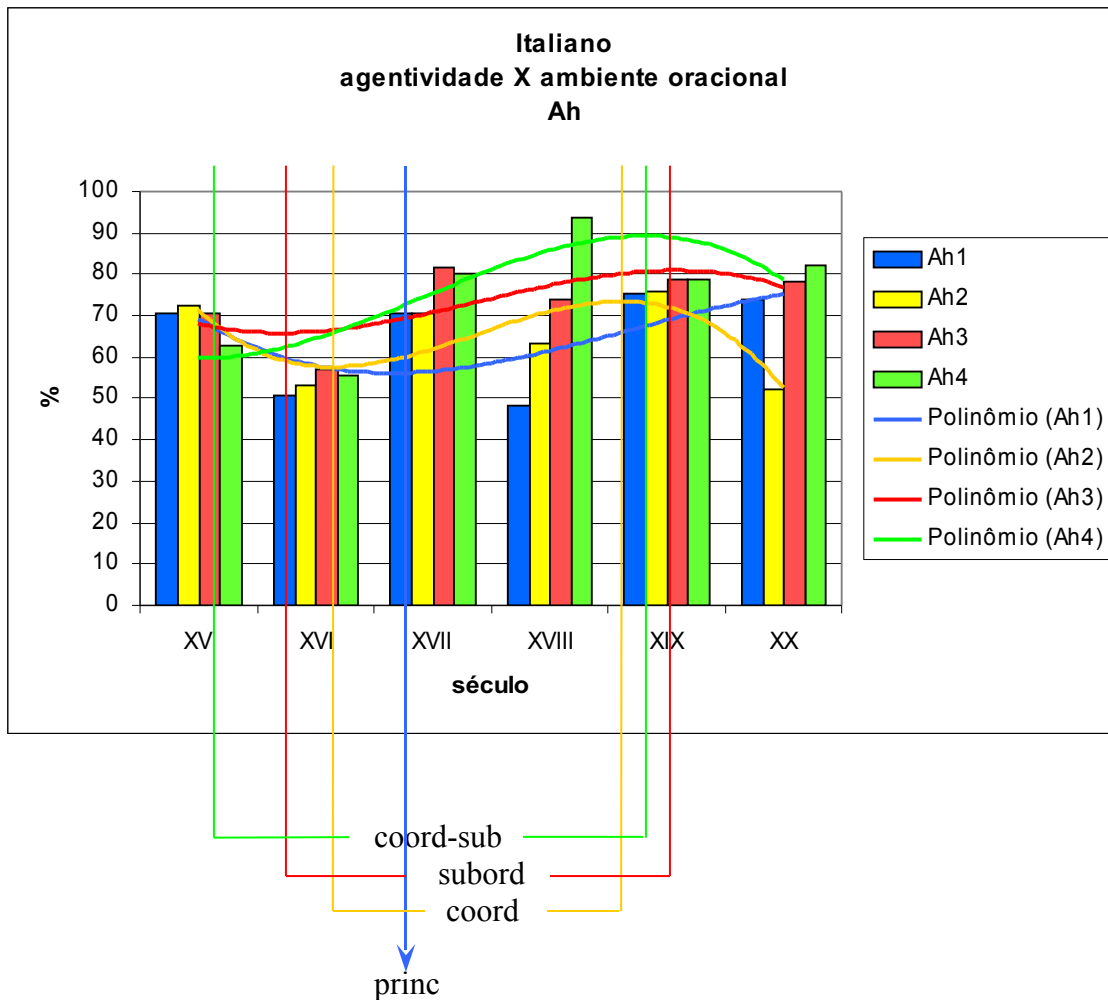


Gráfico I17 – médias de freqüências absolutas de ocorrência das classes de *ambiente oracional* para Ah.

Normalizando-se também as curvas de I16, verificam-se relações semelhantes para Pn: o ponto crítico da curva **Pn1** está situado entre os das curvas **Pn2** e **Pn3**. Observe-se, contudo, que os máximos locais desses dois polinômios são praticamente coincidentes no início do século XVI, ao passo que há um espaçamento maior entre os mínimos locais no século XIX. Interessante também é o fato de que, para **Ph** e diferentemente do que se viu para **Ah**, as subordinadas precedem as coordenadas nesses pontos críticos.

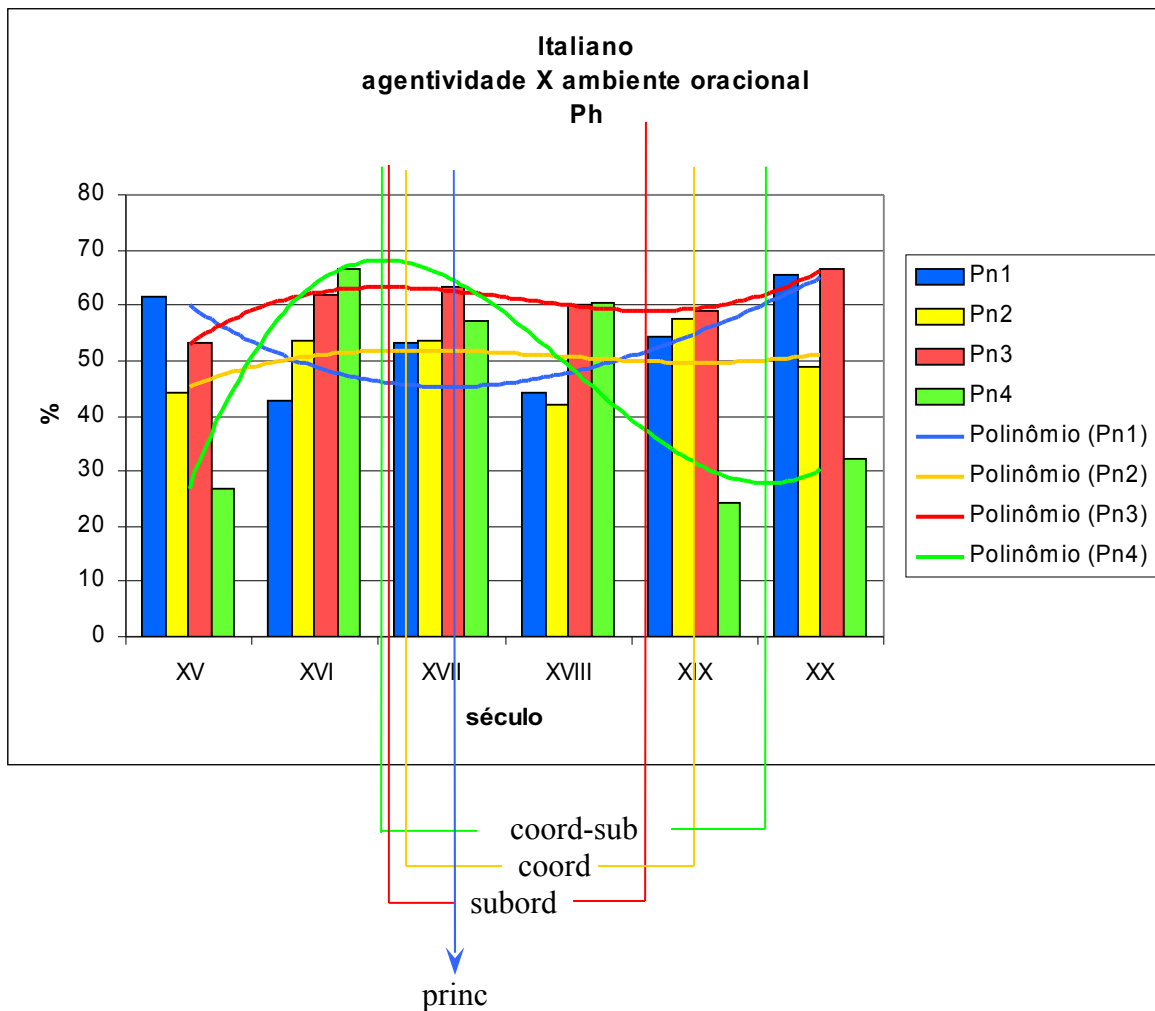


Gráfico I18 – médias de freqüências absolutas de ocorrência das classes de *ambiente oracional* para Ah.

A classe **k** (sujeito pleno) do fator peso de S mostra uma nítida especialização em termos de ordem de constituintes: expressa-se preferencialmente nas categorias **a** (SVC), **g** (SV) e **h** (VS), aumentando nas que têm sujeito pré-verbal e diminuindo na que o apresenta em posição pós-verbal. As inclinações das RRLs (iRRL) para essas ordens são, respectivamente, 4,94, 1,44 e -16. Comparem-se esses resultados com os de português, que mostra predominância das mesmas categorias sintáticas e aumento das proporções relativas de todas as três (apesar de as freqüências relativas das ordens de complemento não-expresso em português mudarem mais rapidamente do que em italiano).

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Expositione (XV)	Et similmente usa lachiesa sancta dimutare il nome ad coloro che sono facti papa
Compendio (XVI)	I pesci paludosi, & che hãno sapore di fango... in breue spacio diuentano saporiti, & buoni
Campanella (XIX)	Erano allora in gran voga, e giustamente, i Padri Ministri degli infermi: lo stesso venerabile Camillo
Graal (XX)	Quando però, l'indomani, i Giudei aprirono i sigilli con l'intenzione di uccidere

Tabela I12 – exemplos de ocorrências de sujeito pleno.

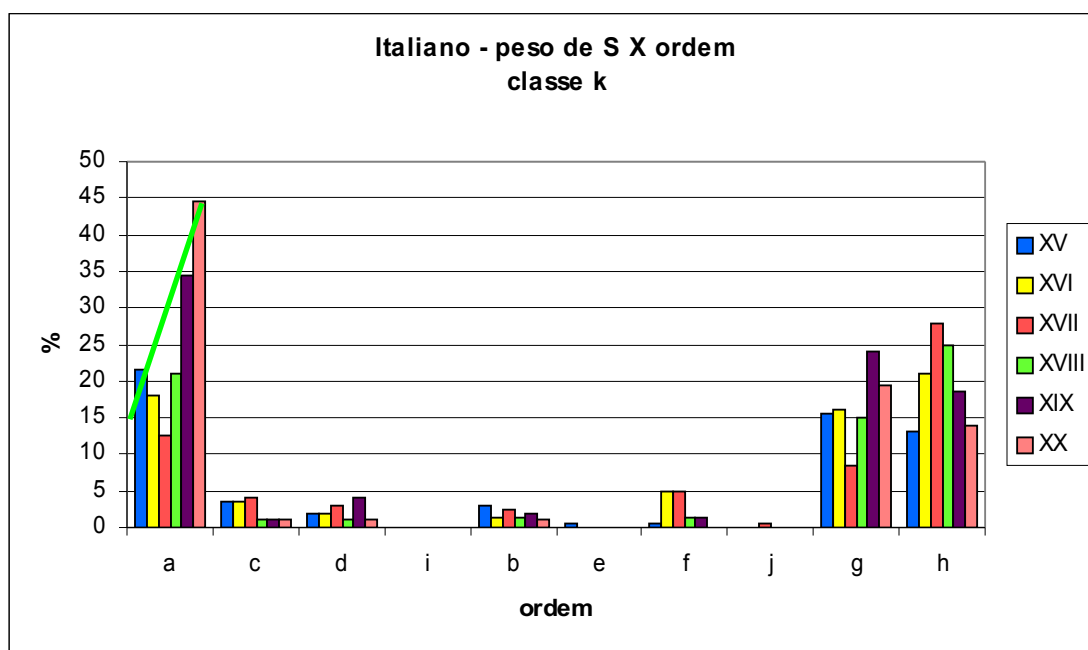


Gráfico I19a – proporções relativas de sujeito pleno no *corpus* italiano.

A classe **I** (sujeito pronominal) tem expressividade menor do que **k** (sujeito pleno), mas apresenta o mesmo perfil básico desta: as ordens mais proeminentes são **a** (SVC), **g** (SV) e **h** (VS) – todas com tendências decrescentes¹⁵ –, e as demais ocorrem em frequências mais modestas ou praticamente nulas.

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Dyologo (XV)	Questo che io tho dicto certame[n]te se puo prouare:che certamente
--------------	--

¹⁵ Apesar da flutuação nos valores da ordem **h** (VS), a regressão linear para esse subconjunto de ocorrências retorna um valor negativo (-.67) para a reta que resolve a distribuição dos dados.

LingToscana (XVI)	Negano molti (come dicemmo a suo luogo) la persona nel nome, ma
Christoforo (XVII)	non prima (direi io) per non auuilire più di quello
Principj (XVIII)	Egli è fondato sopra quella Dignità ; che cangiandosi gli huomini , ritengono
Campanella (XIX)	ed egli intanto avrebbe letto questi esami per valersene a tempo opportuno. - Come ben s' intende,
Eco (XX)	"Tu hai chiara la visione della costituzione del popolo di Dio. Un grande gregge, pecore buone

Tabela I13 – exemplos de ocorrências de sujeito pronominal.

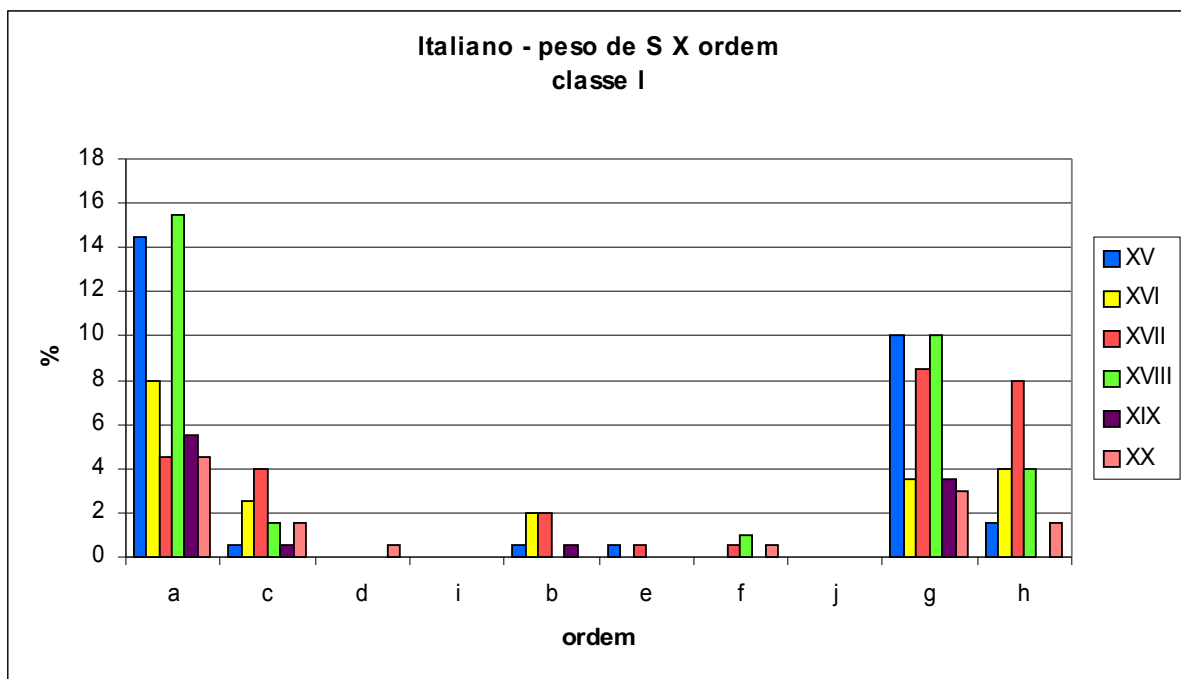


Gráfico I19b – proporções relativas de sujeito pronominal no *corpus* italiano.

O sujeito oracional ocorre em proporções baixas, mas parece tender a uma especialização nas ordens VCS (**d**) e VS (**h**) - i.e., com sujeito preferencialmente posposto ao verbo, independente da presença do complemento verbal. Entretanto, essa distribuição mostra tendências diferentes, na medida em que a ordem **d** (VCS) aumenta levemente em frequência (iRRL = .23), ao passo que **h** (VS) apresenta perfil subhorizontal (iRRL = -.02).

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Expositione (XV)	Dipoi piacque alla sancta chiesa agiugnere laltre parte
------------------	---

Compendio (XVI)	ch'è vno stupore, il vedere vn castello tâto ristretto si sito; dare tâta somma di vetronaglie,nõ
Viaggi (XVII)	è ben vero, che per la strada anderà sempre ingrossando
Lettere (XVIII)	Parmi innegabile , che Virgilio in questo luogo, e in mille altri simili , abbia voluto piacere ad Augusto
Geografia (XIX)	è certo che la razza antica occupante l'Africa settentrionale serviva di tipo agli
Graal (XX)	È noto che il Nuovo Testamento... si è formato e trasformato con il passare

Tabela I14 – exemplos de ocorrências de sujeito oracional.

A classe **n** (complemento pleno) tem peculiaridades interessantes em relação às demais. Observe-se, inicialmente, a concentração dessas ocorrências nas ordens **a** (SVC) e **i** (VC), ambas trazendo o complemento em posição pós-verbal. Em segundo lugar, os perfis dessas duas categorias sintáticas coincidem com os observados para o *corpus* espanhol, mas são distintos do português: a ordem **a** (SVC) aumenta em frequência relativa (iRRL = 3,16), enquanto **i** (VC) diminui (iRRL = -.54).

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Dyologo (XV)	che per sua oratione mosse vno monte da vno luo/cho ad vno altro
LingToscana (XVI)	considerando che elle non accennan'vn Nome, ma vn Pronome
Christoforo (XVII)	e qual Colomba altresì... annūciar buona nuoua dell'Euangelica pace
Principj (XVIII)	e le loro famiglie per le loro patrie , che lor conservavano le famiglie ; e per esso erano
Campanella (XIX)	Il Nunzio non tardò a trasmettere a Roma le pretensioni del Vicerè, tanto sul modo de formare il tribunale, quanto
Graal (XX)	e se i settatori di un movimento hanno commesso un delitto, questo delitto sarà attribuito a ciascun

Tabela I15 – exemplos de ocorrências de complemento verbal pleno.

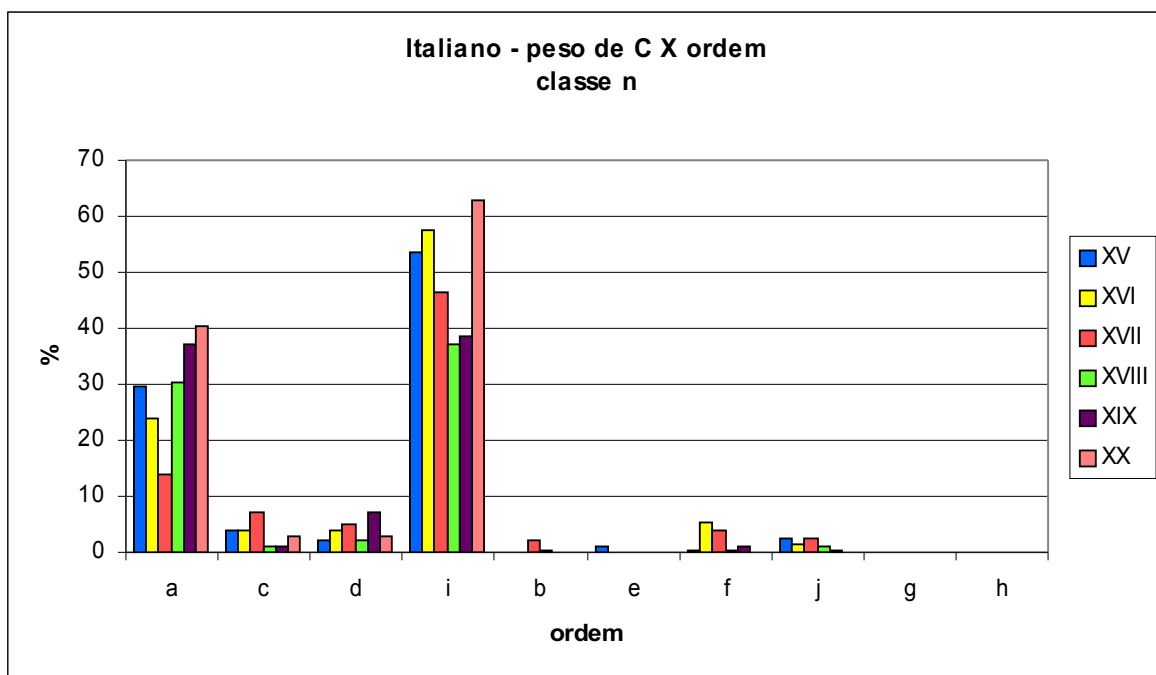


Gráfico I19c – proporções relativas de complemento verbal pleno no *corpus* italiano.

A distribuição da classe **o** (complemento pronominal), por sua vez, distingue o italiano dos conjuntos ibéricos: especializando-se em torno das ordens **i** (VC), **j** (CV) e **b** (SCV), o italiano mostra proporções mais expressivas (ainda que diminuam ao longo do intervalo de amostragem) da ordem **i** (VC) para objetos pronominais, enquanto o português e o espanhol concentram-se mais fortemente na ordem **j** (CV), que, nesses *corpora*, é decrescente.

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

<i>texto (século)</i>	<i>ocorrência</i>
-----------------------	-------------------

Expositione (XV)	ma se uogliamo parlare di quello Re non lo nomineremo signore in Ferrara
LingToscana (XVI)	e altri simili, i quali dimostrano la cosa accennata : insegnandola quasi col dito .
Viaggi (XVII)	e per far, che si mandasse altri in luogo suo
Principj (XVIII)	Ma ci piace <i>ad exuberantiam</i> confutarlo dagl' impossibili , e dagli assurdi di cotal sua posizione .
Geografia (XIX)	prima di farlo sentiamo in dovere d'espore tutt'i dati di fatto
Graal (XX)	La regina di questo castello l'ha fatta incastonare in oro e pietre preziose

Tabela I16 – exemplos de ocorrências de complemento verbal pronominal.

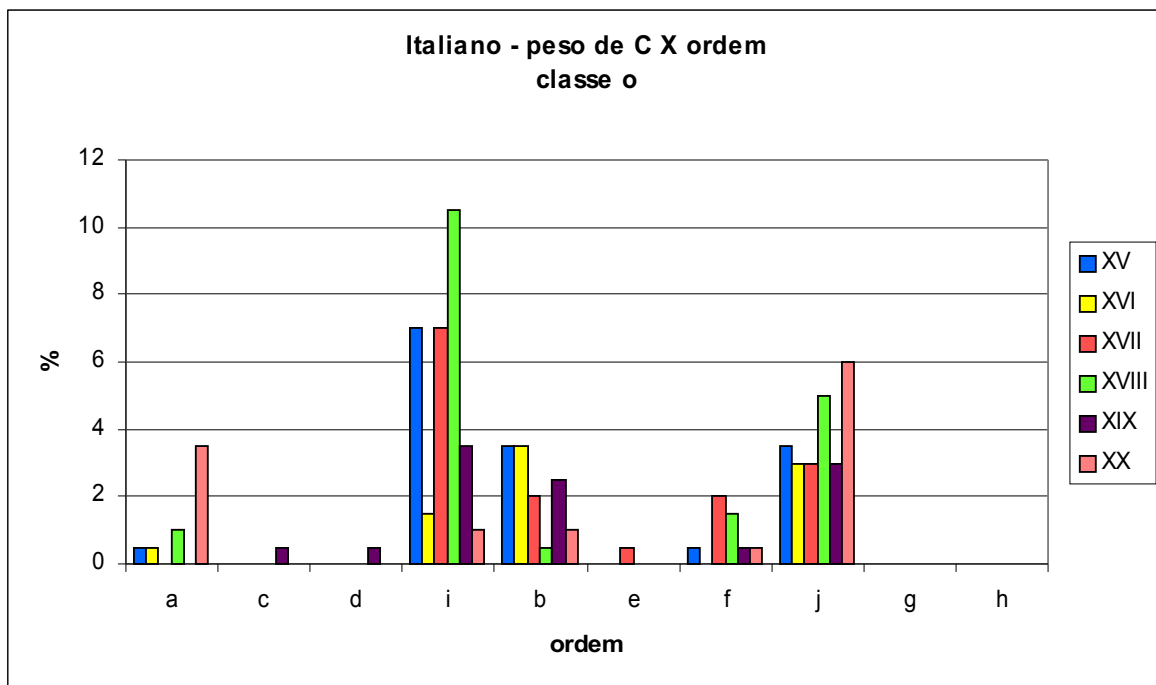


Gráfico I19d – proporções relativas de complemento verbal pronominal no *corpus* italiano.

Também a classe **p** (complemento verbal oracional) reflete uma peculiaridade do *corpus* italiano diante dos ibéricos: ainda que as ordens mais comuns sejam **a** (SVC) e **i** (VC), como acontece para os dados de português e de espanhol, verifica-se uma queda na frequência relativa de ambas, ao passo que a ordem **a** (SVC) dos conjuntos ibéricos tende a ser mais frequente.

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

texto (século)	ocorrência
----------------	------------

Dyálogo (XV)	si mōstra:che la predestinatione p priegi:e per oratione si adempie:quando
Compendio (XVI)	Sapendo per certo , che si come sono dette acque & fango gioueuoli a' corpi ben disposti
Christoforo (XVII)	e la negligenza insieme del Giustiniano, che dice non saperne la cagione
Lettere (XVIII)	di volersi far tale , io credo che prima d'ogni altra cosa egli debba piacere a se stesso ; e per ciò , innanzi
Campanella (XIX)	di S.ta Severina, annunziando che dirigevasi a Roma per dar conto del suo operato, ed egli intanto
Eco (XX)	E dopo un poco vedi che molti vengono a te, anche da terre lontane, e ti considerano un profeta, o un

Tabela I17 – exemplos de ocorrências de complemento verbal oracional.

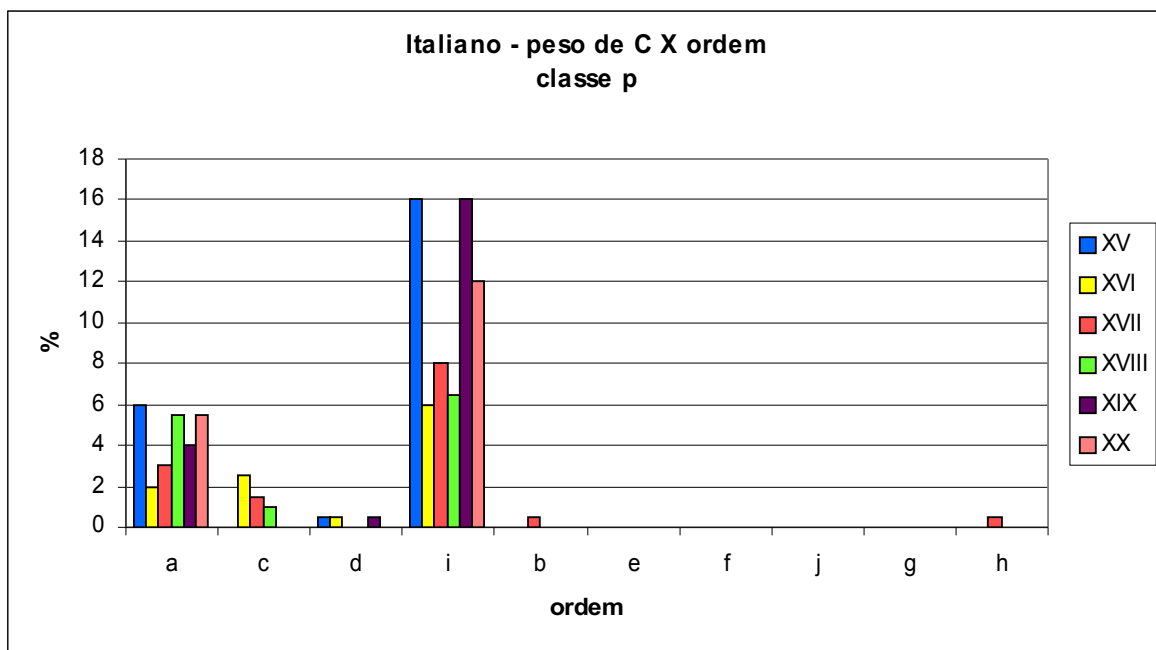


Gráfico I19e – proporções relativas de complemento verbal oracional no *corpus* italiano.

A Tabela I18 mostra que alguns traços parecem controlar o comportamento de vários grupos de ocorrências, como o sujeito pleno (**k**) – sempre crescente em frequência –, o sujeito pronominal (**l**) e o complemento oracional (**p**) – ambos decrescentes nas ordens em que são mais salientes; a única ordem determinante parece ser, até onde o *corpus* permite discernir, **i** (VC), cujas frequências diminuem para todo tipo de complemento. Os

padrões distintos de comportamento das classes de argumentos verbais em função de seu peso corroboram as observações feitas sobre o francês por Abeillé & Godard 1997.

ordem	k (S pleno)	l (S pron.)	m (S orac.)	n (C pleno)	o (C pron.)	p (C orac.)
a (SVC)	↗	↘		↗		↘
d (VCS)			↗			
i (VC)				↘	↘	↘
b (SCV)					→	
j (CV)					↗	
g (SV)	↗	↘	→			
h (VS)	↗	↘				

Tabela I18 – comportamento das ordens mais freqüentes
segundo o peso de S e de C.

O cruzamento dos fatores *peso de S e de C e ambiente oracional* mostra, uma vez mais, que este último tem maior relevância na definição dos comportamentos dos subconjuntos de dados. Chamam a atenção no Gráfico I20a, por exemplo, as semelhanças entre os perfis das curvas de sujeito pleno, **k**, em orações principais (1) e o encontrado no Gráfico I8, que trata das freqüências absolutas dessas mesmas orações. O traçado das subordinadas (3) e a reduzida variação de freqüência da classe **k** (sujeito pleno) em orações coordenadas (2) também são semelhantes aos encontrados dos Gráficos I13 e I14. Vejamos os exemplos e o gráfico de distribuição dos dados:

- 1 – Questo nome Maria e / etiam sancto in lei maximamente cioe puro - ExposRev XV
- 2 – & di qui tutto quel bagno prese nome di acque della Masera - CompRegole XVI
- 3 – perchè queste quattro nazioni con un senso uniforme sentirono - Vico XVIII
- 4 – mentre era richiuso in prigione e di come lo avesse liberato - Graal XX

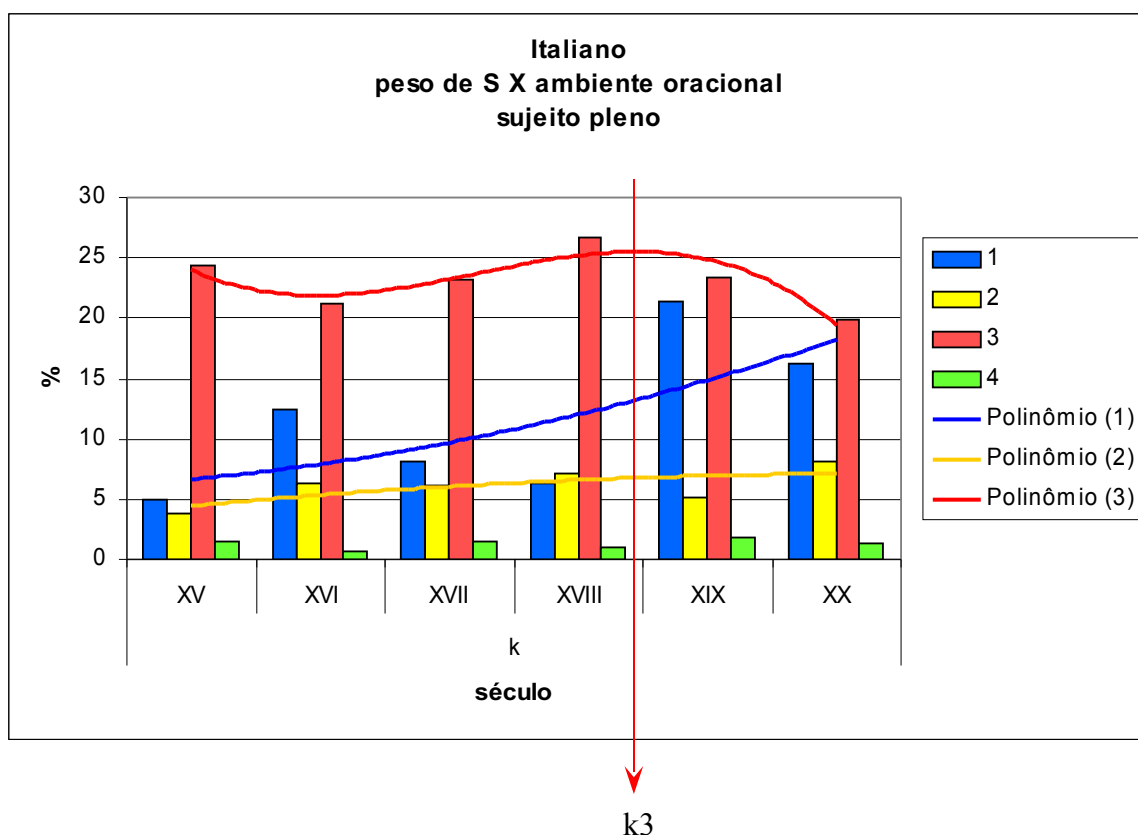


Gráfico I20a – freqüências absolutas de sujeito pleno diante do traço *ambiente oracional*.

Para o sujeito pronominal (classe I), que ocorre em proporções inferiores às da classe k (sujeito pleno), os perfis dos subconjuntos de dados mais freqüentes indicam uma tendência ao decréscimo; nota-se, além disso, que os máximos para as orações coordenadas (2) e as subordinadas (3) estão situados no século XVIII, mas as duas curvas convergem no final da amostragem. As freqüências de orações principais (1) associadas a sujeitos pronominais no *corpus* são excessivamente baixas (invariavelmente menores do que 4%), e não serão abordadas aqui. Apresentam-se, abaixo, exemplos de ocorrências associadas a esse traço no *corpus* italiano:

- 1 – Questo che io tho dicto certame[n]te se puo prouare:che - Dyalogo XV
- 2 – Cioè, non aspetasse, ne chiamasse lui, pur del medemo - LingTosc XVI
- 3 – hauendo io riceuuto risposta di molte altre mie, che portò il medesimo - ViagPellegr XVII
- 4 – la mia," disse Guglielmo, "e non so neppure se sia quella buona - Eco XX

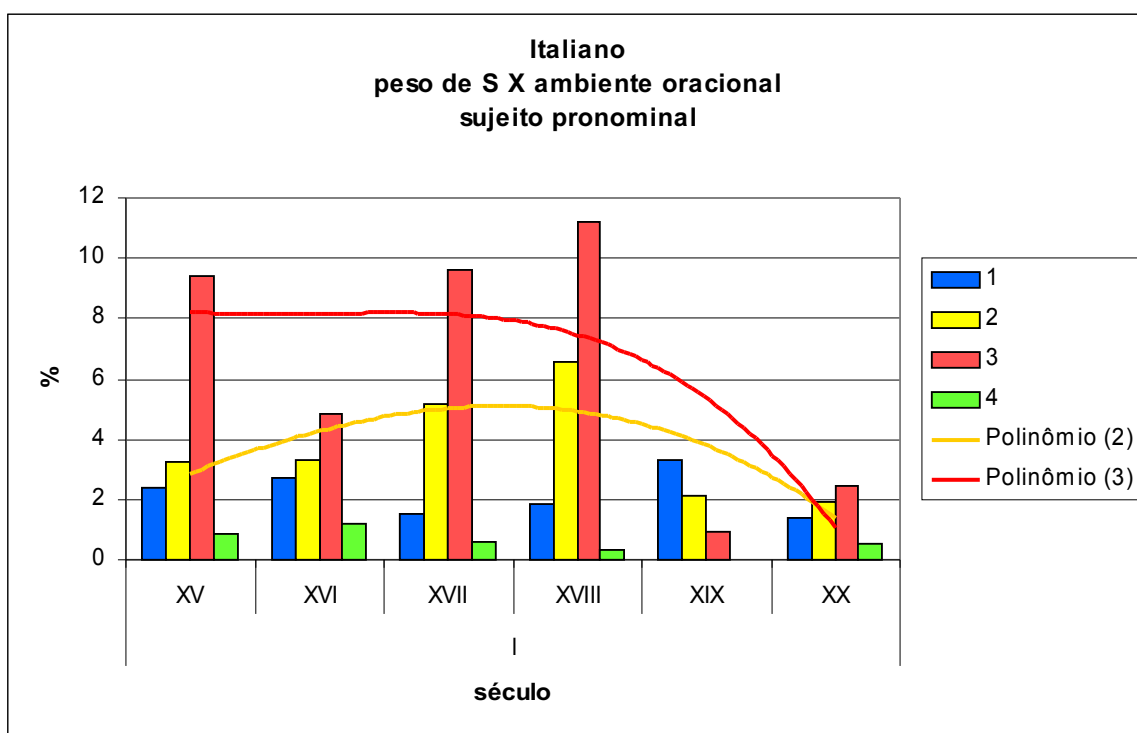


Gráfico I20b – freqüências absolutas de sujeito pronominal diante do traço *ambiente oracional*.

A classe **n**, que corresponde ao conjunto das ocorrências de complemento verbal pleno, atinge as frequências absolutas mais altas do *corpus* italiano. O perfil das classes de *ambiente oracional* é interessante: além da já esperada curva ascendente para o caráter **n** associado a orações principais (**1**), observa-se a inversão do traçado de **k3** no de **n3** (Gráfico I20d). Dito de outro modo, é possível que exista uma relação entre as duas classes; entretanto, é necessário expandir o *corpus* a fim de se poder investigar essa hipótese com mais propriedade estatística. Vejam-se os exemplos:

- 1 – AVE. Questa e una p{ar}ola salutoria et puossi transferire i{n}uulgare - ExposRev XV
- 2 – Il detto primo Dugale fu, & è chiamato Dugal della Masera, ò sia - CompReg XVI
- 3 – per verificare insieme il luogo,e'l tempo della nascita di lui - Christoforo XVII
- 4 – che dai più degli uomini... si ricercano , e vogliono acquistarsi molti superflui comodi - PrincLettere XVIII

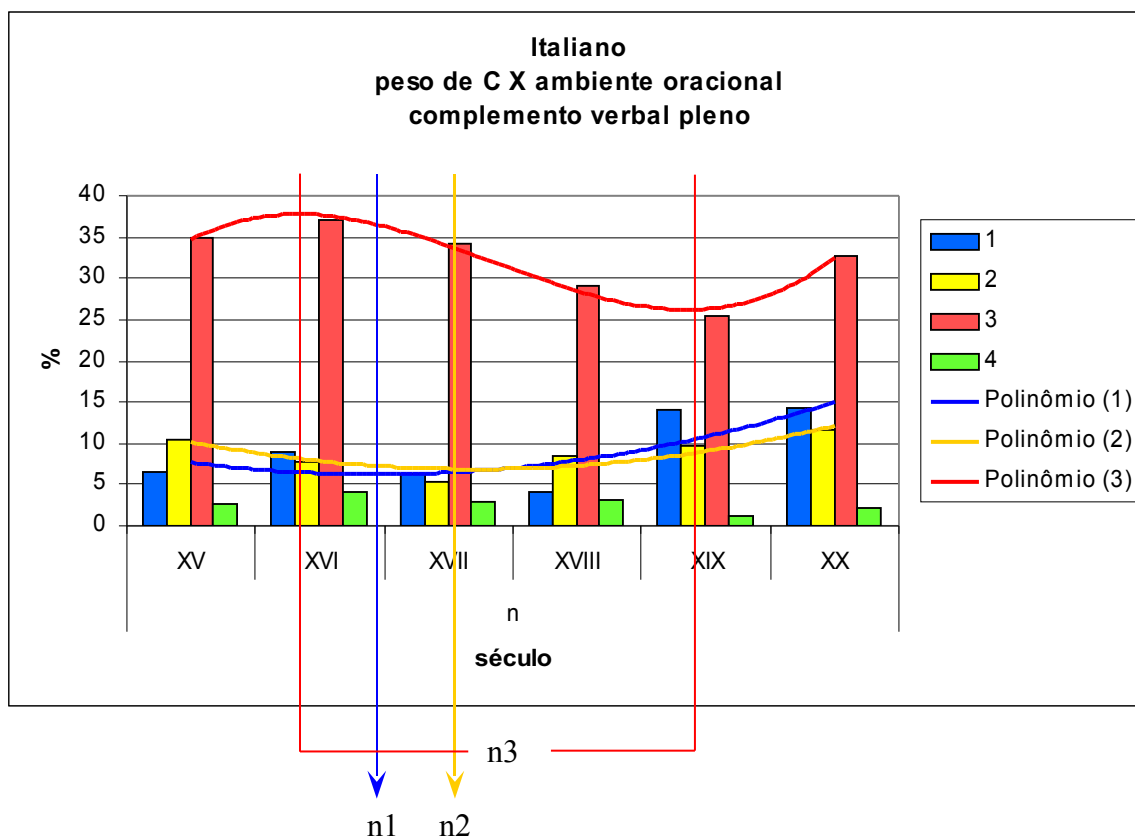


Gráfico I20c – frequências absolutas de complemento verbal pleno diante do traço *ambiente oracional*.

No gráfico abaixo, apresentam-se apenas as curvas correspondentes às frequências absolutas de **k3** e de **n3** para comparação. Notam-se imediatamente a) que as subordinadas são mais comuns que as principais em toda a amostra, e b) que as duas curvas são defasadas de $\frac{1}{2}$ período – ou seja, o máximo de uma praticamente coincide com o mínimo da outra. Entretanto, os pontos críticos de **k3** ocorrem num intervalo mais curto do que os de **n3** – ou seja, a taxa de mudança das frequências de **k3** é mais alta que a de **n3**.

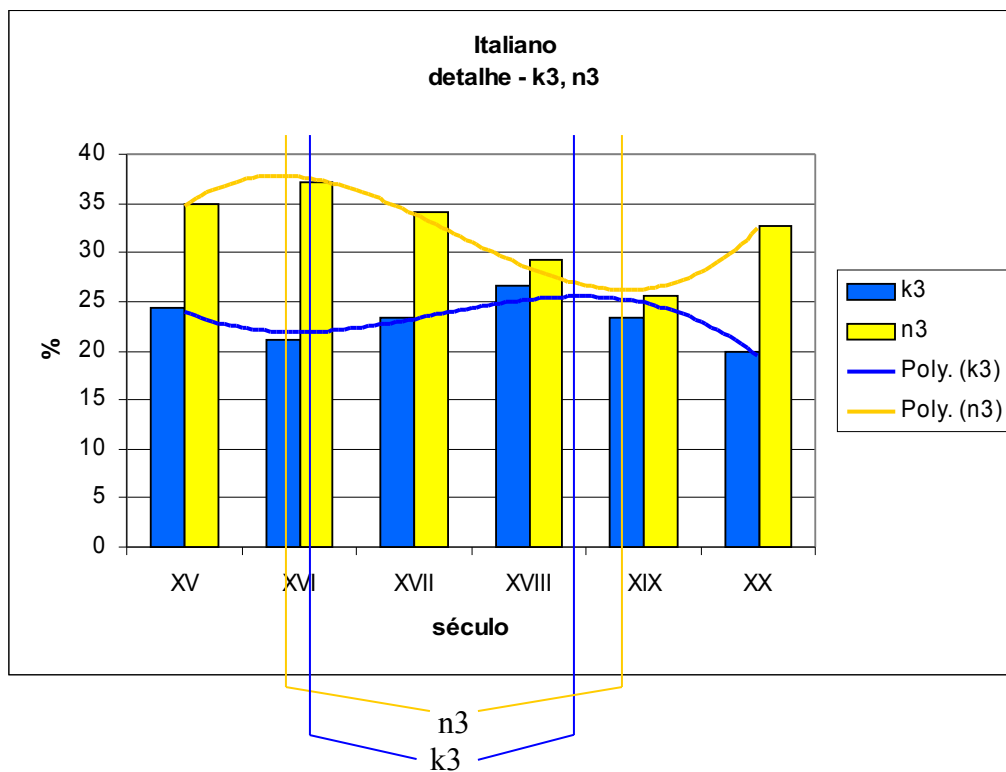


Gráfico I20d – contraposição dos perfis das classes **k** e **n** para orações subordinadas.

Os mesmos fatores podem, naturalmente, ser combinados de outra forma: fixando-se o ambiente oracional, as classes de *peso de S e de C* são comparadas em termos de frequência absoluta e de comportamento ao longo do intervalo de amostragem. Observam-se, então, para as orações principais, a predominância das classes **k** e **n**, cujos perfis são crescentes ($iRRL(k1) = 2,32$; $iRRL(n1) = 1,47$) – remetendo ao padrão de comportamento já definido para outras categorias. As outras classes ocorrem em proporções muito baixas em orações principais, esboçando-se apenas fracamente tendências ao aumento ou ao decréscimo.

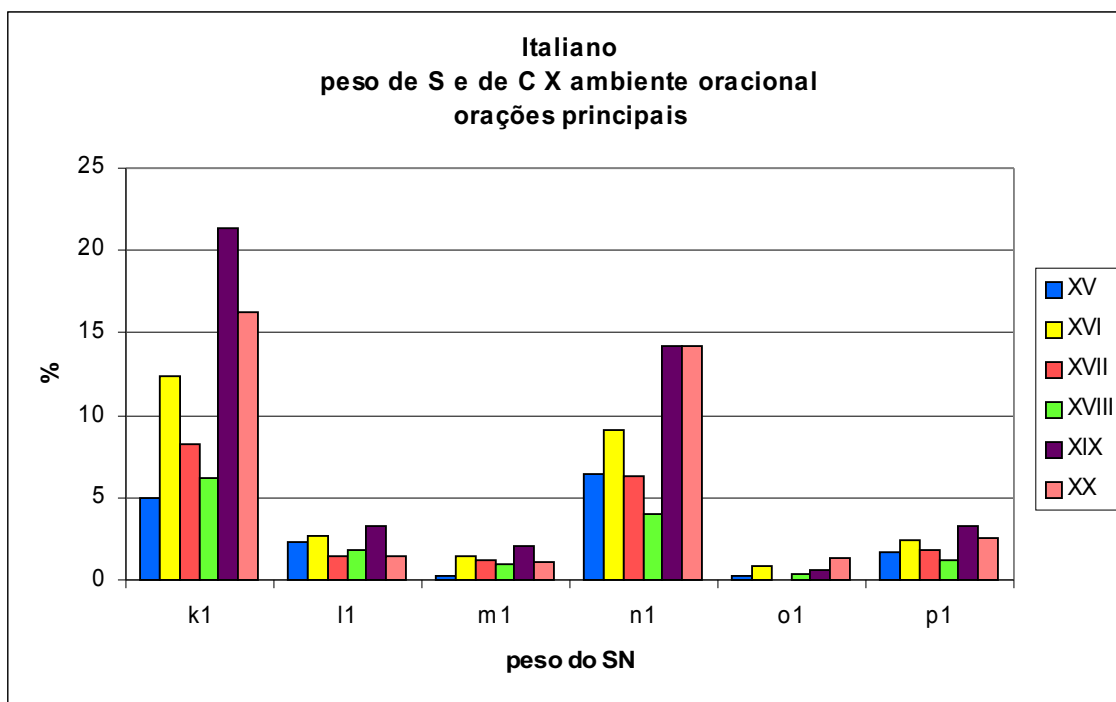


Gráfico I20e – frequências absolutas das classes de *peso de S e de C* para orações principais.

Também para as coordenadas, as classes de sujeito (**k**) e de complemento verbal pleno (**n**) apresentam perfis crescentes ($iRRL(\mathbf{k}) = .51$; $iRRL(\mathbf{n}) = .32$). Apesar de essas serem as duas classes mais freqüentes em orações coordenadas, nesse ambiente oracional há maior contribuição dos demais tipos de S (especialmente o pronominal, **l**) e de C (tanto pronominal, **o**, quanto oracional, **p**). Em outras palavras, as orações coordenadas são menos especializadas que as principais no que respeita aos tipos de argumento do V.

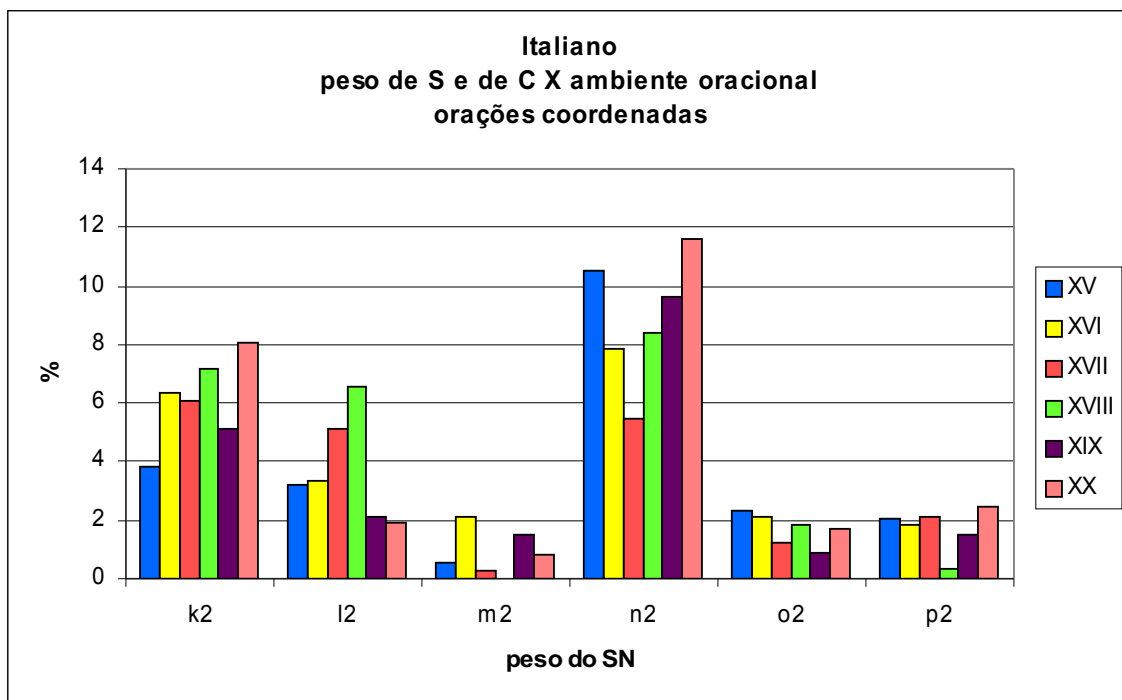


Gráfico I20f – freqüências absolutas das classes de *peso de S e de C* para orações coordenadas.

Para as subordinadas, por fim, verifica-se uma distribuição preferencial em torno das classes de sujeito pleno, **k**, e de complemento verbal pleno, **n**. Entretanto, as tendências dos dois conjuntos são decrescentes ($iRRL(\mathbf{k3}) = -1.18$; $iRRL(\mathbf{n3}) = -1.45$), a exemplo do que já foi observado para outras categorias acima, e dá suporte à afirmativa de que o fator *peso de S e de C* também está subordinado ao *ambiente oracional*.

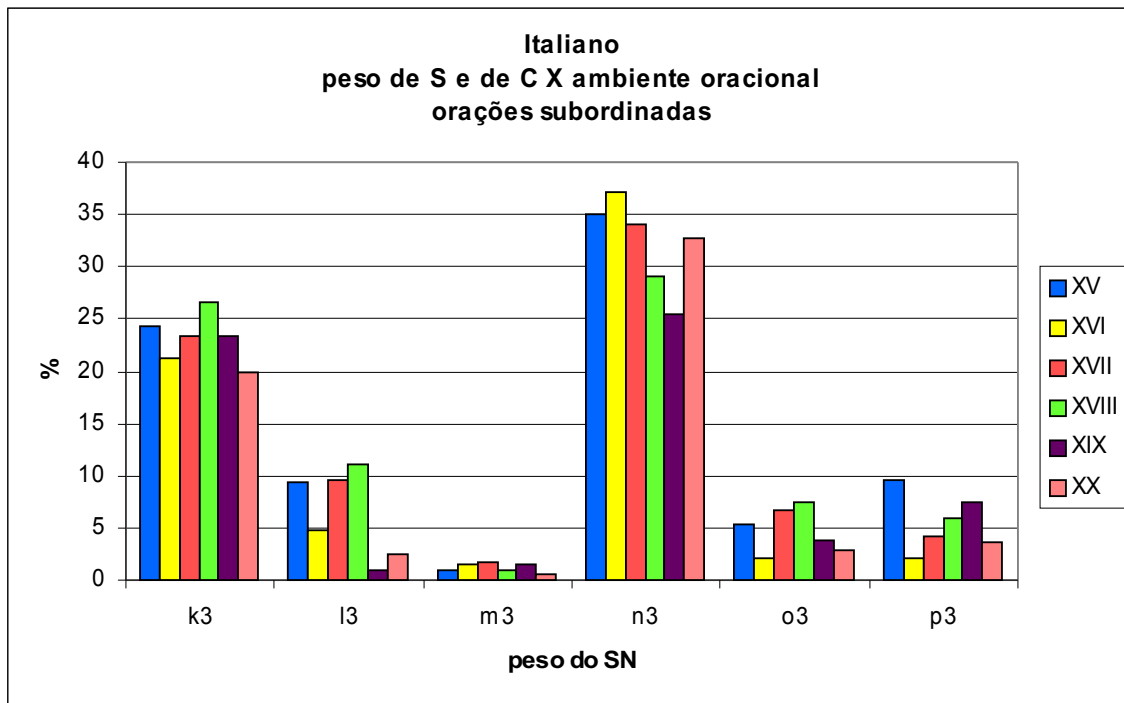
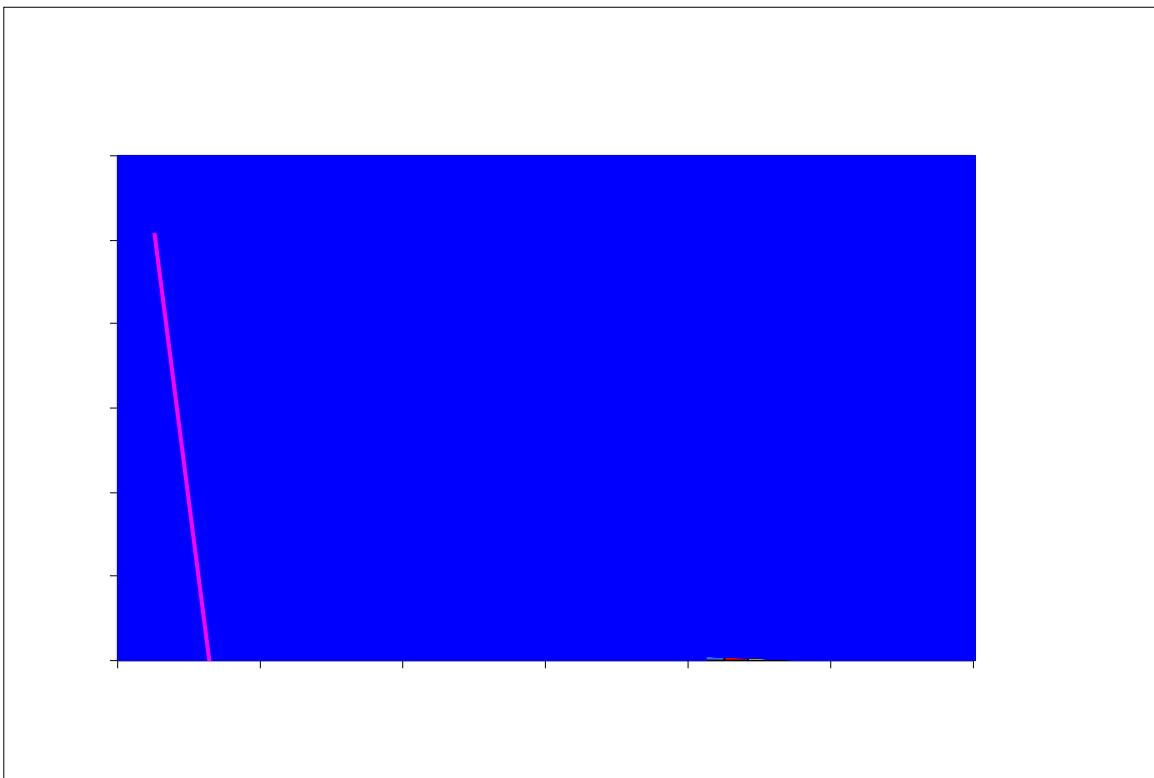


Gráfico I20g – frequências absolutas das classes de *peso de S e de C* para orações subordinadas.

O cruzamento dos fatores *regência do verbo* e *ordem* mostra que as ocorrências tendem a se concentrar nas classes **a** (SVC), **i** (VC), **g** (SV) e **h** (VS), enquanto as demais se apresentam com menor frequência. A expressividade relativa dessas classes no *corpus* é ilustrada no gráfico I23a; note-se a predominância absoluta, em todo o intervalo considerado, da classe **u** (transitivos diretos), ao passo que **v** (transitivos indiretos) ocorrem segundo proporções invariavelmente baixas.



Para a classe **v** (verbos transitivos indiretos), as tendências indicam aumento na frequência das ordens diretas, **a** (iRRL(SVC) = 2,72), **i** (iRRL(VC) = 2,13) e **g** (iRRL(SV) = 5,83), e diminuição do número relativo de ocorrências de ordem **h** (iRRL(VS) = -1,63). É interessante notar que a ordem **g** (SV) é mais expressiva que **a** (SVC) e **i** (VC) juntas, indicando uma especialização desse tipo de verbo nessa mesma classe de *ordem de constituintes*.

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Dyologo (XV)	lo qual desiderando di piu piacere a dio : si fece monacho in quello luochu	i (VC)
LingTosc (XVI)	perche se sil Pronome non serue ad altro, che a'rappresentar'alcun nome	a (SVC)
Christoforo (XVII)	si esposse il primo ad vna nuoua insolita nauigatione, solcò	c (VSC)
Lettere (XVIII)	Ma , per Catone , un mezzo verso basta a Virgilio ; tre soli per Giunio Bruto ;	a (SVC)
Geografia (XIX)	essi appartenevano probabilmente alla stessa famiglia	a (SVC)
Graal (XX)	L'evoluzione ultima torna alla raffigurazione più semplice con sole tre figure	a (SVC)

Tabela I.20 – exemplos de ocorrências com verbos transitivos indiretos.

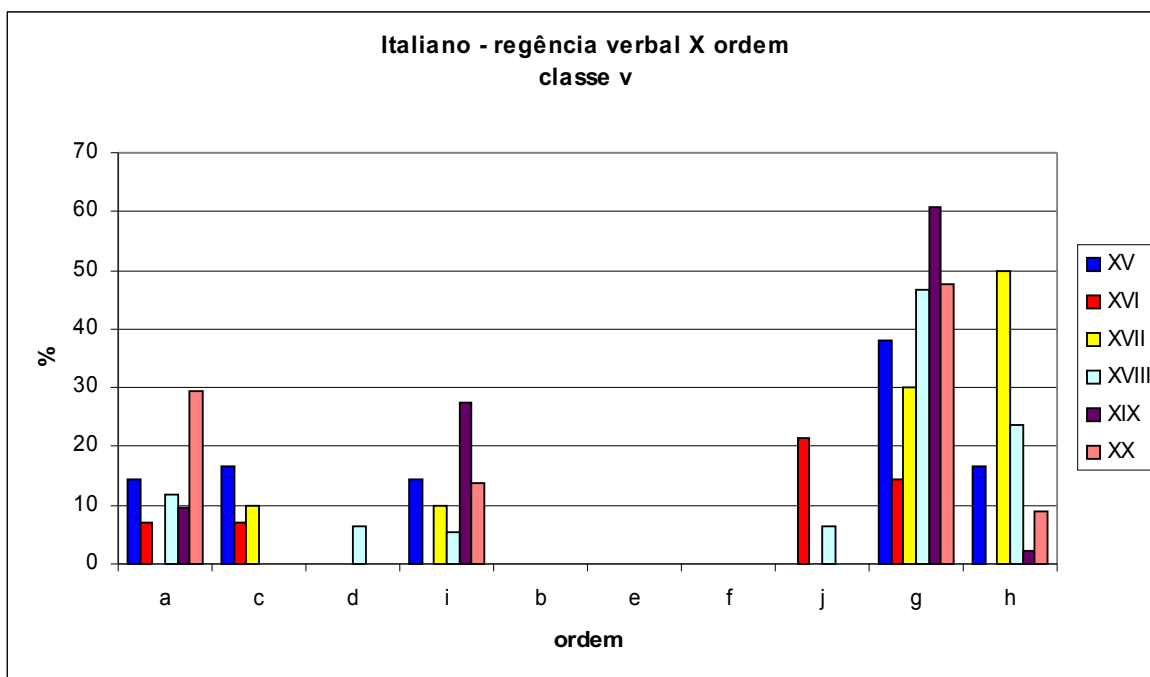


Gráfico I21c - proporções absolutas de verbos transitivos indiretos no corpus italiano.

O comportamento da classe **w** (verbos bitransitivos) assemelha-se, em vários aspectos, ao da classe **u** (transitivos diretos). Vejam-se a predominância da ordem **i** (VC), que diminui em frequência relativa (iRRL = -0,44), ao passo que as proporções das ordens que têm sujeito expresso, **a** (SVC), **g** (SV) e **h** (VS), tendem a aumentar, mesmo que discretamente (iRRL(**a**) = 1,53; iRRL(**g**) = 0,43; iRRL(**h**) = 0,86).

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Expositione (XV)	che qualche volta per me la offerischino alla madre del mio signore	j (CV)
Compendio (XVI)	si parte rendendone gratie al Sõmo Iddio donatore di ogni gratia	i (VC)
Principj (XVIII)	Repubbliche libere , con proporre a'sedotti o libertà , o potenza , o ricchezze :	i (VC)
Campanella (XIX)	Egli trasmise questa notizia al suo Governo, e contemporaneamente partecipò	a (SVC)
Eco (XX)	Puoi anche aggiungere alla mia pessima allegoria l'immagine di qualcuno che tenta	i (VC)

Tabela I.21 – ocorrências associadas ao traço **w** (verbo bitransitivo) no *corpus* italiano.

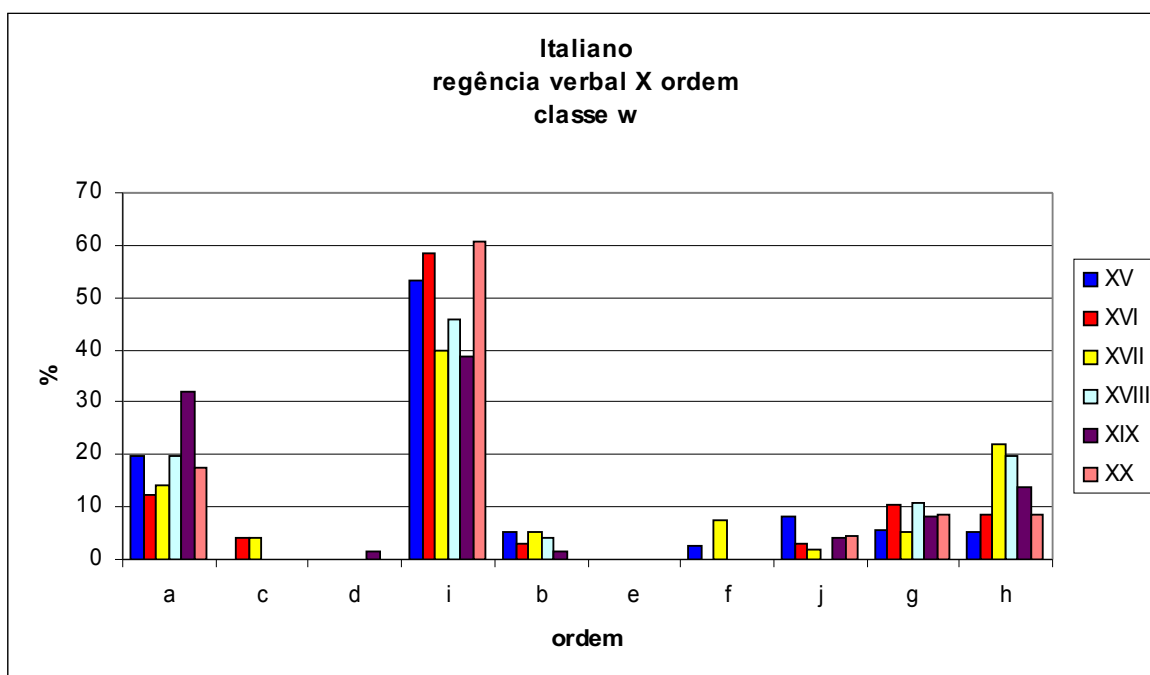


Gráfico I21d - proporções absolutas de verbos bitransitivos no *corpus* italiano.

Os verbos de ligação (classe **x**) mostram, em relação às outras classes para o mesmo fator, maiores proporções relativas das ordens **c** (VSC) e **d** (VCS), além de a ordem **a** (SVC) ser mais comum que **i** (VC). Feitas essas considerações, observa-se que, dentre essas ordens, as que têm expressos os dois argumentos do verbo tendem a aumentar em frequência ($iRRL(\mathbf{a}) = 3,61$; $iRRL(\mathbf{c}) = 0,04$; $iRRL(\mathbf{d}) = 1,47$), enquanto as outras tendem a diminuir ($iRRL(\mathbf{i}) = -3,12$; $iRRL(\mathbf{g}) = -0,74$; $iRRL(\mathbf{h}) = -0,05$).

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Expositione (XV)	p{er}che ilpadre et ilfigliuolo et ilspirito sancto sono uno dio benedecto in eterno	a (SVC)
LingToscana (XVI)	Indeclinabili sono Egli, Chi... e tutti gli altri di questa natura	f (CVS)
Christoforo (XVII)	non esser ella legitima,e vera,mà finta,&inuentata dal Gallo	c (VSC)
Lettere (XVIII)	di mano ? più certo era il pane ; non era infame il mezzo ; e non avreste così dovuto	d (VCS)
Geografia (XIX)	Il De Rougè pensa che questa parola sia la designazione d'una grande divisione geografica	a (SVC)

Tabela I22 – ocorrências associadas ao traço **x** (verbo de ligação) no *corpus* italiano.

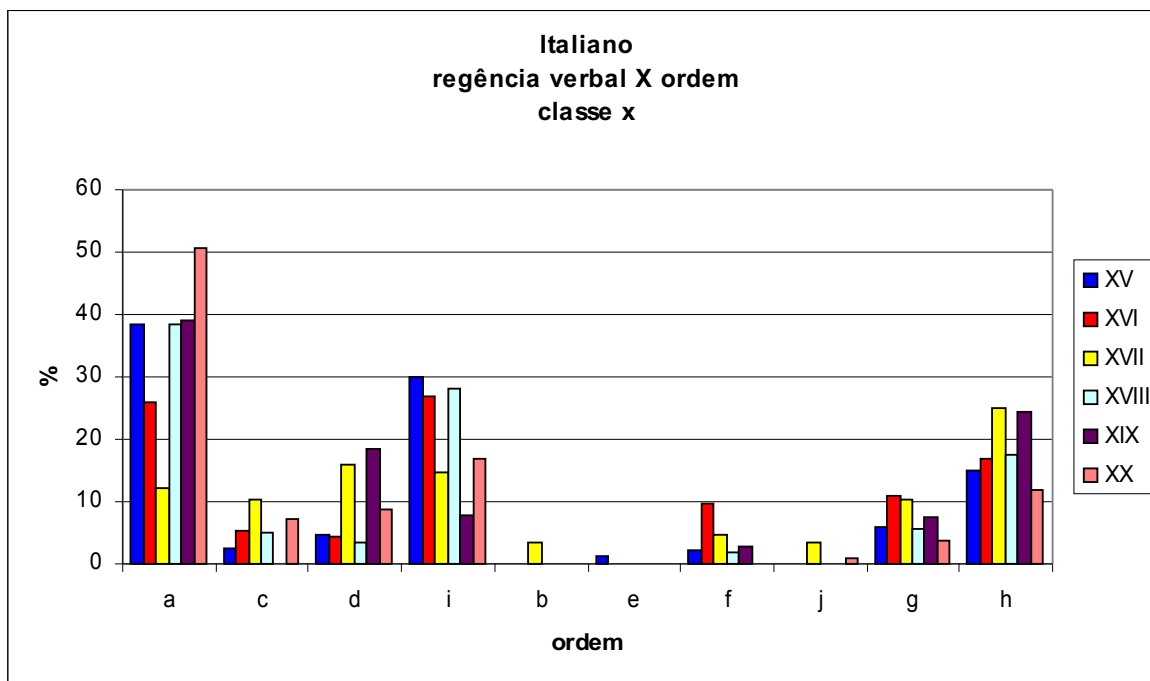


Gráfico I21e - proporções absolutas de verbos de ligação no *corpus* italiano.

Para a classe dos verbos intransitivos, **xx**, as duas ordens segundo as quais as ocorrências se distribuem, **g** (SV) e **h** (VS), apresentam-se em variação estável: $iRRL(\mathbf{g}) = 0,03$, $iRRL(\mathbf{h}) = -0,03$. Deve-se ressaltar o fato de que as frequências absolutas giram em torno dos 10% (q.v. Gráfico I.23).

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Expositione (XV)	p{er}che ilpadre et ilfigliuolo et ilspirito sancto sono uno dio benedecto in eterno	a (SVC)
LingToscana (XVI)	Indeclinabili sono Egli, Chi... e tutti gli altri di questa natura	f (CVS)
Christoforo (XVII)	non esser ella legitima,e vera,mà finta,&inuentata dal Gallo	c (VSC)
Lettere (XVIII)	di mano ? più certo era il pane ; non era infame il mezzo ; e non avreste così dovuto	d (VCS)
Geografia (XIX)	Il De Rougè pensa che questa parola sia la designazione d'una grande divisione geografica	a (SVC)
Graal (XX)	È difficile collegare questo personaggio a una qualsiasi narrazione	d (VCS)

Tabela I23 – ocorrências associadas ao traço **xx** (verbo intransitivo) no *corpus* italiano.

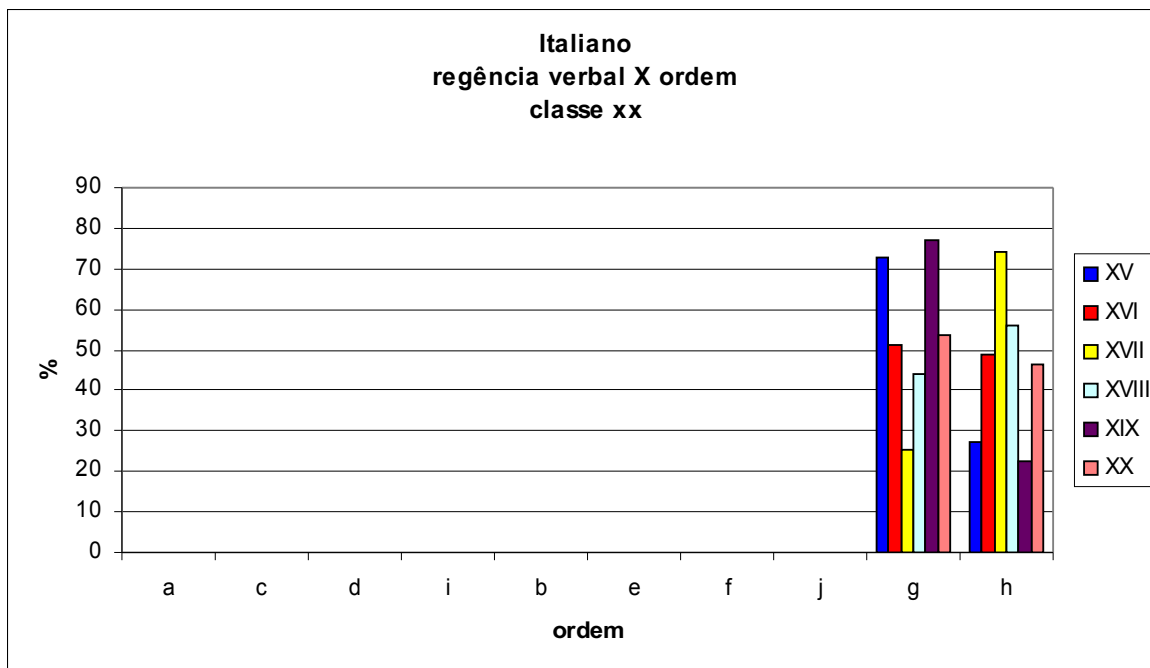


Gráfico I21f - proporções absolutas de verbos intransitivos no *corpus* italiano.

A Tabela I29 sumariza os comportamentos das ordens mais comuns no *corpus*; observa-se que, para todas as classes de regência, a ordem **a** (SVC) aumenta em frequência (cf. Gráfico I.2).

Em alguns casos, há comportamentos que parecem ser determinados pela presença e pela posição dos argumentos do verbo: a classe **v** (trans. indiretos), por exemplo, diminui de frequência quando o S é pós-verbal; **w** (bitransitivos) o faz quando o S não é expresso, e **xx** (intransitivos) só aumenta na ordem direta **g** (SV). É razoável afirmar, portanto, que há um condicionamento – ainda que fraco – da distribuição das classes de *regência verbal* relacionado ao fator *ordem de constituintes*.

<i>regência do verbo</i>	a (SVC)	i (VC)	g (SV)	h (VS)
<i>u</i> (trans. diretos)	↗	↘	→	↘
<i>v</i> (trans. indiretos)	↗	↗	↑	↘
<i>w</i> (bitransitivos)	↗	↘	↗	↗
<i>x</i> (ligação)	↗	↘	↘	→
<i>xx</i> (intransitivos)			↗	↘

Tabela I.24 – comportamento das ordens mais frequentes no *corpus* italiano segundo a regência do verbo.

Graças ao cruzamento dos fatores *regência do verbo* e *ambiente oracional*, podem-se observar em detalhe as relações entre as diversas categorias de dados. A classe **u** (verbos transitivos diretos) exhibe a mesma concentração em orações subordinadas (**3**) e os mesmos perfis que compõem o Gráfico I8. Há uma tendência ao aumento das frequências absolutas de verbos dessa classe em orações principais (**1**), seguida de perto por uma diminuição compensatória na frequência da classe **u** (trans. diretos) em orações subordinadas (**3**); as frequências de orações coordenadas (**2**) apresentam um perfil estável. Aos exemplos:

- 1 – Gabriel fu mandato di Cielo i terra a fare lambasciata della - ExposRev XV
- 2 – vi si sta sentēdone cōtentezza, & con gaudio si parte - CompRegole XVI
- 3 – che dell'importante impresa, ch'ei fece, non ha fin'hora il Mondo - Christoforo XVII
- 4 – e che all'entrata del porto ne appiccassero quattro alle antenne - Campanella XIX

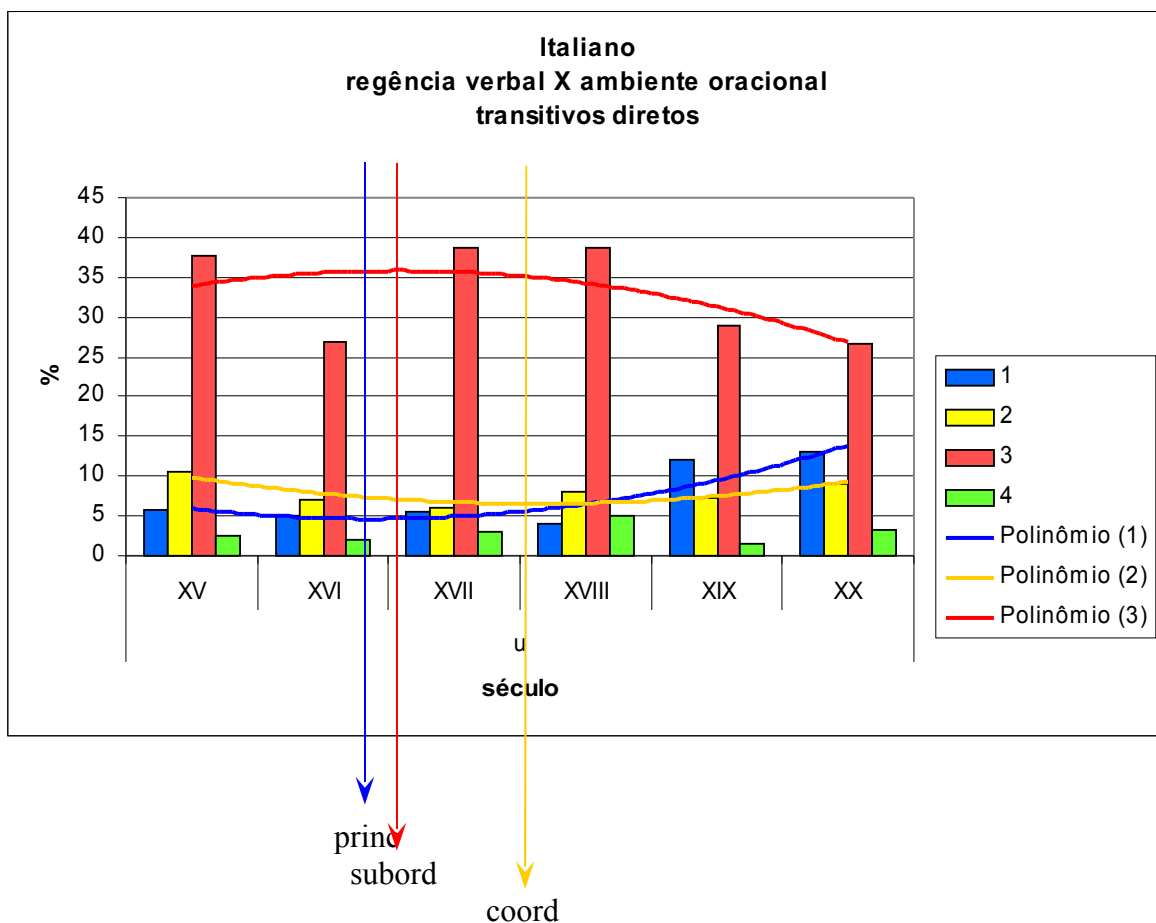


Gráfico I22a – frequências absolutas de verbos transitivos diretos segundo o ambiente oracional.

Os verbos de ligação (classe x), por sua vez, têm um comportamento peculiar no que toca aos diferentes ambiente oracionais em que ocorrem. Apesar de as freqüências serem sensivelmente mais baixas do que as observadas para os verbos transitivos diretos, os pontos críticos das curvas senoidais que representam as subconjuntos de orações principais, coordenadas e subordinadas são próximos uns dos outros. Além disso, nota-se que as curvas obedecem a uma seqüência $1 > 2 > 3$: máximos e mínimos seguem a ordem principais > coordenadas > subordinadas, como se as primeiras liderassem um movimento em direção ao aumento ou à diminuição das freqüências absolutas dessa classe x na amostra.

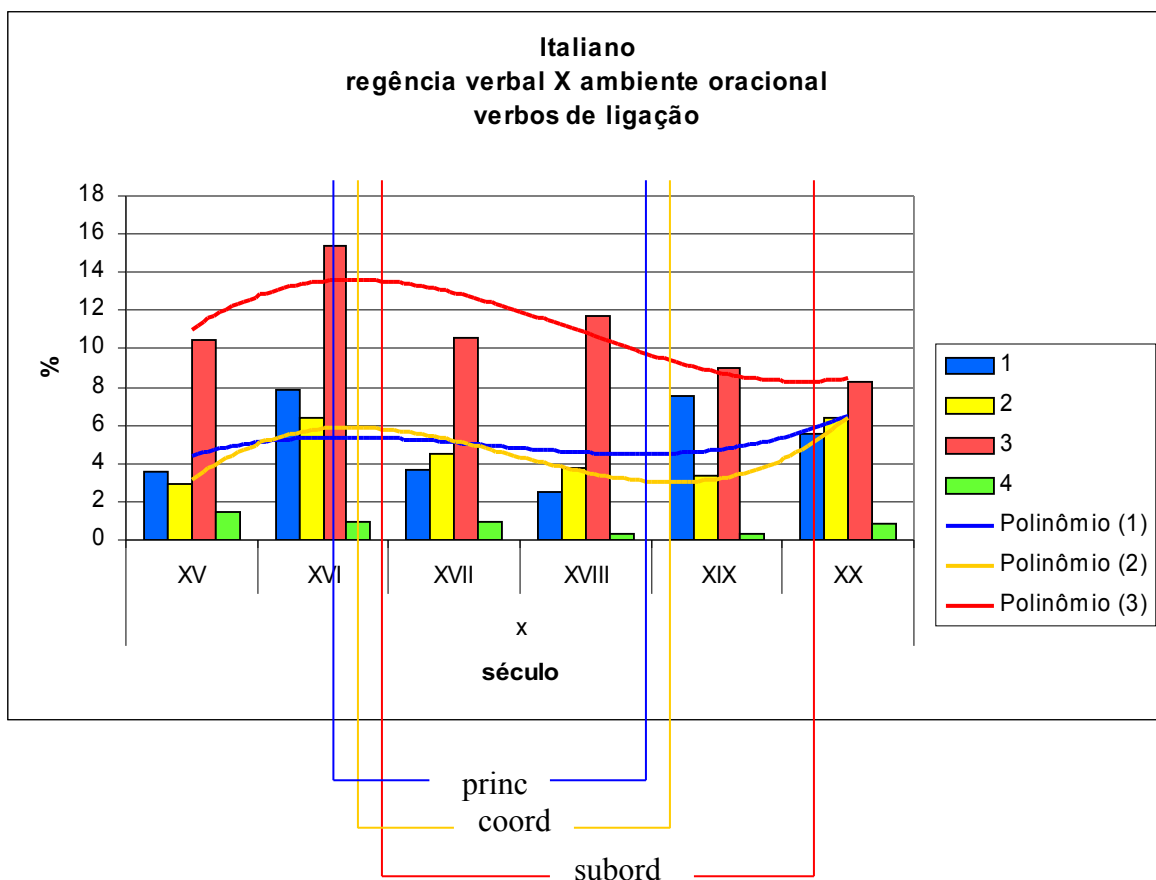


Gráfico I22b – freqüências absolutas de verbos de ligação segundo o ambiente oracional.

O mesmo par de critérios pode ser utilizado para se abordar o comportamento da amostra de outro ângulo: para o mesmo *ambiente oracional*, podem-se observar as tendências das classes de *regência verbal*. Os perfis das curvas associadas a verbos transitivos diretos (classe **u**) e a verbos de ligação (classe **x**) são diferentes, mas os pontos críticos das mesmas praticamente coincidem no século XVI. A curva da classe **u** (trans. diretos) segue o traçado parabólico (com concavidade para cima) previsto para as orações principais (1) no Gráfico I8.

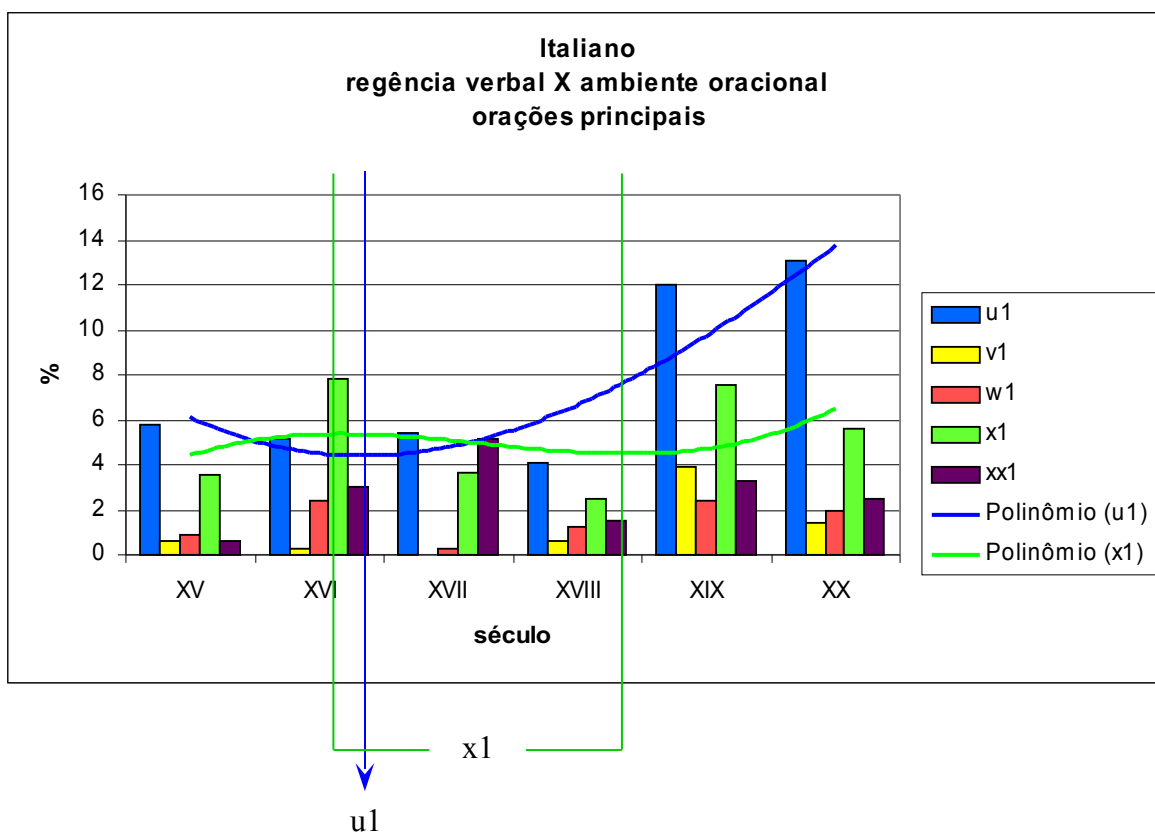


Gráfico I22c – freqüências absolutas das classes de *regência verbal* em orações principais.

As freqüências absolutas das classes de *regência verbal* associadas a orações coordenadas estão quase sempre abaixo dos 10% e sua variação máxima não passa dos 4%, motivo pelo qual não serão tratadas aqui.

As classes de *regência verbal* associadas a orações subordinadas exibem frequências absolutas elevadas, e seus perfis são semelhantes a outros já apresentados para esse mesmo ambiente oracional. As tendências gerais, resolvidas por regressão linear, apontam decréscimo generalizado das duas categorias mais frequentes ($iRRL(u3) = -1,42$; $iRRL(x3) = -0,83$) no Gráfico I22.

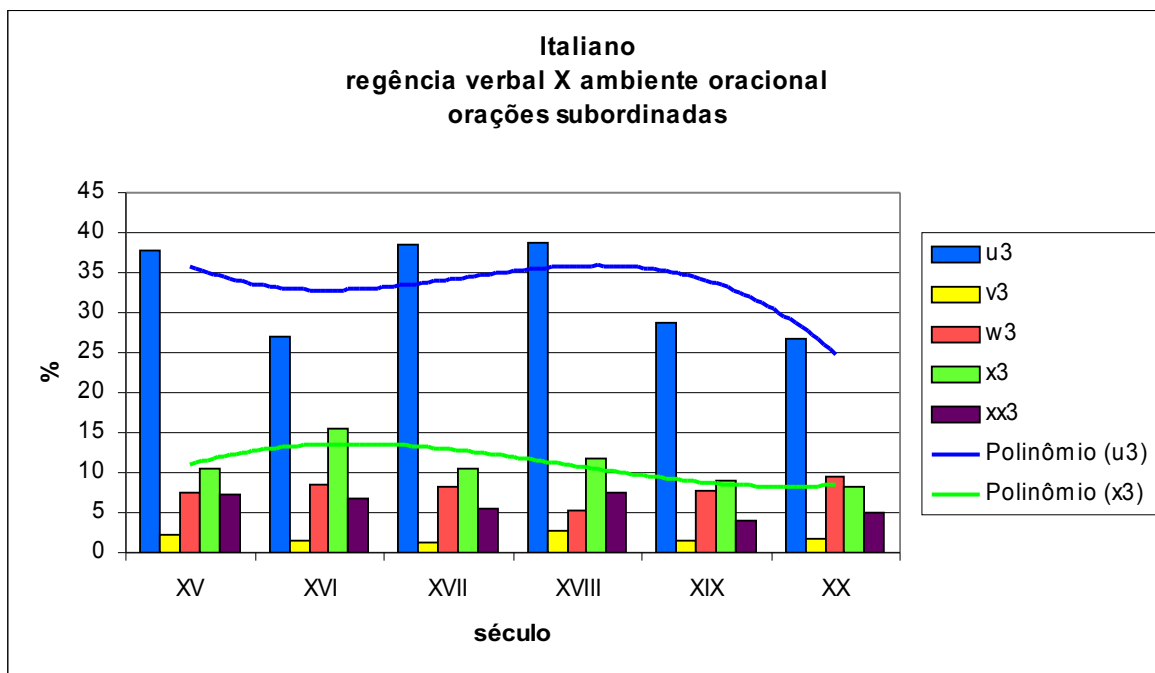


Gráfico I22d – frequências absolutas das classes de *regência verbal* em orações principais.

As orações coordenadas em subordinação ocorrem em frequências sempre abaixo dos 5%, e não serão discutidas aqui.

Com respeito à classificação das ocorrências segundo a vogal temática do verbo, os subconjuntos mais frequentes são aqueles associados às ordens **a** (SVC), **i** (VC), **g** (SV) e **h** (VS). VC destaca-se diante das demais ordens, apesar de exibir uma tendência a diminuir em frequência absoluta (iRRL = -1,33). Dentre os outros subconjuntos mais expressivos de dados, VS flutua, mas também diminui levemente (iRRL = -0,39); por outro lado, as frequências de SVC e de SV aumentam no intervalo de amostragem (iRRL(**a**) = 1,94; iRRL(**g**) = 0,91). Em suma, tendem a aumentar as frequências absolutas das ordens que têm sujeito pré-verbal; as demais, que trazem apenas um argumento (S ou C) pós-verbal, vêm suas frequências absolutas diminuir.

São exemplos de ocorrências a que se atribui esse traço:

Del qle Gaudentio prete:lo qle e anchora viuo narra molti miraculi [Dyálogo XV]

& de' proprij cõtadini che laورانo detti luoghi [Compendio XVI]

Il Weisgerber pensa pure che questo movimento di migrazione dei popoli [Geografia XIX]
voi vi sforzavate di spiegargli la differenza tra eretico e eretico, e tra eretico e ortodosso.
[Eco XX]

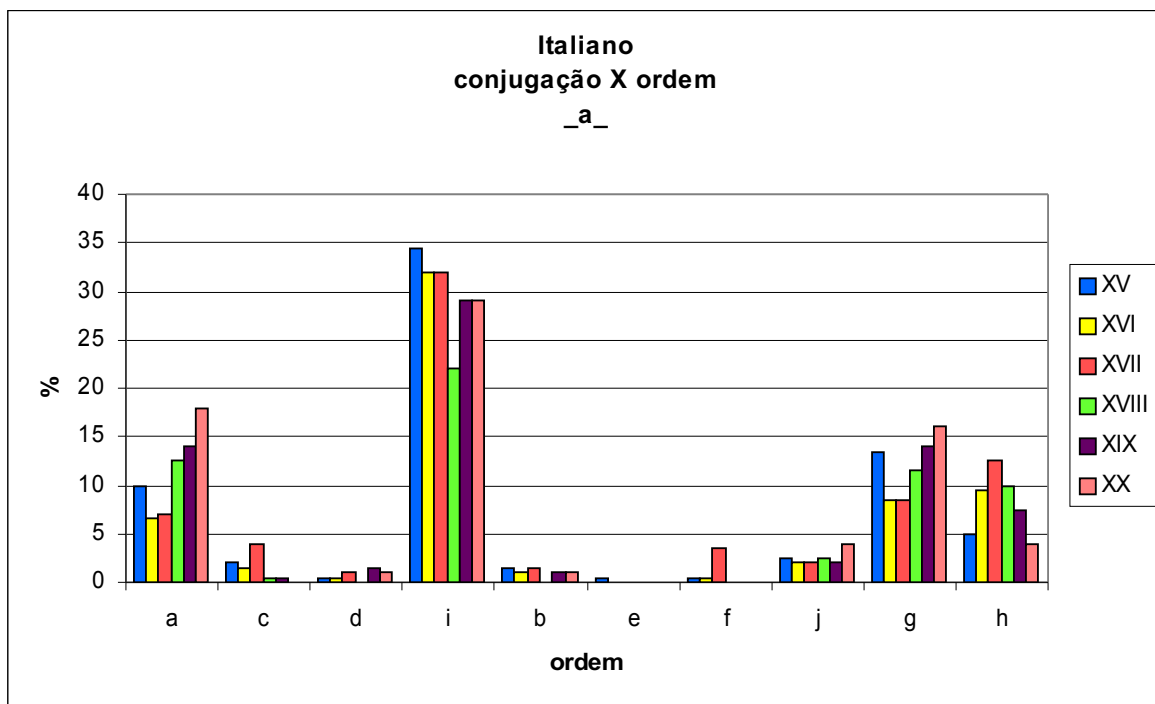


Gráfico I23a – frequências absolutas de verbo de primeira conjugação no *corpus* italiano.

As freqüências absolutas de verbos da segunda conjugação guardam uma desproporção menos acentuada entre as ordens **a** (SVC) e **i** (VC), pois há mais verbos dessa conjugação na ordem SVC do que verbos de vogal temática **_a_**. Não obstante a flutuação dos valores relativos a cada século, as tendências gerais de cada subconjunto, definidas por regressão linear, são semelhantes às encontradas para os verbos de primeira conjugação: $iRRL(\mathbf{a}) = 0,69$; $iRRL(\mathbf{i}) = -0,36$; e $iRRL(\mathbf{h}) = -0,47$. Apenas a ordem **g** (SV) tende à estabilidade, além de ser menos comum do que **h** (VS).

São exemplos de ocorrências classificadas sob esse traço:

e / desideroso che lhavesse maggior gratia dadio che epsa non haueua [Expositione XV]
 Occorre per tãto a chi parla bene spesso tacere il nome d'alcuna cosa [LingToscana XVI]
 perche non pare da credersi,che a'Genouesi legato alcun facesse il Colombo [Christoforo XVII]

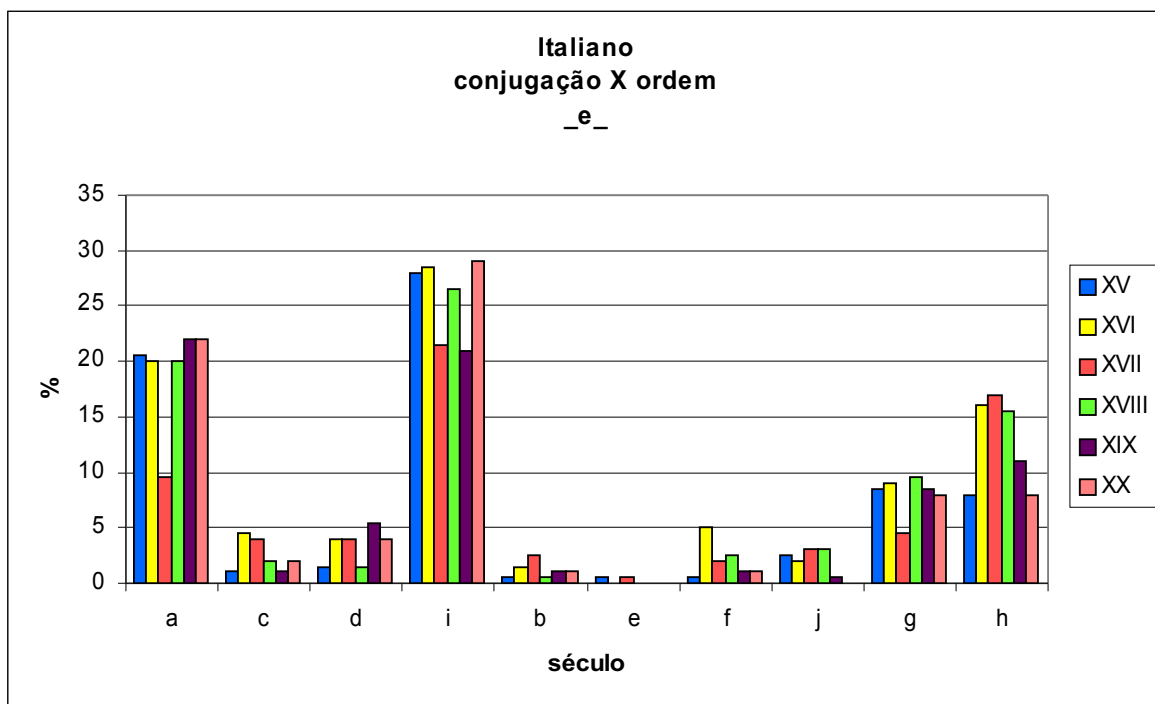


Gráfico I23b – frequências absolutas de verbo de segunda conjugação no *corpus* italiano.

A terceira conjugação, por sua vez, frequenta o *corpus* italiano em proporções mais baixas do que as duas anteriores. Ainda assim, esboçam-se tendências de aumento para as ordens **a** (SVC) e **g** (SV) ($iRRL(\mathbf{a}) = 0,76$; $iRRL(\mathbf{g}) = 0,54$) – i.e., nas duas em que o S é pré-verbal – e de decréscimo para **i** (VC) ($iRRL(\mathbf{i}) = -0,63$); **h**, que tem sujeito pós-verbal, flutua em torno de uma RRL subhorizontal ($iRRL(\mathbf{h}) = 0,17$).

São exemplos de ocorrências associadas a esse traço:

Ora ti voglio dire alchuna cosa piu di presso : la quale [Dyálogo XV]

Le darò dunque ragguaglio, per seguir lo stile incominciato [Viaggi XVII]

Giuseppe di Arimatea a seppellire il corpo di Gesù secondo l'usanza ebraica [Graal XX]

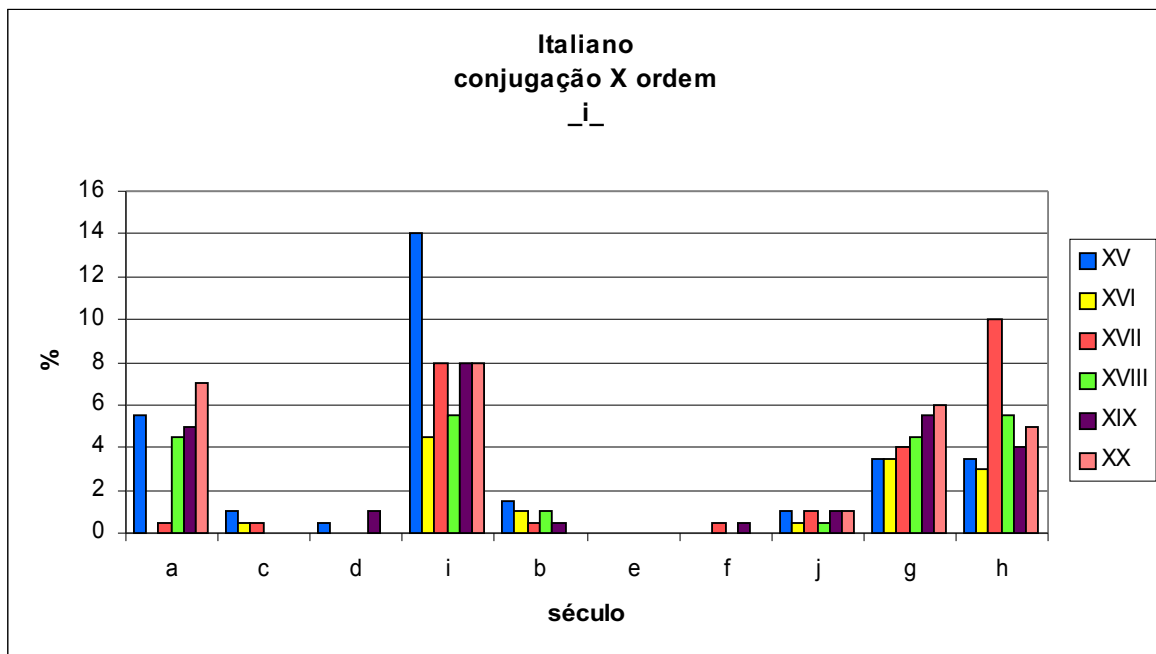


Gráfico I23c – frequências absolutas de verbo de terceira conjugação no *corpus* italiano.

A tabela abaixo resume as observações feitas sobre essas ordens mais comuns; nota-se um padrão também orientado pela *ordem de constituintes*, e segundo o qual a) a classe a (SVC) aumenta em frequência para todas as conjugações, e b) as ordens em que o sujeito é pré-verbal são cada vez mais comuns, ao passo que há diminuição das proporções daquelas cuja posição pós-verbal é a única preenchida:

<i>ordem</i>	<i>I</i>	<i>II</i>	<i>III</i>
<i>a (SVC)</i>	↗	↗	↗
<i>i (VC)</i>	↘	→	↘
<i>g (SV)</i>	↗	→	↗
<i>h (VS)</i>	↘	→	→

Tabela I25 – tendências gerais de comportamento das ordens mais freqüentes segundo a vogal temática do verbo.

O cruzamento dos fatores *conjugação verbal* e *ambiente oracional* mostra que, tanto para a primeira quanto para a segunda conjugações, as curvas que representam orações principais e subordinadas têm semelhanças e diferenças: ambas correspondem a arcos parabólicos, mas a curva das subordinadas exibe concavidade para baixo, e as principais, para cima. Em outras palavras, o aumento das proporções de uma classe corresponde ao decréscimo das frequências absolutas da outra.

É interessante notar, nos dois gráficos seguintes, que o mínimo da curva **1** (para I24a, inferido no século XIV) precede o máximo da curva **3**. Isso significa que os comportamentos dos dois subconjuntos de ocorrências estão relacionados, de maneira que a mudança na tendência de **1** é acompanhada de movimento contrário em **3** – ou seja, as frequências absolutas de *_a_* e de *_e_* em orações principais começam a aumentar antes que as frequências em subordinadas comecem a cair. Apesar de se terem curvas definidas¹⁶, a existência de picos esparsos (como o de subordinadas nos séculos XVII e XVIII nos dois gráficos) mostra que há influência das frequências do ambiente oracional **1** sobre as frequências de **3**, mas que elas não são compensadas uma pela outra; ou seja, o aumento das proporções de orações principais não se dá às custas de uma diminuição de subordinadas.

Também merece destaque o fato de o máximo da curva de subordinadas para verbos de primeira conjugação estar localizado antes do máximo correspondente para a segunda conjugação. Se se aceita que as orações principais em I26a têm um mínimo fora do intervalo de amostragem, a mesma observação pode ser estendida para essas orações. O cruzamento dos dois critérios sugere, portanto, que as tendências à mudança nas frequências absolutas das ocorrências esteja associada a dois traços preferenciais:

1. em termos de *ambiente oracional*, os pontos críticos nas curvas de frequência tendem a surgir primeiro nas orações principais, e só então nas subordinadas.
2. em termos de *conjugação*, as mudanças tendem a surgir em verbos de vogal temática *_a_* antes de chegar à segunda conjugação.

¹⁶ Como se dá, aliás, nos demais gráficos. As frequências dos dados não evoluem segundo padrões irregulares e não-orientados (Kuramochi & Karipis 2004) – e, se assim fosse, isso colocaria em xeque não apenas a pertinência e a aplicabilidade dos critérios de classificação, como também a própria codificação das ocorrências.

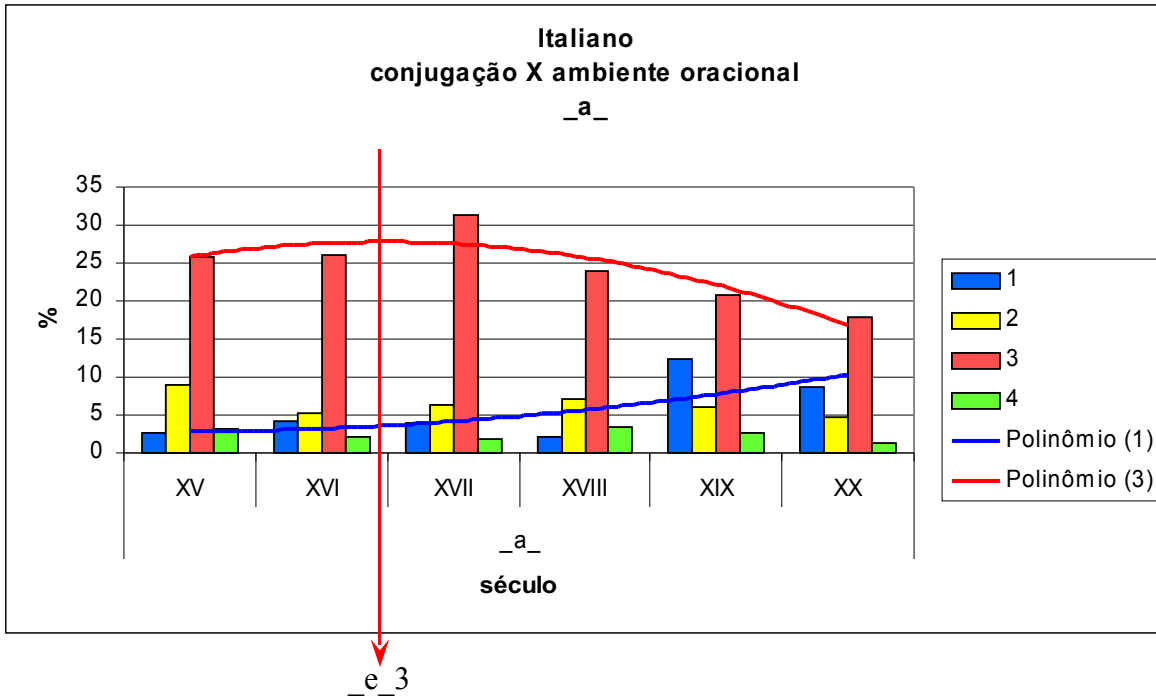


Gráfico I24a – frequências absolutas de ocorrência de verbos de vogal temática **_a_** segundo o *ambiente oracional*.

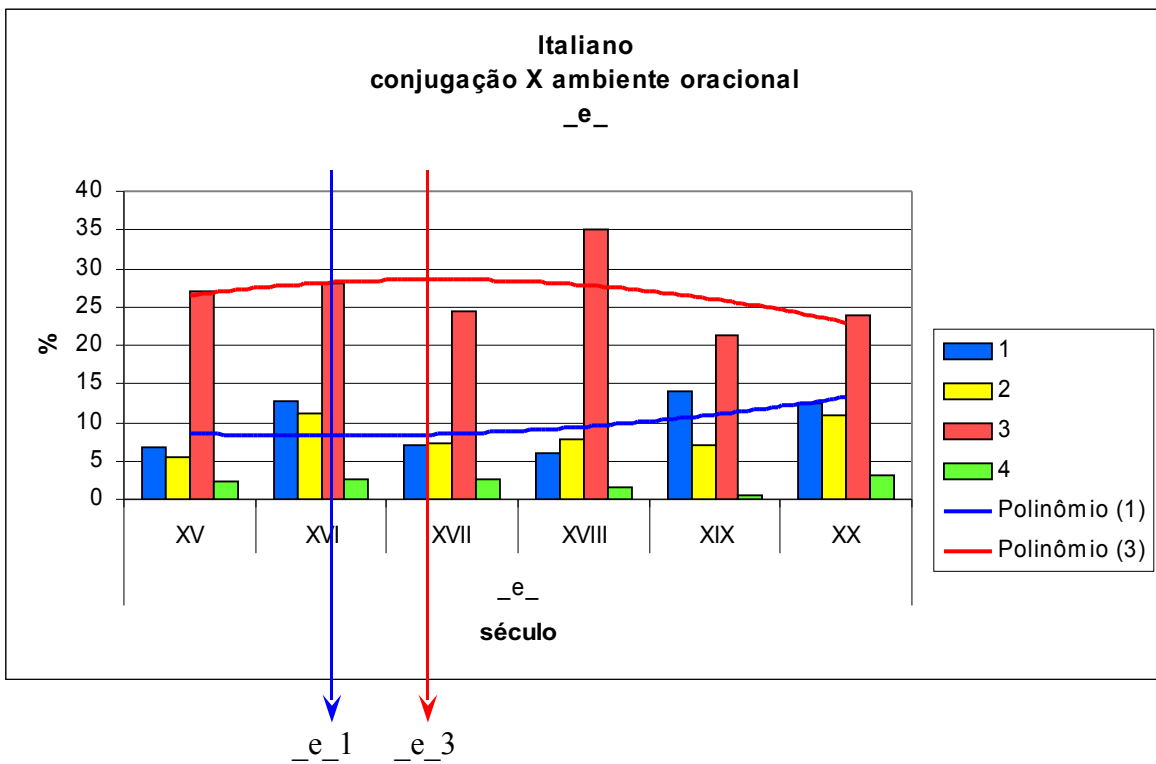


Gráfico I24b – frequências absolutas de ocorrência de verbos de vogal temática **_e_** segundo o *ambiente oracional*.

a as orações principais (1), as
esperar, aos verbos de vogais
para os *corpora* português e
antes aos dados de italiano são
alguma defasagem. Isso quer
ênças absolutas de verbos de
nda conjugação, mas esta
s RRLs de inclinação
conjugações tendem a

O mesmo tratamento para as orações subordinadas, o ambiente mais comum no *corpus* italiano, leva a perfis um pouco diferentes para os desdobramentos do fator *conjugação*. Nota-se uma defasagem entre os máximos das curvas de *_a_* e de *_e_*, mas também que a curva correspondente aos verbos de terceira conjugação tem um período menor que o das duas primeiras; o mínimo local dessa mesma curva *_i_* está situado entre os máximos das duas outras curvas. Mais uma vez, entretanto, não há relação de dependência exclusiva entre as freqüências dessas classes: o aumento de uma delas não é função direta da freqüência de outra, mas também, certamente, das freqüências dessas mesmas classes em outros ambientes e segundo outros critérios de classificação das ocorrências em seus contextos.

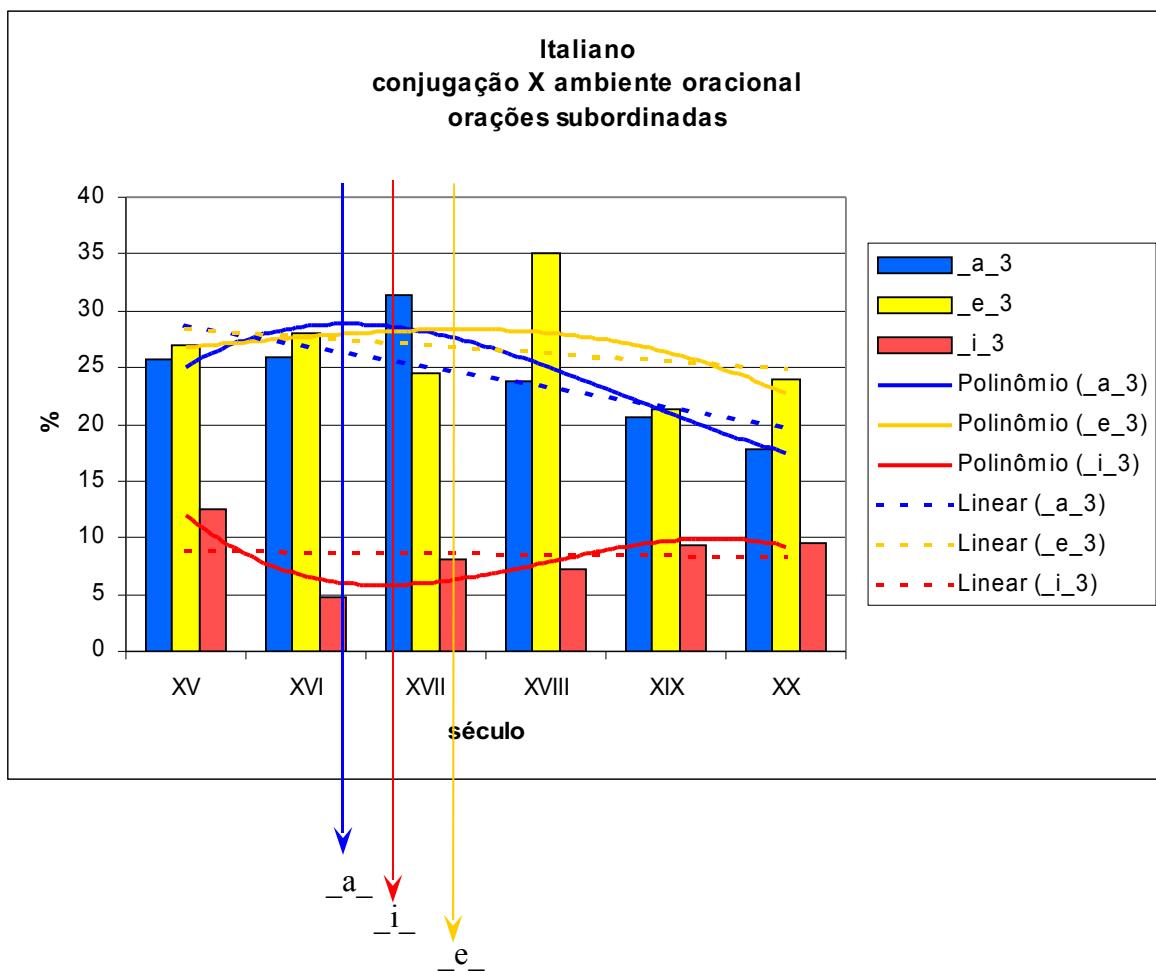


Gráfico I24d – freqüências absolutas de ocorrência das classes de *conjugação* para orações subordinadas.

O cruzamento dos fatores *tempo do verbo* e *ordem de constituintes* oferece outras informações sobre a evolução da distribuição das ocorrências. Assim é que, para a classe α (formas verbais finitas), observa-se a especialização dos dados em torno das ordens **a** (SVC, iRRL = 3.94), **i** (VC, iRRL = -1.30), **g** (SV, iRRL = .06) e **h** (VS, iRRL = -.03). Seguem exemplos dessa classe e o gráfico que sumariza o comportamento das ocorrências no *corpus* italiano.

a (SVC) – ma etia{m} desiderosi che lei habbia tâto triumpho / et - ExposRever XV

i (VC) – non sò : ma m'imagino le insegne della Giustitia, e - ViagPellegr XVII

g (SV) – Ma , per Catone , un mezzo verso basta a Virgilio - PrincLettere XVIII

h (VS) – di ciascuna galera si vide spenzolare un uomo appiccato, e - Campanella XIX

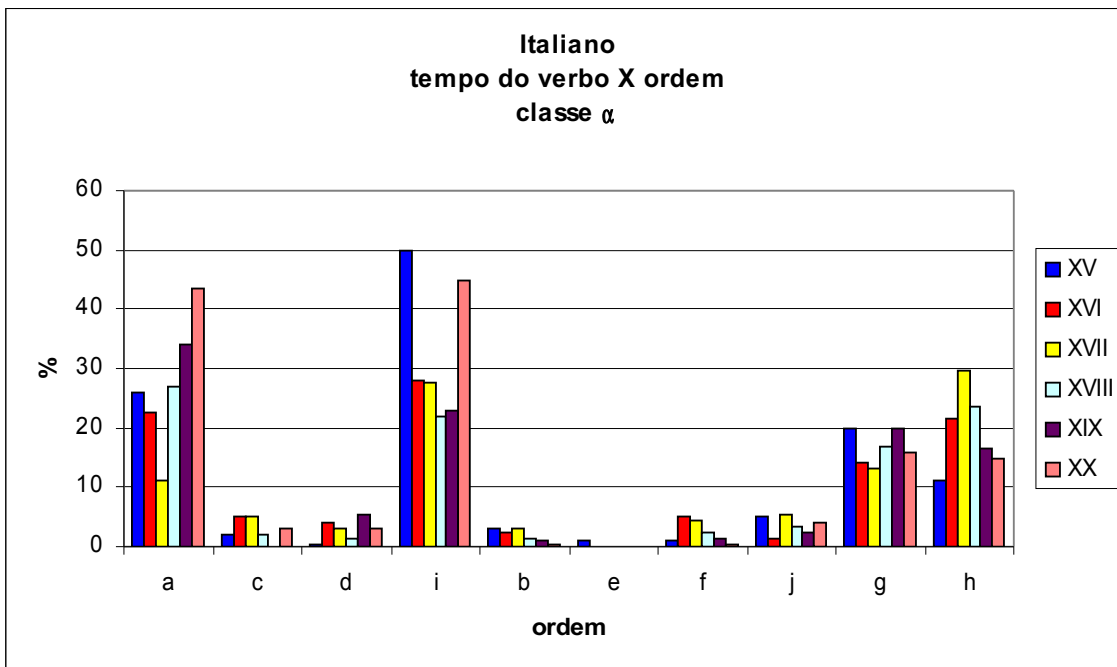


Gráfico I25a – freqüências absolutas de ocorrência das classes de *ordem de constituintes* para formas verbais finitas.

As formas verbais reduzidas (classe β) mostram uma franca especialização em torno da ordem **i** (VC), mas a inclinação da reta de regressão linear desse conjunto de dados é negativa (-.37), o que indica tendência à diminuição das freqüências absolutas do conjunto. A ordem **h** (VS), que mal chega aos 5% de freqüência absoluta, também tem iRRL negativa (-.81). Para ambas, a posição pré-verbal é vazia, mas β se realiza preferencialmente associada à posição pós-verbal preenchida pelo complemento do verbo. Passemos aos exemplos e ao gráfico que sumariza o comportamento desse subconjunto de dados:

i (VC) – sedurre ad assoggettire la sua pubblica libertà all' ambizione - Vico XVIII

h (VS) – di S. Giacomo, venendo poi anche il De Lellis pel servizio - Campanella XIX

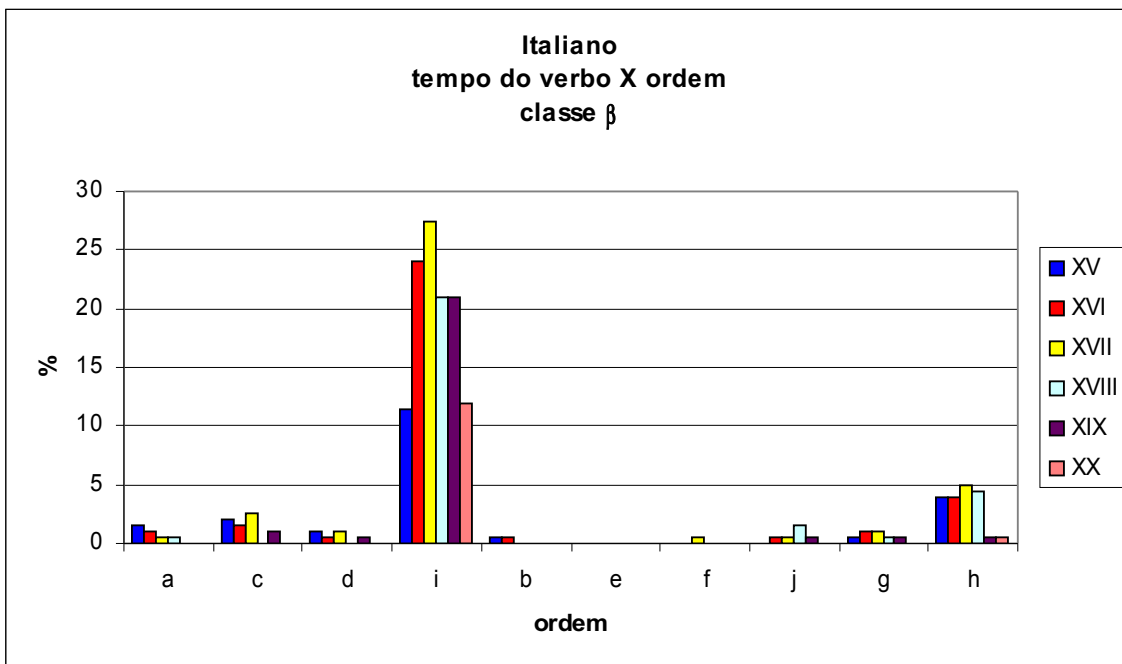


Gráfico I25b – frequências absolutas de ocorrência das classes de *ordem de constituintes* para formas verbais reduzidas.

No caso da frequência das locuções verbais (classe γ), as projeções máximas são mais reduzidas, mas as ocorrências são mais distribuídas – notadamente pelas classes **a** (SVC, iRRL = -.14), **i** (VC, iRRL = -.17), **g** (SV, iRRL = -.10) e **h** (VS, iRRL = .22), que já marcaram outros gráficos nesta análise (q.v. Gráficos I21d e I23c). As ocorrências associadas a esse traço γ são exemplificadas abaixo:

a (SVC) - essendo la Virgine andata aduisitare sancta Helisabeth - ExposRever XV

i (VC) - Nome ; viene a significare in vn certe modo alcuna cosa - LingTosc XVI

g (SV) - in Ispagna, e nell'Indie, e gli altri due potero... accertarsi - Christoforo XVII

h (VS) - "Oh povero Adso," rise Guglielmo dandomi un affettuoso sciaffetto - Eco XX

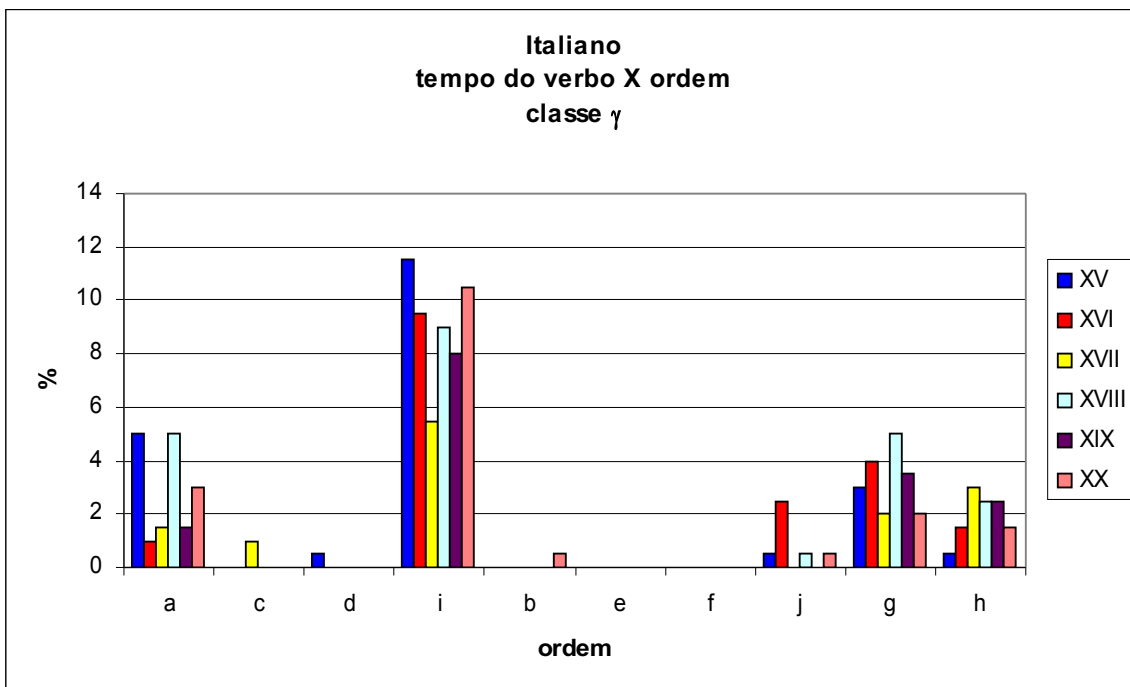


Gráfico I25c – frequências absolutas de ocorrência das classes de *ordem de constituintes* para locuções verbais.

A classe δ (tempos verbais compostos), por fim, é a menos freqüente no *corpus* italiano, e a extensão máxima da escala do gráfico I25d não chega aos 10% de expressividade. Nota-se, contudo, uma distribuição semelhante àquela apresentada pelo subconjunto γ (Gráf. I25c), e segundo a qual as ordens **a** (SVC, iRRL = .24), **i** (VC, iRRL = .96), **g** (SV, iRRL = .59) e **h** (VS, iRRL = .02) são as mais comuns.

a (SVC) - se i settatori di un movimento hanno commesso un delitto - Eco XX

i (VC) - E p lo suo mutame[nto] hauia lassato a frati largo spacio p fare - Dyalogo XV

g (SV) - bãchette per sedere,& il pauimento fu fatto dell'anno 1524 - CompRegole XVI

h (VS) - segno è ancora... l'hauer omesso la Republica di ergere - Christoforo XVII

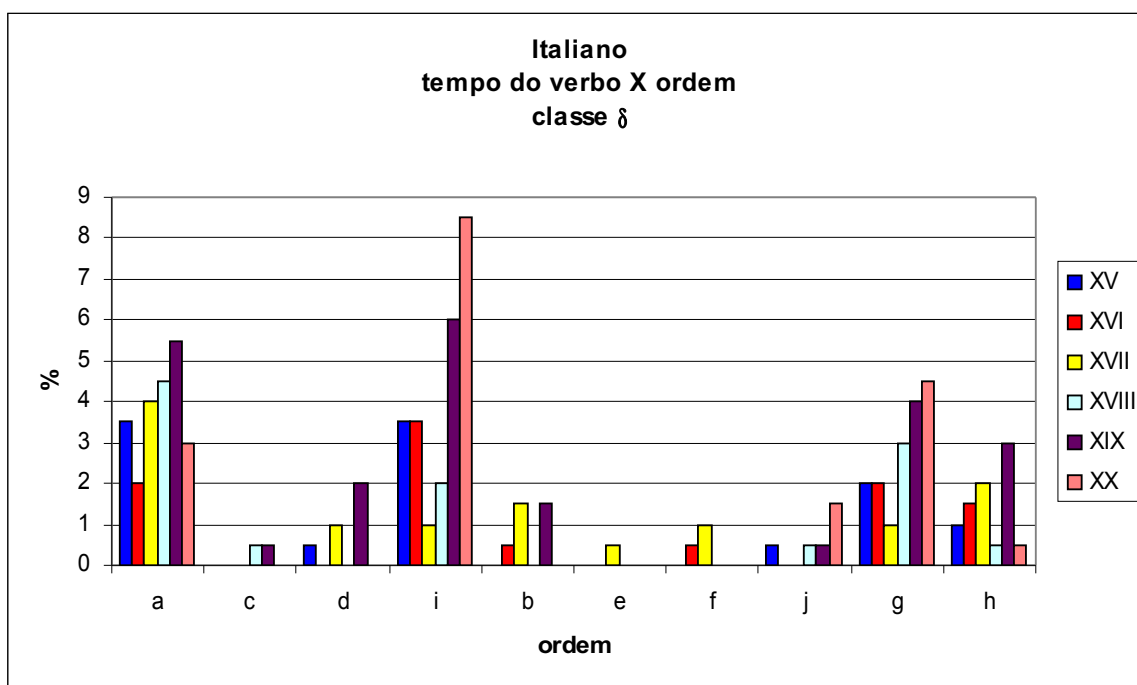


Gráfico I25d – frequências absolutas de ocorrência das classes de *ordem de constituintes* para tempos verbais compostos.

Outra possibilidade combinatória é dada pela associação entre os fatores *tempo do verbo* e *ambiente oracional*; os perfis gerais indicam, entretanto e uma vez mais, a diminuição das freqüências absolutas de ocorrência de todos os traços ligados ao ambiente 3 (orações subordinadas, iRRL = -1.11). É o que se passa, inicialmente, com o subconjunto α (formas verbais finitas), destacando-se também o aumento das proporções relacionadas ao ambiente 1 (orações principais, iRRL = 1.82); os exemplos são os seguintes:

- 1 - Disse Larchangelo il Signore : pero che lui e / Signore dogni cosa - ExposRever XV
- 2 - Ma se vn'accusativo richiede; Accusatiuo sarà la perticella senz'altro - LingTosc XVI
- 3 - quando vide i Giannizzeri con quelle accette e zappe dietro alla - ViagPellegr XVII
- 4 - che prima furono monarchici , ... e finalmente vennero gli aristocratici - Vico XVIII

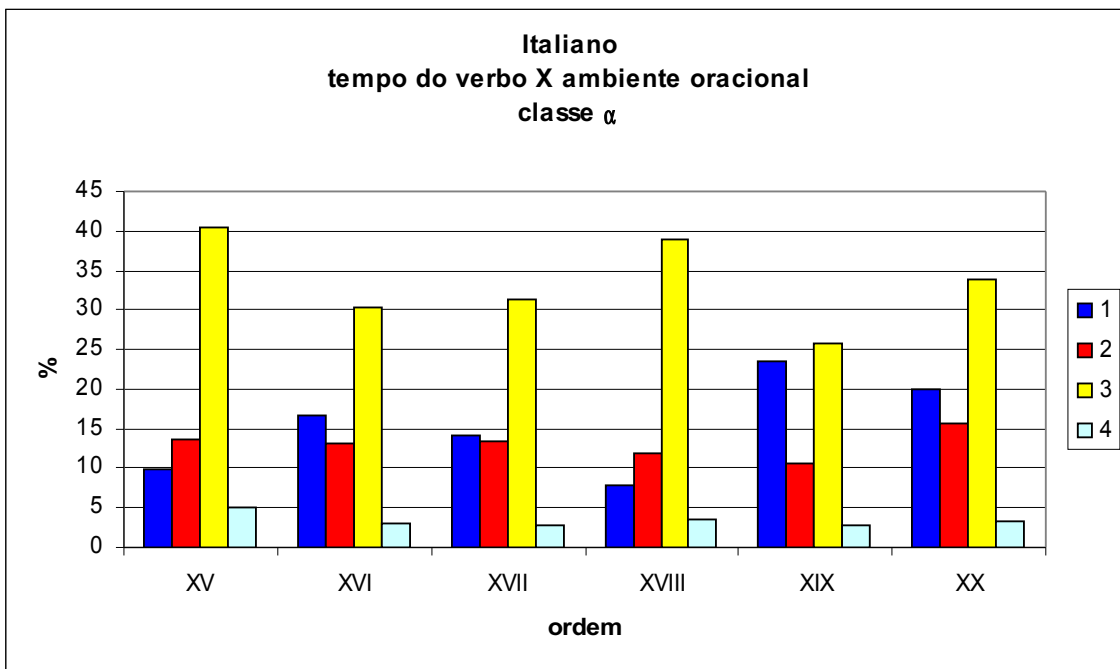


Gráfico I26a – frequências absolutas de ocorrência das classes de *ambiente oracional* para formas verbais finitas.

As formas verbais reduzidas (β), apesar de ocorrerem segundo proporções mais modestas que as formas finitas, mostram a mesma tendência ao decréscimo das freqüências associadas às orações subordinadas (3, iRRL = -1.21). Observa-se no gráfico abaixo que essa é praticamente a única ordem em que se realiza a classe β , de maneira que as demais freqüentem o *corpus* italiano em proporções extremamente baixas. Tomem-se os exemplos associados a esse traço:

- 1 – I Latini, auêdo riguardo a questo suo naturale vficio lo dissero pronome - LingTosc XVI
- 2 – & a far viaggi lunghissimi, e pericolosissimi insieme - Christoforo XVII
- 3 – se, ad illuminare le fitte tenebre in cui trovasi ravalta la storia - GeogrEtnStor XIX
- 4 – che voleva andare à casa del diavolo, et ivi aspettare don loyse sciarava - Campanella XIX

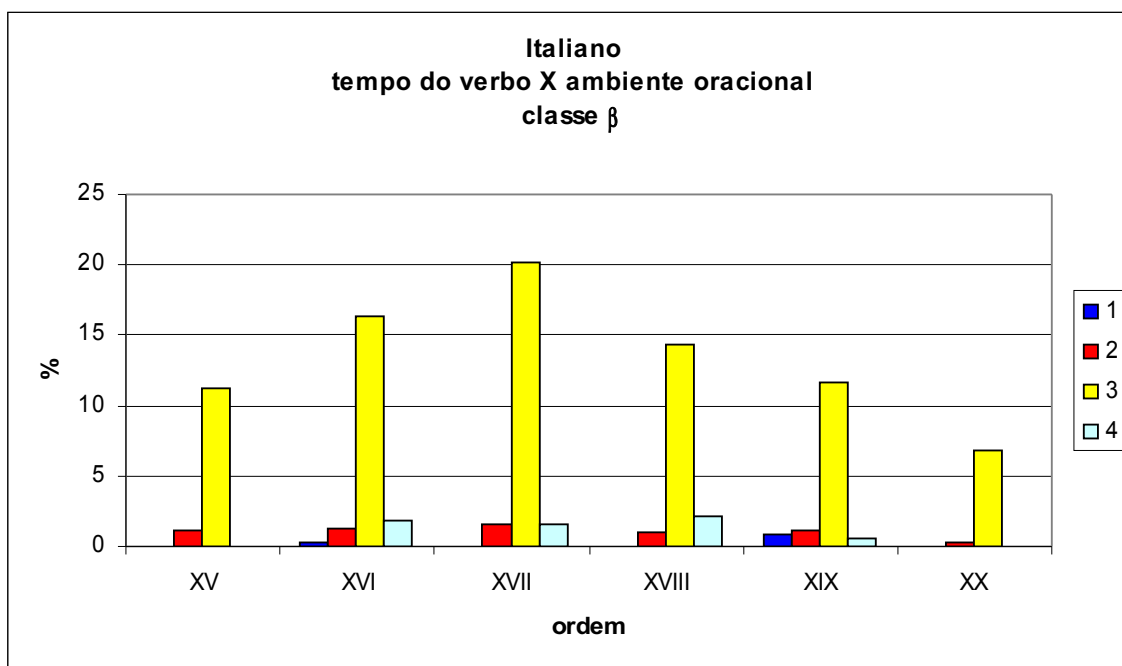


Gráfico I26b – freqüências absolutas de ocorrência das classes de *ambiente oracional* para formas verbais reduzidas.

As ocorrências associadas ao traço γ (locuções verbais) apresentam igualmente tendência a se organizarem em orações subordinadas, motivo pelo qual as projeções da classe 3 são mais elevadas que as demais. Não obstante, esse conjunto apresenta o mesmo caráter descendente (iRRL = -.62) já assinalado para outros grupos de dados ligados a esse ambiente oracional. Tomem-se os exemplos:

- 1 – Ora ti voglio dire alchuna cosa piu di presso : la quale - Dyalogo XV
- 2 – al suo paese;non se ne puo hauere notitia cosi facilmente - CompRegole XVI
- 3 – della natura , più forse quale ella potrebbe essere, che - PrincLettere XVIII
- 4 – era color smeraldo ed egli, diceva, non voleva vedere le pergamene - Eco XX

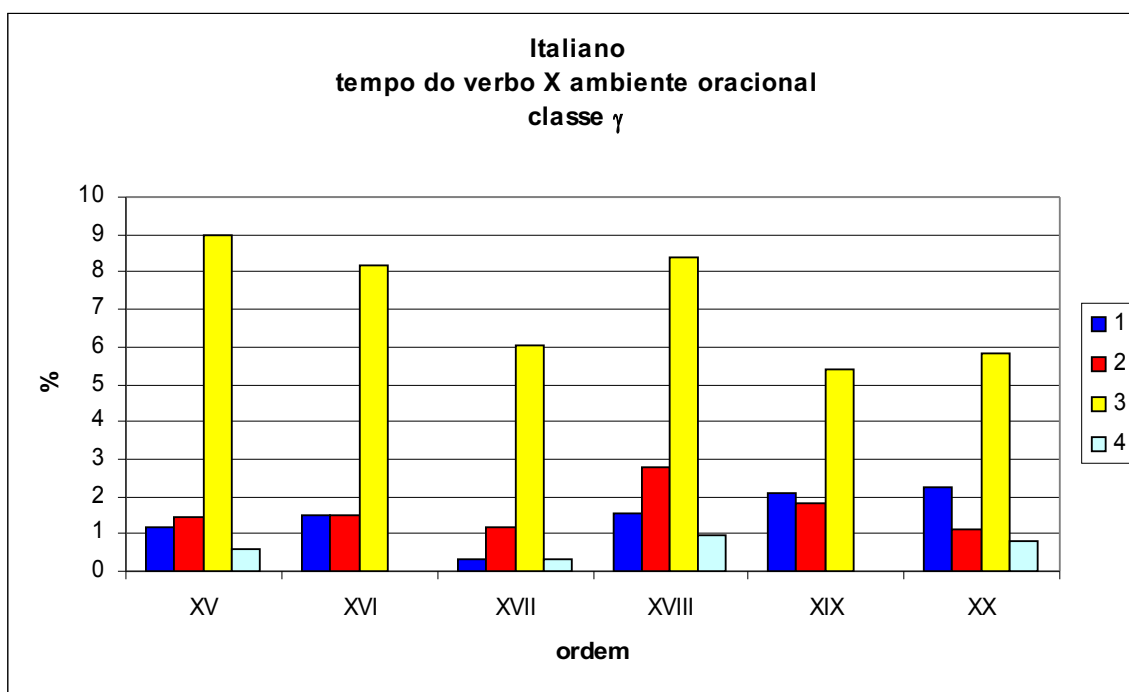


Gráfico I26c – frequências absolutas de ocorrência das classes de *ambiente oracional* para locuções verbais.

Os tempos compostos (classe δ de *tempo verbal*) ocorrem em proporções muito reduzidas no *corpus* italiano, o que torna difícil tecer comentários seguros sobre o comportamento desse subconjunto de dados. Por essa razão, não tratarei desses dados.

A distribuição das ocorrências segundo o critério *classe semântica do verbo* mostra uma concentração dos dados em torno de quatro categorias principais, ATTR, COGN, DISP e SEM. Em decorrência da dispersão encontrada para a amostra, as características individuais dos textos podem resultar em desvio-padrão mais elevado para uma classe qualquer. Tomem-se como exemplos os picos apresentados para as classes ATTR, DISP e, possivelmente, SEM nos séculos XV e XX: se os valores obtidos para as médias de frequências de DISP(VC) estiverem exagerados por causa do efeito provocado por um dos textos do século XV, a iRRL corrigida para esse subconjunto teria um valor positivo; se o valor exagerado for o do século XX, a iRRL tem valor francamente negativo. Não obstante, perfis como o do subconjunto COGN(VC) e, em menor escala, o de SEM(CV) mostram que há dados de cujo comportamento se pode falar com mais propriedade, já que se tem um perfil claramente delineado que referenda o método. Esses são os motivos pelos quais a análise sugere apenas tendências de comportamento do *corpus* para esse fator; conclusões mais seguras podem ser extraídas a partir do tratamento de uma base de dados mais extensa – da ordem mínima equivalente ao quádruplo do total de ocorrências de italiano utilizado neste trabalho.

Pois bem, no Gráfico I29, às classes mais comuns no *corpus* analisado podem-se atribuir tendências ao decréscimo (iRRL(DISP) = -0,29; iRRL(SEM) = -1,73), à manutenção (iRRL(ATTR) = 0,05 ou ao aumento (iRRL(COGN) = 1,72) nas frequências absolutas. As demais classes ocorrem em proporções muito baixas, além de a maioria delas mostrar iRRLs subhorizontais. Vejam-se alguns exemplos:

ATTR – gratia / lagratia e / uno grandissimo thexoro | una pietra pretiosissima -
ExposRever XV

COGN – Chi vuol conoscere quelche operi il Pronome, cōsideri quãto inelegante -
LingTosc XVI

DISP – fatica, nè spesa,per conseguire ogn'anno vna sì grande, e perpetua rendita -
Christoforo XVII

SEM – per inciso racconta come ha decifrato i segni negromantici lasciati - Eco XX

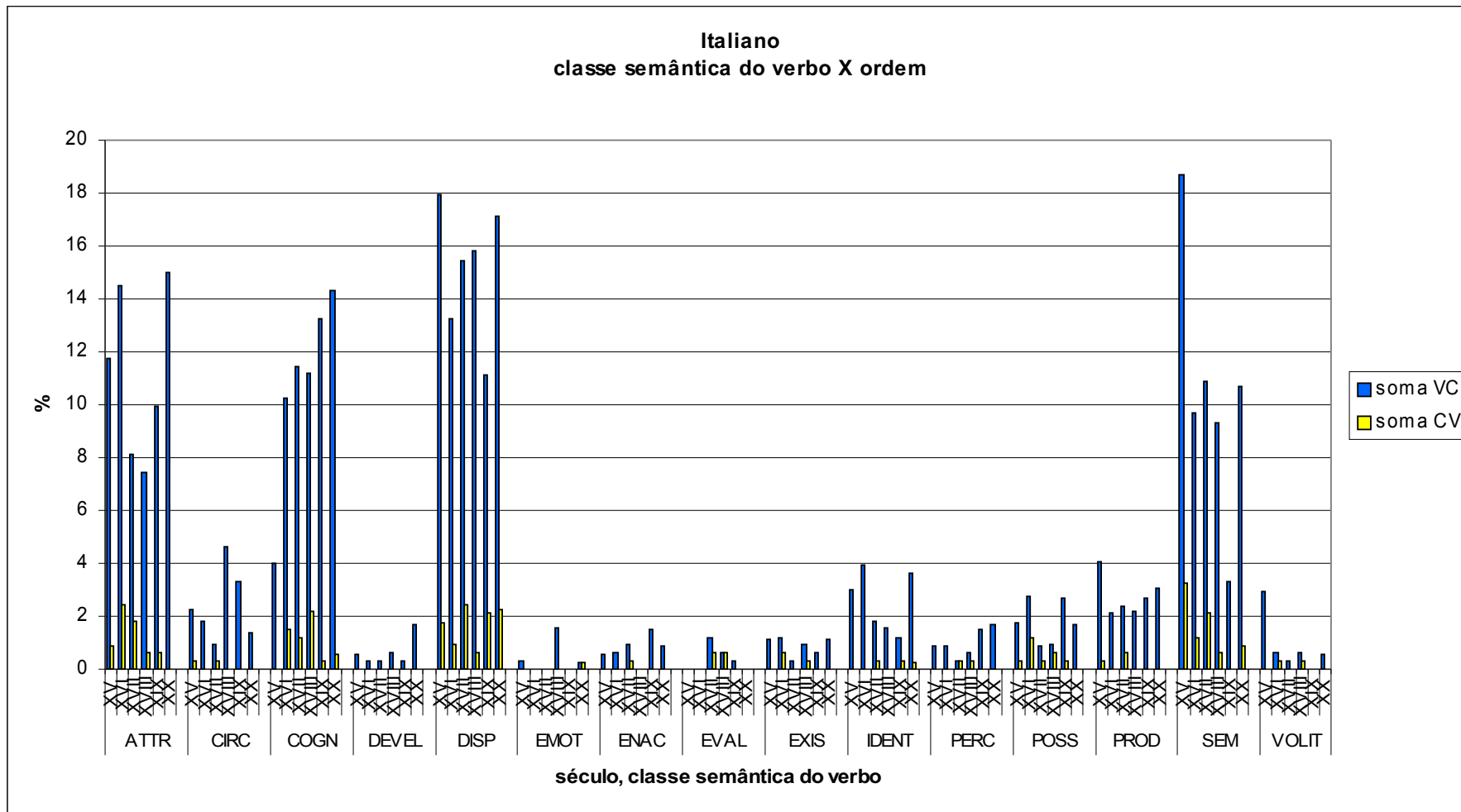


Gráfico I27 – frequências absolutas de ocorrência das classes semânticas do verbo.

Com respeito ao fator *item lexical*, cabe observar que distribuição das frequências em relação ao número de *tokens* para cada entrada lexical acompanha o perfil previsto por Chitashvili & Baayen 1993 (a partir dos estudos de Zipf 1935), como apresentado no Gráf. I28a; nota-se o mesmo perfil obtido para os dados de português (Gráf. P14I) e de espanhol (Gráf. E35). Os quatro itens mais frequentes estão entre os cinco mais comuns também no grupo ibérico: *essere* (20% do total bruto de ocorrências), *avere* (6,1%), *dire* (4,3%) e *fare* (3,2%). Para *essere*, a única ordem que apresenta iRRL positiva (0,75) é **a** (SVC), acompanhando a distribuição do Gráf. I2.

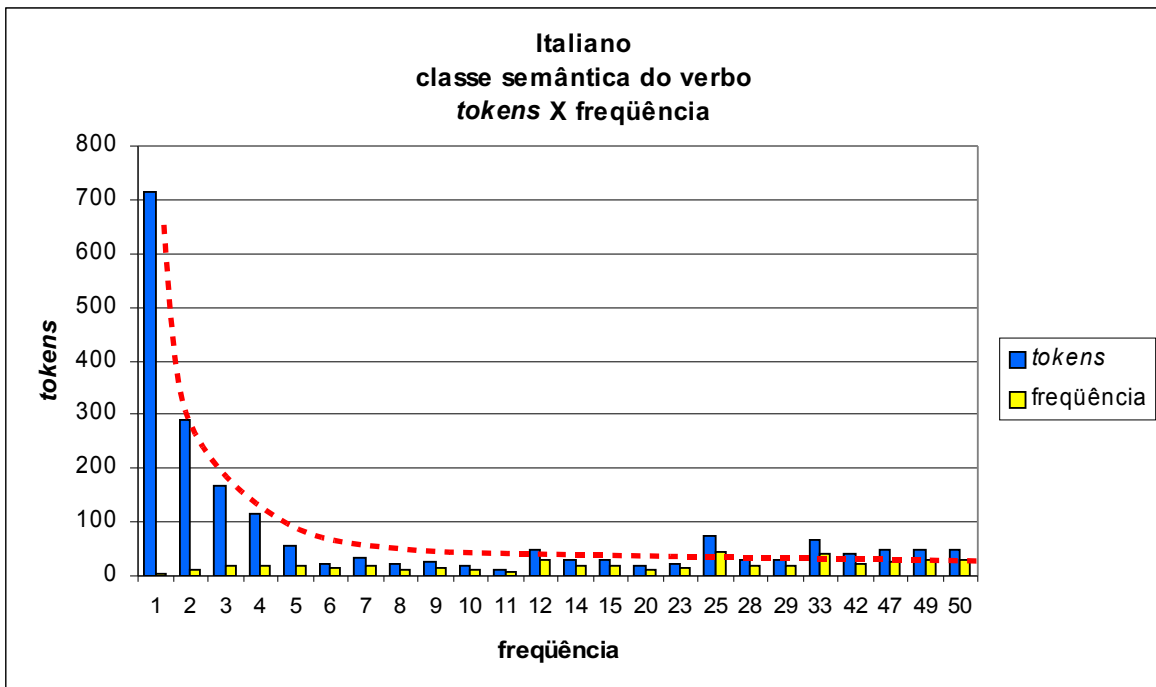


Gráfico I28a – distribuição dos itens lexicais por frequência absoluta.

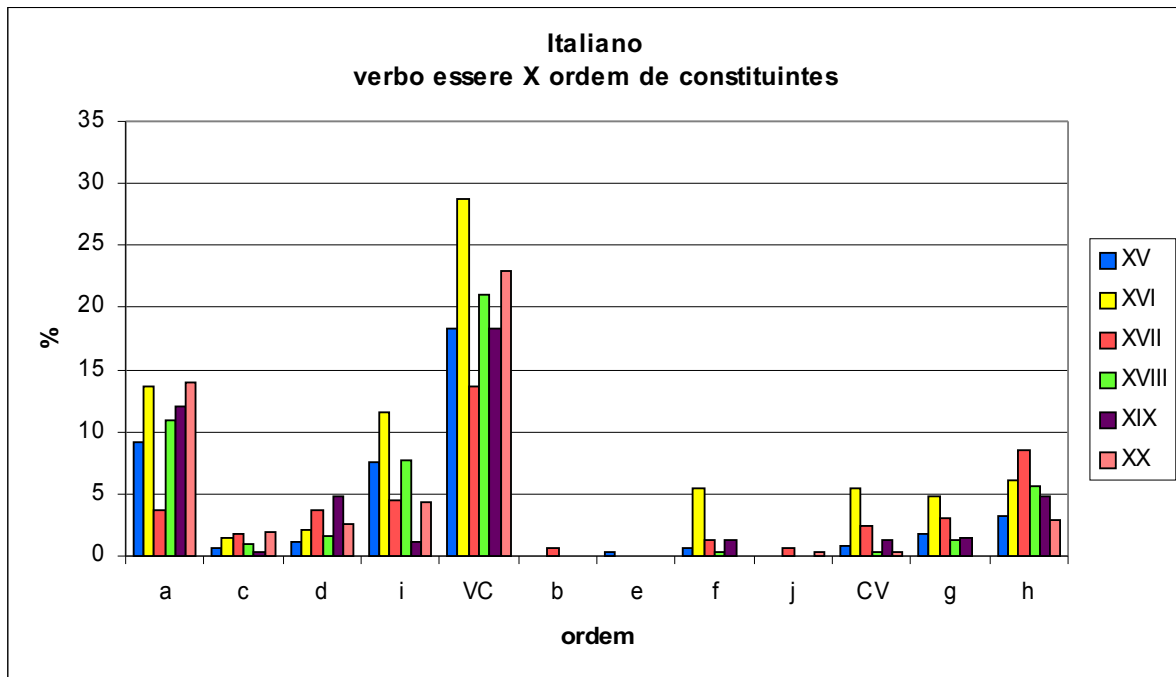


Gráfico I28b – distribuição do verbo *essere* segundo a ordem de constituintes.

Graças à sua elevada frequência no *corpus*, o verbo *essere* também permite observar de maneira mais clara a distribuição dos itens lexicais segundo o fator *ambiente oracional* (Gráf. I28c): repetem-se os padrões do Gráf. I8 acima para as orações principais e subordinadas, indicando que o *ambiente oracional* é determinante, também para o italiano e a exemplo do observado para o português (cf. Gráf. P14m) e para o espanhol (cf. Gráf. E36), da distribuição de frequência dos itens lexicais.

Tomem-se os exemplos associados a *essere*:

a (SVC) – Onde quelle cose che isancti impetrano sono predestinate in tal modo : che -
Dyalogo XV

i (VC) – nõ saria stimato caro,essendo in q̄sto modo fertili,& buoni - CompRegole
XVI

g (SV) – mà per più certo si tiene, che egli fosse di Cugureo, luogo pur presso la città -
Christoforo XVII

h (VS) – ch'erano le due principali popolazioni dell'Africa settentrionale -
GeogrEtnStor XIX

1 – Fue vno huomo di sancta vita:che hebbe nome Bonifacio:lo quale - Dyalogo XV

2 – Gli Aggiamoglani sono in gran numero ; & è vn'ordine di militia bassa -
ViagPellegr XVII

3 – dalla natural' equità : onde le Monarchie sono le più conformi all' umana natura della
più spiegata ragione - Vico XVIII

4 – e che questi Libii biondi sieno Celti, venuti dalla Spagna e dominanti gl'indigeni -
GeogrEtnStor XIX

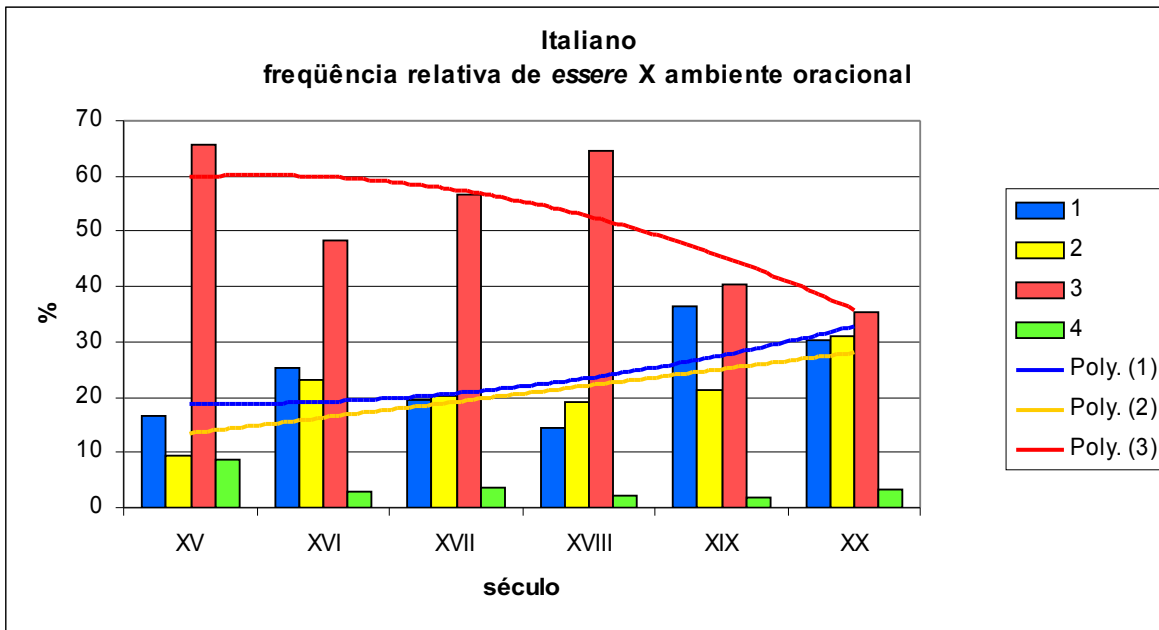


Gráfico I28c – distribuição do verbo *essere* segundo o fator *ambiente oracional*.

O tratamento dos dados do *corpus* italiano fornece, como apresentado acima, resultados consistentes com aqueles obtidos para os conjuntos de dados ibéricos. Observa-se, inicialmente, o paralelismo nos movimentos de AN para NA entre os conjuntos de dados italiano, espanhol (Totaro 1998) e português (Cohen 1986/1990). Em seguida, o exame dos resultados numéricos sumarizados nos gráficos e nas tabelas mostra, também para o italiano e a exemplo do observado acima para o português e para o espanhol, que vários fatores são funções de *ordem de constituintes*: *agentividade* (cf. gráficos I3-I7 e tabelas I2-I6), *peso de S e de C* (cf. gráficos I19a-e e tabela I18), os traços associados ao verbo – *regência* (cf. gráficos I21a-f e tabela I24), *conjugação* (cf. gráficos I23a-c e tabela I25), *tempo* (cf. gráficos I25a-d) e *classe semântica* (cf. gráfico I27) – e *item lexical* (cf. gráfico I28b, traçado a partir das frequências de ocorrência de *essere*). Por sua vez, o fator *ambiente oracional* é função apenas do tempo (cf. gráfico I8), mas controla claramente os comportamentos de *ordem de constituintes* (cf. gráficos I9-I11 e tabelas I7-I11), *peso de S e de C* (cf. gráficos I20a-g), *regência verbal* (cf. gráficos I22a-d), *conjugação verbal* (cf. gráficos I24a-d), *tempo do verbo* (cf. gráficos I26a-c) e *item lexical* (cf. gráfico I28c, também construído segundo as distribuições das frequências de *essere*). Portanto, o fator determinante do comportamento geral dos dados que compõem os *corpora* é *ambiente oracional*.

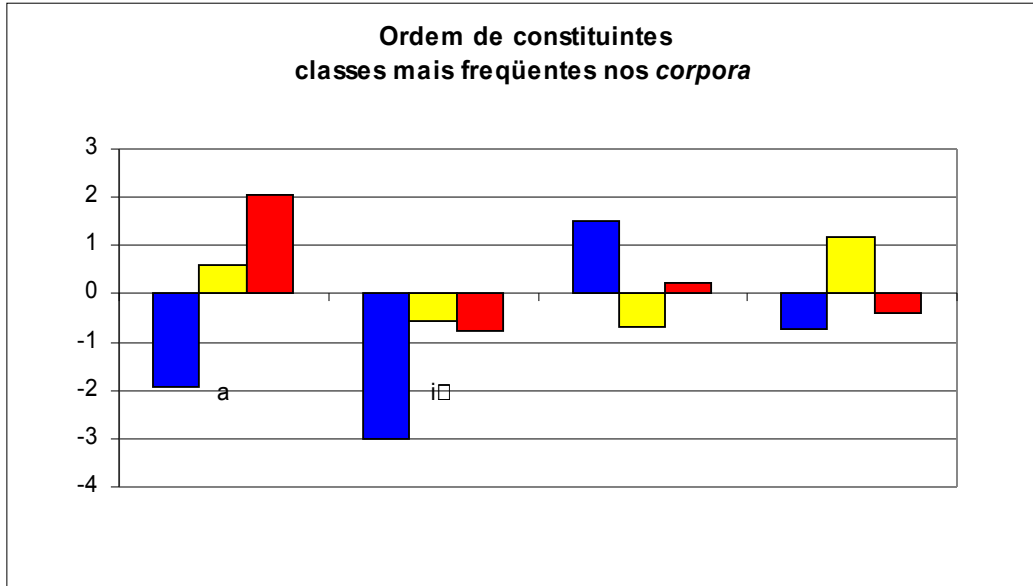
Vejamos, na próxima seção, a comparação fina entre os resultados obtidos para os três conjuntos de dados.

Comparações entre os *corpora*

Podem-se contrapor os resultados obtidos para os *corpora* individuais a fim de se ressaltarem as semelhanças e as diferenças entre os sistemas ao longo do tempo coberto pela amostragem. Os Gráficos C1 a C13 sumariam, portanto, as informações apresentadas nas seções de tratamento dos dados, agrupando os valores de $i''''\#$ para cada traço nos três sistemas. Os Gráficos C1 e C3 comparam os *corpora* situando os pontos críticos das curvas de comportamento dos dados.

Para construir os Gráficos apresentados nesta (eç)ão, tomaram-se os valores de $i''''\#$ referentes a determinado fator em cada base de dados, colocando-se-os lado a lado para efeito de comparação. Os valores positivos indicam uma tendência crescente da *uele* traço no *corpus*, e os negativos apontam a tendência + diminuição da *fre**, *ência* absoluta de um traço. Quanto maior a altura de uma barra, maior a inclinação da reta de regressão linear correspondente - e, consequentemente, maior a taxa de mudança. Os valores baixos para a $i''''\#$, entretanto, devem ser avaliados diante do gráfico relativo a cada traço, uma vez *ue* as nuances das curvas de comportamento são diluídas pelas próprias características do método de regressão linear.

O primeiro gráfico comparativo é composto das ordens de constituintes mais comuns - *a* 1(2C3, *i* 12C3, *g* 1(23 e *h* 12(3. Para as duas primeiras, *ue* tra em o complemento verbal e *presso*, o sistema português tem $i''''\#$ s negativas, em *a* 1(2C3, o espanhol tem uma inclinação muito baixa, como se fosse intermediária entre o português e o italiano, em *i* 12C3, a maior perda acontece no português, mas nota-se *ue* os três sistemas mostram decréscimo dessa ordem. É interessante notar os resultados de *g* 1(23 e de *h* 12(3, *ue* são opostos entre si em todos os sistemas, e *ue* as tendências do espanhol são, em ambos, contrárias às de português e de italiano. Por fim, observe-se *ue*, e, efetuando-se as ordens 62C7, o italiano tem as $i''''\#$ s globais mais baixas dentre os *corpora* da amostragem, em decorrência do fato de os valores de $i''''\#$ relativos a dessas ordens praticamente se cancelarem diante do fator *ambiente oracional* (cf. Gráfs. 89 - 8113.



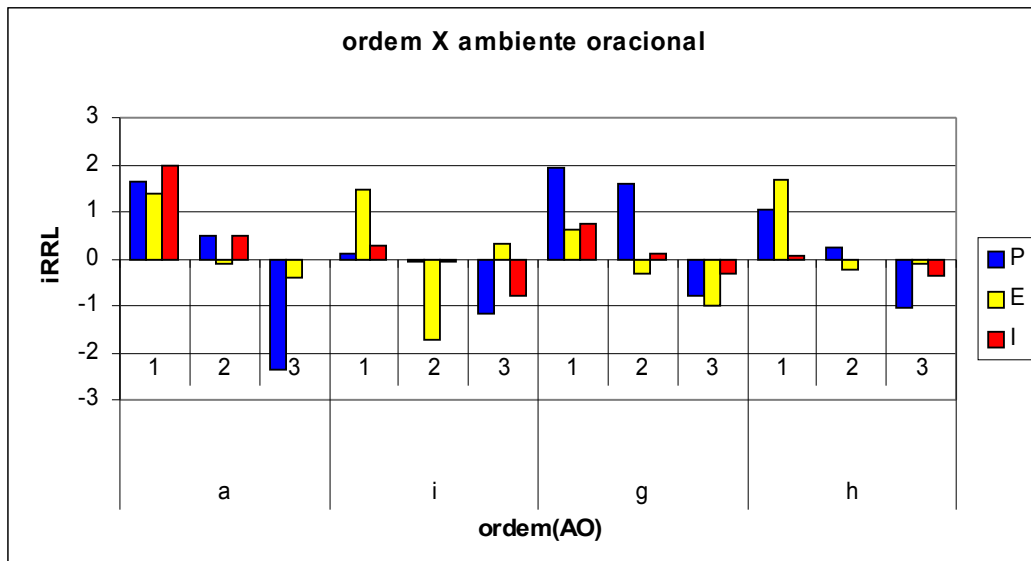


Gráfico C: - comparação entre as i " " #s das ordens de constituintes mais comuns nos tr\$ \$ *corpora* como função do ambiente oracional.

Graças + combinação inversa dos mesmos fatores! pode-se apreciar a relevância de cada ordem de constituintes na composição dos ambientes oracionais nos tr\$ \$ *corpora*. Nessa forma! percebe-se facilmente *ue os tr\$ \$ sistemas tendem! como ;á ressaltado! a sofrer aumento nas proporções de orações principais - mas a3 o *corpus* italiano privilegia o acróscimo da ordem a 1(2C3! b3 o espanhol lidera o aumento em i 12C3 e em h 12 (3! e c3 o português supera os outros dois sistemas no incremento da ordem g 1(23. Para as coordenadas 123! ve;a-se como o espanhol se destaca em i 12C3 1de valor negativo3 e o português! mais uma ve ! no aumento de g 1(23% por fim! para as subordinadas 133! o português tem as ta.as mais elevadas de perda nas fre*,\$ncias absolutas das ordens a 1(2C3! i 12C3 e h 12 (3.

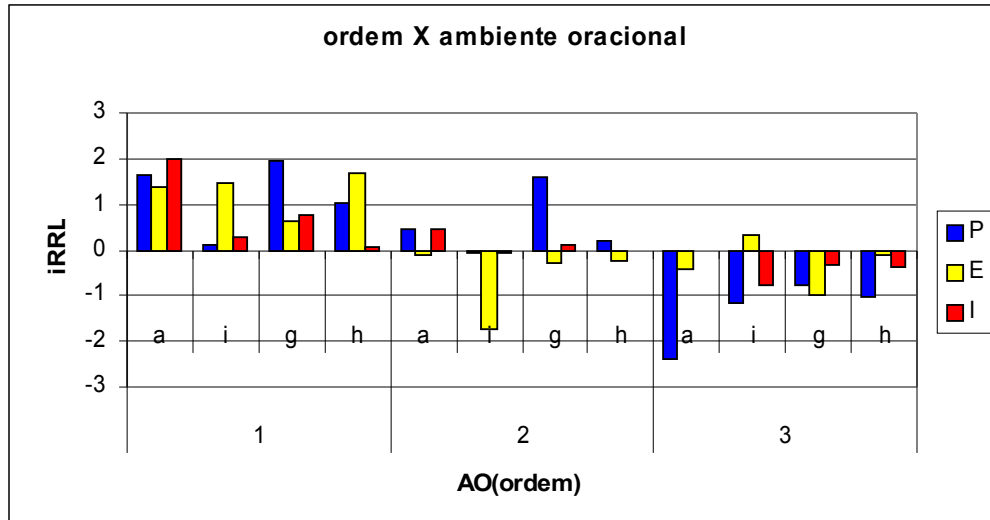


Gráfico C3 - comparação entre as i " " #s dos ambientes oracionais mais comuns nos tr\$ corpora como função da ordem de constituintes.

Com respeito + agentividade! notam-se comportamentos distintos para os tr\$ sistemas4 o portugú\$ 0 o =nico sistema *ue mostra decr0scimo mais marcado nas fre*, \$ncias das duas classes mais comuns! Ah e Pn% o espanhol sofre diminuiç) o semelhante apenas nas proporções de Ah! e o italiano apresenta aumento em ambas. Por outro lado! nota-se *ue o espanhol diminui em Ah! mas aumenta sensivelmente em An.

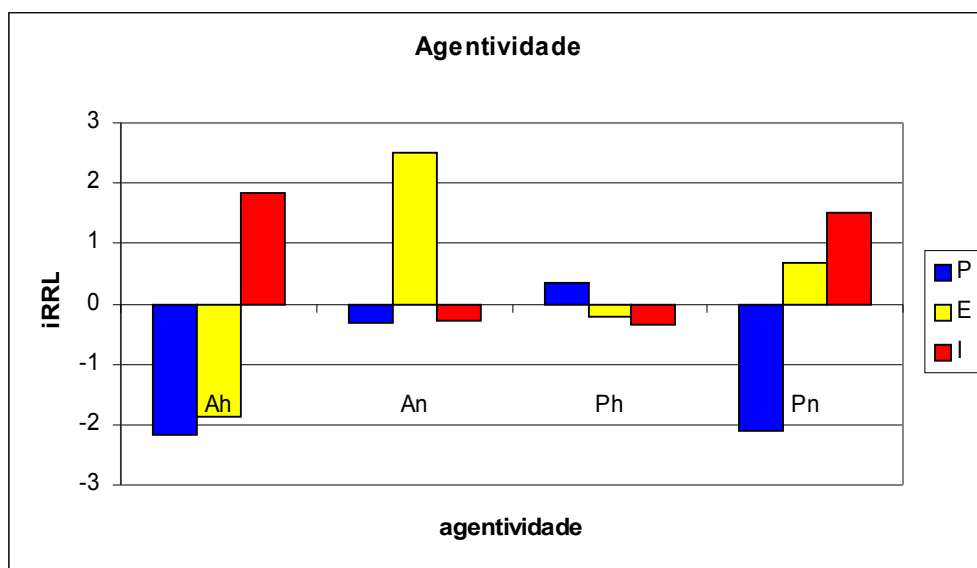


Gráfico C& - comparação entre as i " " #s das classes de agentividade nos tr\$ corpora.

Hma observaç)o mais detalhada do comportamento das classes mais comuns de agentividade nos tr\$ sistemas mostra! em primeiro lugar! *ue a diminuï)o das proporç)es de Ah em portugu\$s 0 devida + contribuï)o das ocorr\$ncias associadas a oraç)es subordinadas 133 - ao passo *ue! em espanhol! tanto as oraç)es coordenadas 123 *quanto as subordinadas 133 s)o responsáveis por esse decr0scimo. <o *corpus* espanhol! aliás! essas duas classes mais fre*, entes s/ aumentam em oraç)es principais 113! diminuindo nos demais ambientes% para o italiano! os movimentos de maior amplitude est)o relacionados +s oraç)es principais 113% por fim! nota-se! tamb0m a*ui! a tend\$ncia negativa dos tr\$ subconjuntos de dados no *ue respeita +s oraç)es subordinadas 133.

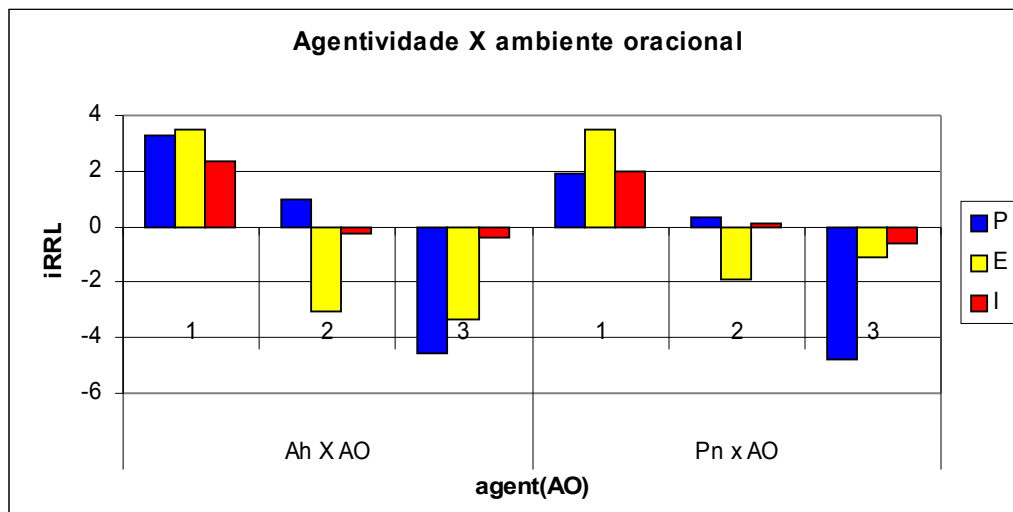


Gráfico CG - comparaç)o entre as i " " #s das classes de agentividade nos tr\$ *corpora* como funç)o do ambiente oracional.

O arran;o dos resultados e .postos no gráfico CG segundo uma disposiç)o diferente mostra *ue! de fato! o ambiente oracional 0 determinante das tend\$ncias de distribuï)o das ocorr\$ncias nas tr\$ bases de dados! as duas classes mais fre*, entes de agentividade mostram aumento para P! > e 8 em oraç)es principais 113% 0 tamb0m flagrante a diminuï)o em oraç)es subordinadas 133! apesar de! neste caso! o italiano mostrar as inclinaç)es mais baixas e o portugu\$s! as mais elevadas. Para as oraç)es coordenadas 123! destacam-se os m/dulos mais altos das i " " #s de Ah e de Pn em espanhol.

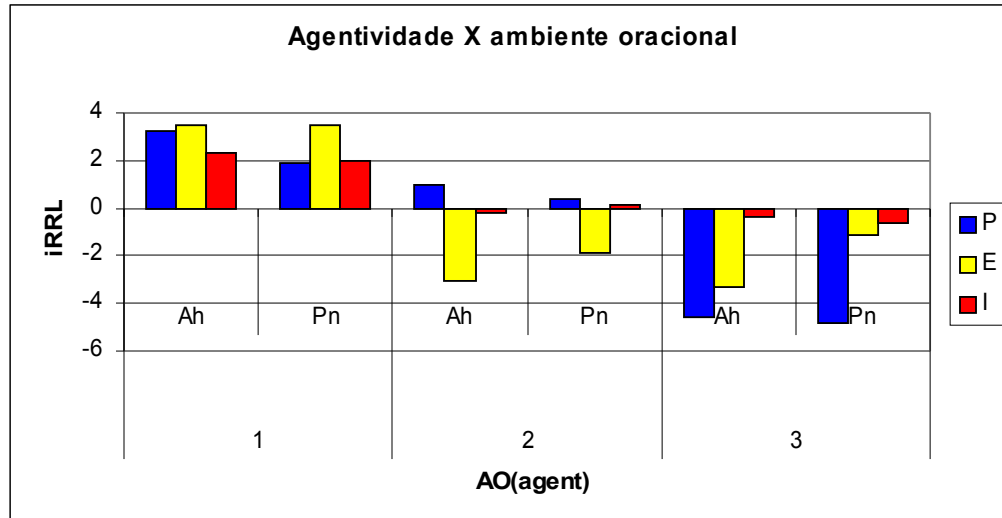


Gráfico C@ - comparação entre as i " " #s dos ambientes oracionais mais comuns nos tr\$ corpora como função da agentividade.

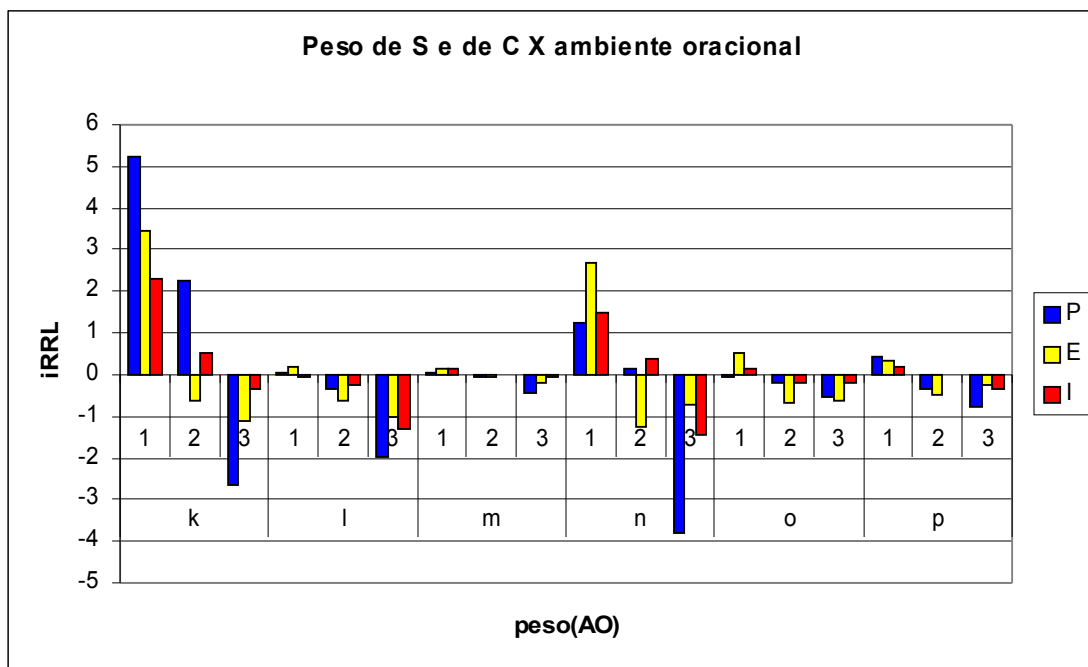


Gráfico CD - comparação entre as i " " #s das classes de peso de S e de C nos tr\$ corpora como função do ambiente oracional.

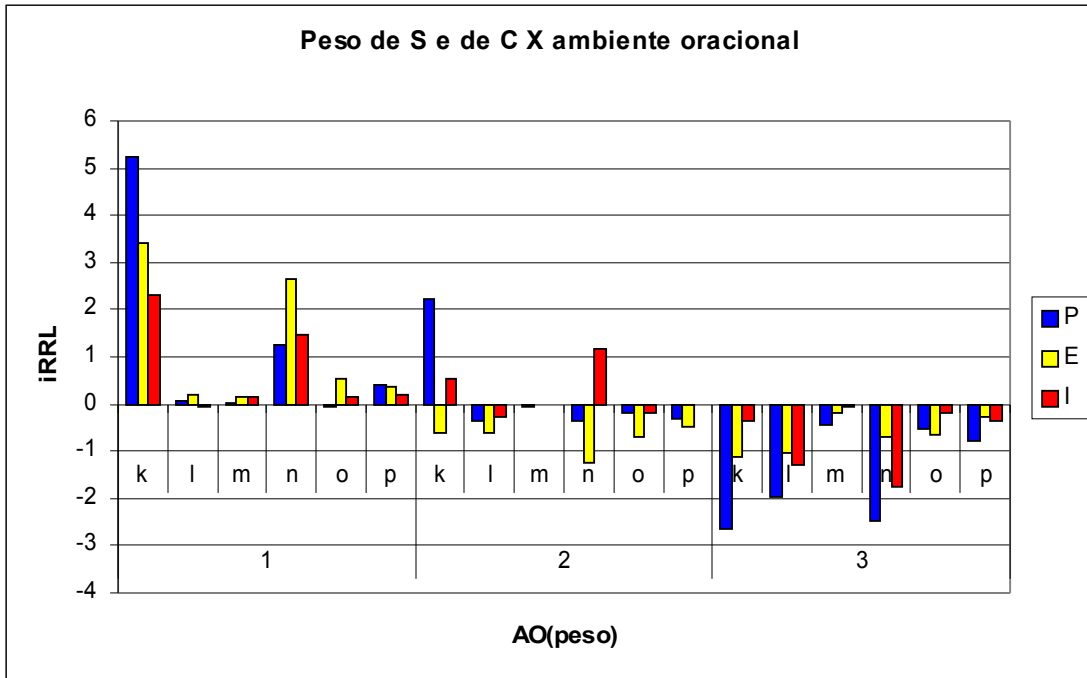


Gráfico CI - comparação entre as IRRLs das classes de ambiente oracional mais comuns nos três corpora como função do peso de S e de C.

Para o fator *regência verbal*, as categorias mais comuns são como já e posto! transitivos diretos, verbos de ligação e verbos intransitivos. Esses casos e para os três sistemas, os resultados mostram que os subconjuntos ibéricos têm em geral as IRRLs mais elevadas - i.e. P e > apresentam no intervalo de amostragem maiores diferenças entre os valores inicial e final das frequências absolutas desses traços enquanto o italiano tem valores mais equilibrados para os mesmos. Janto em C9 quanto em C1K1, que tra os mesmos resultados em outro arranjo, favorecendo o ponto-de-vista do ambiente oracional, evidenciam-se as tendências a) de aumento das frequências absolutas de u trans. diretos, x ligação) e xx intransitivos) em orações principais 1) b) de diminuição das frequências dessas mesmas classes em orações subordinadas 1) e c) um estado intermediário em orações coordenadas 1).

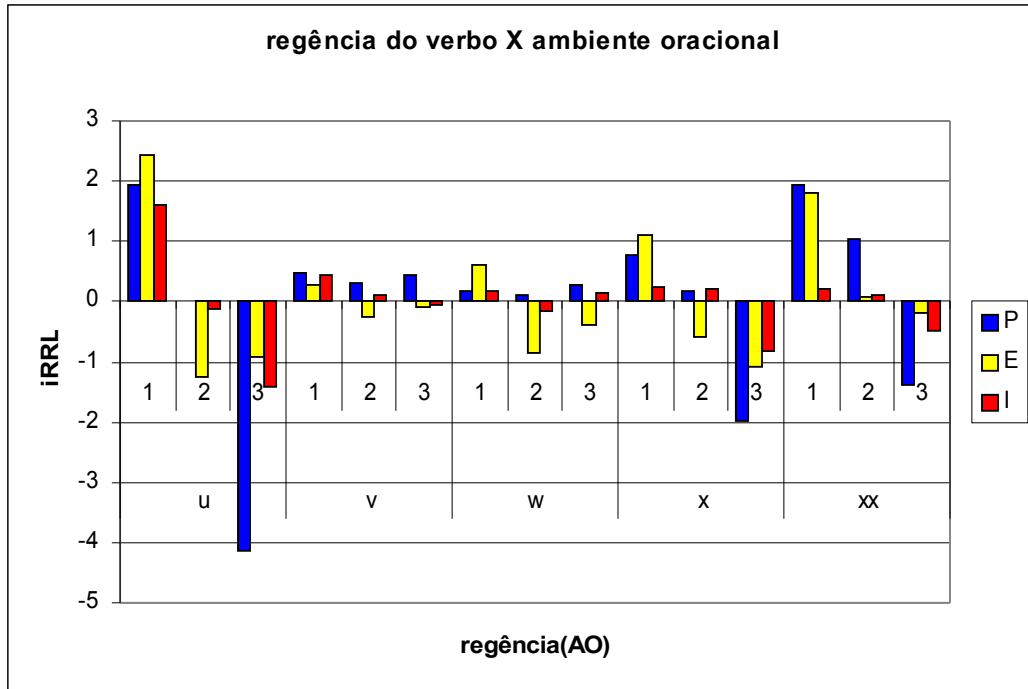


Gráfico C9 - comparação entre as i " " #s das classes de regência verbal nos tr\$ *corpora* como função do ambiente oracional.

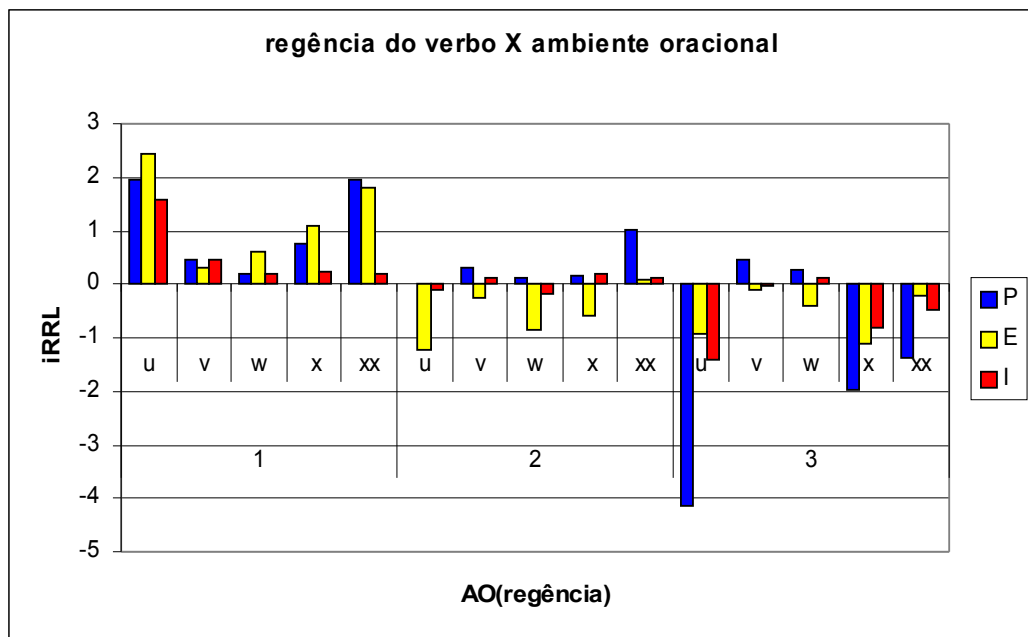


Gráfico C1K - comparação entre as i " " #s das classes de ambiente oracional mais comuns nos tr\$ *corpora* como função da regência verbal.

Com respeito ao fator *tempo do verbo* nota-se! nos Gráficos C11 e C1:!*ue as formas finitas α) mostram as tendências mais sensíveis + mudança - se;a no sentido de aumento das frequências absolutas em orações principais 113 nos três *corpora*! ou de decréscimo dessas frequências em orações subordinadas 133. As formas finitas em orações coordenadas α 23 sofrem pequeno aumento em P e diminuição em >! e t\$m distribuição de i" "# subhorizontal em italiano. <essa mesma classe α ! o par de sistemas ibéricos responde! mais uma vez! pelas mais elevadas taxas de mudança em *ual*uer ambiente oracional.

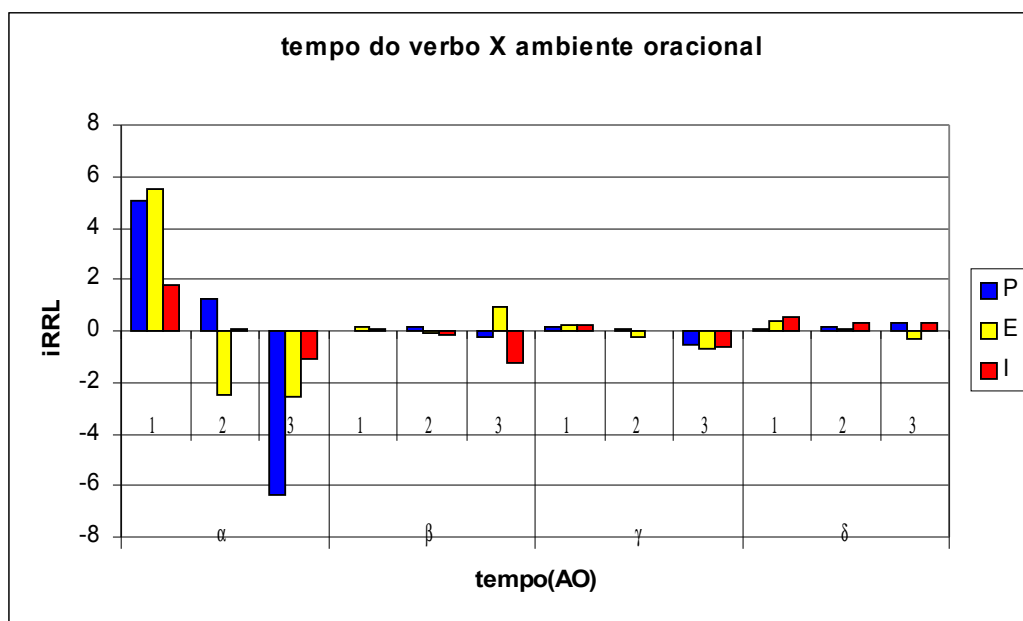


Gráfico C11 - comparação entre as i" "#s das classes de *tempo do verbo* nos três *corpora* como função do ambiente oracional.

>m virtude de as categorias do fator *tempo do verbo* se concentrarem ;á no Gráfico C11 e de os valores encontrados para as classes β ! γ e δ serem pouco expressivos! limitá- nos-emos + apresentação desse fator como função de *ambiente oracional*! a inversão dos fatores levaria apenas + dispersão das tendências mais salientes oferecidas no gráfico acima.

Os Gráficos C1: e C13! por fim! mostram *ue a classe fle.ional do verbo tamb0m 0 sens'vel ao ambiente oracional. Assim 0 *ue as tend\$ncias observadas para as tr\$ conjugações s)o de aumento das fre*, \$ncias absolutas das ocorr\$ncias associadas a orações principais 113 e de diminuiç)o das fre*, \$ncias relacionadas a orações subordinadas 133% as coordenadas 123! mais uma ve ! oscilam entre esses dois e. tremos.

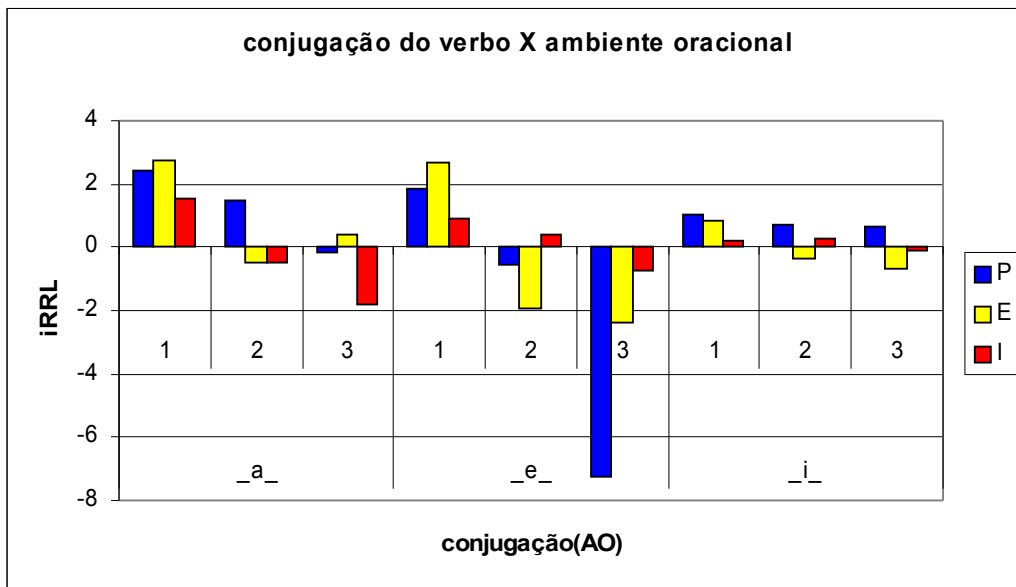


Gráfico C1: - comparaç)o entre as i " " #s das classes fle.ionais do verbo nos tr\$s *corpora* como funç)o do ambiente oracional.

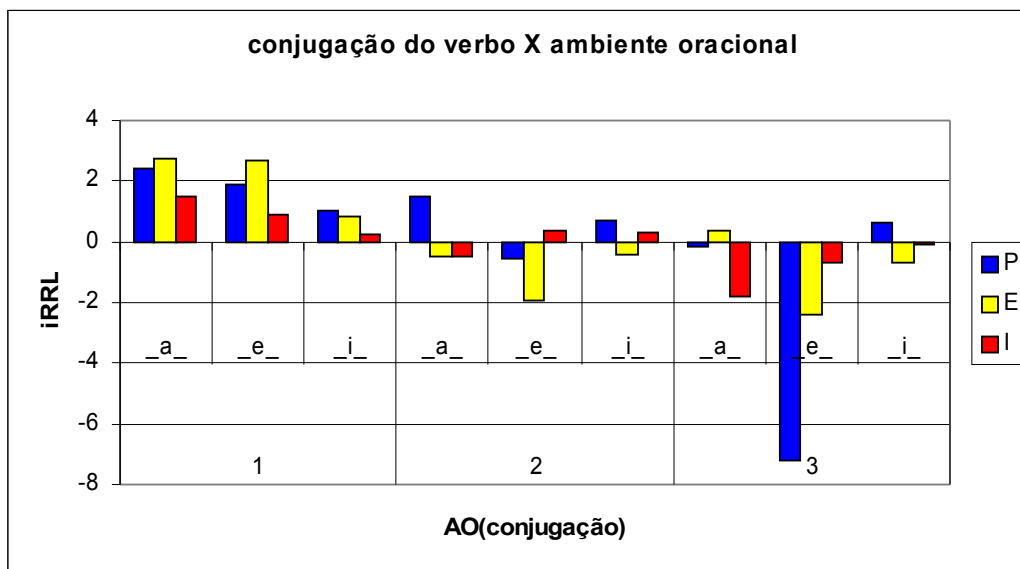
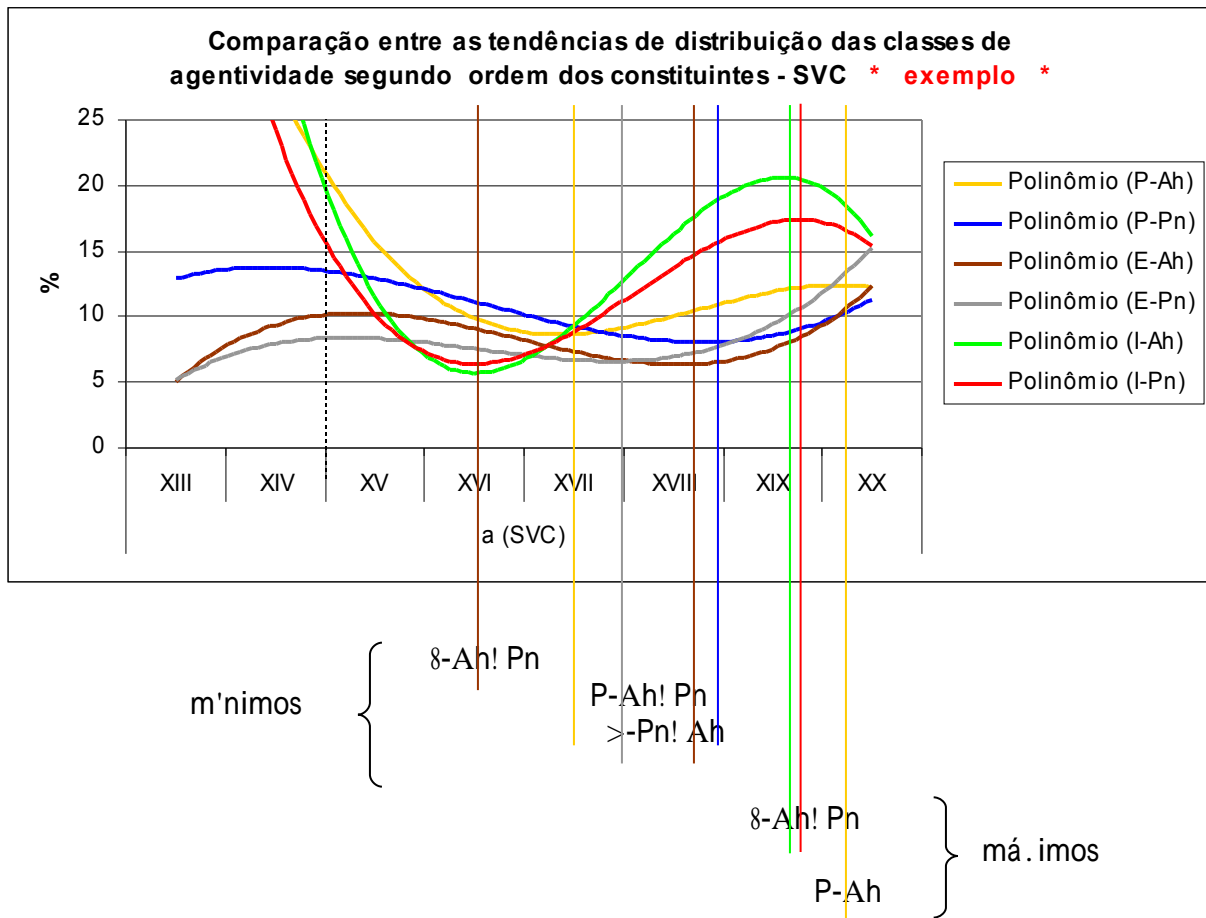


Gráfico C13 - comparaç)o entre as i " " #s das classes de ambiente oracional mais comuns nos tr\$s *corpora* como funç)o da classe fle.ional do verbo.

Outro tipo de comparação entre os *corpora* pode ser feito a partir da sobreposição das curvas de comportamento de cada sistema para um traço específico. Dessa forma, é possível verificar, na mesma escala, as proporções de distribuição e de mudança de frequência de um traço num sistema em relação ao que se passa nos outros *corpora*.

Nos gráficos seguintes, uma linha vertical tracejada no início do século B 2 indica o ponto a partir do qual devem ser consideradas as curvas de P e de δ¹³C. À esquerda dessa linha, essas curvas são apenas projetadas pelo mesmo polinômio que se ajusta aos dados; uma vez que este estudo não comporta amostragem anterior ao século B 2 para esses dois sistemas. Em alguns casos, como ilustrado no exemplo abaixo, podem-se identificar pontos críticos para as curvas; mas, na maioria absoluta dos gráficos, não há uma sequência recorrente desses pontos que indique com segurança um dos sistemas como líder de uma mudança em dado ambiente e difundindo-se para outros. Em outras palavras, as tendências dos três *corpora* são similares, mas não guardam relação de causalidade umas em relação às outras.



5 imperativo observar! ainda! *ue os resultados apresentados nesta (eç)o devem ser analisados em conjunto com os oferecidos + (eç)o anterior4 a*ui! temos a comparação entre as frequências absolutas dos dados% +*uela (eç)o! as ta. as de mudança.

>m C1&! apresentamos as curvas referentes + distribuição de estruturas a 1(2C3! i 12C3 e 62C7. Observa-se facilmente *ue há uma espécie de setori aç)o dos fei. es de curvas relativas a um traço específico! especialmente na região medial do gráfico4 as curvas a 1(2C3 ficam na faixa dos 1K - 3KM! as i 12C3 ocupam a faixa dos 3K - 6KM! e as relativas ao grupo 62C7 correm entre os 6K - 12KM. A dispers)o das curvas no final do intervalo coberto pela amostragem sugere a possibilidade de os tr\$ s sistemas se individuali arem nos =ltimos pontos do gráfico% entretanto! as regiões-limite dos gráficos devem ser consideradas com cautela! pelos motivos ;á e. postos na (eç)o *ue trata da Metodologia.

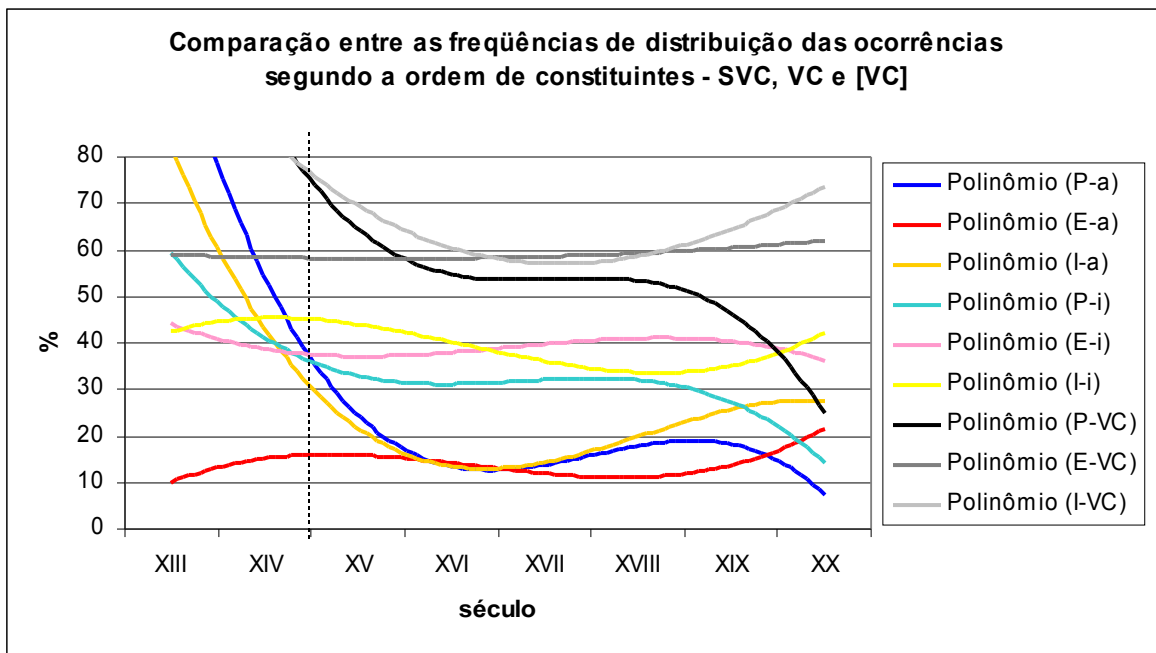


Gráfico C1& - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência de estruturas (2C! 2C e do grupo 2C.

O Gráfico C1G re=ne as curvas das classes g 1(23 e h 12 (3! além de tra er! para efeito de aproximação com C1&! as curvas de 62C7. Os dois conjuntos de curvas relativas +s estruturas em *ue o complemento do verbo n)o 0 e. presso est)o situados abaixo dos 3KM para os tr\$ s sistemas! além de convergirem no final do intervalo de amostragem. As

classes g 1(23 e h 12(3! portanto! ocorrem segundo fre*, \$ncias e*uilibradas em toda a amostra! e*uiiparando-se + fre*, \$ncia absoluta da classe a 1(2C3 do gráfico anterior. Observa-se! para os Gráficos C1& e C1G! *ue as curvas n)o permitem inferir *ue uma mudança de fre*, \$ncia de determinada ordem de constituintes se;a liderada por *ual*uer dos tr\$s sistemas! e nem a identificaç)o de um *corpus* em *ue esses movimentos se;am tardios em relaç)o aos demais.



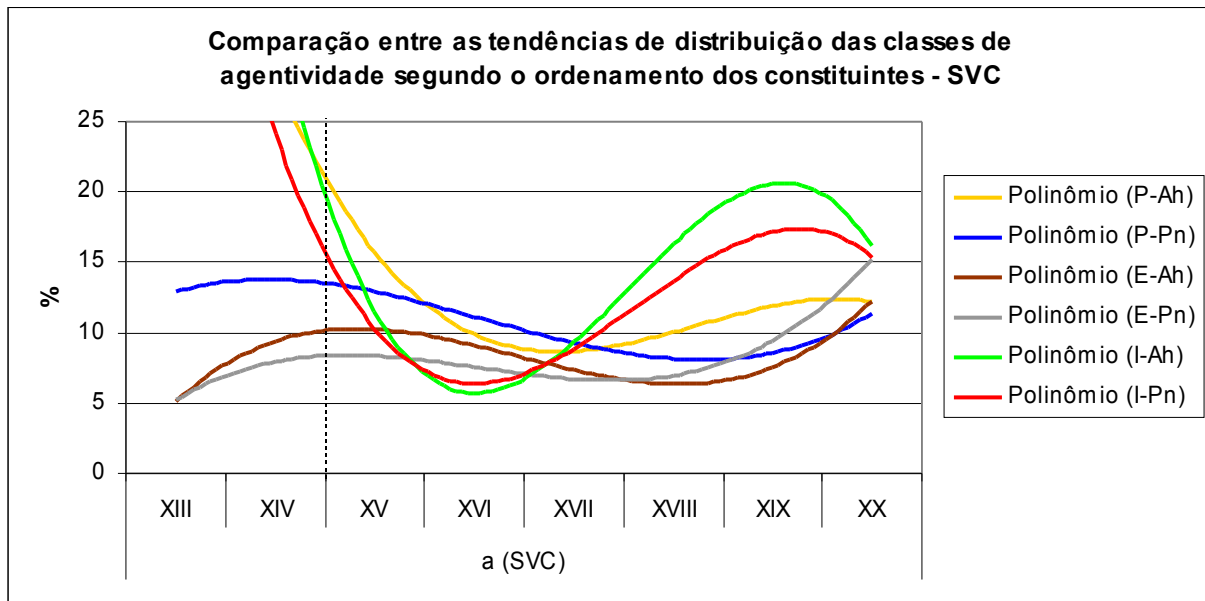


Gráfico C1@ - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes mais abundantes de agentividade em estruturas (2C).

As curvas compreendidas no Gráfico C1D constituem um feixe muito mais compacto do que o observado no gráfico anterior e distribuído numa faixa de frequência superior + de a 1 (2C3). Nota-se facilmente que as curvas de português e de italiano relativas ao mesmo traço seguem paralelas! enquanto as de espanhol parecem constituir um par isolado.

Pá em C1I! os polinômios têm um traçado diferente - e o próprio gráfico é plotado em escala menor do que a de C1D -! mas as curvas se associam umas às outras em pares da mesma forma que o observado para a ordem 2C4 P-Ah corre junto de E-Ah! P-Pn segue aproximadamente o mesmo contorno de E-Pn! e as curvas de espanhol. A propósito! os máximos absolutos das curvas de E-Ah e de E-Pn precedem os mínimos das curvas de P-Ah e de E-Ah em cerca de um século! também o máximo local de P-Pn no século B28 e o mínimo local no século B2888 antecedem! respectivamente! mínimos absolutos e máximos locais de P-Ah e de E-Ah.

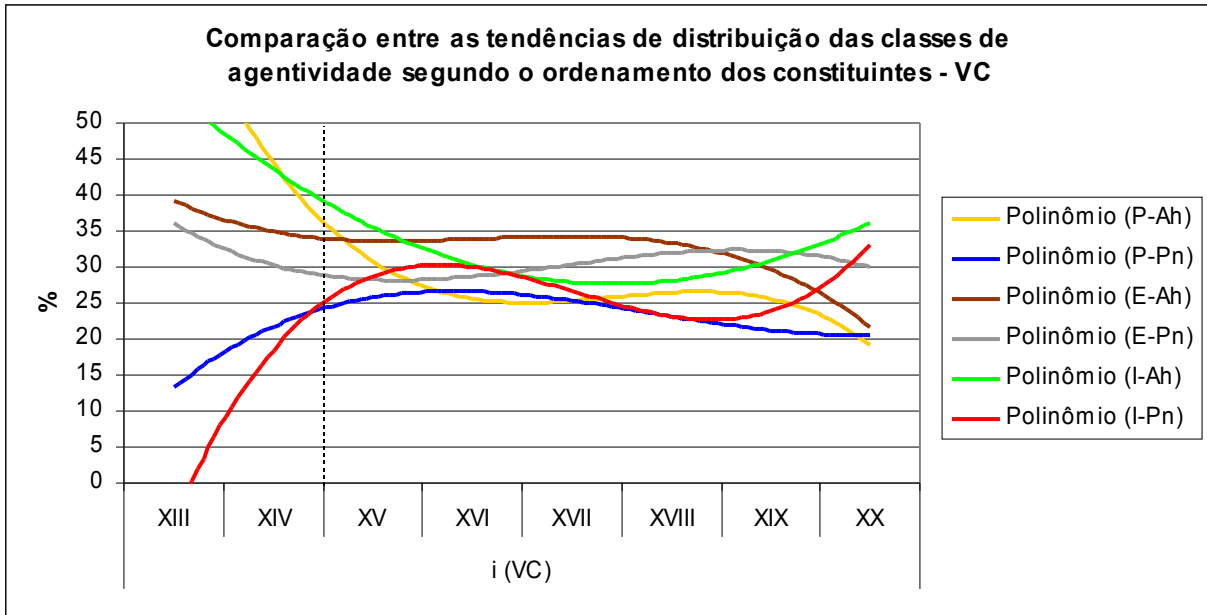


Gráfico C1D - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes mais abundantes de agentividade em estruturas 2C.

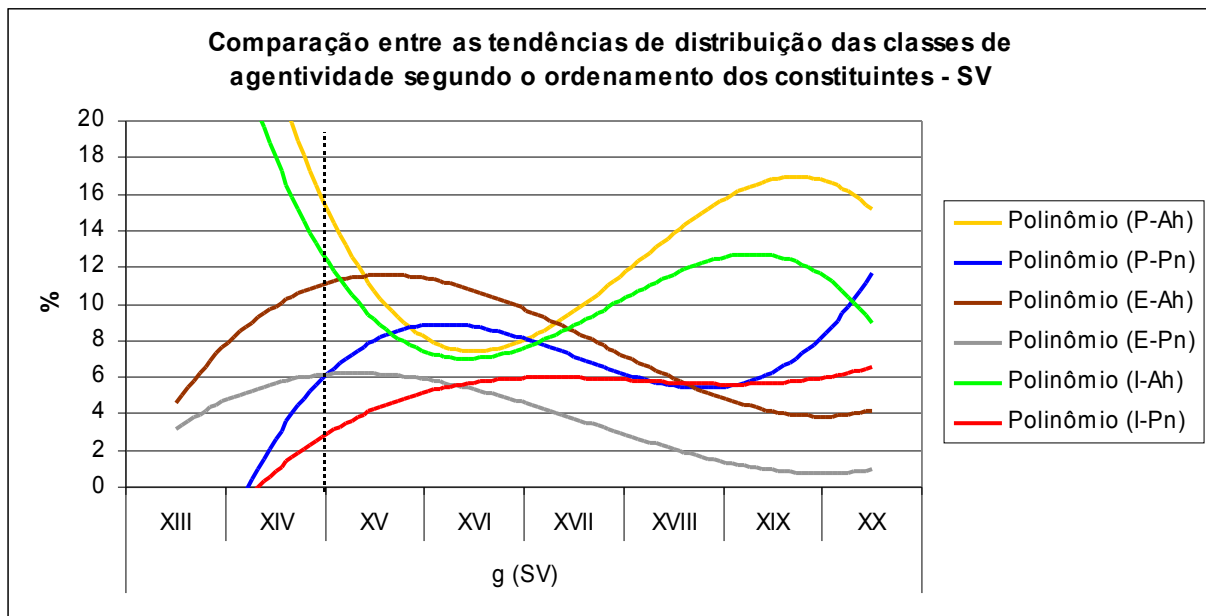


Gráfico C1I - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes mais abundantes de agentividade em estruturas (2).

A classe **h** 12 (3! a fechar as observações sobre as relações entre os fatores *agentividade* e *ordem de constituintes*! 0 representada por curvas *ue correm numa escala semelhante + de (24 as de português e as de italiano t\$m o mesmo traçado básico! en*uanto as de espanhol s)o praticamente paralelas em todo o intervalo de amostragem. 2e;a-se *ue o período da curva de espanhol 0 aproximadamente o dobro do apresentado pelas curvas de italiano e de português! mas esse fato 0 atribuído + limitaç)o dos *corpora* português e italiano a textos escritos a partir do século B2 inclusive. Fe uma forma ou de outra! como a e.tens)o e o perfil das curvas de P e de 8 s)o similares entre si! os pontos cr'ticos das mesmas n)0 est)o distanciados cronologicamente uns dos outros.

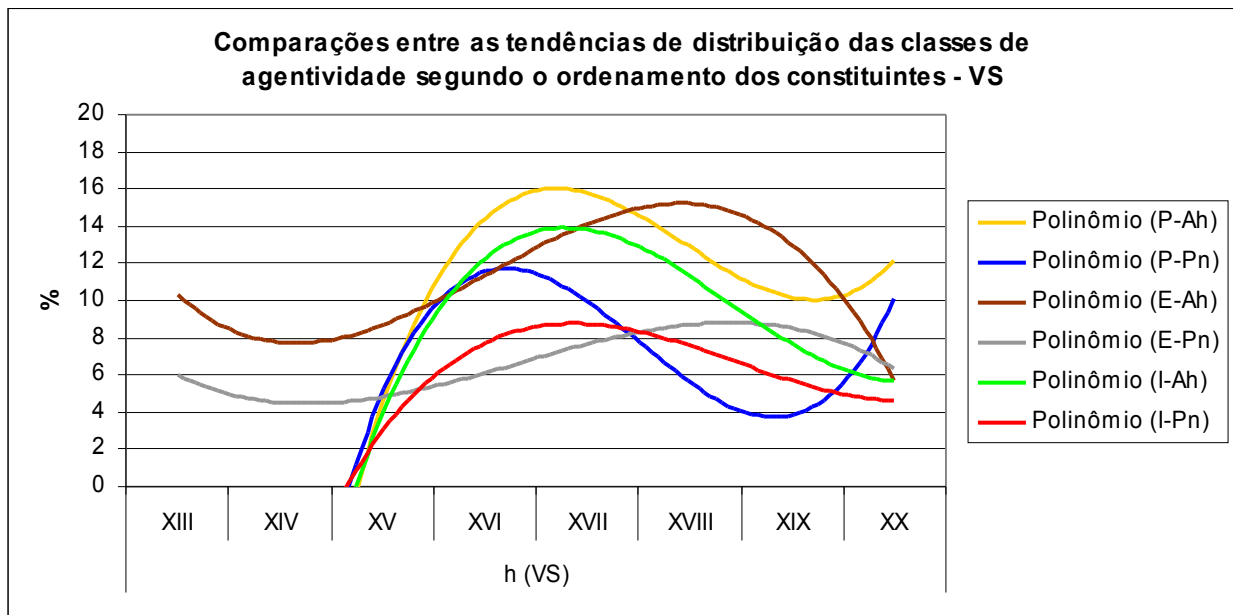


Gráfico C19 - sobreposiç)o das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes mais abundantes de agentividade em estruturas 2 (.

Indicando! mais uma vez! as peculiaridades de cada sistema! nota-se! no Gráfico C:K! que as curvas referentes às classes de *agentividade* seguem aos pares! nos *corpora* espanhol e italiano! os mesmos perfis para o subconjunto português! os traçados das curvas de Ah e de Pn são diferentes dos demais e entre si. Pá foi salientado que as frequências absolutas de orações principais tendem a aumentar nos três sistemas - por vezes! de maneira mais patente que em outras -! mas chama a atenção o fato de as curvas para os três *corpora* correrem dentro de limites relativamente estreitos de variação! constituindo um feixe nítido de perfis de mudança.

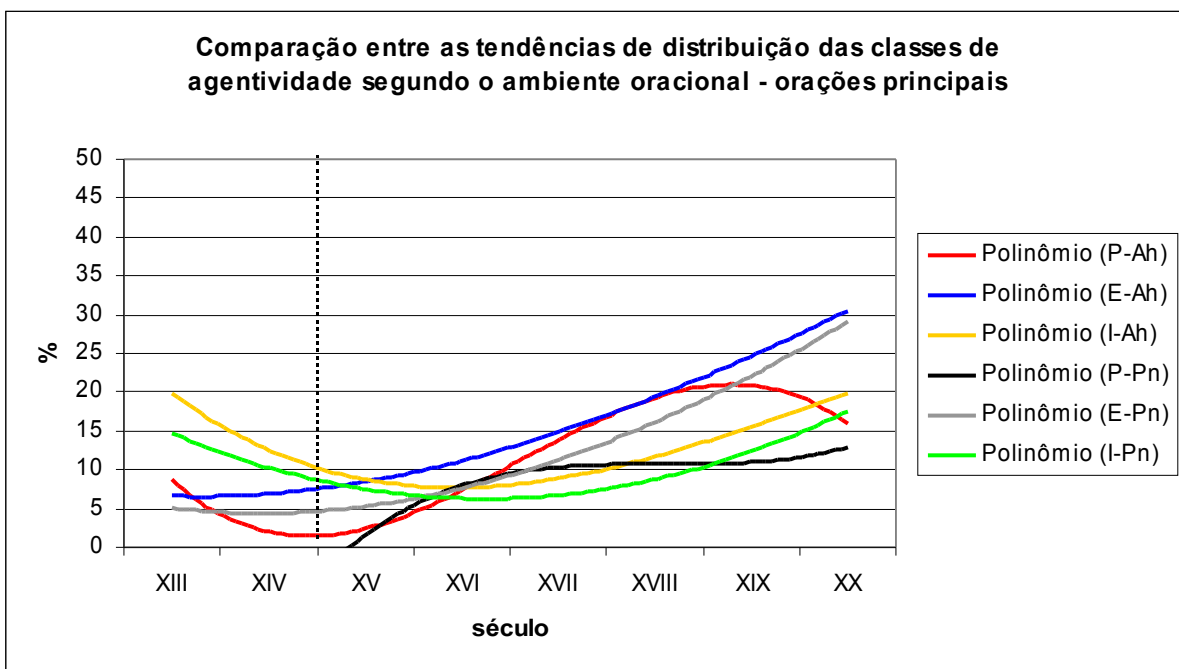


Gráfico C:K - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes mais abundantes de agentividade em orações principais.

no Gráfico C:1 tomam-se as curvas relativas às classes mais comuns de *agentividade* associadas a orações coordenadas. Aplicam-se também aqui as observações feitas ao Gráfico C:K no que respeita à proximidade entre as curvas - que exibem perfis característicos para cada sistema - como já ventilado - os polinômios correspondentes a P-Ah e a P-Pn são representados por curvas praticamente paralelas e o mesmo se verifica para o par >-Ah e >-Pn e &-Ah e &-Pn são divergentes no início do intervalo de amostragem (possivelmente em decorrência de o século B2 ser o primeiro na amostra) - que causaria uma distorção no traçado inicial dessa curva - mas caminham paralelas a partir do século B28.

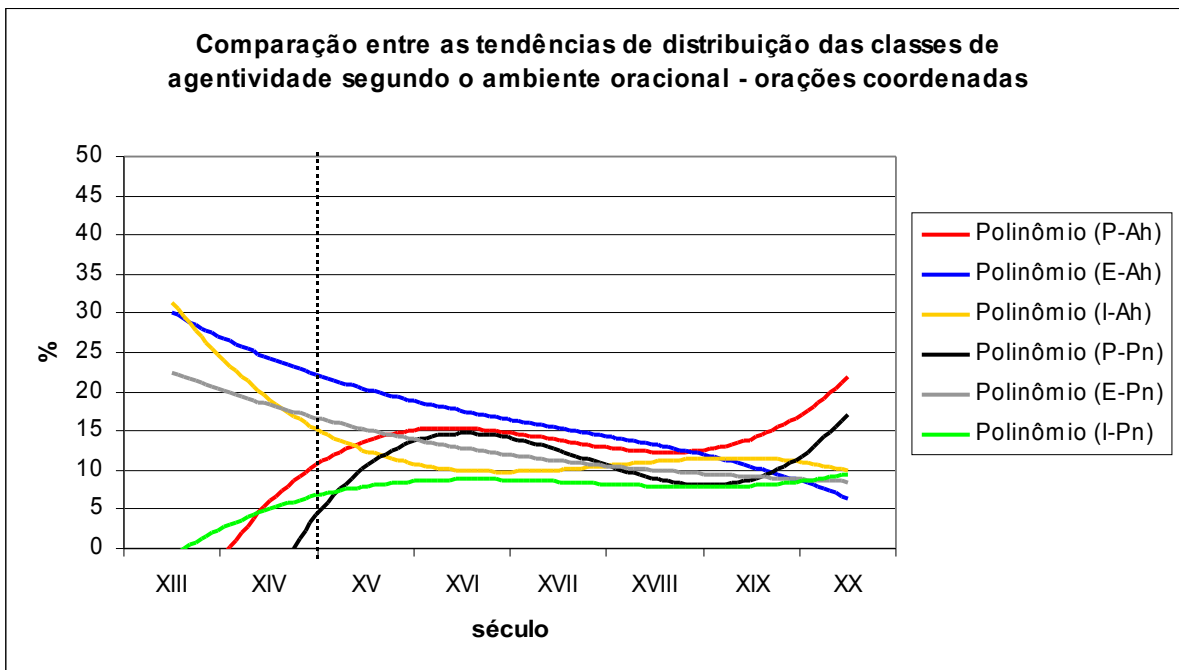


Gráfico C: 1 - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes mais abundantes de agentividade em orações coordenadas.

Hma dispers)o muito mais sens'vel 0 observada em C: :! *ue resume os comportamentos dos *corpora* em relaç)o + distribuic)o das classes Ah e Pn em oraç)es subordinadas. Isso mostra *ue as caracter'sticas individuais dos sistemas a*ui representados transparecem mais claramente nas oraç)es subordinadas do *ue em oraç)es principais lcf. Gráf. C:K3 ou coordenadas lcf. Gráf. C: 13! nas *uais se observam tend\$ncias semelhantes entre as curvas 0 sistemas. Nais uma ve ! n)o parece haver relaç)o de implicatura direta entre as curvas! *ue ocupam uma regi)o superior do gráfico! correspondendo a fre*,\$ncias absolutas mais elevadas! como ;á foi tratado anteriormente% as de italiano e portugu\$! ademais! representam segmentos cu;a configuraç)o pode mudar se se ampliar o intervalo de amostragem.

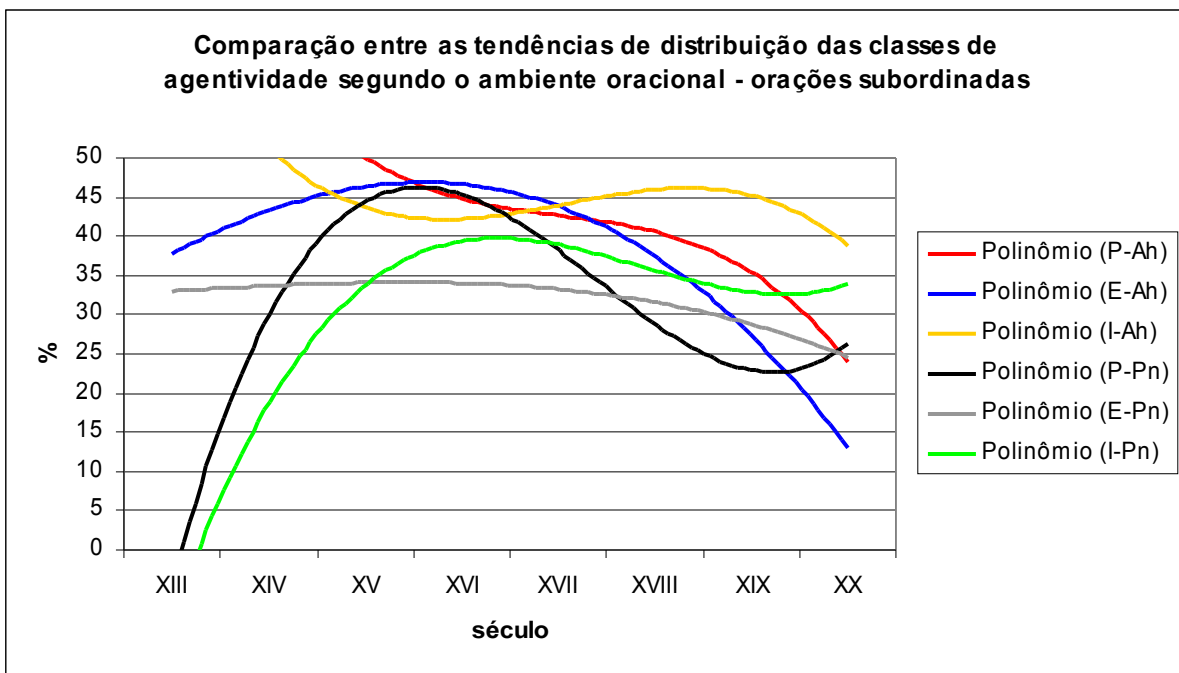


Gráfico C: : - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes mais abundantes de agentividade em orações subordinadas.

O fator *peso de S e de C* associado ao ambiente oracional aponta outras particularidades dos conjuntos de dados. Observe-se em primeiro lugar que a distribuição das frequências das classes mais comuns (letra *S* e o complemento verbal pleno) leva à construção de curvas que indicam para as orações principais uma dispersão das tendências a partir do século XVIII - apesar de, no todo, as inclinações dessas classes serem positivas, chegando a avançar acima dos 20%.

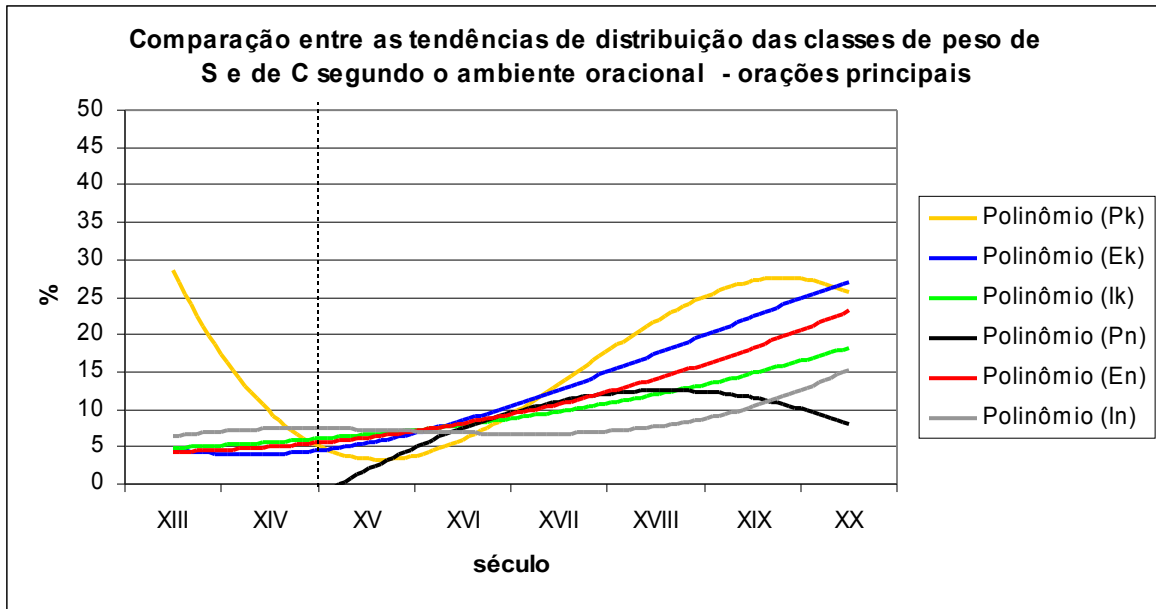


Gráfico C:3 - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes de peso de S e de C em orações principais.

Para o ambiente oracional : 1coordenadas3! o fei.e de curvas 0 mais compacto! indicando que os sistemas apresentam o mesmo comportamento na maior parte do intervalo de amostragem% nos dois =ltimos séculos! entretanto! haveria também uma tendência + diferenciação dos comportamentos. >sse fato sugere! no m'nimo! que a dispersão das curvas em orações principais (cf. Gráf. C:3 acima) antecede o mesmo movimento em orações coordenadas% conclusões mais seguras nesse sentido demandam! entretanto! estudo com maior volume de dados e extensão dos limites de amostragem. Para o conjunto! identifica-se! no Gráfico C:4! a mesma tendência subhorizontal com leve declínio que está associada às orações coordenadas (v. também o Gráf. C:5).

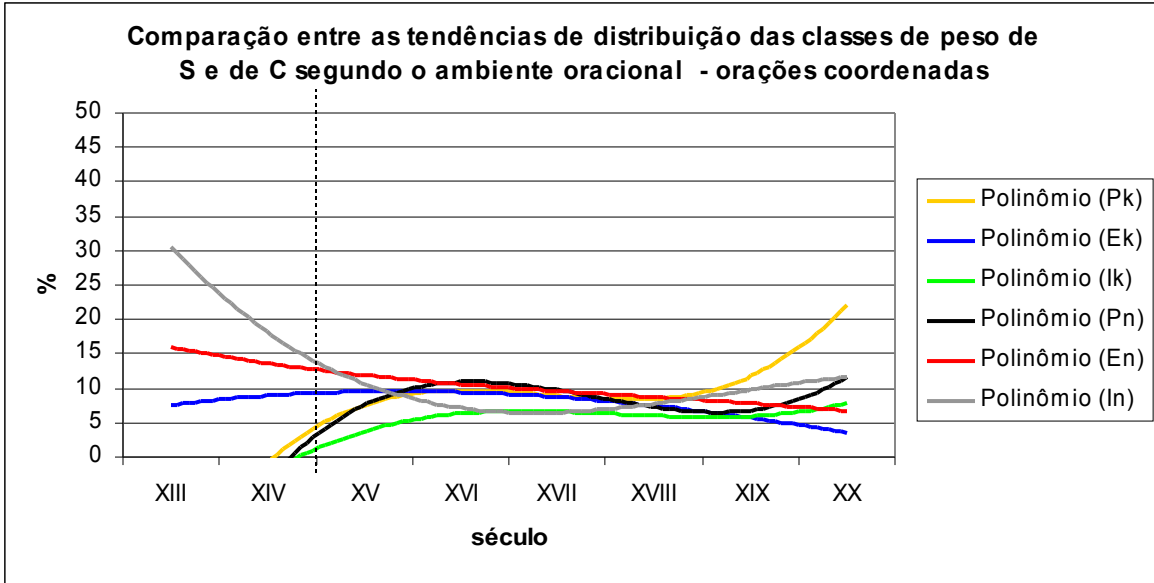


Gráfico C: & - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes de peso de *S* e de *C* em orações coordenadas.

>m orações subordinadas! as classes **k** (sujeito pleno) e **n** (complemento verbal pleno) mostram uma faixa de dispersão mais larga do que nos outros ambientes oracionais - i.e.! as frequências de orações subordinadas distinguem melhor os sistemas do que as de principais e de coordenadas (cf.! respectivamente! os Gráfs. C:3 e C:& acima). Jambôm neste caso as curvas ocupam uma região superior do gráfico e tendem ao decréscimo previsto para esse ambiente oracional em C: I.

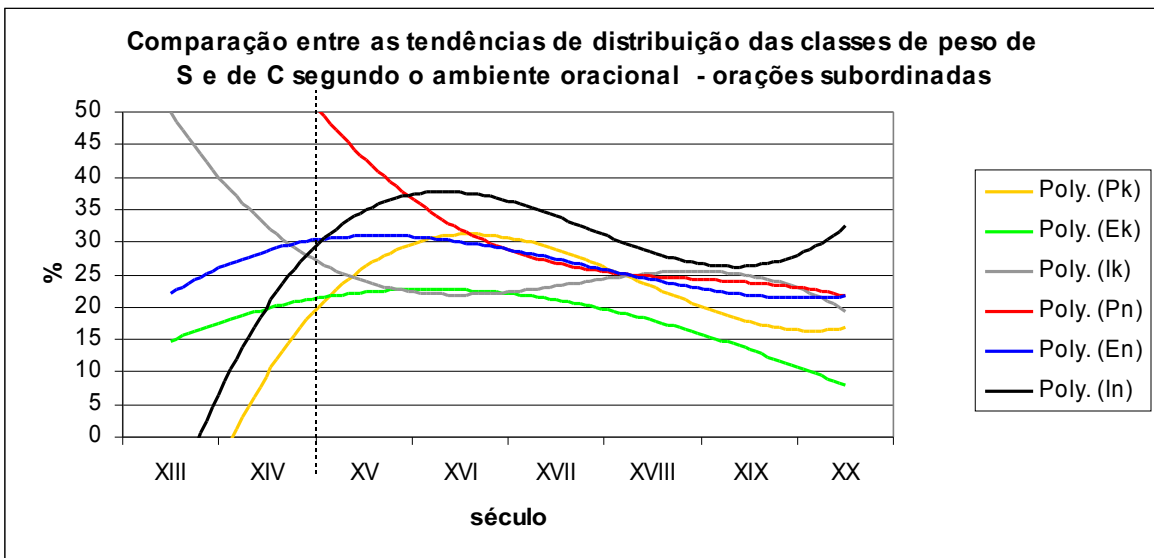


Gráfico C: G - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes de peso de *S* e de *C* em orações subordinadas.

Contemplando-se unicamente o ambiente oracional, observa-se que a sobreposição das curvas de cada sistema mostra que os comportamentos são parcialmente semelhantes. O aumento das frequências desse ambiente oracional é característico dos três *corpora*, mas cada base de dados tem, naturalmente, suas particularidades. Assim, a curva para o português IP13 é a única que apresenta um traçado senoidal no intervalo de amostragem! Enquanto a do espanhol I>13 cujo perfil é semelhante ao da curva de italiano I813, afasta-se das outras duas e alcança os valores mais elevados do gráfico.

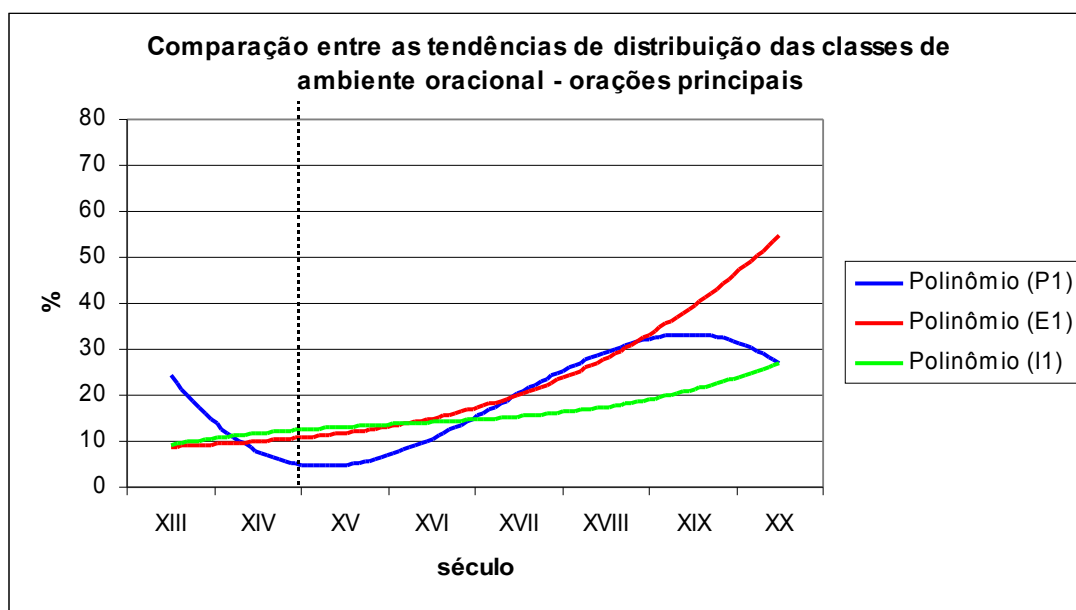


Gráfico C: - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes de ambiente oracional em orações principais.

As orações coordenadas também mostram perfis distintos para cada sistema ao final do período compreendido pela amostra. Em português IP:3, a tendência é de crescimento discreto, como já apresentado no Gráfico C, e para a classe PR, no caso do espanhol I>:3, verifica-se uma diminuição regular em todo o intervalo de amostragem, por fim, a frequência de ocorrência de orações coordenadas em italiano I8:3 se mantém praticamente inalterada no *corpus*.

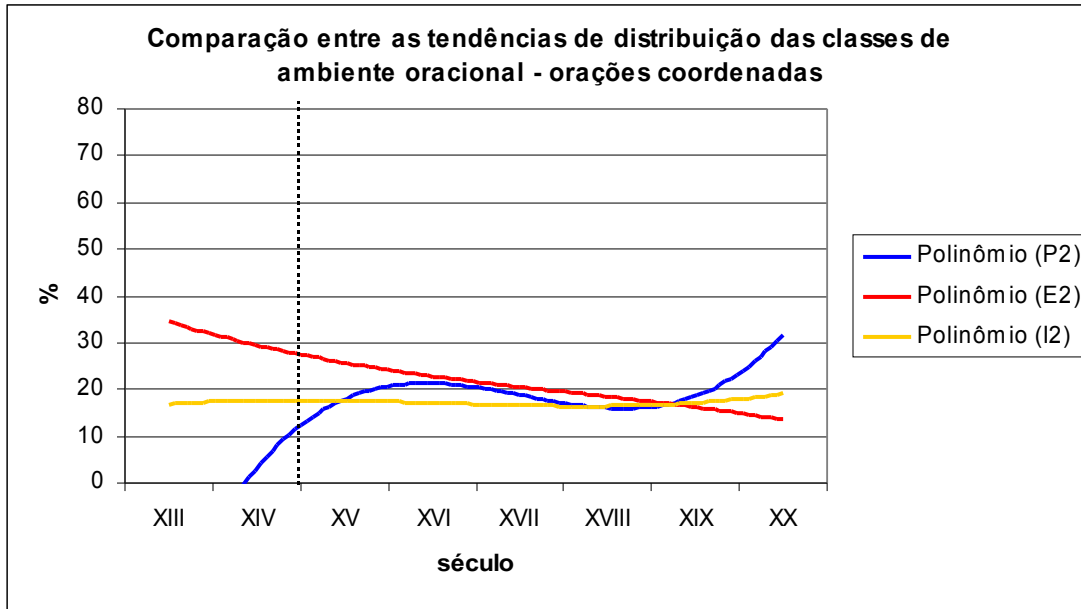


Gráfico C:D - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes de ambiente oracional em orações coordenadas.

>m C:I! temos os perfis de frequência de orações subordinadas nos *corpora*! *ue repetem os padrões gerais encontrados em C:G4 os valores de frequência são decrescentes e ocupam a região superior do gráfico! além de manterem uma dispersão mais elevada *ue nos outros ambientes oracionais.

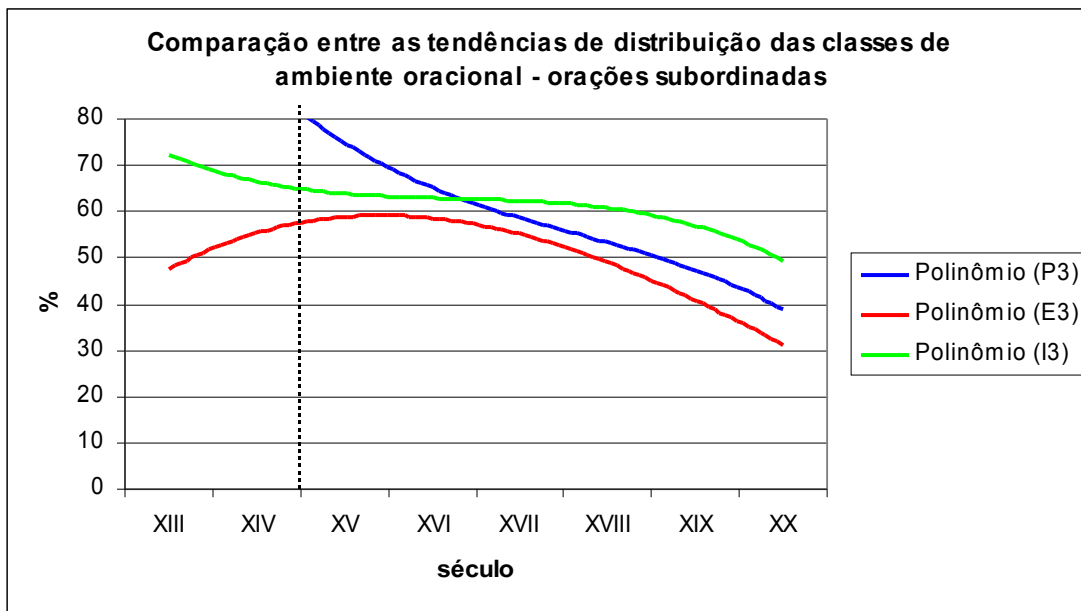


Gráfico C:I - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das classes de ambiente oracional em orações subordinadas.

Com respeito às classes de conjugação verbal, observam-se, nos Gráficos C:9 a C:31, distinções entre os sistemas. No C:9, nota-se uma leve tendência de diminuição das frequências absolutas de ocorrência da classe *_a_* em italiano, enquanto as curvas dos subconjuntos ibéricos sugerem aumento dessas mesmas frequências em C:31, invertendo-se esses comportamentos nas curvas de frequência de verbos de segunda conjugação. As faixas de dispersão máximas das curvas para os dois gráficos são próximas das 1GM - inclusive ao final do intervalo de amostragem, indicando uma forte correlação entre os dados e sugerindo que os pontos finais do intervalo podem, neste caso, representar com segurança as projeções dos comportamentos dos *corpora* até o século XVIII.

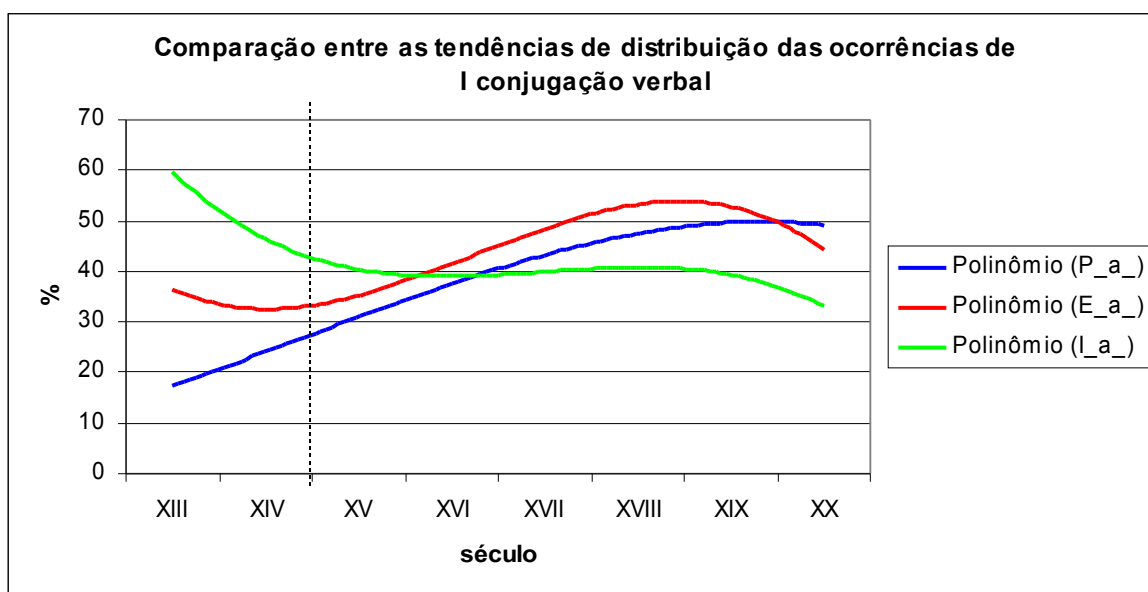


Gráfico C:9 - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência de verbos de vogal temática *SaS*.

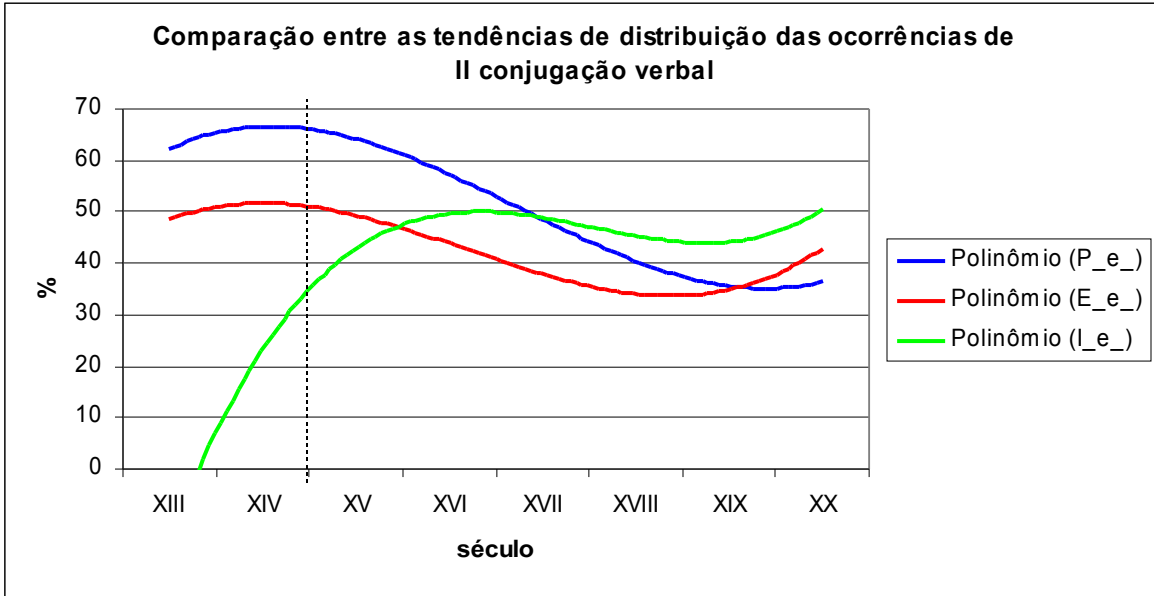


Gráfico C3K - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência de verbos de vogal temática SeS.

Para a análise comparativa nota-se que as curvas ocupam a região inferior de C31 e há um sensível estreitamento da faixa de variação das curvas - o que sugere que a frequência absoluta de ocorrência de verbos dessa classe não distingue os sistemas.

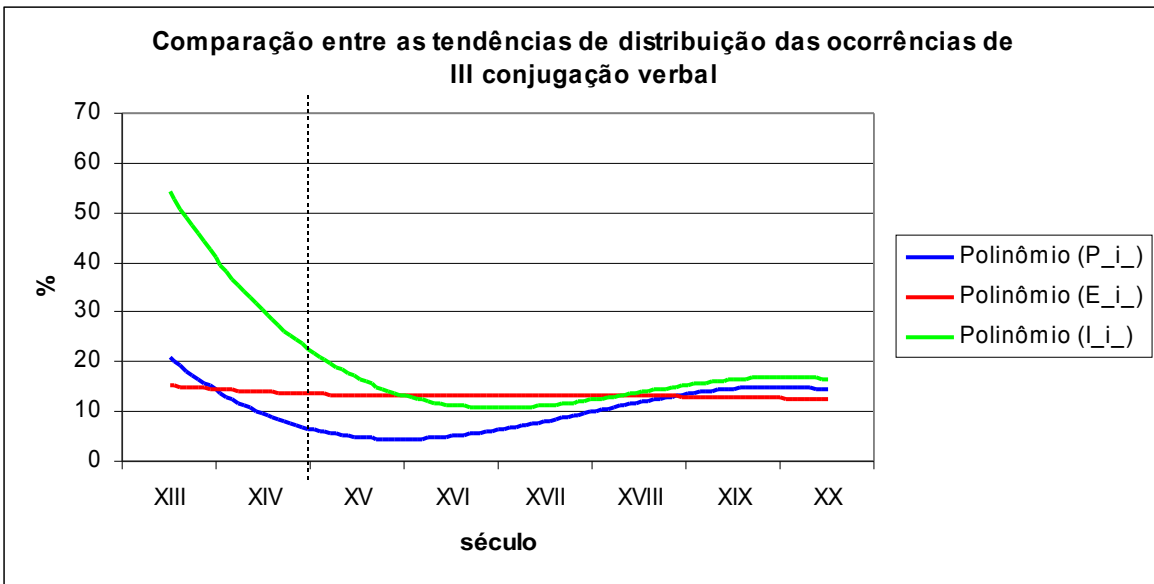


Gráfico C31 - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência de verbos de vogal temática SiS.

As curvas relativas + distribuição do item lexical *ser* (P3) q *ser* (E3) q *essere* (E3) segundo o ambiente oracional também acompanham o traçado geral definido nos Gráficos C3:a a C3:i para os diferentes tipos oracionais. O perfil ascendente característico da distribuição de frequências de orações principais aparece também no Gráfico C3:a. Este mostra as proporções relativas de ocorrência do verbo *ser* nos três *corpora* a frequência do item lexical (0) portanto função do ambiente oracional. O italiano se distingue dos sistemas ibéricos por apresentar a intensidade mais baixa do conjunto: 19% contra 41% e 43%. Este fato sugere a possibilidade de os sistemas ibéricos responderem mais rapidamente à mudança do perfil italiano, refletindo a observação de Zucchi (1991) sobre a estabilidade do italiano em relação às outras línguas neolatinas.

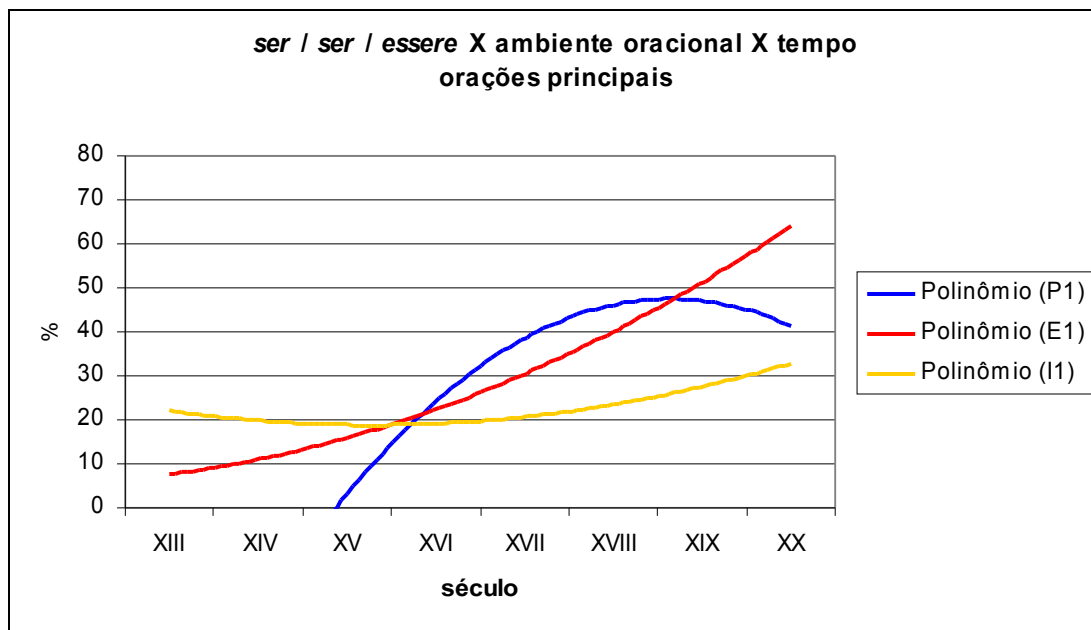


Gráfico C3:a - sobreposição das curvas de frequência do item lexical *ser/ser/essere* em orações principais.

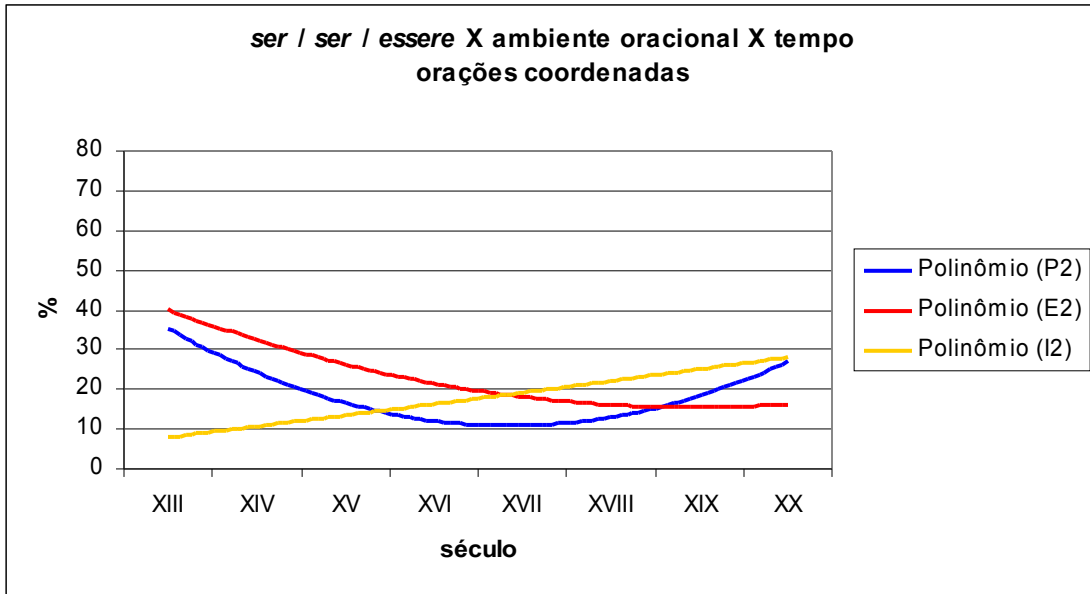


Gráfico C3:b - sobreposição das curvas de frequência do item lexical *ser/ser/essere* em orações coordenadas.

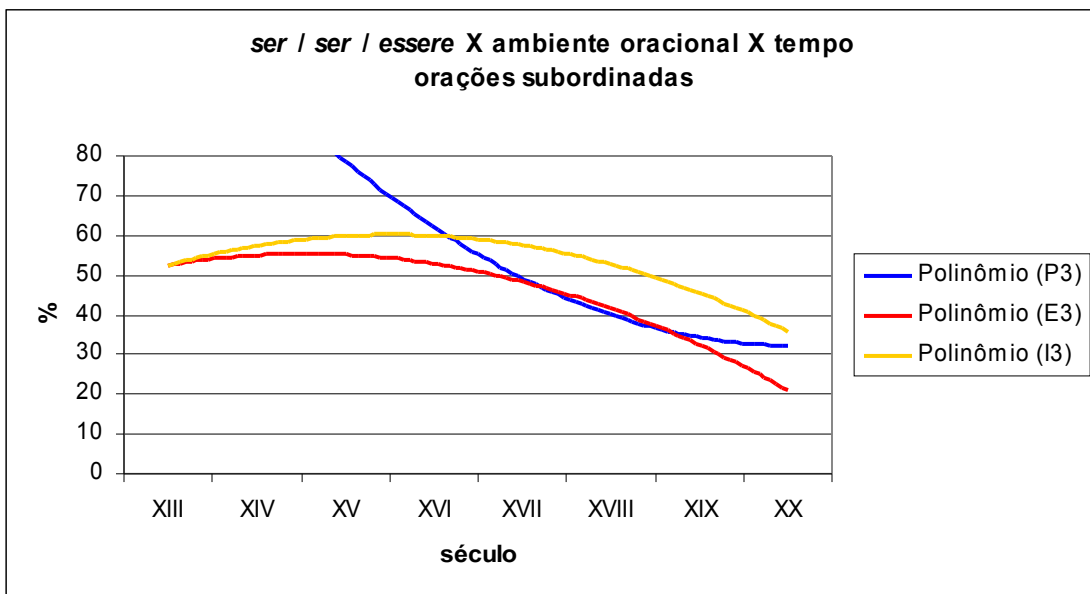


Gráfico C3:c - sobreposição das curvas de frequência do item lexical *ser/ser/essere* em orações subordinadas.

Retomando-nos por fim à sobreposição das curvas de ordem 1 e 2 em função do ambiente oracional. Paralelamente aos movimentos apontados nos gráficos precedentes observam-se a localização dos perfis referentes às orações principais (cf. Gráf. C33a3 e coordenadas (cf. Gráf. C33b3) em regiões de baixa frequência absoluta (além das setorialização das curvas em faixas diferentes do gráfico referente às subordinadas (cf. Gráf. C33c3). Neste último caso há uma distribuição semelhante e exibida no Gráfico C18, mas as intensidades dos conjuntos apresentados em C33c são decrescentes. As frequências de ocorrência são crescentes nos três sistemas para as principais e nota-se a formação de um feixe de curvas mais compacto e de inclinação levemente decrescente para as coordenadas em C33b.

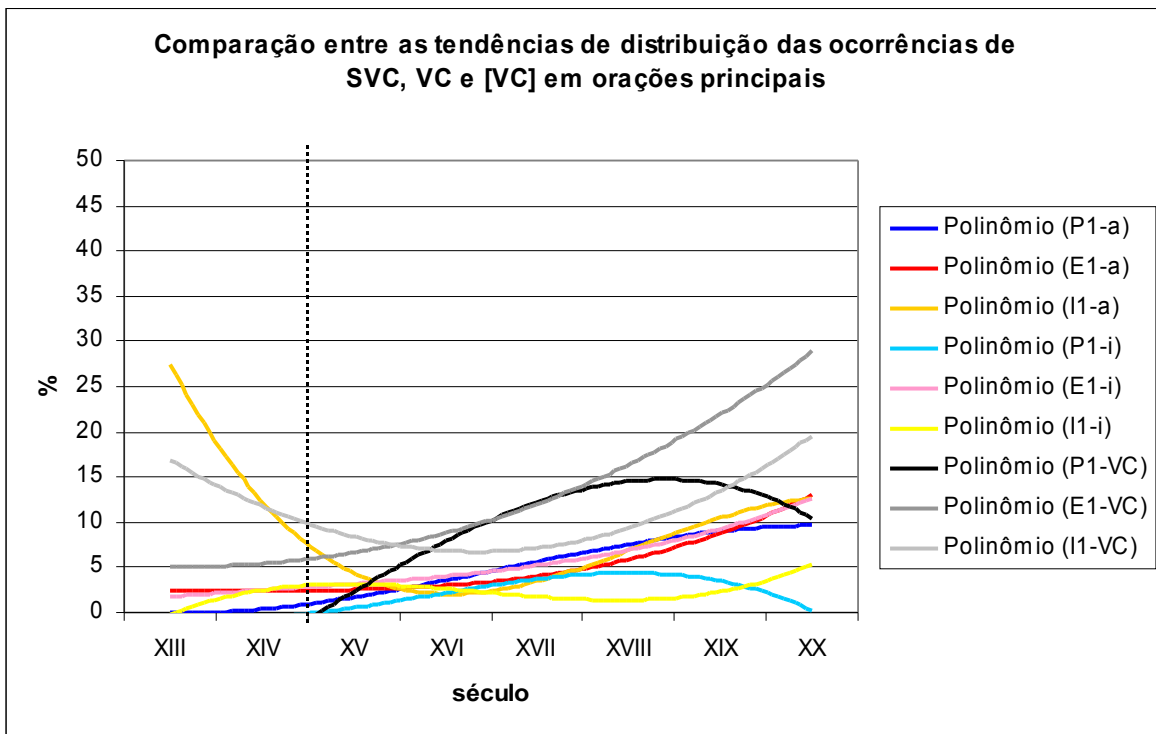


Gráfico C33a - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das ordens 1 e 2 em orações principais.

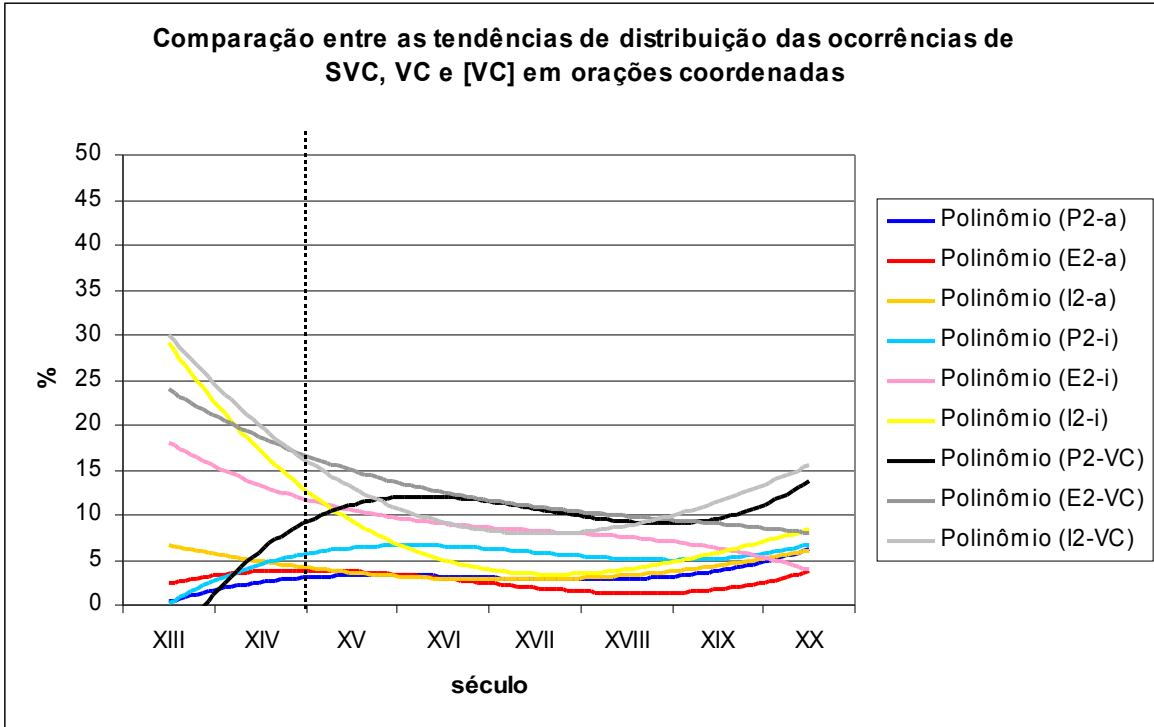


Gráfico C33b - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das ordens a! i e 2C em orações coordenadas.

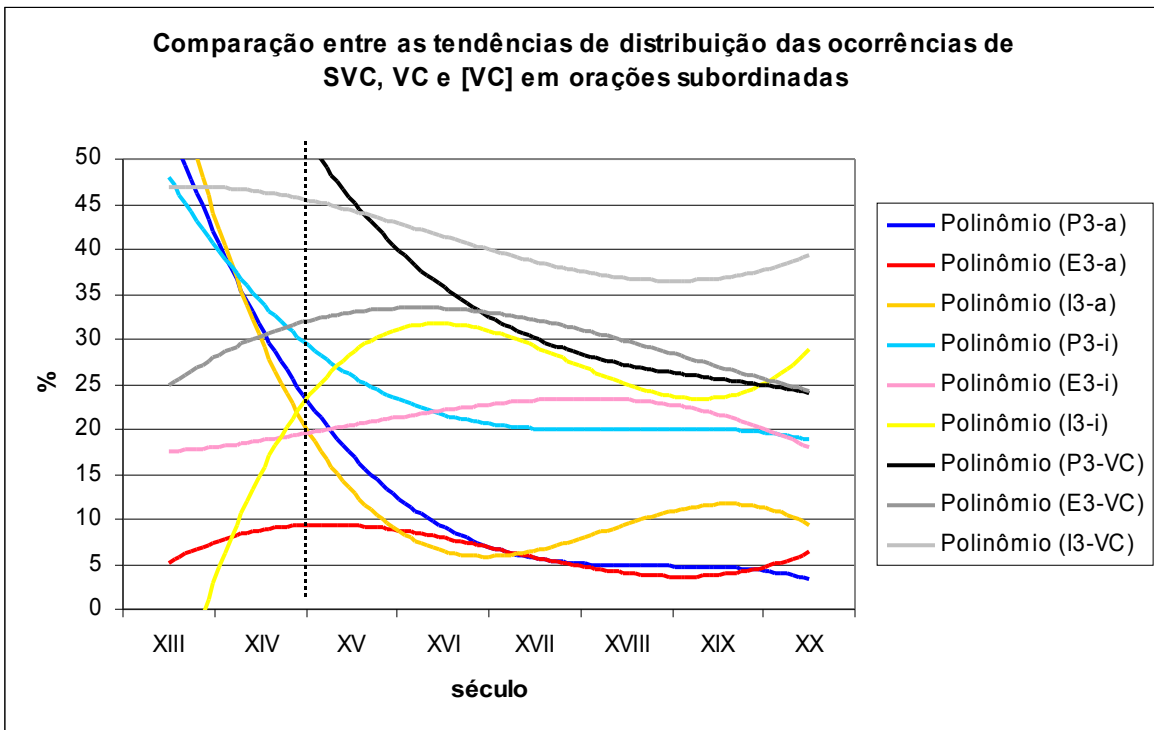


Gráfico C33c - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das ordens a! i e 2C em orações subordinadas.

Hma comparação entre as frequências absolutas de ocorrência das ordens que têm os três constituintes (-2-C e. pl'citos mostra que de fato o português é predominantemente (2C - apesar de a frequência dessa ordem sofrer uma diminuição li" "# T -1!913 diante de outras em que um dos argumentos verbais não é o e. presso. A curva Σ! que reflete a soma/ria de todas as frequências! tem i" "# T -3!9D! indicando que a ocorrência simultânea de (e de C 0! em linhas gerais! cada vez menos comum em português.

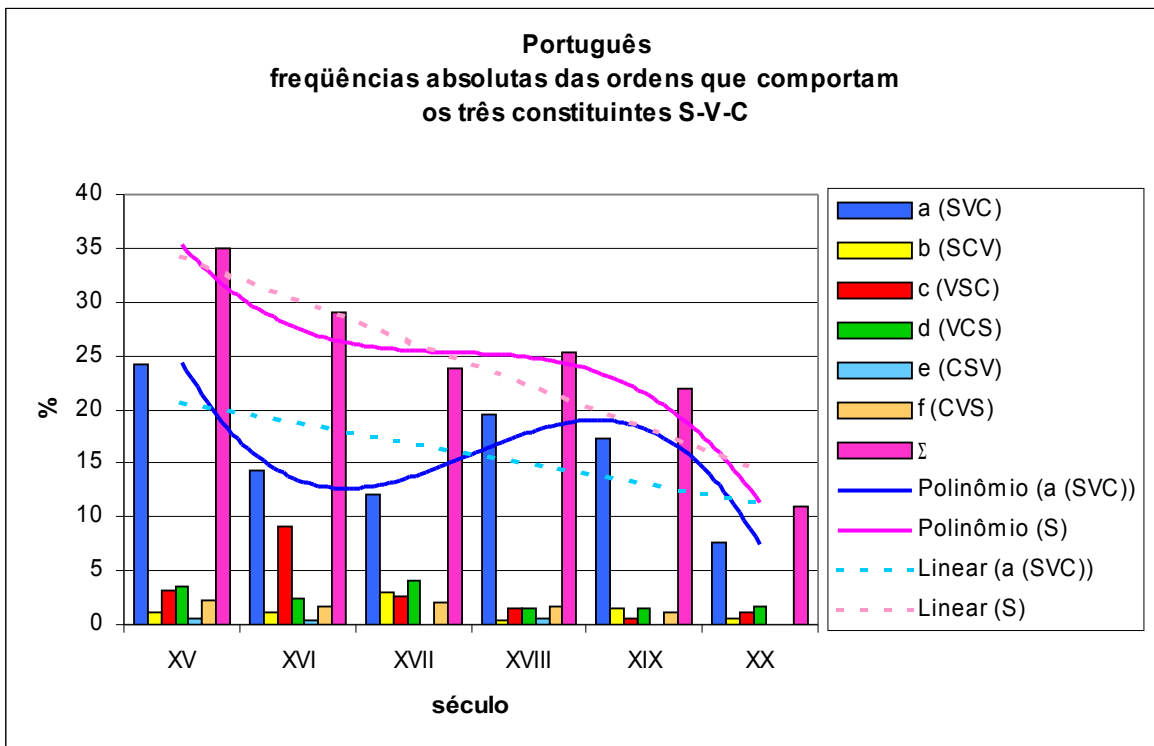
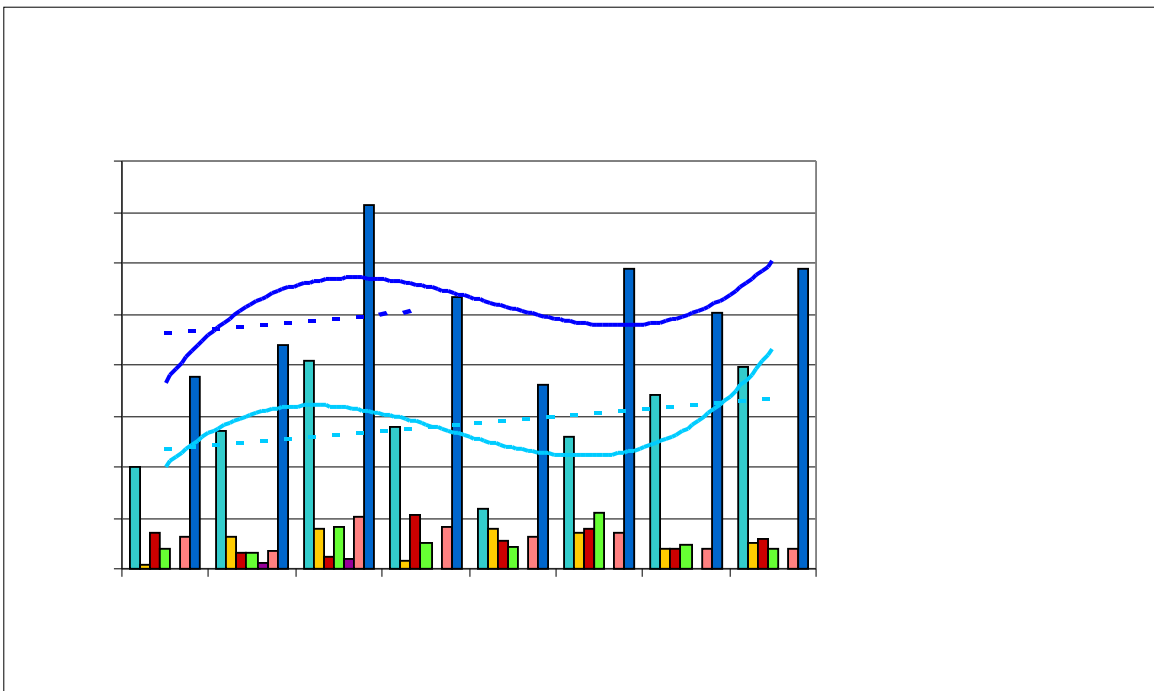


Gráfico C3& - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das ordens que têm os três constituintes (-2-C e. presso no *corpus* português.

<O *corpus* espanhol! as fre*, \$ncias absolutas de ocorr\$ncia das ordens *ue t\$m os tr\$s constituintes (-2-C e.pl'citos s)o dominadas pela curva a 1(2C3! *ue assinala a orientaço)o principal do sistema% a despeito da oscilaço)o das proporçoões associadas a essa classe e contrariamente ao *ue se observou para o portugu\$s! o subcon;unto espanhol mostra i" "#s positivas tanto para essa ordem principal 1.@I3 *quanto para a somat/ria Σ 1.D33. A curva Σ indica! neste caso! *ue a ocorr\$ncia simultEnea de (e de C 0! em linhas gerais! cada ve mais fre*, ente em espanhol! ao contrário do portugu\$s.



Para o *corpus* italiano! divisa-se a mesma prevalência da ordem a 1(2C3 ;á apontada nos casos português e espanhol. >ssa classe! entretanto! mostra a i" "# mais elevada 1: .K&3 dentre os tr\$ sistemas! e! em decorrência disso! a somat/ria Σ 0 influenciada de forma similar li" "#1(3 T 1.K:3. &isso significa *ue os tr\$ *corpora* mostram uma orientação definitivamente (2C! dada pelas fre*,\$ncias absolutas das classes *ue contêm os tr\$ constituintes% contudo! essa tendência se afirma! através das i" "#s! cada ve mais fracamente a partir do italiano para o português! passando pelos valores intermediários do espanhol - i.e.! num sentido de leste para oeste. >m outras palavras! os sistemas polares na "omEnia Ocidental de 2idos 19@I! português e italiano! apresentam propensões sintáticas claramente d'spares em diversos aspectos.

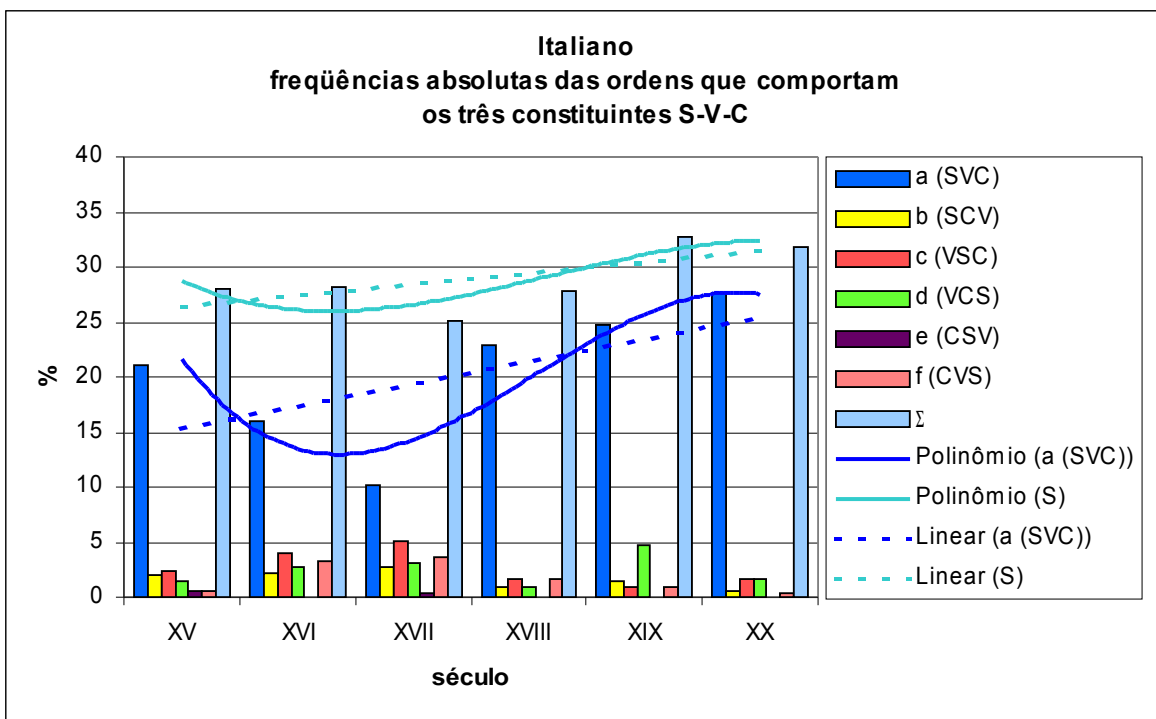


Gráfico C3@ - sobreposição das curvas de frequência absoluta de ocorrência das ordens que apresentam os três constituintes (-2-C e. pressos no *corpus* italiano.

Considerações finais

Os gráficos apresentados na seção anterior compreendem, como já destacado, dois tipos de comparação entre os *corpora*: os Gráficos C1 a C13 comparam as tendências dos sistemas, enquanto os Gráficos C14 a C34 permitem comparar os perfis de mudança (cf. metodologia proposta por Brill et al. 1990, Elman 1998 e McMahon & Smith 2001). Minhas conclusões estão baseadas principalmente na análise desses Gráficos, e pretendem chegar a generalizações que recuperem os pontos fundamentais desta proposta de trabalho.

A partir dos resultados numéricos, compreendo que, da maneira como os fatores foram apresentados e utilizados para classificar as ocorrências, o método é eficiente para localizar fenômenos associados à mudança sintática nas línguas estudadas. Entretanto, a própria definição dos critérios de marcação das ocorrências impõe uma série de limitações que demandam investigação mais detalhada; assim é que o *ambiente oracional* pode ser desdobrado, por exemplo, segundo a natureza das orações subordinadas, e que os fatores *item lexical*, *regência* e *tempo do verbo* podem ser repensados de maneira a se precisarem melhor as características e o papel dos elementos envolvidos na mudança.

limitações da proposta

O fator *ambiente oracional*, que se relaciona diretamente à questão da difusão sintática, merece destaque em virtude de determinar os movimentos dos demais fatores, o que lhe confere um peso maior na análise do que o atribuído a *ordem dos constituintes* e *item lexical*. Assim, as classes mais freqüentes de *agentividade* (Gráfs. C20 – C22) e de *peso de S e de C* (Gráfs. C23 – C25) mostram perfis que reproduzem as tendências do ambiente oracional a que o grupo de curvas se relaciona em cada gráfico; dito de outra forma, esses fatores são dependentes da variável *ambiente oracional* de forma semelhante, ou seja, os perfis dos gráficos que relacionam essas variáveis são similares. Mesmo o fator *item lexical* apresenta índices de correlação com o *ambiente oracional* tão elevados quanto *agentividade* ou *conjugação verbal*, o que leva à consideração de que a difusão entre ambientes sintáticos não envolve apenas os itens lexicais mais ou menos freqüentes, mas sim, níveis estruturais diversos (cf. também proposto por Hawkins 1979, 1983, 1990). Apesar de minha proposta se basear, enfim, numa tentativa de identificação de fatores associados a uma difusão de mudança entre ambientes sintáticos, são poucos os casos em que se observam prováveis seqüências entre os pontos críticos das curvas de tendências;

esse é o caso do português nos Gráficos C23 (orações principais) e C25 (orações subordinadas): o mínimo absoluto da curva de Pk(princ), no século XV, antecede o máximo absoluto de Pk(subord), localizado no século XVI. É difícil, portanto, sustentar a tese da difusão generalizada entre esses ambientes sintáticos a partir dos fatores selecionados para o tratamento dos *corpora* utilizados neste estudo; o que se observa, sem sombra de dúvida, é uma série de perfis simultâneos e complementares de mudança – mas que são de ordem diferente daqueles apontados por Naro & Lemle 1976 e Davies 2000. Esses autores se baseiam em critérios de saliência fônica e de identificação de estruturas marcadas para demonstrar a difusão associada a itens lexicais específicos; os dados aqui apresentados indicam, entretanto, que o *ambiente oracional* deve ser seriamente contemplado numa análise da mudança sintática, e que é preciso estudar mais refinadamente as relações entre os fatores *ordem de constituintes*, *item lexical* e *ambiente oracional*, e entre esses três e outros ainda.

Vejamos, então, alguns aspectos particulares da aplicação dos diferentes critérios de análise. Inicialmente, a partir do exame dos Gráficos C14 e C15, nota-se que, apesar de a ordem VC ser mais freqüente que SV ou SVC para os sistemas estudados, esta última é, de fato, relativamente mais comum que qualquer outro ordenamento dos três constituintes. Portanto, a orientação dos *corpora* no sentido de uma mudança SCV – SVC de Canale 1992 aconteceu fora do intervalo de amostragem; conseqüentemente, analisando as bases de dados aqui apresentadas e descartando as projeções gráficas, não é possível situar cronologicamente essa mudança no SV nem relacioná-la à mudança posterior AN – NA nessas línguas (von Wartburg 1966), como proposto por Canale *op. cit.* Isso leva a uma avaliação do intervalo em que se processaram essas alterações nos sistemas EIP, no sentido de que a mudança no nível S-V-C demanda um tempo maior que o necessário a muitos dos ajustes apontados neste estudo, como mostram os Gráficos C26 e C28, para o ambiente oracional, e C29 e C30, para a conjugação verbal.

Outros movimentos, contudo, acompanham as oscilações de freqüência das ordens que envolvem os constituintes S-V-C no intervalo de amostragem e é possível, portanto, situá-los em relação à mudança dos constituintes A-N. O fator *ambiente oracional*, por exemplo, compreende um avanço das freqüências absolutas de orações principais (especialmente em espanhol, cujo perfil ultrapassa os 50% no século XX – cf. Gráfico

C26), e um recuo nas frequências de orações subordinadas nos três sistemas para baixo dos 50%, segundo a seqüência espanhol (séc. XVIII) – português (séc. XVIII-XIX) – italiano (séc. XX) (cf. Gráfico C28). Isso faz com que, nos casos ibéricos, a mudança de um modelo oracional predominantemente hipotático ceda lugar às orações principais e coordenadas pouco depois da mudança AN > NA (cf. Cohen 1986/1990 e Totaro 1998); entretanto, como o italiano passa a NA entre os séculos XV e XVI, não há, até onde pude compreender, relação com o ambiente oracional semelhante à observada para o português e para o espanhol. Apesar de isso indicar que o controle das mudanças aqui apontadas não é sintagmático, mas, de fato, sintático, esse ponto também demanda estudos adicionais a fim de determinar as causas do comportamento divergente do sistema italiano nesse aspecto.

Por sua vez, fatores de natureza distinta, como *agentividade* e *conjugação verbal*, mostram a) perfis de flutuação segundo curvas mais excêntricas (nos casos de *agentividade* associados a ordens cujo S é expresso, cf. Gráficos C16, C18 e C19), ou b) perfis mais amplos em que não há oscilação, mas uma mudança segundo uma tendência geral de aumento ou de declínio (para o fator *conjugação verbal*, cf. Gráficos C29 e C30). Para os dois casos, não parece haver associação clara entre as mudanças S-V-C ou A-N e os movimentos definidos nos gráficos mencionados, como proposto por Canale 1992; a análise dos *corpora* indica, portanto, que os ajustes sintáticos a) não guardam, necessariamente, relação de contemporaneidade ou de causalidade diretas com fatores como *agentividade* e *conjugação verbal*, e b) operam em seqüências nem sempre paralelas, mas são necessários à produção de configurações harmônicas similares entre os sistemas estudados. Além disso, é digno de nota o fato de que, muitas vezes (a exemplo do que se passa com as ordens que envolvem os constituintes S-V-C), a característica dominante (SVC, no mesmo caso) corresponde a uma fração do universo de possibilidades combinatórias dos traços envolvidos (cf. Gráfs. P1, E1 e I2).

Uma comparação entre as frequências absolutas de ocorrência das ordens que têm os três constituintes S-V-C explícitos mostra que, de fato, o português é predominantemente SVC – apesar de a frequência dessa ordem sofrer uma diminuição (iRRL = -1,91) diante de outras em que um dos argumentos verbais não é expresso. A curva Σ , que reflete a somatória de todas as frequências, tem iRRL = -3,97, indicando que a ocorrência simultânea de S e de C é, em linhas gerais, cada vez menos comum em português.

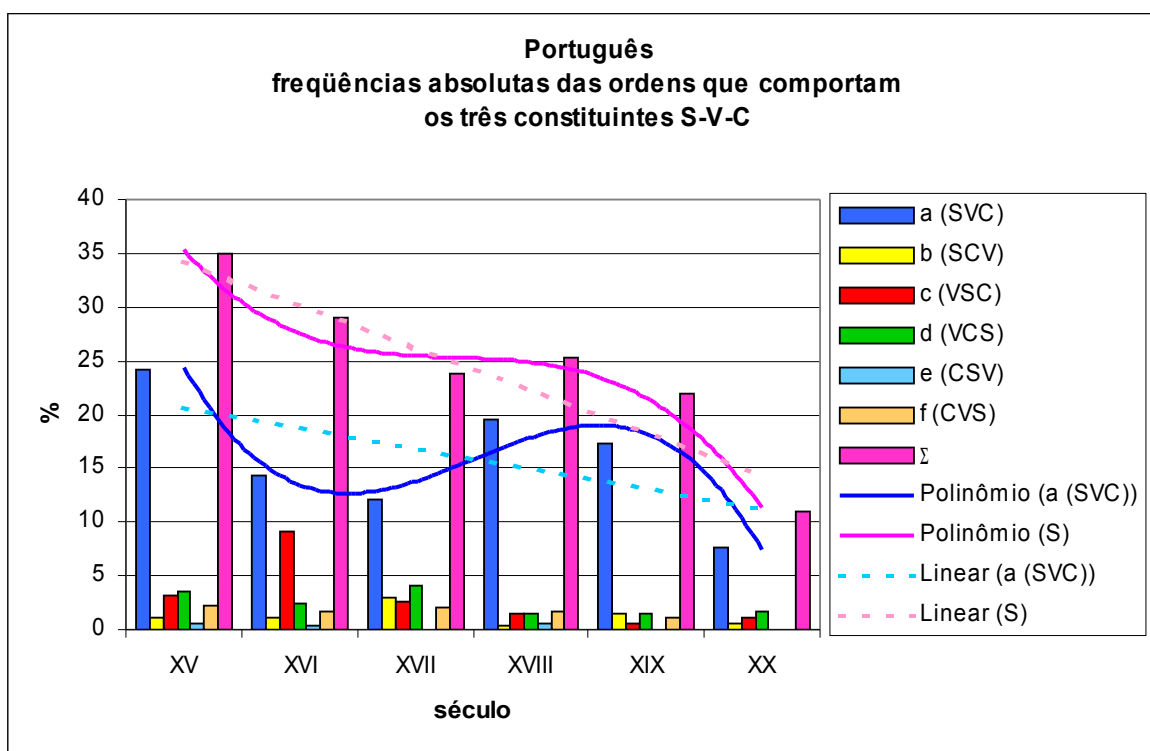


Gráfico CF1 – distribuição geral das ordens que compreendem os constituintes S-V-C no *corpus* português.

No *corpus* espanhol, as frequências absolutas de ocorrência das ordens que têm os três constituintes S-V-C explícitos mostra uma tendência semelhante: o padrão mais recorrente é também SVC, e a frequência de ocorrência dessa ordem é crescente (iRRL = 1,37). A curva Σ , que reflete a somatória de todas as frequências, tem iRRL também positiva e de mesmo módulo (1,42), o que aponta a probabilidade cada vez maior de se encontrarem ordens que envolvam S e C simultaneamente em textos espanhóis.

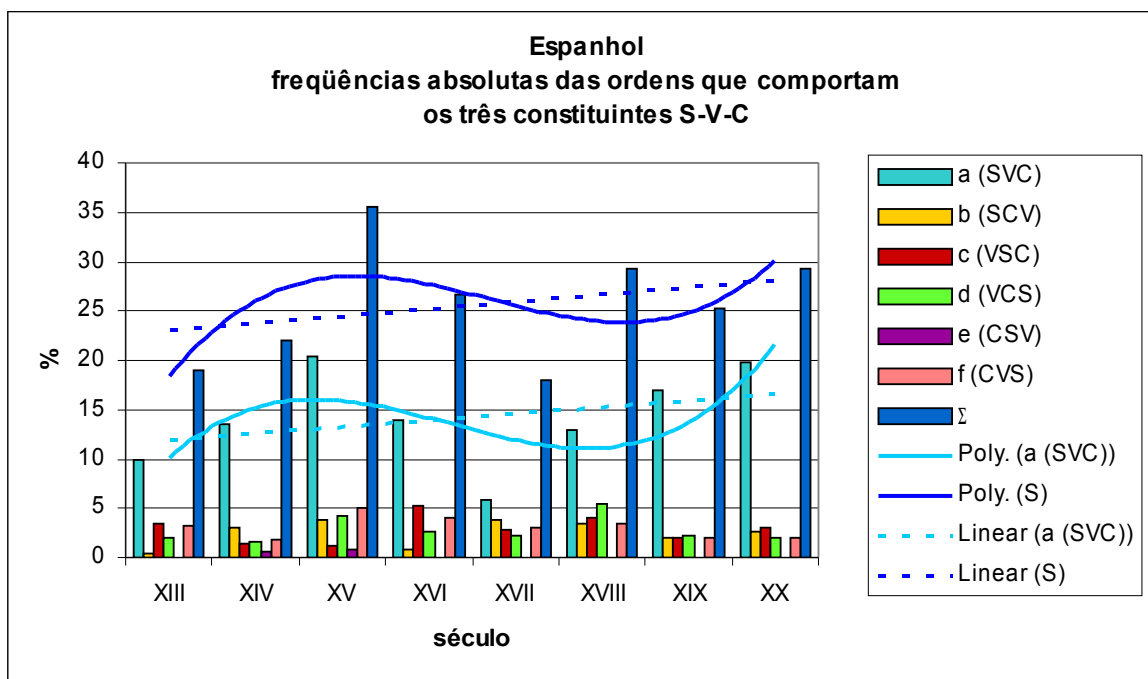


Gráfico CF2 – distribuição geral das ordens que compreendem os constituintes S-V-C no *corpus* espanhol.

Os dados dos textos italianos apontam para um comportamento semelhante ao espanhol: as proporções de ocorrências SVC, dominantes em todo o intervalo de amostragem, tendem a aumentar em termos relativos, apresentando $iRRL = 1,93$; em decorrência da diminuição das freqüências dos demais tipos sintáticos, a inclinação da reta que resolve a distribuição S do conjunto é mais baixa, mas ainda francamente positiva. Esses perfis mostram, mais uma vez, uma individualização do português diante dos outros dois sistemas, uma vez que se mostra menos sensível às pressões que levam a um aumento de SVC em espanhol e em italiano.

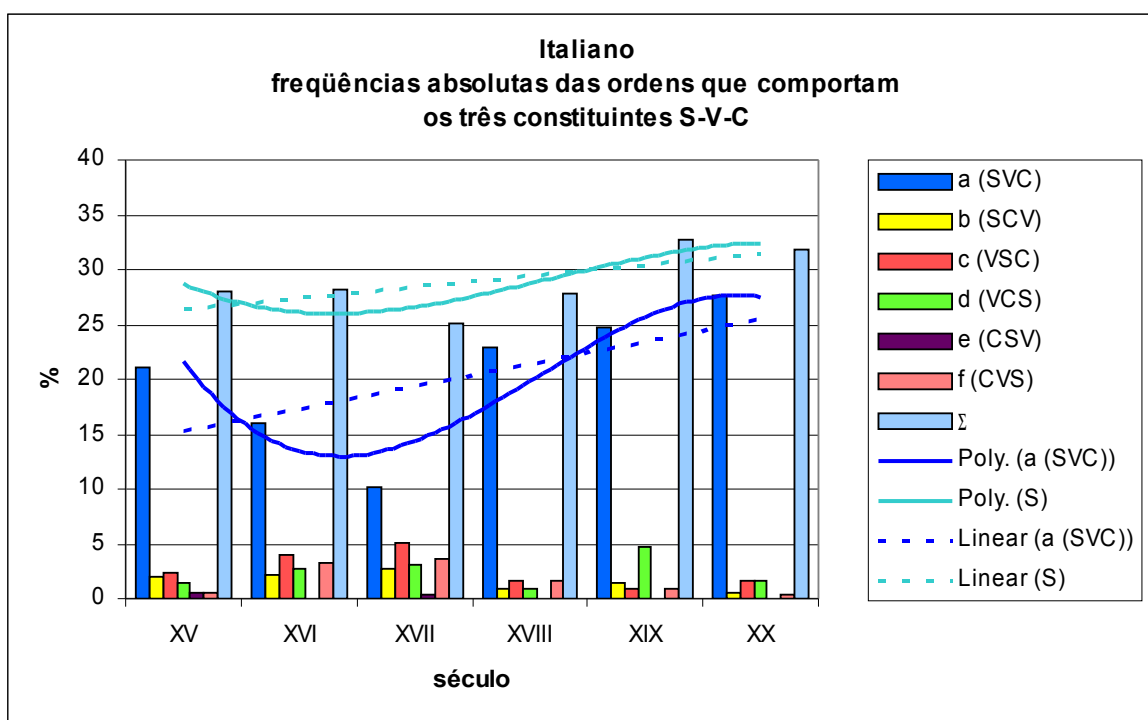


Gráfico CF3 – distribuição geral das ordens que compreendem os constituintes S-V-C no *corpus* italiano.

Em relação aos resultados fornecidos pelo tratamento das ocorrências segundo os critérios de análise selecionados, verifica-se que as alterações nas freqüências das classes de dados favorecem os traços prototípicos através das estruturas não-marcadas (corroborando, portanto, as previsões de Naro & Lemle 1981 nesse sentido): sobem as proporções de orações principais, paralelamente ao avanço generalizado das ordens [VC],

das classes (sujeito pleno) e (complemento verbal pleno), do subgrupo (verbos transitivos diretos) e de verbos de I conjugação. Nota-se, portanto, que, a despeito de essas mudanças de frequências serem claras, elas não indicam tendência a alteração na orientação dos sistemas, mas sim, reforçam as características adquiridas em fases anteriores não cobertas pela amostragem. Nesse sentido, os movimentos detectados correspondem, no âmbito da tipologia lingüística, a um alinhamento de vários traços estruturais cuja dependência mais estreita deve ser melhor estudada, ou a oscilações cuja amplitude não implica mudança tipológica; em termos da dinâmica de sistemas complexos (Niyogi & Berwick 1994, 1995), essas variações de frequência correspondem a órbitas em torno de um conjunto de atratores SVC / principais / Ah etc., como ilustra a Fig. F1 abaixo.

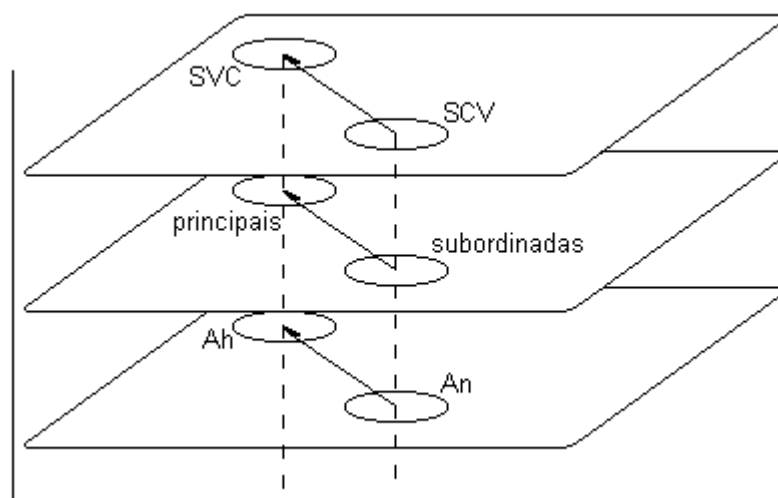


Fig. CF1 – representação da mudança tipológica em vários níveis estruturais.

Esses traços *default* comuns aos três sistemas estudados podem ser tratados sob uma única perspectiva, assumindo-se a ausência de transformações para a produção deles em relação aos traços não-prototípicos. Em outras palavras, não há necessidade de funções que operem uma conversão de orações principais, mas há uma operação (morfo-)sintática que relaciona coordenadas e subordinadas às principais; dá-se o mesmo em outras categorias, como a) argumentos verbais plenos (prototípicos) diante de seus correspondentes pronominais e oracionais (ambos transformados) e b) agente [+humano] e paciente [-humano] (*default*) em relação a agente [-humano] e paciente [+humano], respectivamente

(ambos submetidos a operações semânticas tratadas como 'figuras de linguagem'). Ainda que o estudo detalhado dessa hipótese de trabalho esteja além da abrangência desta investigação, é impossível deixar de notar a propensão à ocorrência concomitante desses traços *default* (nos moldes da harmonia trans-categorial de Hawkins 1979, 1983), a despeito de haver uma flutuação em suas frequências absolutas. O argumento não exclui, obviamente, a possibilidade de se verificar grande estabilidade em sistemas caracterizados por outros arranjos de constituintes e combinações diversas de fatores de várias ordens, como demonstrado por Fodor 1965 e retomado por Hawkins 1983, Lightfoot 1991, Dryer 1992 e Kaufmann 1993, dentre outros. Os fatores que contribuem para essa estabilidade de combinações não-*default* ainda são uma questão em aberto.

À luz de uma avaliação positiva dos resultados oferecidos pela orientação teórica e pela metodologia adotadas, atribuo maior peso à necessidade de se ampliarem os estudos a fim de abarcar *corpora* mais extensos e oferecer uma análise difusionista similar para as mudanças processadas nas demais línguas românicas, de maneira a permitir contemplar os aspectos diacrônicos que caracterizam o grupo e individualizam cada sistema. Além disso, é preciso investigar até que ponto a variação das frequências de uma classe qualquer é influenciada pela oscilação de outra (*default* ou não) ou de uma combinação de proporções de mais de uma categoria – i.e., se há um valor mínimo de X que, associado a um outro mínimo de Y, possa disparar uma mudança em Z. Portanto, a possibilidade de algumas mudanças dependerem de uma variedade de fatores é tema que merece investigação sob o prisma da dinâmica de sistemas complexos.

Em linhas mais gerais, nota-se que a individualização das línguas ibéricas diante do italiano não é clara a partir dos critérios selecionados, e é mais razoável afirmar que a metodologia aqui utilizada permite identificar, nos três sistemas, similaridades e particularidades estruturais. No primeiro caso, considerem-se a distribuição das ocorrências das ordens mais comuns segundo faixas de frequência (cf. Gráfs. C14 e C15) e as tendências à elevação das proporções de orações principais e à diminuição de subordinadas (cf. Gráfs. C3, C26 e C28); no segundo, tomem-se as iRRLs claramente decrescentes de Ah e de Pn no português em relação aos valores crescentes para o italiano (cf. Gráf. C4) e a dispersão das curvas relativas ao comportamento das ocorrências em orações subordinadas, segundo vários critérios de análise (cf. Gráfs. C22 e C25, por exemplo). Esses resultados

Semelhanças e diferenças entre os *corpora*

levam à conclusão de que não se pode falar num *drift* românico generalizado, apesar de as tendências de alguns traços morfossintáticos serem coincidentes entre as línguas estudadas. Por outro lado, em vez de um enfoque configuracional como o previsto pelo modelo sapiriano, que privilegia a alteração teleológica de α para β , a análise sob a perspectiva difusionista aponta aspectos processuais importantes para essas mesmas línguas, como o controle de várias mudanças através do tipo sintático – nos termos deste trabalho, do fator *ambiente oracional*.

Para Heine & Kuteva 2006:68ss, a transmissão de caracteres estruturais entre sistemas lingüísticos em contato – denominada, por eles, ‘replicação gramatical’ – obedece a restrições severas; apesar de poder atingir qualquer domínio da estrutura lingüística, esse processo não envolve preferencialmente estruturas morfossintáticas. Segundo essa proposta, portanto, a seqüência de mudanças sintáticas internas a cada sistema em apreço neste trabalho (italiano (>francês) > espanhol > português) não representa um caso de replicação gramatical; tratar-se-ia, mais propriamente, da instalação de uma nova estrutura em sistemas geneticamente relacionados e geograficamente contíguos, a qual teria ocorrido mesmo sem o contato entre as respectivas comunidades de falantes. A proximidade dos sistemas lingüísticos apenas reforçaria ou aceleraria uma mudança estrutural em andamento, e não criaria irregularidades nas línguas¹. Essa última afirmação está em consonância com a identificação dos fenômenos de mudança aqui estudados com o mecanismo de extensão, e não de reanálise: um mesmo processo – a extensão – operaria, então, internamente a cada sistema e entre sistemas.

Naturalmente, o fato de o italiano ter passado, por exemplo, de uma orientação predominantemente AN para outra NA antes das demais línguas estudadas neste trabalho ainda leva a questionar a causa dessa mudança no próprio italiano. Ao discutirem uma série de alterações ocorridas nas línguas européias ocidentais, Heine & Kuteva 2006:94 sugerem a) que essas mudanças primárias sejam o resultado de uma combinação de fatores sistêmicos e externos – ou seja, verifica-se também aqui a causação múltipla –, b) que elas são limitadas à disponibilidade de estruturas semelhantes nas línguas envolvidas, e c) que a difusão entre sistemas seja conseqüência do prestígio cultural atribuído à comunidade-fonte das mudanças. Esse modelo, em consonância com a proposta de Harris & Campbell 1995

¹ Como exemplificado por Herbstzeit > Zeit des Herbstes, na Bélgica Oriental, por influência do francês temps d’automne (Riehl 2001 in Heine & Kuteva 2006:55).

(cap. 6, principalmente) e com as observações de Nielsen 1989 sobre o grupo germânico, prevê, portanto, a operação de mecanismos semelhantes na difusão de uma inovação através de uma comunidade que fala uma única língua (como previsto pelo modelo laboviano e seus desdobramentos – q.v. Milroy 1987, Milroy 1992, Santa Ana & Parodi 1998, Labov 2006 a fim de apreciar algumas perspectivas sobre a difusão lingüística na comunidade de fala) e em situações de contato entre comunidades vizinhas que falam línguas distintas, geneticamente aparentadas ou não (q.v. Hock & Joseph 1996, Dixon 2002, Harris & Campbell 1995, Heine & Kuteva 2006a, b).

Uma das hipóteses de trabalho que lancei na fase inicial deste estudo envolvia o prestígio da língua italiana como determinante na transmissão de caracteres estruturais entre as línguas EIP, mas essa hipótese teve de ser revista porque os perfis obtidos para os *corpora* indicam que o italiano não lidera a mudança sintática em todos os ambientes e que os comportamentos dos sistemas são diferentes. Se o contato e o prestígio, portanto, facilitam a transmissão de um padrão através de domínios lingüísticos distintos, deve haver outros fatores que limitam sua relevância ou competem com eles, o que torna o modelo mais complexo do que o sugerido por esses autores; a meu ver, as melhores perspectivas são oferecidas pela caracterização das línguas como sistemas dinâmicos não-lineares, como proposto por Briscoe 2000, o que, aliado a um tratamento detalhado das demais línguas românicas e dos outros grupos lingüísticos europeus, pode levar a uma compreensão mais acurada da natureza dos mecanismos responsáveis pela mudança lingüística e das relações entre eles.

Sugere-se, por fim, a ampliação das bases de dados de maneira a contemplar outras categorias sintáticas, outros níveis estruturais e outros sistemas lingüísticos (a começar pelo francês, no grupo românico, e pelas línguas germânicas, conforme proposto por Nielsen 1989). A condução dessa proposta de trabalho pode não apenas colaborar decisivamente para a determinação das relações temporais e causais entre as mudanças morfossintáticas sistêmicas, como também para a avaliação da relevância dos contatos lingüísticos e de outros fatores externos envolvidos nessas mesmas mudanças.

Referências bibliográficas

ABEILLÉ, A. & GODARD, D. - French word order and lexical weight - SOAS (mimeo) 1997.

ADRADOS, F. R. - Hacia una tipología de las combinaciones de rasgos lingüísticos - *in* JUSTUS, C. F. and POLOMÉ, E. C. - : in honor of Winfred P. Lehmann on the occasion of his 83rd anniversary - vol. II: Grammatical universals and typology - Journal of Indo-European Studies Monograph 31 - Washington 1999.

ALDRETE, B. - Del origen, y principio de la lengua castellana ò romãce que oi se usa en España - *in* MANCINI, G. - - Hildesheim: Georg Olms Verlag 1970 - documento n° 26785 da *Bibliothèque Gallica* (BNF): gallica.bnf.fr/ - 15.10.2001.

ALIGHIERI, D. - - *in* GIULIANI, G. - -
- Firenze: Successori Le Monnier, 1878 - gallica.bnf.fr, doc. 84326.

ALONSO, M. - - Madrid : Aguilar, 1972.

BASSETTO, B. F. - - SP: EdUSP, 2001.

BATALI, J. - Computational simulations of the emergency of language - *in* HURFORD, J. R et al. (eds.) - - Cambridge: Cambridge Univ. Press 1998.

BAUER, B. L. M. -
: diachronic and psycholinguistic perspectives - Oxford: OUP, 1995.

- de BEAUGRANDE, R. - - cópia em CD - 1997.
- BENCINI, A. & MANETTI, B. - - Roma: Edumond Le Monnier, 2005.
- BIBER, D., CONRAD, S. & REPPEN, R. - : investigating language structure and use – Cambridge: CUP, 1998.
- BITTENCOURT, V. O. - Da expressão da causatividade no português do Brasil: uma viagem no túnel do tempo - tese de doutoramento - São Paulo: PUC 1995.
- BOLINGER, D. - - *Publications of the Modern Language Association* 67, 1952.
- BOURCIEZ, E. - - Paris: Klincksieck, 1956
- BRILL, E., MAGERMAN, D., MARCUS, M. & SANTORINI, B. - Deducing linguistic structure from the statistics of large corpora, *in* Proceedings of the DARPA Speech and Natural Language Workshop, 1990.
- BRISCOE, T. - Evolutionary perspectives on Diachronic Syntax. In: PINTZUK, S., TSOULAS, G. & WARNER, A. (eds.) - : models and mechanisms – Oxford: OUP, 2000.
- BRUNOT, F. - - Paris: Librairie Armand Colin 1947.
- BRUNOT, F. & BRUNEAU, C. - - Paris: Masson 1949 (3^e. éd.)

BYBEE, J. – – Cambridge Studies in Linguistics 94 –
Cambridge: CUP, 2001.

-, R. PERKINS, and W. PAGLIUCA - : tense, aspect and mood
in the languages of the world. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BYNON, T. - - Cambridge: Cambridge University Press 1977.

CANALE, M. - Implicational hierarchies of word order relationships - in CHRISTIE Jr, W.
M. (ed) - - Amsterdam: North-Holland Pub.
Co. 1976.

CAPELLI, A. – – Milano: Ed. Hoepli, 2001.

COHEN, M. A. A. M. - Syntactic change in Portuguese: relative clauses and the position of
the adjective in the noun phrase - tese de Doutorado, inédita - Campinas: Unicamp
1986/1990.

- “O posicionamento do adjetivo no sintagma nominal português - um estudo diacrônico” -
Boletim do Centro de Estudos Portugueses - Belo Horizonte: UFMG 1988.

- “A posposibilidade do adjetivo no SN português sob uma perspectiva diacrônica” - II
Encontro de Pesquisa da FaLe, Boletim de Resumos - Belo Horizonte: UFMG 1995.

COMPANY, C. C. - : cuatro cambios
sintácticos - México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México 1992.

COMRIE, B. - - Chicago: The University of
Chicago Press 1981.

COSTA, J. - Word order variation. A constraint-based approach. Leiden, 1998. Tese de
doutorado - Universidade de Leiden, 1998.

DANESI 1996 - Latin vs Romance in the Middle Ages: Dante's De Vulgari Eloquentia revisited – in Wright, R. (ed.) –

– University Park: Penn State Univ. Press, 1996.

DAVIES, M. - The diachronic evolution of causative constructions in Spanish and Portuguese - tese de doutoramento - Austin: 1992.

- Syntactic diffusion in Spanish and Portuguese infinitival complements - in DWORKIN, S. N. & WANNER, D. (eds.) - : issues in Romance historical linguistics - Philadelphia: John Benjamins Publ. Co., 2000.

DILLON, M. - Linguistic borrowing and historical evidence – *Language*, vol. 21, n. 1 (Jan. - Mar., 1945), pp. 12-17.

DIXON, R. M. W. – – Cambridge: CUP, 2002 (4th ed.).

DRYER, M. S. - The Greenbergian word order correlations - *Language* 68 (1) 1992.

ELMAN, J.L. – Finding structure in time - [ucsd.edu//pub/neuralnets/fsit.ps.gz](http://ucsd.edu/pub/neuralnets/fsit.ps.gz)

FODOR, I. – – The Hague: Mouton & Co., 1965.

GIVÓN, T. - : a functional-typological introduction - vol. 1 - Amsterdam: John Benjamins Pub. Co. 1984.

GLEICK, J. – : making a new science – NY:Penguin, 1984.

GOERTZEL, B. - Chaotic logic - altair.comoc.com/People/ben/ben/chlog0.html -1995a - 29/07/1997.

- The miraculous mind attractor - altair.comoc.com/People/ben/ben/cm0.html - 1995b - 29/07/1997.

GONZÁLEZ, J. G. - “La colocación del adjetivo atributivo en el español medieval: un problema metodológico e histórico” - XIX Congreso Internacional de Lingüística e

Filoloxía Románicas. Volume de Resumes - Santiago: Universidade de Santiago de Compostela 1989.

GREENBERG, J. - Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements - *in* GREENBERG, J. (ed) - MIT Press 1966.

GUTIÉRREZ, G. G. - Un fenómeno de convergencia lingüística por contacto en el quechua de Santiago del Estero: el desarrollo del futuro verbal perifrástico - *Estudios Filológicos*, Nº 32, 1997, pp. 35-42.

HANSEN, F. - Buenos Aires: Librería y Editorial “El Ateneo” 1945.

HARMON, R. M. – Aspectos lingüísticos dos empréstimos em português - *Hispania*, Vol. 77, No. 3 (Sep., 1994), pp. 463-469.

HARRIS, A. C. – Cross-linguistic perspectives on syntactic change – *in* JOSEPH, B. D. & JANDA, R. D. – Oxford: Blackwell, 2005.

HARRIS, A. & CAMPBELL, L. - Cambridge: CUP 1995.

HARRIS, M. B. - *Transactions of the Philological Society* 1980.

HAUGEN, E. - The analysis of linguistic borrowing –*Language*, Vol. 26, No. 2 (Apr. - Jun., 1950), pp. 210-231.

HAWKINS, J. A. – Implicational universals as predictors of word order change – *Language* 55 (3), 618-648 1979.

– Seeking motives for change in typological variation. In W. CROFT, K. DENNING and S. KEMMER (eds), *Typological Universals*, 95-108 (Typological Studies in Lgg, 20) – Amsterdam: John Benjamins, 1990.

– *Language universals* – New York: Academic Press 1983.

HEINE, B. & KUTEVA, T. – *World Lexicon of Language* – Cambridge: CUP, 2006a.

– *World Lexicon of Language* – Oxford: OUP, 2006b.

HOCK, H. H. & JOSEPH, B. D. – *A Course in Historical Linguistics* : an introduction to Historical and Comparative linguistics – NY: Mouton, 1996.

KAUFMANN, S. – *Complexity: self-organization and selection in evolution* – NY: Oxford UnPress, 1993.

KIRBY, S. - Function, Selection and Innateness: the Emergence of Language Universals. PhD Thesis, University of Edinburgh. <http://www.ling.ed.ac.uk/%7Esimon/publications.html> - 07.12.2006.

KOKTOVÁ, E. – *Language universals* – Berlin: Mouton, 1999.

LEHRER, A. - *Principles of Linguistic Theory* - Amsterdam : North-Holland Publ. Co., 1974.

LEHMANN, W. P. - On converging theories in Linguistics - *Language* 48, 266-275 1972.
 - A structural principle of language and its implications - *Language* 49, 47-66 1973.
 - The great underlying ground-plans - *in* LEHMANN, W. P. -
 - Austin: University of Texas Press, 1978.

LIGHTFOOT, D. - *Principles of Linguistic Theory* : arguments from language change - Cambridge: MIT Press 1991.

LIMA, B. F. Z. – Análise da ordem dos constituintes *adjetivo e nome* em textos catalães dos séculos XII, XIV, XV e XX – Belo Horizonte: Fac. Letras da UFMG, 2003 (dissertação de mestrado, inédita).

LLORACH, E. A. - *Principles of Linguistic Theory* - Real Academia Española - Madrid: Espasa-Calpe, 1995.

McMAHON, J. & SMITH, F.J. – A review of statistical language processing techniques - cs.qub.ac.uk/~J.McMahon/paper3.ps

de MARCO, A. – *Principles of Linguistic Theory* : sviluppo della morfologia in italiano – Milano: Franco Angelo, 2005.

MARIZ E PÁDUA, M. P. C. - *Principles of Linguistic Theory* - Coimbra: Fac. de Letras da Univ. de Coimbra / Instituto de Estudos Românicos 1960.

MAROUZEAU, J. - *Principles of Linguistic Theory* - vol. 1: Les groupes nominaux - Paris: Champion 1922.

MARTINS, A. M. - The loss of IP-scrambling in Portuguese: clause structure, word-order variation and change - *in* LIGHTFOOT, D. (ed.) -
- Oxford : OUP, 2002.

MATTOS E SILVA, R. V. – O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe – SP: Contexto, 1992.

MAURER Jr, T. - - Rio de Janeiro: Livr. Acadêmica 1959.

MILROY, J. - Social network and prestige arguments in sociolinguistics - *in* BOLTON, K. and KWOK, H. - London: Routledge, 1992.

MILROY, L. - Oxford: Blackwell, [1980] 1987, 2nd ed.

MOLL, F. B. - - Madrid: Editorial Gredos 1952.

MOLLICA, M. C. M. – Queísmo e dequeísmo em português. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1992. Tese de Doutorado, inédita.

NARO, A. & LEMLE, M. - Syntactic diffusion - *Ciência e Cultura* 29 (3) 1976.

NIELSEN, H. F. – The Germanic languages: origins and early dialectal interrelations – Tuscaloosa: Un. Alabama Press, 1989.

NIYOGI, P. & BERWICK, R. C. - A dynamical systems models for language change -

- The logical problem of language change - MIT: Artificial Intelligence Laboratory Memo 1515 - 1995 - <ftp://publications.ai.mit.edu/ai-publications/1500-1999/AIM-1516.ps.Z> - 29/07/1997.

OLIVEIRA, M. F. – AF.□

RIJKHOFF, J. - Explaining word order in the noun phrase - *Linguistics* 28 1990.

ROHLFS, G. - *Geschichte und Grundlagen, Aspekte und Probleme mit dem Versuch eines Sprachatlas der romanischen Sprachen*. München: Beck, 1971.

RUHLEN, M. - *Classification* – Stanford: Stanford UnPress, 2000 (3rd ed.).

SALVI, G. P. – Morphosyntactic persistence from Latin into Romance - <http://geocities.com/gpsalvi/cikkek/persistence.rtf> - 29.11.2006.

SANTA ANA, O. & PARODI, C. – Modeling the speech community: configuration and variable types in the Mexican Spanish setting – *Language in Society* 27: 23-51, 1998.

SAPIR, E. – *Language: an introduction to the study of speech* – NY: Harcourt & Brace, 1920.

SCHMIDT, K. H. - On congruence in languages of active typology - *in* JUSTUS, C. F. and POLOMÉ, E. C. - *...* : in honor of Winfred P. Lehmann on the occasion of his 83rd anniversary - vol. II: Grammatical universals and typology - *Journal of Indo-European Studies Monograph* 31 - Washington 1999.

SHEN, Z. - *...* - Berkeley: University of California 1991.

SILVA-CORVALÁN, C. – *...* – Washington, DC: Georgetown Un. Press, 2001.

TAGLIAVINI, C. - *Il sintagma nominale in italiano* - Bologna: Casa Ed. Prof. Ricc. Pàtron 1964 (4^a ed.).

TEICH, E. – Types of syntagmatic grammatical relations and their representation - acl.ldc.upenn.edu/W/W98/W98-0505.pdf. 1998 / 14.12.2006.

TEŠITELOVÁ, M. D. – *Pragmatic aspects of the Czech nominal phrase* – NY: John Benjamins, 1992.

THOMASON, S. G. & KAUFMAN, T. - *Language contact and borrowing* - Berkeley: Un. California Press 1991.

TOTARO, J. H. R. - Recursos computacionais para pesquisa de textos em Lingüística Histórica - V Semana de Iniciação Científica da UFMG - Belo Horizonte: UFMG 1995.
- Mudança de ordem dos constituintes A e N em textos espanhóis dos séculos XIII a XX - dissertação de mestrado, inédita - Belo Horizonte: Fac. Letras da UFMG - 1998.

VENNEMANN, T. - Topics, subjects and word order: from SXV to SVX via TVX - *in* ANDERSON, J. M. & JONES, C. - *Word order and syntax*, vol. I - Amsterdam: North-Holland Linguistics Series 1974.

VIDOS, B. E. - *El sintagma nominal en español* - Madrid: Gredos 1968.
- *Pragmatic aspects of the Spanish nominal phrase* - Rio de Janeiro: Eduerj 1996.

VIEIRA, S. - Estudo de funções assintótico-sigmóides - tese de livre-docência - Campinas: Unicamp 1975.

VINCENT, N. - Competition and correspondence in syntactic change: null arguments in Latin and Romance. In: PINTZUK, S., TSOULOS, G. & WARNER, A. (eds.) - *Diachronic syntax: models and mechanisms*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

WALLACE, W. D. - Object-marking in the history of Nepali: a case of syntactic diffusion - *Studies in the linguistic sciences* 11 (2) 1981.

von WARTBURG, W. – – Madrid: Ed. Gredos, S.A. 1966.

WAUGH, L. - - Leiden: E. J. Brill 1977.

WHALEY, L. J. – – Thousand Oaks: SAGE Publ., 1997.

WILMET, M. - - Paris: Presses Universitaires de France, 1986.

WOODS, A., FLETCHER, P. & HUGHES, A. – Statistics in language studies – Cambridge: CUP, 1986.

WOLFF, P. - - Madrid: Ed. Guadarrama 1971.

ZIPF, G. K. – Psychobiology of languages – London: Houghton-Mifflin, 1935. In: CHITASHVILI, R. J. & BAAYEN, R. H. - Word frequency distributions. In: ALTMANN, G. & HREBICEK, L. (eds.) - – Trier: Wissenschaftlicher Verlag, 1993.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)